

 Obras completas de Bocage
Traduções



Obras completas de Bocage



Obras completas de Bocage

Traduções

Organização, fixação do texto e notas

Daniel Pires

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Daniel Pires
© 2018, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.



Conceção, composição e revisão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2018
ISBN: 978-972-27-2490-6
Depósito legal: 411 224/16
Edição n.º 1021209

PREFÁCIO

I — A ÉPOCA

O final do século xvii e o século xviii caracterizaram-se por uma ampla atividade intelectual, uma «efervescência dos espíritos», no dizer apurado de um dos enciclopedistas, o matemático d'Alembert. O método experimental adquiriu cidadania, destronando a escolástica, alteração que desencadeou um desenvolvimento exponencial da ciência e da técnica. Na verdade, como afirmou Kant, num sintético e paradigmático ensaio ¹, «ousar saber» era, omnimodamente, o objetivo primordial. Urgia sistematizar o conhecimento. Assim, durante aquela faixa temporal, surgiram publicações relevantes: jornais de caráter científico, filosófico e literário, enciclopédias, dicionários, tratados, gramáticas, epítomes e histórias das ciências. Algumas destas obras de referência estavam estruturadas em vários volumes ², outras apresentavam um

¹ Immanuel Kant, *Idée d'une Histoire Universelle/Qu'est-ce les Lumières?* Paris: Nathan, 2001, p. 90.

² Por exemplo, Pierre Bayle, *Dicionário Histórico*, 1702, 4 volumes; Diderot e d'Alembert, *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, 1751-1780, 35 volumes.

formato de bolso, característica não despicienda, porquanto agilizava a sua consulta ³.

Novos mundos despontaram, o comércio adquiriu um impulso considerável, a indústria floresceu e a globalização intensificou-se. A economia estava em expansão e necessitava de uma base científica. A língua e a cultura francesas eram hegemônicas e um repositório vasto de experiências inusitadas sedimentou-se gradualmente.

II — TRADUZIR: UM IMPERATIVO

A partilha do conhecimento tornou-se um objetivo inadiável. Os intelectuais necessitavam de discutir metodologias, sendo o diálogo transnacional relevante para formular, validar ou infirmar teorias e aferir teses. Acresce que a aquisição do conhecimento pressupõe a existência de um ensino eficaz e pertinente. Foram, então, redigidos ensaios sobre a melhor forma de o transmitir ⁴. Fundaram-se academias e deu-se maior ênfase à política educativa, tendo sido alargado o seu escopo.

O intenso labor intelectual conduziu à publicação de inúmeras obras, redigidas em italiano, inglês, francês, russo, castelhano, português e alemão, impondo-se a sua tradução, condição *sine qua non* para uma mais profunda apreensão das matérias e da natureza humana; idêntico imperativo estivera subjacente nas publicadas no século anterior: as de Galileu, que se expressou maioritariamente no seu próprio idioma — uma opção histórica e corajosa na época —, e as que foram escritas em latim, como, a título de exemplo, as de Isaac Newton (*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, 1687), René Descartes (*Meditationes de Prima Philosophia*, 1641), Thomas Hobbes (*Leviathan*, 1651), Francis Bacon (*Novum Organum*, 1645),

³ Eis algumas: Augustin Roux, *Nouvelle Encyclopédie Portative, ou Tableau Générale des Connoissances Humaines*, 1766; Laurent Echard, *Dictionnaire Géographique-Portatif, ou Description des Royaumes, Provinces, Villes...*, 1762; *Dictionnaire Historique Portatif des Femmes*, 1762, etc.

⁴ John Locke, *Some Thoughts Concerning Education*; Dumarsais, verbete «Education» em *Encyclopédie...*, vol. v, edição de 1755; Helvétius, *De l'Esprit*; Jean-Jacques Rousseau, *Émile*, e Voltaire, autor de uma obra ampla e multimoda, *passim*.

Spinoza (*Tractatus Theologico-Politicus*, 1670), Leibniz (*De Arte Combinatoria*, 1666, e *Confessio Philosophi*, 1673), John Locke (*Epistula de Tolerantia*, 1686) e Galileu Galilei (*Siderus Nuncius*, 1610). Recordemos ainda que o Iluminismo erigiu como paradigma universal as civilizações romana e grega, cujos expoentes culturais — entre outros, Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio e Ovídio — são marcos miliários da história da humanidade, urgindo, conseqüentemente, a sua tradução rigorosa e a sua ampla divulgação. Ficava, deste modo, contemplado o diálogo universal, que constituía um princípio basilar das doutrinas iluministas.

Publicação de manuais para a aprendizagem das línguas estrangeiras, na segunda metade do século XVIII, em Portugal

Assinalámos que a tradução adquiriu um estatuto notório. O conhecimento profundo da língua de partida é um dos pressupostos para que seja efetuada de forma rigorosa. Assim, publicaram-se em Portugal, principalmente na segunda metade do século XVIII, vários manuais, dicionários e gramáticas. Convoquemos alguns: para a aprendizagem do latim, o *Novo Método da Gramática Latina*, de António Pereira de Figueiredo (1753); a *Gramática Latina Tratada por Um Método Novo, Claro e Fácil, para uso daquelas pessoas que querem aprendê-la brevemente e solidamente*, de Luís António Verney (1758); *Parvum Lexicon*, de António Pereira de Figueiredo (1760); *Arte Latina ou nova coleção dos melhores preceitos para se aprender breve e polidamente a gramática da língua latina*, de António Rodrigues Dantas (1779); *Gramática da Língua Latina reformada e acrescentada para uso das escolas destes reinos e suas conquistas*, de António Félix Mendes (1774) e *Selecta Latini Sermonis Exemplaria*, de Chompré (1752). Os estudantes de grego apoiavam-se no *Novo Epítome da Gramática Grega de Porto Real, acomodado na língua portuguesa, para uso das novas escolas de Portugal*, de João Jacinto Magalhães (1760) e na *Selecta Optimorum Graecae Linguae Scriptorum*, de Custódio José Oliveira (1773). No que se prende com a didática da língua francesa, existiam as seguintes obras: *Nova Gramática Francesa-Portuguesa para se aprender com facilidade a falar, ler, escrever, traduzir e pronunciar*, de João António Barnoin (1795); *Nova Gramática para aprender a traduzir, falar e escrever a língua francesa com perfeição e brevidade*, de V. Abbadie

e D. João Maria-N. A. (1790), *Novo e Facilimo Método de Gramática Francesa e Portuguesa, recopilado dos melhores autores por La Rue e outros* (1796). Para o idioma nacional, editaram-se a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783), a *Arte da Gramática da Língua Portuguesa, composta e oferecida ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello*, por António José dos Reis Lobato (1770), para o inglês, surgiu *Nova Gramática da Língua Inglesa, ou a arte de falar e escrever com correção o idioma inglês, oferecida à Augusta e Excelentíssima Majestade d'El-Rei D. Pedro III*, por Agostinho Neri da Silva (1800).

Em Portugal, país periférico, situado a centenas de quilómetros das metrópoles europeias onde as decisões mais ponderosas eram tomadas — Berlim, São Petersburgo, Londres, Paris e Madrid —, as obras científicas, filosóficas e literárias sofriam o crivo da Censura, que era rigorosa e recusava, com alguma frequência, quer a sua importação quer a sua tradução. Em princípio, por, aparentemente, não veicularem ideias políticas alternativas, as belas-letas eram menos suscetíveis de serem escrutinadas com rigor pelas autoridades. O teatro tinha um estatuto especial pois, de acordo com o discurso do poder, apresentava um carácter morigerador, fundamental para a formação humana. Os compositores de ópera e os autores dramáticos italianos, sobretudo Metastásio e Goldoni, eram muito considerados durante os reinados de D. João V e de D. José. Idêntica receptividade tinha em Portugal a literatura francesa: o drama (Molière e Voltaire), o conto e o romance (Le Sage, Marmontel, Fénelon e Voltaire) e a poesia (Boileau, Parny, Delille, etc.)⁵.

Na segunda metade do século XVIII, radicaram-se em Lisboa vários livreiros franceses: Borel, Dubié, Bertrand, Reycend, Rey, Férin e, especialmente, Rolland, cuja *praxis* editorial era notável. Graças ao seu empreendedorismo, o País conheceu um número significativo de livros, oriundos de França, dos Países Baixos e da Suíça. Temendo a introdução, no País, de textos heterodoxos ou que apelavam à sedição, Pina Manique e a Censura vigiavam-nos com particular atenção, tendo alguns deles

⁵ É fundamental, para se ter uma ideia abrangente sobre este assunto, a consulta do primeiro volume da obra de A. Gonçalves Rodrigues *A Tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

sido interrogados e detidos. Estes negociantes não circunscreviam a sua atividade à importação: editavam autores nacionais e traduções de obras estrangeiras.

A Impressão Régia, também conhecida por Régia Oficina Tipográfica, fundada, a 24 de dezembro de 1768, por iniciativa do Marquês de Pombal, teve igualmente um papel de relevo. Para a sua formação, foram adquiridas a oficina de Miguel Manescal da Costa e a fábrica de caracteres de Jean de Villeneuve, tendo sido contratado Joaquim Carneiro da Silva, conceituado mestre de gravura. Dos seus prelos saíram muitas traduções, entre as quais se contam aquelas que, quando foi extinta em 1801, a Casa Literária do Arco do Cego tinha em carteira ⁶.

A tradução adquiriu cada vez mais cidadania em Portugal, seduzindo alguns dos principais autores nacionais: Bocage, como é do conhecimento geral; a Marquesa de Alorna (que verteu Herder, Cronegk, Marcial, Gray, Goldsmith e Safo e imitou Horácio, Catulo, Anacreonte, Goethe e Lamartine) ⁷; Filinto Elísio (La Fontaine e Chateaubriand); Cândido Lusitano (*A Arte Poética*, de Horácio); o conde da Barca, ou seja, António Araújo de Azevedo (Pope, Gray e Dryden); José Anastácio da Cunha (Pope e Otway) e Francisco Xavier de Meneses, o quarto conde da Ericeira (a *Arte Poética* de Boileau, um paradigma dos séculos XVII e XVIII) ⁸. Em França, foram também seduzidos pela tradução, entre outros, La Fontaine, Racine, Voltaire, Chateaubriand, Jean-Jacques Rousseau e d'Alembert.

Em 1818, foi publicada, da autoria de Sebastião José Guedes e Albuquerque, a *Arte de Traduzir de Latim para Português, Reduzida a Princípios*. Eis uma edição de caráter pedagógico, que tinha como objetivo atingir um público amplo, sendo nela formuladas perguntas e dadas as respetivas respostas. Três anos mais tarde, sinal dos tempos, a burguesia, cada vez mais empreendedora, refletindo as linhas de força do recém-implantado regime liberal, fundou uma «sociedade de tradutores».

⁶ Cf. Diogo Ramada Curto *et al.*, *Sem Livros não Há Instrução*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

⁷ Cf. *Obras Poéticas*, publicadas, postumamente, pelas filhas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.

⁸ Tendo em consideração a sua exaustividade, parece-nos obrigatória a consulta da obra de Carlos Castilho Pais *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa. Antologia (Séc. XV-XX)*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

Bocage foi um tradutor de mérito. Vários fatores contribuíram para tal atributo, entre os quais se destacam o ambiente familiar, o convívio com intelectuais que cultivavam as belas-letas, o estudo aturado e, sobretudo, o seu talento poético.

Ambiente familiar

O escritor descendia de uma família ilustrada. Madame du Bocage, a tia-avó, de nacionalidade francesa, correspondeu-se com Voltaire, assinou traduções de autores consagrados como John Milton e compôs uma epopeia ⁹. No tronco familiar francês, encontram-se dramaturgos, historiadores, geógrafos, atores e hidrógrafos de nomeada — membros da burguesia ascendente, classe que, paulatinamente, no Antigo Regime, se apoderou de grande parte do poder económico. O avó, oficial normando, demandou Portugal para reorganizar a nossa marinha e distinguiu-se também pela sua coragem em combate: na defesa do Rio de Janeiro (1711), sitiado pelos franceses, comandados por Duguay-Trouin, e na Batalha de Matapão (1717), que opôs as forças pontifícias aos otomanos. Casou, em segundas núpcias, na capital, com Clara Francisca Xavier Lustoff. Nasceram deste enlace duas filhas, uma das quais veio a ser a mãe do poeta, Mariana Joaquina Xavier Lustoff du Bocage ¹⁰. O pai do poeta, embora, por vezes, se encontrasse ausente no exercício da sua profissão de jurista, versejava e frequentava salões literários, eventualmente ainda no âmbito

⁹ Marie-Anne le Page Fiquet du Bocage (Rouen, 1710-*ibidem*, 1802) traduziu para francês *The Paradise Lost* de John Milton e *La Congiura di Valstein* de Sarrasin. Imitou a *Morte de Abel*, de Gessner, e homenageou, em 1756, Cristóvão Colombo em *La Colombiade ou la Foi Portée au Nouveau Monde*, epopeia constituída por 10 cantos. Esta obra foi avalizada pelo filósofo Condillac, então censor régio, e premiada pela Academia de Rouen. Bocage traduziu o primeiro canto, tendo-o publicado no terceiro tomo das *Rimas* (1804), p. 269.

¹⁰ Mariana Joaquina nasceu no dia 21 de agosto de 1726, na freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, em Lisboa. Do seu casamento com José Luís Soares Barbosa nasceram seis filhos, sendo Bocage o quarto. Faleceu em Setúbal, a 5 de agosto de 1774, poucos dias antes de Bocage completar 9 anos.

da atividade da «Academia dos Problemáticos», que floresceu em Setúbal a partir de 30 de junho de 1721.

O meio familiar era, portanto, propício às belas-letas. Os primeiros passos terão sido ensaiados sob o olhar zeloso da mãe, que também o motivou para a aprendizagem da língua francesa, então mundialmente hegemónica. O escritor confessou, com efeito, que compôs desde muito cedo:

«Das faixas infantis despido apenas
Sentia o fogo arder na mente.
.....
Versos balbuciei co'a voz da infância;
Vate nasci; fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril, macio e tenro,
Semelha o mimo da virgínea face ¹¹.»

No prólogo de *As Plantas* de Richard Castel, voltou a aludir à sua precocidade poética: «já na infância consultava Febo», ou seja, Apolo, o deus das artes; e, na égloga *Queixumes do Pastor Elmano contra a Falsidade da Pastora Urselina*, uma das suas primeiras obras (1791), voltou a mencionar sua formação, a qual, segundo ele, contrastava com a insensibilidade quase geral, referindo-se, muito provavelmente, às guerras que se dirimiam no seio da Academia de Belas-Letras, uma agremiação relutante em reconhecer os seus dotes de escritor:

«Honrados maiorais o ser lhe deram
Lá junto ao Sado ameno, e lhe fizeram
Das artes cortesãs prezar o estudo:
As Musas o encantaram mais que tudo,
Ateando-lhe n'alma o fogo santo,
Que estúpidos mortais desdenham tanto.» ¹²

¹¹ «Das faixas infantis despido apenas», in *Rimas II*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 2.

¹² In *Queixumes do Pastor Elmano contra a Falsidade da Pastora Urselina*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1791, p. 4.

A educação formal

Bocage, na infância, foi confrontado com dois acontecimentos dolorosos: a morte prematura da mãe, aos 8 anos, e o longo encarceramento do pai, ouvidor da comarca de Beja, iniquamente acusado de se ter apropriado da receita da décima da cidade, referente ao ano de 1768.

Tais dramas e o facto de pertencer à burguesia compaginam-se com a frequência do ensino público, o qual fora reformado de raiz pelo Marquês de Pombal¹³. Concluída a escola de «Ler, escrever e contar», iniciou os seus estudos secundários, frequentando as disciplinas de Gramática Latina, Retórica e Grego. A primeira foi-lhe ministrada por D. João de Medina, apontado pela tradição como professor rigoroso e competente; as restantes, respetivamente, por Casimiro de Oliveira Azevedo, António Venceslau Tabora e Carlos Caetano de Sousa¹⁴. Como afirma Américo da Costa Ramalho, «o grego veio sempre depois do latim, no ensino dos países da Europa Ocidental, mesmo daqueles, como a Inglaterra, que se distinguem pelo número e qualidade dos seus helenistas»¹⁵. Sebastião José de Carvalho e Melo, no âmbito da sua reforma do ensino, visando combater o parco conhecimento generalizado das línguas clássicas, ordenou a elaboração de *Instruções para os Professores de Gramática Latina, Grega, Hebraica e de Retórica, ordenadas e mandadas publicar por El-Rei Nosso Senhor, para uso das escolas novamente fundadas nestes reinos e seus domínios*¹⁶, as quais, publicadas a 28 de junho de 1759, tiveram como fonte úbere o *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís António Verney.

¹³ Cf. Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, *passim*; Joaquim Ferreira Gomes, *O Marquês de Pombal e as Reformas do Ensino*. Coimbra: Almedina, 1982.

¹⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, livro n.º 567.

¹⁵ *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, p. 279.

¹⁶ Maria Helena de Teves Costa, «Livros Escolares de Latim e de Grego Adotados pela Reforma Pombalina», in *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris), vol. xiv, 1979, pp. 313-29.

Os manuais escolares dos jesuítas — designadamente a *Arte da Gramática* de Manuel Álvares ¹⁷ e a *Prosódia in Vocabularium Bilingue, Latinum et Lusitanum* de Bento Pereira ¹⁸ — foram excluídos, sendo passíveis de represálias, como assevera Américo da Costa Ramalho, os docentes que insistissem na sua utilização ¹⁹.

O futuro poeta estudou pela *Gramática da Língua Latina*, de António Félix Mendes (1774), e, eventualmente, pela *Selecta Latini Sermonis Exemplaria*, de Chompré (Paris, 1752), consultando ainda o *Dicionário Português Latino*, de Pedro José da Fonseca (1771), no que diz respeito à língua materna, terá certamente utilizado a *Arte da Gramática da Língua Portuguesa*, obra dedicada ao Marquês de Pombal, da autoria do bacharel António José dos Reis Lobato, adotada para o ensino oficial por alvará de 30 de setembro de 1770. Por outro lado, fazendo jus às suas origens, iniciou cedo, com a mãe, a aprendizagem do idioma francês. Para a aprendizagem do grego, utilizou o *Novo Epítome da Gramática Grega de Porto-Real, acomodado na língua portuguesa para uso das novas escolas por mandado de Sua Majestade Fidelíssima El-Rei D. José o I, Nosso Senhor*, de João Jacinto de Magalhães (1760). As mencionadas *Instruções* preconizavam a utilização de uma seleta, intitulada *Encyclopedia philologica et locuples omnis graecorum auctorum delectus* (1758), cuja aquisição era, todavia, muito difícil. Foi então promulgado um alvará no qual se elencavam os autores e os textos que deveriam constar de um novo manual, estruturado em quatro partes, da responsabilidade de Custódio José de Oliveira, intitulado *Selecta Optimorum Graecae Linguae Scriptorum* (1773-1776) ²⁰.

A cultura greco-latina esteve, portanto, presente na formação escolar secundária de Bocage, que se prolongou por cerca de seis anos.

Em 1781, logo que completou 16 anos, idade necessária para se alistar nas Forças Armadas, assentou praça no quartel de Setúbal. Dois anos depois, concretizou a sua pretensão de se alistar na Marinha: frequentou

¹⁷ *Emmanuelis Alvari e Societate Iesu — De Institutione Grammatica libri tres*. Olyssipone: Excudebat Ionannes Barrerius, M.D.LXXII.

¹⁸ Eborae: ex Typographia Academiae, 1697.

¹⁹ *Op. cit.*, p. 281.

²⁰ Cf. Maria Helena de Teves Costa, *op. cit.*, pp. 303-4.

o curso de guardas-marinhas, no qual predominavam a matemática, as disciplinas relacionadas com as artes militares e a navegação, sendo a língua francesa igualmente lecionada.

A boémia foi então fonte vivificante no que concerne ao contacto com novas formas de encarar o mundo e o acesso a propostas estéticas, sociais e políticas alternativas. A atividade intelectual aprofundou-se mais tarde, aquando da sua detenção, em 1797, quando interagiu com os Beneditinos e os Oratorianos, religiosos de inequívoco saber em múltiplos domínios e que dispunham de bibliotecas valiosas. A Maçonaria proporcionou-lhe igualmente um convívio cultural relevante. No seu seio, confraternizou, por exemplo, com os irmãos Freire de Carvalho — António, José Liberato e Francisco —, Vicente José Cardoso da Costa, Nuno Álvares de Pato Moniz e António José Álvares. Aquela organização era, na época, transversal à sociedade, ou seja, nela militavam pessoas da primeira e da segunda nobreza, do clero regular e do secular, bem como da burguesia. Os ideais fraternos e de autoaperfeiçoamento, o secretismo e a liturgia *sui generis* eram apelos de vulto, catalisando afinidades e dando acesso a outras formas de interpretar e de se relacionar com o mundo e com a humanidade. O escritor beneficiou ainda dos salões poéticos patrocinados pela Marquesa de Alorna, no seu palácio de Benfica, pela viscondessa de Balsemão, por Mariana Joaquina de Vilhena Pereira Coutinho, por Joana Isabel de Lencastre Forjaz e ainda pelo morgado de Assentiz, que fundou um pequeno teatro, onde foram representados, entre outros, textos dramáticos compostos por Bocage ou peças por ele traduzidas.

IV — BOCAGE TRADUTOR

1 — Publicações em vida

Bocage iniciou a sua carreira literária, em 1790, com a publicação de *Elegia Que o Mais Ingénuo e Verdadeiro Sentimento Consagra à Deplorável Morte do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D. José Tomaz de Menezes*; durante 15 anos, ou seja, até ao seu falecimento, deu à estampa com regularidade obras da sua lavra e traduções.

O escritor apreciava em particular a arte dramática, como confessa no prefácio a *Eufémia ou o Triunfo da Religião*:

«[...] a cena é o quadro moral do homem, que ali sem reбуço cumpre exhibir seus defeitos, suas paixões, seus crimes ou suas virtudes, e pintá-lo ainda mais como é que como devera ser.»

Data de 1793 a sua primeira tradução, precisamente a da peça acabada de citar, que ostentava a chancela de Simão Tadeu Ferreira, editor da maior parte dos seus trabalhos. Devido ao seu êxito, sucederam-se as tiragens, como provam os diferentes frontispícios que ostentam, todos daquele ano.

Em 1794, Bocage republicou o primeiro tomo das *Rimas*, muito mais apurado e amadurecido do que a edição de 1791, dele fazendo parte a versão portuguesa de sete fábulas de La Fontaine, escritor que fora beber a Esopo e a Fedro: «O Leão Vencido», «A Raposa e as Uvas», «O Corvo e a Raposa», «A Cigarra e a Formiga», «A Montanha que Pare», «O Leão Velho» e «O Leão Caçando com o Burro». Eis uma demonstração de força de Bocage, um desafio a Curvo Semedo, membro da nobreza, seu arquirrival da Academia de Belas-Letras, poeta laureado do regime, então denominado o «La Fontaine Português».

No ano de 1797, Simão Tadeu Ferreira e Bocage desentenderam-se vivamente. Estava na forja a tradução de um romance de Lesage, a qual foi interrompida pelo poeta. O editor contratou então Luís Caetano de Campos, que a concluiu. Não obstante, a *Gazeta de Lisboa* noticiou a sua publicação da seguinte forma:

«Saiu à luz *História de Gil Braz de Santilhana*, traduzida em português por Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Esta obra é uma das melhores que têm aparecido até agora no seu género; o que se prova claramente pela aceitação geral com que tem sido recebida por todas as nações polidas da Europa: 2 volumes. Vendem-se na loja da *Gazeta* por 960 réis.»²¹

²¹ *Gazeta de Lisboa*, 8 de abril de 1797.

Por não dispor de meios económicos para inserir um desmentido naquele jornal ou por se encontrar na clandestinidade, Bocage não reagiu de imediato. Seguiu-se, em agosto de 1797, o seu encarceramento, o qual incluiu, além da passagem pela Cadeia do Limoeiro, reclusões na sede do Tribunal do Santo Ofício, no Mosteiro de São Bento da Saúde e no Palácio das Necessidades. Porém, logo que foi restituído à liberdade, consciente do seu valor, decidiu esclarecer este processo, fazendo a seguinte declaração:

«Como é um dever o punir cada qual pela sua reputação em todo o caso, Manuel Maria de Barbosa du Bocage se vê obrigado a declarar que da *Vida de Gil Braz de Santilhana* traduziu o primeiro tomo e parte do segundo, isto é, até à página 116, sendo o resto do trabalho de outrem, que se aproveitou da sua ausência para lho atribuir. Dirige-se esta advertência à multidão e não aos inteligentes de estilo e linguagem.»²²

«Ausência», na terminologia de Bocage, era um eufemismo: significava clandestinidade, assunto impossível de mencionar explicitamente, considerando a ação da Censura. Na realidade, o poeta veio a ser detido quatro meses depois de o primeiro anúncio ter sido dado à estampa.

O confronto com o editor continuou: em setembro do mesmo ano, teve lugar a publicação de um conto das *Mil e Uma Noites*, intitulado «As Chinelas de Abu-Casem», traduzido por Bocage. Simão Tadeu Ferreira omitiu quer o seu nome quer a origem deste livro de extrema raridade²³.

Na Prisão do Limoeiro, Bocage viveu em condições infra-humanas. Com efeito, a passagem pelo «Segredo» — cela exígua destinada aos presos considerados mais perigosos —, onde permaneceu 43 dias, a falta de higiene, a alimentação precária e intermitente, bem como a angústia provocada pela incerteza relativamente ao seu futuro, afetaram sobremaneira a sua saúde frágil. Um manuscrito que consta do acervo da Biblioteca

²² *Gazeta de Lisboa*, 26 de maio de 1798.

²³ Apenas vimos um exemplar nas bibliotecas e nos arquivos nacionais: o que consta do acervo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Os documentos relativos à autorização para ser impresso não se encontram no arquivo da Real Mesa Censória, depositado na Torre do Tombo. Esta obra foi reeditada, em 2016, pelo Centro de Estudos Bocageanos, com estudos prévios de Ana Margarida Chora e de Daniel Pires.

Municipal do Porto, datado de novembro de 1797, demonstra que Bocage se refugiou, nas horas mais dolorosas da sua detenção, na poesia de Ovídio, seu modelo poético e cívico, empreendendo a tradução de «Sacrifício de Policena, Princesa de Troia, e da Metamorfose de Hécuba sua Mãe».

A permanência no cárcere prolongou-se por quatro meses. Como corolário de uma estratégia elaborada, tecida nevrálgicamente por José de Seabra da Silva, Ministro do Reino e adversário de Pina Manique, foi transferido para o Palácio dos Estaus, a sede do Tribunal do Santo Ofício, para o qual apelara. Eis a forma mais sagaz e pertinente encontrada para o afastar das mãos férreas do intendente-geral da polícia. Com efeito, o Regimento da Inquisição de 1774, elaborado durante o consulado pom-balino, tornou-a menos punitiva porquanto proibiu a tortura. O poeta, que granjeara inequívoca fama, foi então tratado com apreço, pois era do conhecimento dos inquisidores que o príncipe regente, o futuro D. João VI, e uma parte relevante da primeira nobreza — entre outros, os marqueses de Abrantes, Ponte de Lima e Pombal (o segundo, filho do famoso estadista) — estavam empenhados na sua libertação.

Dois meses mais tarde, visando a sua reeducação — princípio caro na época defendido por Beccaria²⁴, notório jurista italiano —, foi transferido para o Convento de São Bento e, pouco depois, para o Hospício das Necessidades, sedes, respetivamente, dos Beneditinos e dos Oratorianos. Os primeiros, no seu *Dietário*, obra em que assinalavam os eventos mais relevantes que ocorriam na Ordem, registaram o seguinte:

«A 17 do presente mês de fevereiro foi mandado para este mosteiro pelo Tribunal do Santo Ofício o célebre poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, bem conhecido nesta corte pelas suas poesias e não menos pela sua instrução. Tinha sido preso pela Intendência e ele reclamara para o Santo Ofício, onde esteve até ser mandado para este mosteiro, apesar de encerrar já no seu recinto o regimento de Gomes Freire, sete expatriados e um preso de Estado do julgado levantamento de Minas Gerais.»²⁵

²⁴ Cesare Beccaria, *Dos Delitos e das Penas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, *passim*.

²⁵ *Dietário do Mosteiro de S. Bento*, Biblioteca Nacional de Portugal, Departamento de Reservados, COD. 731, FR. 996, fls. 8-16.

A forma calorosa como foi acolhido por aqueles religiosos prova a receção da sua poesia na época. A frequência das respetivas bibliotecas potenciou-lhe a criatividade, o conhecimento e a apetência pelas culturas greco-latina e francesa. Estima-se que o acervo livreiro dos Oratorianos rondaria os 30 mil exemplares, tendo uma parte substancial sido doada por D. João V.

Na verdade, o segundo tomo das *Rimas* — publicado meses depois da sua libertação em abril de 1798 — constituiu uma viragem de vulto no seu percurso de escritor porquanto nele a tradução, que fora intermitente até então, está bastante presente. Inclui, com efeito, versões portuguesas de Louis Racine, Voltaire, La Fontaine, Gessner, Jean-Baptiste Rousseau e Ovídio (*Metamorfoses* e *Fastos*), sendo o último o poeta que Bocage considerava paradigmático, como se depreende de uma frase ali exarada:

«Privo-me do prazer de imprimir a ‘Metamorfose de Mirra’, em atenção à modéstia e delicadeza não poupadas naquela admirável produção, e antes quis omiti-la que desfigurá-la.»

Esta foi a fase mais úbere de Bocage. Em 1800, reeditou o primeiro tomo das *Rimas*, acrescentando composições e algumas traduções inéditas: vários epigramas franceses, um madrigal e mais algumas fábulas de La Fontaine.

No ano anterior, com o lema «Sem livros não há instrução», fora fundada a Casa Literária do Arco do Cego, instituição superintendida por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, dirigida pelo franciscano José Mariano da Conceição Veloso, renomado cientista e botânico oriundo do Brasil, e administrada por Marcos Aurélio Rodrigues. Os dois últimos contavam-se entre os amigos de Bocage, que os homenageou poeticamente mais do que uma vez. Tinha tal Casa como objetivo primordial editar obras que se debruçassem de forma científica sobre o Brasil, facultando, deste modo, conhecimentos fulcrais — no domínio da medicina, arquitetura, agricultura e mineração — para a exploração daquele riquíssimo território, ainda virgem no que às suas matérias-primas dizia respeito. Dispondo de meios de impressão sofisticados, expressamente importados de França, publicou também, como era norma na época, poemas de carácter apologético e obras didáticas (desenho, agricultura e pintura). As suas gravuras — da autoria de, entre outros, Romão Elói de Almeida, Raimundo Joaquim da Costa e Domingos José da Silva — fizeram escola e são, ainda hoje,

particularmente apreciadas. Teve uma assinalável atividade editorial: em dois anos, publicou 83 volumes — 36 originais de autores portugueses, alguns nascidos no Brasil; 41 traduções e 6 redigidos em latim.

Naquela instituição, Bocage usufruiu do convívio fecundo de vários intelectuais — poetas, cientistas, artistas plásticos —, ascendendo o seu vencimento a 12 800 réis mensais. De acordo com Margarida Ortigão Leme²⁶, os tradutores tinham direito a receber 200 exemplares das obras que vertiam para português, podendo devolver aqueles que não quisessem, sendo, nesse caso, reembolsados.

À exceção da *Elegia ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, etc., etc., etc.*, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de José Francisco Cardoso, todas as traduções de Bocage, publicadas entre 1799 e 1801, apresentam a chancela da Casa Literária do Arco do Cego: *Os Jardins ou a Arte de Aformosear as Paisagens*, poema composto por Delille (1800), *O Consórcio das Flores — Epístola de La Croix a Seu Irmão* (1801) e *As Plantas, poema de Richard Castel* (1801).

Em 1801, o autor mantinha acesa a chama da tradução: no catálogo das obras poéticas impressas daquela editora²⁷, afirmava-se que estavam prontas para impressão *A Agricultura* de Rosset e, com o texto grego, *Anacreontis Teii Odae (Symposiaca emiamba)*, sendo estas acompanhadas de «vinhetas e remates finos e perto de 40 estampas». E os leitores eram igualmente informados de que iriam prosseguir «as edições dos poetas gregos, vertidas no nosso vulgar pelo mesmo poeta». Porém, não se concretizaram aqueles desígnios porque, a 7 de dezembro do mencionado ano, a Casa Literária do Arco do Cego foi encerrada por decreto, tendo a sua maquinaria e o restante acervo sido incorporados na Impressão Régia. A esta decisão não foram alheios os desmandos financeiros de José Mariano da Conceição Veloso. Com efeito, Joaquim António Xavier Anes da Costa, diretor daquela editora, acusou-o de, entre outras ilegalidades, ter recebido direitos de autor em duplicado; notava ainda que:

«[...] deste padre não existe na Impressão Régia senão memória do dinheiro que lhe ficou devendo, a lembrança de não ter apresen-

²⁶ In Diogo Ramada Curto *et al.*, *op. cit.*, p. 81.

²⁷ *As Plantas, op. cit.*, página final, não numerada.

tado, apesar de decretos e avisos que lhe ordenaram, os livros de contas do Arco do Cego e os muitos e preciosos livros que tinha comprado à custa da Fazenda e, numa palavra, os indelévels vestígios dos estragos e desordens que fez, e que V.^a Ex.^a sabe quanto me tem custado a reparar!»²⁸

Bocage perdeu então o único emprego civil fixo que teve, regressando a um quotidiano precário, amenizado pela solidariedade de alguns membros da Maçonaria e de outros amigos, a par dos direitos de autor relativos às obras que publicou até falecer: *Rimas* (t. II, 2.^a ed., 1803, e t. III, *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, 1804), *Improvisos de Bocage na Sua Enfermidade* e *Novos Improvisos de Bocage...*, *A Gratidão*, *A Saudade Materna* e *Mágoas Amorosas de Elmano*, de 1805, bem como as seguintes traduções — *Galateia: Novela pastoril, imitada de Cervantes por Florian* (1802), a novela *Rogério e Victor de Sabran ou o Trágico Efeito do Ciúme* (1802), *Raimundo e Mariana: Novela espanhola* (1804) e *Erícia ou a Vestal* (1805). Recordemos que o escritor residia na Travessa de André Valente com uma irmã solteira, que não tinha quaisquer meios de sobrevivência.

O terceiro tomo das *Rimas* esteve retido, durante um ano, nas malhas da Censura. Esse inusitado protelamento ter-se-á prendido com a ousadia de Bocage, que o dedicou à Marquesa de Alorna — poetisa de mérito e tradutora de primeira água, designadamente de textos de matriz anglo-saxónica; para cúmulo, homenageou também Filinto Elísio com uma composição veemente. Ora, estes dois escritores eram então *personae non gratae*. A primeira fora intimada, pouco antes, por Diogo Inácio de Pina Manique, a sair do País no espaço de 48 horas; o segundo homiziara-se em Paris, depois de ter escapado, de forma rocambolesca, às mãos ciosas do Tribunal do Santo Ofício. Note-se ainda que não fazia parte dos padrões da época a desautorização pública de um governante, muito menos tratando-se do todo-poderoso e temido intendente-geral da polícia, considerado um estado dentro do Estado.

Naquele volume, encontram-se versões portuguesas de Ovídio, Lucano, Tasso, Rosset, Madame du Bocage, Marcial e Owen.

²⁸ Diogo Ramada Curto, *op. cit.*, p. 87.

O último ano de vida do poeta foi agónico: convivia quotidianamente com o espectro da morte. A sua escrita é predominantemente lírica, nada se conhecendo no domínio da tradução.

2 — A OBRA PÓSTUMA

Na sequência do falecimento de Bocage, o seu espólio, que se encontrava na casa onde residia com a irmã, foi saqueado, como assinala Nuno Álvares de Pato Moniz:

«Saiba-se que Bocage deixou muitas poesias fugitivas, originais e traduções; é verdade que em grande parte incompletas, e todas em estado difícil de ordenar, por isso que todas escritas em retalhos de papel e lançadas quase a esmo em um pequeno baú, e em uma espécie de armário, ou copa, onde também tinha alguns livros; mas aparecessem elas e seriam ordenadas; porém, como apareceriam se nem ao menos apareceram sessenta e tantas oitavas, princípio de um poema que Bocage imaginara sobre o descobrimento da América? E se, tendo ele em seu poder um grande número de versos alheios (uns a ele dirigidos, outros sujeitos à sua correção, e em que entravam não poucos meus), nem esses mesmo escaparam ao tal vândalo, ou vândalos literários!»²⁹

Este depoimento visava José Agostinho de Macedo, eventualmente a única pessoa que tivera acesso ao espólio bocagiano. Note-se que aquele religioso foi igualmente acusado pela irmã do poeta de ter viciado as provas do drama *Erícia ou a Vestal* e de ter feito desaparecer peças do acervo, acusações retomadas por outros intelectuais. Para se defender, Macedo mencionou a pouca valia do espólio, alegando ser constituído

²⁹ *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de...*, edição de Pato Moniz. Lisboa: na Imprensa Régia, 1814, vol. v, pp. v-vii.

por «miuçalhos e fragmentos que o poeta tinha rejeitado, como duas ou três décimas [...]»³⁰.

As edições da obra de Bocage de Desidério Marques Leão (1812 e 1813), Nuno Álvares Pato Moniz (1813 e 1814), António Maria do Couto (1840) e Inocêncio Francisco da Silva (1853 e 1854) apresentam traduções inéditas, algumas das quais meros esboços.

As do primeiro, que são maioritariamente fruto da incúria, no que diz respeito à transcrição, e do oportunismo editorial, encerram três traduções: «Fingal», «Le Mérite des Femmes» de Legouvé (t. iv) e um fragmento das *Metamorfoses* de Ovídio, intitulado o «Precipício de Faetonte». As restantes edições apresentam credibilidade. Nuno Álvares de Pato Moniz publicou as seguintes versões: no primeiro volume (1813), «Atílio Régulo», drama de Metastásio; «Figueira que o não é, planta não planta», soneto de *La Cochenille*; «Da Arte Gráfica»; «O Mérito das Mulheres»; «Fingal»; «Fragmento» das *Metamorfoses* de Ovídio; no segundo volume (1814), «A Agricultura» de Rosset, com falta do segundo (felizmente publicado no tomo III das *Rimas*) e do sexto canto; «O Ralhador, comédia em 3 atos e em prosa», composta por Brueys e Palaprat.

Pertenceu a Inocêncio Francisco da Silva o mérito de reunir, pela primeira vez, em seis volumes, a obra completa de Bocage. Coube-lhe dar a conhecer a ode anacreônica «Vê-se uma traça», de Argenson, e os poemas de Dorat «Eufrásia a Ramiro» e «Eufrásia a Melcour», ambos baseados nas *Cartas Portuguesas* de Mariana Alcoforado; da sua responsabilidade é igualmente a publicação de um fragmento de Alceu, que viu os prelos clandestinamente, em 1854, data da primeira edição, alegadamente de Bruxelas (mas, com efeito, de Lisboa), das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*.

Consta da obra *Poesias Satíricas Inéditas de Bocage*, organizada por António Maria do Couto em 1840, uma introdução que carrega alguns dados biográficos importantes, bem como uma versão de um epigrama de Ausónio, «Quanto és Dido desgraçada». Todavia, a ausência de rigor é evidente.

³⁰ *Considerações Mansas sobre o Tomo IV das Obras Métricas de Manuel Bocage, Acrescentadas com a Vida do Mesmo*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813.

Em 1805, teve lugar um episódio curioso: Bocage partiu do princípio de que um editor, pretendendo tão-só obter proventos ilegítimos, utilizou abusivamente uma corruptela do seu nome. A Tipografia Lacerdina acabara, com efeito, de publicar uma obra de Bocache, intitulada *A Espanhola Inglesa*. O poeta fez então circular uma folha volante, na qual argumentava, com ironia, que nada tinha a ver com tal edição. Na verdade, foi um manifesto equívoco seu, pois tratava-se da reedição de uma obra dada aos prelos, pela primeira vez, cerca de 60 anos antes. Eis o soneto que consta do mencionado folheto:

«Mercenário pregão de cego andante
(Quixote de fantástica donzela)
Audaz impinge sem sabor novela,
Munida de um Bocage altissonante.

Nos flóreos tempos em que fui chibante,
Ai do inglês e da moça, inda que bela,
Ai de quem ousa, com venal balela,
Pôr-me em pardo papel e em vil barbante.

Deploráveis mortais! Não somos nada!
Meu nome, que esparziste, honraste, ó Fama,
Meu nome em berraria, em assuada!

A glória me insta, a cólera m'inflama;
Eu, eu brigo: ó Perpétua, dê-me a espada...
Mas ai! Hércules só brigou na cama.»³¹

³¹ *Desagravo Jocosos Feito ao Enfermo Bocage pelo Editor da Novela «A Espanhola Inglesa», Atribuindo-lhe Aquela Má Tradução.* Lisboa: s. d. [1805].

Bocage verteu profusamente do latim e do francês, idiomas que lhe permitiram conhecer também os trabalhos de escritores gregos, britânicos, espanhóis e italianos. Dois critérios presidiram à sua escolha: as suas afinidades literárias, biográficas, sociais e filosóficas e a garantia do pão quotidiano, sempre precário.

No que diz respeito ao primeiro, salientemos os seguintes escritores: Voltaire, o expoente máximo do Iluminismo francês; La Fontaine, cuja obra emblemática e heterodoxa foi por duas vezes proscrita em Portugal — em 1770 e em 1814; Virgílio, compositor de obras imortais, como as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e, especialmente, a *Eneida*; Ovídio, o seu mestre, aquele que mais elogiou, em prefácios, notas de rodapé e epígrafes, autor dos intemporais *Fastos* e *Metamorfoses*; e Madame du Bocage, sua tia-avó, interlocutora de Voltaire e de Condillac, ela própria tradutora de mérito, como confirma a sua versão de *Paradise Lost*, de John Milton.

Porém, nem sempre o fator subjetivo e a qualidade foram determinantes; a amizade e a luta pela sobrevivência — nos últimos anos viveu com a irmã mais nova, Maria Francisca, que era solteira e não tinha quaisquer proventos, socorrendo igualmente uma sobrinha, ainda criança, que veio a falecer na sua presença — forçaram-no a enveredar por traduções menos apelativas. Desses dias penosos há um testemunho do próprio poeta, exarado numa epístola dirigida ao conde de São Lourenço:

«Lucro mesquinho de vigílias duras.
Património dos vates (e não sempre)
Sustém meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de irmã, que terna
Curte comigo tormentosos fados ³².»

Um dado muito importante, que se prende quer com a biografia quer com a obra de Bocage, teve lugar na sequência da sua libertação, sensivelmente, em abril de 1798: passou a ser vigiado quer pela

³² «Sábio varão que na rugosa idade», in *Rimas III*, *op. cit.*, p. 129.

Intendência-Geral da Polícia, cujos agentes — os «Moscas» — estavam infiltrados nos principais locais de sociabilidade, ou seja, nos cafés, nos botequins, nas casas de pasto, nas feiras e no Passeio Público, quer pela Censura, que antes nunca o importunara, graças à proteção de José de Seabra da Silva. As suas obras foram então sempre escrutinadas com rigor pelos censores, que cortaram, por diversas vezes, versos alegadamente ímpios ou pouco conformes com a hierarquia e os valores sociopolíticos vigentes. Recorde-se que, para de alguma forma os evitar, o drama *Erícia ou a Vestal* (1805) foi, prudentemente, publicado sem indicação do nome do autor, facto que, na realidade, não foi suficiente para passar incólume, como assinala Inocêncio Francisco da Silva ³³. Na verdade, *As Chinelas de Abu-Casem* e *A História de Gil Braz de Santilhana*, narrativas traduzidas por Bocage, também não mencionaram no frontispício o respetivo autor.

Segundo José Agostinho de Macedo, Bocage traduziu poemas do Abbé Grécourt, Piron, Chénier e Picart ³⁴. No obstante, as suas afirmações sobre o rival não primam pela veracidade.

5 — AS TESES DE BOCAGE NO DOMÍNIO DA TRADUÇÃO

Bocage considerava que a tradução era uma atividade muito árdua e exaltante, como confessa, dirigindo-se metaforicamente à Pátria, no prólogo que compôs para *As Plantas*, de Richard Castel:

«Cordial gratidão te deve as lidas,
O desvelo, o suor, que em mim forcejam,
Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existência moral, dos sábios vida,
Duplicada por ti, me esforça o génio,

³³ *Poesias de...*, Lisboa: A. F. Lopes, 1853, t. VI, p. 400.

³⁴ *Considerações Mansas sobre o Tomo IV das Obras Métricas de Manuel Bocage, Acrescentadas com a Vida do Mesmo*. Lisboa: Imprensa Régia, 1813, p. 11.

A mente me refaz, o ardor me atiaça,
Me fortalece o pé na estrada imensa
Que vai da Natureza à eternidade.»

Não surpreende, deste modo, que tenha manifestado a preocupação de, embora esparsamente, teorizar as coordenadas que presidiam à sua arte de traduzir. Prólogos em verso, prefácios e, sobretudo, notas de rodapé foram utilizados para dirimir conceitos, equacionar problemas, justificar opções, aferir alternativas e formular metodologias. À medida que traduzia, Bocage conjecturava, tendo como destinatários os leitores, entre os quais se contavam os seus émulos literários, visto que era necessário fazer frente às suas críticas destrutivas, sobretudo as subscritas por José Agostinho de Macedo e Belchior Manuel Curvo Semedo, que o fustigaram, primeiramente, no seio da Academia de Belas-Letras e, depois, em livros e folhetos clandestinos, na sequência da publicação das suas versões de *Os Jardins* e de *As Plantas*. Para melhor vincar a sua supremacia, Bocage optou por publicar edições bilingues, dissipando, deste modo, quaisquer dúvidas que, porventura, se perfilassem no que dizia respeito ao valor das suas traduções. Trata-se de uma atitude categórica que revela preocupações pedagógicas, autoestima elevada, consciência do seu talento poético e da sua competência, bem como coragem, porquanto se expunha a críticas desabridas.

A excelência das traduções de Bocage prende-se com o conhecimento profundo das línguas originais e da língua pátria, com a sua criatividade e o seu génio poético. Relativamente ao texto de partida, dominava, além do idioma, a respetiva cultura — instituições, história, mitologia, geografia e literatura —, condições *sine qua non* para a realização de uma tradução escrupulosa. No que diz respeito à língua pátria, Bocage bebeu em Camões, seu *alter ego*, e nos quinhentistas — António Ferreira, Diogo Bernardes, frei Agostinho da Cruz e Fernão Álvares do Oriente — a clareza de expressão, a vernaculidade e a amplitude vocabular. Aliava àqueles atributos uma delicada sensibilidade poética, que lhe permitia sopesar, musical e ritmicamente, a palavra e o verso. Tais qualidades foram nucleares para a realização de traduções fiéis ao original e, em simultâneo, numa dialética ponderada, elegantes, concisas e depuradas, recusando a dicotomia «les fidèles laides» *versus* «les belles infidèles », terminologia que a literatura francesa da época consagrou. A aquilatar pela prosódia,

criação e recriação estiveram lado a lado, coexistindo sem contradição, fluindo com naturalidade.

Bocage estudou os ensaios subscritos por teóricos paradigmáticos da tradução. As leituras mais visíveis são as de Cícero, Horácio, Cândido Lusitano — autor do prefácio da *Arte Poética de Q. Horácio Flaco* e estrênuo mediador da cultura greco-latina —, Voltaire e Boileau, cuja *Arte Poética*, publicada em 1674, fez escola nos séculos XVII e XVIII.

A «Pena de Talião» constitui um manifesto, em verso, da arte de traduzir. Composta para exautorar José Agostinho de Macedo, é relevante pelo seu valor poético, pela sua pirotecnia verbal e sobretudo porque encerra, na sua quase totalidade, as teses de Bocage. Enumeremo-las, então, recorrendo a vários textos do autor:

1 — A tradução integral não é exequível, porquanto os «génios» das línguas diferem consideravelmente:

«[...] Enquanto à versificação, a do original é harmoniosa, acomodada ao assunto, branda ou enérgica, segundo o grau e qualidade da paixão que exprime. Extremei-me o que pude em imitá-la [...]»; «[...] cuidei igualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possível [...]». ³⁵

2 — Torna-se imperativa a fidelidade ao original, devendo todas as ideias ou intenções que este encerra encontrar-se no texto de chegada:

«Resta-me advertir ao leitor que os ‘....’ indicam certas suspensões ou pausas, naturais na expressão de grandes afetos, e que no uso destes pontos sigo fielmente a Mr. d’Arnaud.» ³⁶

³⁵ In prefácio a *Eufémia ou o Triunfo da Religião*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1793, não numerado.

³⁶ *Ibidem*.

3 — O tradutor não se deve sobrepor ao autor — cabe-lhe apropriar-se das suas ideias e representá-las:

«[...] então, apoderado do pensamento do autor, tratei de o representar a meu modo [...].»³⁷

Além de fiéis, as traduções devem ser genuínas, apresentar vitalidade, fazendo «uso e inteligência [dos] autores», nelas devendo aparecer «o carácter e [a] energia do texto», em franco contraste com as «lânguidas traduções francesas», de meros diletantes. O tradutor deve tornar próprio e «natural o alheio», «verter com melodia, ardor, pureza/O metro peregrino em luso metro.»

4 — Concisão e elegância são dois atributos do texto final, nomeadamente se este for poético.

Na mencionada sátira a José Agostinho de Macedo, Bocage sintetiza as suas ideias nucleares neste particular domínio:

«Responde ao teu juiz, ao são critério,
Réu de lesa-razão! Trazer à Pátria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os frutos,
Quais eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? [...]»
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, doutro idioma discernindo os génios,
O carácter do texto expor na glosa,
Próprio tornando e natural o alheio,
É ser bugio ou papagaio, Elmiro?
Confronta originais e as cópias deles;

³⁷ *Ibidem.*

Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No voo altivo o Sulmonense ³⁸ atinge,
Castel transcende e com Delille ombreia.» ³⁹

Considerações afins foram tecidas no prólogo de *Os Jardins ou a Arte de Aformosear as Paisagens*:

«[...] E entretanto lhe apresento [ao público] esta versão, a mais concisa, a mais fiel que pude ordená-la, e em que só usei o circunlóquio nos lugares cuja tradução literal se não compadecia, a meu ver, com a elegância que deve reinar em todas as composições poéticas.»

5 — É legítima e necessária a intervenção do tradutor, embora nunca à revelia dos conteúdos dos textos originais, exceto se for apresentada uma justificação pertinente. Em «A Sepultura ou a Morte de Adónis, idílio de Bion de Esmirna», o poeta afirma no início: «Vertido fielmente da tradução literal em latim.» Porém, em nota de rodapé final, assinala: «Este remate é meu, porque o do original, relativo às festas anuais, celebradas em honra de Adónis e Vénus, me pareceu pouco interessante.» Idêntica atitude teve em outras ocasiões: «Os lugares em que me afastei do texto, pelo que toca à expressão, vão assinalados com asteriscos; os três versos que rematam são meus.» ⁴⁰; «Estes dois versos são meus e tenho que necessários.» ⁴¹; «Aqui não fui tão fiel, mas, cotejada a versão com o texto, ver-se-á que o não ultrajei.» ⁴²; «Este verso é todo meu: a sua propriedade me deu a ousadia de

³⁸ Ovídio, natural de Sulmona.

³⁹ «Pena de Talião», in vol. I, t. I, p. 465, da presente edição.

⁴⁰ «Templo de Amor», in *La Henriade*, de Voltaire, in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, 1799, p. 259.

⁴¹ «Ciniras e Mirra» de Ovídio, in *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 229.

⁴² «A Alma de Júlio César Mudada em Cometa» de Ovídio, in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, 1799, p. 354.

agregá-lo aos de Ovídio.»⁴³; «Bugios diz o texto, mas temi atediar o leitor.»⁴⁴; «O original diz azinheira, mas não julguei nisto essencial a fidelidade.»⁴⁵ Releve-se que a intervenção de Bocage é sempre ponderada e parcimoniosa. Com efeito, o autor do texto original não é obliterado, marginalizado ou secundarizado, como aconteceu, no século XVIII, nomeadamente em França, com as *belles infidèles*, metodologia que contrastava com a perfilhada, então, pelos tradutores alemães. Neste aspeto, Bocage acompanha Cícero, que se preocupava minuciosamente quer com o conteúdo quer com a forma:

«Não traduzi como intérprete, mas como orador, com os mesmos pensamentos e suas formas bem como com suas figuras, com palavras adequadas ao nosso costume. Para tanto não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantive o género das palavras e a sua força. Não considerei, pois, ser mister enumerá-las ao leitor, mas como que pesá-las. [...] Se, como espero, eu tiver assim reproduzido os discursos dos dois servindo-me de todos os seus valores, isto é, com os pensamentos e suas figuras e na ordem das coisas, buscando as palavras até o ponto em que elas não se distanciem de nosso uso [...]»⁴⁶

6 — A tradução literal, servil, palavra por palavra, é inaceitável:

«Cuidei igualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possível, exceto nos lugares onde os génios das duas línguas discordam muito; então, apoderado do pensamento do autor, tratei de o representar a meu modo, conformando-me nisto ao sabido, mas

⁴³ «Tradução do 1.º Livro das Metamorfoses ou Transformações de Ovídio», in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, 1799, p. 330.

⁴⁴ «A Colombiada ou a Fé Levada ao Novo Mundo», in *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 284.

⁴⁵ Cf. «Midas Convertendo Tudo em Ouro», in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, *op. cit.*, p. 341.

⁴⁶ «De Optimo Genere Oratorum», citado por Mauri Furlan in *Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente — I — Os Romanos*. Cadernos de Tradução. Florianópolis: janeiro de 2001, p. 17.

pouco executado preceito de Horácio: *Nec verbum curabis reddere fidus/Interpres, etc.* ⁴⁷»

O teor desta tese está em sintonia com Voltaire:

«Desgraçados aqueles que fazem traduções literais, que, traduzindo palavra por palavra, perturbam o sentido! Pode então dizer-se com pertinência que a letra mata e o espírito vivifica.» ⁴⁸

7 — Tendo em mente que a língua pátria constitui um património precioso, Bocage verbera a utilização de galicismos, «de que abunda grande parte das nossas traduções [...], que nos enxovalham o fértil e majestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas que o estudaram mal.» ⁴⁹

Metodologia bocagiana

A metodologia perfilhada por Bocage é dinâmica, está ao serviço do desígnio de persuadir os leitores sobre a pertinência das suas teses. Referimo-nos tanto aos intelectuais que equacionavam os problemas de forma construtiva e alternativa como aos seus detratores.

1 — Bocage delimita claramente a natureza da sua versão, dissipando hipotéticas dúvidas e conjurando mal-entendidos que se perfilam no futuro. Os seus textos apresentam as seguintes advertências: «traduzido livremente

⁴⁷ Ou seja: «E tão-pouco procurarás, como servil intérprete, traduzir palavra por palavra», in *Horácio — Arte Poética*. Introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1984, p. 77.

⁴⁸ «Malheur aux faiseurs de traductions littérales, qui en traduisant chaque parole énervent le sens! C'est bien là qu'on peut dire que la lettre tue, et que l'esprit vivifie.», in *Lettres Écrites de Londres, et Autres Sujets*. Amsterdam: chez Jacques des Bordes, 1735, Lettre XVIII, p. 159.

⁴⁹ In prefácio a *Eufémia ou o Triunfo da Religião*, *op. cit.*, não numerado.

de [...]»⁵⁰, «tradução de [...]», «imitação de [...]»⁵¹, «traduzido da imitação francesa»⁵², «vertido fielmente da tradução literal em latim»⁵³, «tirada de [...]»⁵⁴.

2 — Publica edições bilingues: as quatro citadas, que têm a chancela da Casa Literária do Arco do Cego, e a *Elegia a Rodrigo de Sousa Coutinho*, da autoria de José Francisco Cardoso, a qual, certamente por vontade do homenageado, fundador daquela editora, viu os prelos pelas mãos de Simão Tadeu Ferreira. Tal opção configura um convite aos leitores para confrontar o original com as suas propostas, sendo ainda um claro desafio aos seus inimigos para entrarem na liça. Facultar o texto inicial — inacessível para a esmagadora maioria — era sinónimo de contestação, construtiva ou destrutiva, se partisse dos seus inimigos, implacavelmente satirizados ao longo de anos. Eis, na verdade, um salto qualitativo no domínio da tradução em Portugal.

3 — Presta contas, interage, dirige-se ao leitor, que está bem presente.

4 — Julga imperativo explicar os sentidos obscuros ou dúbios quer de versos quer de vocábulos, ou seja, «o carácter do texto expor na glosa».

5 — Justifica as suas intervenções textuais, sendo notória a sua fidelidade ao texto original. Porém, se este não é suficientemente expressivo, ou se tem excertos que considera menos adequados, diverge, apresentando em nota de rodapé as suas razões.

6 — Antecipa possíveis objeções:

«Aos gramáticos escrupulosos que talvez queiram que este verso antes seja: = sem algum vingador, sem lei alguma =, respondo que usei um idiotismo da nossa língua, alentado com o exemplo

⁵⁰ «As Forjas de Lemnos», de Jean-Baptiste Rousseau, in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, 1799, p. 304.

⁵¹ «A Márcia — imitação de uns versos de Mr. Parny», in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, p. 293.

⁵² «Fragmento de Alceu, Poeta Grego», in *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas de Bocage*, vol. III da presente edição, pp. 105-107.

⁵³ «A Sepultura ou a Morte de Adónis, idílio de Bion de Esmirna», in *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, *op. cit.*, p. 120.

⁵⁴ «A Água Estagnada, alegoria tirada de uns versos de Mr. Parny». Biblioteca da Ajuda, cota: 54-IV-34, n.º 6, fls. 1 e 1 v.º

de Leonel da Costa na tradução das *Bucólicas* e *Geórgicas*, e com outros autores de boa nota»⁵⁵; «O original só diz *subsidunt flumina*, abatem-se os rios [...]»⁵⁶; «O original tem só *Caelestibus intulit Astris*. Também não traduzi seguidamente, omitindo os louvores de Augusto, cujas proscricções lhe escurecem e afeiam a memória»⁵⁷; «Edições vulgares trazem 'latent sub gurgite turre'; edições corretas 'labant'»⁵⁸.

7 — Assinala alternativas em nota de rodapé:

«Alguns traduzem salgadeira»⁵⁹; «Este verso em sentido próprio pode traduzir-se assim: coberto o fogo, mais calor granjeia»⁶⁰.

8 — Avalia, de forma elogiosa ou negativamente, o labor de outros tradutores:

«Traduzi este verso por dois modos; o segundo é assim: bellissimo pastor de um belo gado, &. Nota-se o mal que Leonel da Costa verteu este dificultoso verso»⁶¹; «O texto só diz *sine ignibus*, sem fogo, sem luz. N. B. A boa tradução que Osório fez das *Geórgicas* poderia intimidar-me se as nossas versões não fossem de assuntos tão diversos.»⁶²

⁵⁵ In *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, *op. cit.*, p. 329.

⁵⁶ «Tradução do 1.º Livro das Metamorfoses ou Transformações de Ovídio», *ibidem*, p. 330.

⁵⁷ «A Alma de Júlio César Mudada em Cometa», *ibidem*, p. 354.

⁵⁸ In «Tradução do 1.º Livro das Metamorfoses ou Transformações de Ovídio», *ibidem*, p. 322.

⁵⁹ In «Dáfnis — Quinta Écloga de Virgílio», *ibidem*, p. 132.

⁶⁰ «A Morte de Píramo e Tisbe», *ibidem*, p. 337.

⁶¹ In «Dáfnis — Quinta Écloga de Virgílio», *ibidem*, p. 132.

⁶² In «Tradução do 1.º Livro das Metamorfoses ou Transformações de Ovídio», *ibidem*, p. 330.

9 — Teoriza a partir de exemplos concretos:

«Este é quase o único verso que não verti literalmente. Ovídio, segundo o seu gosto de circunstanciar miudamente as coisas (o que às vezes passa a defeito neste grande poeta), diz que o casco dos pés da novilha se desfez em cinco unhas; mas isto, que em latim não era humilde, em português até seria insuportável, &.»⁶³

A RECEÇÃO DAS TRADUÇÕES DE BOCAGE

1 — Os detratores

Génese das dissensões

Em 1790, na sequência da sua chegada a Portugal oriundo do Oriente, Bocage conheceu José Agostinho de Macedo. A exclusão, a pobreza e a literatura irmanaram-nos de imediato, tendo sido forjada uma amizade sólida. O poeta aderiu então à Academia de Belas-Letras, visando com este passo adquirir credibilidade, porquanto desertara duas vezes, e ter acesso à publicação da sua obra, a qual seria mais fácil se estivesse enquadrado por aquela instituição.

Porém, os dois escritores professavam filosofias de vida radicalmente diferentes, conduzindo-os a *praxis* sociais e políticas distintas: o primeiro tornou-se um boémio incorrigível e transgressor; o segundo foi nomeado pregador régio e era um dos principais defensores do trono e do altar.

As clivagens aprofundaram-se. Bocage manteve acesa a polémica, no seio daquela associação, desde 1792 e, mais acentuadamente, no ano seguinte, até ser expulso ou se automarginalizar em 1794. O talento, as conações poéticas, os valores sociais e o seu quotidiano transgressor desencadearam fraturas, incendiaram invejas, exponenciadas, de parte a parte, por

⁶³ «A Metamorfose de Io», de Ovídio, in *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 217.

«vaidades irritantes e irritadas», célebre expressão cunhada por Camilo Castelo Branco, tendo em mente, como se sabe, os intervenientes na famosa «Questão Coimbrã». Tais divergências são evidentes nos terceiro e quarto tomos do *Almanaque das Musas*, que incluem as sátiras dos seus rivais.

Data de meados do ano de 1799, ou seja, de um ano depois da libertação de Bocage, a publicação do segundo tomo das *Rimas*. Dedicou-o aos «Amigos» que lhe demonstraram solidariedade num período agónico da sua existência. Naquela obra, além de ter exarado, de forma profusa, a sua gratidão, insurgiu-se contra os inimigos, cujas intrigas palacianas tinham contribuído para a sua detenção, para «a catástrofe acerba de meus dias,/ Dos infortúnios meus o quadro triste»⁶⁴. Convocou-os, com frontalidade, para o poema de abertura:

«Embora a falsa opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O caráter de Elmano, Eu tenho Aónio⁶⁵,
Eu tenho a consciência; ambos me escudam,
Munido de ambos, à mordaz caterva
Posso afoito bradar: mentis, perversos.
Quem preza a gratidão não preza o vício:
O mortal vicioso é sempre ingrato.»

Referia-se a Belchior Manuel Curvo Semedo e, eventualmente, a José Agostinho de Macedo e a Domingos Caldas Barbosa.

O confronto com a Academia de Belas-Letras catalisou a arte de traduzir de Bocage e esteve na origem da sua decisão de a teorizar. Com efeito, quando optou pela publicação de edições bilingues, tinha consciência plena de que iria ser alvo de ataques inclementes. Urgia, portanto, que as suas opções estivessem plena e detalhadamente justificadas num domínio tão pedregoso, tendo em consideração a subjetividade e a complexidade que encerra.

⁶⁴ «Ao Senhor José Álvares: epístola dedicatória», in *Rimas Dedicadas à Amizade*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1800, t. II, introdução, não numerada.

⁶⁵ O seu protetor António José Álvares.

Na apresentação daquele volume, intitulada «Ao Leitor», Bocage retomou a sua catilinária:

«Leitor inteligente, verdadeiro crítico (e não a chusma de zoi-los que usa infestar a república literária e crê que a mordacidade supre o talento), o sábio imparcial (em quem só me louvo) talvez não desdenhe estas novas rimas, especialmente na tradução das *Metamorfoses* que incluem, as quais me afagaram o amor-próprio, que todavia poderá iludir-me como a muitos, sem que eu saiba porque os ilude, nem porventura eles mesmos: aos que professam porém a latinidade pergunto com afoiteza se as citadas versões provam ou não o uso e inteligência daqueles autores, e se aparecem nelas o caráter e energia do texto, ou se indicam o socorro inútil das lânguidas traduções francesas com que alguns Bávios e Mévios (que não só os deu Roma) sabem latim e grego na opinião dos que mal entendem a língua materna.»

Está-se perante um prefácio importante por vários motivos: revela a trama urdida para a sua detenção, encerra algumas das linhas de força do seu ideário relativamente à tradução, evidencia uma ironia subtil e atuante e é um dos poucos textos redigidos em prosa por Bocage.

Nele, o escritor não reconhece aos seus detratores competência para emitir juízos de valor sobre a sua obra, por não serem «leitores inteligentes e críticos», nem «sábios imparciais», e ainda pela mediocridade da poesia que compõem. E reforça a sua advertência evocando dois paradigmas clássicos, Virgílio e Horácio, cujos arqui-inimigos, Marco Bávio e Mévio, ficaram nos anais exclusivamente pela inveja que por eles nutriram.

As diatribes de Bocage não ficaram sem resposta. A sua versão de *Os Jardins ou a Arte de Aformosear as Paisagens* (1800) foi objeto de críticas e de escárnio. E, em 1801, Macedo visou-o, cripticamente, em *Contemplação da Natureza*:

«Aos críticos imparciais, que a [*Contemplação da Natureza*] não julgarem original, parece-me que terei satisfeito, confessando-lhes de antemão que na *Teologia Física* de Derham, no *Espetáculo da Natureza* de Pluche, na *Demonstração da Existência de Deus* por Newmtyt, na *Teologia da Água e dos Insetos*, nos *Estudos da Natureza*

de Bernardino de S. Pedro achei todos os monumentos feitos e dispostos para o meu poema. Aos impertinentes e incontestáveis não dou outra satisfação mais que deixar-lhes grandes margens no livro para fazerem à sua vontade glosas e anotações, esperando também com muito boa vontade que escarneçam deste com outro melhor.»⁶⁶

Acusação reiterada no mesmo poema:

«A ele [Deus] os débeis passos dirijamos
Enquanto mofam petulantes momos
Desta difícil escabrosa empresa
E de quimeras frívolas se nutre
O sempre iníquo, corrompido mundo.»⁶⁷

Bocage desencadeou então um contra-ataque virulento no prólogo à tradução do poema de Richard Castel, *As Plantas* (dezembro de 1801), permitindo-se um rasgado autoelogio, trazendo à colação várias personalidades que, segundo ele, o admiravam — João Vicente Pimentel Maldonado, Francisco Joaquim Bingre, Inácio Joaquim da Costa Quintela, Sebastião Xavier Botelho, José Francisco Cardoso, Miguel António de Barros e Joaquim Severino Ferraz de Campos; não satisfeito, em seguida, dirigiu-se aos seus émulos, apelidando-os de, entre outros epítetos, «zoilos», «aves sinistras», «invejosos corvos», «bando estígio» e «dragões peçonhentos». Estes, por sua vez, retorquiram numa folha clandestina, com um poema anónimo⁶⁸, muito provavelmente da autoria de Belchior Manuel Curvo Semedo:

«Sonetos, glosas lhe atraís louvores,
Cheios de vento, que empanturra o Paula»⁶⁹;

⁶⁶ *Contemplação da Natureza: Poema Consagrado a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente Nosso Senhor*. Lisboa: na Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801, prefácio, pp. III-IV.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 4.

⁶⁸ In Teófilo Braga, *Bocage, Sua Vida e Época Literária*. Porto: Chardron, 1902, pp. 194-6.

⁶⁹ O morgado de Assentiz, Francisco de Paula Cardoso de Almeida Vasconcelos Amaral e Gaula.

Peco epigrama, que afugenta o riso,
Fábulas tuas, traduções franjadas;
Essas cantatas de Parny são roubos,
Em que sedento de invenção campeias.
Mas, Tântalo febeu, em vão cobiças
À custa alheia eternizar teu nome.
Busco de balde ação nas obras tuas,
Que o desejado fim demande altaiva;
Ês emprestado vate: Itália o diga,
Fale a Gália também, donde saqueias
Sem ter pejo os relâmpagos de glória.
Tentas medir-te coò soberbo Ovídio,
Na apoquentada epígrafe acoutado
Dessa sem par metamorfose eterna
Aonde o triste pensamento enjoa,
Pela enfadonha sonolenta frase!»

Macedo reagiu, individualmente, em 1802, compondo o poema «Sempre, ó Bocage, as sátiras serviram», que circulou clandestino. A crítica não foi menos violenta do que a desferida pelo seu antagonista, que, por sua vez, respondeu com «Pena de Talião». A contenda prosseguiu com uma segunda sátira de Macedo, que ficou durante muito tempo inédita, só tendo sido publicada por Inocêncio, numa edição de 1899, prefaciada por Teófilo Braga, cujo primeiro verso é «A ti, monada e zero, a ti Bocage»⁷⁰.

Uma das acusações que Macedo fez a Bocage prendia-se com o modo como este traduzia — «servilmente» e sem criatividade:

«Tradutor de aluguer, quem são teus zoilos?
Tu, que a soldo dum frade⁷¹, ao mundo embutes
Rasteiras cópias de originais soberbos!

.....

⁷⁰ Inocêncio Francisco da Silva, *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898, p. 342.

⁷¹ O padre José Mariano da Conceição Veloso, diretor da Casa Literária do Arco do Cego.

Nunca se pode subir da fama ao templo
Um servil tradutor: não se franqueiam
As áureas portas que o Parnaso fecham
A alugados intérpretes de outros.»⁷²

A «Pena de Talião» constitui um manifesto da arte de traduzir e de ridicularizar os adversários. Não obstante, no final da sua vida, Bocage reconciliou-se com Macedo. As injúrias foram esquecidas e o elogio mútuo, hiperbólico, prevaleceu. O segundo, referindo-se ao seu rival quando este faleceu, retratou-se da seguinte forma:

«Rasa campa te encobre entr'outros mortos,
Mas tem um mausoléu, um templo, um busto
Na minha estimação, nos teus escritos.
O que bebe no Ródano espumante,
Os sábios d'Álbion e o douto Ibero
Te hão de aprender de cor, enquanto o Mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso, de Milton,
Lhe há de lembrar também d'Elmano o nome.»⁷³

Todavia, a polémica com José Agostinho de Macedo prolongou-se muito para além da morte do escritor sadino, sobretudo quando entraram na liça António Maria do Couto, Costa e Silva e alguns dos futuros Vintistas, que dispunham de acesso a periódicos influentes, como Rocha Loureiro e, sobretudo, Nuno Álvares de Pato Moniz. Estes ridicularizaram as teses camonianas de Macedo, que, na obra *O Oriente*, ousara corrigir *Os Lusíadas*, bem como as suas críticas a Verney, Filinto Elísio e a praticamente todos os intelectuais que professavam o Iluminismo, entre eles Jean-Jacques Rousseau e Voltaire.

⁷² «Sátira a Manuel Maria de Barbosa du Bocage», in Inocêncio Francisco da Silva, *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1899, pp. 328-9.

⁷³ José Agostinho de Macedo, *Epicédio na Morte de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Composto por...*, Lisboa: na Impressão Régia, 1806, pp. 13-4.

Por volta de 1812, sete anos depois do falecimento de Bocage, José Agostinho de Macedo reafirmou, com veemência, as suas acusações — o seu émulo traduzia em excesso e sem qualidade, sendo as suas versões «rasteiras»:

«Súbito avança despoldado espetro,
Que sai do cemitério: inda na boca,
Inda na mão sustém cigarro e copo...
Era o vadio e glosador Bocage
Que os doze tomos do Talmude queria
Verter, verter, verter, verter em versos!
Foge-lhe o triste vertedor Bocage,
Quando outra forma mais risonha surge.

.....

Seco do seu, intérprete do alheio,
Viveu de traduzir, morreu vertendo,
Fez versos maquinais, juntou palavras.
De tudo cabo deu co'a escolha chocha:
Fez seita e tem discípulos qual ele!»⁷⁴

Noutro passo da mesma obra, Macedo reiterou a sua argumentação:

«Traduz Pope, Aguiar, Ribeiro, Horácio,
Traduz Niceno e traduziu Bocage,
Traduz António de Araújo em verso;
Manuel de Sousa traduziu, vivendo,
Morreu a traduzir Manuel de Sousa;
Traduz agora de Palmela o conde;
E Lusitano Cândido vertia;
Traduziu Pedegache, e todos deram
Co'a língua nos infernos quintos...»

⁷⁴ Os *Burros*, versão manuscrita de 1812.

As divergências com os Elmanistas, entretanto, acentuaram-se e as acusações, cada vez mais virulentas, permaneceram. Nada, porém, foi acrescentado ao seu teor.

2 — Os apologistas

Por essa época, António Ribeiro dos Santos equacionou com pertinência o problema da fidelidade e da genuinidade na tradução, num poema, composto, segundo José Feliciano de Castilho, tendo em mente a forma exemplar como Bocage verteu o *Canto Heroico sobre as Façanhas dos Portugueses na Expedição de Trípoli*, de José Francisco Cardoso. Intitulava-se «A um poeta que traduziu com muita fidelidade»:

«Um é original, outro versão;
Vários na língua mas tão bem parçidos,
Que dirias que foram produzidos
Por um espírito só, uma só mão.»
O elogio foi por ele, mais tarde, retomado:
«O poeta e o tradutor
Tanto entre si se ajustaram,
Que parece que eles ambos
Numa só lira tocaram.»⁷⁵

Os biógrafos do escritor — António Maria do Couto, Costa e Silva e Nuno Álvares de Pato Moniz — e vários intelectuais coevos (Tomás António dos Santos Silva, António Ribeiro dos Santos, o morgado de Assentiz, o censor Francisco Xavier de Oliveira e Francisco Solano Constâncio) foram unânimes no que diz respeito à sua arte *sui generis* de traduzir. O reconhecimento do seu trabalho foi igualmente louvado por Almeida Garrett, na *Lírica de João Mínimo* — «o tradutor de Ovídio, o autor de Leandro e Hero, de Tristão, de tanta coisa boa e bela» —, José Feliciano de Castilho, Teófilo Braga, Veggezi Ruscala, Maria Helena da Rocha Pereira e,

⁷⁵ *Poesias de Elpino Duriense*. Lisboa: na Impressão Régia, 1817, vol. III, pp. 119-20.

sobretudo, por António Feliciano de Castilho, escritor que decidiu traduzir as *Metamorfoses* de Ovídio, obra vertida parcialmente por Bocage, como assinalámos. Tendo consciência de que não lhe seria possível encontrar uma forma mais depurada e exata, optou por incorporar na sua a versão daquele, decisão que assinalou, *pari passu*, escrupulosamente:

«Tomei-me pausadamente o pulso a mim mesmo e, reconhecendo que, para o igualar, me faleciam inegavelmente as forças, assentei em tomar dele quanto era feito, e, dando um documento não duvidoso, de sincera humildade, incorporá-lo na minha obra; e assim o fiz; não foi contudo a reverência do seu nome tão poderosa, para comigo, que, onde entendi carecer de emenda, lha não desse; e não foram essas correções poucas, nem muitas vezes, de leve momento. Em as notas encontrará o leitor curioso (e oxalá que já pelo texto o não tenha sentido) quais são as partes que a Bocage pertencem, e igualmente o rol das emendações por que passou»⁷⁶.

Na verdade, António Feliciano de Castilho utilizou na mencionada tradução, da lavra de Bocage, 668 versos no livro I, 90 no livro II e 270 no livro IV.

V — A PRESENTE OBRA

O labor poético de Bocage, no domínio da tradução, foi extenso. O presente volume apresenta versões de autores greco-latinos, franceses, italianos e de um britânico. Prevaecem os escritores clássicos e os franceses; os primeiros porque, no século XVIII, a sua cultura era considerada modelar, a quinta-essência da arte e do conhecimento, e dificilmente seria possível, conjecturava-se então, atingir os seus níveis de perfeição, no domínio da poesia, da teorização da história, do drama, da filosofia e da arquitetura

⁷⁶ *As Metamorfoses de Públio Ovídio Nasão, Poema em 15 Livros, Vertido em Português por António Feliciano de Castilho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841, pp. xxxi-xxxii.

(Bocage, em consonância com esse princípio, traduziu vários autores, tendo dado predominância a Ovídio, seu paradigma, tal como Camões); os segundos, pelo acervo indeclinável da sua literatura, por a França ser o berço do Iluminismo, pela hegemonia do seu idioma no domínio científico, económico e cultural, bem como por razões familiares.

Por se tratar de imitações, não constam do presente volume os seguintes poemas: «Aos Amigos, ode, imitada de uns versos de Mr. Parny»; «Se os deuses conferissem, ode anacreôntica, imitada de uns versos de Mr. Parny»; «Brando leito de verdura, ode anacreôntica, imitação do mesmo»; «A Armia. Quadras imitadas de Mr. Parny»; «A Márcia, imitação de uns versos de Mr. Parny»; «Areneu e Argira — Metamorfose original»

Como referimos, Bocage traduziu prosa, sobretudo de autores franceses. Caberá, eventualmente, aos vindouros coligir tais narrativas.

A *Elegia a Rodrigo de Sousa Coutinho* é agora, pela primeira vez, publicada na *Obra Completa de Bocage*.

Dificuldades

Os critérios e a metodologia adotados foram expostos no primeiro volume da *Obra Completa*, sendo, portanto, despidendo nomeá-los.

Propusemo-nos consultar os originais manuscritos das traduções incluídas neste volume. Porém, apenas são passíveis de ser compulsados aqueles que se encontram no arquivo da Real Mesa Censória, depositado na Torre do Tombo, ou seja, a maioria dos que foram publicados em vida; os manuscritos das versões dadas à estampa postumamente extraviaram-se. Deste modo, não nos restou como alternativa senão adotar as transcrições dos seus editores, as quais, como afirmámos, não primam pelo rigor — as de Desidério Marques Leão —, ou foram feitas segundo critérios que o século XIX consignou — as de Nuno Álvares de Pato Moniz e as de Inocêncio Francisco da Silva.

Frise-se, por outro lado, que os organizadores da obra póstuma de Bocage enveredaram por um caminho muito discutível: a edição de poemas e de traduções por ele rejeitadas — rascunhos, meros excertos, ideias começadas, de imediato abandonadas e atiradas para uma arca anódina — ou de versões estropiadas e desfiguradas que lhes chegaram às mãos. Tratando-se da *Obra Completa de Bocage*, não podíamos deixar

de os publicar, embora sabendo que corríamos um risco de vulto. Demos, porém, conta das nossas dúvidas e perplexidades.

Algumas edições de Bocage — quer as editadas durante a sua vida quer as póstumas — nem sempre são legíveis na íntegra. Os conteúdos impressos na frente e no verso das páginas, por vezes, interferem reciprocamente, impedindo a leitura, sobretudo da pontuação.

Poemas excluídos

É complexo definir com clareza os limites da obra de Bocage. O escritor usufruiu de uma ampla notoriedade, a qual, por vezes, lhe foi nociva. Com efeito, à revelia de um exame estilístico, foram-lhe atribuídas composições e até obras que, indubitavelmente, não lhe pertencem. Procedemos à sua exclusão. É o caso das seguintes traduções: «Os teus melhores princípios», de Alciato ⁷⁷, «O Câmbio», ode de Lessing ⁷⁸, «Carta Amorosa d’Heloise a Abeillard», de Pope ⁷⁹, e «Carta de Safo a Faón», de Ovídio ⁸⁰.

Embora se trate de um romance, estando, portanto, fora do escopo deste volume, que integra exclusivamente versões de carácter poético, não podemos deixar de referir o caso da tradução de uma obra de Bernardin de Saint-Pierre. A *História de Paulo e Virgínia* ostenta no frontispício o nome de Bocage, alegadamente o seu tradutor. Tal atribuição, por parte do editor Lello, não resiste a uma análise detalhada. Só o oportunismo ou um grande equívoco poderão explicar o facto de este livro ter sido dado aos prelos, em 1905, precisamente na ocasião do centenário do falecimento de Bocage.

A obra apresenta um prefácio de Teófilo Braga, intelectual que também era publicado pelo mencionado editor. Aquele ensaísta, curiosamente,

⁷⁷ Atribuída por Desidério Marques Leão (vol. iv) e, na sua esteira, por António Salgado Júnior in *Opera Omnia*, vol. iv.

⁷⁸ Atribuída por Teófilo Braga na sua biografia bocagiana anteriormente citada, p. 551.

⁷⁹ Traduzida, na realidade, por Massuelos Pinto; foi originalmente publicada pela Viúva de Alvarez Ribeiro e Filhos, no Porto, em 1823. A análise da grafia do manuscrito existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Real Mesa Censória, caixa 335, doc. 29) confirma a opção de a excluir.

⁸⁰ Traduzida por Manuel Matias Fialho de Mendonça e publicada na *Biblioteca Familiar*, vol. vi.

não dedica uma única linha à narrativa que prefacia. Na verdade, não deixa de surpreender que, 100 anos depois do falecimento do poeta, não se tenha interrogado sobre a proveniência do respetivo manuscrito. Para este equívoco, terá contribuído Camilo Castelo Branco, que o menciona numa carta de 1873 ⁸¹.

Infere-se da leitura daquele romance francês que o tradutor teve a preocupação de não verter excertos ou vocábulos críticos da aristocracia e dos valores tradicionais, ou seja, aqueles que Bocage, precisamente, mais criticou. Acresce ainda que o texto está eivado de erros, de «branqueamentos» de personagens, de hiatos que colidem com a forma escrupulosa como ele verteu para português inúmeros textos. Além disso, é estranho que tenha sido obliterado o elucidativo prefácio de Bernardin de Saint-Pierre — que Bocage faria, certamente, questão de incluir, tal como procedeu com todos os autores que traduziu —, e que não surja qualquer apontamento explicativo, na introdução ou em nota de rodapé.

O manuscrito faz parte do acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A sua consulta permite ainda concluir que não é um autógrafo de Bocage porque a letra difere consideravelmente e a grafia remonta à segunda ou à terceira década do século XIX.

Conclusões

Bocage foi um tradutor de mérito, atributo que, até ao presente, não teve o reconhecimento por parte da maioria dos seus biógrafos e de outros ensaístas. Conhecia profundamente a cultura francesa e a civilização greco-latina, a sua história, literatura e mitologia; assimilou a lição dos quinhentistas portugueses, facto que lhe facultou o domínio abrangente do idioma pátrio; acresce, por outro lado, o seu génio poético. A conjugação destes atributos permitiu-lhe, «apoderando-se do espírito» dos autores originais, verter para português com fidelidade, mestria e verve poética.

O ineditismo da *praxis* literária de Bocage é aferível no lugar que reserva à receção da sua obra. Ao contrário do que acontece com a maior

⁸¹ Teófilo Braga, *Bocage, Sua Vida e Época Literária*. Porto: Chardron, 1902, pp. 516-7.

parte dos escritores coevos, a consciência de que o leitor desempenha um papel relevante é evidente. Ele está presente nos prólogos em verso, nos prefácios e nas múltiplas notas aos textos, nas quais ponderava opções e assinalava as suas divergências e alternativas relativamente ao original; é nele que Bocage pensa quando caracteriza com precisão as suas versões, antecedidas por advertências.

Elmano foi pioneiro da tradução bilingue em Portugal. Tal opção editorial permite aferir a confiança que depositava nos seus dotes relativamente a esta arte tão pedregosa e complexa.

Agradecimentos

Devemos a António Mateus Vilhena a sua disponibilidade para dilucidar múltiplos problemas no domínio da interpretação, da transcrição, da pontuação e da anotação, relativas, designadamente, à mitologia e à história greco-latina; a nossa gratidão estende-se igualmente a Almerinda Meireles Graça e a Ricardo Fraga Pires.

Daniel Pires



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LITERATURA GRECO-LATINA

I — A MORTE DE LUCRÉCIA ¹

Poema de Ovídio

Cercada pelo exército romano,
Um sítio pertinaz sofria Árdea ².
Enquanto a dura guerra está pendente,
Enquanto aventurar feroz combate
Teme a prudência, os chefes e os soldados
Folgam nos arraiais em ócio ledão.
Nisto o filho do rei, Tarquínio o Moço,
A esplêndido festim convida os sócios
E, reinando a alegria, assim lhes fala:
«Agora que de Árdea o vagaroso
Assédio nos detém, nos não permite
As armas conduzir aos pátrios lares,
Dos toros conjugais a fé mantendo,
As esposas gentis que suspiramos
Suspirarão por nós, serão quais somos?»
Já cada qual sem termo a sua exalta;
Aceso pelo amor, cresce o debate,
Nos brindes do licor fogo e puro
A mente, o coração e a língua fervem;
Mas eis que dentre os mais surgindo aquele
A quem de alto apelido honrou Colácia ³:
«As palavras são vãs, creia-se em coisas;
A noite nos sobeja, esporeemos

¹ Do livro II, versos 271 e seguintes, dos *Fastos*, de Ovídio (Sulmona, 42 a. C.-Constança, 17 ou 18 d. C.), paradigma poético latino de Bocage. Poema publicado no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 286.

² Nota de Bocage: «Cidade então sitiada pelo rei de Roma, Tarquínio, *o Soberbo*.» Estava situada a cerca de 35 km de Roma.

³ Nota de Bocage: «Um como bairro de Roma, donde Colatino, marido de Lucrecia, tomou o nome.»

Os robustos cavalos, eia, a Roma.»
O dito agrada, enfreiam-se os ginetes,
Os sôfregos mancebos partem, voam.
Vão da estância real primeiro às portas
Onde guarda nenhum velando encontram.
Entram, colhem de súbito engolfada
Em festivo prazer e em rubro néctar,
Nas tranças com mil flores desparzidas,
A que ao filho em consórcio o rei ligara:
Prontos caminham logo a ver Lucrecia ⁴.
Alvejavam da cândida matrona
No fuso luzidio as mãos de neve;
Dispostos ante o tálamo se olhavam
De industriosa teia os brandos fios;
Em torno à luz solícitas escravas
A noturna tarefa promoviam.
Lucrecia, em tom macio, em voz mimosa,
Destarte lhes dizia, as incitava:
«É para Colatino, eia, apressai-vos,
Cumpre mandar em breve ao meu consorte
Isto em que a nossa indústria exercitamos.
Vós, que tanto indagais e ouvis, soubestes
Quanto ainda se crê que dure a guerra?
Vencida cairás, Árdea iníqua,
Que de nossos esposos nos separas.
Tornem, tornem, ó Céus!... Mas, ai! Que ideia!
O meu é destemido, é temerário,
Tem génio de arrojarse ao fogo, ao ferro.
Foge-me a luz, o alento, esfrio e morro
Quando entre os inimigos o afiguro.»
Nisto o pranto amoroso a voz lhe corta,

⁴ Mulher de Tarquínio Colatino, *o Soberbo*, falecida em 510 a. C. Violada por Sexto Tarquínio, suicidou-se com um punhal, tendo este episódio dado origem à queda daquela dinastia política. Esta tragédia, narrada por Tito Lívio, é objeto de uma obra de Shakespeare, *A Violação de Lucrecia*.

Cai-lhe o fio da mão, e o lindo gesto
Sobre o mole regaço inclina a triste:
Dobram-lhe a graça as lágrimas pudicas
E mostra um coração igual ao rosto.
Eis o esposo aparece e «Não receies,
Aqui me tens», lhe diz. Ela revive,
Ela os braços lhe lança e longo espaço
Pende do colo amado o doce peso.
Entanto de amor cego o régio moço
Arde, morre e lhe atrai, lhe enleva os olhos
A forma, a nívea cor e a loira trança,
E o grave adorno, límpido e sem arte;
A fala o prende, as expressões o encantam
E o que à vil sedução não é sujeito:
Quanto menos esperas mais desejas,
Mais te afogueias, sequioso amante.
Cantara o núncio da risonha Aurora,
E aos fortes arraiais os sócios volvem.
Atónito, em paixão Tarquínio ferve,
Gozando na revolta fantasia
A bela imagem de Lucrecia ausente,
E ali tudo o que viu mais lindo observa.
«Assim (diz entre si) a achei sentada,
Era o seu traje assim, e a mão suave
O longo, ténue fio assim torcia;
Destarte lhe caíam no alvo colo
Áureas madeixas, ao desdém lançadas;
Tinha este modo, estas palavras disse,
Este o semblante, a graça, a cor e a boca.»
Como se vê no mar, depois que os ventos,
As asas sacudindo, o flagelaram,
Que, já puros os Céus, inda esbraveja
Co'a ríspida impressão do horrendo assalto,
Tal, posto que tão longe a bela estava,
O incêndio que ateou no amante ardia.
Penando, e de paixão desesperado,
Projeta macular com força e dolo

O tálamo sagrado, o casto objeto.
«O efeito é duvidoso (eis diz o insano),
Porém, não se fraqueje, ousemos tudo;
Audazes corações protege a Sorte:
Os Gábios ⁵ sujeitei co'atrevimento.»
Cala-se, e já pendura ao lado a espada,
Já dum rápido bruto ⁶ oprime as costas.
Corre e chega a Colácia o moço ardente
Quando o Sol mergulhava o carro de ouro.
O inimigo como hóspede nos lares
Do ausente Colatino é logo aceito
(Que o vínculo do sangue os dois prendia),
A dama com primor o acolhe, o trata;
Ai, que enganada está! Manda que aprontem,
Sem suspeita do crime, a lauta mesa.
Contente do alimento, o sono exige,
Ô lassa natureza. Era alta noite,
Na estância lume algum não cintilava;
Levanta-se o traidor, um ferro empunha,
Vai, manso e manso, ao tálamo pudico.
Mal que o toca: «Um punhal comigo trago,
Lucrecia (ele lhe diz), eu sou Tarquínio,
Sou filho do rei.» Nada responde,
Nem pode responder Lucrecia absorta:
De assombro, de terror jaz fria e muda;
Mas, como a lamentável cordeirinha
Que no tosco redil desamparado
Entre as garras se vê do lobo infesto,
Ante o fero amador Lucrecia treme.
Que fará? Contender, lutar com ele?
Ela é débil mulher, será vencida.
Gritará? Tem na dextra um ferro o monstro.

⁵ Nota de Bocage: «Povos que Sexto Tarquínio submeteu por uma astúcia atrevida.»

⁶ Cavallo.

Fugirá? Dura mão lhe aperta o peito,
Não manchado até'li de toque infame.
Insta com rogos o inimigo amante,
Com prémios e ameaços, mas seus rogos,
Seus prémios e ameaços nada alcançam.
«Não cedas, inumana, a meus transportes?
Pois (o bárbaro diz) hei de arrancar-te
Com este ferro a vida, apregoando
Que em adultério vil co'um torpe escravo
Te colhi: a teu lado o porei morto,
E horrenda ficará tua memória.»
A matrona infeliz, temendo a fama,
À fúria sucumbiu do fementido.
Indigno vencedor, para que exultas?
Será tua ruína essa vitória:
Ai! Quanto ao sólio teu custa uma noite!
Dissipando-se as trevas, aparece
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
Ir lacrimosa mãe do filho à pira.
O consorte fiel e o pai longevo
Chama do campo: os dois acodem logo,
Veem-lhe o luto e do luto a causa inquirem,
Perguntam-lhe que mal, que dor a anseia,
E as honras funerais a quem consagra ⁷.
Ela fica em silêncio um longo espaço
E no véu lutuoso esconde a face,
Soltas em fio as lágrimas formosas.
Consolando-a co'a voz e com o afago,
Daqui lhe roga o pai, dali o esposo
Que fale enfim, que exprima o que padece,
E choram, temem com pavor incerto.
Três vezes começou, parou três vezes,
E à quarta se atreveu a declarar-se,

⁷ No original: «A quem consagra?»

Mas sem a vista erguer: «Tarquínio a isto
Me obrigará também! (profere a triste)
Eu mesma hei de narrar a injúria minha!
Eu mesma, desditosa, hei de afrontar-me!»
Conta o que pode... resta o mais... e chora,
E o pejo lhe afogueia a face honesta.
O pai e esposo o crime involuntário
Perdoam. «Perdoais! Eu não» (diz ela).
E aguçado punhal, que traz oculto,
Co'a melindrosa mão no seio embebe.
Cai aos paternos pés ensanguentada,
E olhando para si, já moribunda,
Para ver se o pudor na queda ofende:
Este o cuidado da infeliz, morrendo.
Eis junto ao corpo amado o pai e esposo,
Deslembados da glória e do decoro,
Jazem carpindo seu comum desastre.
Bruto, que a cena infausta presencia,
O nome com o espírito desmente,
Do peito semivivo arranca o ferro
E ali na mão com ele, que destila
Da vítima formosa o puro sangue,
Num ar ameaçador tais vozes solta
Do afoito coração: «Por este honrado,
Por este varonil, egrégio sangue,
E por teus Manes ⁸, que serão meus numes,
Juro ao feroz Tarquínio um ódio eterno,
Juro de o proscrever e à prole infame;
Seus crimes infernais serão punidos.
Tens, ó Virtude, assaz dissimulado.»
Ao som destes impávidos protestos
Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia;
Meneando a cabeça, aprova, e morre.

⁸ Almas dos mortos, neste caso a alma de Lucrecia.

Sobre funéreo leito se coloca
O gentil corpo da heroína excelsa.
O espetáculo triste expõe-se a todos
E deve a todos lágrimas e inveja;
Vai patente a ferida, o denodado
Bruto, vociferando, incita o povo,
E do mancebo audaz lhe narra o crime.
Com a estirpe cruel Tarquínio foge:
Foi aquele o famoso, último dia
Em que o duro opressor deu leis a Roma.
Cessa o reinado, os cônsules se criam,
E as rédeas tomam de anual Governo.

II — TRADUÇÃO DO 1.º LIVRO DAS METAMORFOSES OU TRANSFORMAÇÕES, DE OVÍDIO ⁹

*Entre ferros cantei, desfeito em pranto:
Valha a desculpa se não vale o canto.*

Bocage

Desde o princípio até à nova formação de todos os animais depois do Dilúvio.

ARGUMENTO: O Caos se reparte em quatro elementos. Zonas, ventos, criação dos brutos e do homem. Seguem-se as quatro idades do mundo. Nascem homens do sangue dos gigantes. Licáon é transformado em lobo. O Dilúvio converte tudo em água. As pedras se mudam em gente. Os brutos renascem da Terra.

Antes do Mar, da Terra e Céu que os cobre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Caos, massa indigesta, rude
E consistente só num peso inerte.

⁹ Publicada no segundo tomo das *Rimas*, *op. cit.*, 1799, p. 307.

Das coisas não bem juntas as discordes,
Priscas ¹⁰ sementes em montão jaziam;
O Sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova Lua.
Não pendias, ó Terra, dentre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Anfitrite ¹¹
Os espumosos braços dilatava.
Ar e Pélago e Terra estavam mistos:
As águas eram pois inavegáveis,
Os ares negros, movediça a Terra.
Forma nenhuma em nenhum corpo havia,
E neles uma coisa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio e quente, húmido e seco,
Mole e duro, o que é leve e o que é pesado.
Um deus, outra mais alta natureza
À contínua discórdia enfim põe termo,
A Terra extrai dos céus, o mar da Terra
E ao ar fluido e raro abstrai o espesso.
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em lugares diversos, que lhe assina,
Liga com mútua paz os corpos todos.
Súbito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente e leve;
A ele no lugar, na ligeireza
Próximo fica o ar; mais densa que ambos
A Terra puxa os elementos vastos,
Da própria gravidade é comprimida.
O salitroso humor circunflente

¹⁰ Velhas.

¹¹ Uma das Nereides, filha de Dóris e de Nereu, era a rainha do mar.

A possui, a rodeia, a lambe e aperta.
Assim, depois que o deus (qualquer que fosse)
O grão corpo dispôs, quis dividi-lo
E membros lhe ordenou. Para que a Terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compôs na forma de orbe.
Ao Mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos
E orgulhoso abrangesse as louras praias;
À mole orbicular deu fontes, lagos,
Rios cingindo com oblíquas margens,
Os quais, em parte absortos pelas terras
Várias que vão regando, ao mar em parte
Chegam e, recebidos lá no espaço
De águas mais livres e extensão mais ampla,
Em vez das margens assalteiam praias.
O universal fator também dissera:
«Descei, ó vales, estendei-vos, campos,
Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas.»
Como o Céu repartido à dextra parte
Tem duas zonas, à sinistra duas,
E uma no centro mais ferosa que elas,
Assim do deus o pródigo cuidado
Pôs iguais divisões no térreo globo,
Ele é composto de outras tantas plagas:
Aquele que das mais está no meio
Em calores inóspitos se abrasa;
Alta neve enregela, e cobre duas;
Outras duas, porém, que entre elas ambas
O nume situou, são moderadas,
Misto o frio e calor. Fica iminente
A estas o ar que, assim como é mais leve
O peso d'água que da terra o peso,
Tanto mais peso coube ao ar que ao fogo.
Deus ordenou que as névoas e que as nuvens
Errassem no inconstante, aéreo seio,
Que os ventos o habitassem, produtores

Dos penetrantes frios que estremecem,
E os raios, os trovões que o mundo aterram;
Mas o Supremo Autor não deu nos ares
Arbitrário poder aos duros ventos:
Bem que rebentem de encontrados climas,
Resistir-se-lhe pode à fúria apenas,
Vedar que em turbilhões lacere o mundo,
Tanta é entre os irmãos a desavença!
Euro ¹² foi sibilar ao céu da Aurora,
Aos reinos nabateus, à Pérsia, aos cumes
Que o raio da manhã primeiro alcança.
O Véspero, essas plagas, que se amornam
Com Febo ocidental, estão vizinhas
Ao Zéfiro ¹³ amoroso; o fero Bóreas ¹⁴
Da Cítia ¹⁵ fera e dos Triões ¹⁶ se apossa;
As regiões opostas humedece
Austro ¹⁷ chuvoso com assíduas nuvens.
O nume sobrepôs aos elementos
O líquido e sem peso éter brilhante,
Que das terrenas fezes nada envolve.
Logo que tudo com limites certos
Foi pela eterna Dextra sinalado,
As estrelas, que oprimidas, que abafadas
Houve em si longamente a massa escura,
A arder por todo o Céu principiaram;
E porque não ficasse do universo
Alguma região desabitada,

¹² Vento do Oriente.

¹³ Vento da primavera, equivalente ao Favónio.

¹⁴ Deus do Vento do Norte, na Roma Antiga. Era natural das margens do Estrímón, rio da Trácia.

¹⁵ Região da Eurásia.

¹⁶ Nome antigo da Ursa Maior e da Ursa Menor.

¹⁷ Vento do Sul.

Astros e deuses tem ¹⁸ o etéreo assento,
O mar aos peixes nítidos é dado,
Aves ao ar, quadrúpedes à Terra.
A estes animais faltava um ente
Dotado de mais alta inteligência,
Ente que a todos legislar pudesse:
Eis o Homem nasce e ou tu, suprema Origem
De melhor natureza, e quanto há nela,
Ou Tu, pasmoso Artífice, o formaste
Pura extração de divinal semente,
Ou a Terra inda nova, inda de fresco
Separada dos Céus, lhes tinha o germe.
Com águas fluviais embrandecida,
Dela o filho de Jápeto ¹⁹ afeiçoa,
Organiza porções e as assemelha
Aos entes imortais que regem tudo.
As outras criaturas debruçadas
Olhando a Terra estão; porém, ao Homem
O fator conferiu sublime rosto,
Erguido, para o céu lhe deu que olhasse.
A Terra, pois, tão rude e informe dantes,
Presentou, finalmente, assim mudada,
As humanas, incógnitas figuras.
Foi a primeira Idade a Idade de ouro.
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma ²⁰
Culto à fé e à justiça então se dava,
Ignoravam-se então castigo e medo;
Ameaços terríveis se não liam

¹⁸ Em vez de «têm», para não ferir a métrica.

¹⁹ Nota de Bocage: «Prometeu que, segundo a Fábula, roubou o fogo celeste, para animar figuras humanas, compostas de terra.»

²⁰ Nota de Bocage: «Aos gramáticos escrupulosos que talvez queiram que este verso antes seja: = sem algum vingador, sem lei alguma =, respondo que usei um idiotismo da nossa língua, alentado com o exemplo de Leonel da Costa na tradução das *Bucólicas e Geórgicas*, e com outros autores de boa nota.»

No bronze abertos, súplice caterva
À face do juiz não palpitava:
Todos viviam sem juiz, sem dano.
Inda nos pátrios montes decepado
Às ondas não baixava o pinho ingente
Para depois ir ver um mundo estranho;
De mais clima que o seu ninguém sabia.
Fossos ainda não cingiam muros,
As tubas, os clarins não ressoavam,
Nem armas, nem exércitos havia,
Sem eles os mortais de paz segura
Em ócios inocentes se gozavam.
O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntária terra.
Contente do que brota sem cultura,
Colhia a gente o montanhês morango,
Crespos medronhos e as cerejas bravas,
Às duras silvas as amoras presas
E as lisas produções de ténue casca
Que da árvore de Júpiter ²¹ caíam.
Eram todas as quadras primavera,
Mansos Favónios com subtil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flores que sem germe então nasciam.
Viam-se enlourecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,
Em rios ir correndo o leite, o néctar,
E da verde azinheira estar caindo
O flavo mel em pegajosas gotas.
Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro ²², e ficou a Jove o mundo,

²¹ Nota de Bocage: «O carvalho.»

²² Segundo Pierre Grimal, «a região mais profunda do mundo, situada sob os próprios Infernos».

Veio outra Idade, se inferior à de ouro,
Superior à de cobre, a Idade argêntea.
Jove contrai a primavera antiga,
Verões, invernos, desiguais outonos,
Curta e branda estação que anime as flores,
O ano repartem, variando os tempos.
O ar então começou a escandecer-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os humanos então principiaram
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares foram.
Pela primeira vez o grão de Ceres ²³
Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,
E oprimidos do jugo os bois generam.
Às duas sucedeste, aénea ²⁴ prole,
De génio mais feroz, mais pronto à guerra,
Mas não ímpio ²⁵. Eis a última, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentam dela.
Súbito fogem fé, pudor, verdade,
Ocupam-lhe o lugar mentira, astúcia,
A insultuosa força, a vil perfídia,
Da posse e do poder o amor infando.
Velas o navegante aos ventos solta,
Aos ventos inda bem não conhecidos;
Longamente nas serras arraigado,
O lenho já comete ignotas vagas;
A Terra, que até'li de todos fora,
Como os ares e o Sol, por cauto dono ²⁶
Já se abaliza com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos frutos,
Úteis searas, vai-se-lhe às entranhas,

²³ Deusa da Agricultura, em especial das searas.

²⁴ De bronze, referida à terceira das Idades (gerações humanas).

²⁵ Em vez de «ímpio», por razões métricas.

²⁶ Nota de Bocage: «O original diz mensur, o medidor ou demarcador.»

Cavam-lhe o que sumiu na estígia sombra,
Cavam riquezas, incentivo a males.
Já se desencantara o ferro infenso ²⁷,
E o ouro inda pior: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
Vibrando as armas na sanguínea dextra.
Fervem os roubos: o hóspede seguro
Do hóspede não está, do genro o sogro,
A concórdia entre irmãos também é rara.
Tentam morte recíproca os esposos,
As madrastas cruéis dispõem venenos,
Conta os dias paternos filho avaro;
Jaz vencida a piedade, e sai do mundo,
Do mundo ensanguentado a pura Astreia ²⁸,
Depois que os outros deuses o abandonam.
Para não ser mais livre o Céu que a Terra,
É fama que gigantes o assaltaram ²⁹,
A etérea monarquia ambicionando,
Pondo até às estrelas monte em monte ³⁰.
O Padre Omnipotente, o sumo Jove
Nisto com raios esbroando o Olimpo,
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,
Sobre o tropel sacrílego os derruba.
Esmagados coò peso os feros corpos,
Diz-se que a Terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada, o fez vivente,
Homens dele criou, por que a memória
Da progénie feroz permanecesse.

²⁷ Inimigo.

²⁸ Filha de Zeus e de Témis, incentivava, na Idade de Ouro, os humanos a serem justos e virtuosos, personificando a justiça.

²⁹ Nota de Bocage: «Pretenderam, quiseram, diz o texto.»

³⁰ Bocage cruza o mito dos Gigantes, filhos da Terra, com o mito dos Aloídas, Oto e Efiltes, filhos de Posídon e de Ifímedia. Os descendentes destes, aos 9 anos, declararam guerra aos deuses: colocaram o Ossa sobre o Olimpo e, por cima destas montanhas, uma outra, o Pélion. Estavam, assim, reunidas as condições para concretizarem o assalto aos Céus.

A nova geração também foi dura,
Dos numes foi também desprezadora,
Amiga da violência e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.
Satúrnio viu dos Céus estas maldades,
Gemeu e, recordando um ímpio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Licaónia mesa ³¹,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
E o Conselho imortal convoca à pressa,
Que à pressa congregado acode ao mando.
Há nos Céus um caminho alto e patente
(A nímia ³² candidez o faz notável),
Lácteo se chama, vão por ele os numes,
Os graves cortesãos do grão Tonante ³³
À morada real. Dum lado e doutro
Dos deuses principais os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes Celícolas ³⁴ supremos
À frente os seus Penates ³⁵ colocaram.
Este, a caber na voz audácia tanta,

³¹ Pierre Grimal, in *Dicionário de Mitologia Grega e Latina*, clarifica este episódio: «Licáon era, na opinião de alguns, rei de grande piedade [...] frequentemente visitado pelos deuses. Mas os seus filhos quiseram saber se os estrangeiros que viam junto do pai eram realmente deuses. Mataram uma criança e misturaram-lhe a carne com a da vítima preparada para o banquete. HorrORIZADOS, os deuses enviaram uma tempestade que fulminou os culpados. Mas, com maior frequência, Licáon e seus filhos são apresentados como ímpios. Zeus desejou um dia assegurar-se, ele próprio, do alcance dessa impiedade e, sob a forma de um camponês, veio pedir hospitalidade ao rei. Este recebeu-o mas, querendo saber se o seu hóspede era realmente um deus, serviu-lhe carne de uma criança, ou a carne de um refém que tinha na sua corte, ou mesmo a de um dos seus filhos, Níctimo, ou do seu neto Árcade [...]. Zeus, indignado com uma tal refeição, derrubou a mesa, exprimindo a sua cólera, e fulminou Licáon e os filhos, um após outro.»

³² Imensa.

³³ Júpiter.

³⁴ Habitantes do Céu.

³⁵ Nota de Bocage: «Casas»

O Palácio dos Céus apelidara ³⁶.
Em marmóreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Júpiter se assentam,
Que em lugar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no ebúrneo cetro,
Por três e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A Terra, o Mar e os Céus, tais vozes solta
Com fera indignação: «Maior cuidado
O mundo me não deu naquela Idade
Em que a turba de anguípedes ³⁷ gigantes
Queria o Céu romper com braços cento,
Que ainda que era multidão terrível,
Hoste feroz, contudo de um só corpo ³⁸,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-me num tempo agora em que é forçoso
Fazer tremenda, universal justiça,
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo
Quanto abraça Nereu ³⁹ circunsonante.
Subterrâneas, tristíssimas correntes,
Correntes que lambeis o estígio bosque,
Até juro por vós que ao mal infando
Mil remédios em vão tentei primeiro;
Mas incurável chaga exige o ferro,
Cortada cumpre ser por que não lavre,
Por que não fique o são também corrupto.
Há, porém, semideuses entre os homens,
Campestres numes há, faunas e ninfas,

³⁶ Nota de Bocage: «Alude ao Palácio de Augusto, que tomou o nome do Monte Palatino, onde foi edificado. Nem os Céus poupou a lisonja.»

³⁷ Que têm pés em forma de serpentes ou de dragões.

³⁸ Nota de Bocage: «Aqui é nome coletivo.»

³⁹ Um dos «Velhos do Mar», protetor dos marinheiros. Afigura-se-nos designar, aqui, o próprio mar.

Sátiros e os montícolas Silvanos ⁴⁰:
Todos são atendíveis, todos nossos.
Se ainda honrá-los no Céu não nos aprouve,
Nas dadas terras é dever que habitem.
Mas podereis pensar que estão seguros,
Ó deuses, quando a mim, que empunho o raio,
A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
Licáon, o afamado em tirania?»
Nesta interrogação freme o Congresso:
Querem todos o réu da enorme audácia,
Em vinganças fervendo o pedem todos.
Assim quando impia mão queria extinto
De Roma o nome no cesáreo sangue ⁴¹,
Pelo terror da súbita ruína
Atónita ficou a espécie humana,
Todo o mundo tremeu de horrorizado.
Augusto, então dos teus não menos grata
A ternura te foi que a Jove aquela.
Depois que ao grão sussurro impôs silêncio
Co' a mão e a voz emudeceram todos.
Sufocado o furor no acatamento,
O Monarca dos Céus assim prossegue:
«Cuidado vos não dê a ação nefanda,
O sacrílego autor já foi punido:
Direi primeiro o crime e logo a pena.
Do corrompido século as infâmias
Subiram-me à notícia: desejoso
De achar falso o que ouvi, baixei do Olimpo,
E a Terra discorri com face humana.
Relevava ocupar moroso espaço
Na feia narração do que hei sabido,

⁴⁰ Divindades romanas que presidem aos bosques.

⁴¹ Nota de Bocage: «Em Suetónio se lê esta conspiração contra Augusto.»

De horrores que encontrei por toda a parte:
Era a verdade enfim maior que a fama.
Passado havendo o Ménalo ⁴² abundoso
De horrorosos covis que alojam feras,
O Cilénio de rochas carregado
E o frígido Liceu que os pinhos c'roam,
Do arcádico tirano os lares busco,
Entro os paços inóspitos já quando
Negrejava o crepúsculo da noite.
Dou mostras de que um deus era chegado,
E votos pios me dirige o povo.
Das preces Licáon se ri primeiro,
Depois diz: 'Saberei com prova inteira
Se é deus ou se é mortal.' Dispõe matar-me
Quando os olhos tiver de sono opressos:
Da verdade lhe agrada esta exp'riência.
E inda não pago disto, a espada infame
Vibra contra a cerviz de um desgraçado
Que dos Molossos ⁴³ em reféns houvera.
Aos semivivos, palpitantes membros
Parte amolecem as ferventes águas,
As sotopostas brasas torram parte.
Já nas mesas se impõe, mas de repente
Co'a dextra vingadora o raio agito,
Sobre o cruel senhor derrubo os tetos,
Os tetos e os Penates, dignos dele.
Para o silêncio agreste, agrestes sombras
Foge rapidamente, espavorido,
E querendo falar, uiva o perverso;
Colhem do coração braveza os dentes,
Co' matador costume os volve aos gados,

⁴² Monte da Arcádia — tal como Cilénio e Liceu — e, simultaneamente, nome do filho de Licáon, fulminado por Zeus.

⁴³ Habitantes da Molóssia, situada no Epiro, no noroeste da Grécia.

Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pêlo, as mãos em pés se mudam,
É lobo e do que foi sinais conserva:
As mesmas cãs, a mesma catadura
E os mesmos olhos a luzir de raiva.
Já uma habitação caiu por terra,
Mas digna de cair não é só uma.
Erínis ⁴⁴ senhoreia o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercício que o do crime.
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença.» E fica mudo,
O decreto de Jove alguns aprovam
E à ira horrenda estímulos agregam,
Outros lhe prestam simplesmente assenso.
Dói a todos, porém, o imenso estrago,
Da triste Humanidade o fim lhes custa.
Perguntam qual será da Terra a face,
Qual forma a sua, dos mortais vazia?
Quem há de às aras ministrar o incenso?
Será talvez o mundo entregue às feras?
O que dos homens foi será dos brutos?
Destarte os deuses o vindouro inquirem.
«Não temais (lhe responde o Rei superno),
Esse cuidado é meu, dispus já tudo!»
E melhor geração do que a primeira
Com portentosa origem lhes promete.
Ia já desparzir por toda a Terra
O nume vingador milhões de raios,
Eis teme que a voraz, terrível chama,
Com ímpeto crescida, e levantada
Nos Céus enfim se ateie, os Céus abra-se.

⁴⁴ Erínias ou Euménides, deusas que vingavam os crimes, sobretudo os de natureza familiar. Correspondiam, na mitologia latina, às Fúrias.

À memória lhe vem que leu nos Fados
Que inda a Terra, inda o Mar, inda as Estrelas
Seriam de alto incêndio acometidos,
E a máquina do mundo arruinada.
Depondo as armas que os Ciclopes ⁴⁵ forjam,
Doutra pena se apraz, com outros males
Quer punir os mortais, quer sufocá-los
Co'as soltas águas, derretendo as nuvens
Por todo o Polo em rápidos chuueiros.
Na gruta Eólia ⁴⁶ súbito aferrolha
Aquilão rugidor, e os mais que espancam
Atras procelas, grávidos vapores.
O Noto ⁴⁷ desencerra, e voa o Noto,
Longas as penas mádidas ⁴⁸, envolta
Em densa escuridão a atroz carranca.
Pesam-lhe as barbas com pejadas nuvens,
Goteja-lhe a melena encanecida,
Pousam-lhe as névoas na cabeça horrenda,
Co'as asas e coò peito orvalha os ares.
Tanto que espreme as procelosas sombras
Um ríspido fragor no céu retumba,
E o céu rebenta em hórrida torrente.
Íris ⁴⁹, a núncia da satúrnica Juno ⁵⁰,
Trajando roupas de matiz lustroso,
Embebe as águas e alimenta as nuvens.
Morrem nas louras, trémulas searas
Ao cultor lacrimoso as esperanças,
Um momento destrói dum ano a lida.

⁴⁵ Segundo Pierre Grimal, na lenda, cabe aos Ciclopes fabricar os raios de Júpiter.

⁴⁶ De Éolo, deus do Vento. É representado como um ser de grande envergadura física.

⁴⁷ Deus do Vento do Sul, na Roma Antiga.

⁴⁸ Húmidas, molhadas.

⁴⁹ Ou Hera, consorte de Júpiter/Zeus. Filha de Taumas e de Electra, simboliza a união entre o Céu e a Terra, entre os deuses e os homens, manifestando-se sob a forma de arco-íris.

⁵⁰ Consorte de Júpiter e equivalente, na mitologia grega, a Hera, mulher de Zeus.

Para o furor de Jove os Céus não bastam;
O azul irmão ⁵¹ co'as ondas o auxilia:
Este os rios convoca, e mal que os paços
Entram do iroso, undívago tirano:
«Não careço (lhes diz) para convosco
De longa exortação, fiéis ministros.
Ide, inchai, derramai-vos pelas terras,
Vazem-se de repente as urnas vossas,
Rompa-se o dique às prófugas correntes,
Solte-se o freio às águas. Assim cumpre.»
Ordena, partem, correm, vão-se às fontes,
E as bocas donde saem lhe desapertam:
Volvem depois ao mar desenfreados.
Neptuno vibra o cérulo ⁵² tridente,
Fere a Terra com ele, e treme a Terra
E às águas co'ò tremor franqueia o seio.
Em brava rapidez correndo os rios,
Já dos campos se apossam, já derrubam,
Já consigo arrebatam plantas, gados,
Gentes, habitações e os lares santos.
Se há por dita edificio que não caia,
Se algum resiste ao pavoroso estrago,
A torrente voraz lhe cobre os tetos;
Tremendo as torres, ameaçam queda ⁵³,
Rotas, cavadas pelo embate undoso.
Já se confunde o pélagos co'a Terra,
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.
Qual sobe, resfolgando, alpestre outeiro,
Qual vagueia medroso em curvo barco,
E onde lavraram bois, trabalham remos.
Sobre as perdidias, afogadas messes

⁵¹ Neptuno.

⁵² Da cor do céu; azul-celeste.

⁵³ Nota de Bocage: «Edições vulgares trazem *latent sub gurgite turres*; edições corretas = *labant* =.»

Vai navegando aquele, ou sobre o cimo
Das submersas aldeias, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo.
Ferram-se acaso as âncoras ganchosas
Nos murchos prados que viçosos foram;
De Baco a planta, às ondas sotoposta,
Jaz mordida também dos férreos dentes;
Na relva que os rebanhos tosquiaram
Pousa do equóreo vate o gado informe ⁵⁴;
Assombram-se as Nereides ⁵⁵ de avistarem
Debaixo d'água bosques, edifícios;
Por entre as selvas os delfins volteiam,
Co'as negras trombas pelos troncos batem
E o carvalho a vergar no encontro empurram.
O lobo vai nadando entre as ovelhas,
Em meio da torrente impetuosa
Boiam fulvos leões, manchados tigres.
Não vale aos javalis a força enorme,
A suma rapidez não vale aos cervos.
Buscada longamente, e em vão buscada
Pelas aéreas aves sendo a Terra,
Onde repousem do contínuo voo,
Cansam-se enfim, despenham-se nas águas.
Eis em soberbos torreões de espuma
Tenta o pego arrogante as árduas serras:
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
As ondas que jamais ali ferveram.
Assaltando os misérrimos viventes
No vão refúgio, quase tudo absorvem,
E aqueles que da fúria se lhe esquivam
Em comprido jejum ralados morrem.

⁵⁴ Nota do tradutor: «As focas ou gado de Neptuno e equóreo vate ou profeta é Proteu, deus marinho.»

⁵⁵ Divindades marítimas, filhas de Nereu, «o Velho do Mar», e de Dóris, netas de Oceano. O seu número ascendia a 50, por vezes, a 100.

A Fócida, que os Áticos separa
Dos afamados campos da Beócia,
E terra pingue foi quando foi terra,
É já d'águas envoltas lago imenso.
Ali de cumes dois montanha ingente,
Tendo a ramosa frente além das nuvens,
E arremetendo aos Céus, se diz Parnaso.
Nela Deucalião ⁵⁶ (porque dos mares
Jazia tudo o mais enfim coberto),
Nela Deucalião tinha aportado
Em pequeno baixel co'a terna esposa,
Forçados pelos ímpetos das águas.
Desembarcando os dois, oferçem logo
Interno culto aos nubes da montanha
Às ninfas de Corício, a Témis ⁵⁷ sacra,
De quem ali o oráculo se ouvia.
Nenhum dos Homens excedera aquele
No amor ao justo, no temor aos deuses;
Luziam na consorte iguais virtudes.
Jove, que o mundo vê todo inundado,
Vivos de tantos mil só um, só uma,
Ambos tão pios, tão amáveis ambos,
Coos soltos Aquilões sacode as nuvens,
As pesadas carrancas dos chuueiros,
E a Terra mostra aos Céus, e os Céus à Terra.
Nem do pélagos a fúria permanece:
Coò ferro de três pontas mal que o toca,
As ondas lhe amacia o deus das ondas,
E chamando Tritão ⁵⁸, que levantado
Sobre a água está (cobertos de brilhante
Púrpura natural seus rijos ombros),

⁵⁶ Reza a lenda que Deucalião e a mulher sobreviveram ao dilúvio universal.

⁵⁷ Deusa das leis eternas, uma das esposas de Zeus.

⁵⁸ Deus marinho, filho de Neptuno e da ninfa Salácia, ou, segundo outros mitógrafos, de Posídon e de Anfitrite.

O búzio roncador lhe diz que assopre,
Que no usado sinal ordene aos rios
E ao transbordado mar que retrocedam.
Da sonora e côncava buzina
Lança mão de repente o grão mancebo,
Da buzina, que em círculos, em roscas
Da ponta para cima se dilata,
Que tanto que no seio acolhe os ares,
Dum e doutro hemisfério atroa as praias.
Eis aos lábios a concha o deus aplica
Por entre negras barbas orvalhosas,
Incham-lhe as faces ao robusto assopro ⁵⁹,
Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,
Súbito a seu pesar vem ⁶⁰ recuando.
Este já praias tem, tem ⁶¹ leito aqueles,
E murmuram pacíficos e tardos ⁶²;
Os outeiros assomam, surge a terra,
Os campos crescem, decrescendo as ondas.
Depois de longo espaço os arvoredos,
Os arvoredos nus se vão mostrando:
Dos despojados troncos pendem limos.
Enfim renasce o mundo, e vendo o triste,
O bom Deucalião vazia a Terra
E alto silêncio derramado em tudo,
A Pirra diz chorando: «Ó doce esposa,
Ó tu, que és só, que és única de tantas
Habitantes do mundo, e que ligada
Pelo amor, pelo sangue ⁶³ estás comigo,
Agora ainda mais pelo infortúnio!

⁵⁹ Nota do tradutor: «Este verso é todo meu: a sua propriedade me deu a ousadia de agregá-lo aos de Ovídio.»

⁶⁰ «Vem», por uma questão de métrica.

⁶¹ «Tem», por uma questão de métrica.

⁶² Nota do tradutor: «O original só diz *subsidunt flumina*, abatem-se os rios.»

⁶³ Nota de Bocage: «Era sua prima, segundo a Mitologia.»

Do Nascente ao Poente, em toda a Terra
Só habitamos nós, só nós vivemos:
Tudo mais pelas ondas foi tragado,
E cuido que não tens inda segura
Tua existência, tu, nem eu a minha:
Estas nuvens que observo inda me aterram.
Ah triste! Que farias se arrancada
Ao Fado universal sem mim te visses!
Onde, fria de susto, onde levaras
A planta vacilante, e quem seria
Tua consolação na dor, no pranto?
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo
Te escondesse nas sôfregas entranhas,
Te houvera de seguir o aflito esposo,
Sócio te fora em vida, e sócio em morte.
Oxalá que eu com a paterna indústria
Pudesse reparar a Humanidade ⁶⁴,
Alma infundindo na formada Terra!
Todo o género humano em nós se inclui
(Isto aos Fados apraz, apraz aos deuses),
Ficámos para exemplo de que o mundo
Morada de homens foi.» Disse, e choravam.
Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos oráculos sagrados,
Da deusa Témis invocar o auxílio.
Não tardam, vão-se do Cefiso ⁶⁵ às águas,
Que ainda não bem líquidas caminham,
E apenas pelas frentes, pelas vestes
Os gostados licores desparziram,
Para o templo da deusa os passos torcem.
Manchava torpe musgo a frente, os tetos
Da estância venerável, e jaziam

⁶⁴ Adverte Bocage: «Veja-se a nota primeira», ou seja, a n.º 19.

⁶⁵ Rio da Beócia.

Sem ministro, sem luz, sem culto as aras ⁶⁶.
Como os sacros degraus tocado houvessem,
Sobre a mádida terra os dois se prostram
E dão nas pedras ósculo medroso;
Oram depois assim: «Se justas preces
Tornam benignos os irados numes,
Se a cólera dos Céus com ais se adoça,
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte
Podemos instaurar a espécie humana,
E socorre piedosa o triste mundo.»
Movendo-se a deidade, assim lhes fala:
«Do meu templo saí; cobrindo as fronte,
Soltai as vestiduras que vos cingem,
E para trás depois lançaí os ossos
De vossa grande Mãe.» Tendo ficado
Atónitos os dois espaço grande,
Pirra primeiro enfim rompe o silêncio,
Da divindade as leis cumprir não ousa
E com trémula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos Manes maternais fazer injúria.
Depois disto repetem, pesam, notam
As palavras do Oráculo sombrio;
Té que Deucalião, que o venerando
Filho de Prometeu com brandas vozes
Serena a cara esposa, e diz: «Se acaso
Não revolve ilusões no pensamento,
O oráculo da deusa é justo, é pio,
Não nos ordena o mal, não quer um crime.
A grande Mãe que ouviste, a Mãe de todos
É a Terra, a meu ver são os seus ossos
As pedras, e essas diz que ao chão lancemos.»

⁶⁶ Nota do tradutor: «O texto só diz *sine ignibus*, sem fogo, sem luz. N. B. A boa tradução que Osório fez das *Geórgicas* poderia intimidar-me se as nossas versões não fossem de assuntos tão diversos.»

Bem que esta inteligência agrade a Pirra,
Esperanças com dúvidas se envolvem
E ambos das ordens santas desconfiam;
Mas nisso que lhes vai se as efetuam?
As aras deixam, as cabeças cobrem,
Soltam as roçagantes vestiduras,
E logo para trás as pedras lançam.
Eis (quem te dera crédito, ó portento,
Se anosa tradição não te abonasse!)
Eis que subitamente elas começam
A despir-se do frio e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza
As toca, as amacia, as amolece,
E nelas se perfeito o vulto humano
Logo ali se não vê, se vê contudo,
Em grosseiros sinais a semelhança,
Qual na estátua, no mármore a que apenas
Deu talhe a mão de artífice elegante.
Partes que eram terrenas e sucosas
Nas carnes e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra
Muda-se em ossos, e o que dantes nelas
Veia se nomeou conserva o nome.
Num breve espaço enfim (mercê dos deuses),
As que arroja o varão varões se tornam,
E as que solta a mulher mulheres ficam.
Por isto somos fortes, somos duros,
Aptos a empresas, próprios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constância nossa
Claramente se vê que origem temos.
Os outros animais nas formas vários
A Terra os produziu, sendo escaldado
Pelos raios do Sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o ativo calor se entumeceram,
E das coisas a prósvida semente

Qual no materno claustro ali cerrada,
Nutriu-se, e devagar cresceu, formou-se.
Destarte, havendo enfim retrocedido
A seu amplo depósito profundo
O grão Nilo, que sai de bocas sete,
Co'a etérea flama se afogueia o lodo,
E por entre os terrões quando os revolve
De animais o cultor acha milhares,
Uns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos,
E vê-se muitas vezes que de um corpo
Metade vive já, metade é terra.
Humidade e calor dão vida a tudo
Se mutuamente se temperam ambos.
Bem que d'água contrário o fogo seja,
Sai do húmido vapor quanto é gerado;
A discorde união fermenta e cria.
Portanto a fértil Mãe, a extensa Terra
Do recente dilúvio repassada,
E pelo aéreo lume escandecida,
Inúmeras espécies foi brotando:
Deu ser a algumas com a forma antiga,
Noutras enfim criou não vistos monstros.

III — A MORTE DE PÍRAMO E TISBE ⁶⁷

Poema de Ovídio

Píramo, singular entre os mancebos,
E Tisbe, superior em formosura
A todas as donzelas do Oriente,
Tinham contíguas as moradas suas
Lá onde é fama que de ingentes muros
Semíramis ⁶⁸ cingiu alta cidade ⁶⁹.
A Amor a vizinhança abriu caminho,
Neles foi com a idade Amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que injustos os pais não permitiram.
Em vivo, igual desejo os dois ardendo
(Que isto os pais evitar-lhes não puderam),
Sem confidente algum, só por acenos,
Por sinais se entendiam, se afagavam.
Quando Amor se recata é mais ativo ⁷⁰.
Parede que os dois lares dividia
Rasgada estava de uma ténue fenda
Desde o tempo em que foram fabricados.
Ninguém tinha notado este defeito;
Mas que não sente Amor, que não adverte?
Vós, amantes fiéis, vós o notastes,
E dele se valeu sagaz ternura.
Soíam por ali passar sem medo

⁶⁷ Extraída do livro IV, versos 55 a 166, das *Metamorfoses*, de Ovídio e publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 331. Ficaram famosos os amores de Tisbe e Píramo, em tudo semelhantes aos de Romeu e Julieta, imortalizados por William Shakespeare.

⁶⁸ Mulher de Nino, rei da Assíria.

⁶⁹ Nota de Bocage: «Babilónia»

⁷⁰ Nota de Bocage: «Este verso em sentido próprio pode traduzir-se assim: coberto o fogo, mais calor granjeia.»

Brandas finezas em murmúrio brando.
De uma parte o mancebo, e Tisbe de outra,
Prestando unicamente, e recebendo
Seu hálito amoroso, assim carpiam:
«Invejosa parede, a dois amantes
Porque, porque te opões? Ah! Que importava
Que perfeita união nos consentisses?
Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses
Aos ósculos de Amor lugar bastante;
Mas não somos ingratos, confessamos
Que os nossos corações a ti só devem
Doce conversação que os desafoga.»
Separados assim, e em vão diziam.
Dando um saudoso adeus, já quase à noite,
Ao partir cada qual suave beijo
Na parede insensível empregava,
Nem que o terno penhor chegar pudesse
Aonde o dirigia o pensamento.
Um dia quando, roto o véu noturno,
Tinha ante os lumes da serena Aurora
Desmaiado nos céus a luz dos astros,
E Febo ⁷¹ com seu raio ia secando
Sobre as ervas subtis o frio orvalho,
Ao lugar do costume os dois volveram.
Depois de mutuamente se queixarem
Da pesada opressão que os constrangia,
Com mais cautela ainda, em tom mais baixo
Concertam entre si que em vindo a noite
Haviam de iludir os pais e os servos,
De seus lares fugindo e da cidade;
Que, por não se perderem vagueando
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga

⁷¹ Epíteto de Apolo.

Sepultura de Nino ⁷² ambos parassem,
Postos à sombra de árvore frondosa.
Esta árvore que ali ao ar se erguia,
Carregada de frutos cor de neve
(Então da cor de neve até maduros),
Era a grata amoreira; amena fonte,
Fervendo junto dela, o chão regava.
Quadrou o ajuste, e nas cerúleas ondas
Caindo, tardo o Sol para os amantes,
E donde o Sol caiu surgindo a noite,
Achada ocasião, por entre as sombras
Tisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus e sai. Cobrindo o rosto,
Caminha para o túmulo de Nino,
Chega e debaixo da árvore se assenta.
Dava Amor ousadia à linda moça.
Eis que feroz leoa, ensanguentada
De recente matança a boca enorme,
Assoma e vem depor na fonte a sede.
Porque o pleno luar cobria o campo
A vê ao longe a babilónia Tisbe,
E com tímidos pés em gruta umbrosa
Vai sumir-se, correndo e palpitando,
E na carreira o véu lhe cai por terra.
Depois que o torvo bruto a sede ardente
Nas águas apagou, tornando aos bosques,
O solto véu sem Tisbe acaso encontra,
E no sanguíneo dente o despedaça.
Píramo, que do lar saiu mais tarde,
Que vê no erguido pó sinal da fera,
E de fera no chão pegadas nota,
Descorando, estremece, e tinto em sangue
Acha o caído véu. «Numa só noite

⁷² Nota de Bocage: «Nino, rei de Babilónia.»

(Diz ele) dois Amantes se perderam,
Perdeu-se a bela, a triste, a desgraçada
Que de longa existência era tão digna.
Eu tive toda a culpa, eu, miserando,
Eu fui quem te matou, fui quem te disse
Que de noite, que só te aventurasses
A tão ermo lugar, tão pavoroso,
E para te acudir não vim primeiro.
Lacerai-me este corpo abominável,
Devorai-me estas bárbaras entranhas,
Ó leões que jazeis por essas grutas;
Mas chamar pela morte é só dos fracos.»
Já da terra levanta o véu de Tisbe,
E para a fértil planta se encaminha,
Vai com ele ao lugar do terno ajuste.
Cobrindo-o lá de lágrimas e beijos,
«O meu sangue (lhe diz) também te regue,
Recebe, ó triste véu, também meu sangue.»
E súbito, despindo o ferro agudo
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra;
Da ferida mortal o extrai, o arranca,
E de costas no chão depois baqueia.
Em roxos borbotões lhe ferve o sangue,
E lhe salta com ímpeto, à maneira
De alto e cheio aqueduto que rebenta,
Que estrondoso arremessa ao longe as águas,
Co'á soberba impulsão rompendo os ares.
Da ramosa amoreira os alvos frutos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra cor a antiga mudam,
E do sangue a raiz humedecida,
Logo às amoras purpureia o sumo.
De todo não perdido ainda o medo,
Volta a gentil donzela ao fatal sítio
Por que a não ache em falta o caro amante.
Co'os olhos, e co'espírito o procura,
Desejosa de expor-lhe o grave risco

De que pôde escapar. Notando a planta
Mudada no exterior, a desconhece,
Duvida se é a mesma. Enquanto hesita
Vê tremer e arquejar na terra um corpo,
Na terra que de sangue está manchada.
Recua de terror, pálida, absorta,
Arrepiam-se e freme, à semelhança
Do rouco mar se as virações o encrespam.
Mas depois que atentando enfim conhece
A porção da sua alma, os seus amores,
Rompe em choros, em ais, maltrata o peito,
O peito encantador que o não merece,
Arranca delirante as loiras tranças,
Entre os braços aperta o corpo amado,
Verte amargosas lágrimas no golpe,
Correndo misturados sangue e pranto,
Piedosos beijos dá no rosto frio,
Clama: «Ó Píramo, ó Céus! Que duro caso
Te arrebatam de mim? Píramo, escuta,
Responde-me, querido, a tua amada,
A tua fiel Tisbe é quem te chama;»
O semblante abatido ergue da terra,
Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do peso da morte enfraquecidos,
Volve-os a Tisbe, e para sempre os cerra.
Nisto aquela infeliz o véu distingue,
Vê do extinto amador a nua espada.
«Teu amor, tua mão te hão dado a morte!
Eu também tenho mãos (exclama a triste),
Eu também tenho amor capaz de extremos,
Que esforço me dará para seguir-te.
Sim, eu te seguirei, serei chamada
Da tua desventura a causa, a sócia.
Ai! Só podia a morte separar-nos...
Mas não, nem ela mesma nos separa.
Ó vós, dai terno ouvido às preces de ambos,

Miseros pais de míseros amantes,
Que une por lei do Fado Amor e a Morte;
Deixai que o mesmo túmulo os encerre.
E tu, árvore, tu, que estás cobrindo
Agora um só cadáver miserando,
Logo dois cobrirás. Sinais conserva
Da tragédia que vês, e por teus frutos
Difunde sempre a cor de luto e mágoa,
Monumento fatal do negro caso.»
Cala-se, encosta o peito à férrea ponta,
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E trespassa-se, e cai. Das preces tristes
Contudo os Céus e os pais se enterneceram.
Nos ramos da frondífera amoreira
Quando maduro está negreja o fruto,
E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou numa só urna as cinzas de ambos.

IV — A GRUTA DA INVEJA ⁷³

Poema de Ovídio

É a estância da Inveja em gruta enorme
Lá nuns profundos vales escondida,
Aonde o Sol não vai, nem vai Favónio ⁷⁴.
Reina ali rigoroso, eterno frio,
De húmidas, grossas névoas sempre abunda.
O monstro vive de vipéreas carnes,
Dos seus tartáreos vícios alimento.

⁷³ Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 337. Excerto do segundo livro das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 761 a 782.

⁷⁴ Vento ameno que sopra do Ocidente, na primavera.

Da morte a palidez lhe está no aspeto,
Magreza e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revés; ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja;
Vê-se o fel verdejar no peito imundo,
Espumoso veneno a língua verte;
Longe o riso lhe jaz dos negros lábios,
Só se nos mais há pranto há nela riso,
Em não vendo chorar lhe acode o choro;
Não goza de repouso um só momento,
Os cuidados que a roem não sofrem sono:
Mirra-se de pesar ao ver nos Homens
Qualquer bem, rala, e rala-se a maligna,
É verdugo de si, ódio de todos ⁷⁵.

V — MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO ⁷⁶

Poema de Ovídio

Não contente Lieu ⁷⁷ de ter vingado
A morte acerba do apolíneo vate ⁷⁸,
Até dos campos bárbaros se ausenta ⁷⁹.
Com séquito melhor dirige os passos
A ver do seu Timolo as fartas vides
E do Pactolo ⁸⁰ as margens, bem que ainda

⁷⁵ Nota de Bocage: «A versão é salteada, porque é só do episódio.»

⁷⁶ Do livro XI, versos 85 a 145, das *Metamorfoses*, de Ovídio. Foi publicado no segundo tomo das *Rimas*, Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 338.

⁷⁷ Baco.

⁷⁸ Nota de Bocage: «Orfeu»

⁷⁹ Nota de Bocage: «Os de Trácia, onde Orfeu foi morto pelas Bacantes.»

⁸⁰ Rio da Ásia Menor (Turquia atual), que nasce no monte Tmolos (Bocage escreve «Timolo», por razões métricas).

Não tivesse o cristal mudado em ouro,
Nem co'as areias suscitasse invejas.
Usada turba, sátiros, bacantes
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno ⁸¹.
Por frígios montanheses foi colhido,
Dos anos e licores titubante,
E preso em laços de travadas flores,
A Midas, a seu Rei, o apresentaram.
Este do trácio Orfeu, do grego Eumolpo ⁸²
Outrora as Orgias ⁸³ recebido havia.
Dos sacrifícios conhecendo o sócio,
Vendo o mestre de Brómio ⁸⁴, logo ordena
Do hóspede à vinda geniais festejos:
Dez dias, noites dez a soleniza.
Fósforo ⁸⁵ já dos astros a coorte
Pela undécima vez afugentara.
Risonho parte o Rei aos lídios campos,
Sileno restitui ao moço aluno.
Do achado precetor Leneu ⁸⁶ gostoso,
De qualquer dom a escolha of'rece a Midas.
Grato o prémio lhe foi, mas foi-lhe inútil,
Porque ele, usando mal do grande arbítrio,
«Nume (lhe respondeu), manda que tudo,
Que tudo o que eu tocar se torne em ouro.»
Ao rogo anui o deus, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o frígio vai do mal que leva,
Quer da promessa exp'rimentar o efeito,

⁸¹ Figura mítica dotada de grande sabedoria. Só a revelava aos homens quando a isso era forçada.

⁸² Segundo a mitologia grega, foi rei da Trácia e instituiu os mistérios de Elêusis.

⁸³ Nota de Bocage: «Festas de Baco.»

⁸⁴ Dioniso, na mitologia grega, e Liber Pater, na antiga mitologia romana.

⁸⁵ A Estrela da Manhã.

⁸⁶ Baco.

Quer palpar quanto vê. Quase sem crer-se,
O braço estende a uma árvore não alta ⁸⁷,
Verde ramo lhe extrai, e é ouro o ramo;
Do chão ergue uma pedra: a pedra é ouro;
Roça um terrão, e ao tato portentoso
Fica o negro terrão lustrosa massa.
Louras espigas num punhado arranca:
Ei-lo já convertido em áurea messe;
Um pomo tem na mão, colhido apenas:
Parece das Hespéridas ⁸⁸ um mimo.
Se acaso os dedos põe nas altas portas,
As portas de improviso estão brilhantes;
Água em que lava as mãos, das mãos caindo,
É tal que a Dánae ⁸⁹ seduzir pudera.
Tudo mudado em ouro imaginando,
No peito a custo as esperanças cabem.
Os servos lhe aprestaram lauta mesa,
Mas de Ceres ⁹⁰ aos dons se a dextra move,
Enrijam-lhe na dextra os dons de Ceres;
Se ávido aplica ao dente as iguarias,
Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;
Une o licor do nume, autor do assombro,
Com água cristalina, à boca os ergue:
Da boca se deslizam pingos de ouro.
Atónito do mal terrível, novo,
O opulento, o infeliz fugir deseja
Das riquezas fatais, detesta o mesmo
Que há pouco apeteceu. nenhuns manjares

⁸⁷ Nota de Bocage: «O original diz azinheira, mas não julguei nisto essencial a fidelidade.»

⁸⁸ Segundo a mitologia greco-latina, as Hespérides, ninfas que habitavam próximo do monte Atlas, no Norte de África, tinham como missão guardar o jardim dos deuses, onde cresciam as famosas maçãs de ouro.

⁸⁹ Alusão à lenda mitológica segundo a qual Dánae concebeu o filho Perseu por artimanha de Zeus, que, metamorfoseando-se em chuva de ouro, caiu do teto no seio da jovem.

⁹⁰ Deusa da Agricultura, em especial das searas.

Podem matar-lhe a precisão que o mata,
Árida sede torra-lhe a garganta;
O ouro mal cobiçado é seu tormento,
É seu justo castigo. Aos Céus alçando
As mãos luzentes, os luzentes braços:
«Perdoa, grão Leneu, pequei, perdoa,
Comove-te de mim (lhe diz), e afasta
Dum mísero este dano especioso.»
Os deuses são benignos. Baco ao triste,
Que pesa a culpa, que a maldiz, que a chora,
A promessa retrai, e o dom funesto.
«Mas, para que não fique a ti ligado
Mal que julgaste um bem (lhe adverte o nume),
Vai ao rio ⁹¹ vizinho à grande Sardes.
Pelo cume da serra, ao lado oposto
Àquele donde as águas escorregam,
Caminha até chegar onde elas nascem.
Na parte em que ferver mais ampla a fonte
Mergulha, lava o corpo e lava o crime.»
Na apontada corrente o rei se banha,
Aurífera virtude as águas tinge,
Passa do corpo de repente ao rio.
No espriado licor participando
Do germe que dourou a antiga veia,
É fama que inda agora amarelejam
Com mádidos ⁹² terrões aqueles campos.

⁹¹ Nota do tradutor: «O Pactolo»

⁹² Húmidos.

VI — PICO E CANENTE ⁹³

Poema de Ovídio

Pico, de Ausónia ⁹⁴ rei, satúrnica prole,
Nas graças corporais era extremado,
Do espírito nos dons não menos belo.
Quarta vez o espetáculo guerreiro
Que em Élide se usou de lustro em lustro ⁹⁵,
Não podendo o mancebo inda ter visto,
Já olhos, já suspiros atraía
Das Dríades ⁹⁶ gentis nos lácios ⁹⁷ cumes.
Vós o amáveis também, vós o seguíeis,
Cândidas filhas das serenas fontes,
Ó Náiades do Tibre e do Numício,
Deusas do Nar veloz, do Almo pequeno,
Do Fáfaro ⁹⁸ sombrio e do Ânio ⁹⁹ puro,
Co'as outras, que da cítica ¹⁰⁰ Diana
Moram nos bosques, nos vizinhos lagos.
Mas todas enjeitava e quis só uma,
Só uma o cativou, penhor mimoso
Que lá no monte Palatino a Jano
(Segundo é tradição) Venília dera.
Nos anos de Himeneu floresce a ninfa;
Preferido entre mil competidores,

⁹³ Do livro XIV das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 320 a 434. Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, pp. 342-347.

⁹⁴ Itália.

⁹⁵ Nota do tradutor: «Os Jogos Olímpicos, que no princípio de cada cinco anos se faziam em Élide, cidade da Grécia.»

⁹⁶ Na mitologia grega, ninfas que habitavam os bosques.

⁹⁷ Do Lácio, região de Itália em que se integra Roma.

⁹⁸ Rio da Sabina, não distante de Roma.

⁹⁹ Rio que desagua no Tibre.

¹⁰⁰ Da Cítia, região da Eurásia.

Eis a Pico em Laurento ¹⁰¹ Amor a entrega.
Rara na gentileza era Canente,
Raríssima, porém, na voz, no canto:
Com ele pedras, árvores movia,
Detinha os rios, amansava as feras,
Tirando às aves o temor e o voo.
Ela o seu doce amor cantava um dia,
Quando aos laurentes campos contra os bravos,
Cerdosos javalis saiu o esposo.
De alentado ginete o dorso oprime,
Tem na dextra e sinistra agudas lanças,
Preso o fenício manto ¹⁰² em laço de ouro.
Fora a filha do Sol ¹⁰³ aos mesmos bosques
Para colher no monte as ervas novas,
Distante dos Circeus, a quem deu nome.
Duns ramos escondida o moço vendo,
Se assombra, caem-lhe as ervas que apanhara;
Já lhe lavra a paixão de veia em veia.
Apenas volve a si do vivo assalto,
Tenta manifestar o ardor interno,
Mas do ginete a fêrvida presteza
E os circunstantes guardas o estorvaram.
«Nem que te roube o vento hás de escapar-me,
Se inda eu sou a que fui, se inda há virtude
Nas plantas e meus versos não me enganam.»
Diz, e eis um javali de aéreo corpo,
Finge-o, perante o rei correr o manda
E mostrar que se acolhe aos densos matos
Em parte onde o cavalo entrar não possa.
De imaginária presa alucinado,
Salta o mancebo das fumantes costas,

¹⁰¹ Cidade do Lácio.

¹⁰² Nota de Bocage: «Da Fenícia, isto é, cor de púrpura.»

¹⁰³ Nota de Bocage: «Circe era chamada filha do Sol e tida por maga porque conhecia a virtude das plantas.» Aparece na *Odisseia* e nas lendas dos Argonautas.

Segue esperança vã, falaz objeto,
Discorre aqui e ali pela alta selva.
Já Circe principia as magas preces,
Em verso ignoto adora ignotos deuses,
Verso com que enegrece, esconde a Lua,
Com que o Sol, com que o pai de sombras mancha.
Assim que os sons do encanto o céu condensam,
Que um vapor tenebroso a terra exala
E pelo bosque os mais vagueiam cegos,
No escuro as guardas já do rei perdidas,
Apto o lugar, e o tempo achando a amante:
«Ó tu, entre os mortais o mais formoso
(Suspirando lhe diz), por esse aspeto,
Por esses que os meus olhos encantaram
E fazem com que eu, deusa, te suplique,
Premeia ativo amor em que me inflamas,
O Sol que tudo vê por sogro aceita,
Duro não fujas da titânia Circe.»
Disse, porém feroz ele a rejeita,
Ele rogos e afagos lhe repulsa,
Responde: «Não sou teu, quem quer que sejas;
Outra me tem cativo, e praza aos nunes
Que dure longamente o cativoiro.
Os laços conjugais, os puros laços
Não hei de enxovalhar de amor externo
Enquanto amigos Fados me guardarem
De Jano ¹⁰⁴ a filha, a singular Canente.»
Circe (enfadada de lhe instar sem fruto)
Diz: «Não, não hás de impunemente amá-la,
Nem jamais tornarás a ver a esposa.
Mulher depois de amante e de ofendida
Conhecerás o que é: para teu dano
Sou mulher, ofendida, amante e Circe.»

¹⁰⁴ Deus romano, que é representado com dois rostos: um olhando em frente, outro para trás.

Ao Ocaso, ao Nascente então se volta,
Duas vezes àquele, a este duas,
Depois no corpo do gentil mancebo
Três toques dá co'a vara, e diz três versos.
Ele foge, e da própria ligeireza,
Da nímia rapidez vai admirado,
Eis que subitamente em si vê asas.
Afrontado, raivoso de sentir-se
Ave nova adejar nos lácios bosques,
Despede o fero bico aos duros troncos,
Com fúria aqui e ali golpeia os ramos.
Cor do purpúreo manto as penas ficam,
Em penas o áureo nó também se torna,
Listra doirada lhe rodeia o colo,
E a Pico ¹⁰⁵ do que foi só resta o nome.
Entretanto por ele os seus clamavam,
Sem podê-lo encontrar na longa selva.
Circe enfim lhe aparece (as auras tinha
Adelgado já, já permitido
Que o Sol e o vento as névoas dissipassem);
Mil crimes exprobrando à vingativa,
Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,
E dispõe-se a cravar-lhe as férreas lanças.
Sucos de atro veneno a maga entorna,
A Noite, os numes dela, o Caos, o Averno
Pelo forçoso encanto ali convoca
E ora à terrível Hécate ¹⁰⁶, ululando.
Eis salta do lugar (que espanto!) o bosque,
Amarelece a folha, e geme a terra,
Tingem-se as ervas de sanguíneas manchas,
Roucos bramidos saem das rotas penhas,
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,

¹⁰⁵ Nota do tradutor: «Picus é o picanço, ave.»

¹⁰⁶ Deusa da mitologia grega, associada à magia e à feitiçaria.

Vê-se o chão delas negro e ténues sombras
Nos ares em silêncio andar girando.
Atónitos de horror descoram todos;
Mas co'a vara tremenda e venenosa
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.
Pelo tato fatal se tornam monstros
De improviso os mancebos lastimosos,
Em nenhum permanece a antiga forma.
Já no Ocidente o Sol fechara o dia ¹⁰⁷,
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido esposo inda esperava.
Pisam bosques e bosques servos, povo,
E com fachos nas mãos exploram tudo.
A ninfa de chorar não se contenta,
Aos ais, aos gritos e arrancando as tranças,
Quantos extremos há todos pratica;
Sai, corre, vaga, insana, os lácios campos.
Seis luas (infeliz!), seis sóis a viram
Em contínuo jejum, contínua vela
Por vales, por florestas, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto e do caminho enfim cansada,
O Tibre a viu cair na margem sua.
Ali ao desamparo, ali sozinha
A triste, modulando acerbas mágoas,
Soltava um ténue som, qual canta o cisne
O débil verso precursor da morte.
A amante deplorável manso e manso
Em lágrimas saudosas se liquida,

¹⁰⁷ Nota de Bocage: «Este verso mais fielmente é 'O Sol caíra nos Tartéssios mares'. De Tartéssia, antiga cidade de Espanha no Estreito de Gibraltar: praia diz o texto, mas não o sofre a nossa Poesia.» Segundo Rebelo Gonçalves, o topónimo grafar-se-ia, hoje, como «tartesco».

Vai-se ali pouco a pouco atenuando
E nas auras subtis se desvanece.
Pelo caso o lugar ficou famoso:
Vós, do nome da ninfa miseranda
Canente, ó priscas Musas, lhe pusestes.

VII — A DESCIDA DE ORFEU AOS INFERNOS
A BUSCAR EURÍDICE ¹⁰⁸

Poema de Ovídio

De rutilantes vestes adornado,
Himeneu ¹⁰⁹ rompe o ar e à Trácia voa,
Lá donde o chama Orfeu, porém de balde.
O deus, sim, presidiu do vate às núpcias,
Mas não levara ali solenes vozes,
Nem presságio feliz, nem ledo rosto.
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
E, em vez de viva luz, soltar um fumo
Lutuoso e fatal; vãmente o nume
Tentou co'ò movimento erguer-lhe a chama.
O efeito foi pior que o mesto ¹¹⁰ agouro.
Enquanto a linda noiva os prados gira,
Das Náíades ¹¹¹ gentis acompanhada,
Áspide oculto fere o pé mimoso.
Morre a moça infeliz, e o triste amante,
Depois de a lamentar aos Céus e à Terra,

¹⁰⁸ Composição traduzida do livro x das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 1 a 82. Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 348.

¹⁰⁹ Pierre Grimal, *Dicionário de Mitologia...*: «Deus que conduz o cortejo nupcial.»

¹¹⁰ Lúgubre, sinistro.

¹¹¹ Na mitologia greco-romana, eram ninfas que presidiam às fontes e a outras correntes de água.

Empreende comover do Inferno as sombras,
Afoito desce a vós, tenáreas ¹¹² portas.
Por entre baralhada, aérea turba,
Cujos restos mortais sepulcro logram,
Aos negros paços vai do rei das trevas,
Vê do tirano eterno o trono horrendo.
Lá casa os sons da voz e os sons da lira,
Às Deidades cruéis lá diz: «Ó deuses,
Deuses do mundo sotoposto ¹¹³ à Terra,
No qual se há de sumir tudo o que existe!
Se acaso a bem levais que ingénuas vozes
O artifício removam, crede as minhas.
Não venho para ver o opaco Averno ¹¹⁴,
Nem para agrilhoar as três gargantas
Do monstro Meduseu ¹¹⁵, que erriçam cobras.
Atrai-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pisada víbora o veneno
Nas veias desparziu, a flor murchando
Dos anos festivos, inda crescentes.
Constância quis opor ao dano acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos Céus bem conhecido;
Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rapto que pregoa antiga fama ¹¹⁶,
Vós também pelo Amor ligados fostes.
Ah por este lugar que abrange o medo,
Por este ingente caos, silêncio vasto,
Que do profundo império o seio ocupam,
De Eurídice gentil à doce vida
O fio renovai, tão cedo roto.

¹¹² Dos Infernos.

¹¹³ Que está por baixo.

¹¹⁴ O Inferno.

¹¹⁵ Cérbero, «o cão do Hades», que tinha três cabeças e guardava o reino dos mortos.

¹¹⁶ O rapto de Prosérpina, perpetrado por Plutão.

Ela, todo o mortal vos é devido,
Vem tudo, agora ou logo, à mesma estância,
Para aqui pende tudo, é este o nosso
Derradeiro, infalível domicílio;
Vós tendes, vós gozais, a vós compete
Da espécie humana o senhorio imenso;
A que exijo de vós há de ser vossa
Por inviolável jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira;
O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se o Destino repugna ao bem que imploro,
Se a esposa me retém, sair não quero
Deste horror: exultai co'a morte de ambos.»
O triste, que assim une o verso à lira,
Os exangues espíritos deploram:
À fugaz linfa Tântalo ¹¹⁷ não corre,
A roda de Ixíon ¹¹⁸ de assombro pára,
Os abutres cruéis não mordem Tício ¹¹⁹,
As Bélides ¹²⁰ os crivos cair deixam,
Tu, Sísifo ¹²¹, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides ¹²² é fama
Que pela vez primeira os negros olhos

¹¹⁷ Filho de Pluto, uma ninfa, e de Zeus, que o condenou perpetuamente à fome e à sede por ter revelado os segredos dos deuses. De acordo com a *Odisseia*, Marte amarrou-o com cadeias e colocou-o num lago dos Infernos, junto de um ramo com frutos. Sempre que tentava beber água com comer, via de imediato o objeto do seu desejo afastar-se.

¹¹⁸ Por ser autor de dois crimes — o assassinio do sogro e a tentativa de violação de Hera —, Zeus sujeitou-o a um castigo eterno: foi amarrado a uma roda em chamas, a qual girava celeremente.

¹¹⁹ Gigante que quis violentar Leto, mulher de Zeus. Este fulminou-o e arremessou-o aos Infernos, onde duas águias comiam o seu fígado, o qual renascia com as fases da Lua.

¹²⁰ As Danaides, que mataram os seus maridos. Arremessadas aos Infernos, foram condenadas a encher com água, eternamente, um recipiente que estava furado.

¹²¹ Sísifo foi condenado a empurrar um rochedo até ao cimo de uma montanha; porém, este rolava inelutavelmente antes de ele atingir aquele desiderato de Zeus.

¹²² O equivalente às Erínias ou Fúrias, violentos génios do mundo infernal, que puniam sobretudo crimes de índole familiar.

Algumas ténues lágrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite ¹²³ enorme
Ousam negar piedade ao vate orante.
Chamam súbito Eurídice. Envolvida
Entre as recentes sombras ela estava:
Eis o mordido pé vem manso e manso.
Recebe o trácio Orfeu co'a bela esposa
Lei de que para trás não volte os olhos,
Enquanto for trilhando o feio abismo,
Se nula não quiser a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, bastas névoas carregado,
Um após outro, os dois vão em silêncio.
Já do tartáreo fim distavam pouco.
Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:
De repente lha roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o mísero somente o vento abraça.
Ela morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido,
E recai a infeliz na sombra eterna.
Fica atónito Orfeu co'a dupla morte
Da malfadada esposa, como aquele
Que num dos colos viu com rijos ferros
Preso, arrastado à luz o Cão trifuace,
E que o mudo pavor despiu somente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo imoto e frio;
Ou qual o que a si mesmo impôs um crime,
Óleno, que de réu quis ter o nome

¹²³ Uma outra forma de designar Plutão, deus dos Infernos.

Por te salvar, misérrima Leteia ¹²⁴,
Orgulhosa de mais com teus encantos,
Tu, que foste côesposo outrora uma alma
Repartida em dois corpos, que hoje és pedra
Com ele, e juntos no Ida estais sustidos.
O estígio ¹²⁵ remador expulsa o vate,
Que ora, que em vão tornar ao Orco ¹²⁶ intenta.
Sete dias jazeu na margem triste
Sem nutrimento algum: só a saudade,
As lágrimas, a dor o alimentaram.
Depois de prantear vossa fereza,
Numes do Inferno, ao Ródope ¹²⁷ se acolhe,
E ao Hemo ¹²⁸, de Aquilões ¹²⁹ sempre agitado.
Dera o giro anual três vezes Febo ¹³⁰,
E sempre o terno Orfeu de Amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
À miseranda esposa: repulsadas,
Mil belas Ninfas seus desdéns carpiram ¹³¹.

¹²⁴ Leteia, mulher de Óleno, filho de Júpiter, de acordo com Ovídio. Segundo Pierre Grimal, Leteia pretendeu «rivalizar em beleza com uma deusa, e seu marido tentou livrá-la do castigo, chamando a si a responsabilidade da falta. Mas ambos foram transformados em estátuas de pedra» (*Dicionário de Mitologia...*).

¹²⁵ Eventualmente, Caronte, embora não coubesse a este génio infernal remar a barca que atravessava o rio Aqueronte, tarefa desempenhada pelas almas penadas.

¹²⁶ Inferno.

¹²⁷ Cadeia montanhosa da Trácia.

¹²⁸ Monte da Trácia.

¹²⁹ Ventos violentos do Norte.

¹³⁰ Apolo.

¹³¹ Nota de Bocage: «Depois da bela descrição que da descida de Orfeu aos Infernos faz Virgílio no quarto livro das *Geórgicas*, só o engenho de Ovídio podia ser original em iguais circunstâncias, o que pode ver-se, comparando ambos os lugares.»

Poema de Ovídio

Da tua morte, ó César ¹³³, teve o mundo
 Não duvidosos, tétricos presságios.
 É fama que em fulmíneas, atras nuvens,
 Tubas horrendas, armas estrondosas,
 Duros clarins os Polos atroaram,
 Do negro parricídio anúncios dando;
 É voz geral também que o Sol tristonho
 Um pálido clarão mandava à Terra,
 Que nos ares arder se viram fachos,
 E em chuveiros cair sanguíneas gotas;
 De ferrugíneo véu surgir a Aurora,
 De sangue o carro teu vir tinto, ó Lua.
 Com dolorosos sons o mocho esquerdo ¹³⁴
 Lugares mil entristeceu de agouros,
 Noutros mil o marfim ¹³⁵ se viu chorando.
 Foram cantos e vozes de ameaço
 Sentidos nas florestas consagradas;
 Aceita aos nubes vítima não houve:
 Feros tumultos, iminentes males
 Vinham na rota fibra aparecendo;
 Achou-se nas fatídicas entranhas
 Decepada cabeça gotejante;
 No Foro, em torno aos templos, ante os lares

¹³² Composição publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 352. Faz parte do livro xv das *Metamorfoses*, de Ovídio.

¹³³ Comandante militar muito celebrado, Gaio Júlio César (101 a. C.-44 a. C.) foi hegemónico na cena política romana durante vários anos, não sem grandes confrontos políticos e militares, tendo o último culminado com o seu assassinato, perpetrado por Bruto e Cássio.

¹³⁴ Nota de Bocage: «Estígio diz o texto.»

¹³⁵ Nota de Bocage: «Estátuas dos deuses.»

Os cães noturnos ulular se ouviram,
Roma tremeu, por ela andaram sombras.
Tolher o efeito de vindouros fados,
De medonha traição tolher o efeito
Não puderam do Céu contudo avisos.
Entram punhais sacrílegos no templo:
Que teatro da bárbara tragédia,
Da ação nefanda, o teu senado, ó Roma ¹³⁶!
A alma ¹³⁷ Vénus, porém, baixando à cúria,
Entre os conscritos invisível pára
Enquanto da perfídia os golpes fervem.
Eis de César o espírito arrebatada
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,
Quer apurá-lo nos etéreos lumes ¹³⁸.
Erguendo-o vê que luz, vê que se inflama:
Ela o solta, ele voa além da Lua.
De acesa grenha, de espaçosa cauda,
No céu girando, resplandece estrela ¹³⁹.

¹³⁶ Nota de Bocage: «Aqui não fui tão fiel, mas, cotejada a versão com o texto, ver-se-á que o não ultrajei.»

¹³⁷ Benigna.

¹³⁸ Nota de Bocage: «O original tem só *Caelestibus intulit Astris*. Também não traduzi seguidamente, omitindo os louvores de Augusto, cujas proscricções lhe escurecem e afeiam a memória.»

¹³⁹ Nota de Bocage: «Em outro volume que apronto espero dar ao público a versão destes mesmos agouros, que vêm no primeiro livro das *Geórgicas*, o que me confirma a opinião de que Ovídio tem um modo original até imitando.» Infelizmente, o poeta não cumpriu aquele desiderato.

IX — PROGNE, TEREU E FILOMELA ¹⁴⁰

Poema de Ovídio

Bárbaros esquadões, que o mar trouxera,
As muralhas de Atenas aterravam.
Tereu, da Trácia rei, com presto auxílio
À cidade acudiu e os pôs em fuga,
Colhendo na vitória egrégio nome.

O grato Pandión ¹⁴¹ ao grão monarca,
Nas forças, na opulência abalizado,
E alta progénie do imortal Gradivo ¹⁴²,
Deu, como em recompensa, uma das filhas,
O uniu com Progne em vínculo amoroso.

Ao rito, à festa nupcial não foram
Presidente Himeneu, pronuba ¹⁴³ Juno;
Nenhuma das três Graças ¹⁴⁴ veio ao toro.
As horrorosas Fúrias o erigiram,
Em torno dele as horrorosas Fúrias
Nas dextas negrejantes empunharam
Tochas, roubadas a funérea pompa.
Sobre o dossel do tálamo sinistro
Pousou na infausta noite ave agoureira;

¹⁴⁰ «Metamorfose extraída das de Ovídio», livro VI, versos 423 a 676. Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, vulgarmente apelidado 3.º volume das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 194.

¹⁴¹ Nota de Bocage: «Rei de Atenas.»

¹⁴² Epíteto de Marte.

¹⁴³ Aquela que preside aos casamentos.

¹⁴⁴ Aglaia, Talia e Eufrosine, divindades romanas da Beleza; filhas de Júpiter e de Vénus, equivalentes, na mitologia helénica, às Cárites.

Muda assistiu ao conjugal mistério:
Ante ela esposos foram, pais ante ela.
Co' a vergõntea ¹⁴⁵ dos reis a Trácia folga,
Mil incensos aos Céus, mil graças manda,
E a festejo anual consagra o dia
Em que ao feroz Tereu foi Progne dada,
Em que o fruto de amor, Ítis mimoso,
Veio dar glória aos pais e ao longo Estado:
Tanto o mortal ignora o que lhe é útil!

Cinco vezes o Sol já volteara
Os céus, de primavera em primavera,
Quando Progne, afagando o duro esposo,
«Se um favor te mereço, ou me conduze
A abraçar minha irmã (lhe diz), ou corre,
Corre a buscá-la. Ao sogro encanecido
Jura restituí-la em curto espaço.
Uma impagável dádiva, um tesouro
Na irmã te deverei.» Tereu se apronta,
Arma os curvos baixéis, e a vela, os remos
Pelo porto Cecrópio ¹⁴⁶ se introduzem.

Já surge, e do Pireu ¹⁴⁷ já desce às praias.
Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,
Travam conversação com triste agouro.
O Trácio a referir enfim começa
Os desejos, as súplicas da esposa,
E a afirmar o prontíssimo regresso.
Ante eles Filomela eis aparece,
Rica em traje, riquíssima em beleza,
Como ouvimos dizer que nas florestas

¹⁴⁵ Prole.

¹⁴⁶ Ateniense, do nome do homónimo rei lendário de Atenas.

¹⁴⁷ Nota de Bocage: «Porto de Atenas.»

As Dríades ¹⁴⁸, as Náíades passeiam,
Figurando-lhe a ideia o mesmo adorno.
Tereu, à face da estremada virgem,
Fica absorto, encantado, arde em silêncio,
Qual flama que, nos campos ateadas,
A relva, as folhas, as searas come.
Da bela os olhos este ardor merecem;
Mas férvido apetite impetuoso
Pula no peito do ansiado amante,
E a torpe, viciosa natureza
Do seu clima brutal, propenso a Vénus.
Cego anelando a cândida donzela,
Impulsos tem de corromper-lhe as servas
E a mãe segunda que a nutrirá ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão que o desespera,
Mas estragar por ela o mesmo império,
Ou antes arrancá-la, e defendê-la
Em pertinaz conflito, em brava guerra;
Nada vê que não ouse ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No aceso coração não cabe a chama,
A demora fatal sofrer não pode.

Da saudosa consorte eis o perverso
As preces, as instâncias exagera,
E nos desejos dela os seus disfarça:
Energia e facúndia ¹⁴⁹ Amor lhe empresta.
Quando além do que é justo eleva o rogo,
De Progne com o ardor o cora, o doura;
Té lágrimas co'as súplicas mistura,
Como que fossem lágrimas da esposa.

¹⁴⁸ Na mitologia grega, ninfas que habitavam os bosques.

¹⁴⁹ Eloquência.

Oh deuses! Quanto é cega a mente humana!
A maldade em Tereu se crê virtude:
No crime, na traição louvor granjeia.

Onde, ah! Onde, inocente Filomela,
Queres ir co'um tirano! Ei-la amorosa
Aperta o triste pai nos lindos braços;
O bem de ver a irmã com ânsia pede,
Pela irmã contra si de orar não cessa.
Com famulentos olhos a devora
O sôfrego Tereu, pasmado nela,
E, tocando-lhe, a insta a que afervore,
A que duplique as súplicas urgentes.
Os braços com que cinge o pátrio colo,
Os beijos que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estímulos, o fogo,
O tácito furor que o vai ralando.
Quantas vezes a filha ao pai se abraça,
Tantas de o pai não ser ao trácio pesa:
Mais torpe fora então, mais impio fora.
Ambos o velho rei com rogos vencem;
Ela folga, ela exulta e dá mil graças
À paternal bondade: a si e a Progne
O que lhes é fatal propício julga.

Somente um curto giro ao Sol já resta;
Os ferventes cavalos espumosos
Batem soberbos no declive Olimpo;
Aprestam-se as reais, as lautas mesas,
Áureo licor borbulha em áureas taças.
Depois o grato sono aos olhos voa.
Mas, longe dos encantos que o transportam,
Não dorme, não repousa o fero amante:
Arde e pinta na ideia a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,

E finge, como o quer, o que não vira:
Ao prazer aferrado o pensamento,
Lhe atíça a flama, lhe desvia o sono.

Luziu a aurora, e Pandíon, chorando,
Ao genro, cuja mão saudoso aperta,
O querido penhor comete, e roga
Que o guarde, que o vigie. «Amadas filhas,
Vós assim o quereis (diz soluçando),
E tu, também, Tereu. Pois causa justa
Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
Eis a filha te dou. Por mim, por ela,
Pela fé, por ti mesmo e pelos numes
Te imploro a amimes com amor paterno
E que este doce alívio de meus anos
(Anos cansados já), me restituas,
Cedo, ah! Cedo. Não tardes, não me enganes,
Que longa me será qualquer demora.
Tu, também, se tens dó de um pai magoado,
Vem logo, ó filha minha, ó meu tesouro!
Bem basta tua irmã viver tão longe.»
Assim falando, o mísero a beijava,
E as lágrimas na face lhe caíam.

Depois que a dextra mão por segurança
Um ao outro pediu, deu um ao outro,
O ancião consternado à prole, ao genro
Para o neto mimoso e filha ausente
Dá mil ternas saudades, mil suspiros.
Apenas balbucia entre soluços
O lagrimoso adeus, presságio triste,
Carrancudo terror lhe sobe à mente.

Em pintado baixel eis Filomela,
Eis o remo a compasso as ondas volve;
O mar ferve na proa, e foge a terra.
«Vencemos (diz o bárbaro), vencemos;

Meus desejos, meus gostos vão comigo.»
E exulta, e pode apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distrai do objeto amado,
Bem como a carniceira ave de Jove,
Que tem bico revoltado e curvas garras,
Fracamente depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não pode a presa,
Seguro o roubador contempla o roubo.

Já do equívoco ¹⁵⁰ caminho os vasos leves
Venceram a extensão, já, fatigados,
No pátrio fundo as âncoras arrojaram.
O audaz, trácio rei a antiga selva,
A deserto palácio tenebroso
Guia de Pandión a triste filha.
Ali, pálida, trémula, chorosa,
Pela irmã perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o monstro a cerra.
Frenético lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insânia
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da mísera, que em vão mil vezes clama
Pelo pai, pela irmã, por vós, ó numes.

Ela ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansíssima que ao lobo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem contudo então se crê segura;
Ou qual cândida pomba que, escapando
Dentre as unhas mortais do açor cruento,
Tintas no próprio sangue as alvas penas,
Se arrepiada de horror e inda se teme

¹⁵⁰ Marinho, marítimo.

Do rápido inimigo. Enfim, tornando
A ter alento e voz a profanada,
Lastimosa princesa, estraga, arranca
Os formosos cabelos desgrenhados;
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para os Céus as mãos de neve,
«Ó bárbaro! Ó traidor! Ó tigre! (exclama),
Nem súplicas de um pai curvado e triste,
Nem a fraterna fé que me devias,
Nem da inerme inocência o puro estado,
Nem as leis conjugais te comoveram!
Todas tens quebrantado: os teus furores
Mancham duas irmãs com torpe afronta...
(Pena tão dura não mereço, ó nubes!)
Para não te escapar nenhum delito,
Ah? Que fazes, cruel, que não me arrancas
Uma vida infamada, abominosa?
E oxalá que a tivesses arrancado
Antes do horrível execrando incesto!
Ao Letes minha sombra fora ileusa.
Porém, se os deuses tem poder, tem olhos ¹⁵¹,
Se tudo enfim não pereceu comigo,
Castigado serás, serei vingada:
Sacudido o pudor, direi teu crime.
Se entre povos me achar, sabê-lo-ão povos,
Se entre bosques por ti ficar sumida,
Os meus males farei saber aos bosques,
Farei saber às pedras os meus males
E hei de apiedar com eles bosques, pedras.
Este firme protesto os Céus me escutem,
E um deus, se acaso um deus no Céu reside» ¹⁵².

¹⁵¹ «Tem» em vez de «têm», por razões métricas.

¹⁵² Nota de Bocage: «Linguagem própria da desesperação e vertida literalmente.»

Com estes ameaços o tirano
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva é nele o medo;
E de uma e de outra causa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe
E às tranças da infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enleia os tenros braços.

Inclina Filomela o níveo colo,
Da espada, que vê nua, espera a morte;
Mas o duro, o feroz, por mais que a triste
Lute, resista, invoque o pátrio nome,
Com rígida turquês lhe aferra a língua,
A língua que falar em vão procura,
Lha extrai da boca e, rápido, lha corta.
A purpúrea raiz lhe nada em sangue,
Cai o resto no chão, murmura e treme,
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante e moribunda
Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.

Completa a negra ação, se diz que o monstro
Inda mais de uma vez (horror não crível!)
Cobiçou, repetiu prazer infame.

Depois de tão cruéis, tão feios crimes,
Atreve-se o malvado a ver a esposa.
Progne entre sustos pela irmã pergunta;
Ele exala do peito um ai fingido,
Diz que é morta, e com lágrimas o abona.

Das régias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige um vão sepulcro e sagra nele
Inúteis oblações a falsos Manes,
Carpindo a irmã, que assim carpir não deve.

Já tem corrido Apolo as doze estâncias
Depois do caso enorme. Ah! Filomela
Que fará? Guarda atenta impede a fuga,
Rijos muros de mármore a rodeiam,
Seu mal narrar não pode a muda boca.
Tens, ó necessidade, agudo engenho,
Às grandes aflições indústria acode.

Subtil, cândida teia urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpúreas letras,
Indícios da ferina atrocidade,
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga escrava,
Lhe roga por ações o leve a Progne.
Ela o conduz, e o que conduz não sabe.

Eis a rainha desenvolve a tela
E lê, e entende a miseranda história
E cala-se (calar-se é quase incrível!),
A dor lhe tolhe a voz; termos que expressem
A sua indignação, não tem, não acha;
Nem se ocupa em chorar: confusa, absorta,
Mil horrendas tenções volve na mente,
E embebe-se na imagem da vingança.

Era o tempo famoso, ó deus de Tebas,
Em que as sitónias ¹⁵³ moças te festejam.
Aos ritos bacanais preside a Noite,
No Ródope de noite a voz aguda
Dos éreos ¹⁵⁴ instrumentos vai soando,
E de noite a rainha os paços deixa.
Do deus nas cerimónias já se instrui,

¹⁵³ Da Sitónia, península da Trácia.

¹⁵⁴ De bronze, arame ou cobre.

Já toma as armas furiais, já cinge
A cabeça de pâmpanos, e pendem
Peles cervinas do sinistro lado;
Ritual hástia ¹⁵⁵ leve ao ombro encosta.

Seguida das terríveis companheiras,
Progne terrível pelas selvas corre
E nos furores que a paixão lhe excita
Vai simulando, ó Baco, os teus furores.
Chega à dura prisão de Filomela,
Brama, grita: «Evoé!» e arromba as portas;
Arranca a triste irmã do horror que a cerca,
Nas báquicas insígnias a disfarça,
Recata-lhe as feições co'as folhas de hera,
E a conduz assombrada aos régios muros.

Vendo que toca o pavimento infando,
Filomela infeliz treme, descora.
Metidas em recôndito aposento,
Progne lhe despe as sacras vestiduras,
Progne d'aflita irmã descobre as faces,
As faces lacrimosas e inda belas;
Terno abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
Não ousa a desgraçada, e se horroriza
De haver sido (apesar de o ser sem culpa)
Cúmplice, origem da fraterna ofensa.
O macerado rosto unido à terra,
Jurar tentando, e referir-se aos numes,
Não podendo co'a voz, co'as mãos exprime
Que a violência lhe fez tão vil opróbrio.

¹⁵⁵ Pedúnculo.

Arde Progne, conter não sabe as iras;
Da malfadada irmã condena o pranto.
«Lágrimas (diz) não servem, serve o ferro;
Ou coisas mais cruéis que o ferro: a tudo,
Por bárbaro que seja, estou disposta.
Ou tragarei co'a chama os régios lares,
Sufocando no ardor das ígneas ondas
O artífice infernal da injúria nossa,
Ou os olhos, a língua, o mais que teve
Parte na torpe ação, n'ação maldita,
Co' ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
A vida roubarei ao impio monstro.
São grandes, são terríveis quantos modos
De vingança ideei, porém vacilo
Na escolha do pior.» Enquanto Progne
Fala assim, para a mãe vem caminhando
Ítis, o tenro príncipe formoso.

À Rainha, ao senti-lo, ao vê-lo, ocorre
Nova maneira de vingar a infâmia
E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
«Ah! Como ao pai na forma é semelhante!»
Disse, e não disse mais. Projeta, escolhe
Ato espantoso e ferve em ira muda.

Contudo, ao tempo em que o menino amável
A saúda com júbilo amoroso,
E os bracinhos gentis lhe alteia ao colo;
Quando o vê misturar beijos suaves
Com doces mimos, com pueris branduras,
Um tanto se comove a mãe raivosa,
E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
Porém, do coração, que bate e arqueja,
Já se desliza o mavioso afeto.
De novo à triste irmã volvendo os olhos,
E ora nela atentando, ora no filho,
«Porque fala, e me atraí com mil carícias

Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!?
Este, ó Céus! Livremente a mãe nomeia,
E aquela nomear a irmã não pode!
Olha, vê com que esposo estás ligada,
Filha de Pandión! Tu degeneras:
Com Tereu a piedade é crime horrendo.»

Não continua, e súbito, à maneira
Dum tigre da gangética espessura,
Que por bosques opacos arrastada
Da veloz corça leva a tenra cria,
Progne as mãos arremessa ao delicado,
Ao cândido filhinho e vai com ele
E com a irmã cerrar-se em erma estância.

Ali ao infeliz, que já conhece
Os negros Fados seus, que as mãos levanta,
Que treme, que pranteia e que se abraça
Ao seu querido algoz «Mãe! Mãe!» clamando,
Ali ao infeliz no peito embebe
A vingativa Progne agudo ferro;
Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
Que um só golpe lhe rompe o débil fio.

Filomela o degola e dilacera
Os membros em que há inda um resto d'alma.
Já parte deles pula em éneos ¹⁵⁶ vasos,
Parte range em subtil, duro instrumento:
Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera esposa
Prepara detestáveis iguarias
Ao marido infiel, que tudo ignora.

¹⁵⁶ Feitos de bronze.

Um sacrifício finge ao pátrio modo,
No qual um só varão ter deve ingresso:
Servos e cortesãos assim remove.

Assoma já Tereu no trono herdado,
E em alta, festival, purpúrea mesa
Come parte de si, devora o filho.
Tanta cegueira lhe enegrece a mente!
«Ítis aqui trouxei (diz ele).» Eis Progne
Dissimular não pode o gosto infando
E, resolvendo enfim manifestar-se,
«Tens dentro (lhe responde) o que desejas.»
Ele olha em torno a si, pergunta: «Onde?»
E de novo procura, e chama o filho.
Mas nisto Filomela, em sangue envolta,
Olhos acesos, desgrenhada a trança,
Entra, e do filho a mádida cabeça
Às faces paternais súbito arroja.

Não teve em tempo algum tanto desejo
De falar, de poder com agras vozes
Patentear seu júbilo ao tirano.
Ele solta um clamor que atroa as salas;
Derriba a fatal mesa, invoca as Fúrias
E ora tenta expulsar com ânsia horrenda
As tragadas, funestas iguarias,
Ora lágrimas verte, e de seu filho
Sepulcro miserável se nomeia.
Enfim de Pandión persegue a prole,
Brandindo o ferro nu com mão tremente.
O corpo das Cecrópidas ¹⁵⁷ parece
Que em asas se equilibra, e não é sonho,
Em asas se equilibra e muda a forma.

¹⁵⁷ Nota de Bocage: «Descendentes de Cécrope, primeiro rei de Atenas.»

Uma rapidamente aos bosques voa,
Outra, igual na presteza, aos tetos sobe ¹⁵⁸,
E do assassinio as máculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes sinais lhe estão no peito.

Tereu, fora de si e arrebatado
Pela dor, pelas fúrias da vingança,
Ave adeja também, que na cabeça
Traz erguido penacho e tem por armas
Longo bico mordaz: seu nome é popa.

O sucesso fatal, sabido apenas,
Despenhou Pandión na sepultura.

X — A METAMORFOSE DE IO ¹⁵⁹

Poema de Ovídio

Nos fundos lares Ínaco escondido,
Alteia com seu pranto as águas suas;
Io, a filha gentil, perdida chora:
Não sabe se está viva, ou se entre os Manes,
Mas porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do globo a julga o triste,
E o pior se lhe antolha ¹⁶⁰ ao pensamento.

¹⁵⁸ Filomela é transformada em rouxinol; Progne, em andorinha.

¹⁵⁹ Metamorfose «extraída do livro 1 das de Ovídio», versos 583 a 747. Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, t. III, p. 209.

¹⁶⁰ No original: «entolha»

Volver do pátrio rio a vira Jove.
«Virgem digna de Júpiter, guardada
Para felicitar (lhe disse o nume)
No tálamo suave um ente humano!
Procura as sombras dos fechados bosques
(E aos bosques lhe apontou), a calma aperta,
Dos Céus está no cume o Sol fervendo.
Se temes ir sozinha aonde há feras,
De um deus acompanhada irás segura;
Não de um deus inferior, porém daquele
Que o cetro universal na mão sustenta,
E o raio irresistível arremessa.
Não, não fujas de mim (que ela fugia).»

Já de Lerna as pastagens e os frondosos
Arvoredos lirceus ¹⁶¹ Io passara,
Eis em névoas o deus, sumindo a Terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.

Juno os olhos entanto aos campos volte
E estranha em claro dia haver tal névoa,
Névoa tão densa como os véus noturnos,
Que das águas não sai, nem sai das terras ¹⁶².
Olha em torno de si, não vê o esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos Céus, «Ou eu me engano,
Ou lá me agravam!...» (diz) e, deslizada
Da etérea habitação, parou na Terra,
Onde o sombrio horror desfez num ponto.

¹⁶¹ De Lirceia, situada no Peloponeso.

¹⁶² Nota de Bocage: «As névoas que a deusa não via sair das águas eram as que costumavam resultar do ímpeto com que o Peneu, rio de Tessália, rebentava, e caía do monte Pindo (Ovídio, *Metamorfoses*, livro 1).»

Mas o consorte pressentiu-lhe a vinda,
E em cândida novilha por cautela
De Ínaco ¹⁶³ a prole transformado havia,
Que depois de novilha inda é formosa.

Satúrnia ¹⁶⁴, a seu pesar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem é, donde viera,
Pergunta a que manada enfim pertence
(De estar longe do caso indícios dando);
Que a Terra a produziu, responde Jove,
Para não ser o autor mais inquirido.
Nisto Satúrnia em dádiva lha pede.

O amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus amores; se os não dá, suspeito;
O que Pejo aconselha, Amor impugna:
Vencido pelo Amor seria o Pejo;
Porém, se a sua irmã, se a sua esposa
Negar uma novilha, um dom tão leve,
Pode talvez não parecer novilha.

Já na posse da adúltera, não despe
A deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do agravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor lhe ocorre,
E quer que lha vigie, e dele a fia.

De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos que dois a dois o sono alternam;
Desvelados os mais, na presa cuidam.
Em quaisquer posições atento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem Io à vista.

¹⁶³ Deus-rio da Argólida.

¹⁶⁴ Juno.

Permite-lhe pascerc enquanto é dia,
Em transmontando o Sol, vai ferrolhá-la,
E um laço injusto lhe tornea o colo.

Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, ruma a triste; em vez de leito
Dão-lhe, nem sempre de erva o chão forrado,
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Súplices braços estender quisera
Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.

Um dia às margens vai, onde brincava,
Às margens paternas, vê n'água as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
Ínaco ignora, as Náiades ¹⁶⁵ não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil novilha.
Ei-la os segue; às irmãs, ao pai, que a admiram,
Não só deixa que a toquem, mas se of'rece.
O velho ervas lhe colhe e chega aos beiços;
Ela lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija;
Terno pranto lhe corre, e se pudera
Socorro a desditosa invocaria,
Seu nome, os fados seus articulara;
Mas, com letras, enfim, suprimindo vozes,
Servindo-se do pé, na areia exprime
O triste anúncio da mudada forma.

«Oh pai desventurado! (Ínaco exclama,
Abraçando a cerviz, pegado às pontas
D'alva bezerra, da chorosa filha)
Oh pai desventurado! (ele repete)

¹⁶⁵ *Vd. n. 111 da p. 96.*

És tu, filha infeliz, tu, procurada
Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
Antes que ver-te assim, nunca te vira,
Menor seria então minha amargura.
Ah malfadada! Responder não sabes,
Altos suspiros sós do peito arrancas,
Mugir à minha voz é quanto podes.
Não prevendo teus fados, eu outrora
O toro nupcial te apercebia.
Duas bem ledas esperanças tive:
Primeira o genro foi, segunda os netos!
Esposo e filhos nas manadas brutas,
Querido meu penhor, terás agora.
Nem posso tanto mal findar co' a vida;
Empece-me o ser deus; aferrolhadas,
Defesas para mim da morte as portas,
Se estende a minha dor à eternidade.»

O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,
Ao lamentável pai remove a filha
E vai apascentá-la em outros campos:
Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.

Que ela sinta, porém, tão duros males
Não pode o Rei dos Céus sofrer mais tempo;
Chamando o filho que de Maia houvera,
Lhe ordena, lhe comete a morte de Argos.

Mercúrio logo aos pés segura as asas;
Toma a vara sonífera, o galero,
E, ataviado assim, demanda a Terra.
Galero ali depõe, depõe talares,

Somente o caduceu ¹⁶⁶ na mão conserva;
Leva-o como pastor que seu rebanho
Co' toque do cajado aos pastos guia,
E de canora flauta os sons difunde.

Da nova, doce música tentado,
Argos ao nume diz: «Quem quer que sejas,
Comigo aqui, pastor, sentar-te podes.
Sítio melhor não há para o rebanho,
Nem para o guardador, assim na sombra,
Como em fertilidade.» O deus se assenta,
E em razões várias, que profere e escuta,
Vai-se-lhe o dia. Adormecer intenta
Com a avena os cem lumes veladores,
Porém, repugna o monstro aos moles sons,
E bem que os acolheu parte dos olhos,
Parte deles vigia. Enfim, porque era
Da flauta a invenção recente ainda,
A Mercúrio o pastor pergunta como,
Por quem fora inventada. A isto o nume
Diz então: «Nas arcádicas montanhas
Teve nome entre as ninfas nonacrinas ¹⁶⁷,
Foi entre as Hamadriadas o assombro
A náíade Siringe, Siringe, a esquiva.
Aos sátiros hirsutos se furtava,
E aos mais deuses campestres que a seguiam;
Honrava nos costumes, no exercício
E na flor virginal a ortígia deusa ¹⁶⁸.
Em traje venatório era Diana:
A semelhança os olhos enganara
Se arcs diversos não tivessem ambas,

¹⁶⁶ Caduceu era a insígnia de Mercúrio e consistia numa vara delgada e lisa em redor da qual se enrolavam duas serpentes e cuja extremidade superior apresentava duas asas.

¹⁶⁷ Ninfas arcádicas, porquanto Nonácris era um monte e um lugar da Arcádia.

¹⁶⁸ Leto, mãe de Apolo e Ártemis, deuses que concebeu de Zeus.

Siringe um de marfim, Latónia ¹⁶⁹ um de ouro,
E assim mesmo enganava. Ela, deixando
O sombrio Liceu ¹⁷⁰, de Pã ¹⁷¹ foi vista,
De Pã c'roadado do pinheiro agudo ¹⁷²,
E o deus falou-lhe assim... Narrar faltava
O que lhe disse o deus; que acesas preces
A ninfa repulsara, e que fugira,
Perseguida por ele até às margens
Do sereno Ládón ¹⁷³; que ali parando,
Pelo estorvo das ondas, deprecara
Às cerúleas irmãs que a transformassem;
Faltava referir que em vez da amada,
Crendo que já nas mãos a tinha presa,
Pã somente abraçou palustres canas;
Que, enquanto suspirava, os ares nelas
Fizeram ténue som, quase queixume;
Que n'arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o deus dissera:
«Tais colóquios sequer terei contigo.»
Que às canas desiguais, com cera unidas,
Dera seu nome a Ninfa. Ia Cilénio ¹⁷⁴
Prosseguir, eis que vê do sono oprimos
Os olhos todos. Súbito emudece,
Roça-os co'a vara e lhe carrega o sono.
Rápido logo alçando o ferro curvo,
No vacilante colo o golpe acerta:
Cai a cabeça; espadanando o sangue,
O sangue em borbotões macula o monte.

¹⁶⁹ Diana (Ártemis na mitologia grega).

¹⁷⁰ Monte da Arcádia onde, segundo uma lenda, Zeus nasceu.

¹⁷¹ Deus dos pastores e dos rebanhos, cuja origem anda associada à Arcádia.

¹⁷² Nota de Bocage: «Este verso menos literalmente pode ser assim: Pã, que do pinho agudo a fronte enrama.»

¹⁷³ Deus do homónimo rio da Arcádia, filho de Oceano e de Tétis.

¹⁷⁴ Hermes (Mercúrio), que nasceu no monte Cilene.

Argos, jazes, enfim; de todo extinta
A claridade está de tantos lumes:
Sombra eterna te ocupa os olhos cento.
Satúrnia lhos extrai, na cauda os prende
D'ave sua ¹⁷⁵, e com eles a abrilhanta.

Mas freme a deusa, não retarda as iras;
Da argólica rival aos olhos e alma
Expõe a vexadora, horrenda Erínis.
Seus cruéis aguilhões lhe enterra a Fúria,
Por todo o mundo a prófuga ¹⁷⁶ persegue.

Nilo, ao trabalho imenso, à espavorida
Carreira universal tu só restavas.
Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cai, e aos Céus erguendo
O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,
Com prantos e mugidos lutosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.

Ele, o colo abraçando à sacra esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
«Perde o temor (lhe diz), crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos!»
E o protesto formal co'a Estige ¹⁷⁷ abona.

Apenas se embrandece ao rogo a deusa,
Torna à mimosa ninfa o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era dantes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,

¹⁷⁵ Nota de Bocage: «O pavão.»

¹⁷⁶ Fugitiva.

¹⁷⁷ Água dos Infernos utilizada pelos deuses quando pronunciavam, com solenidade, juramentos.

O orbe, a forma ocular se lhe restringem,
Abrevia-se a boca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos também, também as unhas ¹⁷⁸;
Já somente em dois pés está sustida,
Da novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, falar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.

Celeberrima deusa, agora a honram
Aras e incensos dos egípcios povos.

¹⁷⁸ Nota de Bocage: «Este é quase o único verso que não verti literalmente. Ovídio, segundo o seu gosto de circunstanciar miudamente as coisas (o que às vezes passa a defeito neste grande poeta), diz que o casco dos pés da novilha se desfez em cinco unhas; mas isto, que em latim não era humilde, em português até seria insuportável, etc.»

XI — CÍNIRAS E MIRRA ¹⁷⁹

Poema de Ovídio

*Do crime os quadros a virtude apuram,
Esmalta-se a moral no horror ao crime.*

O tradutor

Cíniras, um dos reis da equórea ¹⁸⁰ Chipre,
Pudera numerar-se entre os ditosos,
Se prole não tivesse. Eu determino
Cantar coisas terríveis: longe, ó filhas,
Longe, ó pais! E se acaso as mentes vossas
Ficaram de meus versos atraídas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Ou, crendo o caso atroz, crede o castigo,
Se permite, contudo, a natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.

¹⁷⁹ «Extraída» do livro x, versos 298 a 502, das *Metamorfoses*, de Ovídio. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, op. cit., p. 218. Na introdução que redigiu, em 1799, para o 2.º volume das *Rimas*, Bocage afirmou, tendo, ao que parece, em mente a mais do que provável ação da censura: «Privo-me do prazer de imprimir a ‘Metamorfose de Mirra’ [...], em atenção à modéstia e delicadeza, não poupadas naquela admirável produção, e antes quis omiti-la que desfigurá-la.» Inocência Francisco da Silva, partindo do princípio de que houve intervenção censória, comenta esta frase da seguinte forma: «À vista, pois, desta expressiva declaração, não sabemos por que artes conseguiu ele desarmar os escrúpulos dos censores, para que logo no ano de 1804 (em que deu à luz o 3.º volume das *Rimas*) lhe facultassem o indispensável *Imprimatur*. Mas o certo é que no dito volume III apareceu com efeito a metamorfose, que até então girava recatadamente em cópias manuscritas, das quais vimos algumas, que todavia nenhuma diferença sensível apresentam da impressa.» No Arquivo da Real Mesa Censória, por nós consultado, não existe qualquer documento que se prenda especificamente com esta metamorfose.

¹⁸⁰ Marinho, marítimo.

Feliz a ismária ¹⁸¹ gente, o mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
País onde nasceu paixão nefanda!
Embora seja fértil, seja rica
De mil perfumes a pancaica terra ¹⁸²,
Tenha alta fama em árvores, em flores,
Dê custo ¹⁸³ redolente e grato amomo ¹⁸⁴,
Nela cheiroso incenso os troncos suem,
Que a mirra que produz a faz odiosa:
Não vale o que há custado a nova planta.

Nega o filho de Vénus ¹⁸⁵ que em teu peito
Seus lustrosos farpões cravasse, ó Mirra,
Vinga seu facho da suposta infâmia.
Com o estígio tição e inchadas cobras
Vibrou letal vapor sobre a tua alma
Uma das três irmãs ¹⁸⁶. Ao pai ter ódio
Se é gravíssimo crime, é crime horrendo
Amá-lo como tu. Por ti suspiram,
Ardem por ti mil príncipes famosos;
Mil brilhantes mancebos do Oriente
Contendem pela glória de gozar-te:
Um de tantos heróis escolhe, ó Mirra,
Mas não seja o que tens no pensamento.

¹⁸¹ Nota de Bocage: «O poeta põe toda esta narração na boca de Orfeu.» «Ismária» significa «da Trácia».

¹⁸² Pancaia, ilha fabulosa situada no sul da Arábia, famosa pelo seu incenso e mirra.

¹⁸³ Segundo o dicionário de António de Moraes Silva, «planta vulgarmente conhecida por *pau-catinga*.»

¹⁸⁴ Perfume.

¹⁸⁵ Cupido.

¹⁸⁶ Erínias, na mitologia grega, e Fúrias, entre os Romanos.

Em criminoso amor ela se inflama,
Em criminoso amor ela repugna,
E diz consigo: «Onde me leva a mente!
Que espero, que imagino! Eternos deuses!
Santa religião! Santos deveres!
Direitos paternais! Tolhei-me o crime,
Refreai meu furor, minha maldade;
Se contudo é maldade o que em mim sinto.
Tão doce propensão porque a reprovam!
Os livres animais amam sem culpa,
Sem culpa gozam, e a união do sangue
Mais suave união lhes não proíbe.
Felizes animais, feliz destino!
Criou penosas leis o orgulho humano,
Negando o que permite a Natureza.
É constante, porém, que existem povos,
Que há gentes entre as quais a mãe ao filho ¹⁸⁷,
A filha se une ao pai, e as leis do sangue
Com duplicado amor se arraigam n'alma.
Oh! Mísera de mim! Porque não tive
A dita de nascer naqueles climas?
Minha Pátria é meu mal... Que ideias nutro!
Vedadas, importunas esperanças,
Ah! Ide-vos: o pai de amor é digno,
Mas somente do amor que aos pais se deve.
Se filha de Cíniras eu não fosse,
Pudera de outro modo amar Cíniras;
É meu como o Céu quer, não como eu quero,
Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fora o que sou, feliz seria.

¹⁸⁷ Nota de Bocage: «Nada menos constante, nem que mais encontre as leis e costumes de todos os povos, até selvagens.» Comenta Inocêncio Francisco da Silva: «Não é aqui o lugar para contestarmos a veracidade desta afirmação tão absoluta, que se nos afigura escrita para desviar os reparos dos censores. Ou talvez por exigência deles.»

A remoto país correr desejo,
Fugindo à Pátria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detém meus passos;
Quer que veja Cíniras, que lhe fale,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
E mais, ó ímpia, a cobiçar te atreves!
Não vês que nomes, que razões confundes!
Rival da mãe serás! Irmã do filho!
Mãe do irmão! Não receias, não te aterram
As negras Fúrias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos perversos horrorizam,
Que às almas corrompidas se arremessam,
Brandindo o facho da sulfúrea chama!
Pura no corpo, no ânimo sê pura ¹⁸⁸;
Não profanes, ó cega, não profanes
Da natureza o vínculo sagrado.
Supõe que afeto igual no pai fervia,
Supõe que era contigo o que és com ele:
Alta virtude lhe oprimira o gosto,
Sacrossanto dever a amor obstará...
Mas se o que sente a filha o pai sentisse,
Que importara o dever?» Calou-se, e entanto
Cíniras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos pretensores,
Para enfim decidir consulta a filha,
Um a um lhos nomeia, e dela inquire
Qual deles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silêncio, no pai fitando os olhos,
Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgíneo temor crê isto efeito
O iludido Cíniras; que não chore
À filha pede, as lágrimas lhe enxuga,

¹⁸⁸ Nota de Inocêncio Francisco da Silva: «Em uma das cópias manuscritas a que acima nos referimos, leem-se em lugar deste verso os dois seguintes: 'Que vale que no corpo estejas pura, / Se maculada estás no pensamento?'»

E une a ternas palavras ternos beijos.
Mirra folga com eles, e, obrigada
Do pai que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer: «Um (lhe diz ela)
Um quero igual a ti.» Louva Cíniras
A resposta sagaz, que não penetra.
«Tão pios sentimentos nutre, ó filha,
Conserva essa virtude (o rei lhe torna).»
À palavra virtude abaixa os olhos
A mísera, por ver que a desmerece.

Era alta noite: os corpos e os cuidados
Em suave prisão ligara o sono;
Mas a cinírea virgem desvelada,
Da indómita paixão curtia as fúrias,
Louca, fora de si. Já desespera,
Já quer tentar abominosa empresa:
Pejo, remorso, amor lhe lutam n'alma;
Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abriu fenda o rústico instrumento,
Agora pende a um lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda,
Assim de impulsos vários combatido,
Vacila o coração da acesa virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asilo contra Amor só vê na morte.
A morte enfim lhe agrada, e quer, e ordena
Perder num laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: «Adeus, Cíniras,
Do meu trágico fim percebe a causa.»
Nisto acomoda o laço ao níveo colo.
Mas o murmúrio das sentidas vozes
Vai aos ouvidos da fiel matrona,
Que aos peitos a criou, que a serve e guarda,
Repousando no próximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e solta um grito;
Magoa o peito, as faces, e, lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.
Muda fica a donzela, e de olhos baixos,
Com pena de escapar-lhe o bem da morte.
Insta a velha matrona amargurada,
E ora lhe mostra o peito a que a nutrira,
Ora os cabelos, que mudou a idade;
E pelo antigo, maternal desvelo,
Pelo doce alimento, e doce afago,
Com que a tratara na mimosa infância,
Lhe implora a confissão do mal que sente.
Mirra volta o semblante, e geme, e cala;
Mas a velha importuna as preces dobra,
E, além de prometer-lhe alto segredo,
Lhe diz: «Consente que eu te preste auxílio;
Frouxa, inútil não é minha velhice.
Se um frenesi te deu, com magos versos,
Com ervas virtuosas sei curá-los;
Se olhos maus te empeceram, não te assustes,
Serás purificada em mago rito.
Se é cólera dos Céus, abrandaremos
A cólera dos Céus com sacrifícios.
Que mais te hei de supor? Tu não provaste
Golpe algum da Fortuna; és adorada,
És feliz: tua mãe, teu pai são vivos.»
Ao pátrio nome um ai do peito arranca
A inflamada princesa, e bem que a velha
Do suspiro não vê a origem torpe,
Que nascera de amor supõe contudo.
Tenaz em seu propósito, não cessa
De explorar-lhe a razão do que padece;
Ao seio a chega, e num estreito abraço,
«Amas, bem sei (lhe diz), temor não tenhas;

Fala, quem é o amante? A indústria minha
Fará com que teu pai nunca o suspeite.»
Num súbito furor lhe sai dos braços
A ansiosa donzela, e sobre o leito
As faces apertando, eis diz: «Ah! Foge,
Ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
Deixa-me, ou cessa de indagar meus males:
O que intentas saber é crime horrendo.»
A rugosa matrona, ouvindo-a, treme;
As mãos, co'a idade e co'o temor convulsas,
Levanta, aos pés lhe cai e, ora com mimos,
Ora com ameaços, quer vencê-la.
Protesta-lhe, se enfim lhe não descobre
O terrível segredo, ir acusá-la,
Ir declarar ao pai tudo o que vira;
Protesta-lhe também que, se a contenta,
Há de ajudar-lhe os tácitos amores.
Ergue a cabeça a mísera donzela,
De lágrimas lhe inunda o seio anoso;
Mil vezes quer falar, falar não pode,
E o lacrimoso aspeto envergonhado
Tapa co'as lindas mãos, até que exclama:
«Oh feliz minha mãe com tal consorte!»
Mais não disse, e gemeu. Súbito à velha
Um frígido tremor penetra os membros,
As carnes, os cabelos arrepia.
Ela entende o terrífico mistério,
E quer com mil conselhos ver se aplaca
A detestável chama incestuosa.
Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,
Sabe que morrerá, se o fim não logra
Dos ativos, frenéticos desejos.

«Vive ¹⁸⁹! (lhe torna a frágil conselheira)
Em breve gozarás de teu...» Não ousa
Dizer «pai», e com sacro juramento
Selou no mesmo instante ímpia promessa.

As festas anuais da flava ¹⁹⁰ Ceres
Então as mães piedosas celebravam;
Com roupas cor de neve então cobertas,
Davam louras primícias das searas
À deusa tutelar, urdiam c'roas
Das proveitosas messes e se abstinham
Do tato varonil por nove noites:
De Amor lhe era o prazer então defeso.

Do páfio ¹⁹¹ rei a esposa às mais se agrega,
E com elas exerce o rito augusto.
No toro conjugal, só, jaz Cíniras.
Eis a velha subtil vai ter com ele,
Que perturbado está de cíprio néctar,
E de uma ilustre virgem lhe declara
Verdadeira paixão com falso nome.
Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabelos,
Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
Dele exigindo consentir que expire
O virginal pudor na escuridade ¹⁹².
Os anos da donzela o Rei pergunta:
«É (lhe torna a sagaz) igual a Mirra.»
Ordenam-lhe que súbito a conduza;
Volve ao seu aposento a sedutora,

¹⁸⁹ Nota de Bocage: «Estes dois versos são meus, e tenho que necessários.»

¹⁹⁰ Loura.

¹⁹¹ Relativo à cidade de Pafos, situada na ilha de Chipre, onde, no tempo dos Romanos, existia um templo em honra de Acidália, ou seja, Vénus/Afrodite.

¹⁹² Nota de Bocage: «Estes [o presente e o anterior] dois versos são meus, e tenho que necessários.»

E à virgem diz: «Alegra-te, princesa,
Vencemos.» Não sentiu a malfadada
Gosto completo, o coração pressago ¹⁹³
Não sei que lhe anuncia; inda assim folga,
Tanto em discórdia traz os pensamentos!

Era o tempo em que reina alto silêncio;
Na imensa esfera o gélido Bootes ¹⁹⁴
Entre os frios Triões ¹⁹⁵ volvia o carro.
A donzela infeliz caminha ao crime.
Envolvem densos véus a ebúrnea Lua,
Negro, térreo vapor enluta os astros,
Dos claros lumes seus carece a noite.
Ícaro, tu primeiro o rosto escondes,
E Erígone ¹⁹⁶ piedosa, a prole tua,
Do filial amor sagrado exemplo.
Três vezes a misérrima tropeça.
Como que o Céu lhe diz que retroceda;
Três vezes solta ao ar agouro infausto
No lúgubre clamor funéreo mocho;
Ela, contudo, não suspende o passo;
A muda escuridão minora o pejo.
Leva a sinistra mão na mão rugosa
Da torpe, abominável condutora,
E vai co'a dextra tentando as trevas.

Da estância paternal já chega à porta,
Abrem-lha já, já entra; os pés fraqueiam,
Foge a cor, foge o sangue, e cai o alento.
Quanto da atrocidade está mais perto,

¹⁹³ Que prognostica.

¹⁹⁴ Também conhecida por Boieiro, é uma constelação do hemisfério norte.

¹⁹⁵ Nome antigo da Ursa Maior e da Ursa Menor.

¹⁹⁶ Filha de Icário, que se enforcou no local onde o seu pai foi assassinado. Foi transformada na constelação da Virgem, signo do Zodíaco.

Tanto mais se horroriza, e se arrepende,
E deseja voltar desconhecida.
A infame confidente a vai puxando;
Do rei com ela ao tálamo se encosta,
E diz-lhe: «O que eu conduzo é teu, recebe-o.»

Eis no tálamo o pai recebe a prole,
E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe
Com mil carícias o virgíneo medo.
Pela idade, talvez, lhe chama filha,
E ela chama-lhe pai (ao negro crime
Nem tais nomes faltaram). Dentre os braços
Do incestuoso amante enfim se aparta
Mirra, levando em si da culpa o fruto.
Coube à noite seguinte o mesmo opróbrio,
E outras mais deste horror manchadas foram.

Finalmente Cíniras, cobiçoso
De ver o objeto que entre sombras goza,
Com repentina luz, que tinha oculta,
Encara, e reconhece o crime, e a filha.
O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
Colérico se arroja ao duro ferro.
Foge Mirra, e da morte a noite a salva,
Foge Mirra infeliz, discorre os campos,
Sai da Arábia palmífera e Pancaia ¹⁹⁷.

Nove luas vagar sem tino a viram,
Té que no chão sabeu ¹⁹⁸ parou cansada.
Já do fruto recôndito e molesto
Apenas sustentar podia o peso.
Sem saber o que faça, o que deseje,

¹⁹⁷ No original, «Panchéa.»

¹⁹⁸ Do Reino de Sabá.

Temendo a morte, aborrecendo a vida,
Destarte implora o Céu: «Nunes! Ó Nunes!
Se ante vós aproveita ao delinquente
Confessar seus delitos, eu confesso
Que o meu crime é credor d'alto castigo,
E à pena que mereço eu me conformo.
Mas porque nem vivendo afronte os vivos,
Ó deuses, nem morrendo afronte os mortos,
Mudando a minha essência, a minha forma,
A morte me negai, negai-me a vida.»

Tais preces algum deus lhe ouviu propício.
Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sorve,
E em súbita raiz ao chão se aferram,
Alicerce tenaz do tronco altivo.
Os ossos ganham forças mais que humanas,
Em sucos vegetais se torna o sangue,
Os braços, que ergue ao Céu, mudam-se
Em ramos, os dedos em raminhos se convertem,
E a lisa pele em desigual cortiça.
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
Já vai cobrindo o colo; esta demora
Não sofreu a infeliz, curvou-se um tanto,
E o semblante gentil sumiu no tronco.

Bem que despisse a antiga inteligência,
Chora contudo, e d'árvore sensível
Tépidas gotas inda estão manando.
Co'as lágrimas dá honra, co'a figura
Mirra não perde o nome, e de evo em evo
Sua história fatal será lembrada.

XII — O ROUBO DE ORITIA POR BÓREAS ¹⁹⁹

Poema de Ovídio

O afamado Erecteu regia Atenas,
Herói na retidão, e herói no esforço.
Quatro filhos houvera e quatro filhas:
Em duas florescia igual beleza.
Foi Prócris, uma delas, esposada
Por Céfalos, de Éolo ²⁰⁰ egrégio sangue;
A outra, inda donzela, era Oritia.

Arde em seus olhos o estrimónio Bóreas ²⁰¹,
Arde há muito, e do pai há muito a espera,
Brando rogo antepondo a dura força;
Mas vendo as preces vãs, lesada a glória,
Hórrido co'a braveza a que anda afeito,
Crua, espantosa, natural ao vento,
E da razão munido, assim declama:

«Porque, porque depus, insano, as armas,
Fereza, robustez e voz terrível,
Usando o rogo que a meu ser não quadra?
Só me convém, me é própria a força, a ira,
Com elas arrebatando as altas nuvens,
Com elas em montanhas ergo os mares,
Torço os carvalhos, endureço as neves,
A redonda saraiva arrojo à Terra;
E se os bravos irmãos nos Céus encontro

¹⁹⁹ Poema do livro VI das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 667 a 712. Foi publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 229.

²⁰⁰ Deus do Vento. É representado como um ser de grande envergadura física.

²⁰¹ *Vd.* n. 14 da p. 62.

(Qu'vós, ó vastos Céus, vós sois meus campos),
Com tanta audácia, tanta fúria luto,
Que nosso embate horrendo atroa o Polo,
E dentre a cerração rebenta o raio.
Se o grão seio investigo à curva Terra,
Se às íntimas cavernas meto os ombros,
Turbam-se os Manes, estremece o mundo.
Destarte me cumpria haver a esposa,
Devia usar da força em vez das preces,
Não rogar Erecteu, mas constrangê-lo.»

Isto ou mais Bóreas diz, e as asas bate,
E abana as terras, e revolve as ondas.
Pelos cumes altíssimos dos cerros
Manto pulverulento o deus arrasta;
Varre o chão e, escondido em névoa grossa,
A tímida Oritia envolve, abraça
Co'as fulvas penas, e remonta o voo.

Enquanto adeja rápido com ela,
As flamas agitadas mais se ateiam,
E na aérea carreira impetuosa
O ativo roubador se não reprime
Até que poussa nos sitónios ²⁰² muros.

Ali a Acteia, singular princesa,
Esposa foi do alígero tirano,
E mãe dos gémeos ínclitos ²⁰³ que abriram
Não vistos mares no baixel primeiro.

²⁰² Trácios.

²⁰³ Cálais e Zetes, que tomaram parte na expedição dos Argonautas.

Poema de Ovídio

Trazendo o espólio do vipéreo monstro ²⁰⁵,
E equilibrado em asas estridentes,
Presas aos leves pés, vagava os ares
O argólico Perseu, prole do nume
Que a Dánae seduzira em áurea chuva ²⁰⁶.

Sobre as crestantes, líbicas areias
Pendente o vencedor, caíram nelas
Da gorgónia cerviz sanguíneas gotas,
E bebendo-as a Terra as faz serpentes:
Desde então de serpentes Líbia abunda.

Logo, agitado por discordes ventos,
Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,
Descobre o moço errante ao longe as terras,
E sobre o vasto globo anda voando.

As Ursas boreais viu já três vezes,
E já três vezes viu do Cancro os braços;
Mil ao Ocaso foi, mil ao Nascente,
Pela aérea violência despedido.

²⁰⁴ Poema que consta do livro IV das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 611 a 663. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 231.

²⁰⁵ Nota de Bocage: «Medusa, a Górgona; os seus cabelos eram serpentes, e o seu rosto convertia em pedra os que o olhavam.»

²⁰⁶ Zeus, que, transformado em chuva de ouro, logrou entrar no cárcere de Dánae. Desta ligação nasceu Perseu.

Enfim, próximo à noite, e receando
Perseu fiar-se dela, o voo abate
Na Hespéria ²⁰⁷ região, reinos de Atlante ²⁰⁸.
O herói pede ao monarca um breve asilo,
Té que Fósforo ²⁰⁹ esperte a luz d'Aurora,
E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos homens todos
Era o filho de Jápeto, era Atlante.
Deu leis na Terra extrema, e leis nos mares
Onde os lassos frisões mergulha Febo.
Ali manadas mil do rei gigante,
Mil rebanhos ali pascendo erravam,
E ao seu não confrontava estranho império.
Tinha um vergel com árvore lustrosa:
As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,
Áureos os pomos que pendiam deles.
«Grão Rei (Perseu lhe diz), se amas a glória
D'alta estirpe, o meu ser provém de Jove;
E se és admirador d'ações famosas,
Hão de maravilhar-te as ações minhas.
Rogo-te a graça de noturno hospício.»

Mas de oráculo antigo o rei se lembra;
A Témis ²¹⁰ no Parnaso ouviu outrora:
«Há de vir tempo, Atlante, em que dos frutos
A árvore tua despojada fique:
Filho o seu roubador será de Jove.»

²⁰⁷ Hespéria indicava, além da Itália, outras regiões do Ocidente, como, neste caso, o atual Marrocos, onde se situa o monte Atlante.

²⁰⁸ Atlas ou Atlante, titã condenado por Zeus a sustentar nos ombros o Mundo.

²⁰⁹ A Estrela da Manhã.

²¹⁰ Deusa das leis eternas, uma das esposas de Zeus.

Receoso do furto, havia Atlante
Torneado o pomar com rijos muros,
E horroroso dragão lhe pôs de vela;
A forasteiro algum nos seus domínios
Guarida não concede, expulsa todos,
E a este diz também: «Vai para longe,
Se não queres de ti ver longe a glória
Dos mentirosos feitos, se não queres
Longe, mais longe ainda o pai que ostentas.»
E, ajuntando a violência aos ameaços,
Intenta repelir além das portas
Perseu, que lhe resiste, e substitui
Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia igualar de Atlante as forças?
«Já que a minha amizade em pouco estimas
(Diz o afrontado herói), recebe o prémio.»
Nisto co'a mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante um monte enorme:
Barbas, melenas se lhe tornam selvas;
São recostos da serra as mãos e os braços,
O que já foi cabeça agora é cume,
Dos ossos os penedos se formaram.

Para todas as partes se dilata;
Crescendo mais e mais, altura imensa
Toma enfim (vós, ó numes, o ordenastes):
Todo o peso dos Céus descansa nele.

XIV — O ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER ²¹¹

Poema de Ovídio

O grão Jove no céu Mercúrio ²¹² chama,
E sem lhe declarar o amor que o fere,
«Vai, ministro fiel dos meus decretos,
Vai, filho meu, co'a sólida presteza;
Desce à Terra (lhe diz) donde se avista
Tua mãe reluzindo ²¹³ à sestra parte ²¹⁴,
E que os seus naturais Sídon nomeiam.
O armentio ²¹⁵ real, que ao longe a relva
No monte anda a pascer, dirige à praia.»

Disse, e já da montanha o gado expulso
Caminha à fresca praia onde costuma
A do sidónio rei mimosa filha
Espairecer, folgar co'as térias ²¹⁶ virgens.

A majestade e o amor não bem se ajustam:
Jamais o mesmo peito os acomoda.
Do cetro a gravidade enfim depondo,
O pai e o rei dos deuses, Jove, aquele
Que armada tem do raio a sacra dextra
E que ao mínimo aceno abala o mundo,
Veste forma taurina, entre as manadas

²¹¹ Das *Metamorfoses*, de Ovídio, livro II, versos 836 e segs., e livro III, 1 e 2. Foi publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 235.

²¹² Hermes, na mitologia grega, era o mensageiro de Júpiter.

²¹³ Nota de Bocage: «Maia, uma das Pléiades.»

²¹⁴ Do lado esquerdo.

²¹⁵ Rebanho, gado.

²¹⁶ Naturais de Tiro, cidade fenícia.

Muge e pisa formoso as brandas ervas.
É cor da neve que nem pés calcaram,
Nem co'as asas desfez o Sul chuvoso;
Alteia airosamente o móbil colo;
Das espáduas lhe pende, e bambaleia
A cândida barbela ²¹⁷, as breves pontas
D'industriosa mão lavor parecem,
Ganham no lustre à pérola mais pura.
Não tem pesado cenho, olhar terrível,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.

A filha de Agenor admira o touro,
Estranha ser tão belo, e ser tão manso.
Ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;
Vai-se depois, avizinhando a ele,
E as flores, que apanhou, lhe aplica aos beijos.

Ei-lo já pela relva salta e brinca,
Já põe na fulva areia o níveo lado.
À virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora of'rece brandamente o peito
Só para que lho afague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real donzela
De recentes boninas lhe engrinalda.

Ela, enfim, que não sabe a que se atreve,
Ousa nas alvas costas assentar-se.

De espaço à beira-mar descendo o nume,
Põe mentiroso pé n'água primeira,
Vai depois mais avante, enfim nadando,
Leva a presa gentil por entre as ondas.
Ela de olhos na praia, ela medrosa,

²¹⁷ Papada, saliência adiposa existente por baixo do queixo.

Segura uma das mãos numa das pontas,
Sobre o dorso agitado a outra encosta;
Enfuna o vento as sussurrantes vestes.

Despida finalmente a falsa imagem,
Eis aparece o deus, eis brilha Jove;
E em teus bosques, ó Creta, Amor triunfa ²¹⁸.

XV — CADMO E HERMÍONE ²¹⁹

Poema de Ovídio

Da série de teus males já vencido,
E de fatais, maléficos portentos,
Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
Sais da cidade que erigido havias,
Como se os Fados dela, e não teus Fados
Te perseguissem lá. Depois de longos
Terrenos vaguear, parou na Ilíria
Co' a prófuga consorte. Ali, gravados
Da desgraça e da idade, a estrela adversa
Memorando dos seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:

«Ah! Sagrada talvez era a serpente
Que no bosque matei quando expellido
De Sidónia me vi por lei paterna!
Sacro seria o monstro, em cujos dentes
Pela terra espalhei semente infensa!

²¹⁸ Nota de Bocage: «Este verso é meu.»

²¹⁹ In *Poesias, Dedicadas...*, p. 237; versos 564 a 603, do livro IV, das *Metamorfoses*, de Ovídio.

Pois se dos nunes o furor se apura
Tanto e tanto em vingá-lo, imploro aos nunes
Que em comprida serpente me transformem.»

Disse, e como serpente eis que se alonga,
Eis na cútis nascer vê dura escama,
Cerúleas nódoas variar-lhe o corpo;
Na terra cai de peitos: manso e manso
Os membros se confundem que o sustinham,
E em buliçosa cauda se afeiçoam.

Restam-lhe braços; braços que lhe restam,
Estende o malfadado, e diz, banhando
De lágrimas a face, ainda humana:

«Vem, doce, vem, misérrima consorte,
Enquanto ainda em mim de mim vês parte;
A mão, enquanto é mão, recebe, aberta,
E enquanto não sou todo enorme serpe.»

Queria prosseguir, mas de improviso
A língua se lhe fende, ei-lo com duas;
Falecem-lhe as palavras; quantas vezes
Se intenta deplorar, tantas sibila:
Só lhe deixa esta voz a natureza.

Co'à mão ferindo o peito, a esposa exclama:
«Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro.
Quê isto! Quê dos ombros, quê dos braços!
As mãos, os pés, e a cor, e o rosto, e tudo!
Porque, poder do Céu, porque, Destinos,
Me não mudais também na forma horrenda?»

Diz, e ele da consorte as faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O colo, que lhe foi, que lhe é tão caro,
Cinge com mimo e, como pode, abraça.

Todos os companheiros, que o rodeiam,
Aterrados estão, porém co'as línguas
Os lúbricos dragões vão afagá-los,
Que súbito são dois, e os juntos corpos
Fazendo um só volume, e serpeando,
Se escondem pela próxima floresta.

Dos homens, todavia, inda não fogem;
Não tem dente mordaz, não tem veneno ²²⁰,
Não fazem dano algum: do que já foram
Os benignos dragões inda se lembram.

XVI — ÉSACO E HESPÉRIA ²²¹

Poema de Ovídio

Ésaco, irmão de Heitor, se não sentira
Na flor da bela idade estranhos fados,
Grão nome entre os heróis talvez tivesse,
E à fraterna igualasse a glória sua,
Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,
E Ésaco de Alexíroe, a qual é fama
Que a furto o produziu lá no Ida ²²² umbroso.

²²⁰ «Tem», para não ferir a métrica.

²²¹ Do livro XI, versos 758 a 795, das *Metamorfoses*, de Ovídio. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 240.

²²² Montanha da Frígia.

Aborrecendo a pompa das cidades,
Remoto do paterno, insigne paço,
Nos montes se escondia, amava os campos,
Ilesos de ambição: mui raramente
No cortesão tumulto ia envolver-se.

O caráter, porém, bravio, agreste,
Inimigo de Amor, não tinha o moço.

Um dia às pátrias margens a formosa,
Cebrena ²²³ Hespéria viu do Sol aos raios
A livre trança de ouro estar secando,
Hespéria a quem mil vezes entre os bosques
Já seguira inflamado. Ao vê-lo, a ninfa
Com tanta rapidez foge do amante
Qual do lobo voraz medrosa corça,
Ou como a fluvial adem ligeira
Foge às unhas cruéis, se é assaltada
Longe do lago pelo açor violento.

Corre o troiano ardente após a ingrata,
Persegue Amor veloz o veloz Medo;
Eis serpe oculta no caminho ervoso
Volve à planta fugaz o curvo dente,
Nas veias lhe introduz mortal peçonha,
Suprime a fuga, suprimindo a vida.

O mísero amador, de mágoa insano,
Abraça o lindo corpo agonizante.
«Eu me arrependo (grita), eu me arrependo,
Ninfa, de te seguir, mas não previa
Este caso fatal, nem desejava
Vitória tão custosa, e tão funesta.

²²³ Nota de Bocage: «De Cebrénia, parte da Tróade, na Ásia.»

Dois foram, infeliz, os teus verdugos:
Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,
E eu fora inda pior que o seu veneno
Se a morte minha não vingasse a tua ²²⁴.»

Disse, e do cume de cavada rocha
Ao pélagos se dá; porém, doída,
Tétis ²²⁵ o acolhe brandamente, e logo
Veste de plumas o nadante corpo,
Seu cobiçado fim negando ao triste.
Ele, raivoso de existir por força,
De ter com duros laços oprimida
Alma, que da prisão sair deseja,
Meneia, assim que as sente, as asas novas,
Voa, mas outra vez baixando às ondas,
Se intenta submergir, vedam-lhe as penas.

Mais o amante se enraiva, e teima, e torna
A sumir-se no mar: da morte a estrada
Tenta, retenta ali, sem fim, sem fruto.

Amor lhe gasta, lhe macera as carnes;
O colo se lhe alonga ²²⁶, o mar lhe agrada,
E dos mergulhos seus provém seu nome ²²⁷.

²²⁴ Nota de Bocage: «O texto diz: não consolasse a tua.»

²²⁵ Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

²²⁶ Nota de Bocage: «O original fala também nas longas pernas da ave, mas o vocábulo perna é baixo na nossa poesia.»

²²⁷ Nota de Bocage: «O corvo-marinho, ou mergulhão = *mergus*.»

XVII — A GRUTA DO SONO ²²⁸

Poema de Ovídio

Junto aos Cimérios ²²⁹, num cavado monte
Jaz uma gruta, de âmbito espaçoso,
Interna habitação do Sono ignavo ²³⁰.

Nos extremos do Céu, do Céu nos cumes
Nunca lhe pode o Sol mandar seus raios;
A Terra exala escurecidas névoas,
O crepúsculo incerto ali é dia,
Ali não chama pela Aurora o galo;
Do lugar o silêncio nunca rompem
Os solícitos cães, os roucos patos,
Sagazes inda mais, mais presentidos.
Não fera, não rebanho ali se escutam,
Nem ramo algum que os Zéfiros embalem,
Nem alterados sons de voz humana:
O calado sossego ali reside.
De baixa e rota pedra sai, contudo,
D'água do Letes ²³¹ pequenino arroio,
Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmúrio suave escorregando,
Convida molemente ao mole sono.

²²⁸ Excerto traduzido do livro XI, versos 592 a 645, das *Metamorfozes*, de Ovídio. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 243.

²²⁹ Povo que vivia numa região de trevas, situada no Extremo Ocidente, segundo uns, ou a norte do Mar Negro, segundo outros.

²³⁰ Entorpecedor.

²³¹ Rio fabuloso do esquecimento, situado nos Infernos. As almas penadas eram forçadas a beber as suas águas, olvidando, deste modo, o passado terreno.

À boca da sombria, ampla caverna
Florescem mil fecundas dormideiras;
Inumeráveis ervas lá se criam
De cujo sumo, ó Noite, extrais os sonos
Que húmida entornas pela Terra opaca.

Porta alguma não há na estância toda:
Volvendo-se, ranger, bater pudera;
Ninguém vigia na fragosa entrada.

De ébano um alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véu negro envolve,
Repousa o deus co'a lânguida indolência.

Em torno, várias formas imitando,
Jazem os sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as móveis folhas,
E os grãos de areia nas equóreas praias.

O Sono em tantos mil não tem ministro
Mais destro que Morfeu ²³², que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A própria locução; porém, somente
Este afigura os homens; outro em fera,
Em ave se converte ou em serpente:
Ícelo pelos deuses é chamado,
Os humanos Fobetor ²³³ o nomeiam.
Há terceiro também de arte diversa:
É Fântasos ²³⁴, que em pedra, em terra, em onda,
Em árvore, e no mais que não tem alma,

²³² Filho de Hipno ou Sono.

²³³ Deus dos Pesadelos.

²³⁴ Deus dos Sonhos.

Súbito e propriamente se transforma.
Uns aterram de noite os reis, e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam ²³⁵.

XVIII — A APOTEOSE DE ENEIAS ²³⁶

Poema de Ovídio

Já do piedoso Eneias a virtude
Enterrecera os deuses, extinguiu
Da própria Juno ²³⁷ a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascânio ²³⁸,
Repouso ao pai cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos Céus o herói troiano.

Vénus por ele interessara os numes,
E, de Jove abraçando o colo augusto:
«Pai, nunca repugnante a meus desejos,
De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
Clementíssimo atende às preces minhas.
Meu caro Eneias, que é por mim teu neto,
Grau de nume inferior alcance ao menos,
De algum modo nos Céus meu filho admitte.
Bem lhe basta uma vez entrar no reino
Onde é tudo aversão, tristeza tudo,
E haver passado por estíguas ondas.»

²³⁵ Nota de Bocage: «Este episódio da *Metamorfose* de Céix e Alcíone não foi traduzido seguidamente; omiti a fala de Íris e o efeito dela porque não pretendia verter senão a descrição da 'Gruta do Sono' e dos seus ministros.»

²³⁶ Das *Metamorfozes*, de Ovídio, livro XIV, versos 581 a 608. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 245.

²³⁷ *Vd.* n. 50 da p. 72.

²³⁸ Filho de Eneias.

Soou a aprovação dos deuses todos,
Nem Saturnia ²³⁹ ficou de aspeto imóvel,
Antes afável anuiu ao rogo.

Então lhe disse o pai: «Sois dignos ambos
Tu e teu filho da celeste graça.
Cumpre o desejo enfim.» Calou-se Jove.

Com vozes gratas a exultante deusa
A mercê retribui, e, conduzida
Nas auras leves pelas néveas pombas,
Desce à margem laurente, onde serpeia
O Numício ²⁴⁰, de canas assombrado,
Levando ao mar vizinho as vítreas águas.

A linda Citereia ²⁴¹ ordena ao rio
Que tudo o que é da morte a Eneias lave,
E em silêncio no mar depois esconda.

As ordens o deus húmido executa;
Tudo quanto é mortal extrai de Eneias,
E co' a pura corrente o volve puro:
A parte só que é ótima lhe deixa.

Eis a amorosa mãe o aromatiza,
Unge de óleo divino o corpo amado,
Honra-lhe os lábios de ambrósia e néctar,
Deus o faz, que dos povos de Quirino ²⁴²
Indígete é chamado, e sobe às aras.

²³⁹ Juno.

²⁴⁰ Rio do Lácio.

²⁴¹ Afrodite (Vénus), que, na sequência do seu nascimento, foi levada para a ilha de Citera.

²⁴² Nota de Bocage: «Deus do país.»

XIX — A APOTEOSE DE RÓMULO E HERSÍLIA ²⁴³

Poema de Ovídio

Tácio morrera ²⁴⁴, e Rómulo aos dois povos ²⁴⁵
Equilibrava as leis, quando Mavorte ²⁴⁶
Dos mortais e imortais ao rei supremo,
(Deposto o morrião) falou destarte:
«O tempo é vindo, ó pai (porquanto Roma
Em robusto alicerce está segura
E um só braço a modera), é vindo o tempo
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Rómulo, teu neto,
Credor do grande prémio, se efeitue,
E o destinado ao Céu se roube à Terra.
No Conselho dos Deuses tu, outrora,
Me disseste, Senhor (e o pio anúncio
Gravei no coração, gravei na mente):
— Erguido aos Céus por ti será teu filho. —
Ratifica a palavra sacrossanta.»
Ao guerreiro anuiu o Omnipotente;
Os ares condensou de opacas nuvens,
No raio, no trovão pôs medo à Terra.

²⁴³ Do livro XIV, versos 805 a 850, das *Metamorfoses*, de Ovídio. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 247.

²⁴⁴ Nota de Bocage: «Companheiro de Rómulo no governo.»

²⁴⁵ Nota de Bocage: «Sabino e Romano.»

²⁴⁶ Marte.

O impávido Gradivo ²⁴⁷, à luz e estrondo,
Vê que é dado o sinal do rapto augusto,
E, firmado na lança, ao carro salta.
Brutos, opressos de temão sanguento,
O sonoro flagelo açoita, esperta.

Dirigindo-se o deus por entre os ares,
Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao filho, que ali julga os seus Quirites ²⁴⁸,
Arrebata dali có'a mão nervosa.

Nas auras se lhe vai quanto é da morte,
Qual a plúmbea porção que sai da funda
Seu ressumante humor perde voando.
Toma o romano herói radiosa face,
Face mais digna da morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, imagem sua.

Por morto o claro esposo Hersília chora:
Eis dos Céus a rainha ordena a Íris ²⁴⁹
Que baixe ao mundo, e que à viúva excelsa
Estas benignas vozes pronuncie:
«Ó da gente sabina e lácia gente
Honra primária, singular matrona,
Já digna esposa dum varão sublime,
Do deus Quirino agora esposa digna!
Não chores: se teu ínclito consorte
Morrendo estás por ver, segue-me os passos,
Comigo ao bosque vem, que lá verdeja
No cimo Quirinal e assombra os lares

²⁴⁷ Epíteto de Marte.

²⁴⁸ Segundo o dicionário de António de Moraes Silva, «designação tomada pelos primitivos habitantes de Roma».

²⁴⁹ *Vd.* n. 49 da p. 72.

Do monarca romano.» Íris submissa
Pelo arco imenso de vistosas cores
Desce rapidamente: ei-la na Terra,
E o que ela a Juno ouviu lhe escuta Hersília.

«Ó deusa! (proferiu a alta matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
Qual delas és não sei, mas sei que és deusa,
Não cabe esse esplendor a um ente humano.
Guia, ah! Guia-me a ver o ausente esposo.
Se olhá-lo inda uma vez me dais, ó Fados,
A presença dos Céus terei na sua.»

Nisto ao romúleo ²⁵⁰ monte se encaminha,
E leda o sobe co'a taumântia virgem ²⁵¹.

Súbito, das estrelas despegado,
Vem direito à montanha etéreo lume;
Os cabelos de Hersília toca, inflama
E com ela após si revoa aos astros.

De Roma o fundador nos Céus a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Ora lhe chama e, de Quirino ao lado,
Goza com ele dos romanos cultos.

²⁵⁰ De Rómulo, segundo a mitologia, cofundador de Roma.

²⁵¹ Íris, filha de Taumas.

XX — TRADUÇÃO DO SACRIFÍCIO DE POLICENA, PRINCESA
DE TROIA, E DA METAMORFOSE DE HÉCUBA, SUA MÃE ²⁵²

Poema de Ovídio

POLIDORO É MORTO POR POLIMESTOR. POLICENA
É SACRIFICADA NO SEPULCRO DE AQUILES

Lá defronte da Frígia, onde foi Troia,
Jaz terra pelos Trácios habitada;
Dela Polimestor o império tinha,
A quem furtivamente, ó Polidoro ²⁵³,
Teu pai te confiou, para educar-te
Longe da confusão e horror da guerra ²⁵⁴:
Arbítrio salutar, se ao desumano
Contigo não mandasse áureos tesouros,
Prémio do crime, estímulo do avaro.

Apenas cai Dardânia ²⁵⁵ envolta em cinzas,
O bistónio ²⁵⁶ tirano empunha um ferro,
O crava na cerviz do tenro aluno;
E, como se a traição sumir pudera
Co'ò misérrimo corpo assassinado,
Do cume de um rochedo ao peço o lança.
Na Trácia fundeara o bravo Atrides,

²⁵² Do livro XIII das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 429 a 575. Foi publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, 1804, p. 250. Bocage iniciou a presente tradução, em novembro de 1797, quando se encontrava detido no Limoeiro.

²⁵³ Nota de Bocage: «Filho de Príamo, rei de Troia.»

²⁵⁴ A Guerra de Troia, que teve lugar, eventualmente, entre os anos 1300 e 1200 a. C. O rapto da rainha Helena, esposa do espartano Menelau, por Páris, esteve na sua origem.

²⁵⁵ Cidade situada no monte Ida, fundada por Dárdano.

²⁵⁶ Relativo à Bistónia, situada na Trácia, de onde Polimestor era natural.

Mar sereno esperando, e vento amigo.
Eis da Terra, espaçosamente rota,
Tão grande Aquiles ²⁵⁷ sai qual era em vida,
C'um ar ameaçador, c'ò mesmo aspeto
Que tinha quando horrível quis vingar-se,
E contra Agamémnon ²⁵⁸ brandiu a espada.

«Esquecidos de mim, partis, ó Gregos!
(A fera sombra diz). Morreu comigo,
Comigo se enterrou minha memória!
A ideia do que fui! Sede mais gratos,
Sem honra não deixeis o meu sepulcro:
Policena, por vós sacrificada,
De Aquiles indignado aplaque os Manes.»

Cala, e desaparece. Os sócios duros,
Ao terrível fantasma obedecendo,
Do regaço materno a triste arrancam,
Da materna ansiedade único alívio.

Forte, e mais que mulher, a infeliz virgem
Ao túmulo funesto é conduzida,
Para vítima ser da irada sombra.

Co'a fantasia em si, depois que a chegam
Para as aras cruéis, onde conhece
Que ao sacrifício bárbaro a destinam,
E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
Pirro c'ò ferro nu, e os olhos nela,
«Um sangue generoso ela derrama,
Derrama (ao impio diz), não te demores,

²⁵⁷ Herói grego que participou na Guerra de Troia, profusamente cantado na *Íliada*, segundo se crê, por Homero.

²⁵⁸ Comandante supremo do exército grego na Guerra de Troia.

No peito ou na garganta o ferro embebe
(Nisto a garganta of'rece, of'rece o peito).
Policena de escrava odeia o nome;
Deus nenhum com tal vítima se abranda.
Mas quisera que a mãe desamparada,
Mãe deplorável me ignorasse os fados:
Só ela de morrer me encurta o gosto;
Bem que não minha morte, a vida sua
Ela deve carpir. Vós afastai-vos;
Meu rogo é justo: do virgíneo corpo
Tirai as mãos viris, não morra escrava.
Àquele que intentais (qualquer que seja)
No sacrifício meu tornar benigno,
Há de ser mais aceito um sangue livre.
Se há, contudo, entre vós alguém, ó Gregos,
Piedoso a extremas súplicas, a prole
De Príamo, dum rei (não a cativa)
Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
O cadáver sanguento à mãe chorosa.
Com lágrimas alcance, e não com ouro
O lutuoso jus de honrar-me as cinzas,
De lhes dar sepultura: enquanto pôde,
Com ouro a triste mãe remia os filhos.»

Disse, e o pranto, que intrépida sustinha,
O povo não susteve: até chorando
O ministro feroz lhe enterra a custo
Consagrado punhal no ebúrneo colo.

Eis o pé lhe falece, ao chão baqueia,
E um ar d'intrepidez mantém morrendo.
Ao cair inda então se não descuida
De encobrir o que é lei ter-se encoberto,
Resguardando o decoro ao casto pejo.

As Troianas, carpindo-se, a levantam,
De Príamo a progénie ali recordam;
Quanto sangue vertera uma família,
Que em outrora choraram. Choram hoje
O teu destino, ó virgem, choram hoje,
Régia, mísera esposa, o teu destino;
Régia, mísera mãe! Nos tempos faustos
De Ásia fecunda símbolo florente!
Agora inútil, desdenhado espólio,
Que Ulisses vencedor não quereria,
Se o memorando Heitor à luz não deras!
O grão nome do filho apenas serve
Para obter um senhor à mãe ansiosa,
Que, nos trementes braços estreitando
O corpo, falto já de alma tão forte,
As lágrimas que deu à Pátria, aos filhos,
E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.

A ferida co'as lágrimas lhe inunda,
Ternos beijos depõe nos lábios frios,
E afaga o virginal, querido seio.
Revolvendo, empastando as cãs no sangue,
Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

Hécuba chora Policena

«Ó filha, última dor (pois, que me resta?)
Última dor da mãe! Sem vida jazes!
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!
Todos, todos os meus assim morreram.
Também ferida estás! Seres isenta
Do ferro, por mulher, eu presumia,
E, mulher, sucumbiste ao ferro iníquo!
De teus irmãos o algoz foi teu verdugo,
O mal, o horror de Troia! O fero Aquiles!

Quando às frechas mortais de Apolo e Páris ²⁵⁹
O bárbaro caiu, eu disse: «Agora
Já que temer não há do infesto Aquiles»;
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos do meu sangue inda persegue,
No túmulo o tirano é sempre o mesmo.
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha
Fecunda fui. Dardânia jaz por terra,
Em catástrofe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardânia existe,
Lavra da minha dor inda o progresso.

Dantes tantas grandezas possuindo,
Tantos genros e filhos, c'roa, esposo,
Hoje em desterro, na indigência agora,
Do sepulcro dos meus desarraigada,
Sou quinhão de Penélope ²⁶⁰, que, altiva,
Há de às matronas de Ítaca mostrar-me
Curvada às suas leis, dizendo: «É esta
A mãe de Heitor, de Príamo a consorte.»

Depois de tantas perdas, tu, ó filha,
Que do luto materno eras alívio,
Sobre túmulo hostil verteste o sangue!
Dei-te o ser para vítima de Aquiles.
Porque vivo? Ai de mim! Serei de ferro?
A que, rugosa idade aborrecida,
Me reservas no mundo? Injustos deuses,
Para que me guardais senão somente
Para novos horrores, prantos novos!

²⁵⁹ Filho de Príamo e de Hécuba, raptou Helena, facto que deu origem a um conflito que se prolongou por 10 anos: a Guerra de Troia.

²⁶⁰ Esposa de Ulisses — que se encontrava ausente na Guerra de Troia —, Penélope ficou eternizada devido à sua fidelidade, bem como ao engenho para dissuadir os múltiplos pretendentes que a assediavam. A sua lenda é narrada na *Odisseia*.

Quem venturoso a Príamo julgara
Depois da, que deu Troia, horrível queda!
Foi feliz em morrer, não te viu morta
Filha minha, e perdeu co'a vida o trono.

Serão teus funerais, ó virgem régia,
Dignos do teu natal? Será teu corpo
Nos avitos ²⁶¹ sepulcros encerrado?
Não, já nos não compete essa fortuna:
Choro, e tosca porção de estranha terra
(Dádiva maternal) só te pertencem.
Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho
Por quem suportarei mais tempo a vida,
Único filho agora, o que algum dia
Da estirpe varonil era o mais tenro,
E que ao ismário rei foi cometido
Neste mesmo lugar... Mas porque tardo,
Triste filha, a lavar-te o peito e rosto,
Do mortífero golpe ensanguentados?

Hécuba dá com o cadáver de Polidoro: frenética de desesperação,
começa a ulular e é transformada

Com vagaroso pé caminha à praia,
Desgrenhados os cândidos cabelos.
«Urna me dai, troianas (diz a triste),
Para as águas colher de que preciso.»
Eis o corpo infeliz de Polidoro,
Lançado pelo mar, vê sobre a areia,
E do treício ²⁶² ferro o golpe fundo.

²⁶¹ Ancestrais.

²⁶² Trácio.

As Troianas exclamam: fica muda;
Ao peito a voz e o pranto retrocedem,
Aflição lhos devora: está qual pedra.
Já põe n'adversa terra olhos imóveis,
Já furibundo aspeto aos Céus levanta;
Olha do filho o rosto, olha a ferida,
Porém, mais a ferida do que o rosto:
Com isto se arma de ira e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
Dispõe como se fosse inda rainha,
E enleva-se na imagem da vingança.

Qual braveja a leoa, a quem furtaram
Tenra prole feroz, que inda criava,
E do seu roubador, com ânsia horrível,
No rasto vai, tal Hécuba, envolvendo
Os frenesis, e o pranto, a dor, e a raiva,
Lembrada do que fora, e não do que era,
Corre a Polimestor, ao réu do crime,
Um colóquio lhe roga, e nele afeta
Que lhe quer entregar tesouro oculto,
Para que chegue ileso às mãos do filho.

O fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sítio.
Astuto, em brando tom lhe diz: «Não tardes,
O tesouro me dá que ao filho envias.
Quanto me tens entregue, e me entregares
Que tudo ele possua aos deuses juro.»

De olhos sanhudos Hécuba o contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E súbito, em socorro as mais chamando,
Arremete ao perjuro, ao fementido,
Pelos olhos cruéis lhe enterra os dedos
(Dá-lhe forças a raiva), e lhos arranca.

As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do pérfido sangue enxovalhada,
Lacera mais e mais: não ceva a fúria
Nos olhos (que os não há), mas onde os houve.
As gentes do tirano, embravecidas
Do cruento espetáculo, arremessam
À vingadora mãe pedras e lanças.
Rouco, irado murmúrio ela soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:
Os lábios se lhe alongam de repente,
E ergue canina voz, falar querendo.

Ao sabido lugar deu nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memória,
Mesta ²⁶³ ululando na sitónia ²⁶⁴ plaga.

Os Gregos comoveu seu duro fado,
Dos Troianos fiéis dobrou a angústia,
Aos deuses fez piedade, e a própria Juno,
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecera.

²⁶³ Que causa tristeza.

²⁶⁴ Da Trácia.

XXI — O PRECÍPIO DE FAETONTE ²⁶⁵

Poema de Ovídio

[...]

Porém, leve era o peso, era diverso
Daquele que os Etontes ²⁶⁶ conheciam,
Quais, sem lastro bastante, os curvos lenhos
São das ferventes ondas sacudidos;
Tal, co'a leveza insólita pulando,
Parece que vazio o carro foge.
Eis a quadriga rápida percebe
Que os passos lhe não rege a mão de um nume;
Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,
E bate o campo azul por nova estrada.
Treme Faetonte ²⁶⁷, e como as rédeas torça,
E qual seja o caminho ele não sabe,
E inda, sabendo, não domara ²⁶⁸ os brutos.
Pela primeira vez se escandeceram
Os gélidos Triões ²⁶⁹ co'a etérea flama,
E banhar-se no pego em vão tentaram.
Do Polo glacial vizinha a serpe,
Dantes mole de frio e não terrível,

²⁶⁵ Excerto do livro II das *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 161 a 183. Seguimos a edição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de...*, t. IV, p. 203. Lisboa: em Casa do Editor A. F. J. Lopes, 1853. Foi primeiramente publicado por Pato Moniz, in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de...*, t. V, p. 74. Lisboa: na Impressão Régia, 1813.

²⁶⁶ Os quatro cavalos que puxavam a carruagem conduzida por Hélio (Sol): Êton, Eoo, Pírois e Flégon.

²⁶⁷ Faetonte, filho do Sol (Hélio) e da Oceânide Clímene, reza a lenda, foi criado desconhecendo a identidade do pai. Atingida a adolescência, inquiriu a progenitora, que o elucidou. Querendo uma prova inequívoca, solicitou ao Sol que lhe permitisse conduzir o seu carro. Autorizado, a sua condução não foi exemplar, pondo em risco o equilíbrio do Universo. Os astros insurgiram-se perante Zeus; este fulminou Faetonte, que caiu no rio Eridano.

²⁶⁸ Domaria.

²⁶⁹ As estrelas da Ursa Maior e da Ursa Menor.

Ganhou no estranho ardor braveza estranha:
Diz-se, ó Bootes ²⁷⁰, que a tremer fugiste,
Bem que és tardio, e te retenha o carro.
Vê jazer muito ao longe o mar e as terras,
O mísero Faetonte; amarelece,
E súbito pavor lhe agita os membros:
Seus olhos em luz tanta encontram noite.
Triste! Quisera já não ter tocado
O coche de seu pai; já se arrepende
De conhecer quem é, de haver podido
O efeito conseguir do rogo incauto.
[...]

XXII — DÁFNIS

Écloga de Virgílio ²⁷¹

MENALCA ²⁷²

Já que neste lugar nos encontrámos,
Eu, versado no canto, e tu, na flauta,
Mopso, por que razão nos não sentamos
Entre estas aveleiras cujas folhas
Quase com as dos álamos se enredam?

²⁷⁰ Também conhecida por Boieiro, é uma constelação do hemisfério norte.

²⁷¹ A tradução da quinta écloga do poeta foi publicada no segundo tomo das *Rimas*, *op. cit.*, 1799, pp. 126-132. José Pedro Soares, professor régio de Gramática Latina em Ponta Delgada, deu igualmente à estampa a sua versão, in *Éclogas de Virgílio, traduzidas em português em verso rimado*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1800, pp. 29-36.

²⁷² Hoje grafar-se-ia «Menalcas».

MOPSO

Tu és mais velho que eu, e a ti, Menalca,
Me cumpre obedecer, ou descansemos
À sombra destas árvores, que tremem
Co'as frouxas virações, ou antes vamos
Para a gruta que ali se nos of'rece.
Olha, como verdejam dentro nela
De uvas agrestes pequeninos ²⁷³ cachos.

MENALCA

Nos nossos montes disputar-te a glória
Pretende Amintas só.

MOPSO

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Febo?

MENALCA

Eia, Mopso, começa, ou saibas versos
Aos amores de Filis ²⁷⁴ alva e loura,
Ou em louvor de Alcão ²⁷⁵, ou à contenda
De Codro ²⁷⁶, do bom rei, começa; entanto
Títiro cuidará dos nossos gados,
Que na vária planície andam pascendo.

²⁷³ Nota de Bocage: «Raros diz o texto.»

²⁷⁴ Filha de Licurgo, rei da Trácia, casada com o filho de Teseu, que passou pelo seu país na sequência da Guerra de Troia.

²⁷⁵ Filho de Erecteu, rei de Atenas, nasceu em Creta. Era famoso pela sua perícia em disparar setas. Hoje, grafar-se-ia «Álcon».

²⁷⁶ Último rei de Atenas. Deixou-se matar porque o Oráculo predisse que na guerra entre o Peloponeso e Atenas saíriam vencedoras as tropas do rei que percesse na batalha.

MOPSO

Antes exprimentar uns versos quero,
Uns versos que são meus, que inda outro dia
De uma faia entalhei no verde tronco,
Ora os ia escrevendo, ora entoando.
Ouve, e diz depois ao fofo Amintas
Que ouse, que venha disputar-me o prémio.

MENALCA

Quanto o mole salgueiro às oliveiras,
Quanto o rasteiro arbusto da alfazema ²⁷⁷
Cede à beleza do rosal corado,
Tanto, a meu parecer, te cede Amintas.

MOPSO

Basta, mancebo, já nas grutas estamos.
Desgrenhadas as ninfas, pranteavam
De morte lastimosa extinto Dáfnis ²⁷⁸.
Vós fostes de seus ais, de seus lamentos
Testemunhas, ó árvores, ó rios,
Quando a pálida mãe, tendo nos braços
O mísero cadáver de seu filho,
Cruéis aos Céus chamou, cruéis aos Fados.
Naqueles dias ninguém houve, ó Dáfnis,
Ninguém que fartos bois levasse ao rio,
E quadrúpede algum naqueles dias
Não gostou água, nem buliu na relva.

²⁷⁷ Nota de Bocage: «Alguns traduzem salgadeira.»

²⁷⁸ Nota de Bocage: «Júlio César, segundo as melhores opiniões.» De facto, alguns comentadores deram uma interpretação alegórica à morte do mais belo pastor da Arcádia, tomando-a como uma alusão ao passamento de Júlio César.

Té n'África os leões te deploraram:
Dizem-no os montes, dizem-no as florestas.
Dáfnis instituiu, mandou que o jugo,
Ao carro submetesse arménios tigres,
Em honra a Baco introduziu coreias ²⁷⁹,
E a revestir de pâmpanos os tirso ²⁸⁰
Ensinou aos pastores. Como as vides
Trepando, são das árvores adornos,
E adornos são da vide os prenes cachos;
Como servem de pompa e de ufanía
Às manadas o touro, ao campo as messes,
Dáfnis, eras dos teus o amor e a glória
Depois que os Fados negros te levaram,
Pales ²⁸¹ e Apolo dentre nós fugiram;
Estas nossas campinas, que abundavam
De barbadas espigas proveitosas,
Só brotam joio infesto, inúteis ervas.
Surge o cardo mordaz, a sarça aguda
Onde a mole violeta roxeava,
E o purpúreo narciso. Ó vós, pastores,
Mil folhas pela terra ide esparzindo,
As fontes assombrai co'a rama agreste:
Dáfnis quer que a memória assim lhe honremos.
Um túmulo erigi, gravai-lhe em cima
Estes saudosos versos: «Eu fui Dáfnis,
Das selvas conhecido até aos astros,
De um belo gado guardador mais belo.» ²⁸²

²⁷⁹ Danças.

²⁸⁰ Bastões enfeitados com folhas de hera, usados pelas Bacantes.

²⁸¹ Na mitologia latina, deusa protetora dos rebanhos e da pastorícia em geral.

²⁸² Nota de Bocage: «Traduzi este verso por dois modos; o segundo é assim: bellissimo pastor de um belo gado, etc. Nota-se o mal que Leonel da Costa verteu este dificultoso verso.» Leonel da Costa efetuou a tradução das *Bucólicas* e das *Geórgicas*, de Virgílio, cuja primeira impressão, em Lisboa, data de 1624.

MENALCA

É, divino poeta, é o teu canto
Suave para mim como é suave
O dormir sobre a relva aos fatigados,
Ou qual ao encalmado, ao sequioso
Matar a sede em límpido regato,
Que vai por entre seixos murmurando.
A teu mestre és igual não só na flauta,
Mas no verso, e na voz. Feliz mancebo!
Tu lhe hás de suceder no dom, na fama.
Nós, contudo, pastor, como pudermos
Algum verso também soar faremos:
Nele às estrelas ergueremos Dáfnis,
O teu Dáfnis aos céus irá com ele,
Que Dáfnis se dignou também de amar-nos.

MOPSO

Que prazer me darás maior que ouvir-te!
Dáfnis é digno assunto desses versos,
E ouvi a Stímicon ²⁸³ louvá-los muito.

MENALCA

Do Olimpo as áureas portas estranhando,
Pasma, em almo prazer, o ingénuo Dáfnis:
Vê debaixo dos pés nuvens e estrelas.
Eis a doce alegria ocupa os bosques,
Os vales, as montanhas, os pastores,
O arcádio Pã ²⁸⁴ e as Dríades ²⁸⁵ donzelas.

²⁸³ Estímicon. Por uma questão de métrica, Stímicon.

²⁸⁴ Deus dos campos e dos pastores, filho de Júpiter e de Calisto, ou de Hermes e Penélope. Perseguiu Sírinx, que se metamorfoseou em cana. Pã cortou-a e dela fez a primeira flauta.

²⁸⁵ Ninfas das florestas e da vegetação em geral.

Nem o lobo ao rebanho insídias tece,
Nem a rede traidora engana os cervos.
Dáfnis ama o sossego. Intonsos montes,
Mil vozes de prazer soltais vós mesmos;
Proferem brando verso até rochedos,
E o trémulo arvoredo está soando:
«Ó Menalca! Ele é deus, é deus... ah Dáfnis,
Sê benéfico aos teus. Eis quatro altares,
Ei-los, dois para ti, dois para Febo.
Aqui te sagrarei todos os anos
Dois vasos em que espume o leite novo,
Com outros dois também, nos quais loureje
Da plácida oliveira o grato sumo.
Baco, fervendo em pródigos banquetes,
Com fogoso prazer há de espertar-nos,
E, à sombra no verão, no inverno ao lume,
As taças encheri de arvisio néctar.
A Dametas e Égon direi que entoem
Ledas canções, e os sátiros saltantes
Ao leve Alfesibeu direi que imite.
Sempre serás por nós destarte honrado,
Ou quando, amável Dáfnis, consagremos
Votos solenes às formosas ninfas,
Ou quando à roda dos ervosos campos
Co'as vítimas andemos, como é uso.
Enquanto o javali na serra, enquanto
O peixe nadador folgar no rio,
Enquanto de tomilho a loura abelha,
E de orvalho as cigarras se abastarem,
Hão de permanecer por estes montes
Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
Como a Ceres e Baco os lavradores
Todos os anos te farão mil votos,
E obriga-os tu, se à risca os não cumprirem.

MOPSO

Que prémio te darei que valha os versos,
Os versos imortais que me encantaram?
Tanto austral viração me não recreia,
Nem de um ar brando areias açoitadas,
Nem o sussurro de um arroio ameno,
Que serpeia entre vales pedregosos.

MENALCA

Eu te hei de preceder nos donativos;
Aqui tens esta flauta. É ela, ó Mopso,
Quem fez com que eu cantasse aqueles versos:
«O pastor Córidon, louco de amores,
Pelo formoso Aléxis suspirava.»
E os outros: «Esse gado a quem pertence?
Talvez a Melibeu?»

MOPSO

Pois tu recebe
Este cajado: tem de bronze o conto,
E iguais os nós. Antígenes mil vezes
Mo pediu (e era então credor de amar-se),
Mas por mais que lidou, não pôde obtê-lo.

XXIII — AMOR FUGIDO

Idílio de Mosco ²⁸⁶

Vénus chamava o filho em altas vozes.
«Se alguém viu pelo campo (a mãe dizia)
Andar vagando Amor, esse é meu filho,
Meu filho, que fugiu. Quem souber dele,
Quem notícias me der do meu Cupido,
Premiado será, tem certo um beijo,
Nos próprios lábios da amorosa Vénus;
Porém, se mo trouxer, terá mais glória,
Coisas mais doces do que um simples beijo.
Entre meninos mil este menino,
Por dif'rentes sinais se reconhece.
Não tem cândida a tez, mas cor de fogo;
São seus olhos espertos, cintilantes,
Meigo o falar, o coração maligno;
Nunca sente o que diz; tem mel nas vozes,
Mas torna-se feroz, traidor, insano,
Apenas se enfurece. É mentiroso,
É sagaz, é cruel até brincando;
Trança espessa e formosa ao ar lhe ondeia,
Em dourados anéis lhe desce ao colo;
Nas faces lhe transluz o ardor, a audácia;
Tem pequenina mão, porém tão forte
Que arroja muito longe as fatais armas;
À margem do Aqueronte ²⁸⁷ às vezes voam,
E colhem descuidado o rei do Inferno;
Seu corpo é nu, sua alma impenetrável,

²⁸⁶ In *Rimas*, t. II, 1799, pp. 133-134. A tradução deste idílio foi igualmente publicada por António Ribeiro dos Santos em *Poesias de Elpino Duriense*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1812, p. 339.

²⁸⁷ «Rio dos Infernos, que as almas devem atravessar para atingir o império dos Mortos», segundo Pierre Grimal, in *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel, 2004.

Com asas como um pássaro, volteia
Do sexo vigoroso ao débil sexo,
Pousa nos corações, e ali se aninha;
Num arco delgadinho aponta as frechas,
As frechas que, assim mesmo ténues, curtas,
Se entranham pelos Céus, alcançam Jove;
Pejam farpas subtis a aljava de ouro,
Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros
Até eu, sua mãe, sou alvo às vezes;
Tudo o que lhe pertence inclui estragos,
Mas nada do que é seu produz mais dano
Que um curto, antigo, inextinguível facho:
O Sol, o próprio Sol com ele abrasa.
Mortais, se o encontrares, eia, atai-o,
Atai-o, e muito bem, por que não fuja.
Se ele chorar, seu pranto vos não mova,
Antes desconfiai, seu pranto engana.
Se ele rir, apertai-lhe os nós do laço;
Se quiser abraçar-vos, longe, longe,
Fugi, não vos fieis; abraços, beijos
Nada, nada: seus lábios têm peçonha,
Seus beijos enfeitiçam. Se ele acaso
Vos disser: 'Aqui tendes estas armas,
Tomai, eu vo-las dou', não pegueis nelas.
Mimos de amor são pérfidos e ardentes.»

XXIV — A SEPULTURA OU A MORTE DE ADÓNIS

Idílio de Bión de Esmirna ²⁸⁸

Choro Adónis ²⁸⁹, é morto o belo Adónis,
É morto Adónis, choram-no os Amores.
Não mais, envolta nas purpúreas vestes,
Não mais durmas, ó Vénus, eia acorda,
E lutosos véus trajando aflita,
Fere co'a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: «É morto o belo Adónis:
Eu choro Adónis, choram-no os Amores.
Jaz na montanha Adónis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes;
A triste Vénus esmorece ao vê-lo
Ir exalando os últimos suspiros;
Sai do golpe fervendo o rubro sangue,
Névoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos lábios a punícia ²⁹⁰ rosa,
Vão-se com ela os deleitosos beijos
Em que de gosto desmaiava a deusa.
Inda no moço amável, já não vivo,
Dar ósculo amoroso é doce a Vénus;
Mas Adónis (ó Céus!) não vê, não sente
Que Vénus infeliz o abraça, o beija.

²⁸⁸ Nota de Bocage: «Vertido fielmente da tradução literal em latim.» Idílio publicado no 2.º volume das *Rimas*, 1799, pp. 120-125. Bión de Esmirna, poeta bucólico grego, viveu no fim do século II a. C. Pouco se conhece da sua biografia. No *Canto fúnebre em honra de Bión*, obra atribuída indevidamente a Mosco, é afirmado que viveu na Sicília e que morreu envenenado (*Dictionnaire de L'Antiquité: Mythologie, Littérature, Civilisation*. Paris: Robert Laffont, 1993, p. 152). Esta composição foi igualmente traduzida por Elpino Duriense, ou seja, António Ribeiro dos Santos (v. *Poesias*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1812, t. I, p. 315).

²⁸⁹ Filho do amor incestuoso de Cíniras com Mirra, sua filha. Adónis ostentava grande beleza, sendo disputado por Afrodite e por Perséfone. V. p. 125.

²⁹⁰ Vermelha, da cor da romã.

Eu choro Adónis, choram-no os Amores.
Adónis junto à cândida cintura
Tem mortífero golpe, e tu, ó Vénus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fiéis animais à caça usados
Em roda ao gentil dono uivaram tristes;
Nos montes as Oréades ²⁹¹ o choram.
A ansiosa Vénus, soltos os cabelos,
Sem cor, sem atavio e nua a planta,
Pelos bosques vagueia, e corre, e geme.
Na rápida carreira agudo espinho
Lhe extrai dos tenros pés o sangue puro.
Ela com alta voz atroa os vales,
Chama o terno amador, o assírio moço.
Ai! Entretanto o mísero destila
Rubicundo licor das rotas veias,
E purpúrea aparece a nívea carne.
Ah Vénus! Vénus! (os Amores gritam)
Dos olhos e da face dos mil encantos
Perdeu Vénus, perdendo o belo amante.
Quando Adónis vivia era das Graças
Vénus a deusa, Vénus o modelo;
Toda a beleza dela, o riso todo
Quando Adónis morreu, morreu com ele.
Árvores, montes por Adónis clamam,
De Vénus a tristeza os rios choram,
Vão por Adónis suspirando as fontes,
Roxas as flores pela dor se tornam.
Delira a consternada Citereia ²⁹²
A girar e a carpir de vale em vale.
Ah Vénus! Jaz sem vida o meigo Adónis.

²⁹¹ Ninfas das montanhas.

²⁹² Vénus, que, recém-nascida, foi levada pelos Zéfiros para a ilha de Citera.

Eco ²⁹³, de gruta em gruta ressoando,
Repete: jaz sem vida o meigo Adónis.
Quem não lamentará da aflita deusa
O duro estado, os míseros amores!
Oh dor! Quando ela viu ser insanável
Do seu mimoso Adónis a ferida,
E o sangue em borbotões correr do golpe,
Abrindo os braços, e arquejando: ‘Espera,
Espera, triste Adónis (exclamava),
Dá-me que eu goze este prazer extremo,
Deixa que me console um terno abraço,
Que inda meus lábios nos teus lábios toquem.
Abre os olhos, Adónis, abre um pouco,
Dá-me um beijo, um só beijo enquanto a morte
Não te extingue o calor nos moles beijos.
Tua alma acolherei na minha boca,
E dela descerá para meu peito;
Doce amor beberei no beijo doce,
E o doce beijo guardarei saudosa
Como se fosse Adónis, já que ingrato
A Vénus desamparas, foges dela
Para as medonhas margens de Aqueronte ²⁹⁴,
Para o feio, implacável rei do Inferno.
Eu, infeliz, sou imortal, sou deusa,
Eu seguir-te não posso, eu vivo, e morres!
Recebe, ó tu, Prosérpina ²⁹⁵, recebe
O meu formoso encanto, a glória minha.
Ah! Quanto é superior ao meu teu Fado!
Tudo o que há mais gentil, melhor no mundo
Tudo possuirás, e eu desditosa,

²⁹³ Ninfa dos bosques e das fontes, condenada a repetir as últimas palavras ou sílabas pronunciadas.

²⁹⁴ *Vd.* n. 287 da p. 171.

²⁹⁵ Deusa dos Infernos, em Roma, corresponde, na mitologia grega, a Perséfone e representa a germinação das plantas.

Curtirei dor sem fim, saudade eterna.
Temo a deusa tartárea, choro Adónis.
Morreste, ó suspirado, e teus carinhos,
Como um sonho fugaz de mim voaram:
Em triste viuvez eis Vénus fica,
E os Amorinhos seus em ócio triste.
Do meu cinto a virtude encantadora
Contigo pereceu! Ah temerário,
Como, sendo tão lindo e tão mimoso,
Ousaste acometer sanhudas feras?»
Assim carpia a mãe e os Cupidinhos.
Ai, Vénus! Ai que é morto o belo Adónis.
De Vénus tantas lágrimas correram
Quanto sangue correu do louro amante,
E em flores se mudaram sangue e pranto:
Nasceu daquele a purpurina rosa,
Deste nasceu a anémona brilhante.
Choro Adónis, é morto o belo Adónis.
Não mais no bosque, ó Vénus, o pranteies;
Em sublime lugar já mão piedosa
Digno toro aprestou ao teu querido.
Sobre teu leito jaz o morto Adónis,
E morto, e descorado é belo ainda:
Parece nele a morte um brando sono.
Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
Vestês nas quais envolto ele gostava
De noite ou mimos teus, ou gratos sonhos.
Ama, posto que extinto, Adónis ama,
Tece-lhe as c'roas e os festões de flores,
Que depois que morreu ficaram murchas.
Rega do sumo de amorosos mirtos,
Perfuma de gratíssimos aromas,
Perfuma os frios, delicados membros;
Pereçam, Vénus, os perfumes todos,
Se Adónis pereceu, que era o perfume,
O suave perfume da tua alma.

Na púrpura descansa o tenro Adónis:
Em torno dele suspirais, Amores,
As lustrosas madeixas decotadas
Em honra funeral do extinto amante.
Aquele calca aos pés bicudas setas,
Este o arco desmancha, estoutro parte
Áureo carcás, de farpas abundante;
Um lhe descalça o nítido coturno,
Outro água cristalina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co'as penas outro enfim lhe agita os ares.
Os Amores lamentam Citereia,
E na porta Himeneu seu facho apaga,
E a c'roa nupcial desfaz saudoso...
Ah! Não mais Himeneu, não mais seus hinos,
Só lágrimas, só ais borbulham, soam.
Oh mísero Himeneu! Mísero Adónis!
O filho de Cíniras ²⁹⁶, as Graças choram,
É morto Adónis (entre si clamando
Em mais aguda voz que a tua, ó Vénus)
As três negras irmãs, as mesmas Parcas,
Choram em flor cortado o moço lindo,
E até com mago verso à vida o chamam.
Ele escuta, ele atende, e fica imóvel,
Não por estar contente onde se oculta,
Mas Prosérpina o quer, e não permite
Que ele goze outra vez a luz do mundo.
Cessem, pois, Cípria deusa, os teus suspiros ²⁹⁷:
Um terno suspirar não move os Fados.

²⁹⁶ Cíniras, rei de Chipre que manteve, embora involuntariamente, uma relação incestuosa com a filha, Mirra, da qual nasceu Adónis.

²⁹⁷ Nota de Bocage: «Este remate é meu, porque o do original, relativo às festas anuais, celebradas em honra de Adónis e Vénus, me pareceu pouco interessante.»

XXV — O BOSQUE DE MARSELHA

Poema de Lucano ²⁹⁸

Lá junto de Marselha havia um bosque,
Nunca dos longos séculos violado.
Co' a rama implexa ²⁹⁹ os ares denegria,
Amedrontava o Sol co' as altas sombras.
Ninfas, Silvanos ³⁰⁰, Pã ³⁰¹, que rege as selvas,
Ali não têm poder, ali só reinam
Numes que exigem bárbaras oferendas;
Aras cruéis as Fúrias ³⁰² erigiram,
Roxeia em tronco e tronco o sangue humano.
Ali, se fé merece a Antiguidade,
Sobre os ramos firmar-se as aves temem,
Temem as feras acolher-se às covas.
Não soa o vento ali, nem bate o raio,
Nem folha alguma os zéfiros consente:
Um mudo horror as árvores abrange.
De origens torpes negras águas fervem;
Dos deuses maus os simulacros feios
Carecem de arte, são informes troncos.
A mesta ³⁰³ palidez, que os vultos cobre,
A surda corrupção, que os vai roendo,
Nos absortos mortais terror infunde;

²⁹⁸ Descrição tirada da *Farsália*, de Lucano, livro III, versos 399 a 448, publicada no terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 259. Marco Aneu Lucano (Córdova, 39 d. C.-Roma 65 d. C.), poeta épico latino de inspiração estoica, participou numa conspiração que visava Nero, a qual foi descoberta. Foi então forçado a suicidar-se.

²⁹⁹ Emaranhada.

³⁰⁰ Divindades que, na mitologia romana, presidem aos bosques.

³⁰¹ Deus dos pastores e dos rebanhos, que tem uma aparência mista de homem e bode.

³⁰² Génios dos Infernos que vingavam os crimes. Correspondem, na mitologia grega, às Erinias.

³⁰³ Lúgubre.

Receiam numes de aparência estranha:
Tanto aumenta o pavor, tanto o requinta
Ignorar que poder, que deuses teme!
Era geral rumor que ali se ouviam
Mugir as grutas, vacilando a terra,
Que o derrubado teixo ali soía
Aos ares outra vez alçar a coma,
Até sem consumir-se arder o bosque,
E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá próximo culto às aras tristes,
Nem o infesto lugar frequenta a gente:
Espavorida o cede aos deuses torvos.
Quando no etéreo cume o Sol chameja,
Ou quando a opaca noite afeia o Polo,
Dos ritos feros o ministro mesmo
Teme entranhar-se nas funestas sombras,
E o senhor encontrar do bosque horrendo.

César ordena que derribe o ferro
As árvores, que, intactas doutras guerras,
E entre altos montes nus encadeadas,
Do romano arraial surgiam perto.

Eis os braços guerreiros estremecem,
Os fortes corações eis enregela
Do ermo escuro a terrível majestade:
Creem que, se as sacras árvores ferirem,
Hão de os férreos, vibrados instrumentos
Voltar-se contra os ímpios que os meneiem.

Júlio, que do terror os vê tomados,
Rápido a um deles a bipene ³⁰⁴ arranca;
Ergue-a, num tronco ingente a descarrega,
Às coortes ³⁰⁵ se volve, assim lhes fala:
«Porquê nenhum de vós talhar duvide
A selva, onde pensais que habitam deuses,
Crede-me, embora, o réu do sacrilégio.»

Diz, e a pávida turma obediente,
Sem repelir o horror, sucumbe ao mando:
Teme a ira dos numes, e a de César,
Porém, mais a de César que a dos numes.

Já nodosos carvalhos caem por terra,
Caem por terra os soberbos, duros olmos,
No chão baqueia o fúnebre cipreste
Que a lutos não plebeus é consagrado.
Pela primeira vez, dodónio ³⁰⁶ bosque,
Depões a idosa rama, e já sem ela,
Sem sombra, que te ampare, o dia admites.

Mas inda se mantém, caindo, a selva
Com seus restos espessos; Gália geme,
Olhando o feito audaz; porém, reclusa
A crente mocidade entre as muralhas,
Exulta: quem julgara que seriam
Impunemente os deuses afrontados!

³⁰⁴ Pequeno machado de dois gumes.

³⁰⁵ Corpos de infantaria, em Roma.

³⁰⁶ Nota de Bocage. «Metaforicamente». Nota do editor: «De Dodona, cidade localizada no Epiro, Grécia, onde se encontrava um oráculo que tinha Zeus como patrono.»

XXVI — EPIGRAMA

De Ausônio

Quanto és, Dido, desgraçada ³⁰⁷
Com dois maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

³⁰⁷ Publicado pela primeira vez no terceiro tomo de *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, op. cit.*, 1804, p. 235. Trata-se de uma quadra, na qual Bocage traduz um epigrama de dois versos, da autoria de Ausônio, ou seja, Décimo Magno Ausônio, poeta que nasceu em Burdigala, atualmente Bordéus, cerca de 309, e ali faleceu em 395. Lecionou Gramática e Retórica. A lição original do texto latino é a seguinte: «Infelix Dido, nulli bene nupta marito; / Hoc perescente, fugis; hoc fugiente, peris.»



LITERATURA FRANCESA

I — FÁBULAS DE LA FONTAINE

1 — O Leão Vencido pelo Homem ¹

Pôs-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com glória
O painel, eis senão quando
Um leão, que ia passando,
Lhe diz: «É falsa a vitória.

«Deveis o triunfo vosso
À ficção, blasonadores;
Com mais razão fora nosso,
Se os leões fossem pintores.»

2 — A Raposa e as Uvas ²

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

¹ Esta fábula e as seis seguintes constam do primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, pp. 341-348, que perfilhámos, por ser a última publicada em vida do autor. Foram igualmente dadas a lume em *Rimas*, t. I, Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1794, pp. 336-343.

² Fábula de Esopo (Amório, Turquia, 600 a. C.-Delfos, Grécia, 564 a. C.), recuperada por La Fontaine (Château-Thierry, 1621-Paris, 1695), traduzida por Bocage e por Filinto Elísio (v. *Obras Completas*). Foi musicada por J. Gonçalves Simões e incluída na obra *Cartilha Musical*, publicada pela Sasseti, em ano indeterminado.

De bom grado os trincaria,
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: «Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.»

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia o seu caminho,
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

3 — O Corvo e a Raposa ³

É fama que estava o corvo
Sobre uma árvore pousado,
E que no sôfrego bico
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:

«Bons dias, meu lindo corvo;
És glória desta espessura,
És outra fénix, se acaso
Tens a voz como a figura.»

A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista,
Abre o bico, e solta a presa.

³ Fábula traduzida igualmente por Filinto Elísio (v. *Obras Completas*).

Lança-lhe a mestra o gadanho,
E diz: «Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

«Esta lição vale um queijo,
Tem destas para teu uso.»
Rosna então consigo o corvo,
Envergonhado e confuso:

«Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me dela;
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela.»

4 — A Cigarra e a Formiga ⁴

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão, com que manter-se,
Té voltar o aceso estio.

⁴ Fábula de Esopo, adaptada por La Fontaine e traduzida por Bocage. Filinto Elísio também verteu esta fábula (v. vol. VI das *Obras Completas*. Edição de Fernando Moreira. Braga: APPADCM, 2000, p. 51).

«Amiga (diz a cigarra),
Prometo à fé d'animal
Pagar-vos antes de agosto
Os juro e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta.
«No verão, em que lidavas?»
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
«Oh bravo! (torna a formiga)
Cantavas? Pois dança agora.»

5 — A Montanha Que Pare

Começou a berrar com dor de parto
Certa montanha, e fez tamanho estrondo
Que acudiu muita gente, a qual supondo
Que dali nasceria uma cidade
Maior do que Paris, eis nasce um rato.
Quando por esta fábula discorro
E observo que o sentido é verdadeiro,
Logo se me afigura autor inchado,
Que diz: «Eu cantarei a horrível guerra,
Com que os Filhos da Terra
Sacrílega invasão nos céus tentaram
E a Jove asoberbaram.»
Promete grandes coisas, coisas belas;
Que produz? Bagatelas.

6 — O Leão Velho

Decrépito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo coòs dentes o maltrata,
O cavalo coòs pés, o boi coàs pontas,
E o mísero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas.
Não se queixa dos fados; porém, vendo
Vir o burro, animal de ínfima sorte,
«Ah vil raça! (lhe diz) Morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte.»

7 — O Leão Caçando com o Burro

Fez anos o leão, quis ir à caça,
E a dele não costuma ser escassa;
Não consiste em pardais, em bagatelas,
Mas em bons javalis e em corças belas.
O rei dos bosques, pródigo e discreto,
Para sortir efeito o seu projeto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de buzina.
Ele ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquela tropa ainda usada
Ao fragor de asinina trovoadas:
No ar o espantoso orneio enfim ressoa,
Vaga o terror e as grutas despovoa;
Tremendo, a turba agreste alonga o passo,
Foge tudo, e, fugindo, eis cai no laço,
Onde os espera a garra penetrante.

«Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a glória da caçada.)
«Troas (volta o leão), troas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava.»
O burro, se pudesse, resmungava,
E tínhamos arenga, ainda que havia
Motivo para aquela zombaria;
Pois quem há de sofrer, quieto e mudo,
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem sofrerá que audácia o burro afete?
Caráter fanfarrão não lhe compete.

II — EPIGRAMAS

1 — De Perrault ⁵

Amor é um menino ⁶
Tão velho como o mundo,
Dos deuses o maior e o mais pequeno:
De seu fogo divino
Ocupa o Céu sereno,
O longo Mar profundo,
A populosa Terra,
E nos olhos contudo Íris o encerra.

⁵ Charles Perrault (Paris, 1628-Paris, 1703), jurista, poeta e reputado contista. A sua obra *Parallèles* desencadeou a célebre polémica sobre «Antigos e Modernos».

⁶ Este epigrama e os cinco seguintes foram publicados no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794, p. 300, e de 1800, p. 298. Perfilhámos a última lição.

2 — De Rabutin ⁷

À UMAS ROSAS QUE UMA DAMA TINHA NO PEITO

Rosas, oh como um coração, que adora,
Vos conhece o valor, vos crê felizes!
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lises.

3 — De Boisrobert ⁸

Quê! De tão tenra idade nos verdores
Ninguém te pode ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! Fosses mais crescida, ou menos bela!
Para causares as feridas nossas
Espera o tempo em que sará-las possas.

4 — De Madame Bernard ⁹

Quando o velho Dámon ¹⁰ me diz que emprega
Amor tiro mortal no peito humano,
Sem que ele ouse clamar contra o tirano;
Quando me diz que Amor engana e cega,
Que às lágrimas, que aos ais é insensível,
Então não me parece Amor terrível;
Mas quando o moço Alfeu me diz, sorrindo,

⁷ Roger de Bussy-Rabutin (Epiry, França, 1618-França, 1693), poeta.

⁸ François de Boisrobert (Caen, 1592-Paris, 1662), poeta e dramaturgo.

⁹ Catherine Bernard (Rouen, 1662-Paris, 1712). Cultivou a poesia, o drama e a novela.

¹⁰ Musicólogo grego que viveu no século v a. C. Foi professor e conselheiro de Péricles.

Que Amor é meigo deus, menino amável,
Mais que as flores mimoso, alegre e lindo,
Quanto então me parece formidável!

5 — De Madame Scudéry ¹¹

A corrente, que beija aquela areia,
Esta rosa, que ao Zéfiro abre o seio,
A viração, que as árvores meneia,
Nos dizem que é o amor doce recreio.
A pura chama igual de um par constante
Em dobro o faz feliz, o faz contente:
Tem uma alma, não mais, o indiferente,
Duas almas encerra um peito amante.

6 — De Dufresny ¹²

De ciúmes Anfriso envenenado,
À bela Nise um dia
«Entrega-me (dizia)
A fita que te hei dado,
Entrega-me o meu cão e o meu cajado.»
Ela, para aplacar-lhe os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: «Sobre estas flores,
Mais terno que sisudo,
Sem respeitar-me a candidez e o pejo,
Também me deste um bejo ¹³:
Não quero nada teu, recebe tudo.»

¹¹ Madeleine de Scudéry, nasceu no Havre, em 1607, e faleceu na cidade de Paris, em 1701.

¹² Charles Rivière Dufresny, dramaturgo e poeta francês, nascido e falecido em Paris, respetivamente, nos anos de 1648 e de 1724.

¹³ *Sic.*

Aqui jaz um escrivão ¹⁴,
 Que já na provecta idade
 Tomou o hábito de frade:
 Só merecia o cordão.
 Deus tenha dele piedade.

8 — De Voltaire

Mordeu uma serpe Aurélia ¹⁵.
 Que pensais que resultou?
 Que Aurélia morreu? História:
 A serpente é que estoizou.

¹⁴ Epitáfio publicado no segundo tomo das *Rimas*, edição de 1799, p. 244. Desconhece-se o seu autor.

¹⁵ Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgarmente apelidado terceiro tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 152. Epigrama satírico de Voltaire que consta de *Poésies Mêlées* e de *Oeuvres Critiques et Poétiques de Voltaire*, p. 96. Eis o texto original : «L'autre jour, au fond d'un vallon, / Un serpent piqua Jean Fréron. / Que pensez-vous qu'il arriva? / Ce fut le serpent qui creva.» O escritor inspirou-se em Demódoco, poeta grego do século VI a. C., que escreveu o seguinte epigrama: «Um dia, uma pérfida víbora / Mordeu Capadoce. Morreu ? / Não. Quem morreu foi a bicha, / Devido ao sangue que bebeu.» Augusto Gil glosou igualmente, do seguinte modo, este tema: «Um dia uma víbora morde num pé / A pérfida Cloé. / Perguntarão: Que sucedeu / À pérfida Cloé ? Morreu ? / Isso morreu ela... / Mal sentiu a mordidela. / Não teve febre, nem ardor, nem nada. / A bicha é que morreu envenenada!» [Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, «Poetas Gregos em Augusto Gil», in *Humanitas* (Coimbra), 1970, p. 381.]

III — EUFRÁSIA A RAMIRO

Epístola de Jean-Claude Dorat ¹⁶

Adorado Ramiro ¹⁷, enfim triunfas!
Meu remorso expirou, de Amor sou toda;
De seu facho o fulgor meus passos guia,
O farol da Razão dá luz mais frouxa.
Repousa a doce paz dentro em meu peito:
Quem pode, sendo réu, ser tão ditoso?
Criminosa não sou — do amante o crime
Está no pouco amor, ou na inconstância.
Para sempre te adoro, a ti me entrego,
Outro bem para mim não há no mundo.
Num sossego enfadonho, errada, eu cria
Que era imortal brasão ser insensível.
Tu me desenganaste; um brando raio
Solto dos olhos teus, brilha em minh'alma.
Perdoa (caro amante) ao susto, ao pranto,
Aos tímidos abraços, que afrouxava
De um dever inventado a turva ideia;
Perdoa a aqueles ais que me voavam
Do seio do prazer. Na flor dos anos
Não é lícito o medo, em quem sucumbe
Aos transportes d'amor, às leis d'amante?

¹⁶ Publicação póstuma da responsabilidade de Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, Lisboa: António José Fernandes Lopes, 1853, vol. III, p. 128. Uma outra lição a que tivemos acesso apresenta a seguinte epígrafe: «L'ètre qui fait aimer, pardonne à la tendresse.» Esta é a primeira das 16 epístolas da obra *Lettres de la Chanoinesse de Lisbonne à Melcour, officier français*, uma imitação, publicada em 1770, das *Cartas Portuguesas* (1669) de Mariana Alcoforado. Claude Joseph Dorat (Paris, 1734-Paris, 1780) foi autor de peças teatrais, contos, poemas e fábulas. Florence Nys propicia-nos uma leitura mais abrangente desta versão bocagiana no artigo «Dorat Traduit par Bocage: sur les traces des lettres portugaises», in *Leituras de Bocage*, edição de Maria Luísa Malato. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007, pp. 132-143.

¹⁷ Na edição de Paris, Chez Delalain, 1782, p. 23: «Melcour».

Este suave instinto irresistível
Se converte em temor, antes da posse;
Estes prontos e incógnitos desejos,
Se as paixões se vigoram, alvoroçam
As molestas lições com que na infância
Se vai torcendo o passo à natureza;
O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres
Nos enche de pavor: quanto mais vivos
Então mais criminosos nos parecem.
Mas apenas o espírito começa
A conhecer o amor e a avaliá-lo;
Apenas principia a comprazer-se
Na terna propensão que os Céus criaram;
Apenas este amável sentimento
Rebenta, cresce, lavra e se apodera
Das almas, que iludira a voz do Engano,
Eis cessa dos remorsos o rebate,
Eis nos apraz a lânguida saudade;
Só da ternura as lágrimas vertemos,
Temendo que não seja muito ardente
A paixão, que até'li nos assustava.
Santa Religião, que trovejando
Espalhas o terror sobre os delitos!
Transportes naturais, ingénuos, doces,
Opõem-se às tuas leis? Por mais que imploro
Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado:
Tu, sem a converter, minh'alma assombras;
Suspiro e, a pesar teu, Ramiro adoro.
Deu-se a Ramiro o coração que exiges,
Até junto do altar o escuto, o vejo:
Fala-me, insta comigo, arde, e me inflama;
Podem seus olhos, podem suas graças
O que ameaços teus em mim não podem.
Se inútil resistência às vezes tenho,
É por dar ao meu bem mais um triunfo;
Porque, se em disputar-lhe os meus afetos
Lidas sempre, a vitória é sempre sua.

Dá pois ao coração, que ele domina,
Força para vencer, ou jus ao crime.
O Ente que a amar induz, o amor perdoa.
Era no arbítrio meu não ser sensível?
Porventura eu sou livre? Ah! Que ao supremo
Nume adorável obedeço, amando.
Sua eterna justiça eu acredito.
Ele, que move esta alma, ele abriria
Debaixo de meus pés medonho abismo,
Por ter o atroz direito de punir-me?
Dir-me-ia ao coração que amasse o mesmo
Que devo aborrecer?... Não, não, que apenas
Meus olhos se encontraram com teus olhos,
Desusada alegria, antes celeste,
De fibra em fibra salteou meu peito:
Um poder, sup'rior às forças minhas,
Senti que o coração me arrebatava
Para o ligar ao teu, ao teu que adoro!
Este prazer sagrado, os meus transportes...
Nunca tanto prazer se uniu ao crime!
Até, para lograr maior triunfo,
Meu disputado amor tem contraído
As feições, o caráter da virtude.
Quão feliz sou, e com que glória o digo!...
Amante, o mais amante, o mais amável
De quantos em ternura o peito inflamam,
Tudo veio do Céu, tudo foi justo:
Alardeia, que podes, alardeia
Do encanto dos teus olhos — usa embora
De todo o jus, que Amor te deu comigo.
Agora, agora sei que antes de olhar-te
Era a minha existência igual à tua;
Em languidez oposta à natureza
Sem pena, sem prazer t'li jazia.
O emprego, a rapidez da mocidade
Eu ignorava, e consumia a vida
Em cuidados inúteis; os mais sacros

Deveres sem fervor desempenhava;
Como um duro senhor, como um tirano,
O Eterno se of'recia à minha ideia,
Sacudindo o trovão, brandindo o raio...
Minha religião só era o medo.
Eu amo: que mudança, que deleite
Doura meus puros, meus serenos dias!
Quanto vejo Ramiro aformoseia:
Quando luz no Oriente a fresca aurora,
Acordam meus desejos amorosos;
Quando a noite enegrece os céus e a Terra,
Nos traz um véu, que é útil aos amores.
Nos dias da aprazível primavera
Recônditos abrigos nos of'rece,
Benéfica e risonha, a Natureza.
Sinto-me renascer, e habito um mundo
Brilhante, encantador, de que és adorno,
Amor, que é obra tua... Oh doce amante!
Que digo?... Menos ásperos e austeros
Acho os deveres meus, acho o meu jugo
Mais brando, e não me pesam tanto os ferros:
Deus um feroz déspota enraivado
Me não parece já, depois que te amo.
Quanto devo prezar a ilustre amiga,
A benigna matrona, em quem reside
Destes vedados muros o domínio?
Ela em obséquio meu o horror lhe adoça.
Propícia ao nosso amor, sem que o suspeite,
Ela, recompensando os meus desvelos,
O ardor com que me esmero em agradar-lhe,
Carícias maternais comigo exerce:
Ela me deu a conhecer um mundo
Em que vi o que adoro; ela não arma
Das pesadas lições do rigorismo
A sisuda prudência. Ah! noutro tempo
Sem dúvida seu peito ardeu de amores!
Se não tivesse amado, assim não fora!

Tudo pune por mim, tudo nos vale,
A sombra do mistério nos rodeia;
Um Deus há, que preside ao bem do amante.
Teu coração, e o meu só sabem disto:
Vivemos para nós, sem recearmos
Olhos, a amor fatais, que nos espreitem.
Nossos desejos o segredo aviva,
E a sujeição do claustro é mais um gosto.
Quando depois de rápidos instantes
Aos férvidos colóquios da ternura
Com recíproco adeus convém pôr termo,
Se avalia melhor um bem tão breve.
Ah! que não sabes, não, quanto te devo!
Quanto a minha eleição comigo aprovo!
Não falo já das horas fugitivas,
Que no meu pensamento estão paradas;
Momentos em que amor só é delícia,
Que se pode sentir, não definir-se.
Uma alma que à paixão não dá descanso,
Depois destes momentos deleitosos,
Inda de ser feliz acha o segredo:
Quando os sentidos meus em ócio jazem,
Viva imaginação, tu vês, tu gozas;
Seu júbilo se extingue, e o teu não morre;
Contigo meus prazeres se eternizam:
Tesouros tem amor, que duram sempre.
Na ausência do meu bem me aferro à grata,
À suave ilusão, que mo afigura.
Mil vezes o nomeio; as cantilenas
De que se agrada mais, são as que entoo,
E, absorto no meu bem meu pensamento,
Às vezes a ilusão supre a verdade.
Mas que digo? Aparece, atende, acode
A quem por ti suspira, a quem te implora;
Sim, vem realizar meus ledos sonhos!
Sem temor, sem reserva, Eufrásia é tua,
Oh glória dos mortais, oh glória minha!

Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas.
Não tens que reccar senão o excesso
Da paixão, que me abrasa; aos céus o juro:
Foge dos braços meus, e noutros braços
Vai suspirar, meu bem, se eu for perjura.

IV — EUFRÁSIA A MELCOUR

Epístola de Jean-Claude Dorat ¹⁸

Nunca mais vos verei, olhos que adoro!
Olhos onde colhi doce ternura!
Olhos que, para mim, valéreis tudo!
Suave nutrição de meus desejos!
Nunca mais vos verei! Que horror! Que ideia!
Ah! Castigais-me por amar-vos tanto?
Objeto encantador, fatal objeto,
Guiados da paixão, lá te demandam
Meus ais, e cá me ficam dentro n'alma
Solitário pavor, funesto agouro
De que já para mim não há ventura.

¹⁸ *Eufrásia a Melcour, Epístola*. S. l.: s. n., s. d. Tradução da 11.ª epístola da obra *Lettres d'une Chanoinesse de Lisbonne à Melcour*, composta por Claude Joseph Dorat. Encontra-se um exemplar na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, com o registo n.º 9125 (4). Porém, esta lição é menos correta do que aquela que Inocêncio Francisco da Silva nos faculta em *Poesias de M. M. de Barbosa du Bocage*. Lisboa: A. J. F. Lopes, 1853, t. III, p. 135. Foi anteriormente publicada no jornal do Rio de Janeiro *O Patriota*, n.º 3, de setembro de 1813, e num folheto que viu igualmente os prelos naquela cidade. Para realizar esta tradução, Bocage poderá ter utilizado a *Collection Complète des Oeuvres de M. Dorat, contenant les Heroides, et autres pièces*, tome premier. À Neuchatel: de l'Imprimerie de la Societé Typographique, 1776; ou, eventualmente, a edição citada na nota anterior.

Faltava-te, infeliz, seres deixada,
Faltava-te este mal depois de tantos!...
Receando que lânguida esperança
Afague, lisonjeie o meu tormento,
Me diz ao coração voz dura e triste:
«Cessa de amar, ó crédula, que esperas?
Que fruto hão de render-te os vãos lamentos?
Debalde com mil votos, mil suspiros
Pelo teu surdo ingrato estás chamando;
Em rápido baixel talhando as ondas,
Na Pátria já surgiu: descansa e folga
Às ledas margens do agradável Sena.
De ti não quer amor, não quer extremos:
O fero vencedor, mísera escrava,
No regaço da paz, em teu desdouro
Dorme sobre troféus que já desdenha;
Nem se choras ou não, sequer lhe importa...»
Quê! Traidor, e esquecido! Ah! não, teu génio
É volúvel, meu bem, não é tirano.
Na memória contemplo os teus desvelos
Que encantadores e incansáveis eram!
Amei-os, glória minha, amei-os muito
Para desvanecer tão grata ideia!
Estas fiéis, terníssimas lembranças
Deviam converter-se em dor e em pranto?
Que notícia, meu Deus! Que horrível carta!
Li-a: fiquei sem voz, sem cor, sem alma.
Como que o coração desfeito em ânsias
De mim se despegava, a ti corria!
Eis socorros fatais, eis pronto auxílio
A vida a meu pesar me restituem:
Ufana em me sentir morrer d'amores,
Já triunfava da cruel, da triste
Precisão de carpir na tua ausência...
E de tão fino amor é este o prémio?
Não importa! Eu jurei ser sempre tua,
Sempre hei de sê-lo: imita-me a constância,

Vê com rosto indif'rente as mais belezas.
Ah! poderás sofrer em outros braços
Paixão que no fervor não chegue à minha?
Mil vezes me louvaste de formosa;
Outras há mais gentis, mas não tão firmes;
O amor, que reina em mim, não reina em outras,
E, se amor se excetua, o mais é nada.

Recorda o juramento que fizeste
De vires consolar a amante aflita;
Não, não sejas perjuro... Ah! se eu pudesse,
Rotos os ferros deste claustro odioso,
Arremessar-me à foz do pátrio Tejo,
Ninguém me detivera: em outras praias
Iria apaziguar minha amargura,
Idolstrar Melcour em toda a parte,
Renascer nos seus braços — que é, que importa
Esse bem casual que chamam Pátria?
Pátria é onde o prazer nos acompanha...
Sei o que digo, oh Céus! Sei o que penso?
Ah! não quero nutrir esta esperança,
Inda que adoça o fel de meus desgostos:
Tudo quanto os distrai detesto, expulso.

Mas dize, arrebataste-me os sentidos,
Venceste-me, cruel, para entregar-me
À desesperação, e à dor, e à morte?
Porque com mil excessos me encantaste,
Sabendo que esta ausência era forçosa?
Porque no meu retiro escuro e feio
Me não deixaste, enfim? Que atroz delito
Cometi? De que ofensa estás queixoso?
Que te fiz eu?... Perdoa-me, querido.
Perdoa; do meu mal tu não tens culpa:
É teu fado agradar, prender vontades;
Carpir, morrer de amor é o meu fado;
Dele formar não ousa a menor queixa,

E eis, oh Céus, o maior dos meus tormentos!
Não tenho que temer já agora a Sorte:
Que mais me há de tramar, que novos danos,
Se o último, o pior, foi separar-nos?

Escreve-me por dó; sejam-te embora
Molestas minhas súplicas, eu quero
Miúda relação de quantas ditas
O Céu te conceder; quero gozá-las.
Mais que tudo te imploro o ver-te um dia;
Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
Deixa-me conservar esta esperança:
Mesmo assim duvidosa ela me é doce.

Adeus! A carta que a gemer te envio,
Vai de saudosas lágrimas banhada;
Não a posso acabar... Quanto é ditosa!
Às tuas mãos irá: teus olhos brandos
Nela se hão de empregar... e eu, miserável...
Ah! que insânias profiro! O peito abafa,
De pranto e de soluços carregado...
A morte... pelas veias... me circula...
Porém, se és meu, se a lágrimas te obrigo,
Das almas fortes oporei o escudo
A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
Sobre este coração fervei, tormentos,
Mas vinde, mas voai à triste Eufrásia
Suspiros do seu bem, tesouros dela.

V — EPISÓDIO DE *LA HENRIADE*

Poema de Voltaire ¹⁹

Enquanto fera chusma de rebeldes
Às portas de Paris vai conduzindo
O desleal, fanático mancebo ²⁰,
Sobre o sucesso de arrojada empresa
Os Dezasseis ²¹ sacrílegos intentam
Dos fados aclarar a escuridade.
Curiosa de Médicis ²² a audácia,
Mistérios de tão lóbrega ciência
Já outrora indagou, já quis outrora
Entranhar-se nas trevas, nos horrores
Desta arte superior à Natureza,
Quase sempre quimera, e sempre crime.
Por todos foi seguido o feio exemplo,
E o povo insano, que imitar costuma
Com ânimo servil dos reis os vícios,
Amador do que é novo, e do que assombra,
Em multidão corria aos sacrilégios.
Para o centro de abóbada horrorosa
Pelas noturnas sombras o silêncio
Guiara a detestável assembleia.

¹⁹ Canto V de *La Henriade*, poema épico constituído por 10 cantos. Voltaire (Paris, 1694-Paris, 1778), o seu autor, foi um dos intelectuais que mais se destacaram no século XVIII. A presente composição consta do segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 249.

²⁰ Nota de Bocage: «Frei Jacob Clemente, assassino de Henrique III.» Era dominicano e cometeu aquele crime em 1589, tendo sido esquarterado e queimado.

²¹ Nota de Bocage: «Assim chamados pela influência e autoridade que tinham em 16 bairros de Paris no tempo da Liga.» A Liga Católica, constituída por fanáticos, queria exterminar todos os «hereges».

²² Nota de Bocage: «Catarina de Médicis, rainha de França, dada a mil superstições desta natureza.»

Ao pálido clarão de maga tocha
Ara vil sobre um túmulo se erige,
Onde as imagens dos dois reis colocam,
Objetos de seus ódios, seus terrores,
De suas maldições, de seus insultos.
Ali por voz sacrílega se anexa
A nomes infernais de um Deus o nome;
Cruas fileiras de aguçadas lanças
Luzem debaixo dos medonhos tetos,
Tingem-se as pontas em sanguíneas taças,
Hórrida pompa de hórrido mistério!
O ministro do templo é um daqueles
Que, odiosos, dispersos e proscritos,
Giram, vagueiam, cidadãos do mundo,
Levam de mar em mar, de terra em terra
O seu abatimento, a sua afronta,
E de superstições montão danoso
Têm por todos os climas desparzido.
Uivando os Dezasseis em torno dele,
Às impias cerimónias dão princípio,
As parricidas mãos no sangue ensopam,
De Valois ²³ vão no altar ferir o peito,
E inda com mais terror, com mais insânia
A efígie de Bourbon ²⁴ derribam, calcam,
Crendo que a morte, a seu furor ligada,
Vai co'a dextra fatal e inevitável
Tais golpes transmitir aos dois monarcas.
O hebreu profanador com turvo aspeto ²⁵

²³ Nota de Bocage: «Henrique III, rei de França.»

²⁴ Nota de Bocage: «Henrique IV, rei de Navarra e depois de França.» Voltaire afirma em nota: «Muitos sacerdotes da Liga haviam mandado fazer pequenas imagens de cera, que representavam Henrique III (...); punham-nas sobre o altar e feriam-nas durante a missa por espaço de quarenta dias consecutivos; e no fim deste período atravessavam-se no sítio do coração.»

²⁵ Nota de Voltaire, citada por Inocêncio Francisco da Silva: «Serviam-se ordinariamente do ministério dos judeus para executar as operações mágicas, então muito em moda em França.»

Une entretanto as preces às blasfêmias:
Os abismos, os céus, o Eterno invoca,
Invoca esses espíritos impuros,
Do universo invisíveis turbadores,
E o fogo dos Infernos, e o do raio.
Tal foi o infando, oculto sacrifício
Que fez em Gelboé lá noutra idade ²⁶
Aos nubes infernais a Pitonisa ²⁷,
Quando perante um rei feroz e injusto
Chamou de Samuel a horrível sombra,
Assim contra Judá de vãos profetas
Troava em Samaria ²⁸ a ímpia boca;
Ou tal se ouviu Atéio ²⁹ entre os romanos,
Invocados os deuses, em seu nome
Agoirar, maldizer de Crasso as armas.
Aos escuros, aos mágicos acentos
Que profere o maligno sacerdote,
Resposta os Dezasseis do Fado esperam;
Cuidam que hão de forçá-lo a descobrir-se:
O Céu para os punir quis atendê-los.
Eis interrompe as leis da Natureza,
E do fundo da tácita caverna
Eis sai lúgubre som, murmúrio triste.
Cem vezes o relâmpago espantoso

Esta antiga superstição provinha dos segredos da *Cabala*, de que os judeus se diziam únicos depositários. Catarina de Médicis, o Marechal d'Ancre e outras muitas pessoas empregavam os judeus naqueles pretendidos sacrilégios. Havia então por toda a parte homens assaz loucos para se crerem mágicos e juizes tão supersticiosos que de boa-fé os puniam como tais.»

²⁶ Nota de Inocêncio Francisco da Silva: «Esta história é referida no primeiro *Livro dos Reis*, cap. xxviii, versículo 7 e seguintes.»

²⁷ Preocupado com os seus sucessos militares, Saul, rei de Israel, mediado por uma Pitonisa, falou com Samuel, por ele assassinado. Este predisse a sua derrota no campo de batalha, bem como a sua morte, às mãos dos Filisteus.

²⁸ A Palestina.

²⁹ Nota de Bocage: «Atéio, tribuno do Povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os Partos, correu com um braseiro para a porta da cidade por onde saía o mesmo Crasso, lançou dentro várias ervas e amaldiçoou a empresa em nome dos deuses de Roma.»

Na densa escuridão se acende e apaga.
Entre a fulmínea luz, de glória aceso,
Em triunfal carroça Henrique ³⁰ assoma
Ante os olhos do atónito congresso.
Cinge-lhe márcio louro a fronte augusta,
O cetro venerando a mão lhe adorna.
Nisto o fogo do raio inflama os ares,
O altar cai abrasado, a Terra o sorve,
E os rebeldes, o hebreu vão assombrados
Seu crime e seu pavor sumir nas trevas.

VI — O COMBATE DE AILLY COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI

Poema de Voltaire ³¹

O indómito valor do grão Turena
Já de Nemours as tropas aterrava.
D'Ailly, veloz qual raio, ia esparzindo
Por entre os batalhões espanto e morte,
O valente d'Ailly, todo orgulhoso
Com seis lustros de glória e de combates,
Que da guerra no ardor sanguinolento
Sente, a despeito da rugosa idade,
Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.
Com ele um só guerreiro ousa afrontar-se,
Um destemido herói na flor dos anos,
Que neste matador e ilustre dia
Os horrores mavórcios encetara.

³⁰ Nota de Bocage: «Henrique IV.»

³¹ Publicado no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 252.
«Episódio extraído de *La Henriade*», canto VIII. Esta obra teve inúmeras versões e foi muito popular no século XVIII, tendo sido traduzida para várias línguas.

De um suave himeneu gozando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquivava;
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Voa aos conflitos, sôfrego da glória.
Lamentando-se aos Céus a linda esposa,
Os rebeldes maldiz, maldiz a guerra;
Resolvendo agregar-se aos combatentes
O seu terno amador, convulsa e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnês pesado,
E húmida a face de amorosos prantos,
Em capacete precioso esconde
Semblante que devia às graças tanto,
Olhos em que seus olhos se reviam.
Eis ufano, raivoso, arreatado
Parte contra d'Ailly o audaz mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte.
Ambos, de igual braveza estimulados,
Os ardidos ginetes esporeiam,
Das feras legiões ambos se arredam,
E correm ambos à planície ervosa,
Toda corada de purpúreos lagos.
Carregados de ferro, em sangue envoltos,
Com pavoroso assalto os dois se encontram:
Ressoa a terra, as lanças arrebentam,
Assim como num céu tempestuoso
Duas pejadas nuvens carrancudas,
Que, no bojo encerrando ígnea matéria,
E de enorme encontrão, de horrendo embate
Rotas nos ares, pelos ares voam.
Gera o choque relâmpagos e raios,
Estrondea o trovão, e assusta o mundo.
Mas por súbito impulso, e nova sanha
Ei-los dos brutos férvidos se arrojam,
Escolhendo outro género de morte.

Já lhes ³² reluz nas mãos o liso alfange,
A cevar-lhes o furor corre a Discórdia,
E o Génio torvo que preside à guerra;
Segue-os a Morte pálida, e sanguenta.
Miseros, esperai, detende os golpes...
Mas negro Fado os ânimos lhes inflama.
Este àquele, raivando, aquele a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnês faíscas saltam,
Golfando o sangue, as mãos lhes purpureia;
O escudo, o capacete, à força opostos,
De cem golpes cruéis alguns malogram,
Alguns aparam, rechaçando a morte.
Os rivais entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavam,
Mas o anoso d'Ailly co'um golpe infausto
Lança em terra o magnânimo guerreiro.
Seus olhos para sempre à luz se fecham,
Cai-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... Ah! É seu filho...
Oh desesperação! Oh desventura!
O deplorável pai, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe opõem, do ferro o privam.
Tremendo, soluçando, o triste Velho
Foge daquele horror, amaldiçoa
Seu criminoso e bárbaro triunfo;
Os homens, a grandeza, a glória esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitárias brenhas vai sumir-se.
Ali, quer surja o Sol, doirando os montes,

³² Na primeira edição do segundo tomo das *Rimas*, de 1799, «lhes».

Quer se mergulhe nos cerúleos ³³ mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos ecos,
Aos ecos, de escutá-lo enternecidos.
Do belo moço extinto a doce amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacilante ao sítio corre
Por onde borbulhara o sangue em rios.
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,
E da guerra entre as vítimas cruentas
Distingue enfim o esposo. Ao vê-lo a triste
Cai sem acordo na sanguínea terra,
Nos olhos se lhe estende o véu da morte.
«És tu, meu caro amante?...». Estas palavras
Cortadas pela dor, estes suspiros
Que solta, desmaiando, ah! não se escutam.
De novo os olhos abre, une de novo
Os lábios seus aos lábios que idolatra,
Os ternos beijos últimos lhe imprime,
Aperta o corpo mísero entre os braços,
Entre os mimosos braços cor de neve,
Os olhos nele põe, suspira, e morre.
Pai infeliz, misérrimos esposos,
Lastimosa família, exemplo triste
Dos crimes, do furor daquela idade,
Ah! Praza aos Céus que a hórrida lembrança
Deste medonho e trágico sucesso
A comiseração, a humanidade
Excite em nossos derradeiros netos,
E aos olhos úteis lágrimas lhes ³⁴ arranque,
Para que o rasto dos avós não sigam.

³³ Azuis.

³⁴ Na primeira edição do segundo tomo das *Rimas*, de 1799, «lhe».

VII — O TEMPLO DE AMOR

Poema de Voltaire ³⁵

Sobre o campo feliz da antiga Idália,
Lá no princípio d'Ásia e fim de Europa,
Alto edificio majestoso assoma,
Do tempo assolador vedado aos danos.
Lançou-lhe a Natureza os alicerces,
E tu, arte subtil, depois brincando
A simples, moderada arquitetura,
Lidaste, e transcendeste a Natureza.
Ali, de verdes mirtos povoadas
As circunstantes selvas, inda ignoram
Os insultos do inverno enregelado;
Ali por toda a parte amadurecem,
Por toda a parte ali formosos nascem
Os frutos de Pomona ³⁶, os dons de Flora ³⁷;
Ali para outorgar ampla colheita
Nunca esperas, ó Terra, ó mãe fecunda,
Nem pelas estações, nem pelos votos
Do tostado cultor; ali parece
Que os mortais num igual sereno estado
Gozam tudo o que dava a Natureza
Lá na ditosa infância do universo:
Aturado sossego, alegres dias,

³⁵ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 256. Excerto de *La Henriade*, canto IX, p. 171, da edição de 1746. Nota de Voltaire, citada por Inocêncio Francisco da Silva: «A descrição do templo de Amor e a pintura que se faz desta paixão personificada são aqui totalmente alegóricas. Põe-se em Chipre o lugar da cena, por isso que os povos desta ilha foram sempre tidos por mui dados a Amor, que, aliás, não deve aqui considerar-se como o filho de Vénus, deus na mitologia, e sim unicamente como uma paixão representada com todos os seus atributos e com todos os prazeres e desordens que o acompanham.»

³⁶ Ninfa romana dos frutos.

³⁷ Deusa das flores e da primavera.

A doçura, os prazeres da abundância,
Os bens, os gostos da primeira Idade ³⁸,
Menos a mansa e límpida inocência.
Nenhum, nenhum rumor ali se escuta
Senão doce harmonia encantadora,
Mole harmonia, que amolece o peito;
Vozes do amante, cânticos da amada,
Que a desonra, os delírios, as fraquezas
* Em verso adulador lhe vai dourando ³⁹.
Vê-se turba amorosa a cada instante,
Toucada de odoríferas boninas,
As graças implorar do deus que adora,
Concorrer sequiosa a seus altares,
E neles à porfia ir-se ensaiando
No método suave e perigoso
De atrair corações, ligar vontades.
A risonha Esperança a mão lhe of'rece,
E os guia dois e dois às aras de ouro;
As três lindas irmãs, as brandas Graças,
Fagueiras, quase nuas, e defronte
Das francas portas do soberbo alcáçar,
Unem veloz coreia ⁴⁰ a som divino.
A preguiçosa, a plácida moleza,
* A sócia dos amantes, encostada
Sobre a relva subtil, e as tenras flores,
Ali de ver e ouvir se apraz, e enleva.
* Dorme a par dela o tácito mistério,
Jazem-lhe em roda os mágicos Sorrisos,
O pontual Desvelo, a Complacência,

³⁸ A Idade do Ouro, durante a qual, segundo o poeta grego Hesíodo, a Humanidade era extremamente feliz. O deus principal era, então, Crono (Saturno), pai de Zeus (Júpiter).

³⁹ Nota de Bocage: «Os lugares em que me afastei do texto, pelo que toca à expressão, vão assinalados com asteriscos; os três versos que rematam são meus.»

⁴⁰ Dança.

Jaz o Prazer, e os sôfregos Desejos,
 Inda mais que o Prazer encantadores.
 Tal é na entrada o templo sumptuoso,
 Mas quando além das portas e debaixo
 Da rutilante abóbada sagrada
 Passo audaz se encaminha ao santuário,
 Que espetáculo horrendo aterra os olhos!
 * Ali não resplandece, ali não voa
 * Nítido enxame de louçãos prazeres,
 * A celeste Harmonia ali não ousa,
 * As asas transparentes meneando,
 * Nos tristes corações insinuar-se.
 * Queixas, tormentos, desvarios, sustos
 * Em densa multidão, tropel confuso
 * Choram, blasfemam, desatinam, tremem,
 * Geram neste lugar o horror do Inferno.
 O carrancudo, o lívido Ciúme
 Segue num passo trémulo a suspeita;
 Ódio, raiva, entornando o seu veneno,
 Armados de punhais, lhe vão na frente.
 Malícia, tu os vês, e satisfeita
 Co'um sorriso traidor a insânia aprovas:
 Eis o Arrependimento os vai seguindo,
 E em seus ais condenando-lhe a fereza,
 De lágrimas inunda os olhos baixos.
 Em meio desta chusma pavorosa,
 Companheira fatal dos vãos prazeres,
 Tem conservado Amor seu domicílio
 * Desde que lá no azul, no etéreo vácuo
 * Caiu das mãos de Jove o Sol recente.
 Da Terra os Fados tem na tenra dextra
 O cruel, tentador, gentil Menino:
 Dá co'um sorriso a paz, com outro a guerra.
 Seu néctar derramando em toda a parte,
 Seu néctar, que depois torna em peçonha,
 É alma do universo, e vive em tudo.
 * Do trono em que dá leis à Natureza,

Contemplando a seus pés milhões de escravos,
Orgulhosas cabeças pisa, esmaga;
Mais pago do rigor que da piedade,
Dos males que produz se desvanece.
* Mortais, tristes mortais, que horrível quadro!
* Mas os males de Amor têm recompensa,
* Têm doce galardão: mortais, amemos.

VIII — OUTRO EPISÓDIO TIRADO DO MESMO POEMA ⁴¹

Vagueava em Paris feroz caterva
De estrangeiros cruéis, de horrendos tigres,
Tigres pela Discórdia apascentados,
Mais terríveis que a fome, a guerra, a morte.
Uns das campinas bégicas vieram ⁴²,
Outros lá das helvéticas montanhas ⁴³,
Bárbaros corações à guerra usados,
Que vivem de matar, que fazem pronto
Sacrifício venal do próprio sangue.
Destes novos tiranos a coorte
Em sôfrego tropel derriba as portas
Dos tristes cidadãos, e lhes presenta
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
Não já para os privar de vãos tesouros,
Não já para arrancar aos ternos braços
De espavorida mãe filha chorosa:
Faminta precisão consumidora

⁴¹ Poema publicado no segundo tomo das *Rimas*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 260. Excerto de *La Henriade*, canto x, p. 200, da edição citada. Inocêncio Francisco da Silva atribuiu-lhe um título diferente: «A Fome Assolando Paris»

⁴² Nota de Bocage: «Flandres»

⁴³ Nota de Bocage: «Suíça» Nota de Inocêncio Francisco da Silva: «Os suíços, que então militavam nas tropas da Liga a soldo do duque de Mayenne, cometeram em Paris horríveis excessos.»

As demais sensações lhe impede e abafa.
Pesquisar, descobrir qualquer sustento,
Por escasso, por mau, por vil que seja,
É a sua intenção, seu fim, seu gosto;
Atentado não há, não há martírio
Que para o conseguir não excogitem.
Indigente mulher... ⁴⁴ Oh Céus! E eu devo
Urdir a narração da feia história,
Do horrível caso escurecer meus versos!
Indigente mulher perdido havia
Por violência dos monstros esfaimados
Único, parco, e mísero alimento.
Invadindo seus bens, a negra Sorte
Apenas lhe deixara um tenro filho,
Próximo a perecer do mal que a mata.
Raivosa, desgrenhada, um ferro empunha,
Corre, bramindo, ao cândido inocente,
Que estende as débeis mãos para afagá-la.
Do triste a infância, a graça, a voz, o estado
A frenética mãe de dor trespassam.
Põe nele os espantados, turvos olhos,
Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
O cutelo da mão lhe cai três vezes,
Mas a raiva triunfa e, detestando
O fecundo himeneu, com voz tremente:
«Ó desta alma infeliz porção mimosa!
Caro filho! (ela exclama) em vão teus dias
Produzi, conservei com tanto afago.
Em breve ou da penúria, ou dos tiranos
Foras talvez a vítima, o despojo
Se a mãe piedosa te poupasse a vida...
A vida! E para quê? Para vagares

⁴⁴ Nota de Voltaire, citada por Inocêncio Francisco da Silva: «Este facto passa por verdadeiro e é narrado como tal em todas as memórias contemporâneas. Dizem que iguais e semelhantes horrores aconteceram também no sítio da cidade de Sancerre.»

Do deserto Paris entre as ruínas,
Desfazendo-te em ais, em dor, e em pranto?
Morre antes que o meu mal e o teu conheças,
Restitui-me, ó filho, o sangue, a vida
Que te deu tua mãe; vem sepultar-te
Nas entranhas cruéis que te geraram,
E veja-se em Paris um crime novo.»
Isto dizendo, atónita e convulsa,
No peito do filhinho embebe o ferro,
Leva o corpo sanguento ao lar fumante,
E, sófregas as mãos co'a fome horrenda,
A funesta iguaria ali preparam.
À força de voraz impaciência
Volvem, raivando, os bárbaros soldados
Ao teatro do crime atroz e infando,
Semelhantes na hórrida alegria
Aos ursos e aos leões que a preia aferram,
Apostados correndo, a porta arrombam;
Entram... Céus! Que terror! Qu'assombro! À vista
Carrancuda mulher eis se lhe of'rece,
Mole corpo infantil despedaçando,
Abrasada em furor, e em sangue envolta:
«Sim, feras, sim, cruéis, meu filho é este,
Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
Sejam vosso alimento a mãe e o filho.
Vinde, as sagradas leis da Natureza
Ultrajar mais do que eu temeis acaso?
Que susto vos detém, vos desalenta?
Ó tigres! Este pasto a vós pertence.»
Frenética, e sem tino, assim falando,
Aguçado punhal no seio enterra.
Súbito, da tragédia horrorizados,
Confusos, e ululando, os monstros correm;

Não ousam para trás volver os olhos,
* Cuidam que os ameça, os segue o raio ⁴⁵;
E o Povo, por findar tão triste sorte,
Alçando as mãos aos Céus, implora a morte.

IX — À EXISTÊNCIA DE DEUS

Poema de Louis Racine ⁴⁶

O Deus, a quem se deve a nossa crença,
Mortais, é Deus oculto;
Mas oh! que irrefragáveis testemunhas
Ante nós congregadas,
Pelas quais se revele a glória sua,
A sua Omnipotência!
Respondei, Mar e Céu, responde, ó Terra;
Astros, mundos brilhantes,
Que mão vos esparziu, vos tem suspensos
Na etérea imensidade?
Donde te veio, ó Noite, o véu lustroso?
Céus! Oh Céus! Que grandeza!
Que assombro! Que esplendor! Que majestade!
Em vós, em vós conheço
Quem milagres sem conto obrou sem custo,
Quem nos vossos desertos
As luzes semeou como semeia

⁴⁵ Verso de Bocage, que o assinalou com um asterisco.

⁴⁶ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1799, pp. 72-75. Louis Racine (Paris, 1692-Paris, 1763) era o segundo filho do conceituado escritor Jean Racine. A presente ode é um excerto do poema *La Religion*. Bocage poderá ter utilizado a edição de 1756 (Paris: Imprimerie du Roi, pp. 3-8) ou a de 1785 (Paris: Laporte). Bocage optou por colocar, estrategicamente, este poema na sequência dos sonetos, género poético que abria as suas obras. Recorde-se que, pouco antes, fora detido, rezando a acusação que era autor de escritos ímpios.

Na terra o pó volátil.
Ó Tocha do Universo, Autor dos dias,
Da Aurora anunciado!
Ó Astro sempre o mesmo, e sempre novo!
A que mando obedeces,
Porque preceito, ó Sol, dos mares surges,
Restituindo ao mundo
O raio amigo, a fértil claridade?
De teus lumes saudoso,
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama?
Sou eu talvez quem te regula o passo?
E a ti, pélagos horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a Terra,
Que alto Poder no cárcere arenoso
Retém, constringe, enfreia?
Em vão forcejas, assanhado e torvo,
Para arrombar teus muros:
Morrem na praia as espumosas fúrias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras e abismos
Ora os levas aos Céus, ora aos Infernos,
Imploram-te clemência?
De olhos fitos na abóbada celeste,
Na Fonte donde emana
Sobre os tristes mortais macio orvalho
De amor e de piedade,
Invocam, suspirando, o Braço eterno,
Domador das procelas.
Bradadas naquele extremo, ó Natureza,
E as vistas lhe diriges,
Guias-lhe as preces ao supremo asilo,
As preces, o tributo
Que aterrados espíritos não negam
Ao numen esquecido,

Ou trocado até'li por mil quimeras.
As vozes do Universo,
Do assombrado Universo a Deus me chamam,
«Sim, a Terra o pregoa.
Fui eu quem produziu, fui eu (diz ela)
Quem compôs os matizes
Que a minha superfície aformoseiam?
Não fui eu, foi Aquele,
Aquele que assentou meus alicerces.
Às mil necessidades
Que te vexam, mortal, se logo acudo,
Deus, é Deus quem o ordena:
Os dons que me confere, a ti destina.
Flores, com que me adorno,
Vós da Mão lhe caís sobre meu seio.
O Criador, o Eterno
Lá onde árida sou, e avara, e dura,
Lá no escaldado Egito
(Para que folgue a tímida esperança
Do cultor desejoso),
Em prescrito momento ao Nilo acena
Que trasborde, que inunde
Meus campos, alongando-se das margens,
E os orne, os enriqueça
De douradas espigas sussurrantes.»
Assim se exprime a Terra,
E encantado de ouvi-la, e contemplando
Travados uns com outros
Por invisíveis, portentosos laços
Milhões de entes diversos,
Que à regra universal concorrem todos,
Encontro, encontro em tudo
A Lei que os encadeia, a Mão que os liga,
E do Plano sublime
Num júbilo sem termo, admiro, adoro
A pasmosa Unidade.

X — AS FORJAS DE LEMNOS

Cantata de Rousseau ⁴⁷, o poeta, traduzida livremente ⁴⁸

Na famosa caverna onde Vulcano
Forja e tempera do Tonante ⁴⁹ as armas,
Vénus pedia aos hórridos artistas
Recheassem de lúcidos virotes ⁵⁰
O dourado carcás do Filho ⁵¹ astuto:
As Graças, os Prazeres
Lhe prestavam seus dons e seus encantos.
O carrancudo esposo
Junto à frágua imortal, crestado e cheio
Das saltantes faíscas,
* As mãos do ferro e fumo enxovalhadas ⁵²,
* Nas faces crespas o suor em fio,
Destarte afervorava
Co' a voz e exemplo os Ciclopes ⁵³ membrudos:

«Eia, sócios, trabalhemos,
Obedeça-se ao que manda
Vénus bela, doce e branda,
Mãe das Graças e de Amor.

⁴⁷ Jean-Baptiste Rousseau (Paris, 1671-Bruxelas, 1741), escritor prolixo. Devido às suas críticas, foi forçado a exilar-se na Suíça.

⁴⁸ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1799, pp. 304-307.

⁴⁹ Júpiter.

⁵⁰ Setas.

⁵¹ Cupido, equivalente romano de Eros.

⁵² Nota de Bocage: «Os asteriscos indicam os lugares em que me afastei do autor.»

⁵³ Gigantes que fabricavam os raios de Júpiter.

«Foles túmidos soprando,
Mais e mais o fogo ateiem,
Labaredas nos rodeiem
Com terrífico fragor:

«Rubro o ferro, escume e ferva,
Lide a mão com força enorme,
Setas, farpas, dardos forme,
E, brandido a cada instante,
Na bigorna ressonante
Caia o malho atoador.

«Eia, sócios, trabalhemos,
Obedeça-se ao que manda
Vénus bela, doce e branda,
Mãe das Graças e de Amor.»

Instigado por ele, assim Vulcano
À volúvel consorte ⁵⁴
Obrava contra si terríveis armas,
Quando o nume da guerra ⁵⁵, inda horroroso
Das mostras de recente mortandade,
Entra, os olhos em brasa, as mãos sanguentas,
E — «Que fazeis (exclama),
Filho de Juno, artífices do raio?
Para entreter meninos ociosos
Ante a forja voraz estais suando!
Por isso, por tão pouco, e tanto à pressa
Esta caverna horríssonas rebomba!

⁵⁴ Vénus.

⁵⁵ Marte.

Que trabalho vergonhoso!
Eia, em cinzas transtornai-o;
Ou deixai tão fútil brinco,
Ou não mais forjeis o raio.»

Mas enquanto vozeia, enquanto afronta
O afadigado irmão e os duros Brontes ⁵⁶,
Eis farpa vingadora o pune, o fere.
Que repentino ardor lhe inflama o sangue!
Que pejo, que rubor lhe acende as faces!
Quer falar, mas a voz nos lábios morre,
Dirige a vista ao céu, turba-se e geme;
Cede, enfim, perde a cor, o orgulho, as forças,
E seus olhos confusos, vagos, frouxos
Já presos por Amor, já namorados,
* Param no seio da benigna Vénus;
* Revendo-se depois no rosto amado,
* Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vós, que domais a Terra,
Despi audaz furor,
Sabei que o deus da guerra
Só é o deus de amor.

Não lhe agraveis a glória,
Tremei de o irritar:
É dares-lhe a vitória
Querer-lha disputar.

⁵⁶ Brontes era um dos três Ciclopes urânicos. Talvez, pelo recurso à sinédoque, se remeta para a irmandade completa.

XI — A COLOMBÍADA OU A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO

Poema de Madame du Bocage ⁵⁷

Eu canto o genovês, de Urânia ⁵⁸ aluno,
Da inveja e dos Infernos perseguido,
O nauta que do Tejo foi tão longe
Desencantar os índicos tesouros,
Que da Aurora ao Poente, o mar domando,
Para a fé conquistou mundo ignorado.

Ó mãe de Orfeu ⁵⁹ (que pela voz de um filho,
Tífis ⁶⁰, Jasão no pego enfeitiçaste),
Consente, para mais, à minha audácia
Que do ismário cantor ⁶¹ imite os versos.
Se bosques atraíu, monstros e Fúrias,
Homens enternecer meus sons não podem?
Musa, do sexo teu o império estende,
Une à femínea voz a lira eterna,

⁵⁷ Marie-Anne le Page Fiquet du Bocage (Rouen, 1710-Rouen, 1802), tia-avó do poeta, traduziu para o francês *The Paradise Lost*, de Milton, e *La Congiura di Valstein*, de Sarrasin. Da sua autoria é uma imitação de um livro de Gessner, *Morte de Abel*, bem como *As Amazonas*. O seu trabalho mais representativo é *La Colombiade ou la Foi Portée au Nouveau Monde*, epopeia em 10 cantos publicada em Paris, por Desaint et Durand, em 1756, e, dois anos mais tarde, em Londres. Constitui um preito de homenagem a Cristóvão Colombo, que teve o aval do filósofo Condillac, então censor régio. A obra foi premiada pela Academia de Rouen. Bocage traduziu o primeiro canto e publicou-o em *Poesias, Dedicadas...*, vulgo terceiro tomo das *Rimas*, 1804, pp. 269-285.

⁵⁸ Musa da Astronomia.

⁵⁹ Calíope, uma musa.

⁶⁰ Primeiro-piloto do *Argo*, navio utilizado pelos Argonautas, que, sob o comando de Jasão, buscavam o velo de ouro.

⁶¹ Orfeu, oriundo de Ísmaro, na Trácia.

Mostra aos humanos que também no Pindo ⁶²,
Assim como em Citera ⁶³, os cantos nossos,
Caros aos deuses, os heróis afamam.

Do solstício do inverno à flórea quadra
Febo ⁶⁴ precipitava os turvos dias,
Desde que sobre os mares, vencedora
Das procelas horríssonas, vagava
Longe do pátrio seio a frota ibera.
De ilha em ilha evitava estéreis climas
O pródigo Colombo: a seus desejos
Ditoso, grato asilo enfim se of'rece,
Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
Este herói, nunca trémulo ante o p'riço,
Na bonança acautela as tempestades.
Desce a noite; ele teme infesto ⁶⁵ escolho,
E, até que a luz diurna o Polo aclare,
Congregando os baixéis aquém do porto,
Assim de seus guerreiros fala aos chefes:

«Rivais desses que o Bósforo ⁶⁶ venceram,
Compete a vosso ardor mais alto prémio:
Os males nossos têm nos Céus a palma.
Quem das avitas ⁶⁷ glórias dorme à sombra,
Perde na escuridade a luz da origem.
Nós que havemos tégora em p'rigos cento
Calejado a constância, eia, surjamos

⁶² Montanha da Tessália, na Grécia.

⁶³ Ilha para onde foi levada Vénus, quando nasceu.

⁶⁴ Apolo.

⁶⁵ Inimigo.

⁶⁶ Estreito da Trácia que separa a Europa da Ásia.

⁶⁷ Herdadas dos antepassados.

Nessa fronteira, incógnita enseada:
De Fernando ⁶⁸ os pendões ali se arvorem.
Dado que feros povos nos insultem,
É nosso escudo o Céu: proezas nossas,
Para estender seu culto, a vida igualemente.»

Diz, e destarte lhe responde a turba:
«Claro almirante! Afronta o mar, o Inferno,
Que todos sem terror te seguiremos
Aos dois Polos do mundo. Os anos voam;
Mas da injúria dos séculos vorazes
Nada tem ⁶⁹ que temer lustrosos feitos.»
Ferve a tais vozes o soldado, espera
Novos mundos ganhar, ver outra Colcos ⁷⁰.

O nome dos heróis que honraram Grécia
Distinguia os baixéis. Um pinho anoso,
Filho robusto da hiperbórea ⁷¹ terra,
Velas do Argos sustenta em áurea popa.
O prudente Mateus ⁷², rival de Tífis,

⁶⁸ Fernando II, o *Católico*, rei de Castela, Leão e Aragão.

⁶⁹ Por imposição métrica.

⁷⁰ Cidade onde os Argonautas desembarcaram.

⁷¹ Esta terra mítica situava-se no Extremo Norte («para lá de Bóreas, Vento Norte» é o significado do seu nome).

⁷² Madame du Bocage compara a tripulação dos navios de Cristóvão Colombo com a de *Argos*, embarcação que conduziu os Argonautas na sua epopeia, comandados por Jasão. Inocêncio Francisco da Silva nomeia aqueles que acompanhavam o descobridor da América: «Mateus Perez, primeiro piloto da capitania em que ia Colombo; [...] Júlio Mendes Ximenes — navarro de nascimento, homem de caráter invejoso e arrebatado que no decurso da viagem tramou o projeto de assassinar Colombo; Torres — capitão de um dos navios, havia perecido em um naufrágio; Fieschi — natural de Génova, distinto por nascimento e amigo do almirante; Boile — o padre D. Boil, monge beneditino catalão que ia por superior dos missionários destinados à conversão dos povos novamente descobertos; Fernando Cortez — tão notável por seu talento e destreza no manejo dos negócios políticos, como por sua bravura nos campos de batalha. Conquistou depois o México para Carlos V; Francisco Pizarro — homem de índole ferocíssima e de gênio tenaz e empreendedor. Tornou-se célebre por suas crueldades, praticadas na conquista do Peru; Morgan — famoso corsário inglês

Guia um novo Jasão, conduz Colombo.
O cauto chefe, que a seus olhos sempre
Tem de Helena os irmãos, sobre estes lenhos
Atear-se a discórdia viu cem vezes.
Ali Júlio encaminha ilustre cabo,
Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
Tu reges Télamon. Busca-se Alcides ⁷³,
Ah! Vãmente: escarcéus o devoraram;
Torres, seu diretor, já não existe.

Pátria do meu herói, Génova ilustre,
Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
A seus feitos magnânimos se agrega;
Alba no Orfeu conduz, e Boile, o douto.
Este Sábio as estrelas não medita,
O íman, sujeito aos erros, não consulta:
Olha somente o Céu para implorá-lo,
E o Céu por ele anui à santa empresa.

A glória esquecerei, que haveis ganhado,
Invencível Cortês, Pizarro afoito?
Ambos, um no Calais, outro no Zetes ⁷⁴,

que conduzia consigo uma matilha de dogues, adestrados expressamente para entrarem nos combates (v. *L'Histoire de Filibustiers* por Axmelin, t. II, p. 1); Hastings ou Hastings — inglês oriundo de uma casa nobilíssima, aparentada com a família de Lancastre; Arcy — outro inglês, igualmente distinto, mas originário da Normandia. Murray — de uma família cujo tronco provinha da antiga nobreza da Escócia; Stanhope — pertencia a uma casa ilustre de Inglaterra, da qual foi também descendente o célebre conde de Chesterfield, que tanto brilhou no século passado por sua vasta erudição e conhecimentos, atraindo a si a geral estima e admiração dos sábios de toda a Europa; Marcoussy — era francês, nascido na província de Normandia; Boulanvilliers — descendente de uma família distinta da Picardia; Amboise — francês e parente do cardeal Jorge de Amboise, que foi primeiro-ministro de Luís XII; Aidie — aparentado com a casa dos condes de Cominge, que gozou de grande valimento no reinado de Luís XI; Angenne — não menos ilustre que os precedentes, pertencia a uma família antiga, célebre pelos serviços prestados a Carlos V de França contra os ingleses; Margarit — o comendador D. Pedro Margarit, fidalgo catalão; Garcia — nobre espanhol, como o seu apelido inculca.»

⁷³ Héracles ou, para os romanos, Hércules.

⁷⁴ Filhos de Bóreas e de Oritia que participaram na expedição da nau *Argo*.

Dos alados heróis tomando o voo?
Vós de Castela e de África os ginetes
À expedição levais. Morgan valente,
Dogues no Hilas açaima, exercitados
Em jogo marcial. Por chefe o tratam
Hastins, Arcy, Murray, Stanhope e ativos,
Para alongar seu nome, a Pátria deixam.
O nêustrio ⁷⁵ Marcoussy, caro a Colombo,
O segue no Teseu ⁷⁶, que lhe é sujeito;
Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
Às suas leis submissos, lá florescem.
Triunfantes no Sena estes guerreiros,
Tentam novas empresas: sobre os mares
Quer o valor francês dar pasmo ao globo.
Peleu ⁷⁷ e Ájax ⁷⁸, na Andaluzia armados,
Pendem de Margarit e de Garcia.

Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
Em torno do almirante as ondas talham.
Dos chefes que perdera o fim deplora,
Mas, aplacando a mágoa nos que restam,
Sem temor voga ao porto, e junto dele,
Dos pilotos à voz se ferra o pano.

Entanto que a esperança industriosa
Promete aos espanhóis mil bens, mil palmas,
Que Diana ⁷⁹, esparzindo o raio incerto,
Nas águas a folgar delfins convida,

⁷⁵ Habitante da Nêustria, território que pertence atualmente a parte do Norte da França.

⁷⁶ Celebrado herói da Ática.

⁷⁷ Rei de Ftia, situada na Tessália, e pai de Aquiles.

⁷⁸ Personagem da mitologia grega. Filho de Télamon, um dos heróis da Guerra de Troia, foi celebrado na *Ilíada*.

⁷⁹ Deusa latina da Natureza, dos bosques e das montanhas, filha de Júpiter e de Latona. Divindade que também é associada à caça, tem a sua correspondente grega em Ártemis. Uni-se a Endimião, sendo vasta a sua prole.

Por elas, onde brilha a sua imagem,
Manso e manso os baixéis co'a terra emproam.
Mas entes infernais, da Grécia deuses,
Que têm na Índia altares, e outros nomes,
Opõem-se ao genovês, de quem se temem.

Para traçar tais monstros, musa minha,
Restituir Citera a Vénus podes,
Podes restituir o Olimpo a Juno:
Satã em meus pincéis Plutão semelha,
E os Manes do Cocito ⁸⁰ as ondas passam.

Boiá, Teules, Zemês, estígios ⁸¹ numes,
Que adora cego povo, a Europa ignoto,
Ajuntam de seu rei os estandartes.
No ruído de aspérrimas correntes
As tartáreas falanges se anunciam;
Serpentes, que das ígneas testas brotam,
Os silvos formam lá, que em Lemnos ⁸² se ouvem,
Quando n'água se extingue o ferro ardente.

Teules, que tem na Estige eólio mando,
Leva aos pés de Satã o horror que inspira.
Nos seus olhos em brasa é sangue o pranto,
Tem de um lado o terror, tem de outro a morte;
Das tormentas a chave à mão lhe é cetro.
D'atra nuvem de enxofre, onde flutuam
Mil cabeças medonhas, surge a dele,

⁸⁰ Rio dos Infernos, afluente do Aqueronte.

⁸¹ Infernais, pois Estige é um rio dos Infernos.

⁸² Ilha grega por onde passaram os combatentes helénicos participantes na Guerra de Troia. Nela Ulisses deixou Filoctetes — guardião do arco e das flechas envenenadas de Hércules —, que exalava um cheiro pestilencial de uma ferida provocada pela mordedura de uma serpente, ou, segundo outros, pelo ferro de uma das suas setas. Ulisses veio, entretanto, recolhê-lo, sendo a sua ação crucial na vitória dos Gregos sobre os Troianos.

E o turbulento Inferno, à voz do monstro,
Como as águas do Letes ⁸³, se abonança:
Té no perjuro, no traidor, no ingrato
O remorso emudece alguns instantes.

«Rei desta região sombria, horrenda
(Vozeia a Fúria insana), onde aras tuas
Se perfumam de incensos, no índio clima
Do Tejo os filhos sofrerás que reinem?
De um Deus no outro hemisfério as leis se adoram,
Nosso inimigo eterno em parte o globo
Atraiu com seus dons. Ah! Se Ele outrora
Cavou o imenso abismo onde penamos,
Golpe fatal, que nos prepara, ao menos
Cuide-se em rebater. Por novo mundo
Ele quer alongar suas conquistas,
Ele quer transmitir-lhe as leis e altares.
Quê! Debaixo dos seus os templos nossos
À glória sua servirão de base,
Glória que se eternize em nosso estrago!
Sem defender teu jus, vitórias cedez?
Pondera que um mortal, do Averno ⁸⁴ injúria,
Contra nós o universo a armar se atreve.
O instruto genovês, nos males firme,
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
Conquista os corações, subjuga as almas.

«De tão forte guerreiro empresas temo...
Transe ⁸⁵ me é duro elogiar contrários,
Mas o assustado orgulho ingénuo fala:
Vencido do pavor, se os riscos pesa,

⁸³ Infernais, pois Estige é um rio dos Infernos.

⁸⁴ Lago que constituía a entrada do Inferno.

⁸⁵ No original: «Trance».

No interesse, e no p'riço é só que atenta.
A esquadra que receio, o termo atinge
De alta intenção: meu único regresso
É no centro das ondas sepultá-la.»

«Entrega aos furacões (Satã responde)
Esse povo atrevido: os elementos
Todos em dano seu se desenfreiem;
Derrama no Universo a raiva tua.»
O mar treme de ouvi-lo, e todo o Inferno;
Do embate de mil mãos faíscas saltam,
Como das rochas saem, que rompe o ferro,
Ou quais costumam rebentar de corpos
Que inflama o choque elétrico. Eis o abismo
Ao mágico motim responde em ecos,
Como em crebros ⁸⁶ trovões o céu rebrama.

A passos giganteus caminha Teules
Às horríveis abóbadas profundas,
Onde as coortes procelosas fremem.
Abre co'à férrea chave as brônzeas portas
Que, rápidas, volvendo-se nos gonzos,
Por pouco o monstro audaz não derrubaram.

Os subterrâneos Suis, que assaltam nuvens,
De cem respiradouros arrebentam,
E o mar em monte e monte aos céus alteiam.
Que os heróis lhe exp'rimente um deus permite
Ao negro Inferno. Súbito a bonança
Se converte em tormenta escura, enorme.
Gemem de susto as alcíoneas ⁸⁷ aves;

⁸⁶ Frequentes.

⁸⁷ As «alcíoneas aves», que, segundo Ovídio, resultaram da transformação de Alcione em pássaro, caracterizam-se por um piar lamentoso.

Nas ondas os baixéis arrebatados
Como que vem ⁸⁸ dos céus no mar sumir-se.
Entre as torrentes, que derretem nuvens,
Mãos congela o terror, e as prende aos cabos;
Tudo estala e, deixado o pano aos ventos,
Debalde implora os nautas amarelos.
Três vezes viu Mateus luzir a aurora
Desde que a frota errante em mãos de Éolo ⁸⁹
Foge da praia a que aproou Colombo.
Arte falece em tanto mal; e os gritos
Coëstrépito das ondas misturados,
Vão rebombar no Polo. O grande chefe,
Colombo, cuja voz já não se escuta,
Nas preces do pontífice encurvado,
Destarte, a bem comum, seu Deus invoca:

«Criador, que, presente em toda a parte,
Ares, terras, estrelas equilibras,
Tu, que, remindo um Povo, abriste as vagas,
Podes pôr freio ao mar co'um volver d'olhos.
Queres nossos baixéis sumir no abismo?
Se o fim da grande empresa é malogrado,
Ai! Quem trará teu nome a terra ignota?
Por ti, por ordem tua o p'rgo arrostado,
E quantos me ladeiam. Sorte avessa
A teu sabor, grão Deus, mudar-se pode:
Somente o favor teu nos punge e alenta.
Terra nos dá, Senhor, que prometeste
A nossos males, às fadigas nossas.»

Todos aplicam dolorosos prantos
Do sacerdote à voz; do p'rgo o susto,

⁸⁸ *Sic*, por uma questão de métrica.

⁸⁹ *Vd.* n. 46 da p. 72.

Princípio de mil votos, enternece
O nume benfazejo. Em breve as ondas
A superfície alisam. Duros ventos,
De espírito celeste agrilhoados,
Outra vez, a tremer, entram nas grutas.
Mal que os Notos aos Zéfiro consentem
Reconduzir bonança aos amplos mares,
O Norte em nuvem franca of'rece um astro,
Dos navegantes esperança e guia.
Este lume os consola, e qual descende
Sobre os mimos de abril vapor suave,
E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os frutos,
Dos ares o sossego às almas voa,
E o que o medo abateu, o esforço eleva.

Colombo, que jamais provou receios,
Ao seu Tifis comete as rédeas do Argos;
Quer que a maior das Ursas deixe à dextra,
E, esperando a manhã, vogue ao Poente.
O horizonte branqueia: o fulvo Apolo,
Oculto inda aos mortais em átrios de ouro,
No carro matinal roxeia os mares,
E manso dia azul promete aos nautas.
O ar se esparze de aromas, quais a Arábia
De África e de Ásia nos confins vapora.
Por que farte o desejo aos navegantes,
Este imprevisto bem de outro é seguido:
O astro diurno aclara extensa costa,
Que, vária, os olhos assalteia, encanta.

Rochas de um lado sobre o mar pendentes,
A indústria imitam, sem favor da indústria.
Por mão da Natureza afeiçoadas
Em monstros, em gigantes, o murmúrio
Geram de vozes cento: ali parece
Os povos deste clima estarem juntos.
Equóreo movimento, abrindo as penhas

Em um, em outro assalto, entre elas formam
O ríspido fragor que às praias Eco ⁹⁰
Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.

O outro lado do porto, aos nautas franco,
É flóreo, frutuoso anfiteatro;
De areias de ouro se orla, onde águas puras
De lindas conchas o atavio ostentam.
Mil pescadores para encher canoas
Nas ondas a colheita em vão não buscam.

De férteis margens habitantes ledos,
Que terror vos infunde a esquadra nossa!
Pejadas redes dentre as mãos vos fogem.
Enquanto, por ganhar vossa alma incerta,
Vos mostram dons, que vos destina o chefe,
Ele as velas dirige às praias vossas.
O prumo consultado abona o porto,
E, vogando sem custo a proa às margens,
Abre fácil ingresso em fundo rio.

Verdes arbustos este asilo assombrom:
Arroios mil nas próximas colinas
Escorregando vêm de pedra em pedra.
Arte em nossos jardins pintar costuma
Estes brincos gentis da Natureza:
Lá por cascatas humedece as ervas
Deslizada corrente. As amplas cheias
Vales diversos na carreira abrindo,
Fecundam campos e aceleram frutos.
Bem que no mesmo grau do hespério ⁹¹ clima,

⁹⁰ Ninfa dos bosques e das fontes, que se converteu, por castigo, numa voz condenada a repetir a última palavra pronunciada.

⁹¹ Hespéria, a terra do Oeste: para os Romanos, a Hispânia (Península Ibérica); para os Gregos, a Itália.

Destes o estio inférteis os não torna:
Dos lugares, que em fábulas se enfeitam,
Sois, ó ilhas, que eu canto, imagem viva.

O outono, que amiúde as anuvia,
Inundadas jamais as viu de chuvas;
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,
De nuvens brando véu tempera as calmas.
Quando no etéreo cume o Sol fervia,
Tutelares Favónios, adejando,
As fadigas do Ibero amaciavam.
Lança ferro, e cobiça de repouso
Faz com que as águas deixe, e salte em terra.

Num vizinho rochedo olhada turba
Lhes determina o passo, e pasma ao vê-los.
O chefe, que a conduz, por cava senda
Vai dirigindo o pé. Da face as rugas,
As cãs dispersas, e avultados membros,
Sem arte, ou vestidura, o grau lhe indicam
Melhor que inútil séquito pomposo;
A sua candidez encanta, e brilha
Mais que o ouro dos reis que a Pérsia acata.
Se os trajés, as feições e ibérios lenhos
Atraem co'a novidade o velho agreste,
A voz da gente sua, e dela os gestos
Aos nossos europeus a vista assombra;
E igualmente admirado o vário povo
Se contempla entre si. Com alma ingénua,
Sem medo os índios a Colombo exprimem,
Apontando-lhe os céus, que o julgam vindo
Lá da estância imortal das divindades.

O almirante caminha ao chefe inculco;
Moço europeu (que em ilha solitária
Naquele mundo novo achado havia,

E na esquadra acolheu) de língua ⁹² serve.
Que dita inopinada! (é crível fosse
Divina permissão) Penetra o velho
A linguagem do intérprete, que explica
Os desejos do herói nesta sustância:

«Ó tu, que deste Povo o rei parecez
(Se é a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benéfico denota,
Enquanto estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro),
Sabe que injusto, que invasor projeto
Aqui me não conduz por vastas ondas.
O infortúnio me traz: sê meu refúgio,
E além dos mares teus prometo em breve
Ir de teus benefícios, de teu nome
Informar o Universo.» À voz do chefe
Os espanhóis a reverência uniam,
No campestre ancião fitando os olhos.

O Índio dá puro crédito ao que escuta:
Seu coração lavado ignora o medo,
Assim como as astúcias desconhece.
A seus amigos diz (somente amigos
Comitiva lhe são): «Porque se agrade
Dos alimentos nossos o estrangeiro,
Esquisitos, gratíssimos aromas
Deem aos nossos licores nova graça.»

No chão curva o joelho, assim falando,
Quanto a caduca idade lho tolera;
Passo a passo depois Colombo arrosta.
«Ente divino (diz) que o mar talhaste

⁹² Intérprete.

Sobre monstros alígeros, a terra
Onde hás baixado te dará sem termo
Os bens de que a fornece a Natureza.
Reino aqui: meu desejo é contentar-te.
Segue-me aos vales nossos, vê, contempla
Tão ditosa morada: os teus sequazes
Terão lá, como tu, seguro asilo.»

Segue o chefe europeu do velho os passos;
Com ele vai o intérprete, e após eles
Caminham Marcoussy, Morgan, Fieschi,
E os mais abalizados filhos do Ebro.
Toma tudo um ser novo ante seus olhos:
Os frutos e animais naqueles bosques,
Carregadas as árvores de incenso,
Nada têm que arremede os campos nossos;
O Sol espria ali fulgor mais vivo.
Se da planície aérea o leve bando
Do alambre e do rubi lá veste as cores,
Seus desabridos sons a orelha ofendem,
Não sabem, Filomela ⁹³, o teu gorjeio.

Lá vive o colibri, lá tem seus ninhos
Ave, cuja plumage ⁹⁴ em nossos climas
De Réaumur ⁹⁵ por arte inda é formosa.
Selvático animal naquelas plagas
Do homem goza o valor, feições, destreza;
O aloés em cada século floresce
Com grande estrondo ali, e o povo indiano,
Que um leite nutritivo extrai do coco,
De uma folha em vapores a preguiça

⁹³ V. a p. 103.

⁹⁴ *Sic*, respeitando, deste modo, a métrica.

⁹⁵ René-Antoine de Réaumur (La Rochelle, 1683-Saint-Julien-du-Terroux, 1757), biólogo e físico.

Costuma embriagar. Serve à moleza
Do algodoeiro o fruto; entre os manjares
Saboroso cacau lhe supre o néctar.
O ananás, o caju, e o mangue, e o cedro
As brandas virações aromatizam:
Com mil nomes ali, não só com estes,
Deusa das flores, Zéfiro embelezas.

Ledos os espanhóis, de bosque em bosque
A voz consultam do Nestor ⁹⁶ que os guia.
Em meio de seus frutos, aves, sombras,
De tão novos objetos, e tão vários,
Ele a virtude, os préstimos ensina
Ao pasmado europeu, que o ouve e o segue:
Se o velho devagar dirige os passos,
O que exprimindo vai resume o tempo.

De altos pinhos à sombra enfim se avista
A porta da selvática vivenda.
De enfadosos insetos ignorada,
Esta aprazível gruta, aos olhos deixa
Gostar sem turbação calados sons.
De Apolo os raios pelo cimo aberto
Dos muros no alabastro a luz desparzem.
Este amplo abrigo os séculos cavaram;
A equidade, a candura, a paz o escudam,
E único esmalte é seu gentil donzela,
Que ao velho amável a existência deve.
Nua, qual Eva está, sua inocência,
Igual à de Eva, sem pudor aos olhos,
Ofrece encantos seus, lhe é véu mimoso:
As Graças não conhece, e estão com ela.

⁹⁶ Filho de Neleu e Clóris, personifica o ancião sensato e prudente, tendo-se revelado fundamental no apaziguamento das discórdias entre os heróis gregos, durante o longo cerco de Troia. O Nestor que guiava os espanhóis era o velho indígena com quem o intérprete falava.

Outro atavio algum lhe não consentem
Do que a plumagem ⁹⁷ azul com que lhe abrangem
A cândida cintura: é mais formoso
Este adorno, porém, que o de Acidália ⁹⁸:
O objeto, em que reluz, seu preço ignora.
Livres madeixas molemente ondeiam
No seio virginal, por onde apenas
Os tesouros de amor vêm apontando,
Que ainda não crestara o pátrio clima.

Dos espanhóis o número, a presença
No tenro coração lhe infunde assombro,
Nos olhos divinais lhe pinta o medo,
E as delicadas mãos, que elegem frutos,
Um momento, a tremer, suspensas ficam.

«Não temas (diz o pai), Zamá, não temas.
Filhos dos Céus, dos mares, ou do acaso,
Estes entes que vês, sem perturbar-nos,
Hão de participar desses manjares
Que para mim dispões com arte e gosto.»
Eis de palmeiras em tecida casca
A secos peixes acompanham aves ⁹⁹;
Torquazes pombos vem ¹⁰⁰, e os dons de Ceres
Tu, fecunda banana, ali compensas.

A indiana mocidade, o velho, a filha,
E a turba dos iberos, assentados
De pavilhão grosseiro à grata sombra,
No banquete frugal têm todos parte,
E n'abundância a precisão se alegra.

⁹⁷ Desta forma, considerando a métrica.

⁹⁸ Afrodite.

⁹⁹ Nota do tradutor: «Bugios diz o texto, mas temi atediar o leitor.»

¹⁰⁰ No singular, por uma questão de métrica.

A reinar começava entre os convivas
Amiga confiança, o bem que apura,
Depois de longo trato, os gostos nossos.
Apenas a vital necessidade
Seus desejos fartou, sempre admirado,
O bom pai de Zamá, o ancião benigno,
Que pelo hóspede seu de si se esquece,
Coòs olhos em Colombo, assim lhe fala
(O intérprete ao herói diz o que escuta):

«Caro estrangeiro, cujo nobre aspeto,
Cuja doce eloquência me anuncia
Que a tua geração provém dos numes,
Vendo que às precisões da Humanidade
Te submete o destino, eu me atrevera
Dos homens entre o número a contar-te,
Se acaso nossos pais por seus maiores
Não soubessem que, sós em todo o mundo,
Os únicos senhores somos dele.

«Gerados pelo Sol no térreo seio,
Dia e dia apressamos seu regresso
Com votos e com súplicas; sentimos
Que só por seu fulgor tudo respira.
Acatam-lhe o poder da noite os lumes,
A luz dos raios seus absorve os astros.
Etéreas flamas, que nos ares vemos
Tantas vezes cair, foram, por dita,
Princípio de teu ser? Vens destes mundos,
Aonde por incógnitos caminhos
A morte nos conduz, e onde sem conto
Mulheres divinais o gosto encantam?
Os frutos, as delícias, os licores
Daqueles formosíssimos lugares,
Dando-te porventura essência nova,
Entre nós as feições tornou discordes?
Expõe-me os fados teus, dize que meios,

Que assombros, que mistérios te hão guiado
Por entre os ares à terrena estância?
Tua sabedoria e teus desastres
Me comovem, me atraem; recente afeto
Me interessa por ti, por teus destinos.»¹⁰¹

Fim do 1.º Canto

XII — O MÉRITO DAS MULHERES ¹⁰²

Poema de Legouvé

Juvenal ¹⁰³, que em seus versos vale Horácio,
Boileau ¹⁰⁴, que restitui os dois ao Pindo ¹⁰⁵,
Num sexo de virtude e graça ornado
Fero carcás ¹⁰⁶ satírico exauriram.
Vou indo aquém de vós, ó génios grandes;
Mas audaz defensor de um sexo que honro,
Oponho o encanto dele à fúria vossa:
Canto dos homens a melhor metade.

¹⁰¹ Nota do tradutor: «Havendo cessado os motivos que me impeliram à tradução do 1 canto, não tentei a de todo o poema da ilustre du Bocage, a cuja família tenho a glória de pertencer; mas não quis também privar-me do louvor público, se o merecer na versão que apresento.»

¹⁰² Fragmento do canto 1 do poema *Le Mérite des Femmes* (1801), de Legouvé. Foi publicado por Pato Moniz, in *Verdadeiras Inéditas Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Poéticas*, p. 127. José Agostinho de Macedo e Pedro José de Figueiredo consideram, embora sem fundamento, que Bocage não é o autor desta tradução. Gabriel-Marie Legouvé (Paris, 1764-Paris, 1812) cultivou predominantemente a poesia dramática.

¹⁰³ Conceituado poeta latino (Aquino, 60?-130?), visou particularmente as mulheres na sua sátira VI, a qual foi retomada, em 1693, por Nicolas Boileau (v. «Contra as mulheres», sátira X, in *Oeuvres I — Satires, le Lutrin*. Paris: Garnier Flammarion, 1969, pp. 101-120).

¹⁰⁴ Famoso poeta e crítico francês (Paris, 1636-Paris, 1711), autor de *Arte Poética*, obra que foi considerada, no século XVIII, um paradigma.

¹⁰⁵ Monte que era uma das residências de Apolo, também consagrado às musas.

¹⁰⁶ Aljava.

Depois que da profunda, imensa noite,
Em que dormiam sóis, dormiam mundos,
Um Deus, os Céus chamando, o Mar e a Terra,
Alçou montanhas, estendeu campinas,
As florestas criou de verdes comas,
E fez o racional (seu mor portento)
Espectador do espetáculo sublime,
A beleza criou; depois mais nada:
Naquele assombro um Deus parar devia.
Ah! Suprema invenção que mais fizera?
Rosto celeste, onde a inocência cora,
Olhos e lábios que, chorando e rindo,
Doce tumulto nos sentidos movem;
Trança de anéis subtis, brincando em ondas,
Colo de amores, hálito de rosas,
Véu transparente, que a existência envolve,
E de que um vivo sangue, um sangue puro
Matiza em longos, azulados fios...

.....

XIII — LA COCHENILLE ¹⁰⁷

Figueira que o não é, planta não planta,
Folha sem árvore, árvore sem rama
Me produz, qual assombro, em novo mundo ¹⁰⁸,
Que o soberbo espanhol frequenta avaro.

Da figueira não sou nem flor, nem fruto,
Lenho ou suco; e meus grãos, inda que belos,
São de purpúreos vermes só a estância,
Que na folha mordaz estão ferrados.

Do sangue, que lhes cevam, sai cor bela,
Minha fama e meu bem da morte deles,
Com que a prezada púrpura m'igual.

Vale o pardilho meu sua viveza;
E se meu inventor não se une aos deuses,
Ao menos a Índia minha immortalizo.

¹⁰⁷ Soneto divulgado por Nuno Álvares de Pato Moniz em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, t. IV. A versão original encontra-se na página 104 e a respetiva tradução na seguinte.

Em 1799, por iniciativa de José Mariano da Conceição Veloso, botânico de nomeada, Simão Tadeu Ferreira publicou um volume de M. Bertholet intitulado *Memória sobre a Cultura da Urumbela e sobre a Criação de Cochenilha, extraída [...] da observação feita em Guaxacas*. Bocage estava grato a ambos: com efeito, o primeiro foi um seu indefesso protetor até à hora da morte; o segundo editou a maior parte das suas obras. Deste modo, decidiu homenageá-los, dando à estampa o presente soneto. A versão francesa — «De la Cochenille» — poderá ser igualmente da sua lavra. Eis o seu teor: «Un figuier non figuier, une plante non plante, / Une feuille sans arbre, un arbre sans rameaux / M'a produit par merveille. En ces nouveaux, / Que l'avare espagnol, par ses courses, fréquente. / Je ne suis néanmoins, ni fleur de lui naissante / Ni fruit, ni bois, ni sue, et mes grains, bien que beaux, / Ne sont que le logis des pourpres vermiseaux, / Que vivent attachés, sur la feuille piquante. / De leur sang desséché naît une belle couleur. / De leur mort sans renom, mon bien de leur malheur, / Qui me substituera, à la pourpre prisée. / J'écale en mon clair brun son éclat précieux, / Et si mon inventeur ne loge entre les dieux, / Au moins par moi mon Inde est immortalisée.»

¹⁰⁸ O México, onde esta espécie existe profusamente.



POEMAS DIDÁTICOS

I — OS JARDINS OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS

POEMA DE DELILLE ¹

Prólogo do autor

Várias pessoas de grande merecimento escreveram em prosa acerca dos jardins. O autor deste poema colheu delas alguns preceitos e até descrições. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons escritores, porque este poema foi começado antes que eles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança uma composição muito esperada e engrandecida demais: a indulgência excessiva dos que a ouviram lhe agoura a severidade dos que a lerem.

Este poema, além disso, tem um grave inconveniente, o de ser didático. Tal género é necessariamente um pouco frio, e mais o deve

¹ Jacques Delille (Aigueperse, 1738-Paris, 1813), membro da Academia Francesa, padre e poeta de nomeada, verteu para o francês as *Geórgicas*, de Virgílio (1769), e a poesia de John Milton. Bocage considera-o «ameno», no prólogo de *As Plantas*. A presente obra, datada de 1782, foi muito popular na época, conhecendo múltiplas edições e várias traduções. A portuguesa, por «Ordem de S. Alteza Real», o futuro D. João VI, então príncipe regente, foi publicada em Lisboa, pela Tipografia Calcográfica do Arco do Cego, no ano de 1800.

parecer a uma nação que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos, em não sendo os compostos para o teatro, os que pintam as paixões ou as baldas dos homens. Poucas pessoas, digo mais, até poucos literatos leem as *Geórgicas*, de Virgílio, e quase todos os que aprenderam latim sabem de cor o quarto canto da *Eneida*.

No primeiro destes dois poemas, dá o poeta a entender que sente não lhe permitirem os limites do seu assunto cantar os jardins. Depois de haver lutado longamente com as miúdas, e um tanto ingratas, particularidades da cultura geral dos campos, a modo que deseja repousar sobre mais risonhos objetos. Mas estreitado no de que trata, vinga-se desta sujeição com um belo e rápido esboço dos jardins, e com o patético episódio de um velho feliz no seu pequeno campo, que ele mesmo cultiva e enfeita.

O que o poeta romano sentia não poder executar, executou-o P. Rapin. Escreveu na língua, e às vezes no estilo, de Virgílio um poema, em quatro cantos, sobre os jardins, que foi muito aplaudido, num tempo em que ainda se liam versos latinos modernos. A sua obra não é despida de elegância; mas quisera-se que abundasse de precisão e de melhores episódios.

Demais, o plano do seu poema não interessa, não tem variedade. Um canto é consagrado às águas, outro às árvores, outro às flores. Adivinha-se o comprido catálogo, e a enumeração tediosa, que mais pertence ao botânico que ao poeta; e aquele passo metódico, que assaz prestaria num tratado em prosa, é grande defeito numa composição poética, onde o espírito pede que o levem por caminhos um pouco desviados e lhe apresentem objetos que não espera.

Além disto, Rapin cantou jardins do género regular, e a monotonia inerente à suma regularidade passou do assunto ao poema. A imaginação, naturalmente amiga da liberdade, ora vai a custo pelos desenhos enviesados de um canteiro de flores, ora morre no fim de uma longa e direita alameda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura um tanto desordenada e a chistosa irregularidade da Natureza.

Enfim, aquele autor não tratou senão a parte mecânica da jardinagem. Totalmente esqueceu a mais importante, a que procura em nossas sensações, em nossos sentimentos, a origem do prazer, que nos causam as cenas campestres e os atrativos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em suma,

os seus jardins são os do arquiteto; os outros são os do filósofo, os do pintor, os do poeta.

Este género tem medrado por extremo há anos, e se isto é também efeito da moda, dêmos-lhe graças. A arte dos jardins, a que se poderia chamar luxo da arquitetura, parece um dos entretenimentos mais convenientes, e talvez um dos mais virtuosos da gente rica. Como cultura, reconduz à inocência das ocupações campestinas; como adorno, apadrinha sem risco a paixão dos dispêndios que acompanha as grandes fortunas; finalmente, esta arte tem para semelhante classe de homens o duplicado préstimo de participar, ao mesmo tempo, dos gostos que vogam nas cidades, e dos que existem nos campos.

Este prazer dos particulares achou-se ligado à utilidade pública: fez com que os opulentos folgassem de habitar as suas terras. O ouro, que sustentaria artífices do luxo, vai alimentar os cultivadores, e a riqueza torna à sua verdadeira fonte. Acresce a isto que a cultura se enriqueceu com muitas e muitas plantas, ou árvores estrangeiras, agregadas às produções do nosso terreno, e isto vale certamente o mármore todo que perderam nossos jardins.

Feliz este poema se desparzir, ainda mais, afeições tão símplices e puras! Porque, como o autor deste poema o disse em outra composição, «Quem dos campos o amor inspira aos Homens, / Também, virtudes, vosso amor lhe inspira.»

PRÓLOGO DE BOCAGE

A gloriosa reputação do abade Delille, como literato e como poeta, a estima geral dada ao seu poema dos jardins, onde se encontram todo o atavio, toda a graça e toda a filosofia de que é capaz o assunto, me incitou a versificá-lo em vulgar, apurando nisso o cabedal que possuo em poesia, cabedal muito inferior ao apreço e acolheita de que estou em dívida com os meus compatriotas. O amor à glória e à gratidão talvez ainda criem na minha alma um ardor que a fecunde, tornando-me digno do afeto com que me honra o público; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordená-la, e em que só usei o circunlóquio nos lugares, cuja tradução literal se

não compadecia, a meu ver, com a elegância que deve reinar em todas as composições poéticas.

*Hic inter flumina nota,
Et fontes sacros frigus captabis opacum.*

Virgílio, Écloga I

Entre os rios aqui e as sacras fontes,
Gozarás em repouso a sombra amena.

CANTO PRIMEIRO

Renasce a primavera, influi, e anima
As aves, os Favónios, flores, musas.
Que novo objeto à lira os sons me pede?
Ah! Quando a Terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes,
Quando tudo se ri, tudo se inflama
De amor, e de esperança, e de ventura,
Outro, co'a fantasia em Febo ² acesa,
Abra os fastos da Glória aos grandes nomes,
Num carro fulminante alce o Triunfo,
Manche, ensanguente as mãos na taça horrível
Do vingativo Atreu ³: sorriu-se Flora,
Vou cantar os jardins, dizer qual arte
Em terreno loução, dispõe, regula
As flores, a corrente, a relva, as sombras.
Tu que, o vigor e a graça entrelaçando,
Dás ao canto didático energia,
De Lucrecio na voz, se outrora, ó musa,

² Apolo, deus da Poesia e das Artes.

³ A mitologia grega regista o ódio recíproco de Atreu e de seu irmão mais novo, Tiestes.

As austeras lições amaciaste;
Se pôde o seu rival (sem que nos lábios
A linguagem dos numes desluzisse)
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fértil ornar, mais rico assunto,
Assunto amável, que tentou Virgílio ⁴.
Mãos não lancemos de atavio estranho;
Das minhas mesmas flores vou c'roar-me:
Qual pura luz, que bela nuvem doura,
A expressão tingirei na cor do objeto.
Arte inocente, que em meus versos canto,
Origem teve nos cerúleos dias,
Nas primaveras do recente globo.
Apenas o homem submetera os campos
À cultura eficaz, pôs mil desvelos
De viçosa porção no trato e mimo,
Alinhou para si com leis e indústria
Plantas seletas, escolhidas flores.
De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude
Punha a curto vergel módico enfeite ⁵;
Eis com arte maior, mais sumptuosa,
Jardins nos ares Babilónia ostenta ⁶.
Os latinos heróis, de Marte os filhos,

⁴ Nota do autor: «Vê-se nas *Geórgicas*, Liv. 4., que a composição dos jardins de que falam é mui singela, e naturalíssima, e que se acha neles o útil com o aprazível: pomos, flores, hortaliças. Mas estes jardins são os de um ordinário habitante dos campos, jardins tais como, com um gosto simples, quisera o sábio orná-los e cultivá-los pela sua mão; tais como folgaria de os aformosear o amável poeta que os descreve. Não tratou daqueles jardins famosos que o luxo dos vencedores do mundo — os Crassos, os Luculos, os Pompeus, os Césares — carregaram das riquezas da Ásia e dos despojos do Universo.»

⁵ Nota do autor: «É um monumento precioso da Antiguidade e da história dos Jardins a descrição que faz Homero do de Alcino [Alcínoo]. Vê-se que ela distava pouco do nascimento da arte; que todo o seu luxo estava na simetria e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das árvores, nas duas fontes de que era ornado: e todos os que quisessem jardim para gozar, e não para mostrá-lo, escusariam outro.»

⁶ Nota do autor: «Parte destes jardins suspensos ainda durava mil e seiscentos anos depois da sua criação; eles foram o assombro de Alexandre, quando entrou em Babilónia.»

Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno à glória, ao raio,
Em frescos hortos, que a Vitória ornara ⁷.
Habitava os jardins outrora o Sábio,
Doutrinando os mortais mais ledo que hoje.
Quando a Sabedoria Elísios teve,
Êreis vós, dons do Céu, talvez palácios?
Não: vós éreis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbável paz ditoso abrigo,
Puras delícias, que a virtude anela.
Corra-se pois, que é tempo, o novo espaço:
Filipe ⁸ e o belo assunto a voz me alentam.
Para aformosear simples terrenos
Não insulteis co'a pompa a Natureza;
Este emprego requer sisudo artista,
Parco em dispêndios, na invenção profuso;
Jardim, menos fastoso que elegante,
Jardim com mais beleza que atavio,
Parece aos olhos meus um amplo quadro.
Sede pintor: o campo, os seus matizes,
Os reflexos da luz, da sombra as massas,
As estações e as horas, variando
O giro do ano, o círculo diurno;
Ricos esmaltes de cheirosos prados,
Dos outeiros o alegre, o verde forro,
Águas, boninas, árvores, penedos:
Eis os vossos pincéis, teias e cores.
Podeis criar: a Natureza é vossa,
E dóceis para vós os elementos.

⁷ Nota do autor: «Existe monumento inestimável do gosto e forma dos jardins romanos em uma carta de Plínio Júnior, e nela se lê que já então conheciam a arte de afeiçoar as árvores, de dar-lhe diversas figuras de vasos ou animais; que a arquitetura e o luxo dos edifícios eram dos primários ornamentos dos parques; mas que todos tinham um objeto de utilidade, objeto em demasia esquecido nos jardins modernos.»

⁸ O conde de Artois, irmão de Luís XVI.

Mas antes de plantar, antes que encete
Instrumento imprudente o seio à terra,
Para dar aos jardins mais linda forma,
Observai, refleti, sabei de que arte
Se imita, se arreda a Natureza.
Não tendes vezes mil em ermos sítios
De repente encontrado aquelas vistas,
Que as plantas, que os sentidos vos suspendem,
E que em meditações quietas, longas
Enlevam manso e manso a fantasia?
Tudo o melhor senhoreai co'a mente,
Dos campos aprendei a ornar os campos.
Lugares, que subtil decora o gosto,
Olhai também: nos escolhidos quadros
Ainda há que escolher; por vós se admire
De Chantilly magnífica elegância,
Que de heróis em heróis, de Idade a Idade
Ganha novo esplendor. Beloeil ⁹, a um tempo
Campestre, aparatoso, e tu que ainda
Ufano Chanteloup, te desvaneces
De teu grande Senhor com o desterro;
Todos vós alternais o bem dos olhos.
Qual purpúreo botão, mimoso e breve,
Tímido precursor da quadra bela,
O amável Tivoli ¹⁰, de forma estranha
À França descobriu ténue modelo.
Montreuil ¹¹ as Graças desenharam rindo,

⁹ Nota do autor: «Beloeil foi uma casa de recreio, ou quinta, do príncipe de Ligne.»

¹⁰ Nota do autor: «O local de Tivoli negava-se aos grandes efeitos pitorescos; mas Bontin teve o merecimento de colher dele a utilidade possível, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom êxito o género irregular.»

¹¹ Nota do autor: «Montreuil era um bellissimo jardim da princesa de Guimené, na estrada de Paris a Versailles.»

Maupertuis ¹², le Désert ¹³, com que alegria,
Auteuil, Rincy, Limours, quão docemente
Nas vossas lindas, arejadas ruas
Olhos se embebem, se extraviam passos!
Do grande Henrique ¹⁴ a venerável sombra
Ama ainda Navarra, e parecido
Contigo Trianon ¹⁵, deusa que o reges,
Une a graça, o recreio à majestade,
Se adorna para ti, por ti se adorna.
Grato asilo dum príncipe adorável,
Tu, cujo nome de apoucada ideia ¹⁶
É indigno de ti; lugar vistoso,
Quanto lhe devo a teu senhor, of'rece:
Um plácido retiro, um ócio ledó.
Benfeitor de meus versos, de meus dias,
Na eleição de atilados escritores,
Em jardim, que do Pindo as rosas vestem,
Inclui a musa minha, e brando a acolhe.
Junto ao lírio soberbo e majestoso,
Assim cresce a violeta humilde e escura.
De ilustres vates não ilustre sócio,
Ah! se coubera em mim cantar como eles,

¹² Nota do autor: «Maupertuis. Este jardim, conhecido pelo nome de Elísio, pertenceu ao marquês de Montesquieu. Se belas águas, soberbas plantações, aprazível misto de colinas e vales fazem um sítio formoso, o Elísio é digno do seu amável nome.

Le Desert. Este jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo jardim foi do duque de Orleans.

Limours. Este lugar, naturalmente inculto, foi mui aformoseado pela condessa de Brionne, e perdeu parte da aspereza sem perder o caráter.»

¹³ Nota do autor: «Jardim desenhado com muito gosto por M. de Monville.»

¹⁴ Henri IV, rei de França e de Navarra (Pau, 1553-Paris, 1610).

¹⁵ Nota do autor: «O pequeno Trianon, jardim da rainha, é modelo neste género. Parece que a riqueza foi nele empregada sempre pelo gosto.»

¹⁶ Nota do autor: «Bagatela é o gracioso jardim composto com muita arte para o conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar no meio de bosque aprazível, que parece parte dele. O pavilhão é de uma elegância rara. Não se poderão nomear neste poema outros agradáveis jardins, feitos alguns anos depois.»

Pintara os teus jardins, pintara o nume,
Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,
As virtudes, a glória, os bens que o seguem,
O ladeiam em ti. Lugar formoso,
Sê tu sua ventura. Eu, se algum dia
Findar, por graça dele, amena estância,
Mais bela a tornarei co'a bela imagem
Do alto meu protetor; quero que sejam
Minhas primeiras flores seu tributo.
Para o busto real cultivo, enlaço
Em virentes festões o louro, o mirto,
Tão caros aos Bourbons, e se o repouso,
A liberdade, as sombras me inspirarem,
Ao benfazejo herói te sagro, ó lira.
Falei desses lugares deleitosos,
Que a arte deve imitar; convém que fale
Dos escolhos que a mesma evitar deve.
O engenho imitador também se engana.
Não dê beleza ao chão que o chão não queira,
A paragem conheça antes de tudo,
Do sítio adore o génio, o Deus consulte:
Impunemente as leis não se lhe agravam.
Nos campos, todavia, a cada instante,
Menos audaz que estranho em fantasias,
Tudo altera e confunde artista inerte,
E desnaturaliza, e perde tudo;
Com absurda eleição mil graças liga:
Encantavam na Itália, em França enjoam.
O que o terreno teu sem custo adote
Reconhece, e depois te apossa dele.
Isto ainda é melhor que a Natureza,
Mas isto mesmo é ela, isto é perfeito
Quadro brilhante, que não tem modelo.

Dos Berghems ¹⁷, dos Poussins tal foi a escolha,
De ambos estuda as produções divinas,
E o muito que o pincel aos campos deve,
Arte cultivadora, agradecida,
Nos jardins restitua à Natureza.
Os terrenos agora se examinem,
E que lugar se apraz das leis que traças.
Houve tempo fatal em que arte infensa,
Guerra aos mais belos sítios declarando,
Enchendo os vales, arrasando os montes,
Formou de chão gentil planície ingrata.
Hoje, rural tirano, outro artifício
Quer, por contrário abuso, erguer montanhas,
Vales quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas e ardis: tudo é baldado
Contra intratáveis, repugnantes cerros;
E sobre terra igual montinho humilde
Cuida ser pitoresco, e move a riso.
Queres a teu suor lugar propício?
Foge às mui desiguais, os muito planos
Campos e serras. Eu tomara os sítios
Onde sem altivez fosse eminente
A rico vale matizado outeiro.
Não tendo insipidez, lá tem brandura,
O solo complacente é alto, é seco,
Estéril não, não ríspido: caminhas;
Obedece o horizonte, ergue-se a Terra,
Ou a Terra se abate, aberta, estende:
Luzem de passo a passo encantos novos.
Dos gabinetes no silêncio triste,
De compasso na dextra, embora ordene,
Artífice vulgar a simetria
D'enfadoso jardim, confie embora

¹⁷ Nicolaes Berchem (Haarlem, 1620-Amesterdão, 1683), pintor holandês.

O geométrico plano ao papel frio.
Tu vai ver em si própria a Natureza.
O lápis maneando, ali copia
Este aspeto, estes longes, esta altura,
Meios advinha ¹⁸, obstáculos pressente:
Só a dificuldade é mãe de assombros,
E o chão de menos graça havê-la pode.
É nu? Florestas a nudez lhe amparem.
É coberto? Os machados vão despi-lo.
Húmido? Em lagos de cristal pomposo,
Em ribeiras fecundas, transparentes
Se converta, se aclare essa água impura.
Por trabalho feliz corrige a um tempo,
Melhora as águas, o terreno, os ares.
É árido talvez? Procura, sonda,
Torna ainda a sondar, não te enfaties:
Pode ser que, em trair-se vagarosa,
A água de rebentar esteja a ponto.
Tal de um tenaz esforço eu mesmo ansiado,
Morna individuação maldigo, entejo,
Mas de estéril objeto aborrecido
Ideia graciosa eis surge, eis salta:
O verso ressuscita, e fácil corre.
Inda mais doces que estes há cuidados,
Arte existe inda mais encantadora.
Fale-se ao coração, não basta aos olhos.
As invisíveis relações conheces
Desses corpos sem alma, e dos que sentem?
Das águas, prados, selvas tens ouvido
A calada eloquência, a voz oculta?
Todos estes efeitos debes dar-nos.
Do alegre ao melancólico, e do nobre
Ao engraçado, os trânsitos sem conto

¹⁸ *Sic*, no original, em vez de «adivinha», por uma questão de métrica.

Sempre me aprazem, me cativam sempre.
Une, simples e grande, forte e brando,
Todo o matiz que a todo o gosto agrade.
O pintor enriqueça ali a ideia,
A santa inspiração turbe o poeta.
Ali remansos d'alma o sábio goze,
Memórias o ditoso ali desfrute,
De lágrimas se farte o miserando.
Mas a audácia é comum, e o siso é raro.
Graça às vezes se crê a extravagância.
Evita que os efeitos, mal unidos,
De incoerentes imagens formem caos;
Vê que as contradições não são contrastes.
Estes painéis de natural pintura
Requerem longo espaço; em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. É costume
Zombar desses jardins, paródia absurda
Dos rasgos que a atrevida Natureza
No seu grande espetáculo derrama;
Jardins, em que arte rude e inverosímil
Um país todo numa jeira encerra.
Em vez deste montão confuso, inerte,
Varia objetos, ou lhe altera a face.
Perto, longe, patentes, quase ocultos,
Revezem todos mil diversas vistas.
Dos efeitos seguintes a incerteza
Grato desassossego aos olhos deixe,
Ornamentos o gosto enfim coloque,
Imprevistos jamais em demasia,
Jamais em demasia anunciados.
Presta sobremaneira o movimento;
Sem a doce magia, a ele anexa,
Em letargo recai a alma ociosa.
Sem ele, por teus campos enfadonhos,
Em giro casual vão sempre os olhos.
Citarei outra vez altos pintores?

Lá difunde o pincel pródigo e fértil
Móveis objetos sobre o pano imóvel:
O rio foge, o vento encurva os ramos,
Globos de fumo das aldeias sobem,
Os gados, os pastores brincam, dançam.
Cuida em te apoderar deste segredo,
Dispõe sem parcimónia arbustos dóceis,
Árvores brandas, cuja afável coma
Das virações ao hálito obedece.
Sejam quais forem, tu, cultor, venera
A vacilante, undísona ¹⁹ verdura,
Tolhe que o ferro a Natureza ultraje,
Ela co'a mestra mão como desenha
Desta parte os carvalhos, desta os olmos!
Olha como do tronco até aos ramos,
Dos ramos té às folhas desaparzido
Da Mãe universal benigno influxo;
Vai das ondulações ²⁰ dar-lhe a moleza.
Porém, golpes cruéis... vedai tal crime,
Correi, Ninfas da selva... Ah! Quê de balde,
O corte cerceou-lhe a gala, o viço.
Já na copa vivaz não oiço ao longe
Correr os Aquilões, bramir na rama,
Afastar-se, expirar. Tácitos, frios,
Mortos do ferro os vegetáveis entes,
Dele semelham rispidez imóvel.
Às plantas deixa, pois, tremor suave
Nos quadros teus, do movimento amigos:
Faze fugir, ferver, saltar as águas.
Vês estes vales, solidões, florestas?
Por vários sítios de diversos gados,
A nédia multidão se envie e alongue.

¹⁹ Que soa como as ondas agitadas.

²⁰ No original, «ondulações».

Além vejo a cabrinha roedora
Pender do cume de remotas penhas,
Aqui mil cordeirinhos melindrosos
Soltam queixumes, que de cerro a cerro
Vai eco em moles sons amiudando.
Nestes, que as águas da colina sorvem,
Prados lustrosos, sobre as mãos se estende,
E, ruminando, jaz o boi pesado,
Enquanto generoso, altivo, aceso,
O filho do Tridente, o márcio bruto ²¹,
Ostenta, vicejando, em pingues pastos,
O indómito vigor e o brio agreste.
Quanto me atraí, me regozija, quanto
A audaz agilidade, o gesto ativo!
Ou ele, usado às fluviais correntes,
Sobre elas se arremesse, estremecendo,
E lutando depois, coòs pés sacuda
As ondas, que murmuram, que branqueiam;
Ou através dos prados salte, e fuja;
Ou, longa crina errante aos ventos dada,
Brotando os olhos fogo, as ventas fumo,
Belo de orgulho e amor, voe às amadas.
Sumiu-se já, e a vista ainda o segue.
O tesouro exaurindo à Natureza,
Assim terrenos, vistas, e água, e sombras
Dão às paisagens movimento e vida.
Porém, se o movimento encanta os olhos,
De liberdade um ar não menos querem.
O limite aos jardins fique indeciso;
Ou com arte se esconda, ou se disfarce.
Não há mais que esperar? Voa o feitiço.
Com certo dissabor o fim se toca

²¹ Cremos tratar-se de Pégaso, o cavalo alado, filho de Posídon (Neptuno, deus do tridente) e de Medusa.

De uma estância aprazível: cedo enfada,
E irrita finalmente; além dos muros,
Importuna barreira, inda se ideiam
Lugares mais gentis, mais atrativos,
E a alma inquieta desencanta os olhos.
Quando nossos avós, à guerra afeitos,
Seus campos em castelos convertiam,
Cada qual em munida, enorme torre,
Preso vivia por viver seguro.
Mas hoje de que servem tais muralhas,
Que o temor inventou, mantém o orgulho?
A estes, que prendendo outrora a vista,
A vista duramente entristeciam,
Prefere o gosto verdejantes muros,
Muros tecidos de espinhoso enredo,
Muros por onde a mão, tremendo, colhe
A rosa inculta, a amora ensanguentada.
Mas jardim limitado inda me anseia.
Surja-se enfim de um círculo tão breve
A género mais vasto e mais formoso,
De que hoje Ermenonville é só modelo.
Os jardins para si chamavam campos,
Vão neles os jardins entrar agora.
Do cimo desses montes, donde os olhos
Paisagem dilatada abraçam, medem,
A madre Natureza ao Génio disse:
«Os tesouros, que vês, são teus: envoltos
Na rude pompa, na opulência bruta,
Os quadros meus tua destreza imploram.»
Ela diz, ele voa: em toda a parte
Esquadrinha esta massa, onde repousam,
Onde dormindo estão belezas cento.
Do vale à serra, da floresta ao prado,
Vai retocando os quadros, que varia.
Dos olhos a sabor, une e desune,
Ilumina, escurece, oculta ou mostra:
Não destrói, não compõe, corrige, apura,

O esboço aperfeiçoa à Natureza.
Carrancudo terror já despem rochas,
O bosque alegre adoça, encurta as sombras;
Ia perder-se um rio: eis o encaminham;
De um lago se apodera a mão jeitosa,
De cristalina fonte se enriquece.
Quer, e veredas mil súbito correm
A demandar, cingir, prender os membros,
Por aqui, por ali soltos, dispersos,
Os membros que, assombrados, que atraídos
Da engenhosa união, do nó, que os junta,
Formam de cem porções um todo insigne.
Talvez, campestre artífice, te espantem
Estes grandes trabalhos. Entra os nossos
Idosos parques; de uma vez contempla
Apuros vãos, dispendiosos nadas;
As estacadas vê, regos e tanques.
Preço menor do que a minúcias coube
Para ornar o que um dia apraz somente,
Pode aformosear um campo imenso.
Falaz e sensabor magnificência,
Cai ante esta arte, e por milagre dela
A cara Pátria minha se transforme
Toda em vasto jardim, num Éden novo!
Se não ousas tentar esta carreira,
Ao menos, franqueando o teu circuito,
De aspetos opulentos o engrandece.
De um vale, um cerro, uns agradáveis longes
Ajunta posse alheia à posse tua:
Rege co'a vista, pelos olhos goza.
Os vários, favoráveis acidentes,
Com que inúmeros campos se distinguem,

Une principalmente a teus plantios ²².
Aqui jaz um lugar, que cingem bosques,
Acolá torreões cidades c'roam,
E a grimpa azul, ferindo ao longe os olhos,
Vai sumir pelos céus o agudo extremo.
Um rio omitirei, e as margens suas?
Após fugazes velas corre a vista.
Ilhas às vezes saem do vítreo seio,
Ponte arqueada outrora o furta aos olhos. ·
Se os mares espaçosos descortinas,
Of'rece, mas varia a grave cena.
Mal se divise aqui por entre as folhas,
Uma abóbada além, qual no remate
De tubo extenso, aos olhos o apresente
Em fundo de odoríferas latadas;
Nas voltas de florente bosquezinho
Aqui se encontra o mar, ali se perde:
Eis súbito aparece em toda a sua
Fervente, rugidora imensidade.
Folgue a atenção nestes semblantes vários;
Mas com mesquinhas mãos (cumpre que o diga)
Os homens, Natureza, o tempo, as artes
Nos cercam de tão ricos acidentés.
Oh planícies da Grécia! Ausónios campos!
Lugares divinais, inspiradores,
Sempre caros ao génio! Ah! quantas vezes
Embebido num mágico horizonte,
O pintor vê, se inflama, e toma o lápis,
E debuxa esses longes, essas ilhas,
Esse pego, esses portos, esses montes,
Torrados de vulcões, e já fecundos;

²² Nota de Bocage: «Vem no *Dicionário* de Sousa, e a harmonia e necessidade do termo animou-me a adotá-lo, parecendo-me todavia que os camponeses o usam. A palavra *paisagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons escritores nossos, sendo um deles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores.»

As lavas deles, que ameaçam, fervem,
Palácios, que em ruínas de outros surgem,
Um novo mundo que do velho assoma
Nestes de Terra e Mar longos tormentos.
Ah! Eu inda não vi essa risonha,
Essa encantada estância, onde mil vezes
Soou do Mantuano ²³ a voz divina,
Mas, pelo vate, pelo vate o juro,
Hei de, Apenino, transcender teus cumes,
E cheio do seu nome, e de seus versos,
Lê-los naqueles amorosos sítios,
Sítios, cópia do Céu, que os inspiraram.
De encantadoras margens namorado,
Por fora ingratos campos tens somente
Em vez de aspetos que interessem a alma?
De estranha vista, que atedia o gosto,
Vinguem-te objetos de mais bela escolha.
Aprende a deleitar-te em teu recinto,
Sê o emblema do sábio independente,
Que entra em si mesmo, e que se apraz consigo.
Nesse asilo fiel nos entranhemos.
Todavia em lugares onde a Terra
De aspetos variados mais abunde,
Os tesouros da vista é bem que poupes,
E seja leve giro o custo deles.
A arte os prometa, os olhos os esperem;
Dá quem promete, quem espera goza ²⁴.
Releva que enfeitices, não que assombres.
Entre minhas lições também quisera
Duas artes de efeitos encontrados:
Uma os olhos adverte, outra os salteia.

²³ O poeta latino Virgílio, nascido em Mântua. *Vd.* n. 160, p. 388.

²⁴ Nota do autor: «Este último hemistíquio vem numa epístola de Saint Lambert; a reminiscência o introduziu neste poema.»

Mas antes de ditar preceitos novos,
Dois géneros, há tempo émulos ambos,
Disputam nossos votos. Um presenta
De regular desenho a ordem grave,
Aos campos dá belezas que ignoravam,
De pompa desusada os atavia,
E às árvores põe leis, põe freio às ondas;
Brilha entre escravos, déspota orgulhoso:
É mais em majestade, em riso é menos.
Da Natureza respeitoso amante,
O outro lhe ajusta comedido enfeite,
Trata benignamente os feiticeiros
Caprichos seus, o seu desleixo nobre,
O passo irregular, e extrai com arte
Lindezas da desordem, té do acaso.
Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua;
Entre Kent ²⁵ e Le Nôtre ²⁶ eu não decido.
Ambos têm leis, têm graças: um criou-se
Para Grandes e Reis: ó Reis! Ó Grandes,
Sois à magnificência condenados.
Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro
De alto poder se espera; ali queremos
Que em prodígios, o luxo, o gosto, as artes
Excitem pasmos, embriaguem vistas.
Rebelde a Natureza à indústria cede;
Mas deve grão triunfo honrar a indústria;
Ela em seu esplendor tem seus direitos,
É uma usurpadora, e lhe compete
À força de grandeza obter desculpa.
Longe, pois, os jardins desengenhosos,

²⁵ Nota do autor: «Kent. Arquitecto e famoso desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que tentou felizmente o género livre, que principia a lavar por toda a Europa. Os chineses são sem dúvida seus inventores.» William Kent nasceu em Bridlington e faleceu em Londres, respetivamente, nos anos de 1685 e 1748.

²⁶ André Le Nôtre (Paris, 1613-Paris, 1700), notável paisagista francês.

Insulsa estância, de que o dono insulso
As árvores garridas fofo exalta,
Os pequenos salões bem decotados,
A extrema simetria escrupulosa,
Passeios, onde nunca solitária
Alameda não há, que irmã não tenha;
Caminhos desgostosos, enjoados
Da obediência ao cordel, os seus canteiros
Bordados, e os seus ténues fios de água;
Das árvores algumas torneadas
Em vasos, em pirâmides, em globos,
E alçados bem na base os pastorinhos.
Gabe o seu luxo pobre: eu anteponho
Um campo bruto a seu jardim tristonho.
Distante destes mínimos portentos,
Segue meu voo à pátria dos prestígios,
Vê Versailles, Marly, pomposos, ledos,
Onde Luís, e a Natureza, e a Arte
Em tanta cópia desparziram graças.
Que afoito resplandece ali o engenho!
Ali tudo é grandeza, é tudo encanto,
São de Alcina os jardins, de Armida os paços,
Antes os de um herói, que inda procura
Vencer, domar obstáculos, sublime
Em seu retiro, em seu repouso, e sempre
Caminha, de milagres circundado.
Aqueles águas vês, a terra, os bosques?
Submetidos também, seu jugo adoram.
Das árvores à verde arquitetura,
Olha com que elegância estão casados
De forma singular palácios doze!
Vê bronzes, que respiram, vê correntes
Que, soltas da represa, esbravejando,
Em grossos borbotões de fofa espuma,
Caem e se estendem por canais soberbos;

Em lustrosa espadana ²⁷ além se espalham,
Em paveias brilhantes cá se elevam,
E nos benignos ares incendidas
De um sol imaculado, eis chovem gotas
Cor de oiro, de safira e de esmeralda.
Selvas, por onde absorto me extravio,
Os sátiros, os faunos vos povoam,
Em vós Diana influi, e Citereia;
É cada bosquezinho em vós um templo,
Cada mármore um deus. Luís, folgando
Do peso marcial, do horror da guerra,
Como que nesta, a Jove idónea estância,
Convida todo o Olimpo a seus festejos.
Nestes grandes efeitos é que importa
Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.
Facilmente, porém, o assombro pesa.
Louvo o orador que erguidos pensamentos
Na luz, na pompa, na cadência envolve,
Mas é curto prazer, e o deixo, e corro
A escutar corações na voz de amigos;
Mármore, bronzes, que alardeia o luxo,
Arte ostentosa em breve os olhos cansa.
Mas as correntes, o arvoredado, as sombras,
Este luxo inocente, ah! não fatiga,
Não fatiga jamais. Deus mesmo aos homens
Traçou este modelo. Atenta em Milton ²⁸.
Quando essa eterna Mão, que rege tudo,

²⁷ Repuxo.

²⁸ Nota do autor: «Muitos ingleses querem que esta bela descrição do paraíso terreal e alguns lugares de Spencer dessem a ideia do jardim irregular; e posto que é provável, como já se disse, que este género venha dos chins, o autor antepôs a autoridade de Milton como a mais poética. Além disso, julgou que se olharia com gosto a magnificência toda do maior rei do mundo, todos os milagres das artes em oposição com os feitiços da natureza recente, com a inocência das primeiras criaturas que a aformosearam e com o atrativo dos primeiros amores. Não traduziu nem tão pouco imitou Milton, que devia e podia descrever mais longamente o Éden.»

Aos primeiros mortais guarida apresta,
Regulares caminhos abre acaso,
Talvez cativa na carreira as ondas?
De impróprias, de forçadas vestiduras
Cobre a infância do mundo, a primavera
Recém-nascida? Não, sem arte alguma,
E sem constrangimento, a Natureza
Estreou, exauriu delícias puras,
Delícias puras, que nem há na ideia.
O misto amável de planície e monte,
Livres e molemente errando as águas,
Veredas tortuosas e indecisas,
Gratas desordens, novidades gratas,
Aspetos, onde os olhos mal sabiam
Escolher, preferir, tudo alongava,
Entretinha o prazer na variedade.
Sobre viçoso esmalte aveludado
Mil árvores, mil plantas, mil arbustos,
Destes lugares ondeante adorno,
Íman da vista, do sabor e olfato,
Em grupos elegantes, movediços,
Em natural, dispersa negligência,
Já se fugiam, já se avizinhavam.
Seu brando movimento ao longe às vezes
Inopinada cena aos olhos dava;
Ou com pendor gentil curvando a rama,
Aos passos vinham pôr suave estorvo;
Ou sobre as frentes em festões pendiam,
Ou, na passagem, lhe entornavam flores.
Lindos bosques direi de tenras plantas,
Em latadas e abóbadas travando
Troncos florentes e florentes braços?
Lá de imaginações, queridas, ternas,
Cheios a mente, o coração e os olhos,
Deu Eva ao belo amante a mão mimosa,

E corou como a Aurora às portas de ouro ²⁹.
A Natureza toda os afagava,
O céu co'a luz, com seu murmúrio as ondas;
Tremendo a Terra lhes sentia os gostos;
Favónio aos ecos os suspiros dava;
O arvoredo rugia, e curva a rosa
Cedia ao toro seus perfumes todos.
Oh ventura inefável, par tranquilo!
Feliz quem, como vós, nos seus amados,
Bonançosos jardins, longe dos males
Que a soberba atormentam, vive rico
De flores, frutos, inocência e gosto!

CANTO SEGUNDO

A lira, que os rochedos, que as florestas
Ao Ródope atraía, oh se eu tivesse!
Ela falara, e súbito arvoredos
Sobre as paisagens lançariam sombras;
A laranjeira, o til, carvalhos, cedros
Viriam nos meus campos colocar-se
Em pasmosa cadência, em ordem bela;
Mas perdeu a harmonia os seus milagres,
A lira já não reina, a penha é surda,
A árvore imóvel fica aos sons mais gratos;
Dois mágicos há só: trabalho e arte.
Aprende, pois, que indústria e que desvelo
Prestam mimo, ou riqueza às várias plantas.
Pela ridente copa, a flor e o fruto
A árvore é dos jardins primeiro ornato.
Para agradar, quantas figuras toma,
Quantas figuras! Acolá se estendem

²⁹ Cabe a Aurora (Eos) abrir as portas do céu ao carro do Sol.

Pomposamente seus informes braços;
Brando e ligeiro além se eleva o tronco,
Aqui lhe admiro, lhe namoro a graça,
A majestade ali. Roçada apenas,
Da menor viração, lhe ondeia a rama,
Ou contra os furacões arrebatados
Firma o corpo nodoso, a rija frente;
Dura, ou mole, se inclina, ou se levanta,
Proteu ³⁰ dos vegetais, a cada instante
Muda o feitio, a cor, verdura e frutos
Para dar novo brilho à Natureza.
Eis os tesouros teus, ó arte, e o gosto
Proíbe que sem ordem se despendam.
Das várias plantas a extensão e a forma
Se of'rece aos olhos em aspetos vários.
Ora selva profunda, inculta e negra
Derrama sombra imensa, ora aparece
Bosque risonho de árvores formosas.
Em ventilados campos mais ao longe
Os olhos chamam, a atenção dominam
Distribuídos, primorosos grupos.
Fiando-se na própria louçania,
Só, noutra parte, uma árvore pompeia,
Só ela exorna ³¹ o chão. Tal, se é possível
Que a paz dos campos assemelhe a guerra,
Cerrados batalhões, dispersas turmas,
Número e forças ante nós ostentam;
E altivo do seu nome, e sustentado
Na sua intrepidez, à frente deles
Um só herói se avança, e todos vale.
Diversas plantações tem ³² leis diversas.

³⁰ Proteu era um deus do mar que tinha o dom de se metamorfosear, de acordo com os seus desejos.

³¹ Ornamenta.

³² *Sic*, por uma questão de métrica.

Nos jardins do artifício em outros tempos
Olhava o luxo com desdém, com tédio
As isoladas árvores, e agora
Aprazem nos jardins da Natureza.
Por capricho feliz, sisudo acaso,
Estas desproporções têm atrativos,
Difiram na distância, aspeto e forma;
Sempre a grandeza, ao menos a elegância,
Distinga a planta, ou ela, envergonhada,
Por entre a multidão desapareça.
Mas se um carvalho, ou plátano longo,
Patriarca dos bosques, ergue a fronte
Sombria, venerável, toda a tribo
Disposta em torno, com respeito o esquive,
Lhe faça corte. Agradará destarte
A árvore, que isolada o campo adorna.
Com mais escolha ainda, e com mais gosto
Os grupos te darão prestantes quadros.
De árvores mais ou menos vigorosas,
Em número qualquer, pequeno ou grande,
Forma-lhe a massa espessa, ou leves tufos:
Este povo de irmãos apraz ao longe,
Podes por eles variar desenhos;
Com eles se aproximam, se removem,
Se afastam, se reúnem perspetivas,
E com eles também sobre as paisagens
Se dobra ou se desdobra o véu das sombras.
Formaram-se teus grupos: é já tempo
Qu'á um tanto de arte os bosques se habituem.
Bosques augustos! Bosques venerandos!
Eu vos acato, eu vos saúdo: as vossas
Poéticas abóbadas não ouvem
Já do bardo feroz o horrível canto;
Um delírio mais doce em vós habita,
Vossas grutas ainda em verso instruem.
Ermos antigos, majestosas sombras,
Vós inspirais os meus: ah! dai que eu possa

Com respeitosa mão tocar-vos hoje,
E que, sem profanar, aformoseie:
De vós aprender quero a adereçar-vos.
Arvoredos expor-se aos olhos podem
Em milhares de aspetos. Deste lado
Pressos troncos as sombras lhe carreguem:
Alegre-se acolá de luz escassa
A redolente estância, travem nela
Combate deleitoso a noite e o dia;
Mais além, sinalando o chão co'as folhas,
Sobre os claros dispersas tremam plantas.
Porque, umas para as outras flutuando,
E sem ousar tocar-se, ao mesmo tempo
Pareça que se fogem, que se buscam.
O bosque assim por ti perde a aspereza;
Mas seu grave caráter não desmanches;
Com miúdos objetos, mui frequentes
Não se interrompa, não se altere o todo.
Um seja, simples, grande, e toda a pompa
Com alguma rudez a arte lhe deixe.
Apresenta esses troncos destroçados;
Quero ver, e seguir negras torrentes,
Pelas quebradas côncavas fervendo.
D'água, do tempo, do ar mantêm vestígios;
Venera do rochedo os ameaços,
Deixa-o pender, e enfim tudo respire
Silvestre, vigorosa formosura
Sobre o terreno majestoso. Agrada
Assim de um bosque a rústica nobreza.
Com menor altivez, com mais brandura
Um bosquezinho of'rece amenos quadros:
Quer belos sítios e contornos belos;
Foge, torna, em rodeios vai perder-se;
Entre flores estende águas serenas,
E cuido que inda nele, embriagado
De um êxtase suave, em ócio puro,
As lições do prazer dita Epicuro.

Mas não basta que, em selva ou bosquezinho,
De distância em distância, alegre pausa.
Haja riqueza ou elegante, ou bruta,
Cumpra ornar com primor seus exteriores.
Não vás, simetrizando-lhe os limites,
Com rescendentes muros ocultar-nos
Dos bosques as inúmeras famílias.
Ver quero, penetrando o centro agreste,
Crescer a um tempo as árvores diversas,
De vigor juvenil umas brilhantes,
Outras todas decrépitas, nodosas,
Estas rasteiras, lânguidas, e aquelas,
Tiranos das florestas, esgotando
Da substância o tributo a seus vassallos;
Cena em que a ideia vê com gosto imagens
Das idades, da vida e dos costumes.
A par destes efeitos, que valia
Terão verdes reparos, cuja forma
Entristece, importuna, aflige os olhos,
Forma que é sempre igual, nunca inesperada ^{33?}
Oh delícias da vista! Oh variedade!
Acode, vem romper nível insulso,
Triste esquadro e cordel fastidioso.
De matiz acertado, interessante
As estremas dos bosques se guarneçam,
É a uniformidade ingrata aos olhos;
Da que vem ³⁴ nos jardins eles se enfadam,
À sua extremidade eles se avançam,
Folgam de discorrer a inopinada
Forma que lustra nos limites vários.
Em giros mil brincando a vista errante,
Ou com eles se entranha, ou sai com eles,

³³ Em vez de «inesperada», para não ferir a métrica.

³⁴ Opção de Bocage: em lugar de «veem», por uma questão de métrica.

E nos diversos, florescentes quadros
De distância em distância, alegre pausa.
O bosque se engrandece, e a cada passo
Seus rodeios varia, e seus encantos.
A forma, pois, se lhe desenhe, e logo
As árvores se escolham, a que o gosto
Prescreve o sacrifício; mas sê tardo,
Condena devagar, condena a custo:
Antes de executar-se a lei severa,
Ah! vê que manso e manso as cria o Tempo,
E alteia manso e manso; que impossível
É a todo o ouro teu remir-lhe as sombras,
E que já lhe de veste um fresco amparo.
Duro possuidor, contudo, às vezes,
E sem necessidade, e sem remorso,
Aos golpes do machado as abandona,
Eis sobre o seio da indignada Terra
As míseras baqueiam, secam, morrem:
Para sempre dali com mágoa voam
Doces meditações, cautos amores.
Ah! por estes sagrados arvoredos,
Que aos bailes pastoris prestavam sombra,
Por estas densas comas, que abrigaram
Vossos avós, tende atenção, profanos,
Coòs troncos religiosos. Já que os evos
Neles a robustez inda consentem,
Não lhe afronteis a ancianidade augusta.
Tem de raiar, tem de raiar em breve
O dia em que estes bosques desmaiados,
Para ceder o império a tenras plantas,
Da excelsa fronte, sucumbindo ao ferro,
Verão no pó murchar-se a honra antiga.
Oh Versailles! Oh dor! Oh vós, florestas,
De celeste aparência! Maravilhas,
Que fez um grande rei, Le Nôtre e os anos!
Eis soa o corte; vosso termo é vindo.
Árvores, cuja audácia às nuvens ia,

Feridas na raiz, no ar balançando
Suas copas louças, que abala o ferro,
Já dão ruidosa queda, e já seus troncos
Vão alastrando ao longe esses passeios,
Que de frescas abóbadas cobriam
Com seus pomposos, estendidos braços.
O estrago se atreveu aos arvoredos,
Cuja gloriosa frente a frente heroica
De Luís, o magnânimo, assombrava!
Destruíram-se bosques, onde as artes,
Mais suaves conquistas celebrando,
Multiplicavam festivos prazeres!
Amor, que é feito do encantado abrigo,
Que ouviu de Montespan ³⁵ gemer o orgulho?
Que é do retiro, onde, tão meiga e bela,
Ao de ouvi-la atraído, absorto amante,
La Vallière ³⁶ exprimiu segredos ternos,
Rendida suspirou, sem crer-se amada?
Tudo cai, tudo acaba; ao som terrível
Desta destruição, não vês, não sentes
Alígero tropel fugir medroso?
Este volátil povo, alegre, ufano
De habitação tão bela, e que entoava
Dos monarcas no asilo os seus amores,
Com dor se ausenta dos saudosos lares.
Deuses, de que estes pórticos honrara
Estremado cinzel, deuses, vestidos
De verdes, moles véus, ainda há pouco,
Pela perda sombra estão carpindo,
Mostram-se da nudez envergonhados;
E, receando os olhos, Vénus mesma,

³⁵ A marquesa de Montespan, amante de Luís XIV, mãe de sete filhos deste monarca. Era muito influente na corte.

³⁶ Louise de la Vallière, preterida por Luís XIV, a favor de Montespan.

Vénus se assombra de se ver despida.
Apressai-vos, crescei, mimosas plantas,
Tornai a povoar a estância cara.
Árvores semimortas, consolai-vos.
Vós, testemunhas da fraqueza humana,
De Corneille e Turenna os fados vistes,
Vistes morrer o herói, morrer o vate:
Ao menos, já contaís cem primaveras,
E os nossos dias de mais luz, mais glória
Ah! voam logo, e para sempre voam.
Feliz daquele que possui um bosque
Formado pelo tempo! Mas ditoso
Também quem para si pôde criá-lo!
Estas, que vão medrando, árvores belas,
Eu fui o que as plantou (diz como Ciro):
«Tu, pois, se inda dispor das tuas podés,
Teme que antes de tempo elas rebentem.»
Assim como o pintor que, demorando
Indiscreto pincel na mão sabida,
Longamente co' a ideia esboça os quadros,
Tu dos desenhos teus medita a ordem;
O valor, a eficácia dos aspetos,
E dos sítios conhece; e o atrativo
Dos bosques nas colinas pendurados,
E a gala dos que em plano a sombra estendem.
Como as amigas formas, como as cores
Amigas, te é proveito conheceres
As adversas também. O freixo altivo,
Arremessando ao ar comprida rama,
O inclinado salgueiro aborrecera,
Do álamo opõe-se o verde ao do carvalho;
Mas tais ódios temperam-se com arte:
Elege por feliz intercessora
Uma árvore meã, que os concilie.

Desta sorte Vernet ³⁷, com maga tinta
De duas cores a discórdia extingue.
Conhece, pois, o emprego, a serventia
Das diferentes verduras, ou brilhantes,
Ou sem lustre, mais mortas ou mais vivas.
Com tais alterações, com tais matizes
No seio das paisagens se variam
Formosamente as sombras, se produzem
Efeitos ora doces, e ora fortes,
Grandes contrastes, ou gentis concórdias.
Observa-as maiormente quando o outono
Perto de vê-la murcha enfeita a c'roa:
Que pompa! Qu'esplendor! Que variedade!
A cor alaranjada, a cor purpúrea,
A opálica viveza, a do encarnado
Ostentação de seus tesouros fazem.
Ai! Todo este esplendor lhe agoira a queda!
Eis o fado comum! Depressa os Euros
Hão de espalhar pelos profundos vales
Os despojos selváticos: a folha
Caindo, já distrai de quando em quando
O solitário pensador; mas estas
Mesmas ruínas para mim são gratas;
Ali, se fundas queixas nutro n'alma,
Ou assanhar-me a chaga vem ³⁸ memórias,
Gosto de misturar, de ver conforme
O luto meu da Natureza ao luto.
Dos secos bosques, dos raminhos murchos
Me apraz pisar fragmentos, só e errante.
Dias de embriaguez e de loucura,
Os mentirosos dias já voaram;
Terna Melancolia, a ti me entrego,

³⁷ Claude Joseph Vernet (Avignon, 1714-Paris, 1789), célebre pintor de paisagens.

³⁸ Em vez de «vêm», por razões métricas.

Vem, mas não de atrás nuvens carregada,
Onde se envolve a tenebrosa Angústia:
Por entre véu ligeiro a vista branda
Dirige à Terra, aos Céus, como no outono
Os vapores traspassa um tíbio dia;
Traze, ó dos vates, dos amantes sócia,
Serenos o rosto, os olhos pensativos,
E as deleitosas lágrimas propensos.
Mas enquanto minha alma se apascenta
Nestas ideias, mil floridas castas
De fragrantes, de trémulos arbustos
Chamando estão por mim. Vem, lindo povo,
Tu, entre a árvore e a flor, tu és o meio,
És como a transição. Teus delicados
Caracteres agora a cena enfeitem.
Oh! se não me instigasse o largo assunto,
Se ao termo, que me espera, eu não corresse,
Que júbilo teria em dirigir-vos!
Eu vos reproduzira, eu vos mostrara
Em cem fecundas formas, eu faria
À sombra vossa murmurar correntes,
Vossa rama em abóbadas travara;
Envoltos nestes vívidos ulmeiros,
Iriam serpeando os vossos braços
Pelos rígidos troncos, e seríeis
O símbolo da graça, unida à força.
Fundira, aproveitara as vossas cores:
A azul-ferrete, a encarnada, a branca;
Dos olhos as delícias alternando,
Vossos penachos, cálices e flores,
Formar viriam meus brilhantes quadros,
E o mesmo Van Huysum ³⁹ mos invejara.
Tu, que estes férteis dons dos Céus houveste,

³⁹ Jan van Huysum (Amsterdão, 1682-Amsterdão, 1749), pintor paisagista.

Com arte economiza arbórea pompa:
Favores seus co'as estações reparte.
Co'as cores, e os perfumes cada arbusto
Por seu turno apareça, e nunca murche
Na frente do ano a flórida capela.
Assim com ele o teu jardim varia:
Cada mês tem seu bosque, e cada bosque
A sua primavera... ah! cedo extinta!
Tua indústria, porém, da sua instável,
Curta riqueza consolar-nos pode.
Com prudência estas árvores plantadas,
Quando flor não tiverem, graça tenham.
Tal, dilatando o império de seus olhos,
Já na declinação dos anos belos,
A destra Ulima me seduz, me enleia.
Da inclemência dos ares a despeito
O Céu não deserdou de todo o inverno;
Então dos ventos provocando a raiva,
Não poucos vegetais conservam folhas.
Olha o teixo, olha a hera, olha o pinheiro,
O pungente azevinho, o sacro louro,
De verdura imortal que a Terra vingam,
Vingam dos Aquilões a natureza.
De púrpura e coral, vê frutos, bagas;
Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio
Sobre os despidos campos lisonjeia:
Por menos esperado é mais formoso.
Os teus jardins de inverno assim povoa;
Lá de um benigno dia a luz te afaga,
Lá, quando em outra parte é nua a Terra,
O passarinho adeja e se diverte,
Inda debaixo de viçosas folhas:
O sítio o ilude, não conhece o tempo,
Vê-la imagina, e canta a primavera:
Assim, sem ser factícia a estância agrada.
Mas os jardins dos Reis com que artifício,
Com que aparato esplêndido triunfam

Dos sanhudos invernos! Sempre verdes,
Ó Mouceaux ⁴⁰! Teus jardins são disto exemplo,
Troncos fingidos de árvores ausentes,
Grutas de encanto, mágicas latadas,
Tudo ali rouba os olhos. Afrontando
A ríspida estação caliginosa,
A nascer entre o gelo aprende a rosa.
Milagres ali domam tempos, climas,
Das fadas o poder ali se antolha.
Mas não são todavia estes encantos
Dos jardins o melhor, mais doce ornato.
Cedo o costume te desorna os bosques.
Quando os estranhos tuas sombras gostam
Jaz muitas vezes descontente o dono.
Meios não há cuja virtude oculta
Sempre a teus bosques a afeição te avive?
Oh! quanto dos Lapões me apraz o estilo!
Oh! como enganam seus invernos duros!
O til soberbo, os olmos reforçados
Temem daqueles campos o regelo;
De alguns tristes pinheiros, negros, bravos
Indigente, escassíssima verdura
Apenas a geada ali penetra.
Mas o mínimo arbusto, que poupassem
Aqueles agros climas, ante os olhos
Dos habitantes seus têm mil feitiços.
É consagrado a filho, a pai, a amigo,
A hóspede que parte, e deixa prantos,
Deixa saudade eterna, e de algum deles
O nome, sempre caro, à planta fica.
Tu, de quem puro Céu clareia a Pátria,

⁴⁰ Nota do autor: «O jardim de inverno do duque de Chartres é, com efeito, um encantamento. A estufa especialmente é uma das melhores que se conhecem.»

Imitar podes tão feliz indústria:
Ela animará tudo, árvores, bosques
Não serão mudos, não serão desertos;
Hão de imensas memórias habitá-los,
Gostos distantes adornar-lhe as sombras.
E quem proíbe, se o favor dos numes
Com doce prole teus desejos farta,
Quem veda consagrares esse dia
Com troncos de nascente bosquezinho...!
Mas enquanto estes versos, musa, entoas,
Que popular clamor aos ares sobe!
Nasceu, nasceu o herdeiro aos reis da Gália!
Nos muros, nas falanges, sobre as ondas,
Nosso terrível, triunfante raio
Troa, corre e aos dois mundos o anuncia.
Flores são pouco para ornar-lhe o berço,
Os louros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;
Raiem dias de glória ante o primeiro
Volver dos olhos seus; nascido apenas,
Da vitória oiça o hino; eis o festejo
Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.
E tu, por quem tal dom dos Céus nos veio,
Tu, nó mimoso, tu prisão querida
Do germano e francês, que irmão e esposo
Unes como odorífera grinalda
Que enlaça dois ulmeiros majestosos;
Consorte, mãe e irmã, teus fados ligam
O penhor de Himeneu da morte ao luto,
Em teus olhos misturam pranto e riso,
Dando-te o filho quando a mãe te roubam,
Nos transportes que influi este áureo dia,
Ousem almas ferventes, criadoras
Animar os pincéis, a pedra, a lira;
Dos campos eu cantor e humilde amigo,
Irei onde os Favónios, onde Flora
Sós te compõem a deleitável corte,
Irei a Trianon: ali, risonho,

Em único tributo à prole tua,
Árvores sagrarei da sua idade,
Um bosquezinho que lhe deva o nome.
Verão teus olhos avultar o amável,
O simples monumento, aqueles troncos,
Dos bosques teus o mais suave ornato;
E com elas crescendo, recrear-se
Às sombras fraternais irá teu filho.
Gozas, enfim, e o coração, e os olhos
Feliz possuidor, já se embelezam
Nos arvoredos teus. Também desejas
Unir ao gosto a glória, obter a palma
Nesta arte singular com que os decoras?
De criador merece, alcança o nome.
Olha como em segredo a Natureza
Sempre está fermentando, e como sempre
A precisão de produzir a anseia.
Não lhe acodes? Quem sabe que tesouros
Inda em seus cofres para a indústria guarda?
Como esta a seu arbítrio as ondas guia,
Pode guiar o suco: outros caminhos,
Outros canais a seu licor franqueia.
Por novos himeneus fecunda os campos,
Das seivas virgens exprimenta o misto,
De seus dons mútuos favorece a troca.
Quantas árvores, frutos, plantas, flores
Tem ⁴¹ mudado o perfume, a cor e o gosto,
Tudo por arte! O pessegueiro a estas
Metamorfoses sua glória deve.
Assim com triple c'roa a rosa brilha,
De seu penacho assim blasona o cravo.
Ousa. Deus fez o mundo, o homem o adorna.
Se a tão belas conquistas não te afoitas,

⁴¹ Em vez de «têm», por imposição da métrica.

Cobertas doutro céu tens mil riquezas.
Usurpa esses tesouros. Tal, mais brando
Vencedor, e mais justo nos seus roubos,
O Romano soberbo a Ausónia trouxe
Sírias ameixas, o damasco arménio,
Da Gália a pêra e frutos mil diversos:
Assim devera subjugar-se o mundo.
Lá, quando d'Ásia triunfou Luculo ⁴²,
O bronze, o ouro, o mármore assombravam
De Roma os olhos, e entretanto o sábio
Prezou ver-lhe nas mãos a cerejeira,
Conduzida em triunfo ao Capitólio.
E esses mesmos Romanos já não viram
Nossos avós, em batalhões armados,
Debaixo de outros céus mais benfazejos
As vinhas ir buscar, votando a Brómio ⁴³
Tintos pendões em néctar dos vencidos?
Coò fruto das belígeras empresas
Escandecida a turba, os preciosos
Troféus, cantando, aos lares seus trazia.
As cabeças o pâmpano c'roava,
O pâmpano em festões cingia as lanças.
Destarte o nume, vencedor do Ganges,
Tornou triunfante: serranias, vales
Da vindima o fervor solenizavam,
E por onde corria o mago néctar
Folgavam brincos, e o prazer, e a audácia.
Netos dos Galos, os avós se imitem;
Roubemos, disputemos tais despojos.
Nesses jardins, altivos de regê-los
A mão, que a Témis empunhara o cetro,

⁴² Cidadão romano que apreciava sobremaneira a vida faustosa.

⁴³ *Vd.* n. 84, p. 42.

Malesherbes ⁴⁴, o facundo, o digno ramo
Dos Lamoignons, com troncos orgulhosos
Honra, abastece o chão: trazidas plantas
Dos fins da Terra, das equóreas margens,
De alcantilados ⁴⁵ cumes de agras serras,
Das portas do Nascente, e das do Ocaso;
Plantas, que açoita o Sul, que açoita o Norte,
Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,
Me fazem, num lugar, correr mil climas.
Vago, entre aquela multidão florente,
Ásia, América, Europa, África, o mundo.
Regozijas de se ver no meio
Das velhas plantas nossas, amam todas
Nosso amorável céu, e estranhas gentes,
Reconhecendo as árvores da Pátria,
Duvidam já da sua ausência, ao vê-las,
Ou de terna saudade os golpes sentem.
Moço Potaveri ⁴⁶, tu disto és prova.
Dos campos do Taiti, daqueles campos,
Tão caros, noutro tempo à sua infância,
Onde é sem pejo Amor, Amor sem crime ⁴⁷,

⁴⁴ Guillaume-Chrétien de Lamoignon de Malesherbes (Paris, 1721-Paris, 1794), estadista e diretor da Biblioteca Nacional de França.

⁴⁵ No original, decerto por lapso: «alcantilidos».

⁴⁶ Nota do autor: «Este o nome de um habitante do Taiti, conduzido a França por Bougainville, célebre pelo seu valor e constância em várias ações e gloriosamente conhecido quer por navegante, quer por militar. O passo que se refere, do mancebo taitiano, é mui notório e interessante. Só o que fez o autor foi alterar o lugar da cena, que fingiu no *Jardim Real das Plantas*. Quisera pôr em seus versos toda a sensibilidade que respira nas poucas palavras que o moço proferiu, abraçando a árvore que havia conhecido e que lhe recordou a Pátria. «É o Taiti» — dizia ele —, e olhando para as outras árvores, «não é o Taiti». Assim estas árvores e a sua pátria se identificavam no seu espírito. Julgou o autor que este lance tão terno e tão novo poderia ministrar um belo episódio.»

⁴⁷ Nota do autor: «Observou-se em todos os Povos, onde a sociedade tem feito curtos progressos, uma certa inocência nos costumes, muito diversa do resguardo e do pejo que sempre acompanham a virtude nas mulheres das nações polidas. Na ilha de Taiti, na maior parte das outras do Mar do Sul, em Madagáscar, etc., as casadas julgam dever-se exclusivamente a seus maridos e quebram raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulizam em se entregar até à paixão momentânea que os homens lhes inspiram. Não se sujeitam nem nas palavras, nem

Este ingénuo, selvático mancebo,
Trazido a nossos muros, pranteava
Sua antiga, inocente liberdade,
Ilha risonha, e júbilos tão fáceis.
Do esplendor das cidades, sim, pasmado,
Mas farto delas, vezes mil clamava:
«Dai-me as florestas minhas»; eis que um dia
Nesses jardins onde Luís congrega,
Dispõem num sítio só, e a custo imenso,
Os povos vegetais de tantos climas,
Como espantados de crescerem juntos,
De lugar e estação mudando a um tempo,
E cultos a Jussieu rendendo todos;
Nesses jardins o Indiano vagueava,
Olhando as várias, ordenadas tribos,
Quando entre estas colónias vicejantes
Lhe fere os olhos árvore que o triste,
Desde os primeiros anos seus, conhece.
Súbito, desatando agudos gritos,
A ela corre, abraça-se com ela,
Beijos a cobrem, lágrimas a inundam.
Objetos mil de inexplicável gosto,
Os céus, os campos, que ditoso o viram,
Céus tão formosos, tão formosos campos!
Os rios que fendeu co'as mãos nervosas,
Matas por onde os brutos habitantes
Tão destro asseteava, as bananeiras
De sombras e de frutos abastadas,
O pátrio asilo, os bosques circunstantes,
Que aos cânticos de amor lhe respondiam,
Julgou ver, e a sua alma enternecida
Um momento sequer gozou da Pátria.

nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto é nelas simplicidade, não é corrupção: não desprezam as normas da decência, elas as ignoram. Nestes países a natureza é grosseira, mas não depravada. Eis o que se intentou exprimir naquele verso.»

CANTO TERCEIRO

Eu cantava os jardins, vergéis e bosques,
Eis solta vezes três Belona ⁴⁸ o grito,
Eis dos paternos lares arrancado,
Voa o francês guerreiro a estranhos mares,
E de Vénus, Mavorte ⁴⁹ as selvas deixa.
Vós, à Paz inocente afeiçoados,
Deuses dos campos, não temais a guerra,
Quer o grande Luís não destruir-vos,
Mas ao longe estender o império vosso;
Quer que logre tranquilo o que semeia
Um povo amigo longamente opresso.
E vós, mancebos, que outro mundo admira,
Se por cima de tûmidas voragens,
A York o vosso ardor seguir não posso,
Para quando volteis aperfeiçoa
Jardins a musa minha. Ordeno às flores
Que para as fronte vossas vão crescendo.
Apronto para vós de mirto as c'roas,
O murmúrio das águas vos preparo,
E gramíneo tapiz, e asilo umbroso.
Sentados molemente, ao Letes ⁵⁰ dando
Fadigas marciais, direis a glória
Das nossas forças bélicas, e entanto
Entre esperanças e temor suspensos,
Confundirão, tremendo, os filhos vossos
Co'a presença do p'riço a imagem dele.
Amador dos jardins, eia, acabemos

⁴⁸ Deusa romana da guerra. Tinha como função preparar o coche e os cavalos, sempre que o seu irmão, Marte, partia para a guerra. É representada empunhando um chicote ensanguentado, desganhada, com os cabelos tapando-lhe parcialmente os olhos.

⁴⁹ Marte.

⁵⁰ *Vd.* n. 231, p. 102.

De polir estes plácidos abrigos.
Infecundo areal, e seco, e triste,
Neles o dia refletindo outrora,
Importunava os pés, cansava os olhos.
Tudo era ardente e nu; mas Inglaterra
Nos ensinou com que arte o chão se veste,
Na relva cuida, pois, que os campos brotam.
O regador na dextra, ou nela a foice,
Lhes mate as sedes, lhes tosquie as tranças.
As leivas o cilindro pise, aplane;
Sempre, escolhidas bem, bem apertadas,
Bem libertas da erva usurpadora,
Qual macia lanugem finas sejam;
Repare-se-lhe às vezes a velhice;
Mas, contudo, aos lugares não remotos
Se reserve este luxo de verdura:
Do resto se componham ricos pastos,
E somente os cultivem teus rebanhos.
Terás destarte numerosas crias,
Os campos adubio ⁵¹, os olhos quadros.
Não te envergonhe, pois (e grite embora
O orgulho), não defendas que em teus parques
Entre a vaca fecunda, o boi tardio:
Nem desonram teus parques, nem meus versos.
Muito pouco é, porém, criar somente
Esses tapizes vastos e viçosos:
Cumpre que saibas escolher-lhe as formas.
Longe a monotonia, ah! longe deles:
Em quadrada feição, feição redonda
Tristemente oprimidos os não quero.
Um ar de liberdade é seu primeiro,
Gracioso atrativo: ora nos bosques,
Cuja sombra os abraça, eles se escondam

⁵¹ Segundo Rebelo Gonçalves (*Vocabulário da Língua Portuguesa*), «amanho de terras».

Com visos de mistério, ora esses mesmos
Bosques venham buscá-los. Esta a forma
Da campestre alcatifa, pura e simples.
Amas o belo? A Natureza imita,
Que esmalta os prados de opulentas cores:
Dá-te pressa; os jardins te pedem flores.
Flores mimosas, cândidas boninas,
Por vós é mais gentil a Natureza.
Nos quadros por modelo a arte vos toma;
De terno coração sois dons singelos,
Que arrisca amor, e que a amizade of'rece.
Em dourada madeixa, em níveo seio
Requinta-se convosco a formosura;
Que a vitória adorneis permite o louro,
Do virgíneo pudor também sois prémio.
O mesmo, o mesmo altar, onde repousa
A grandeza de um deus, na primavera
Com vossas oblações se aromatiza,
E a Religião, sorrindo-se, as acolhe;
Mas tendes nos jardins o domicílio.
Do Sol, da Aurora vinde, pois, ó filhas,
Decorar o teatro a nossos campos.
Contudo, não cuideis que, insano amante,
Em vez de vos travar, em vez de unir-vos
Em brandos, amorosos ramilhetes,
De canteiro em canteiro, atento espere
De cada nova flor o nascimento,
E lhe espie o matiz, lhe observe as cores.
Sei que em Haarlem há curiosos tristes
Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se ⁵²,
Que, por ver um rainúnculo, despertam
Antes d'alva, e que adoram, qual prodígio,

⁵² Nota do autor: «Haarlem é cidade de Holanda onde se comercia muito em flores, e sabe-se a que extravagância têm chegado os floristas no amor à raridade e às posses exclusivas.»

Anémoma esquisita, ou que, invejando
De um rival o segredo, a peso de ouro
Compram de um cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maníaco amor: possuam, gozem
Embora quais ciosos, quais avaros.
Sem de arte caprichosa as leis seguirdes,
Vós, dos olhos prazer, do campo adorno,
Flores, pintai a superfície à Terra;
Mas a vossa beleza, o mimo vosso
Entre curtos limites não se estreitem.
Em toda a parte esses tesouros brilhem:
Ora aos tapizes a verdura esmaltem,
Ora de um lado e doutro enfeitem ruas;
Em mesclados festões cercai ramadas,
Águas orlai em lúcidos meandros,
Ou convosco estes muros se alcatifem,
Ou, querendo escolher vossos perfumes,
Gire, indecisa, no açafate a abelha.
Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,
Nenhum matiz, ou nome vosso esqueça;
A tão frias, cansadas miudezas
Opõe-se o Deus do gosto. Mas quem pode
Negar o obséquio, a preferência à rosa,
À rosa de que Vénus bosques tece,
C'roas a primavera, Amor seus mimos?
À flor de Anacreonte, à flor que Horácio
Nos dias festivos engrinaldava?
Mas tão risonho objeto em demasia
Apraz aos meus pincéis, cujo destino
É quadros desenhar mais vigorosos.
Ó vós, de que eu trilhava o chão florido,
Bosquezinhas, adeus, adeus, ó prados.
Atrai minha atenção o informe aspeto
Dos rochedos sem regra desparzidos.
Foi sua alta rudeza em outros tempos
Banida dos jardins, onde reinava
A inerte, sensor monotonia.

Mas depois que o pintor, leis dando neles,
Contra acanhado artífice restaura
Totalmente o seu jus, enfim se atrevem
A apossar-se os jardins destes efeitos.
Por mais graças, porém, que venha delas,
Se estas rígidas massas majestosas
Não of'rece o terreno, então de balde,
Presunçosa rival da Natureza,
A Arte em falsas imagens se apurara.
Do cume dos rochedos verdadeiros ⁵³,
Da Mãe universal morada inculta,
Ela escarnece de afetadas penhas,
Mísero aborto de fadiga inútil.
Aos campos de Middleton, às montanhas
De Dovedale ⁵⁴, te acompanho os passos,
A elas, Whately, contigo subo.
Que aprazível terror me assenhoreia!
Todos esses rochedos, variando
Os cimos colossais, arremessados
Aqui aos Céus, ali para os abismos,
Um por outro amparados, um sobre outro,
E no ar ousadamente alguns suspensos;
Este em arcada, em torre afeiçoado,
Aquele pelo pórtico sombrio
Deixando perceber ao longe o Polo;
Além mananciais, aqui regatos

⁵³ Nota do autor: «Em geral, não se podem imitar bem os rochedos, nem todos os grandes efeitos da natureza. Ela não consente à arte emprender estes atrevimentos, salvo quando combate com todos os esforços e cabedais do engenho e da opulência. Assim se formou, segundo os desenhos de Robert, o soberbo rochedo de Versailles, cujo efeito só o pode adivinhar a fantasia, que o vê de antemão toucado de vistosas árvores e ornado de toda quanta verosimilhança e beleza pode só dar-lhe o tempo.»

⁵⁴ Nota do autor: «São dois sítios de Inglaterra famosos pelas formas pitorescas da sua cadeia de rochedos, descritos por Whately, de que o autor, assim como Morel, no seu formoso tratado dos jardins, colheram algumas passagens, tais como a cabana e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de um modo seu as sensações que nascem destes aspetos medonhos.»

De límpida corrente, alegre e mansa,
Tudo, ah! tudo no espírito revolve
Os mágicos retiros, que os poetas
Cantaram, fabulando. Oh quão ditoso
Serás se teus jardins aformoseias
Com estas grandes, alterosas vistas!
Mas para que a teu quadro bem se ajustem,
Contra a tosca energia dos rochedos
Cumpre de encantador ter a eficácia.
O encantador é a arte, o encanto os bosques;
Ela fala, os rochedos eis se assombram,
E como que os enfuna a pompa estranha.
Porém, sua aridez austera ornando,
Sagaz diversifica os teus plantios.
Ao cobiçoso espectador ofrece
Das formas e das cores os contrastes;
Saíam por entre as árvores a espaços
Os mais belos rochedos: interrompe
Suma igualdade, esconde ou patenteia!
Variem-se co'as árvores as rochas,
As árvores co'as rochas se variem.
Não tens também, para formar-lhe a gala
Não tens do baixo arbusto a folha errante?
Gosto de ver os dóceis novédios
Pelos áridos flancos dos penedos
Em tenrinhos festões ir serpeando;
Gosto de ver-lhes a escavada fronte
Toucar-se de verdura e ganhar sombras.
Isto inda é pouco. Um vale entre estas penhas,
Um vale precioso, um chão mais grato
Ri-se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,
Expõe esta riqueza inesperada.
É feliz, singular este contraste,
É a esterilidade, ela, que um breve
Espaço apetecível de terreno
Cede à fertilidade: assim subjugas
O aspérrimo caráter dos rochedos.

Para agradar-te é força orná-los sempre?
Não; se a arte deve o horror sempre adoçar-lhes,
Consente às vezes que o pavor inspirem,
Favorece-os até. Na extremidade
De um precipício uma cabana eleva,
E com ela aumentado ele parece:
Ponte audaz de um rochedo a outro lança;
Eu tremo ao vê-los, e a medonho abismo
Iminente me põe a fantasia.
Lembram-me esses boatos populares,
Os casos de perdidos passageiros,
D'amantes despenhados: contos velhos
Que, prendendo atenção maravilhada,
À crédula aldeã serões encurtam;
E o terror do lugar ajuda a crença.
Porém, com sobriedade usar se deve
Destes grandes efeitos. A tão duras,
Tão agras comoções, abalos doces,
Mole sossego o coração prefere:
Eu exprimento em mim que das montanhas
Me é preciso baixar aos ledos vales.
Tenho-os de flores, de árvores coberto:
Tempo é que à sombra delas manem águas.
Bem: já que os cimos vossos, nus outrora,
Pelas minhas lições estão vestidos
Tão ricamente, ó rochas, franqueai-me
As subterrâneas, íntimas origens:
Rios, arroios, vós, vós, lagos, fontes,
Vinde, espraiai frescura e vida em tudo.
Ah! Que prazer substituir-vos pode?
Vosso contente, luzidio aspeto
Se de perto entretém, convida ao longe.
Sois o primeiro objeto que se busca,
O último que se deixa. As águas vossas
Fertilizando a terra, o céu duplicam.
Os ouvidos encanta, encanta os olhos
Vosso cristal, vosso murmúrio. Ah! vinde;

Dado seja a meus versos, que vos seguem,
Correr do coração mais tentadores,
Mais abundantes que o princípio vosso;
Mais leves do que os Zéfiros, que dobram
Vossos canaviais; e brandos, puros
Como esse rumorzinho, essa corrente.
Tu, senhor destas águas benfeitoras,
Venera-lhe o pendor, té o capricho;
Nos livres giros seus vê como abraçam
Facilmente das margens os contornos.
E ousas, encarcerando-lhe a brandura,
Os tortuosos passos constranger-lhe!
De que lhe serve o mármore em que é presa?
Não vês, có'a longa trança entregue aos ventos,
Sem arte alguma, sem postiço adorno,
Campestre, prazenteira, ingénua moça
Andar, correr, saltar! A graça dela
Está no solto, natural meneio.
Contempla num serralho a formosura.
Ela deslumbra em vão, de balde ostenta
A pompa oriental, brilho estudado:
Um triste não sei quê, na face impresso,
Lhe argui a sujeição, desbota as graças.
A água mantenha a liberdade que ama,
Ou muda-lhe em beleza o cativoiro.
Assim, contra Morel, cuja eloquente,
E ponderosa voz pleitear soube
Os direitos da simples Natureza,
Gosto das águas que, em canais opressas,
Com rápida violência partem, saltam.
Ao ver esses cristais, que arte atrevida
Da Terra faz brotar, e aos ares lança,
O homem diz: «Eu criei estes portentos»:
E em tais prestígios a arte sua admira.
Nos custosos jardins dos reis, dos grandes
Reluzam, pois; mas, outra vez o digo,
Longe os luxos plebeus, o vergonhoso,

Mesquinho jato de água, que da Terra
Mal ousando arredar-se, apenas sobe,
E em mínima distância morre logo.
Tudo a tanta riqueza corresponda;
Tudo granjeie à roda um ar de encanto.
Os olhos persuade, e o pensamento
De que vara eficaz em mão de fada
Formara para a dona este retiro.
Tal eu vi de Saint Cloud o amável bosque.
Pode a vista medir do jato a altura?
Como que aplaudem tanques, grutas, plantas
As águas, que sobre águas caem, fervem;
O ar é mais fresco ali, mais verde a relva,
Das aves o gorjeio ali se aviva
Ao som das vítreas ondas, que baqueiam;
E, as rociadas testas inclinando,
Como que ao doce orvalho os bosques se abrem.
Não menos bela, mais campestre e simples
A cascata ornará lugar mais tosco.
De longe se ouve, admira-se de perto
Linfa sempre a cair, sempre suspensa;
E vária, e majestosa, anima a um tempo
Os rochedos, a terra, águas e bosques.
Emprega, pois, esta arte; porém, longe
Esses tristes degraus, onde, caindo
Com movimento igual, medida certa,
As ondas, bem que vão precipitadas,
Até no seu furor seus passos contam.
Só tem jus de aprazer a variedade.
Goza mais de um caráter a cascata.
Ora em tumulto as águas despenhadas
No tortuoso leito, correm, caem,
Saltam, recaem, e escumam, e esbraveiam,
Ora de espaço desdobrando as ondas,
Puro, calado, remansinho ameno
Em azul véu se esparge. Os olhos folgam
De ver estes gentis anfiteatros,

De ver sobre as cerúleas espadanas
Refletir, cintilar o ouro diurno;
Também lhe apraz a escuridão das penhas,
E a verdura das canas, e a espumosa
Argêntea cor das águas fugídias.
Consulta, pois, artífice, os efeitos
Que intentas produzir. As linfas, prontas
Sempre a deixar guiar-se, hão de of'recer-te,
Quer mais impetuosas, quer mais lentas,
Quadros benignos, ou soberbos quadros,
Graves ou deleitosos: quadros, n'alma
Sempre eficazes. Que mortal não prova
A profunda impressão que vem das ondas?
Sempre, ou viva corrente arrebatada
Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,
Ou ribeira indolente sobre o lodo
Em paz alargue as águas preguiçosas,
Ou torrente feroz entre penedos
Quebre com rijo estrondo, alegre, triste
A sua correnteza excita, aplaca,
Ameaça, ou amima. Escuto à fama
Que de Vénus o cinto ⁵⁵ milagroso
Amores e desejos incluía,
E o prazer, e a esperança, precursora
De inefáveis delícias. O teu cinto
É, divina Cíbele ⁵⁶, é água: nela,
Não menos poderosa, estão complexos
Terror, perturbação, tristeza e riso.
Quem melhor o sentiu do que a minha alma?
Quem o soube melhor? Mil e mil vezes
Quando azedos, escuros pesadumes,
Inda mais pela noite enegrecidos,

⁵⁵ O cinto de ouro de Vénus, forjado por seu marido, Vulcano, que a tornava irresistível.

⁵⁶ Deusa da Frígia, a «Grande Mãe dos Deuses».

Vinham martirizar-me o pensamento,
Se ouvia os passos de vizinho arroio,
Demandava estes sons consoladores.
Das águas a frescura, a voz das águas
Cuidados, aflições me adormeciam,
E a paz do coração ressuscitava:
Tanto d'água o murmúrio n'alma influi!
Em paga de tão gratos benefícios,
Sofre, ó ribeiro, que a arte, sem, contudo,
Muito se assoberbar, te aformoseie,
Se é que aformosear-te acaso pode.
Não quadra a vasto plano um rio escasso:
Seu leito incerta linha ali traçara.
A tímida corrente à luz se furta,
E quer banhar um bosquezinho escuso.
Sua doce carreira adorna as selvas,
Só elas o namoram. Seus caprichos
Lá com todo o vagar seguir-se podem,
Seus giros, seu pendor, seu lindo estorvo,
A cólera, o fervor das belas ondas,
Tornadas pelo obstáculo mais belas.
Ora num álveo ⁵⁷ côncavo e sombrio,
Co'a ramada que o cobre, ele recata
O cabedal agreste, ora apresenta
Em patente canal o espelho à vista:
Sem vê-lo o escuto, ou sem ouvi-lo o vejo.
Ali meigos cristais abraçam ilhas,
Além se torna em dois o leve arroio,
Em dois, que nas carreiras competindo,
Apostam rapidez e claridade;
E ambos depois no leito, que os ajunta,
De andarem par a par murmuram ledos.
Errando sempre assim, de volta em volta,

⁵⁷ Leito do rio.

Mudo, loquaz, pacífico, agitado,
Em mil vários aspetos se renova.
Mas copiosa ribeira às frescas margens
Me está chamando. Em campo mais aberto,
Nobre e pomposo quadro, as ondas suas
Ondas menos modestas, vão rolando,
E coo fulgor diurno ao longe brilham.
Deixa ao regato seu prazer lascivo,
A sua agitação e os seus rodeios;
E segue caudalosa a curvidade,
O circuito dos vales sinuosos.
Se dos bosques o arroio adorno colhe,
Ama o rio também diversas plantas.
Quer que lhe ornem, lhe assobrem a corrente,
Os descorados choupos e os salgueiros
Meios verdes. Que origem tão fecunda
De cenas, de acidentes! Ali gosto
De olhar-lhe derrubadas sobre o rio
As ramas, e tremer ao movimento
Das águas e dos ares; aqui foge
Por baixo das abóbadas virentes
A onda escurecida; além penetra
Por entre folha e folha um ténue lume,
Ora as grenhas se embebem na corrente,
Ora a impede a raiz; e desmandando
De uma para outra margem a verdura,
Como que avançam, que outro sítio querem.
Assim as ondas e árvores se ajudam,
A água remoça a planta, a planta a enfeita;
E ambas fazem, ligando-se em mil formas,
Amável câmbio de frescura e sombra.
Uni-las sabe, pois, ou, se em lugares
Formosos, próprios dela, a Natureza
Já celebrou sem ti este consórcio,
Respeita-a. Desgraçado o que presume
Excedê-la no engenho! É tal (e à mente
O coração mo traz), tal é o asilo,

Querido Watelet, onde, amansando,
Em sombrios canais se parte o Sena,
O Sena encantador, tão puro e livre
Como a tua moral, como os teus dias,
E visita em segredo o lar de um sábio.
Com arte lhe acudiste, não com arte
Temerária, falaz, profanadora
Desses lugares que supõe que adorna.
Viste, amaste, sentiste a Natureza,
Digno de a ver, de amá-la, e de senti-la;
Tu a trataste como intacta virgem,
Que da nudez se corre, e teme o ornato.
Parece-me que vejo o falso gosto
Estragar esses campos feiticeiros:
«Este moinho, cujo som ruidoso
Nutre a meditação, é importuno»:
Dali o arrancam súbito. Estas margens
Torneadas assim tão brandamente,
E pelo próprio Sena afeiçoadas,
Duramente se alinham. A verdura,
Que no seu mole cinto o rio encerra,
Ali já não floresce. Águas queixosas
Seus lajeados cárceres acusam.
O mármore fastoso a relva ultraja,
E tosquiadas árvores cativas
Os idosos salgueiros desapossam
Da margem linda e cara. Ah! suspendei-vos:
Bárbaros, acatai esses lugares;
E vós, ó rio, ó bosques deleitosos,
Se a vossa formosura hei retratado,
Se, adolescente ainda, alegres versos
Às águas, prados, sombras já tecia,
Ministrai longamente, ó rio, ó bosques,
Ao vosso possessor a doce imagem
Da paz sagrada que em sua alma reina.
Quanto na mole agilidade o rio
De margem angular teme a aspereza,

Tanto as margens agudas ornamento
São de estendidos lagos, e o mais belo.
Ora se avance a terra ao seio undoso,
Ora abra às ondas domicílio fundo.
Com revezado amor assim se chamem,
Se busquem mutuamente águas e terra:
Nestes vários aspetos folga a vista.
A comprida extensão num lago se ama;
Dá-lhe sítios, contudo, em que repouse.
Não se lhe interrompendo a imensidade,
Meus olhos sem prazer, sem interesse
Vão pela superfície escorregando.
Para lhe abreviar o espaço insulso,
Edifício, das calmas venerado,
Nas ondas repetido, assome ao longe,
Ou ilha que verdeje entre elas surja:
As ilhas são das águas sumo adorno.
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas
Árvores, em festões dispersos, ganhem
Tua contemplação, teus olhos prendam.
Se queres produzir oposto efeito,
Se o lago estender queres, manda às margens
Mui subidas, que desçam, e ou distância
Mais arredada os arvoredos tenham,
Ou faze com que as águas vão sumir-se
Num denso bosquezinho e que torneiem
Ao pé de uma colina. O pensamento
Por entre estas cortinas de verdura,
Onde desaparecem, vai seguindo
As águas, e as prolonga. Assim teus olhos
Gozam do que não veem; destarte o Gosto
Lindezas, perfeições confere a tudo;
E de objetos que inventa, e dos que imita
Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.
Agora que a Arte o meu trabalho insulta
Em soberbos jardins, nos meus, ditosos,

Liberdade e prazer tudo respira:
Rindo-se a relva, a seu sabor viceja,
Independente o bosque, alteia a rama;
Não temem a tesoura os arvoredos,
Nem flores a esquadria; amam as ondas
As margens suas, seu adorno a Terra;
Tudo é formoso ali, simples e grande,
Tudo: esta arte é a tua, ó Natureza.
Porém, o lago, o rio estão desertos,
De cidadãos se lhe povoe o seio.
Deem-se-lhe as aves, que com ágil remo
Alados navegantes, a água fendem.
Nela se pavoneia e nada o cisne,
De vanglorioso colo, argêntea pluma,
O cisne, a que a ficção deu voz tão doce,
E que escusa das fábulas o auxílio.
Também não tens para animar as águas,
Ó arte, esse aparato vacilante
Dos mastros e das velas? Impelida
De remo compassado, a leve barca
Deixa apenas, fugindo, um ténue rasto,
Que logo se esvaece. Entumecido
Dos Favónios azuis, sussurra o pano,
E em cada bandeirinha os ares brincam.
Pois se a novela, a fábula, ou a História
Uma fonte, um ribeiro consagraram,
Da sua glória antiga eles ufanos,
Assaz se aformoseiam, se ataviam
Com suaves memórias. Ah! Quem pode,
Descobrir, encontrar, sem comover-se,
Aretusa ⁵⁸, o Lignon, Alfeu? Quem pode
Sem cordial saudade olhar Vauclusa?

⁵⁸ Aretusa, uma ninfa, assediada por Alfeu, fugiu para a ilha de Ortúgia, onde foi metamorfoseada em fonte. Alfeu, então, por amor, fundiu as suas águas nas da sua amada (v. Ovídio, *Metamorfoses*, v, pp. 572 e segs.).

Vauclusa, encantamento irresistível
Dos vates, e inda mais dos amadores,
No círculo de montes, que, encurvando
Sua cadeia, com licor sadio
Te alenta a subterrânea, doce origem,
Lá debaixo da abóbada nativa,
Do antro misterioso, onde, esquivada
A ninfa tua aos olhos cobiçosos,
Some em fundo insondável teu princípio,
Oh quanto me foi grato o ver-te as águas,
Que, sempre cristalinas, sempre belas,
Ora num lago seus tesouros fecham,
Ora sobem, fervendo, e lançam fora
Ondas, a branquejar por entre as penhas;
De cascata em cascata ao longe pulam,
Caem e rolam com ímpeto estrondoso;
A cólera depois amaciando,
Por leito mais igual vão docemente;
E debaixo de céus sempre azulados
Por cem canais fecundam vale ameno,
Ameno qual nenhum que os sóis aclaram!
Mas estes puros céus, estas correntes,
Este delicioso e pingue vale,
Menos o coração me penhoravam
Do que Petrarca e Laura. Eis (eu dizia,
Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens
Que a lira de Petrarca suspirosa
Outrora enfeitiçou! Aqui o amante
Via, exprimindo a Laura os seus amores,
Vir devagar o dia, ir-se depressa.
Inda sobre estas rochas solitárias,
Inda, acaso, acharei das cifras de ambos
Unidos, maviosos caracteres?
Tocam meus olhos desviada gruta:
Ah dize-me se os vistes venturosos,
Guarida opaca? (eu pronuncio) Um tronco
Toldava encanecido à fonte a margem?

Laura dormido havia à sombra dele.
Ali por Laura perguntava aos Ecos,
E os Ecos o seu nome inda sabiam.
Buscáveis, olhos meus, Petrarca e Laura
Em toda a parte, e em toda a parte os véis.
Eram já morte e cinza os dois amantes,
Mas inda com seus Manes amorosos
Mais belo se tornava o sítio belo.

CANTO QUARTO

Dos campos o espetáculo não posso,
Não posso abandonar; e quem se afoita
A ter em pouco o objeto de meus cantos?
Ele inspirava de Virgílio a musa,
Seduzia a de Homero. Homero, aquele
Que de Aquiles cantou a horrível sanha,
Que nos pinta o terror jungindo os brutos,
No dardo voador silvando a morte,
O embate dos escudos, o tridente
Do equóreo númen abalando as torres;
Esse vate imortal, de Esmirna o cisne,
Se apraz de matizar o horror da guerra
Com bosques, prados, montes: na frescura,
No riso destes quadros tão suaves
Desafoga os pincéis; e quando apresta
De Tétis para o filho arnês terrível,
Se os combates e os sítios nele grava,
Se mostra o vencedor de pó coberto,
Se apresenta o vencido envolto em sangue,
Butil afagador depois movendo,
Traça a vinha, os rebanhos, selvas, pastos.
Vestido o herói destas imagens doces,
Parte, e leva por entre horrendas turmas
A inocente vindima e ricas messes.
A teu estro sem par, cantor divino,

Cabe reger as marciais falanges;
É reger os jardins meu brando emprego.
Já minhas leis conhece a dócil terra:
Ei-la relvosa; no tapete alegre
A Mãe das flores lhe entornou seus mimos,
E arvoredos c'roaram rochas, águas.
Para gozar destes brilhantes quadros,
Agora em campos, que discorre a vista,
E por baixo de abóbadas escuras,
Gratos caminhos abrirei. Mil cenas
Criará minha voz por toda a parte;
As artes guiarei para adorná-las;
E o divino cinzel, e a Arquitetura
Nobre, insigne, hão de enfim destes lugares
Encantadores completar o ornato.
De nossos passos engenhosos guias,
Aos olhos os jardins patenteando,
As ruas devem, pois, agraciá-los.
Nos recentes, porém, não se abram ruas;
Nas findas plantações melhor se escolhem.
Aos mais lindos aspetos as dirige.
Repara como, se aos estranhos mostras
Do teu trabalho os frutos, como destro
Buscas o belo, o que não presta evita;
Sítios formosos, ao passar, lhe apontas,
Lhe guardas para a volta outras belezas,
O prendes, o entreténs de pasmo em pasmo,
Em cena que nascer faz outra cena;
E assim satisfazendo, ou provocando
Sempre os desejos seus, não poucas vezes
Retardas seu prazer para espertá-lo.
Os teus passeios a ti próprio imitem.
Foge, foge, também, nas formas deles
Os filhos do mau gosto, os vãos sistemas,
Pela moda abraçados. Lá no campo,
Como cá na cidade, a moda reina.
Quando a ordem simétrica e pomposa

De itálicos jardins luziu na França,
Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo
Com esta arte fulgente. Uma só planta
Não negou ao cordel obediência:
Em toda a parte se alinharam todas;
De um lado e de outro lado enfileiradas,
Alamedas eternas se estenderam,
Veio outro tempo enfim, veio outro gosto.
De belezas mais livres avisaram
Aos franceses jardins jardins britanos.
Só linhas ondeantes, e passeios
Só tortuosos desde então se viram.
Farto de vaguear, de balde o termo
Está fronteiro a mim: cumpre que ainda,
Cumpre que, a meu despeito, erre, serpeie;
Que, importuno artifício praguejando,
Mil e mil vezes, sem cessar procure
Um fim, que sem cessar de mim se aparta.
Isto evita: os excessos duram pouco.
Destes vários caminhos cada espécie
Tem seu lugar. Um me conduz a vistas
Pasmosas, que de longe os olhos fixam,
Nutrem a expetição; outro me some
Nessas mudas estâncias, que parece
A algum fim, de propósito, velara
Arte misteriosa; mas tornemos
Natural o factício labirinto,
E não capricho, precisão se antolhe.
Diversos acidentes, encontrados
Pelo caminho seu; águas e bosques,
Como igualmente o chão, devem regê-lo.
Se quero uma feliz docilidade
Na forma sua, se a tristeza odeio,
E insipidez de alinhamentos longos,
Mais detesto um passeio embaraçado,
Que, de ferida serpe à semelhança,
Em convulsivas roscas se entrelaça,

Com giros duplicados cansa, enjoa,
E ríspido, uniforme, caprichoso,
O terreno atormenta, e passos, e olhos.
Há curvas naturais, há torcicolos,
De que às vezes os campos dão modelo.
Do carro a roda, a pista dos rebanhos,
Que em passo negligente a aldeia buscam;
A pastorinha que, no prado abstrata,
Vai talvez entretendo a fantasia
Em visões amorosas: isto ensina
Rodeios molemente volteados.
Longe, pois, os contornos angulares,
Longe de teus passeios, mais ainda
Quando ao fim te encaminha um longo giro.
Coò prazer galardoe-se a fadiga.
A arte se imite dos poetas grandes;
Releva que ouses tanto. Se alta musa,
Andando, algum desvio a si permite,
Mais que o caminho a digressão me agrada.
Niso o seu doce Euríalo ⁵⁹ defende,
No sepulcro de Heitor a esposa ⁶⁰ geme.
Assim teu artifício me extravie
Por gratas ilusões, assim me alegre
Com risonhos objetos a passagem;
Tocando o termo, indemnizado eu fique
Da extensão que sofri, meus olhos gozem
Aspetos singulares, episódios
De vivente poema. Além me chamam
Verdes, propícias grutas, onde sempre
A frescura, o silêncio, as sombras moram.
O pensamento ali precede aos olhos.

⁵⁹ Companheiro de Eneias, uniu-o a Niso uma amizade férrea, que Virgílio imortalizou na *Eneida*.

⁶⁰ Andrómaca, que celebra o funeral de Heitor, morto por Aquiles durante a Guerra de Troia (cf. Homero, *Iliada*, canto xxiv).

Mais longe vítreo lago o céu reflete,
E confusa acolá, como fugindo,
Assoma perspectiva imensa e nobre.
Às vezes bosquezinho alegre, ameno,
Mas em si recolhido, e ricamente
Por ti, e a Natureza adereçado,
De flores e de sombras abundante,
Parece que te diz: «Detém-te: ah! onde
Podes estar melhor?» Súbito a cena
Se altera: eis em lugar de gosto e riso
Paz, e melancolia, eis o repouso,
Eis a grave mudez, onde se embebe,
Onde a meditação se alonga e pasce.
Lá com seu coração conversa o homem,
Atenta no presente, entra o futuro,
Da carreira vital nos males pensa,
Pensa nos bens, e recuando a vista
Ao tempo que voou, se apraz às vezes
De perceber no círculo dos dias
Esses poucos instantes, ai! Tão caros,
Tão curtos! Essas flores num deserto,
Essas quadras da vida, a que lhe apontam
Saudades do prazer, e até da mágoa.
Teme, pois, imitar os que ataviam
Friamente os jardins, os que só querem
Objetos festivos e lisonjeiros.
Nada em suas paisagens é sublime,
Nada atrevido: tudo são latadas,
Tudo elegantes bosques: sempre flores,
Sempre o templo de Flora, ou dos Amores:
A alegria monótona aborrece.
Sai tu desta comum, cansada trilha;
Contrastes imagina interessantes
E afoito os aventura. Entre si podem
Encontrados efeitos socorrer-se.

Eia, segue o Poussin ⁶¹. Ele apresenta
Em campestre festejo alvas serranas,
Robustos aldeãos, bailando à sombra
Dos ulmeiros frondosos, e ali perto
Impressas vozes tais sobre um sepulcro:
«Já fui, já fui também pastor da Arcádia,
Este painel dos gostos voadores,
Do nada da existência, está dizendo,
Ou parece que diz: 'Mortais, cuidemos
Em lograr, tudo vai desvanecer-se;
Jogos, danças, pastores.'» Dentro n'alma
Ao júbilo vivaz, alvoroçado,
Mansa tristeza por degraus sucede.
Imita estes efeitos. Não receies
Em quadros ledos pôr sepulcros e urnas,
Monumento fiel das mágoas tuas.
Ah! Quem não tem chorado alguma perda
Rigorosa, cruel! Eia, associa,
Longe do mundo leviano e cego,
Os bosques, águas, flores com teu pranto.
Vem ⁶² um amigo em tudo Almas sensíveis
Já co'as sombras pacíficas se curvam
Para abraçar a campa, onde suspiras,

⁶¹ Nota do autor: «Este famoso quadro é certamente o melhor de todos os de paisagens. Se não soubéssemos quanto a imaginação de Poussin se alimentou com as produções dos grandes poetas da Antiguidade, este painel bastaria para o provar. Quase todas as obras voluptuosas de Horácio têm o mesmo caráter. Por toda a parte, no seio dos prazeres e das festas, aponta ao longe a morte. Dai-vos pressa (diz ele) quem sabe se amanhã viveremos? Nosso fado é morrer, será forçoso deixar esta bela casa, esta mulher encantadora, e de todas as árvores que cultivais só o cipreste, ai de mim! seguirá seu Senhor, mui pouco durável.

Esta mesma filosofia, colhida dos antigos poetas, é a que ditou a Chaulieu aqueles versos cheios de melancolia tão doce: 'Musas, que neste retiro / Começastes meu prazer, / Plantas, que nascer me vistes, / Cedo me vereis morrer.'»

Estes contrastes de sensações, compostas de alegria e tristeza, agitando a alma em sentido contrário, fazem sempre uma impressão profunda; e é o que obrigou o autor a colocar no meio das cenas risonhas dos jardins a vista melancólica dos sepulcros e urnas consagradas à amizade ou à virtude.»

⁶² Em vez de «veem», por uma questão de métrica.

O teixo, o agudo pinho, e tu, cipreste,
Das cinzas protetor, leal aos mortos.
Teus ramos, que afeiçoam génios tristes,
Deixam a glória, o gosto ao louro, ao mirto;
Do guerreiro, do amante a venturosa
Árvore tu não és, porém teu luto
Compadece-se, e diz co'as nossas penas.
Em todos estes monumentos nada,
Nada de apuros vão. Aliar podes
Acaso, ante estes lúgubres objetos
A arte co'a dor, e co'a riqueza os campos?
Longe principalmente o fingimento,
Longe túmulo falso, urnas sem mágoa,
Que o capricho formou; longe as estátuas
De animal ladrador, de ave noturna:
Isso profana o luto, insulta as cinzas.
Ah! Se as de algum amigo ali não honras,
De envelhecidos teixos lá debaixo
Não vês a sepultura onde esconder-se
Hão de ir aqueles que, por ti curvados,
Por ti suando sobre ingratos sulcos,
No seio da indigência a morte esperam ⁶³?
Pejo de ornar-lhes o sepulcro humilde
Terás acaso! É certo que não podes
Gravar ilustres aventuras nele.
Desde o incerto crepúsculo, em que os chama
Ave madrugadora a seus trabalhos,
Té ao serão em que a família tenra
Com eles vai sentar-se ao lar, que estala,
Em paz, e em lida igual seus dias correm.
Nem guerras, nem tratados os distinguem:
Nascer, sofrer, morrer, eis sua história.

⁶³ Nota de Bocage: «Nestes versos, dedicados às sepulturas humildes dos camponeses, o autor imitou alguns versos do *Cemitério* de Gray.»

Mas o seu coração, ah não é surdo
Da memória ao rumor! E qual dos homens,
No momento fatal da ausência eterna,
Qual se não volve, e tristemente alonga
A vista pelos campos da existência?
Não tem na ideia de deixar saudades
Algum gosto, e dos olhos de um amigo
Não espera uma lágrima? Epitáfios
Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.
Aquele que, maior do que a Fortuna,
Serviu seu deus, seu rei, família, pátria,
E o pudor imprimiu no rosto à filha,
Merece que de pedra menos bruta
A campa se lhe dê: suas virtudes
Contem-se ali, e as lágrimas da aldeia;
Gravem-lhe sobre a lousa: «Aqui descansa
O bom filho, o bom pai, e o bom consorte.»
Encanto involuntário há de mil vezes
Teus olhos atrair ao sacro sítio.
E tu, que estás cantando, antes carpindo,
Debaixo destas árvores piedosas,
Tu, primeiro que as deixes, musa minha,
Suspende em oblação tua grinalda
Na rama venerável. Muito embora
Outrem celebre em verso a formosura;
Nos gostos engolfada a musa de outrem
Da cabeça jamais deponha o mirto;
Telas trajando, fulgurantes de ouro,
Só da meiga alegria entoe os hinos:
Verso consolador tu dás às cinzas,
E primeiro que as outras a mão tua
Algumas flores sobre as campas solta.
Para baixo de sombras prazenteiras
Voltemos, que é já tempo. A Arquitetura
Em selvoso lugar inda me espera.
Para adorná-lo de edifícios belos.
Já não do luto os monumentos tristes,

Mais eis gostosos sítios, que em mil faces
Entre a verdura seu primor ofertam.
O uso, porém, lhe aprovo, e tolho o abuso.
Desterra dos jardins montão sem ordem,
De edifícios diversos, essa pompa
De perdulária moda: os obeliscos,
Rotundas, e quiosques, e pagodes;
Esses caos de ingrata Arquitetura,
Romanos, gregos, árabes, chineses;
Esterilmente profusão fecunda,
Que o mundo inteiro num jardim concentra.
Não procures também ocioso ornato,
Antes disfarça em útil o aprazível.
De seu senhor tesouro, e seu recreio,
A herdade exige campesino adorno.
Lares que sobre o campo ergueu o Orgulho,
Magnífico solar não a desdenhe;
As riquezas lhe deve, e dele ao fausto
Sobressai tanto a singeleza dela,
Quanto de Armida ⁶⁴ aos artificios todos
Sorriso ingénuo de acanhada virgem.
A herdade! A este nome hortos, colheitas.
O pastoril reinado, o emprego doce,
Os inocentes bens dos áureos tempos,
Cujas meigas imagens enfeitçam
A infância, que é na vida a idade de ouro,
E tanto a infância minha enfeitçaram;
Isto, ah! Isto, que ideias, que saudades
Dentro do coração me não desperta!
Vem, já das aves tuas oiço o canto;
Já chiam carros, da abundância ao peso,
Que as tulhas te demandam, e a compasso
Cai o instrumento que debulha os trigos.

⁶⁴ Personagem de *Jerusalém Libertada*, epopeia do poeta italiano Torquato Tasso.

Orna, pois, o teu prédio, mas contanto
Que, pródigo, em palácio o não convertas.
Por seu caráter simples e elegante
Entre os jardins, ou quintas é a herdade
O mesmo que entre os versos é o idílio.
Pelos numes dos campos, ah! desvia
O luxo audaz deste lugar modesto,
Desvia-o sempre; de ocultar não trates
Nem os lagares teus, nem teus celeiros;
Ver quero o trem das ceifas, das vindimas,
Ver o crivo, a joeira, onde co'a palha
O grão dourado salta e recai puro;
A grade, o trilho, tudo o mais da granja,
Sem pejo aos olhos meus se manifestem;
Mormente de animais o móbil quadro
Lhe dê por dentro e fora um ar vivente.
Não vemos do solar o adorno estéril,
A graça inanimada, a imóvel pompa:
Debaixo destes tetos, nestes muros
Tudo está povoado, e tudo é vivo.
Que aves, diversas pela voz e instinto,
Que no abrigo da telha ou colmo habitam,
República, nação, família, reino,
Me entretém com seus brincos, seus costumes!
Eis à frente de todas gira o galo,
O galo, feliz chefe, e pai, e amante,
Que, sultão sem moleza, distribui
Pelo serralho alígero a ternura;
Une ao jus do valor o da beleza,
Impera carinhoso, altivo afaga;
Para mandar, para gozar nascido,
Nascido para a glória, ama, combate,
Triunfa, e logo seus triunfos canta.
Há de aprazer-te o ver como eles brincam,
Como contendem; seu amor, seus ódios,
E até sua comida. Assim que assoma
Com a teiga nas mãos a despenseira,

De repente a nação voraz e leve
Voa daqui, dali, de toda a parte,
Em turbilhão ruidoso, e quase a um tempo.
O sôfrego tropel junto à que o ceva
Súbito forma um círculo apinhado;
Há tais que, sempre expulsos, tornam sempre,
Perseguem o comer, e até na palma,
Afoitos parasitos, vêm furtá-lo.
Este povo doméstico protege;
Não soberbos, mas são seus poisos sejam.
Decoradas estâncias que lhe prestam?
Marmóreos bebedouros e áureas grades?
Mais lhe apraz, muito mais, um grão de milho.
Já La Fontaine o disse. Oh La Fontaine!
Oh sábio verdadeiro, eras lucroso
Neste lugar! Cantor feliz do instinto,
Melhor te inspiraria aqui o olhá-lo.
Fofa o pavão de assoalhar seu íris,
A inchação do peru, mais louco ainda,
Teus pincéis alegrara à nossa custa.
Viras aqui dos pombos teus a imagem;
De dois galos amantes a discórdia
A dizer outra vez te obrigaria:
«Tu derrubaste, Amor, de Troia os muros!»
Destarte nos apraz, e atraí a herdade.
Mas em outra prisão que vulgo fere
Por incógnitos sons os meus ouvidos?
Estranhos animais ali se guardam,
Maravilhas dos olhos, ali vivem
Num suave desterro encarcerados
Brutos da terra, do ar, e um d'outro pasmam.
Extravagantes castas não procures,
Prefere o que é mais belo ao que é mais raro.
Mostra-nos aves noutros céus criadas,
Que, validas do Sol, seus lumes vibram;
Da indiana galinha o vivo esmalte,
E o ouro do faisão purpureado.

Aves de ostentação melhor se alojem;
Elas mesmas são luxo, e co'ã beleza
Já que a inutilidade elas compensam,
Brilhe a prisão como os cativos brilham.
Rebeldes animais, porém, não tenhas,
Cujo orgulho se irrita, e cansa em ferros.
Quem pode ver sem mágoa o rei dos ares,
O pássaro feroz, que andou folgando
Lá por entre o trovão, por entre o raio,
Quem pode vê-lo na gaiola indigna
Esquecer o relâmpago dos olhos,
Dos voos a altivez! Livre de novo,
Na abóbada dos Céus ao Sol se atreva:
Nunca pode agradar ente aviltado.
Mas com seu lustre peregrino enquanto
Parece que estes hóspedes dif'rentes
À minha escolha, à preferência aspiram,
O olfato me convida a aqueles tetos,
Onde, do pátrio chão também roubados,
Estranhos vegetais o vidro ampara.
Tu cerca de ar macio as débeis plantas,
Mas venera estações, vencendo climas;
Não forces a brotar na quadra feia
Bens que a bons tempos Natureza guarda.
Deixa aos países de aturado inverno,
Deixa embora essas flores, esses frutos,
De falsa primavera, e falso estio;
Certo de que há de o Sol madurecê-los,
Sem violentar seus dons, seus dons espera.
Mas folgo em ver no transparente abrigo
Prendas diversas de diversas plagas.
Os iberos jasmims ali se animam,
Friorenta congorsa esquece a pátria,
Tenro ananás pelo calor se engana,
E usurpado tesouro em si te entrega.
Talhe a razão teus edifícios vários,
De flores e animais formoso hospício,

Oh quantos, quantos mais, que o sítio abrace,
Que aprove o gosto, recrear-nos podem!
A sombra desses húmidos salgueiros,
Húmidos com sadia água corrente,
Seja do banho o solitário asilo.
Além cabana, em que a frescura assiste,
Oferte ao pescador linhas e redes,
Não vês a mansidão deste retiro?
Doce acolheita ali consagro às musas.
No seio florescido e majestoso
Ali somente um obelisco ordeno:
Aos ares sobe o monumento augusto,
E lavro sobre a pedra enternecida:
«A nossos destemidos mareantes,
Que pela pátria voluntários morrem.»
Assim teus variados edifícios
Nem desertos serão, nem ociosos.
Com seu lugar se ajeitem massa e forma,
Cada qual se coloque onde releva,
E não se perca, não destrua a cena
Por sobeja extensão, por muito aperto.
O que empece ao caráter, e utiliza
Sabe, pois: um recanto quase oculto
Lá bem num descampado, é que nos pinta
Melhor o desamparo, a soledade.
Sempre a cada expressão fiel te mostra;
Um ermo a grande luz não patenteies,
Nem selva carrancuda esconda um templo:
Do monte sobre a espádua quer ser visto.
Movimento, esplendor, grandeza e vida
O aéreo sítio pelo quadro espalha.
Julgo um aspeto olhar da bela Ausónia,
Esta dos edifícios, esta a graça.
Mas de tais monumentos a alegria,
Luxo moderno e fresca mocidade
Valem de antigos restos a velhice?
Desses aqui e ali dispersos corpos

O já desordenado e grão volume,
A forma pitoresca enlaça a vista.
Por eles sobre a terra está marcada
Dos evos a carreira e, destruídos
Pelos vulcões, ou tempestade, ou guerra,
Instruem sempre, alguma vez consolam.
Sim, estas massas, que também da idade
Cedem ao peso, como nós cedemos,
À derrota geral nos habituam,
E a perdoar à Sorte. Assim Cartago
Sobre os defeitos muros noutros tempos
Mário ⁶⁵ viu infeliz, e estes dois restos
Tão grandes entre si se consolavam.
Aproveita ruínas venerandas.
E tu, que os passos meus tens variado
Pelos selvos campos, tu, que, longe
Das vulgares estradas, vás ditando
Leis aos jardins, ó Poesia amável!
Ó irmã da Pintura! A monumentos
De longa idade restitui a vida;
Presenta ao gosto os ricos acidentes,
Que o Tempo desenhou co' a mão remissa.
Uma antiga capela ora aparece,
Modesto e santo asilo, onde algum dia
Iam em tosco altar, na quadra nova,
As donzelas, e as mães, e os seus filhinhos
A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra inda o Respeito estas ruínas:
Ora avulta acolá castelo anoso,
Em fragosos cabeços, que, tirano
Do território, e dos vassalos medo,

⁶⁵ Trata-se de Gaio Mário (157 a. C.-86 a. C.), notável estrategista e reformador do exército, sete vezes cônsul, que disputou o poder de Roma com Sula; chegou a ser preso e escapou à fúria do seu inimigo, fugindo para Cartago, que os exércitos romanos haviam conquistado e destruído em 146 a. C. Os «dois restos» são as ruínas cartaginesas e o próprio Mário, derrotado.

Co'as ameias aos Céus arremetia;
Que em tempos de terror, discórdias, sangue,
Viu lançadas mortais, viu gentilezas
De nossos invencíveis cavaleiros,
Os Baiards ⁶⁶, os Henriques: hoje o trigo
Sobre os fragmentos seus loureia e treme.
Esta triste, forçosa arquitetura,
Cingida de verdor fresco e risonho,
As esplanadas, e ângulos, e torres,
Rotas, quase abatidas, onde as aves
Dos amores em paz o fruto aquecem;
Os gados povoando estes guerreiros,
Recintos façanhosos, e o menino
Qu'onde os avós já guerrearam, brinca,
Forma tudo isto singular contraste.
Dele te apossa, dando aos olhos, quadro
Duro e brando, campestre e belicoso.
Mais ao longe um mosteiro abandonado
Entre arvoredos súbito se encontra.
Que silêncio! Amadora dos desertos,
Com gosto ali, Meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras virgens, algum dia,
Como as turvas lâmpadas ⁶⁷, que velam
Ante a religião, também velavam,
E descarnadas, pálidas, ardiam
Por Deus, e enfim, por Deus se consumiam.
Santa contemplação, paz, inocência,
Como que ainda este silêncio ocupam!
Musgosos muros, o zimbório, as torres,
Os arcos deste claustro escuro e longo,

⁶⁶ Pierre Terrail Le Vieux (Château Bayard, 1473-Romagnano Sesia, 1524), paradigma do cavaleiro medieval.

⁶⁷ Variante de lâmpadas.

Destes altares o degrau roçado
Do súplice joelho, os vidros negros,
O sombrio e profundo santuário,
Onde, escondidamente desgraçadas,
Almas houve, talvez, que de seus laços
Às inflexíveis aras se carpissem,
E por doces memórias inda frescas
Algun medroso pranto ao Céu furtassem:
Tudo comove ali, tudo ali fala.
Ali cevando a mente em soledade,
Às vezes cuidarás, ao pôr do dia,
Que de alguma Heloísa ⁶⁸ a sombra geme;
Que as lágrimas, que a dor, que os ais lhe sentes.
Logra, pois, estes restos de alto preço,
Ternos, augustos, pios ou profanos.
Mas longe os monumentos ⁶⁹, cujo estrago
Do fingimento é filho, e mal imita
Do tempo as impressões inimitáveis:
Esses antigos templos, fabricados
Inda há pouco, as relíquias de um castelo
Que jamais existiu, pontes idosas,
Que ontem nasceram, torreão dos Godos,
Que, roto e gasto, não parece antigo:
São artifício inútil e grosseiro.
Fitando-lhe a atenção, se me afigura
Que vejo um moço arremedando um velho,
Despindo as graças da amorosa idade,
Sem que retrate da velhice as rugas;
Mas estrago real dá pasto aos olhos.

⁶⁸ Alusão à vida monástica e pungente da heroína da famosa obra *Heloísa e Abelardo*.

⁶⁹ Nota do autor: «Chabanon, em uma linda epístola, escrita a favor dos jardins regulares, notou, antes do autor dos *Jardins*, que os monumentos velhos despertavam memórias, vantagem que não têm ruínas fingidas. Esta ideia se acha em outras obras e particularmente na de Whately; demais, ela é tão natural que era fácil achá-la. Talvez o não fosse exprimi-la bem, mormente depois de Chabanon; mas se o autor se encontrou com ele, o que todavia cuidou em evitar, confessa e repete que os seus versos são posteriores aos daquele poeta.»

Restos, que já contemporâneos fostes
De nossos bons e sîmplices maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a História
Estudo em vós dos tempos e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,
Tanto mais nesses restos fico absorto.
Campos de Itália! Oh campos d'alta Roma!
Onde jaz, por fatal e horrível queda,
Com todo o seu orgulho o nada do homem!
Aí é que ruínas, afamadas
Por grandes nomes, por memórias grandes,
Dão sublimes lições, aspetos graves,
Tesouros que as paisagens enriquecem.
Vê como cá e lá, por toda a parte,
A rapidez dos séculos tremendos,
Das artes os prodígios destroçando,
Sepulcros arrojou sobre sepulcros,
Um templo derribou sobre outro templo.
Olha as idades blasonando ao longe
Co'á ruína imortal da excelsa Roma.
Os pórticos e os arcos (onde a pedra
Em caráter fiel conserva ainda
Do povo rei magnânimas proezas),
Pórticos e arcos têm cansado os Tempos.
Ondas suspensas por aqui bramiam,
Por baixo destas portas dilatadas
Os despojos do mundo iam passando.
Esparzidos estão, no pó confusos
Por toda a parte, os termos ⁷⁰, os palácios,
Os sepulcros dos Césares, enquanto

⁷⁰ No original, «os thermes». Deve, porém, tratar-se de um erro tipográfico. Os «termos» eram os limites dos campos, assinalados por marcos, uma área importante da vida romana, à qual presidia o deus Término.

De Virgílio, de Ovídio, Horácio e de outros
Inda grata ilusão nos finge o rasto.
Oh três e quatro vezes venturoso
O artista dos jardins! Feliz quem pode
Destes restos divinos apossar-se!
Já lhe vai surdamente a mão do Tempo
Ajudando as tenções; já sobre pompas
Dos senhores do mundo, a Natureza
De recobrar os seus direitos folga:
Lá onde o domador dos reis, lá onde
Campeava Pompeu ⁷¹ com fasto imenso,
Agora dos pastores se ouve a flauta,
Como nos dias do tranquilo Evandro ⁷².
Vê rir os campos que ao cultor volveram,
E relvar os cabritos sobre os tetos,
E obelisco arrogante além caído:
Olha abraçado co'a coluna altiva
O humilde espinho; as árvores, as plantas,
Subir, baixar em mil festões, mil cachos:
Aquele que Minerva aos Homens trouxe,
E a figueira, pelo hálito dos ventos
Por entre estes estragos semeadas,
Acabam de abalar co'a raiz branda
As veneráveis obras dos Romanos;
A torta vide, a hera, de cem braços,
Em torno das ruínas serpeando,
A modo que desejam, que procuram
Recatar-lhe a velhice, ou guarneçê-la.
Se não tens estes restos estupendos,
Terás sequer, os animados bronzes,
Terás os numes das Idades mortas,

⁷¹ Gneu Pompeu Magno (Piceno, 106 a. C.-Pelúcio, Egito, 48 a. C.), influente político romano, derrotado por Júlio César na Batalha de Farsália.

⁷² Personagem da mitologia romana, fundador do Palanteu, no monte Palatino. Pedagogo de excelência, disseminou, segundo a lenda, a cultura no seio do povo rude.

Em que arte divinal forçava os cultos?
Quis dos jardins, bem sei, gosto severo
Lançar todos os deuses dos Romanos,
Dos Gregos; mas porquê? Nossas infâncias,
Em Atenas, em Roma cultivadas,
Sua doce magia experimentaram.
Estes numes agrícolas não eram?
Não pastores? Porque hás de, pois, tolher-lhes
Os bosques, os vergéis? Podem teus frutos
Rebentar sem auxílio de Pomona?
Ou te é dado expelir do império Flora?
Ah! sempre essas deidades nos encantem:
Das artes inda é culto a idolatria;
Mas haja perfeição, primor na escolha.
Não queiras nos jardins impróprios deuses,
Eles sem majestade, elas sem graça.
Elege a cada qual assento idóneo,
Seus direitos nenhum ao outro usurpe.
Deixa nas selvas Pã ⁷³. Por que motivo
Co'as Driades estão Tritões, Nereidas?
De que serve este Nilo, em vão c'roado
De canas, e a mostrar do pó manchada
A urna, que é de pássaros abrigo?
Fora os leões e os tigres: esses monstros
Té nas imagens suas me arpeiam;
E os Césares também, mais monstros que eles,
Sentinelas horríferas das portas
De bordadas florestas, que, nojosos
Da suspeita e do crime, inda parece
Com os olhos as vítimas apontam.
Ao risonho lugar que jus têm eles?
Mostra-me objetos que eu venere, eu ame;
À sua apoteose sagra um sítio,

⁷³ *Vd.* n. 284, p. 122.

Elísios cria em que seus Manes folguem.
Longe de olhos profanos, sobre vales
De verdes murtas, de cheirosos louros
Honrem seus vultos mármore de Paros ⁷⁴;
Goste um remanso de banhar tais selvas,
E, mesclando co'a sombra os dúbios lumes,
Seja Diana afável o astro delas.
Dos virentes dosséis a formosura
Sobre as queridas, cândidas estátuas,
Destes homens egrégios o repouso,
A simples, a benigna majestade,
Correntes sem rumor, como as do Letes,
Que para aquelas almas tão serenas
Parece vão rolando o esquecimento
Da crua ingratição, e de outros males;
Bosques, e o dia, entre eles expirando,
Tudo respira a paz dos Manes ledos.
Tu não consagres, pois, senão tranquilas
Estremadas virtudes nesses campos.
Longe, longe os fatais conquistadores,
Verdugos, não heróis: esses lugares
Turbariam talvez, como turbaram
Este mundo infeliz: aí coloca
Os amigos dos homens e dos deuses:
Os de que ainda benefícios vivem
Na fama e tradição; também monarcas,
De que o seu povo não chorasse a glória:
Mostra aí Fénelon ⁷⁵, mostra à saudade,
E com Sully ⁷⁶ se abraçe Henrique, o Grande.

⁷⁴ Ilha do Mar Egeu; granjeou fama pelo quilate do mármore que exportava.

⁷⁵ François Fénelon (Sainte-Mondane, França, 1651-Cambrai, 1715), homem de letras, autor de algumas teses, de caráter pedagógico e político, que punham em causa o *status quo* francês.

⁷⁶ Maximilien Béthune (Château de Rosny-sur-Seine, 1560-Villebon, 1641), braço-direito de Henrique IV.

Dá, dá-me flores, cobrirei com elas
Os sábios, que em longínquas, novas praias
Artes consoladoras demandaram,
Artes consoladoras desparziram.
E Tu, primariamente, herói britano ⁷⁷,
Tu Cook, infatigável, denodado,
Que, aceito e caro aos corações de todos,
Unes co'á mágoa teu país e a França;
Que a essas regiões, que aonde o raio
Outrora os europeus anunciava,
Útil, novo Triptólemo ⁷⁸, guiaste
O serviçal cavalo, a ovelha, o touro,
O arado agricultor e as pátrias artes,
Nossas fúrias e roubos expiando.
Com doce paz fraterna lá surgias;
Prantos e benefícios lá deixavas.
Recebe de um francês este tributo...;
E à minha gratidão que importa o clima?
Virtudes imortais do ilustre nauta
Nosso concidadão já o fizeram;
No grande exemplo o nosso rei se imite;
Digno de ser seu rei. Ah! que aproveita
Ao pasmoso varão ter vezes duas
Visto os mares de gelo, os céus de fogo,
Ter estes afrontado e roto aqueles?
Que as ondas, ventos, povos o acatassem;
Que em toda a vastidão do pego ⁷⁹ imenso
Fosse imune, e sagrada a quilha sua;

⁷⁷ Nota do autor: «Todos têm notícia das viagens instrutivas e animosas do afamado e desditoso Cook; todos sabem a ordem que Luís XVI deu para se lhe respeitar o navio em todos os mares, ordem que honra igualmente as ciências, este ilustre viajante e o rei, de que ele, por assim dizer, se tornou vassalo, com este novo género de beneficência e proteção.»

⁷⁸ Segundo a lenda, a deusa Deméter entregou a Triptólemo um carro cheio de trigo, o qual era puxado por dragões alados. Ordenou-lhe então que semeasse os grãos daquele cereal por todo o mundo.

⁷⁹ Mar.

Que só com ele reprimisse a guerra
Seu horrído furor? Do mundo o amigo
Ai! morre às mãos de bárbaros selvagens.
Ó vós, que lamentais seu fim cruento,
Da potente Álbion soberbos filhos,
Imitai-lhe, que é tempo, a ambição nobre.
Porque em vossos iguais quereis escravos?
Dai-lhe fraternidade, e não cadeias.
Dos louros triunfais cingida a fronte,
Dos louros, que o francês colheu de novo,
Té a mesma vitória a paz cobiça.
Desce, prole do Céu, paz suspirada,
Doura este Globo, enfim, com teus sorrisos,
Dos sítios, que eu cantei, requinta as graças;
Forma um povo feliz de tantos povos;
Aos campos abundância restitui,
E restitui às ondas o comércio:
Hajam da tua mão, propício nume,
Os dois mundos sossego, as artes vida.

II — *As PLANTAS* DE RICHARD CASTEL ⁸⁰

Laudo ruris amoeni

Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque.

Horácio, epístola x

Canto os bosques, os rios, as montanhas

E as pedras, que humedece e forra o musgo.

Prólogo do tradutor

Pascitur in vivis livor: post fata quiescit ⁸¹.

Ovídio, *Amores*

Amável, novo dom te of'reço, ó Lísia ⁸²,

Atraído por mim do Sena ao Tejo,

Aos campos, onde Amor, onde a Virtude,

⁸⁰ Richard Castel nasceu na Normandia em 1758 e faleceu, de *colera morbus*, em 1832. Era professor de Literatura no «Pritaneu Francês». A presente obra, que apresenta cinco estampas de inequívoco mérito, foi traduzida da segunda edição, «verso a verso, debaixo dos auspícios e ordem de Sua Alteza Real o Príncipe Regente, Nosso Senhor», ou seja, o futuro D. João VI, responsável pela governação desde 1792, ano em que a sua mãe, a rainha D. Maria I, foi considerada incapaz, por doença mental, de a assegurar. *As Plantas* é um longo poema, cuja primeira edição bilingue — em francês e português — foi dada à estampa, em 1801, pela conceituada e inovadora Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, instituição criada, em 1799, sob a égide de Rodrigo de Sousa Coutinho. A Casa Literária do Arco do Cego, assim era denominada, tinha como lema a frase «Sem livros não há Instrução» e era dirigida pelo botânico frei José Mariano da Conceição Veloso. Graves desmandos financeiros conduziram à sua extinção e integração na Imprensa Régia. No frontispício desta obra encontra-se uma gravura, representando Lineu, com a seguinte legenda: «Tudo tu conheceste, e ensinas tudo».

Esta obra foi reimpressa em Lisboa, no ano de 1811, e no Rio de Janeiro, com a chancela da Imprensa Régia, em 1813.

⁸¹ Tradução: «A inveja alimenta-se dos vivos; cessa quando estes morrem.»

⁸² Pátria. A palavra «Lísia», que os eruditos renascentistas relacionam com «Lusitânia», deriva de «Lysias» ou «Lysa», filho e/ou companheiro de Baco, que, na versão camoniana, se radicou em Portugal.

Dando leis desiguais, se conciliam.
As «Plantas» de Castel vaidosas surgem
Em mais propício chão, mais doce clima,
De mais puros Favónios amimadas.
Pátria de heróis, de vates, Pátria minha,
No caro, brando seio acolhe, ameiga
Risos, perfumes, o verdor, o esmalte
Com que em versos gentis, das Graças mimo,
Floresce a Natureza, a mãe de tudo.
Cordial gratidão te deve as lidas,
O desvelo, o suor, que em mim forcejam,
Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existência moral, dos sábios vida,
Duplicada por ti, me esforça o génio,
A mente me refaz, o ardor me atíça,
Me fortalece o pé na estrada imensa
Que vai da Natureza à eternidade.
Soltas de umbrosas, subterrâneas grutas,
O meu dia invadindo, aves sinistras
Em vão de agoiros, e de peste o mancham:
Em vão corvos da Inveja à Glória grasnam.
Eles malignos são, tu, Pátria, és justa,
Vedas que defraudado o génio seja
De seus haveres: o louvor, a estima,
Haveres por que enjeita os da Ventura.
Aos versos meus posteridade abonas;
Oiço a voz do Futuro, ouvindo a tua,
Oiço-a: lá me pranteia, e lá me aplaude.
Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,
As Musas, meu tesouro, Amor, meu Fado,
Do amante, do cantor, de mim saudosos,
Hão de com mirto e louro ornar-me a campa,
No humilde monumento hão de carpir-me;
E até da férrea Ulna algum suspiro

Talvez me afague, me console os Manes ⁸³.
D'árvores que dispôs co'a maga lira
De Virgílio o rival, Delille ⁸⁴ ameno,
Transplantadas por mim, vireis, Amores,
Vireis, filhas do Céu, co'as mãos, co'as asas
Expulsar agoureiro, estígio bando,
Maldito, grasnador, noturno enxame,
Que, voar não podendo, odeia os voos.
Limpos serão por vós do vil negrume
Os ares que o sepulcro me bafejem.
Musas! Suaves Musas! Não me assombro,
Vates de ingente grau não se assombraram
De que a inércia os mordesse, os profanasse:
Anseia resplendor, grandeza oprime
O espírito arrastado, a mente escura;
Inveja nunca sobe, e quer que baixem;
Seus nojosos baldões desdenha o sábio;
Entanto que ela ruge, o sábio canta,
E juiz, não peitado ⁸⁵, o escuta, o c'roa.
Se em podre lodaçal negrejam zoilos,
Às margens do Permesse ⁸⁶ Ismenos brilham ⁸⁷,
D'alma febeia, criadora, acesa
A verdade em relâmpagos vibrando;
Ferve no audaz Francélio ⁸⁸, e rompe os astros
Sacro delírio, destemida insânia;
Jacindo ⁸⁹ aperfeiçoa os sons do plectro;

⁸³ As almas dos mortos.

⁸⁴ Jacques Delille (Auvergne, 1738-Paris, 1813), poeta francês, traduzido por Bocage.

⁸⁵ Subornado.

⁸⁶ Rio da Beócia, onde as Musas se banhavam.

⁸⁷ Nota de Bocage, tal como as seguintes, exceto a n.º 90, relativas ao presente prólogo:
«João Vicente Pimentel Maldonado, provedor dos resíduos.»

⁸⁸ «Francisco Joaquim Bingre.»

⁸⁹ «Inácio Joaquim da Costa Quintela, oficial da marinha.»

Clário ⁹⁰ co'a própria mão Salício ⁹¹ enloura;
Revive em ti, Josino, a lácia musa ⁹²;
Menalca ⁹³, da puerícia apenas solto,
Já conversa co'os deuses: níveas plumas
Nas costas lhe rebentam, cisne adeja;
Melindrosos pincéis meneia Alcino ⁹⁴,
E of'rece em doce quadro Amor e as Graças.
De tão vário matiz compõe-se o mundo,
Mil vezes o veneno acode à vida.
Eia, os ódios cevai, cevai a infâmia,
Fúrias, que evaporais tartáreas sombras
Contra olímpio fulgor, que envolve o génio:
Entre essa escuridão reluz meu nome.
À Pátria os versos meus são aprazíveis;
Versos balbuciei co'a voz da infância;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril, macio e tenro,
Semelha o mimo de virgínea face.
Se às musas não pertenço eu que a virtude,
Filosofia, amor cultivado, adoro,
Eu, servo da moral, das leis amigo,
Nos outros, como em mim, prezando a glória,
Eu que, cem vezes concebendo o Olimpo,
Absorto com Platão num mundo estranho,
Ou de olhos divinais divinizado,
Sinto no coração, na voz, na mente,
Tropel de afetos, borbotões de ideias,
E, «Eis o Deus! Eis o Deus!», exclamo, e voo

⁹⁰ Epíteto de Apolo.

⁹¹ «Sebastião Xavier Botelho.»

⁹² «José Francisco Cardoso, autor do *Canto Heroico à Expedição de Trípoli.*»

⁹³ «Miguel António de Barros.»

⁹⁴ «Joaquim Severino Ferraz de Campos.»

De repente onde mil nem vão de espaço ⁹⁵,
Pertencereis às musas, vós sem fama,
Sem alma, sem ternura! Ah! longe, longe
De meus cândidos sons, que se enxovalham,
Peçonhentos dragões, na peste vossa.
Graças, ó Febo, ó nume! Ó Lísia, ó Pátria!
Vossos dons, vosso aplauso alteiam, firmam
Sobre a cerviz da Inveja o meu triunfo.

PREFEÇÃO DE RICHARD CASTEL

Não exaltarei aqui as utilidades do conhecimento e cultura das plantas. Este é o objeto do poema que publico. Se meus versos não forem parte para que mais se ame a Natureza, não devo esperar melhor êxito em uma prefeção.

Esta obra foi composta no intervalo do ano primeiro até ao quinto, e muitas vezes me consolou, ocupando-me. Quem é que não tem sentido a necessidade de se acolher ao seio da Natureza? Busquei nele distrações que me eram indispensáveis e, como sempre amei as plantas, foram elas o primeiro objeto que se me ofereceu no pensamento. Paguei-me logo disto, considerando que ainda não tinham sido matéria de poema algum; porque o que temos em verso acerca das estações, e até dos jardins, bem que fala de muitos vegetais, não pode chamar-se poemas às plantas.

Depois do momento de alegria que se segue a uma invenção aprazível, as dificuldades me acanharam. Quanto mais atrativo era o assunto mais temia entranhar-me num labirinto de árvores, de arbustos, de plantas terrestres e aquáticas. O enjoo, inseparável do género puramente descritivo, furtou em breve aos olhos o feitiço dos episódios, e vi que o leitor pediria a quem o guiasse o fim de um passeio afanoso. Devia, pois, antes de tudo, estabelecer as relações com que releva olhar-se o mais amável dos

⁹⁵ Nota de Bocage: «Falo dos *Improvisos* de que esta e outras cidades têm sido ouvintes: o prazer com que sábios os atendem é mais um tormento para os meus zoilos.»

três reinos da Natureza. O Homem (disse comigo) é destinado a lavrar a terra, isto é, a cultivar as plantas; mas perdas reiteradas o fazem conhecer que o suor não basta e que a mesma experiência pede instrução. Mormente na jardinagem, onde mais varia a cultura, é que se prova semelhante verdade. Cumpre, pois, em um poema como este, unir a teoria à prática ou, por outras palavras, ligar o estudo das plantas com o trabalho que as tem por objeto. Refleti igualmente que havia no ano quatro grandes épocas — primavera, estio, outono e inverno — pelas quais a Natureza distribui diversas produções; e concluí que devia, imitando-a, dividir em quatro partes os estudos e lidas relativas a tais produções. Destarte se me apresentaram o plano e divisão da obra.

Depois de haver dado, no princípio do primeiro canto, ideia do préstimo da Botânica, e proposto modelos para a distribuição de um pomar, importava cuidar-se nos trabalhos da primavera. Deduziam-se daqui necessariamente o que exigem as plantas ainda tenras; a extirpação das ervas que as incomodam; a perseguição dos insetos e dos animais que as estragam; como também os passos estudiosos e campestres, chamados herborizações, e algumas vistas encantadoras que nos oferece a Natureza.

Regarem-se é um socorro necessário aos hortos, e o principal trabalho entre os ardores do verão. Em nenhuma parte esta quadra assoalha suas riquezas com mais pompa que nas vizinhanças do Equador. Entre nós, muitas plantas forasteiras, e quase todas as aquáticas, esperam esta época para brilhar com todo o seu lustre, vestidas dos caracteres que distinguem géneros e espécies. Todos os vegetais, grandemente aquecidos, sobem ao maior grau nas suas virtudes, e a indústria corre a apanhá-los para as precisões e delícias da sociedade.

O que especialmente qualifica o outono é a madureza dos grãos e dos frutos. Tem também suas plantações e seus vegetais. A hortaliça patenteia então toda a fecundidade; então a terra se cobre de cogumelos e as plantas marinhas, arrancadas dos abismos pelas tormentas do Equinócio, enriquecem as praias do oceano. Em breve a alteração da verdura anuncia o declinar do ano; várias espécies de aves desertam de um clima onde o alimento começa a falecer-lhes; os pomares despem seus derradeiros frutos e pagam a dívida da Natureza ao homem laborioso.

Em campo aberto quase nos não ocupa o inverno; a estufa é que requer a nossa presença, e nos indemniza da esterilidade das hortas. Não digo que os nossos climas temperados deixem de incluir muitos atrativos,

principalmente em comparação com as terras polares, onde apenas vegetam raros e miseráveis espinhais. A folha dos azevinhos, a verdura das giestas, os pinheiros orgulhosos e outros mil vegetais, ou verdes, ou ainda em flor, servem para alegrar então a natureza tristonha; mas uma família deve primariamente convidar nossos olhos e estudos: falo dos musgos e líquenes. Debalde outra estação quererá reivindicá-los: eles são a alegria e quinhão do inverno.

Com estas ideias fiz o plano e quase a análise da minha obra. Travei nela os episódios, e outros atavios a que supus apta a matéria, persuadido de que o Poeta deve pretender menos ensinar e profundar uma ciência que atrair a ela os olhos, e fazê-la amar.

CANTO I

Campestres divindades, Pã ⁹⁶, Silvanos ⁹⁷,
Náiades ⁹⁸, Faunos ⁹⁹, Driades ¹⁰⁰, Favónios ¹⁰¹,
Ou habiteis as rústicas florestas,
Ou de nossos jardins guardeis os bosques,
Seguir-vos quero: tutelares numes,
Iniciai-me nos mistérios vossos.

E tu, que um ócio grato aproveitando,
Dos sábios, dos heróis prazer tens sido,
Tu, que lustrando a trémula verdura,
Dás formoso atavio a planta e planta,
Sê minha deusa, ó Flora ¹⁰², e por meus versos

⁹⁶ *Vd.* n. 284, p. 122.

⁹⁷ *Vd.* n. 111, p. 50.

⁹⁸ *Vd.* n. 111, p. 50.

⁹⁹ Deuses romanos dos bosques protetores dos rebanhos e dos pastores. Equivalem, na mitologia grega, aos sátiros.

¹⁰⁰ Ninfa das florestas e da vegetação.

¹⁰¹ Ventos amenos.

¹⁰² Segundo Pierre Grimal, «potência da natureza que faz florir as árvores e preside a tudo o que floresce» (*Dicionário da Mitologia Grega e Romana*).

Dispõe boninas das que o mundo encantam.
Do Ocaso à Aurora teu império corre,
Bordam teus dons as mauritanas margens,
Do Pastor de Lapland ¹⁰³ atrais a vista,
Ornas as penhas de engraçado esmalte,
Té lá no pego as Dórides ¹⁰⁴ te devem
O mimoso tapiz dos vítreos lares;
Da flor no seio o néctar insinuas
De louro inseto, que organiza os favos;
Por ti, quando seleta essência aprontas,
Luz a Ambrósia ¹⁰⁵ nos festins de Jove;
Pejas os cachos de aprazível suco,
É nutridora espiga um de teus mimos;
Dos préstimos do fruto a planta ignara ¹⁰⁶,
Sem ti dera não mais que estéril sombra;
As águas formoseias, o ar e a terra,
Teu sopro divinal perfuma o globo.

Riso da Natureza, íman dos olhos,
Desdobra ante eles a verdura amável,
E como nos cristais de um manso arroio
As flores tuas em meus versos pinta.

Quando, na infância da estação mais bela,
As mornas virações derretem gelos,
Que olhos não folgam no verdor da relva,
Que se remoça, e do botão, que nasce?
Mas se atentarem que as tenrinhas plantas,
Alçando-se, trarão consigo em breve
O alimento, a saúde, os gostos nossos,
Quem lhe há de os fados ignorar sem pena?

¹⁰³ Lapónia.

¹⁰⁴ As Nereides.

¹⁰⁵ Uma das Híades, amas de Dioniso, que foi transformada em estrela.

¹⁰⁶ Inculta.

Quem não verá que seu estudo fácil
É proveito aos mortais, e adorno à vida?
Mil vezes erva espessa afoga os trigos;
Logo, porém, no estio, arando a terra,
Sem jamais omitir dispêndios, lida,
Na joeira o cultor limpou sementes.
Mas não conhece as plantas, cujo enxame
O terreno invadiu das novas messes,
E, exposto de ano em ano a seus insultos,
Perde tempo e suor sem destruí-las.

Aos gados outras são veneno e morte.
A novilha, ao volver da primavera,
Não pode entre os rocios e entre as ervas
No olfato distinguir falaz cicuta.
Morre, e a Ignorância em vão crimina a Sorte:
Pastor menos inculto ao dano obstará.

És dado a frequentar piscosas margens,
Amas a nassa, o junco, anzóis e as linhas?
Flora aos prazeres teus o efeito abona.
De quantos vegetais a força, o cheiro
Possante engodo ao pescador ministram!
Talinhos de erva-doce a rede inclua,
E do nardo fragrante inclua espigas;
Colhe a hortelã, que te rescende ao longe,
E hão de coò peso arrebentar-te as malhas.
Flora te diz também do peixe a vinda;
Apenas o agrião no prado assoma,
À porfia, transpondo a equórea estância,
Aos pulos os salmões entram nos rios.
Ditoso quem trilhando a serra, o prado,
Aprendeu, vegetais, a conhecer-vos!
Sabe que pasto agrada ao boi submisso,
E onde os rojantes peitos enche a cabra;
Os cordeiros brincões qual erva anime,
Qual ao ginete restitua o brio.

Quer que lustre vistoso as lãs enfeite?
Vizinhos bosques lhe deparam cores.
Quer a peste abafar de um mal terrível?
Antídotos em flor lá tem nos vales.
Se da raivosa Fome horrores lavram,
Deles a duração não teme aos filhos:
Cuida em remi-los a ciência logo,
E expulsa precisões, velando à porta,
Dá-lhe luz, patenteia-lhe o regresso
Dos naturais tesouros, não pensado:
Nos bosques tanto fruto, aos ramos preso,
Tanto oculto na terra. Espalha, ensina
Com que arte agrestes plantas substituem
A carência fatal dos dons de Ceres;
E como soube em pães mudar a indústria
Dos trevos o botão, do pinho a casca.
Vê pela folha, pela flor conhece
O desígnio dos suis, o das procelas,
E a monção das sementes e a das ceifas.

Da ciência mormente as leis escuta
Tu, que tornas co'a enxada a terra dócil,
E ordenas os jardins; mas não te enganes;
Entre os bosques somente é que releva
Estudarem-se as leis da Natureza.
Ela através dos campos quer que a sigam,
Quer que trepem com ela aos altos cumes,
Que busquem sítios onde crescem, brilham
Vegetais que plantou co'a mão prestante.
Sem intérprete ali falando aos olhos,
Gosta de expor incógnitos portentos.

Plantas, que Tauro cria, e cria Atlante ¹⁰⁷,
Desejas cultivar? Colhe no estudo
Qual o caráter é do chão, do clima
Em que usam de medrar; que ventos amam,
Debaixo de que estrela enfim descobrem
Do seio os mimos: só então, sustendo
De uma flor peregrina o mole tronco,
Fazes que a pátria no teu campo encontre.

Mas anteponho a tudo amigas plantas,
Que a intempérie afrontando ao longo inverno,
Me habitam, por querer, no chão da pátria.
Se as voltas explorar vou dum rochedo,
Acho, ao subir, favor na verde rama;
Se vastos campos corro, as flores suas
Seguem meus passos, e detém meus olhos.
Seus ramos complacentes, à porfia,
Se curvam para mim do fruto ao peso:
Vivo dos frutos, e meus males fogem
D'ante as virtudes que possui o tronco.
Vamos nossos jardins ornar co'as plantas,
E ao lavor nos presida o Deus do Gosto.

Dois ufanos rivais a Terra partem;
Um, das regras fiscal, nascido em França,
Entre as artes caminha, envolto em pompas.
Ornam-lhe a frente mil festões, e as quadras,
Filhas da Natureza, o cinto lhe ornam
De ramalhetes mil. Ângulos forma
O til, e assombra além tapiz viçoso,
Leito das ninfas. Índios castanheiros,
Aqui, tecendo abóbadas, nos vedam
A presença dos Céus. Cada passeio,

¹⁰⁷ *Vd.* n. 208, p. 93.

Abrindo-se, apresenta à nossa vista,
De Marte os filhos, ou da Grécia os numes.
No chão crava Neptuno o azul tridente,
E ginete feroz do chão rebenta;
Eneias, dos leões trajando a pele,
Os deuses de Ílion ¹⁰⁸ e Anquises ¹⁰⁹ leva,
Pela sinistra mão tendo o filhinho,
Que de medo se volve, e o segue a custo.
Por não vistos canais guiada, opressa,
A nível dos palácios a água sobe;
Rios de bronze, derramando as urnas,
Como que nutrem as saltantes ondas.

O outro, cedendo a pompa e luxo às artes,
Do Génio as digressões mais livre segue.
Em ti se apraz há muito, Ilha famosa,
Que separam de nós soberbos mares,
Mas que duros caprichos obstinados
Inda separam mais, por mal do mundo.

Pastorinha gentil, vagando à toa,
Dos passeios traçou-lhe a curvidade.
Árvores, em festões, em martinets,
A modo que por si lá se ordenaram,
E, sem medo à tesoura, estendem, lançam,
A seu prazer, as voluntárias sombras.
Lindas cordeiras, de alvejantes velos,
Retouçam pelo monte, as ervas tosam.
Nos ingentes pinhais, do norte filhos,
Pã, dos cumes do cerro, as guarda, as vela.
A herdade ostenta aqui campestres graças;
O asseio nela mora, e nela há sempre

¹⁰⁸ Troia.

¹⁰⁹ Rei da Dardânia, pai de Eneias.

A nata, o requeijão, presentes de Io ¹¹⁰;
O junco ali se entrança, o queijo espreme.
Confusos parreirais além verdejam;
Brómio ¹¹¹ risonho, em mármore de Paros ¹¹²,
Se apraz em seus dosséis co'a mão no tirso.
Ora corre, e murmura oculta a linfa,
Um lustroso canal ora apresenta,
E, alongando cristais por margens de ouro,
Como que of'rece à ninfa solitária
De puro banho a salutar frescura.
O mísero Actéon, das águas perto,
Por vingadoras pontas assombrado ¹¹³,
Diz a todo o imprudente: «Acata o pejo.»
Tais são destes jardins as leis diversas;
Mas tu, como Catão, prefere a isto,
Prefere a jeira, cujas simples graças
Dão mais proveito do que exigem custo.

Ao nascer da manhã comece a lida:
Semeia — sem semente nada é belo.
Prepara, pois, a terra, e mão robusta,
Ajude-se do pé, lhe encrave o ferro.
Quando ouvires monótona cantiga
De ave odiada do Himeneu, que ofende,
Se a chuva por três noites for perene,
Diz-se que em dias três surgem sementes.

¹¹⁰ Amada de Zeus que, para a salvar dos ciúmes da consorte, a transformou em uma apelativa vitela branca.

¹¹¹ Epíteto de Dioniso ou Baco.

¹¹² Ilha grega.

¹¹³ Filho de Apolo e da ninfa Cirene, Actéon, exímio caçador, foi devorado pelos seus próprios cães.

Vedado a Bóreas ¹¹⁴ um canteiro elege,
Que sempre do zénite os Sóis aclarem.
Debaixo de torrões, das flores berço,
Fecha vapores de fumantes palhas.
Cedo, a semente ali desenvolvida,
Julga, pelo calor, o inverno estio,
E sem susto confia aos meigos lumes
Seu débil tronco, seus botões nascentes;
Mas nela tu vigia. Apenas vires
Que a noite pelo Céu vem negrejando,
Abrigo de cristal e colmo espesso
Dar-lhe convém nos duvidosos meses.
Raro não é que súbitas geadas
Vibrem golpe mortal de noite às plantas.
Áquilo ¹¹⁵ furioso zune, atroa,
Nos tetos, saltinhando, a pedra soa.
Dos antros boreais como que escapa,
E a nós de gelos volve armado o inverno.
Progne ¹¹⁶ estremece então, volteia os lares,
Abre vãmente o bico, insetos caça;
Mas o frio os detém na estância imóveis.
Desfalecida cai; Zéfiro acusa
Que, chamando-a com hálito enganoso,
A vinda lhe apressou, e urdiu seus males.
Sem ti, cultor sagaz de Flora, alunos,
Recém-nascidos, cairiam todos,
E dos campos da vida exterminados,
Iriam povoar da morte os campos.

¹¹⁴ *Vd.* n. 14, p. 16.

¹¹⁵ O vento do Norte.

¹¹⁶ *Vd.* p. 57.

Entretanto do Sol fervor disperso,
E o que a nuvem goteja, humor fecundo,
Nutrindo as flores, de caminho alteiam
A erva, que as ofusca e vive delas.
Eis o fado comum. Da Inveja os ramos
Co'a negrejante sombra o Génio abafam,
E amiúde o prazer, flor doce ao homem,
Se murcha no trabalho, à dor sucumbe.
Assim chusma odiosa em teus canteiros:
Mordaz urtiga, etusa peçonhenta,
Erva, que de Mercúrio inda se chama,
O marroio, e mormente as que, indomáveis,
Ama o sabujo, porém, Flora odeia,
Brotam, co'a triste sombra vexam tudo,
E quantas se destroem nos longos dias,
Renovam-se de noite em hora fresca.
Mas destes vegetais o aumento fácil
Também aproveitar-te às vezes pode.
Deem-se a Vulcano. A flama ainda oculta
O já seco montão corre estalando.
Vê-se aos ares subir um denso fumo;
O lume ondeia enfim, caindo as ervas,
E entre as cinzas deixando um sal, que esforça
A languidez da preguiçosa terra.

Nada falta aos jardins, de asseio, ou pompa:
Cada planta cumpriu sua promessa.
Voa-lhe ao seio a murmurante abelha,
Borboleta louçã faz doces furtos,
Vai, torna à flor, ao ar: vagueia incerta,
E com seu leve adejo adorna a cena.

Por aqui, por ali flóreos teatros
As bégicas cidades alegravam.
Lá de um, lá doutro objeto a vista presa,
Da escolha exp'rimentava o grato enleio;
Ia indecisa do carmim ao ouro,

Do azul ao branco, do violeta ao róseo.
Tal, ante as deusas, duvidoso, ó Paris,
Tinhas nas graças enleado o voto.
Quase entregando o pomo a Juno, a Palas,
Vénus olhavas, e co'a mão fugias:
Mutuamente as rivais se deslumbravam.
Porém, já de inimigos turba infesta
Invadindo os jardins, devora a um tempo
As hásteas, a raiz, a casca, o cerne.
Seu mal o arbusto saneando, apenas
Coberto o golpe tem de fibra nova,
Quando, na cicatriz encarniçados,
A teia renascente eles desfazem.

Tal de abutre cruel no curvo bico
Renascem, para a dor, de Tício ¹¹⁷ os membros:
No sangue, que se exaure e se renova,
Ceva-se dia e noite algoz eterno;
Gira-lhe o peito, o coração lhe rasga,
Que vive sem cessar, sem cessar morre.

Não imagines que meus versos digam
Redes, ciladas e os engodos vários
Com que destrói o ardil a infensa praga;
As aves melhor que ele hão de escudar-te.
Vê nas florestas voltear, cantando,
O pisco avermelhado, a toutinegra,
Milheiras, verdelhões e melharucos:
Os daninhos espreitam, e os perseguem;
Deles aferram, e à contígua planta
Vão seus filhinhos alentar com eles.
Triste a toupeira subterrânea, tristes

¹¹⁷ Gigante fulminado por Zeus e arremessado nos Infernos, onde duas serpentes ou duas águias devoravam o seu fígado, que renascia com as fases da Lua.

Outros vis animais, se torre antiga
Ergue as ameias sobre as terras tuas!
Alados caçadores, negros corvos,
Grasnando, se arremessam do alto asilo,
E dessa vexação teus campos livram.

Amem-se as aves, pois: os frescos vales,
O móbil, verde trigo, a rir nos sulcos,
Remansos, grutas, prestariam menos
Sem os brincos, e a música das aves.
São guarda dos jardins. Formoso arbusto
Fica mais belo, se lhe abriga os ninhos.
A mercenária mão quanto aborreço,
Que às miserandas mães a prole arranca!
Ah! Deixem-se emplumar nas selvas nossas,
Consinta-se que animem vales, montes.
Porque as prendemos? Na prisão não pode
Dar-se-lhe o bosque onde trinar lhe é doce;
Nem a planície aérea, ou moita amiga,
Que seus prazeres, seus amores sabem.

Aves acordam no modesto abrigo
Das plantas o amator; sai da cidade,
E vai por entre as matutinas flores
Admirar o jardim da Natureza.
Que encanto! Quêsplendor! Por toda a parte
Lhe of'rece a Terra graciosos quadros.
Ouro da primavera esmalta os cerros;
Narciso inda se inclina, e vê nas águas;
Como a virtude no retiro humilde
Trai as violetas seu gentil perfume.
Nas sombrias florestas entra o sábio;
Das rochas escarpadas sobe ao pico
Para indagar os vegetais sadios,

Que à pesquisa vulgar Vertumno ¹¹⁸ esconde;
E acolhe-se, já noite, aos lares doutos,
Co'á rica presa carregado, alegre.

Às vezes de meninos dócil turba
Por meio o segue dos lavrados campos;
Aos montes circunstantes chegam, trepam;
Esquadrinham-se as matas, uma e uma.
Se algum canto recata ignota planta,
Levam-na logo ao sábio: ele a nomeia
À multidão pasmada, e faz que observe
Figura, e graças, e caráter dela,
Que mês encanta, que lugar matiza.
Segui, meninos, tão suave estudo;
Flora seus dons vos cede às mãos mimosas,
Mas poupai sempre os botõezinhos tenros.
O seu quinhão deixai da selva aos deuses,
Amantes, como vós, de agrestes plantas.
É fama que ao luar se tem já visto
Danças num vale urdir faunos e ninfas,
E a trança engrinaldar. São estes numes,
Cuja oculta, benigna providência
Conserva os montes, e repara os bosques;
São eles que em campestres, ledos jogos
Animam com seus sons penedos, faias,
E os ecos formam, ressoar fazendo
De colina em colina as vozes nossas.
Também da Natureza eu namorado,
Buscava, imberbe ainda, ermos e sombras.
Raramente Versalhes me atraía,
Nos bosques de Senars dias levava,
De Avron as leivas discorria, e foram

¹¹⁸ Protetor das árvores de fruto e da vegetação, tinha o dom de se transformar em todas as formas que quisesse.

Fontainebleau, Compiègne os meus Elísios.
Céus! Com que regozijo em teus passeios
Vi, Meudon, a Abelhinha portentosa,
Inseto vegetal, de flor alada,
Que parece voar, fugir do tronco!
Venha uma planta igual, cruzando os mares,
Venha de Amboíno, ou de Ceilão remotos:
Há de em todo o lugar maravilhar-nos.
A riqueza porém, de nossos bosques
Se ignora, e chama em vão quem a avalie.
Invade o caçador a estância augusta,
E Eco ali só repete os sons da Morte,
Ou golpe e golpe do ávido mateiro.

Vem, feitiço dos vales, branda Elisa,
Que de Amor e Minerva os dons possuis,
Com teu esposo vem. Já no Oriente
Alegra, tinge os céus manhã de rosas,
E o Sol em breve, de rubis c'roado,
Verás à porta dos Palácios de ouro.
Segue o trilho orvalhoso, aqui por onde
Zéfiro entende co'a folhinha incerta,
E fragrâncias lhe rouba, iguais às preces
Que essa boca inocente aos Céus envia.
Junto à vereda, que rodeia o combro,
Ante a pereira em flor, vês pobre choça?
O dono, esse bom velho, ontem seguindo
Seu cabritinho, que fugia aos saltos,
Caiu, feriu-se num penedo. Ah! vamos
Buscar algum remédio a seu tormento.
Vê como nos ajuda o teu filhinho;
Nas melindrosas mãos lá vem trazer-te

Símplices, gratos de Epidauro ao nume ¹¹⁹:
Solda real, centáurea. Ao velho aflito
Demos de amiga face o refrigério.
Ai! Se a dor que padece, eu padecera,
Que doce, que eficaz me fora olhar-te!
Delícias como as nossas não conhece
Homem que da moleza está nos braços.
Em vez de a seus irmãos sarar os males,
Misérrimo entre os míseros é sempre.
Filho da Sacidadade, o triste Enjoo
Seus mais doces prazeres tolda, empesta.
Flores num prado e noutra em vão revivem,
Ceres debalde os sulcos enriquece,
Entre seus cortesãos Lieu ¹²⁰ campeia,
O inverno aos olhos dá severos quadros.
Nunca tais cenas admirou o inútil,
Cenas da Natureza: é como aquele
A quem bárbara mão cegou no berço,
E cuja umbrosa vida é sono eterno.
Crescendo, dobra o lustre a Natureza;
Vigor celeste a mocidade anima.
Tudo fermenta, existe. Olha o carvalho:
Lá formoseia o chão co'as tardas sombras.
Vem à Terra sedenta húmidos ares,
E a frescura do céu na Terra induzem.
Em torrentes o suco inunda os gomos
Perfuma o vale, aromatiza o bosque,
Recreia-me os sentidos, e parece
Que as origens da vida em mim renova.

As aves nos seus ninhos cuidam todas;
Colhem crinas que despe o márcio bruto,

¹¹⁹ Asclépio, ou seja, Esculápio, deus da Medicina.

¹²⁰ Baco ou Dioniso.

Leves guedelhas que o picante espinho
À mansa ovelha na passagem rouba.
Seus mil requebros exprimir quem pode,
Transportes, brincos e negaças brandas?
Vê o ardente pardal, se o punge Vénus,
Como treme, e esvoaça em torno à fêmea;
Parece redobrar o ardor na posse:
Mil vezes morre em gostos, mil renasce.

De novo mirto Amor já cinge a fronte,
Do mundo vegetal fez a conquista:
Excetua os ciúmes e outros males,
Verás que as flores, como nós, se inflamam.
Oh tu, que em Pafos, em Citera incensam
(Que digo! O templo dele é toda a Terra),
Grão deus! Co'um volver de olhos tu me alenta;
Erge meus versos: vou cantar-te a glória.

Em azuis pavilhões, purpúreos, verdes
A pompa nupcial dispôs Ciprina ¹²¹.
As plantas, que só Zéfiro abalava,
Noutros meneios seus desejos pintam.
Abrem, riem-se, inclinam-se e confundem
Os fogos, as paixões que Amor lhe inspira.
Se o dia se mareia, e Céu de nuvens
Danos lhe agoura, de repente o cálix
O ramo, a folha, unânimes se agitam,
Para esquivar-se da procela instante.
Cerrados pavilhões os golpes frustram,
E a mais suave tempo Amor trasladam.

Cada espécie tem leis; guarda uma estância
Às vezes, par a par, o amante e a amada;

¹²¹ Epíteto de Vénus, que nasceu nas proximidades da ilha de Chipre.

Em dif'rentes estâncias habitando,
Longe um do leito do outro às vezes vive.
Tal sobre os prados o salgueiro of'rece
Sexo diverso nos floridos troncos.
Quando para o Carneiro o Sol tornando,
No coche Amor conduz, e a primavera,
O macho faz voar por entre os campos
Substância fecundante à verde sócia;
Um lago de permeio embora esteja,
Eles (mercê de Zéfiro) se gozam.

O Ródano, entre as ondas escumantes,
Por dez luas nos furta aos olhos planta
Que na estação de Amor desmanda o tronco,
À flor das águas sobe, e luz nos ares.
Os machos, atéli no fundo imóveis,
Rompem seus débeis nós, seus laços curtos;
Com livre, afoito ardor às fêmeas nadam,
Grão séquito lhes formam sobre o rio.
Festa se antolha que Himeneu risonho
Pelas ondas azuis guia, assoalha.
Mas tanto que de Vénus finda o prazo,
O tronco se retira, encolhe e torna
Semente a amadurar no centro d'água.

Junto aos Polos glaciais, nos fins do mundo,
Onde rápido inverno o estio absorve
E em vão deseja sazonar-se o fruto,
Derroga Natureza as leis constantes,
Faz do cálix sair vivente planta,
Que se une à Terra, e, de vigor provida,
Brevemente da mãe a altura iguala.

A Noite, amiga do prazer mais doce,
Presta aos suspiros tutelares sombras.
Lá entre os vegetais, o rei das luzes
Aos mistérios de Amor é quem preside.

Mal que às portas do Céu, velando as horas,
No carro as guias de ouro ao Sol cometem,
E o primeiro fulgor, que dele escapa,
Guarnece no horizonte os agros cumes,
Dos súbditos de Flora a maior parte,
Cortejando louçãos a etérea deusa,
Celebram himeneus por entre os vivas
Das aves encantadas. Outras flores
As horas querem antes em que a Terra
Das húmidas manhãs o orvalho exala;
Mas cada qual de noite o rosto vela,
E em ponto certo se retira e dorme.

Se algumas flores ¹²² de estrangeira origem,
Evitam entre nós diurnos lumes,
Quais as belezas, que na Corte imperam,
Velando as noites, e dormindo os dias,
É que lá, donde ao seio as trouxe Europa,
Nasce a luz quando cá se espalham trevas,
É que, segundo as leis da pátria sua,
Se abrem, sem ter dif'rença em mês e em hora.

Tais, não longe de um lenho aberto de ondas,
Miseros nautas, evadindo a morte,
Relíquias ajuntando em ilha ignota,
Os costumes da Pátria ali transplantam,
E, mantendo-lhe as leis noutro hemisfério,
Seu infortúnio, seu desterro adoçam.
Porém, que nova cena! Um leve inseto
Ágil núncio das flores eis se torna.
Desviados no campo esposo, esposa,
Terreno, que os desune, andar não podem?

¹²² Nota do autor: «Boas noites, maravilhas.»

A abelha, volteando a ele, a ela,
Do recíproco amor conduz penhores.

O homem também lhes presta indústria fértil.
Onde arde o clima, e florescente a palma
Mostra inclinada que ao amante acena,
O Africano ao palmeiro um tirso arranca,
Sacode-o sobre a fêmea, e vai no outono
Colher desta união não raros frutos.

Mas ao seu quadro Amor me prende há muito,
E inda três estações pincéis me pedem ¹²³.

CANTO II

O astro pomposo, cuja luz fecunda
Presta aos dois Mundos o calor e a vida,
Transpôs dos Gémeos o brilhante signo,
E no cume do céu reluz, triunfa.
Trajando as estações diversas galas,
Sentadas sobre nuvens o rodeiam.
Por mão delas verdura entorna, e flores,
De Ceres a riqueza, os dons de Baco,
Rouca tormenta, que liquide os ares,
E que, apurando-os, fertilize a Terra.
Eis, volvendo ao verão benigna face,
«Vem, sobe ao carro meu (diz), sobe, ó filho;
Na glória minha, em meu poder tem parte;
Quero ilustrar contigo a Natureza.
Eia, destapa os montes, erriçados
De altas geadas, que meu raio afrontam;
Faze rolar nos hiperbóreos mares

¹²³ Encontra-se em seguida uma «nomenclatura lineana das plantas» nomeadas no primeiro canto.

Montão medonho de azulados gelos;
Ondas, do norte ao Equador pulsadas,
Das correntes e fluxo autor te aclamem.
Águas povoa, e ar; manda de insetos
Sobre as lagoas adejar negrumes,
Manda enxames zunir dentre as ervinhas,
Seus ténues habitantes dando às flores.
Por ti fulvo metal na Terra brilhe,
Acenda-se o rubi nos teus luzeiros;
Inda mais úteis dons confere ao homem,
Verdejantes espigas enlourece,
Os trigos doura, que apiedada Ceres
Lhe deu para ajudar-lhe o peso à vida.»

Diz, e dos fados seus o estio ufano,
Executa de Febo as leis supremas.
Espraia seu fervor no céu, na Terra,
Rio é de fogo, e se insinua, e corre.
Não lhes empece, aos campos aproveita,
Que a Natureza em paz vestiu de plantas,
Onde a relva confusa, o musgo, o feto
Tapam de espessos véus a térrea face,
E o que à fecundidade é prestadio
Só deixam nela entrar de estivos lumes.
Nos lugares, porém, onde a arte impera,
De Flora nos jardins, nos teus, Favónio,
Pela calma esgotado, o sulco em breve
Das flores suas vê murchar-se a glória,
Se vida o regador não restitui
À prostrada verdura, em claras ondas.

Ninfas, que às fontes presidis, e aos rios,
Vossos puros cristais prestar-nos vinde.
Feliz quem nos seus campos vê surdindo
Vítrea nascente de húmido penedo!
Ribeiras luzem mais, porém, mil vezes
Risco atesta o pomar de o vizinharem.

A terra não se apraz de ser banhada
Se, pisando-a, semelha os sons do bronze,
Se o meio-dia aceso a tez lhe torra.
Corre água, que lhe dás, em vão por ela;
Desespera, inda mais, sedes que a mirram,
Nos ares se evapora, e vai-se em fumo.

Assim de Iémen o incenso, em dias faustos,
Mal toca o lume que na pira estala,
Súbito ardendo, súbito exalado,
Aos deuses voa na cheirosa nuvem.

Quando a titónia moça ¹²⁴ enfeitam, cobrem
Dossel de rosas, de jasmins grinalda,
Inda mais quando, ó Vénus, o teu astro
Converte em mansa noite o dia inquieto,
É que a Terra, da calma respirando,
O regador chuvoso anela, e chama.
Depois de estivas, ensoadas horas
Na haste pendente desfalece a planta;
Mas se a frescura lhe penetra o seio,
Logo se animam seus vencidos órgãos,
E reverdece logo, e bela, e branda,
Por entre virações alteia a frente.

As águas alegraram planta e planta;
Todas em largo sorvo as têm gostado.
Enquanto do seu giro o Sol no termo
Às sombras inda opõe de luz um resto,
Tu visita de novo as tribos verdes,
Recolhe cá, e lá seus mil perfumes,
Vê num, noutro lugar luzir-lhe a folha
E a imagem da ventura em toda a parte.

¹²⁴ A Aurora, que, segundo a mitologia greco-latina, pertence à geração dos Titãs.

Os botões amanhã do cravo e rosa
Te deixarão prever seus atrativos;
A cereja, o damasco hão de pagar-te
Desvelos que exerceste em cultivá-los
E serão teus jardins no estio ardente,
Quais os lugares, do Equador vizinhos,
Onde sempre escaldada a Terra, e fértil,
Delícias nutre ao mundo, e não se estanca.

Lá nos polidos campos, lá nos bosques
Seus dons ostenta mais soberba Flora.
Monstruoso arvoredo assombra a Terra
E os tempos, os tufões como que insulta.
O seiba, erguido ali qual torre imensa,
Abarca jeiras cem co'a vasta rama.
Seus braços, às florestas sobranceiros,
Outras florestas são, pelo ar suspensas.
Oh quantas gerações se têm sumido,
Que impérios d'ante os olhos têm voado,
Desde que este gigante aos céus levanta
A frente, que de séculos blasona!

Mil vegetais, ao Sol não menos caros,
São de rara virtude ali munidos.
Deleitoso café, o engenho espertas,
Valem teus sucos a Permésia ¹²⁵ linfa.
Antídoto celeste ali roxeia
Quando a febre assanhada o pulso inflama;
Trepadora baunilha ali me alegre,
E a síliqua fragrante une aos arbustos.
Ufano olha Ceilão seus belos bosques,
Das Molucas a noz festins perfuma.

¹²⁵ *Vd.* n. 86, p. 278.

Certa planta (oh prodígio!) a seus encantos
Liga os melindres do virgíneo pejo.
Se com dedo indiscreto ousas tocá-la,
Quer esconder-se a pudibunda folha,
E às mesmas leis fiel, o móbil ramo
Se inclina para o tronco, e cinge a ele.
Admiro as redes que, ao mosquito infensas,
Aracne ¹²⁶ dependura em torno aos tetos;
Mas do inseto artiloso o ténue fio
Excedem muito da Dioneia ¹²⁷ as artes.
A folha entre lagoas emboscada,
Recata num mel puro aguda ponta,
E de mola infiel se arma, se ajuda.
Mal que a meneia famulenta mosca,
A folha encolhe, e o temerário inseto
Eis trespassado e, sussurrando, expira.

De uma flor tão cruel se arrede a vista.
Lustra amarílis; o jasmim branqueja,
Festões se alongam em redor da agati,
Purpureia os botões gentil congorsa.
De Verde tamarindo à fresca sombra
Quanto folgo de olhar paisagem rica,
Onde em seus ramos o nopal sustenta
Da púrpura de Tiro o triste herdeiro;
Onde instáveis cipós das rochas pendem;
Onde a romã brilhante areias cobre,
Onde... não posso numerá-los todos.
Risonhas flores, delicados frutos,
Porque me recordais a história amarga
De extintos povos cento a ferro e fogo!

¹²⁶ Jovem lídia que tecia e bordava primorosamente. Por ter ousado desafiar Atena na sua arte, a deusa transformou-a em aranha.

¹²⁷ Nota de Bocage: «Apanha-moscas.»

Patrono de cruéis conquistadores,
Devera o Fado abrir-lhe os campos vossos?
Ilha remota se demande, ó Musas,
Vedada pelos Céus à crua Europa.
Exponde aos olhos meus ditoso vale,
Tégora dos mortais não profanado.
Vós me ouvis. Eis magnífico arvoredos
Desparze em torno a mim fragrantas sombras.
De uma fonte comum, quais vêm dois gémeos,
A prado ameno dois arroios descem.
Suspira sobre o mirto a bengalinha;
Por entre as palmas, que Favónio roça,
Rubros loris e os verdes papagaios,
Abrigados do Sol, nas folhas saltam.
Nuvem de araras majestosa brilha,
Pousa nos ramos, e a floresta ocupa.
Já nas palmeiras seu revoltado bico
Abre os frutos que forra hirsuta casca;
Já mimoso ananás, que sai das ervas,
Os aéreos convivas junta em roda.
Inumeráveis ninhos entre as flores
Um ar vivificante ali respiram;
A rija tartaruga a passos lentos
Ali junto do mar seu peso arrasta,
Quando as aves, que amima o deus das ondas,
Os ermos deixam do Oceano imenso,
E as ruivas praias costeando, aos gritos,
Em tropel, quase noite, as selvas buscam.

Ao ridente lugar não pode a noite
Do dia o resplendor furtrar co'as sombras.
Tanto que desce, numerosas plantas
Se acendem todas, e nas trevas luzem.
De insetos mil e mil, radiante, chusma
Nos áureos laranjais lutando brinca,
Relâmpagos lhe espirram dentre as asas,
E lá cintila cada folha ao longe.

Cessa o recreio, a escuridade reina:
Eis prazenteiro enxame a luz inova,
E adeja, e voa, e folga no ar, que doura.

Mas sombras tais, que a Natureza inflama,
Montanhas do Peru, planícies d'Ásia,
Mal podem, França, equivaler-te ao clima.
Vences o Egito, onde três vezes no ano
Se c'roa a Terra de opulentas messes;
De Mavorte a cidade, aos reis terrível,
Nos tempos de ouro te invejara o lustre.
Pastora, junto ao Sena reclinada,
Jamais temeu do crocodilo assaltos;
Incauto caçador nunca em teus bosques
Pálido recuou, da serpe à vista,
Que, dentre o mato, qual palmeira enorme,
Abre, surgindo, as matadoras fauces.
Gados soberbos em teus vales bramam,
Orna-te os cerros pâmpano afamado;
Corre teu puro azeite em rios de ouro;
Ceres te abasta os pródidos celeiros,
Junge Marte a seu carro os teus ginetes,
E Nereu de teu raio ao longe treme.
Que monumentos de grandeza estranha!
Olha: é Bossuet, que assoma e que troveja,
É Descartes, que ao mundo ilustra o caos;
É Corneille, Pascal, Boileau, Racine;
Este das leis oráculos decifra,
Outro da Natureza expõe milagres;
E tu, também, que os títulos sagrados
Restituíste ao mundo em letras de ouro.
Eis, eis Martel, que na remota Idade
A fúria rebateu do Mouro infesto.
Carlos, que, de Reis cento amparo ou jugo,
Viu a Terra, a tremer, calar-se ante ele;
Os Bayards, os Guesclins, da guerra numes,
E cá mais perto Catinat, Turenna.

Ó Pai da Natureza! Ó Grande! Ó Justo!
Este Império protege, onde ordem nova
Com teu Favor Divino, à Sombra tua,
O templo social reforça, esteia.
Manda que a Paz celeste e que as virtudes
Em luminoso grupo aqui descendam,
E a amizade, esse bem, por ti criado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo.
Dos magistrados esclarece a mente,
À ventura geral seus passos guia;
De novos Linos as vigílias honra,
Maravilhas de um deus confia ao sábio;
Amável pejo na donzela influi,
No rosto a graça e candidez lhe apura.
Forme, unida ao consorte a casta esposa,
De seus filhinhos seu primeiro enfeite;
Eterniza das leis o amor sagrado,
Delas escudo, consistência delas,
E o Sol, reflexo teu, jamais aviste
Grandeza que deslumbre a Pátria minha.

Entremos outra vez nos altos bosques;
Debaixo de ar aceso o chão se greta.
Sós, as florestas nos of'recem risos,
Sós, nos of'recem a frescura e graças.
Ao pé da estancadeira, ao pé da esteva
O abrótno levanta azuis espigas.
Eis junto ao pinho a têucra resinosa.
O trovisco a família aqui desparze,
Ali brilha o botão do cravo agreste;
Rubro medronho as ervas embalsama.
É de fausta cidade a selva emblema,
Cada espécie concorre ao bem de todas.
O forte ajuda o fraco; este atavia
Em ano e ano o benfeitor co'as flores;
Como guarda fiel, o agudo espinho
Posta-se aqui e ali, rechça os gados

Com seus mordazes bicos; e apadrinha
As árvores nascentes. Mil renovos,
Moço e fértil enxame, além apresentam
Dos tenros frutos a colheita fácil.
Girem mais alguns sóis: verás aos bosques
Ir de uma e doutra aldeia o destro povo,
O pastor despegar do leve ramo
A noz, que esmaga, e que à pastora of'rece.
Alçam entanto ao Céu carvalhos, olmos,
O bordo, o freixo, as arrogantes copas;
Dos raios o furor provaram muitos,
Os outros, alargando anosas sombras,
Glorioso reinado ilesos findam,
E atestam proteção de amigos deuses.
Longe dos seus rivais, lá sobre os troncos,
O corvo, em solidão, vai aninhar-se.
Mas numerar quem pode os vários entes
Que erram nas folhas, e que o lenho inclui?
Desde o hipo, que lhe jaz aos pés lançado,
Té ao ramo, entre as nuvens escondido,
Vivem átomos mil em cada fenda;
Um povo em cada nó se cria e ferve.
Nasceram co'a manhã, terão à noite
Da efemérica vida extinto o prazo.
As mesmas selvas para nós derramam
O fluido vital, alma do mundo;
Prestantes, vigorosas fibras suas
O mais profundo chão também penetram;
Sorvem a água invisível, e em vapores
São, fecundantes, do escond'rijo a elevam;
Dão vítreo cabedal do monte às ninfas,
Que refrigere, que humedeça os campos.

Mostrai-me, ó rios, descobri-me, ó lagos,
Vossos belos tesouros verdejantes.
Quem vos tocara as húmidas madeixas,
Do tímido germano usado abrigo!

Quem vira as plantas que alentais no seio!
Quem o jardim das escamosas turbas!
Paremos junto à florida colina,
Donde o Marna se vê regando os prados.
Lá salgueiros sem conto ao rio inclinam,
Ou endereçam para o Polo a rama.
Inseto singular nas folhas mora,
E exala sobre a margem róseo cheiro.
Os golfões sobre as ondas aplanadas
Formam daquém, dalém, tapiz soberbo;
O purpúreo litrónio, o morto cardo,
Dão lindo enfeite à solitária margem;
No próximo espinheiro as campainhas,
Entrelaçando a flor, que a neve abate,
Cobrindo de festões seus intervalos,
Das graças vegetais o nó parecem.

Às vezes me extravio, e desde a Aurora,
Distante do lugar, vagueio incerto.
Eis entre as serras me aparece um lago,
De que este e aquele extremo as névoas toldam.
Mas tanto que as penetra o Sol fervente,
Dos cumes através as vejo alçar-se;
A água logo reluz, e a sombra ao longo
Das bastas selvas, qual espetro, foge.
Em todo o seu primor olho o tesouro,
Que ao sítio deram circunstantes nubes.
Rochas amontoadas junto às ondas
Mostram-me arbustos entre as longas fendas;
Por baixo está brilhando o verde musgo,
E a seda iguala, tão suave ao tato.
No lago o crespo abrolho, entre águas duas,
Estende a flutuante, a hirta casca.
Se de Éolo algum filho, ali cruzando,
De erguer as ondas folga, rolam frutos,
Pelas vagas e o vento arrebatados,
E vêm perto de mim cair na margem.

Átis ¹²⁸ assim das árvores à sombra
Ia estudar-te as leis, ó Natureza.
Tempo viçoso, que se perde e chora,
Lucrava, ornando no retiro a mente.
Só vinte primaveras tinha o moço,
E do contorno as plantas já sabia.
Nem cerro esconso, nem trementes lagos
À sôfrega pesquisa lhas vedaram;
Atento as indagava; em seus costumes,
Seguindo-lhe os progressos, se instruía.
E quando a viração lhes abre o seio,
Ia colhê-las no virente asilo;
Em dobrado papel a flor lançava,
Mantendo-lhe destarte a cor e a forma.
Eis seu prazer. Lucila, os seus amores,
Deste mesmo prazer participava.
Das filhas do alto Olimpo as graças tinha,
Tinha a bondade, mais celeste ainda.
Lá nos vales de Emílio os dois moravam;
Sabia-se este amor: sua alma ingénua
Ocultar não podia ardor tão puro,
E a tão puras delícias não bastava.

Danças e jogos anuais na aldeia
De Lucila o natal anunciavam.
Realçando o festejo, enfim se ajusta
Ir celebrá-lo no interior de um bosque.
É, para dispor tudo, eleito o amante:
Parte, e com que fervor! Quem ama o julgue.
Oh! que projetos a paixão lhe inspira!
Oh quanto diminui, aumenta, e muda!
Deviam-se ajuntar num fresco sítio,

¹²⁸ Deus frígio, companheiro de Cibele, a «Grande Mãe», que personifica, na Grécia e em Roma, a pujança vegetal da natureza.

Onde entre sombra e luz falece o dia.
Onde Zéfiro assiste, as plantas folgam,
Brilhe o Sol no zénite, ou no horizonte.
As árvores em torno se arredondam,
Une-as prisão de amor, prisão de flores.
Forma troncos de relva a mão do amante;
Aqui da linda moça imprime o nome,
Versos do coração, mimosos versos,
No tronco de uma faia, além comovem.
A obra se ultimou conforme ao gosto:
Átis goza o porvir, já vê na mente
Pela estância de Flora entrar Lucila;
Vê pudico rubor tingir-lhe a face
Ante o campestre, não previsto adorno,
Onde as artes de amor Amor conhece.
Entanto do hemisfério o Sol fugira,
Enluta-se a floresta, o som do raio,
Que urrava há muito nas remotas serras,
Em pesadas carrancas se aproxima.
«Adeus, ditoso bosque, asilo amado;
Em teu seio amanhã terás Lucila.
Amor, por lhe aprazer, de ti desvie
Os bravos furacões devastadores;
E nada triste aqui lhe aflija os olhos.»
Assim falava o mísero, eis que o raio,
Da nuvem rebentando, o colhe, o mata.

Renasce o dia destinado a prantos,
Sem que assalte os ouvidos nova infausta.
Risonhas aldeãs cem teigas enchem
De brandos lacticínios saborosos,
E da purpúrea ginja, e dons de Ceres.
Solta madeixa lhe engrinaldam rosas,
E em triunfo Lucila ao Templo guiam
De verdura e de amor... mal sabe a triste
A que horrendo espetáculo a conduzem!
Chegam, cantando, ao bosque. Entra Lucila;

Entra, e vê no pavor de áridas sombras
Inanimado, em pé, sem cor o amante,
Sustendo-se num tronco, extinto quase.
«É ele! É ele! Oh Céus!», exclama, e voa
Com face cor da morte ao malfadado;
Acodem-lhe, e, carpindo, as companheiras
Desejam mitigar-lhe as ânsias mudas;
Seu rosto sem vigor ao seio encostam,
E a levam fria e semimorta aos lares.

Oito luas entregue a viram sempre
À desesperação, sempre à saudade.
Cerrado ao mais, té surdo à Natureza,
Seu coração mantinha o golpe oculto.
Plantas, que tanto amou, não resistiram
Ao duro inverno: pereceram todas.
Como as flores também murchando a triste,
No sepulcro, imatura, ia abismar-se.
Eis menino gentil, que nos suspiros
Explica o mal da mãe prostrada, enferma,
Ervas implora, cujo amargo a livre
Da pertinaz doença raladora.
Lucila recordou que aos infelizes
Átis o coração jamais fechara,
E, o peso das angústias arrastando,
Aos campos, mesmo assim, dirige o passo.

Era o tempo em que o Sol das ondas surge
E com puníceo raio as serras cora.
Acordando co'à luz, se erguia a planta,
De orvalhos, de boninas esmaltada;
Aroma salutar vagava os ares;
Saíam dentre o bosque as avezinhas;
Quais pedem pelo campo à Natureza
Dos implumes penhores o alimento,
Quais vão de ramo em ramo e lá gorjeiam
Os versos naturais, que Amor lhe ensina.

Lucila os olha, os ouve, e chora, e geme.
Volve em si, colhe a salva, e colhe a arruda,
Vai prepará-las, e em três dias nota
Que o mal, sem força já, desaparece.
Folgou, como Átis, de girar nos campos,
E, adorando-lhe as cinzas, foi, como ele,
Esperança e guarida aos desditosos.

Vinde aos campos, ó vós que as mágoas finam,
E os filhos de Quíron aos campos venham.
Piedosa a mão de um deus a nossos males,
Contém nos vegetais o seu remédio.
Três elementos os compõem mormente:
O pai do ácido é um, pai d'água é outro,
E enfim negro carvão. Com tais princípios
Roupas de flores o Universo envolvem.
Segundo os climas variando espécies,
Nos medem precisões pelos haveres.

Quando a tosse importuna em crebro esforço
Ao velho ansiado a máquina fatiga,
Mole violeta, em plácido xarope,
Humedece, alivia o peito ardente;
A raiz de açucena extingue o fogo
De acesa chaga. Macáon ¹²⁹ em Frígia
Nos feridos heróis ditamno ¹³⁰ espreme.
Já pára o sangue e, obediente aos dedos,
O ferro larga a presa, e cai do golpe.

¹²⁹ Filho de Asclépio (ou seja, Esculápio, na mitologia romana), participante grego na Guerra de Troia, exerceu medicina, na esteira do pai, dedicando-se, sobretudo, à cirurgia.

¹³⁰ Planta muito aromática.

Por extremo a papoila aos grandes presta.
Do sábio frequentando a estância humilde,
O sono foge aos nítidos palácios,
Onde a Angústia se volve em seda, em ouro.
Que não pode a riqueza! Eis planta nova
Usurpa os sulcos, para o rico estila
Um leite soporífero, que os mimos
Do sereno Morfeu mil vezes supre.

Onde Atenas luziu, e onde era Esparta,
Nos terrenos febeios Argos, Micenas,
Rosa fragrante a candidez ostenta,
E entre as grandes ruínas lá se eleva.
Seu óleo, que as rainhas prezam tanto,
Seu óleo, resguardado em frascos de ouro,
Vence o néctar, que outrora aqueles campos
Dos numes aos festins subministraram.

Mil vezes doce antídoto nos bosques
Aos venenos de Amor se tem buscado.
De ervas amigas se julgou que o sumo
A ternos corações a paz trazia,
Os ódios, os desdêns amaciava,
E do errante amador continha os voos.
Esperança falaz! Quimera insana!
Circe, a filha do Sol, que transtornava
As leis da Natureza, a seu capricho,
De atónitos mortais trocando a forma,
E aquela ¹³¹, que a Jasão, depois ingrato,
O drago adormentou, feroz e horrendo,
Co'a mágica potência, ah! não puderam
Deter num coração fugaz ternura.

¹³¹ Medeia.

Bens não busquemos que não há nas plantas.
Aqueles bastem, que ante os pés nos brotam.
Numerá-los quem pode? O musgo humilde
Dá calor aos lapões, e aos ¹³² renas pasto;
Abriga os ovos que a avezinha aquece,
Dele o esquilo veloz compõe seu berço.
Ao musgo cores mil se devem novas,
E até faíscas de inocente fogo.
Na mádida espessura, anunciando
Subterrâneos cristais, não mente o musgo.
Lá no monte, no outeiro as débeis ervas
Reparam-lhe as ruínas, lá suspendem
Pulverulentas nuvens, e as areias,
E os mil fragmentos, que assanhado Bóreas
Alça, varrendo os ressequidos campos,
E em remoinho arroja em torno às serras.
No côncavo das rochas e em seus flancos,
Dos ventos apesar, sustêm-se restos,
Que inumeráveis germes apascentam.
Corre gentil verdor por toda a parte,
E a floresta, os vapores atraindo,
Faz dos cabeços borbulhar correntes.

Dos vegetais a graça, o gosto deles
Servido sempre tem de molde às artes.
Viu-se, imitando-os, o pincel mimoso
As cores variar num mesmo quadro.
Do vosso, ó campos, atilado esmalte
As roupas divinais bordou Minerva.
Dextra sabida no macio adorno
Ergue o jasmim, desabotoa a rosa.
Entalha-os o cinzel té sobre as c'roas,
E colunas o acanto aformoseia.

¹³² Sic.

Nas flores, ah! que amável monumento
Tem achado altos dons, altas virtudes!
Que erguidos nomes sorveria o Letes,
Se as plantas seu louvor não consagrassem!
Absorvem-se os tesouros, vão-se as forças;
O que o homem constrói abate a Sorte,
Té na frente dos reis imprime ultrajes,
Os palácios derruba e prostra os bronzes;
Mais estável que o mármore, e que o ferro,
Nutre seu nome a planta, e doma os Fados;
É vivente inscrição, que se renova
Em cada primavera, em cada inverno.

Mas de sempre viver qual foi tégora
Mais digno do que o teu, Lineu ¹³³, qual nome?
Vieste, e veio a ordem. Luz brilhante
Dourou rapidamente a Natureza:
Dos vários minerais o leite escuro,
Dos ares o ágil filho, o filho d'água,
A linhagem de abril: tudo notaste,
E, tudo conhecendo, ensinas tudo ¹³⁴.

CANTO III

Quando medindo pela noite o dia,
Nos céus a Libra assoma, o fresco outono
Toma, de uvas e pâmpanos c'roado,
O cetro dos vergéis da mão do estio:
Brincões, prazeres, abundância, risos
Pregoam a estação formosa e leda.
Povo, a que alegre o Marna os campos banha,

¹³³ Carlos Lineu (Råshult, 1707-Uppsala, Suécia, 1778), notável botânico e zoólogo.

¹³⁴ Segue-se uma nomenclatura das plantas mencionadas neste canto.

E vós da Costa de Ouro habitadores,
Os tonéis apertai ao som do malho;
Em seu convexo bojo os arcos se unam.
Vossos tesouros nas adegas surgem,
E a rubente vindima escuma, ferve.

Eu, que à sombra dos bosques vou no rasto
Do bom Vertumno e campesinos deuses,
Em não remota paz esperançado,
Para cantá-los encordo a lira.
Junto às que o prado enfeitam, flores novas,
Sementes madurar-se eu vi risonho.
Umam voam sem risco, e lá debaixo
Ficam das ervas, e a seu tempo brotam:
Arbustos sem cultura assim renascem,
E Cíbele ¹³⁵ amplifica o verde ornato;
Outras, se em dirigi-las não cuidamos,
Caem, morrem. Tais os grãos que, esquece o rico,
Se o pobre os não colhesse, em poucos dias
Corruptos jazeriam sobre a Terra.
Maternamente Natureza rege
As várias plantas, que espontânea cria.
É do homem ao suor propícia menos.
Se descansar o arado, em breve os trigos
Deixarão de reinar nos úteis sulcos.
O pontiagudo cardo ali revive,
Recupera a bardana o senhorio,
E os engos das planícies tomam posse.

Caminhe-se inda mais à Natureza,
Erga-se o véu que seus mistérios cobre.
Vejamos, pois, com que saber, com que arte
A semente nas flores afeiçoa.

¹³⁵ Deusa da Frígia, a «Grande Mãe dos Deuses».

Alta Mão, que extraiu de sono antigo
Germes, na antiga Noite semimortos,
E que a forma lhes deu, e a leis constantes
Tudo enfim sotopôs, o Deus, quis logo
A Terra povoar, nascida apenas.
Disse, e o fulvo leão rugiu nos ermos,
E ao Sol, ao raio as águias se afoitaram;
O homem alçou depois a face augusta;
Mas inda os vales nus, e nus os montes,
Não presentavam mais que um lodo estéril.
À Voz Omnipotente, adorno imenso
Envolve a superfície à Natureza;
Deus manda à Terra que ministre sempre
A seus habitadores frutos vários,
E que, em reproduzir-se a planta exata,
Feche em seus mimos as sementes suas.
Assim lírio fastoso e relva humilde
Órgãos pasmosos co'a existência houveram.
Lá no centro da flor subtis colunas
Vibram da sumidade um pó fecundo;
Tais átomos no ovário se desparzem,
Por ocultos canais ao fundo chegam,
Levam de cavidade em cavidade
À semente o calor, o alento, a vida.
Murcha-se desde então, morre a corola,
E é dado aos olhos ver semente ou fruto.

Estas c'roadas plantas todavia
Nos mesmos sítios existir não podem:
Uma deve habitar sedentos cumes,
Outra de um lago as ensopadas margens.
Nos vários sítios a semente é vária;
Aquela, que no monte os Sóis maduram,
Rival das aves, como as aves gosta
Não pouco de adejar num cerro e noutro:
Móveis penachos tem para elevar-se,
Plumoso martinete, ou asas leves.

Tal, preenhe de ar subtil, globo engenhoso
Com graça balanceia e sobe ao Polo.
Exércitos domina em voo altivo
Gira por cima de assustadas torres,
Desmancha os planos de inimigo arteiro,
Segue os seus movimentos, vê seus passos;
Guia o valor francês, e a dúbia palma
Nos campos de Fleurus por ele arreiga.

Flores, que a margens prende a Natureza,
Tem batéis que a semente lhe transportem.
Véu longo às virações uma presenta,
E dos lagos discorre o mudo espaço;
Do remo outra se ajuda, e voga, e segue
Do rio os torricolos. No oceano
Estas flutuam vegetais esquadras,
Vingam, sem guia, imensos intervalos,
Enriquecem, passando, estéreis praias,
Vão ter ao fim do mundo, e tomam terra.
O mar não temas que as penetre, e vibre
Golpe mortal aos clausurados germes;
Coseu arte divina as tábuas todas
Dos virentes baixéis, e a Natureza
Cem vezes, por tolher o ingresso às águas,
De cera pegajosa ungi-los soube.
Assim da cereira os frutos nadam,
Dos dons d'abelha suplemento amável;
E assim mil vegetais, que vê nas ondas
Correr o bem-fadado americano.

Sábios filhos de Pen, em paz dourada
Favores alongai de pingue terra.
Nas verdes margens das correntes vossas,
Nos montes, que os limites vos abraçam,
Frutos colhei, que sem ser vistos caem,
E que roga, talvez, nossa exigência.
Já vossos estelíferos ásteres,

Orlam nossos jardins; dos cedros vossos
À sombra vossas leis cá meditamos,
E de lá tantas árvores trazemos,
Que, abrigado o francês da copa estranha,
Quase não sabe que hemisfério habita.

Mas por entre estes hóspedes viçosos
Ano vindouro meus trabalhos toquem.
Os bolbos, que na estufa repousavam,
Tornar às hortas, espertando, anelam.
Desta vontade intérprete aos teus olhos,
As folhas alongando, eis enverdecem.
Não se espere a internada. Assim que os tordos
Atentas ninfas na floresta encantem,
Toma luzente ferro, e desde a aurora
Prepara às flores subterrâneo berço;
Lá dóceis ao cordel, dispõe por classes
Curvo narciso, e tulipa orgulhosa,
E o junquilha fragrante, e a flor suave,
Que do moço jacinto a morte afirma.
Delas outrora o batavo atraído,
De teatro em teatro ia admirá-las;
Dando por simples flor punhados de ouro,
Daquela frágil posse alardeava.

Tais, não longe do Euxino ¹³⁶ e contra o Phases,
O Cáucaso, em tropel, eunucos cercam;
Regateiam com ouro a formosura,
Bem que perde o valor quando é comprado.
Mimosa escrava, destinada aos gostos
Do sultão, que não viu, ai! suspirando,
Suspirando vamente, a Pátria deixa,
Que a ver não tornará, por mais que chore.

¹³⁶ O Mar Negro, situado entre a Europa, a Anatólia e o Cáucaso.

Do Mérito modesto emblema grato,
A hortaliça também careia os olhos.
Dos bens, que ela redobra e que varia,
O contente caseiro ao peso verga.
Cuidando a terra em premiar-lhe as lidas,
Lhe entrega frutos mil por mil sementes;
E a árvore às vezes em seus dons gostosos
Da sua primavera iguala as flores.
De um vão melindre há pouco o vate escravo,
Nas hortas, nos pomares tropeçava;
Só vinha no estudado circunlóquio
O trepador feijão, pegado ao ramo;
A dourada cenoura, a ruiva celga,
Gostos peitando, ouvidos ofendiam.
Tal delírio voou, e a crespa couve,
Alarde de Milão, redonda e bela,
Já ousa aparecer, sem desluzi-los,
Nos sons cadentes da campestre musa.

Suco havendo melhor por arte minha,
Talvez mais belo te alvejara o aipo,
Mais belo fora o cerefolho, a azeda,
A salsa, verdejante ao pé das águas;
E, lá nos sóis de inverno, a tenra alface,
De um muro ao longo os ares insultando,
Iria na florente primavera
Seu tributo pagar, e ornar-te a mesa;
Mas não tento em meus versos dizer tudo:
É de sobejo que entre dons tão vários
D'aprazível pintura encontre objeto.
Discorro aqui e ali, sou como a abelha.
Ora entre cravos, e jasmims, e rosas
A pompa dos jardins cantar me agrada;
Ora, nativas graças preferindo,
Folgo em veredas de copados bosques.

Retiros demandemos que a arte ignora;
Guiados por Bulliard, ali se busquem
Aqueles vegetais sem flor, sem rama,
Estirpe do rocio ou da procela,
Fugazes rebentões que num só dia
Não raras vezes nascem, crescem, morrem.
Com que insignes feições os assinala
A mão da Natureza entre a verdura!
Que míngua é neles carecer de flores,
Se das flores têm cor, perfume e graça?
Dos cerros no pendor sente-se a rosa ¹³⁷.
Desces às margens de sereno arroio?
Tens na cortiça de húmido salgueiro ¹³⁸
O lustre do marfim, do anis ¹³⁹ o cheiro.
Cobertos de erva os cogumelos brotam,
E ergue o agárico pavilhões ufanos.

Querido de Lieu ¹⁴⁰ e odioso a Ceres,
Nos alqueives também floresce o feto.
Dele, abaixo da folha, eu te apontara
Presa semente em amorosas pregas;
Porém, tremendo estrondo atoa os ares,
E as ondas tumultua o Sul revolto.
Ronca o pélagos ao longe, as crespas vagas
Nas escumosas praias esbravejam.
Vamos: agora o túrgido oceano
Cospe os haveres seus às margens vastas.
Quem pelo equóreo bojo entrar pudera,
Seus profundos milagres quem tocara,
Se das vedadas, invisíveis grutas
A mão do remoinho os não roubasse?

¹³⁷ Nota do autor: «O agárico comestível.»

¹³⁸ Nota do autor: «A cilercoa cheirosa.»

¹³⁹ Nota do autor: «Erva-doce, vulgar licor de anis, etc.»

¹⁴⁰ Baco ou Dioniso.

Vê compridos listões sobre as areias,
Vê relva que as Nereidas já trilharam,
Vê porção desses bosques, onde o peixe
De monstro devorante ilude a fome.
És mãe de cada espécie, ó Natureza,
Nenhuma se aniquila: o fraco evita,
Escudado de ardis, com mil rodeios,
Encontro desigual, êxito infausto.
Destas plantas marítimas grã parte
Subsiste sem raiz, sem luz vegeta;
Outras, do fundo erguendo-se, flutuam
Dos ventos a sabor na tona d'água;
Três pinhos, cuja fronte as nuvens fende,
A incógnita grandeza não lhe igualam.

O mar deixemos. No Oriente se abre
Espetáculo novo. Ó Fantasia,
Fada ligeira, audaz! Desmanda os voos,
Este hemisfério corre. Encara, observa
Cidades da Germânia, e seus costumes;
Do Sárмата ¹⁴¹, ao passar, pranteia os Fados;
Transpõe o Tãnaís ¹⁴², formidável muro,
Mas que os Hunos horríficos venceram,
Quando tirano atroz ¹⁴³, dum deus flagelo,
Veio esmagar de Europa os tristes filhos.
Vê sobre as margens, que fecunda o Volga,
Rescendentes melões sorver-lhe as águas.
Reconhece em Tangu potentes ervas ¹⁴⁴,
Que da sófrega Morte a foíce embotam;
Prossegue, e, costeando a longa China,
No próximo terreno abate as asas.

¹⁴¹ Os Sármatas eram um povo que vivia, segundo Heródoto, junto da Cítia.

¹⁴² Deus-rio da Cítia, filho de Oceano e de Tétis. Don é o seu nome atual.

¹⁴³ Átila, rei dos Hunos entre 434 e 453, cujo epíteto era «O Flagelo de Deus».

¹⁴⁴ Nota do autor: «Ruibarbo».

A senha deu-se. Com pendões diversos
Mortais dez vezes mil eis trepam montes.
Não é para esparzir com mão cruenta
De lugar em lugar o horror da guerra.
Também não palpites, Orfeus dos bosques:
Não há de Eco aprender gemidos vossos.
Co' a linda prole, co' as esposas lindas,
Podeis, livres, errar nos vossos montes.
Este exército novo a paz cultiva,
Uma planta, não mais, nas selvas busca.
Em borda de profunda ribanceira,
Ao pé de rochas, que ameaçam queda,
Junto a cavernas, em fragosas brenhas,
É lá que aos olhos o ginsão se oferta;
Odeia a luz: a flor só abre, e pouco,
Se a patrocina e cobre árvore espessa.
Do princípio do outono ao fim do inverno,
Nos agros climas a incansável turba
Desencanta os tesouros, filhos do ermo,
E entre os Favónios vem, pesada, ovante.

Seu atavio as árvores mudaram.
Parando na carreira o vago suco,
Da púrpura mais viva as folhas cora,
E de um ouro brilhante esmalta os bosques,
Crê-se, no alto das serras vendo o bordo,
Que de raios o doura um Sol fulgente.
Este esplendor, contudo, e rico adorno,
Ó primavera, teu verdor não valem:
Génio, dado à tristeza, observa neles
Não tarda ausência de amorosos dias.
Vai tu onde vapores, serpeando,
O passo das correntes arremedam.
Lá o ano, declinante, inda tem flores,
Mas os golpes do frio a cor lhe empanam.
Sobe à colina, onde tardias plantas
Curvam, tremendo, as pávidas umbelas;

A enlutada saudade ali se of'rece:
Eis a mísero amante a flor mais grata.
Rochedos, solidões, como ele, estima,
Às tormentas, como ele, exposta vive.
Ah! se um ferrenho arbítrio, amada Elisa,
Se teu rígido pai nos dividisse,
Se onde agora a gemente ave das trevas,
Solitária, sem luz, difunde agouros,
As tranças te encobrisse o véu sagrado;
Se voz terrível te arrancasse um voto...
Tremo, e dos olhos me escorra o pranto.
Não: meus males, meus ais levando às fragas,
Não me ouvira ninguém co'a história deles
Os penedos cansar, cansar os ecos:
Fora meu sangue nesse negro dia
Tingir dos muros teus a férrea porta.
Tu vives, bela, e para mim tu vives!
Da mais santa união delícias gostas.
Tu amas, como eu amo, a paz dos campos,
Anda sempre comigo a imagem tua.
Se entre os objetos em que ponho a vista
Credores de aprazer-te alguns contemplo,
Já corro a dar-tos, e as belezas deles
Com ligeiro pincel n'alma te imprimo.

Não vês a chusma dos aéreos povos,
Já prontos a fugir de nossas plagas?
São Pomona e Vertumno os que lhe regram
Ausência, que te espanta. Assim que Febo
Por mão das estações, sobre os caminhos
Lhe apercebeu festins, se afastam logo
Das ribas africanas, e endereçam
Rapidamente para o norte o voo.
Mas depois de exaurir, de clima em clima,
Dispostos armazéns da Natureza,
Chamam-se mutuamente, unem-se as tribos,
Vão-se em amiga tarde, e voltam juntas

Ao Equador, onde mais férteis campos
Novas messes luzir, vingar já viram.
Inda com asa tímida, os filhinhos
Não sabem a que parte as mães os guiam;
Mas nos frios do outono, e tez estranha
Com que ele matizou verdura e flores,
Desconhecendo já propício bosque,
Onde por entre os Zéfiros brincavam,
Suspirando em segredo um ar mais doce,
Seu berço desamparam sem queixume.

Tanto que os vê partir, cuida Pomona
Em saciar do agrícola esperanças.
Já do ramo abanado os frutos chovem,
Já surge no lagar montão vermelho,
As cubas, os tonéis e a mó pesada,
Que cheirosa colheita em giro oprime.

Porque, o pátrio carácter esquecendo,
O do néctar de aí fautor brilhante,
Co'a sátira manchou licor celeste,
Que tão mal conhecia! Exalte, embora,
Seus cachos belos e os mimosos travos,
Que ao olfato anuncia um brando fumo:
Mas, filho da maçã, tu foste outrora
Quem o esforço avivou do audaz Normando ¹⁴⁵,
Cujo braço indomável a seu jugo
Fez curvar Álbion cerviz indócil.
Aceso no teu fogo, o Pai da Cena ¹⁴⁶
Melpómene da Grécia à Gália trouxe,
Roma ressuscitou e ergueu da Morte
Tão grandes seus heróis como eles foram.

¹⁴⁵ Guilherme II, que levou a cabo, em 1066, a conquista da Inglaterra (Álbion).

¹⁴⁶ Nota do autor: «Corneille.»

Nas encantadas mesas cintilando,
Unes ao áureo lustre argêntea espuma,
A Febre, que nos vinhos mais se inflama,
Vê-te a face divina, e cede a presa.
A mãe, que te produz, nem sempre ocupa
Em roda ao frágil tronco as mãos cultoras:
Ela é bastante a si, seus ramos sabem
Dar mil frutos, e mil, sem desvelar-nos.
É a amiga de Ceres: dela à sombra
As chuvas, os tufões despreza o trigo,
E sobre um campo só dobradas messes
O alimento nos dão junto à bebida.
Salve, planta louçã, que a Nêustria ¹⁴⁷ enramas,
Licores teus, da minha Pátria néctar,
Se de émulo desdouro os hei vingado,
Minha empresa com glória ao fim dirijam.

De relíquias das folhas arrancadas
Já diviso alastrado o chão dos bosques.
Do seio dos paus sai a humidade,
E rebanhando as névoas, os vapores,
Pelos campos estende imensa nuvem,
Do Sol consolador a imagem vela.
Chorando a Terra em vão, lhe implora os lumes
Para a tarda semente e fruto ignavo.
Não madurecem; podridão maligna
Com seu bafo letal tudo inficiona.
Até nos ramos, de que pende o fruto,
O enxovalha, o destrói Celeno ¹⁴⁸ imunda,
Ou, soprando a semente estanciada,
A corrompe inda em leite, e mole, e em meio.

¹⁴⁷ Território que corresponde, atualmente, a parte do norte da França.

¹⁴⁸ Uma das três Harpias.

Natureza este mal sacode às vezes;
Abrilantados céus, calor macio,
Ar puro, que os Favónios embalancem,
Valem à flor, o império lhe dilatam,
E nos vermelhos campos nos figuram
Da leve primavera o riso, o esmalte.

Também não temos visto acesa a Terra,
Se no outono falece orvalho e chuva?
Vapores, cor da noite, o céu toldavam,
Quase apagado o Sol, pintava aos olhos
Orbe sanguíneo, carrancuda imagem.
Escumava na areia o pego envolto,
Crebro trovão bramia, e por mais susto,
Por mais horror, em negreando as sombras,
O terrível cometa, o meteoro
Agitavam no Polo as ígneas caudas.
Nisto Ibéria temeu, temeu Germânia
De inevitável mal o escuro agouro:
Eis que do estrago teu na voz da Fama,
Ó Calábria infeliz, o anúncio veio.

Nas tórridas cavernas o Vesúvio
Entra a ferver, com hórridos bramidos.
Ergue torres de fumo, as lavas solta,
Que no troante bojo incendiara.
Rompem, zunindo, e dos trementes cumes
Em colunas de fogo eis se arremessam.
Rochas fundidas, subterrâneos raios
Cruzam-se no ar e as nuvens avermelham;
Em feia aluvião, betume, enxofre
Se enovelam no monte, o sulcam todo,
Correm aos vales côncavos e antolham
Dos rios infernais a horrenda imagem.

Pelo idoso arvoredado o incêndio lavra.
Fugindo os brutos por ignotas sendas,
Recuam de uma, de outra; em toda a parte
Os acossa, ou rebate a Morte em chamas.

Longe das lavas, e abrasados tetos
Os habitantes pálidos vagueiam:
Sustendo o esposo a lânguida consorte,
Do velho curvo o trôpego meneio,
A mãe, que ao triste fim roubar presume
Seu tenro, e só penhor, que tem nos braços:
Tudo é lúgubre, é vão. Sanhudas vagas
Desolados confins transpõem, bramando;
Tremeu nos alicerces o Apenino;
Fumegantes abismos abre a Terra,
Muralhas, torreões alui, abate,
E nas rotas entranhas os sepulta.

Talvez enternecido ache o vindouro
Debaixo de ruínas espantosas,
Templos, cidades, pórticos, palácios,
Das artes nossas monumento honroso.
Assim aos muros que Hércules erguera,
Por desventura igual outrora absortos,
Vamos hoje admirar soberbo estrago,
Cavar da Antiguidade as doutas minas.

Que será desses tristes que escaparam,
Por descuido da Sorte, ao caso infando?
De cinzas e de pedras ígnea chuva
Cobre todo o país de fogo e fumo.
O aflito lavrador n'aldeia acesa
Viu devorar-lhe os pães a labareda.
Inda no estéril campo em vão procura
Os bois, sócios fiéis de seus trabalhos;
Nunca mais os verá com dócil colo

Por calcinado chão levar o arado:
Regresso já não tem, nem a esperança.
Ai! com que há de alentar a esposa, os filhos?
Sacudir a azinheira irá nas selvas?
Como, se tudo as Fúrias golpearam?
Té nas raízes os carvalhos secos,
A ruína horrendíssima propagam.

Em meio dos sepulcros, fogos, lavas,
Surge a Fome, e, arrastando as rotas vestes,
Gira cidades, atravessa aldeias.
Primeiro exerce a raiva em teto humilde,
Por marmóreos degraus depois subindo,
Mete em lares dourados a indigência.

Vós, cenhosas Euménides ¹⁴⁹, entanto
Soprais daqui, dali mortal peçonha.
O mal se multiplica, e são do ataque
Longas sufocações sinal medonho.
Hálito ardente, na segunda aurora,
Dos queimados pulmões a custo escapa.
Range co'a tosse a máquina abatida,
O humor não quer sair, impugna esforços;
Tumultuosa flama o rosto acende;
Mal o giro do sangue os pulsos mostram,
O véu mais transparente é férreo peso;
Aguda ponta o cérebro trespassa.
Some-se a voz, gravame insuportável
Esmaga o coração. Depois da noite,
Da triste noite, que nas ânsias cresce,
Enferruja-se a língua, a tez desbota.
Atenta mudo Hipócrates na face
O presságio fatal do ponto extremo.

¹⁴⁹ *Vd.* nota da p. 25.

A Esperança voou. O enfermo ansioso
Já nem conhece a voz da esposa em prantos.
Abrasado co'a febre e delirante,
Se crê na solidão de ardente serra,
Suspense em negro abismo, e se arrepia,
Coos olhos a medir a altura imensa:
O cimo do vulcão vê despenhar-se,
E súbito à voragem vai com ele.
Também se lhe levanta o chão que pisa:
Treme, abre-se, e ao abrir vomita o raio.
Sucede à comoção mortal espasmo,
Gelado pára o sangue, e os débeis olhos
Para sempre abotoa a mão da Morte,
Antes de rematar-se o quarto dia.

Céus! Quem conhecerá tão férteis campos!
Faustas cidades, prósperas aldeias,
Casais, cingidos de florentes bosques
O absorto passageiro embelezavam.
Duas vezes no outeiro as ovelhinhas
Eram mães, na planície vezes duas
Vingava a messe: ali maná corria,
E o cultor com seus frutos não podia.
Os filhos da Abundância — Amor e Gosto —
Regiam cantos, animavam danças.
Só versos pastoris Eco sabia;
Vinham dentre o penedo a vide, o cacho,
Os jasmims em abóbadas, e os louros
Coas sombras os caminhos perfumavam:
Era um amplo jardim, onde mil fontes
Vertiam fresquidão por toda a parte.

Que inopinado horror! Que cenas tristes!
Ondas sulfúreas, fêrvidas areias,
Os flagelos do Céu, do Inferno as chamas,
Tornam vasto sepulcro estes Elísios.

CANTO IV

Vestindo nuvens o rugoso inverno,
A devastar começa os turvos ares;
Desfaz das três irmãs ¹⁵⁰ lavor prestante,
E, rugindo, amontoa o gelo, a neve.
Param cantos: Amor lhe esquiva os sopros.
Aos sons do rouxinol, aos sons da flauta
Sucede a fúria de escumosas cheias,
E o rebombo dos Áquilos ¹⁵¹ potentes.

Sustém meu voo, ó musa, entre as procelas;
Não mais nos hão de ornar jasmims e rosas.
Jaz deserto o jardim, jaz murcho o bosque;
Pelos campos Éolo esparze as folhas.
Ah! Tu me ensina, que razão pasmosa
Esvaece o matiz da Natureza,
A despe, e n'alta máquina agrilhoa
Espíritos que as molas lhe regiam.
De dádivas do Céu nascendo rica,
Da vida inclui a Terra os germes todos.
Nela os sucos estão que ao Polo a coma
De teus cedros, ó Líbano, agigantam,
E nela as seivas, a que as várzeas devem
Lourejante seara e verde relva.
Mas estes germes, sem vigor dispersos,
Pedem vivo calor, para brotarem.
O deus das estações, da Terra esposo,
A necessária flama lhe insinua;
O Universo aplaudiu dos dois o laço,
De amor e de alegria estremecendo,

¹⁵⁰ As Graças.

¹⁵¹ O vento do Norte.

Quando, espriado o Sol, vestiu de luzes,
E de glória celeste a leda noiva.
Cada vez que, a seu carro avizinhada,
Beber-lhe os raios amorosos pode,
De opulento verdor se aformoseia,
E a fecundante força espalha em tudo.
Mas quando lei fatal de férrea Sorte
Deste centro divino a põe distante,
Robustez, formosura a desamparam,
Murcha-lhe a c'roa, amarelece a fronte:
Do norte os filhos, a que o Sol triunfante
Co'a presença radiosa impôs silêncio,
Desmandam-se em tufões, de nuvens cingem,
Carregam de regelo a Terra ansiosa,
E, como em sepultura, escondem nela
Plantas, que em tempo mais feliz a ornavam.
Longe dos falsos bens, que enjeita o sábio,
Tu, ditoso cultor de parca herança,
Coòs vimes dobradiços vem depressa
O arbusto, que vacila, atar aos muros.
Proveitoso rigor de curvo ferro
Talhe ramo importuno, ou ramo estéril.
Cesse aqui teu desvelo. Enquanto à roda
Bravios furacões tempestear,em,
Tranquilo, junto ao lar, campestre, escuso,
Do Pórtico às lições darás ouvidos;
Canto repetirás dos génios grandes,
Associando ao seu talvez teu estro.
Ó vós, de Febo alunos! Inspirai-me
Nas ermas noites, e guiai meus voos;
Asas, asas de fogo a vós me elevem,
Longe da Morte avara, e tu, Silêncio,
Amigo das sublimes fantasias,
Rumor insano e vão de mim remove,
E enfadosos semblantes, e ocas frases,
Que a santa embriaguez nos interrompem.
Vigia os lares meus; só entre neles

O puro amigo, o coração lavado,
Que sonda as altas leis da Natureza,
E às vezes, arrancando-me ao retiro,
Me ensina a deslindar belezas tantas
Sumidas em ruínas aparentes.

Se risonho te é Pluto, a rica planta,
Que do Hespério jardim roubou Alcides ¹⁵²,
Longe do norte, em pórtico fastoso,
Ser-te-á corte magnífica, de inverno.
Entre os outros metais qual brilha o ouro,
Tal brilha a laranjeira entre os arbustos.
Só, em cada estação, só ela of'rece
Fruto verde e maduro, a flor e a folha.
Nem o âmbar, que nas ondas se acrisola,
Nem o mirto, que Amor de Pafos ¹⁵³ trouxe,
Nem da rósea manhã suave alento,
Chegam da planta de Héspero aos aromas.
Vê (sem nunca alterar-se) os pais e os filhos
Branquejar, sucumbir da idade ao peso;
E tal (que inda hoje admira em si Versalhes)
Viu de reis doze os funerais soberbos.

Não longe do lugar que lhes destinam,
Nos transparentes muros vítreo templo
Aos olhos congregadas apresente
Do Indo e do Níger as colónias verdes.
Nascendo bafejada de ar mais grato,
Precisam entre nós de ti, Vulcano,
Morrerem sem ti. Seu domicílio
Aqueçam dia e noite acesos vasos;
Em roda se lhe estendam longos tubos,

¹⁵² Hércules ou, na mitologia latina, Hércules.

¹⁵³ Cidade de Chipre, consagrada a Afrodite (Vénus).

E sempre igual calor na estância dure.
Assim, té quando as terras ermas, frias
De alcatifas de gelo estão cobertas,
Brindam-te arbustos mil num curto espaço
O aroma, o brilho da estação fagueira.
Da Natureza e arte eis o palácio;
A escultura to adorne, ousa invocá-la.
Ásia em roupas talaes nos alegra,
Co'a pérola e rubi, que a fronte lhe orlam,
Ao pé da bananeira umbrosa, e sua.
África azevichada, um tanto agreste,
Risonha, quase nua, orne a paragem,
Onde lhe hás posto inúmeras vergôntas.
Mas verdura, mormente, o sítio abaste,
Flores seu atavio e frutos sejam:
Venham cumprir-te as leis dos fins da Terra
Ervas da Paraguai ¹⁵⁴, chinasas folhas,
O c'roado ananás, beijoim de Líbia,
O cravo, a quina, o bálsamo de Arábia,
E árvore, cujo suco inestimável
Mítiga os numes, perfumando as aras.
A este povo estranho a vide unida,
Pelos muros serpeja, envolta em cachos.
O encarnado morango a mãe recama;
No rigor invernal se tinge a rosa;
Entanto, sem cessar, goteia e neva.
Contrária multidão, que instigam fomes,
Entrar procura na cheirosa estância.
Pelos muros lhe sobe, ou lhe anda em torno,
Põe-se ao pé donde os frutos purpleiam,
E co'os olhos devora o tronco ausente.
Mas nas margens do Obi, lá onde acaba,
São baldado socorro estufa e lumes.

¹⁵⁴ Nota de Bocage: «No Brasil congonha.»

Árvore ali não cresce, ou quando cresça
(Mau grado a Bóreas) bétula, salgueiro,
Apenas seus humildes, moles troncos
De nossos juncos a grandeza igualam.
Seis meses sofre o Sol que reinem sombras,
Seis meses turvo dia ali vislumbra.
Há sempre agudo vento, e gelo agudo,
Que debaixo dos pés firme ressoa;
E o mudo povo, na prisão coalhada,
Não tem para volver-se espaço livre.
A neve em turbilhões, que rola o vento,
Se eleva sem medida, atulha os vales.
O alce, de lígnea fonte, indo à carreira,
Cai de repente, e encrava-se no abismo:
Luta o mísero em vão, que o duro inverno
No alvejante sepulcro o enterra vivo.
Crespa de escarchas, sacudindo a testa,
O urso brama e, cedendo às tempestades,
Busca por entre neves, passo a passo,
Gruta cavada pelas mãos do Tempo;
Nela se entranha e, solitário, oculto,
Enquanto o inverno dura, está sem pasto.

Subamos essas penhas, de ermos cumes,
Que, arremetendo ao Polo, o mundo cingem.
Teus olhos solta pelo mar terrível,
Que, espumoso a teus pés, trovões semelha;
Lá onde a Confusão, do Caos filha,
O Império exerce, atormentando as ondas.
Escolhos de alta neve aqui deslumbram,
Além montes de gelo escalam nuvens.
Ruge a borrasca, a topetar com eles,
E em pedaços no abismo ao longe os lança.
Má sorte a do baixel que então se afoite
Àquela matadora, horrível plaga!
Ora a corrente em rochas o arremessa,
E co'as vagas a morte o bojo lhe entra;

Ora, qual ferro, a superfície imóvel,
Forja ao lenho infeliz grillhões de gelo.
Da praia ao longo, os monstros dos desertos,
Os ares com bramidos amedrontam.
Das sombras através o vento, os Ecos
Levam tão negros sons ao triste nauta,
E acabam de abatê-lo, antecipando
No murcho coração o horror da morte:
A tudo o que lhe é caro, a alma lhe voa.

Tais p'rigos vezes três domou teu génio,
Cook! Longe de Álbion ¹⁵⁵, da paz co'a planta,
Demandando outros climas, outras gentes,
Do sul ao norte dividindo as ondas,
Correste o mundo, o mundo acrescentaste!
Primeiro que ninguém no audaz teu voo
Do meio-dia rodeaste o Polo,
Montões seguiste de espantosos gelos,
Por entre as fendas formidáveis foste,
Com firme coração, no férreo trono
O inverno mais sanhudo interrogaste.
Lá vivente nenhum teus olhos toca,
Maciça imensidade, horror é tudo.
Ave romper não ousa aqueles ares:
Só nos confins dos hórridos desertos,
Só lúgubres petréis ¹⁵⁶, entre as procelas
O clamor desabrido às vezes soltam.

Mas que plagas a paz não formoseia!
Em ilha onde os invernos se encrucem,
Um povo de animais of'rece ainda
A bonançosa imagem da ventura.

¹⁵⁵ Designação antiga e poética da Grã-Bretanha, terra natal do navegador James Cook.

¹⁵⁶ Aves palmípedes.

Verdes leivas subtis, que às margens crescem,
Os leões de Anfitrite ¹⁵⁷ ali convidam;
Moram na costa; e no interior da ilha
De ursos marinhos multidão repousa,
Enquanto os pinguins, de asa pendente,
Na areia movediça os ninhos cavam.
Buscam-se mutuamente, ou se desviam,
Todos sem medo, sem malícia todos.
Dir-se-ia que, os temores desterrando,
Um tratado a colónia fraterniza.
Té dos ares o rei, depondo a sanha,
À lei comum seu ânimo conforma:
Pousa em rochas, e em torno as aves brincam,
Sem temer-lhe o relâmpago dos olhos.

Ah! Num próspero clima, entre abundâncias
O homem guerra imortal declara ao homem!
Rouba insânia de Marte o campo a Ceres,
Sanguento, férreo globo os sulcos traça.
Tormentas a tormentas agregando,
O homem leva consigo ao mar mil mortes;
Do raio em suas mãos a fúria passas,
Fogo conservador, mimo dos deuses.
Ícaro novo, enfim, lá dentre as nuvens
Aos combates preside, estragos dita.
Cidades a Ambição além devora,
Cá o Interesse, afeito a vis cruezas;
Cem formas, gestos, vozes toma o Crime;
A Discórdia triunfa, e sobre montes
De irmãos, a que os irmãos despedaçaram,
Ri dos que vivem, ri dos que morreram.
Da desventura assim a espécie humana
(Cheias por ela mesma) exaure as taças.

¹⁵⁷ A rainha do Mar, uma das Nereides, mulher de Posídon (Neptuno).

Do globo mais de um terço entanto é cinza,
E de áureas messes a beleza ignora:
Nenhum campo vê bois levando à granja
Quantas espigas ministrar lhe é dado.
Povo nenhum conhece os dons de preço,
Que Jove semeou por entre as selvas.
Fora melhor, mais sábios, mais humanos,
O habitante imitar de incultas costas,
Donde os olhos ao mar veem superiores
Novo hemisfério dilatar seus ermos!
Lê pela Natureza, estuda alegre
Os caros vegetais da Pátria sua,
E manda aos netos seus, de Idade a Idade,
Seu nome, seu caráter e atributos.

Cruentos europeus, das ímpias guerras
O trágico delírio enfim se abjure.
Se a paz ao coração vos é pesada,
Altercai sobre os bens, prazer, ventura:
Políticos debates estes sejam.
Antigos elementos decompondo,
A Químia ¹⁵⁸ p'ra vós soprou forninhos,
E revelar-vos quer prodígios novos;
Para vós a Poesia, a doce maga,
O Permissão abrangueu de mirto e louro;
As musas, com fervor de saciar-vos,
Sempre a nobres prazeres vos convidam.
Da fantasia aos olhos quanto ofertam
Harmonia dos Céus e majestade!
Quem, quem figura os êxtases sublimes
De alma, que, longe dos terrestres corpos,
Segue na imensa Esfera as ígneas massas,
Distâncias lhe calcula, e mede os vultos,

¹⁵⁸ Em vez de «Química», para não ferir a métrica.

Mútua atração no moto lhes contempla,
Acha, com Herschel, não sabidos astros,
E farta, e cega enfim de glória tanta,
Vai repousar num deus o pensamento!
Se, frio em mim sobejamente o sangue,
Me não deixa emprender ¹⁵⁹ o etéreo voo,
Correntes seguirei, junto aos penedos
Do oculto rouxinol ouvindo os versos.
Murmurantes florestas, magas sombras,
Meus amores sereis, e objeto à musa.
Após noites de ferro, enregeladas,
Mádidos suis os campos embrandecem.
Esse uniforme alvor, que tapa os cerros,
Desata-se por graus, em rios corre,
E as águas da ribeira embaraçadas
A desfeita prisão, mugindo, rolam.
Mas o inverno inda é rei, e escravo o bosque;
Choras tua nudez, carvalho altivo;
Por entre a confusão se vê, contudo,
A espaços a verdura estar luzindo.

Salve, cor linda, inestimável sombra!
No luto imenso recreais meus olhos.
Quais os prazeres que a velhice afagam,
Dourais o horror do tenebroso inverno.
Meu ânimo espertai, inda medroso
Das estradas por onde o passo arrisco,
Dos gelos boreais, motim das ondas,
E do pesado, horrendo, austral negrume.

¹⁵⁹ Em vez de «emprender», por uma questão de métrica.

Que lei, que agente às árvores conserva,
A despeito do inverno, o vital suco?
Ao falto, humano siso a Natureza,
Em véu sombrio, estes mistérios furta.
Gozemos, basta. Mil arbustos novos,
Rivais tão gratos nos jardins de inverno,
Co'a bela forma, co'a imprevista graça
Disputam entre si qual mais encanta.
Todavia (di-lo-ei?) prefiro a eles
A hera de cem braços, quer circunde
Co'a verdura tenaz carvalho idoso,
Quer sobre muro, que sustente apenas,
Nos ares alongando a curva rama,
Forme, num globo espesso, abrigo às aves.
Ali, ao pôr do dia, o tordo, o melro
Vão convocando a pávida família,
Correm, gorjeiam, depenicam frutos,
E assemelham do outono os pretos bagos.

Quão doce é ao sair de chão lodoso
Vagar colinas, onde quebra o vento,
Do pinho em torno, que ressoa ao longe!
À sombra lá de abóbadas possantes,
Entre o tojo florido, um doce canto
Os sons da primavera of'rece às vezes.
A lóxia ali verás prender aos ramos,
E coò bico encruzado armar seu berço.
Recém-forrados os filhinhos brandos,
Às sombras maternais darão já graça,
E das aves o resto, apenas junto,
Inda seus ninhos não terá findado.
O inverno assim se adorna e desenruga;
Mas se a Terra escasseia estes favores,
Quantos em teus jardins arbustos verdes
Retêm das aves o inquieto enxame!
Cuida, pois, em juntar aos tristes carpes
O picante azevinho, o zimbro agudo;

Té a humilde giesta, adorno aos montes,
Campestres quadros a compor te ajuda.
Ela mesma, estreitando o frio a Terra,
Colheita é da perdiz, lhe acode e a nutre.

O álamo, d'água amigo, as aveleiras
E as bétulas, de Amor têm outras graças,
Tanto que Bóreas, entornando as neves,
O verdor lhes destrói da instável coma,
Abre a flor e, pendendo em ramalhetes,
Move os botões à discricção do vento.

Mas tu, filho do inverno, espesso musgo,
Presenta-te aos pincéis da musa minha.
De Aquário à urna exposto, entre as geadas,
Quando as mais flores morrem, tu renasces,
E então com tua fresca, igual verdura
Parece remoçar-se a Natureza.
Era em sondar os teus gentis mistérios
Que de Emílio o pintor, encanecendo,
Devia num sereno e doce estudo
Levar a solidão do inverno extremo.
Agora a fontinal o embelezara,
E algum dia talvez nos ensinasse
Com que arcano feliz tão débil folha
Da flama grassadora estragos veda:
Ora do licópódio os ramos vira,
Redes no bosque inúmeras tecendo,
Da frente, em ar de clava, um pó soltando,
Que brilha, que troveja, igual ao raio.
Mínimas tribos, povo impercetível,
Disperso em toda a parte, lhe mostrara
Espetáculo aos génios tão pasmoso
Como, ó Virgínia, teus aéreos pinhos,
Ou cedro que depois de mil invernos
C'roa o Líbano, o pai, co'as verdes sombras.
Soube que a Natureza inclui às vezes

Toda a sua grandeza em curto espaço;
Mas a inocentes fins obstou-lhe a Sorte.
No benigno lugar, onde em remanso
Do Universo e da glória ia esquecer-se,
Piedoso monumento as cinzas lhe honre.
Seja a Simplicidade a que o construa:
Ele, deusa modesta, ele te amava,
Tu só tens jus de vizinhar-lhe os Manes.
Das árvores da morte longe a sombra:
Selva queremos graciosa e fresca,
Que do amigo dos deuses cubra o sono.
A madressilva, grata às almas ternas,
Já brandamente o mausoléu lhe abraça,
Enquanto o lauro, dos engenhos c'roa,
Ergue a luzida, majestosa rama.
De choupos lá se alongue um bosque ameno.
Filhos dos ares, habitai-lhe a sombra;
Delícias do filósofo, avezinhas,
Esta selva também vos deva encantos;
Longe de olhos profanos, não de os vossos
Brincos, prazeres alegrar seus Manes.

Se o Fado, transcendendo-me a vontade,
Me houvera permitido amplas searas,
Espaçoso arvoredo e pingues pastos,
Em meus ledos jardins erguera estátuas
Daqueles que, privando co'as deidades,
Cantaram docemente a Natureza.
Hesíodo e Rosset, ambos teriam
Pela mão de Cíbele eterna palma.
Qual olmo, que a nível de si vê quase
Outro brilhar, subir, seu digno fruto,
Assim o grão Pastor da antiga Mântua ¹⁶⁰,

¹⁶⁰ O poeta latino Virgílio (70 a. C.-19 a. C.), autor de *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*.

A seu lado haveria o seu Delille.
Teócrito e Gessner co'a mole avena
Inda ao campestre baile os sons dariam;
Fora o bom La Fontaine olhar mil vezes;
E à musa tua, alto cantor dos meses,
Credora de outros tempos, de outros fados,
Lameda de ciprestes consagrara.
Crer-se-ia que Masson e que Marnésia
Minha fresca paisagem desenhavam.
Vaniere a meus vergéis sorrisos dera,
C'roara-se Rapin das flores minhas;
Entre bosque profético e torrentes,
Thompson criara os cânticos sublimes,
Bernis em laço amante unira as quadras,
E Saint-Lambert, sobre tapiz viçoso,
Com a Filosofia inspiradora
Nobre aos Grandes o arado apresentara.

Feliz quem logra tão brilhantes quadros,
Mais feliz quem sem fasto habita os campos,
E, pago das vigílias destes sábios,
Nas vivas obras suas os medita!
Não lhe voa o desejo além do vale,
Onde, nascente o Sol, seus lares doura,
Do jardim, que do monte águas amimam,
Nem do sombrio e próximo arvoredo.
Que pediria da cidade ao luxo?
Das primaveras viu beleza e pompa;
Viu aos celeiros favorável Ceres,
E com ditoso pé calcou vindimas.

Tem no inverno outros gostos. Furta aos gelos
Os frágeis atrativos das boninas,
Orna seu lar, de sombras se rodeia;
Atenta na campestre economia,
Doces cuidados, miudezas doces,
Se amor e apreço dois esposos ligam,

Com que olhos vê grandezas momentâneas,
E vãos prazeres e reais desgraças!
Nas ondas do Universo tormentoso
Dos mortais as relíquias observando,
Folga de haver neste comum naufrágio
Fiado o seu destino às mansas praias.

Para dourar seu ócio, vindo a noite,
Por Tournefort guiado, no aposento
Corre as ilhas da Grécia: aporta em Samos,
D'alta sabedoria antigo berço;
Olha de Minos ¹⁶¹ o afamado Império,
Do Cíntio os cumes, as florestas de Ida;
Recreiam-se co'as plantas de que Homero
Celebra nos seus cantos a virtude,
E à terra os mesmos numes arrancaram,
Para os heróis com elas guarecerem.

Aprazível filósofo e conviva,
Une os vizinhos seus à sóbria mesa;
Voluntário também lhes cede ao gosto,
E deles no casal com eles folga.
De férteis plantas, que em seus hortos guarda,
Gosta de lhes levar o espólio tenro.
Agrada-lhes alguma? O novo dia
Vê-a entrar nos jardins de seus amigos.
Sátira, inveja, pestes das cidades,
Entre eles o ar saudável não corrompem;
Um fala de patéticas delícias,
Mimo das estações aos camponeses,
Outro das glórias, dos triunfos nossos,
E brinda-se de Itália aos vencedores.
Corando a vozes tais, Lília se lembra

¹⁶¹ Rei lendário de Creta, era filho de Zeus e de uma ninfa, Europa.

Do imberbe amante, que os heróis seguira,
Mas que em ditosa paz ser-lhe-á tornado.
Quer esconder as sensações que a turbam:
A mãe a entende e, removendo o assunto,
Destarte lhe socorre o doce enleio.
A afoiteza renasce, a virgem bela
Em segredo palpita, e dissimula.

A estes dias de ouro, e riso, e graça,
Oponde vossos dias carrancudos,
Vós a quem a ambição com turva chama
Anseia desde a Aurora, e mirra em sombras;
Que, sempre instados de rivais zelosos,
As frechas lhes cravais que vos cravaram,
E, mesmo suplantando a turba adversa,
Vedes voar Fortuna, indo empolgá-la.
A ventura buscais? Nos vales mora,
Com a foice na mão seus trigos sega.
A ventura buscais? No prado ervoso
Livres meditações alegre volve;
Ou do salgueiro à sombra e junto ao rio,
Dorme, cercada de fagueiros sonhos.
Longe, assim, das fações, das armas longe,
Os campos, os jardins eu celebrava.
Da Pátria minha aos males mudo às vezes,
Das mãos sentia deslizar-se a lira,
Mas, qual ave, cantora após tormentas,
Contentes, novos sons às margens dava.
Ó tu, meiga Debieu, tu que em meus versos
Nomeio Elisa! O carinhoso amante
Deixa co' a sua unir tua memória,
E dividir contigo escassa glória.

III — *O CONSÓRCIO DAS FLORES, EPÍSTOLA
DE LACROIX A SEU IRMÃO*¹⁶²

*Urit Amor plantas etiam suus*¹⁶³.

IBIDEM

Aos Manes do imortal Lineu

Alma gentil, que no fragrante império
A vária Natureza esquadrinhaste,
Tu, que vias Amor brincar co'as flores,
Sagaz insinuar-lhe a doce chama,
Princípio delas, e princípio nosso;
Que dóceis, ledos os Favónios vias,
Prestando a dom suave as ténues plumas,
Ministros de Himeneu no flóreo reino,
Delícias esparzir de planta em planta,
E sorrir-se os jardins, sorrir-se os bosques,
Viçosos templos da união mimosa;
Ó Manes de Lineu, se inda entre as sombras
Do arvoredado imortal, da selva imensa
Folgaís de meditar, de embelezar-vos
Na tenra estirpe de mais linda Flora,
E dos Elísios no tesouro ameno
Avareza manter, que adorna o sábio;
Ó Manes de Lineu, sagrados Manes,

¹⁶² Poema de Demetrius Lacroix, redigido em latim e originalmente incluído em *Botanicon Parisiense*, obra da autoria de Sébastien Vaillant (1727). Foi publicado em Lisboa, pela Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, no ano de 1801, tendo conhecido duas reimpressões: no Rio de Janeiro, em 1811, e na Impressão Régia, em Lisboa, 1813. A Casa Literária do Arco do Cego possuía os instrumentos mais sofisticados no domínio da impressão. Nela trabalhavam intelectuais de vulto. Eis uma edição bilingue, opção de Bocage que demonstra a sua autoconfiança no âmbito, sempre pedregoso, da tradução.

¹⁶³ Tradução de Bocage: «Também, também de amor as plantas ardem.»

O tributo afagai, que a vós consagro
Na estância bela, no retiro amável,
Onde às musas me dou, e à paz, e à glória,
Gostando a eternidade, inda no tempo,
Aquém das ilusões, aquém dos nada,
Salvo do orgulho, que entumece os grandes,
E do ouro inútil, adorado em tantos,
Que apenas homens são, e impõem de nubes.
Filósofo tranquilo, aqui repouso,
Enquanto semideus os deuses te honram,
Espírito gentil, que honraste o mundo.

Bocage

ADVERTÊNCIA

A planta é um corpo orgânico que não tem de si mesmo movimento algum progressivo e que se alimenta, em qualquer lugar, pela raiz; cresce, vegeta e pode propagar-se de muitas formas, ou esteja presa aos cachopos, ocultos no mar, como o coral, ou nos escolhos visíveis, como o musgo; ou vague pelas ondas, como a stratiotes no Nilo; ou brote na terra, como a rosa; ou nasça em árvores, como o visco; ou nos crânios insepultos, como a úsnea, ou nos couros como o bolor, o que se prova pelo microscópio; ou finalmente no mesmo ar húmido como a cebola e a batata.

Raiz é o montão dos tubos que recebem o suco nutritivo, o qual corre em uns pela pressão das traqueias oscilantes em todo o tegumento da planta, e reflui em outros com um giro perene até à raiz.

Assim como o tronco em plantas mais duras, assim nas mais moles o talo produz e cria os ramos, as folhas, as flores e as sementes.

Cálice é vulgarmente o invólucro verde da flor.

Pétalos são os tegumentos colorados da flor.

Estames são as vaginas cilindriformes dos vasos espermáticos, amplificados as mais das vezes em ápice que na sua parte superior, ou folículos, a que o Autor chama (testículos) *testes*.

Ovário é o claustro do gérmen, ora único, ora múltíplice.

Tuba é o apêndice cilíndrico que assenta no ovário e comumente aberta na parte superior, à maneira de uma buzina.

Placenta é o visgo glanduloso, subtraído proximamente do ovário, donde saem ora um, ora muitos canaizinhos, à semelhança de cordão umbilical, cada um dos quais pertence e é inserido no seu ovo, ou embrião.

Semente é o compêndio da flor, assim como se vê pelo microscópio nas cebolas das tulipas e nas glândulas do carvalho.

Radícula não se diferencia da raiz da planta, senão pelo tamanho. Pluma é o pequeno tronco ou talinho com seus apêndices.

Mamilos são duas vísceras em feição de glândulas que se comunicam de uma parte com a radícula, e da outra com a pluma, nas quais o suco trazido da raiz se filtra e se defeca, com o que se habilita mais a nutrir o feto; dado este à luz, se transforma em duas folhas, mui semelhantes entre si, mas diferentes daquelas que ao depois deve ter, as quais são destinadas a nutrir a planta criança; mas tanto que esta cresce e está capaz de digerir os sucos, espontaneamente caem as primeiras.

Flor propriamente não é outra coisa mais do que o mesmo órgão da geração; se é macho, então se conhece pelos estames, se é fêmea, pelos ovários, se é hermafrodita, por ambos.

Toda a flor ou é vestida ou é destituída de cálice, donde ou é completa ou incompleta.

Ou apétala, ou petaloide,

Ou Monopétala, ou polipétala,

É ou regular ou irregular, ou simples ou composta, ou flosculosa ou semiflosculosa, ou mista ou radiosa.

O CONSÓRCIO DAS FLORES

Qual do espírito fosse a natureza,
Qual das coisas a fábrica, e das coisas
O Artífice imortal, desde a puerícia
Indaguei, caro irmão; foi-me suave,
E achei útil fadiga, inda que longa,
De Newton e Descartes ir no alcance,
Também medir essas etéreas massas
Que em diversos espaços luzem, rodam.

Explorar quis depois co'a mão e a mente
De Flora ¹⁶⁴ os campos, o formoso império.
De condutor pela votiva estrada
Carecia, porém, quando eis que assoma
Ante mim, clara dádiva dos numes,
O prestante Vaillant ¹⁶⁵, cultor supremo
Dos jardins Macaónios; Filomela
Aos bosques o chamava: ele ia aos bosques,
D'escalpelo ¹⁶⁶ nas mãos e o microscópio,
Um obra de Vulcano ¹⁶⁷, outro de Palas ¹⁶⁸;
Vidro negado a Atenas, dado a Londres,
Vidro que em si reúne o Sol disperso,
Vidro que os ténues corpos engrandece,
E tanto e tanto, que visíveis torna
Do inseto zunidor té os olhinhos.
Com guia tal, e de Minerva influxos,
Penetrei o que Rais ¹⁶⁹ não penetraram.
E ignotos aos Malpighis ¹⁷⁰ soube arcanos.

Flora, benigna mãe, Flora, mãe sua,
Dera apenas Vaillant à luz da vida,
E apenas o menino em torno ao berço
Sente as plumas subtis de mil Favónios
Soltar fragrâncias mil, sussurro alegre,
A tenra mão com pequenino aceno
Brincos que pede à mãe, se as vê, são flores.
Cresceu: coisas maiores eis concebe.

¹⁶⁴ Deusa das flores e da primavera.

¹⁶⁵ Sébastien Vaillant (Vigny, 1669-Paris, 1722), célebre botânico.

¹⁶⁶ Bisturi.

¹⁶⁷ Deus do fogo, filho de Júpiter e de Juno, consorte de Vénus.

¹⁶⁸ Ou seja, Atena, deusa da Razão.

¹⁶⁹ John Ray, ilustre naturalista (Black Notley, 1627-Black Notley, 1705), «o pai da história natural inglesa».

¹⁷⁰ Marcello Malpighi, médico e anatomista (Bolonha, 1628-Roma, 1694).

Nos hortos madrugar é seu recreio,
Seu recreio é girar, correr florestas,
Esquadrinhando as plantas cuidadoso;
Folga de ir por chuveiros, de ir por neves,
E de ir por Sóis apascentar o instinto.
Tanto o estudo lhe apraz das várias flores!

Vendo-o colher e examinar boninas
Num, noutro prado, as Driades ¹⁷¹ mil vezes,
Instadas de amorosa competência,
O moço amável para si quiseram;
Porém, da primazia a ti credora,
Deu ele, ó Bosoneia ¹⁷², esta alta glória.
Vertumno ¹⁷³ a escolha aprova, e Flora anui,
Coreias festivas Pomona ¹⁷⁴ engenha,
E sussurra dos Zéfiro o aplauso.

Vão por antiga senda rastejando
Almas vulgares, índoles escravas;
A si Vaillant abriu caminho intato;
Viu com que arte Cupido as brandas setas,
As sensações dirige até às flores,
E olhou primeiro os vegetais amores.
A que enxovalha, que persegue as cinzas,
A Inveja detratora, ah! Não lhe exprobre ¹⁷⁵
Que, astuta gralha, com furtivas penas
Ele tentou luzir; não, não se afoite
Co' a vil calúnia a profanar-lhe os Manes ¹⁷⁶.

¹⁷¹ *Vd.* n. 96, p. 45.

¹⁷² A esposa do cientista, Françoise-Nicole Bossonnet.

¹⁷³ Deus, talvez, etrusco que tinha a faculdade de se transformar omnimodamente.

¹⁷⁴ Mulher de Vertumno, ninfa que regia o crescimento dos frutos.

¹⁷⁵ Censure.

¹⁷⁶ As almas dos mortos.

Milagres ouve, ó Roma, ó Grécia, escuta.
Também, também de amor as plantas ardem;
A flor namora a flor que lhe é vizinha,
E igual paixão lhe retribui a amada.
É neles par a idade, a espécie, a forma,
A graça, o dote, o gosto, o ser e a flama.

Assim que o lindo amante e a virgem bela
Provam no seio os cupidíneos ¹⁷⁷ golpes,
Tenham comum, ou separada estância,
Seus mimos, seus desejos, seus ardores
Une Himeneu, e Amor, e a Mãe triunfam.
Co'as asinhas trementes brinca entanto
Dourada borboleta entre as abelhas;
Folga o jardim, e o rouxinol canoro
O verso genial no ulmeiro entoa.

Se duas flores uma estância inclui,
Dá Prónuba ¹⁷⁸ o sinal, rompendo a Aurora
Filamentos enrijam, abre a antera.
Súbito adeja viração fecunda,
E, pelo flóreo teto refletida,
Penetra velozmente as cavidades
Da tuba, da placenta, e logo errante
Nos ténues, iguais tubos se insinua,
Nos germes pouosa; os germes se entumecem,
E ri-se a fêmea flor, que a prole espera:
Destarte a dormideira, a ófris pejam.

Se os domicílios são, porém, diversos,
A masculina flor seus dons expulsa
Da tenra habitação, té'li cerrada.

¹⁷⁷ De Cupido.

¹⁷⁸ Aquela que preside às uniões conjugais (é um dos epítetos de Juno).

Zéfiro acolhe o gerador princípio,
A volátil semente, e sobre as asas
A leva ao grémio da consorte amena.
Ela responde à conjugal ternura,
E co'a prole gentil, que o pai semelha,
Fiel se abona ao desviado esposo.

Quase às margens do Nilo assim é fama
Que desunidas palmas se desposam;
Mas se as macias virações não voam
Quando é seu mês, quando florescem bosques,
Toma o colono masculinos ramos,
E agita-os junto à fêmea, que incha, e brota
A tâmara depois, não derradeiro
Auxílio de Esculápio, ou se destine
A mitigar as importunas tosses,
Ou dor aguda que as entranhas fere,
Ou sirva enfim de conduzir ao prazo,
Ao termo justo a produção dos entes.

Grávido assim verdeja o terebinto
Lá nos campos de Coa, proveitoso
Em males cem, se os Austros ¹⁷⁹ o bafejam.
Tanto que foge o friorento inverno,
Tanto que se ergue o Sol, e às ursos volta,
E em distâncias iguais divide o Globo,
Roxeando a manhã, mancebos voam,
E os troncos vão romper com largas hastes.
De uns, doutros golpes bálsamo goteia,
Bálsamo que, aplicado em ponto idóneo,
Tísicas mirradoras afugenta,
E o frio humor, que pelas fauces lava,
E as fezes, que das vísceras se apossam.

¹⁷⁹ Ventos do Sul.

Agricultoras mãos na primavera
Talham troncos também: se os não talharem,
Oprime os troncos abundância aquosa.
Danos mil se lhe seguem, nós, carcomas,
E a sequiosa planta, murcha, e morre,
Do mau, do redundante humor pejada.

Não de outra sorte os homens, ah! perecem,
Que em lauta mesa, em aturados sonos,
Em sedentário luxo a vida gostam.
Estes de humores ao princípio abundam,
Depois arrastam corpulência fofa;
Tardo e limoso lhes circula o sangue;
Cerram-se à cútis mansamente os poros,
Duas também das principais entranhas
Sofrem esta opressão; vibram-se a custo
No cérebro dormente os frouxos nervos;
Rubro licor, que pelas veias gira,
Em linfas viciosas degenera,
E o misérrimo enfermo em breve espaço,
Se a tempo não lhe acode a arte de Apolo ¹⁸⁰,
Cai, qual caíra a acometê-lo o raio.
A alma se embota, dos sentidos nua,
E a fatal redundância instiga a morte.

Tu prezarás, talvez, saber se hei visto
Estas coisas que ouvi; não é custoso
Dar-se com certa planta de que o sumo
Poros franqueia em nós de interna parte,
E inocente, interior prurido excita.
Quer nitroso lugar: por isso aferra

¹⁸⁰ A Medicina.

Parede anosa, de que vem seu nome.
Esta planta núbil pôr-te-á patente
Mútua paixão, que senhoreia as flores.

Quando alvor matutino os céus bordava,
Eu, de Montmorency ¹⁸¹ aos gratos campos,
Ou aos virentes, sureneus outeiros,
Ou do Mouro às florestas, ou aos prados
Do ameno Chantilly, ou às que em torno
Matrona lambe, Espórades chamadas,
Seguia o sábio Mestre. Então, se acaso
Mais grave sono pelos muros tinha
Opressa a parietária, e se eram lentas
A estímulos d'Aurora as flores suas,
Meu sagaz precetor, munido de alta,
Longa experiência, e, meditando astúcias,
Com a agulha subtil solicitava
Logo os estames, que enrijavam logo.
Súbito, roto o cárcere, podia
O espírito sair, voar aos germes,
Largamente soprá-los, e a tardia,
Pulvérea chuva com tenaz apego
Parar das tubas nas sorventes margens.

Sôfrega, a mãe cheirosa alenta o fruto,
E morre alegre ao ver que avulta, e fica
Hábil a renovar seus pais extintos.

Há outra terra produtora, é quando
Colhe, abriga as sementes deslizadas
No fértil grémio, quando os sais desfeitos,

¹⁸¹ Família que, do século xv ao século xvii, foi proprietária do Castelo de Chantilly. Os jardins deste monumento são da lavra de André Le Nôtre.

Alaxando ¹⁸² os canais, os patenteiam.
Bate o vagante humor nos ténues tubos,
Abrem-se os tenros vasos, que amolecem,
E a pequena raiz, a pouco e pouco,
Vai concebendo os vagarosos sucos:
Em tardo movimento eis eles sobem
Por entre a contextura inexplicável,
Por fendas cento às glândulas, que jazem
De um lado e doutro lado ali dispostas;
Agitados depois, os introduzem
Estradas mil nas vísceras da pluma,
E existência, e sustento ali difundem.

Está primeiro oculta a mole ervinha,
Aparece depois, converte em folhas
Nutritivas porções, e ao ar exulta.

Ó tu, que as flores amas, tem cautela,
Vê que bárbara dextra a débil vida
Não corte antes de tempo a aquelas folhas.
Falta de nutrição, morrera a ervinha,
E esperara o cultor em vão grinaldas.

Chuvas entanto, e zéfiros, e orvalhos
Dão que à porfia as tenras ervas surjam.
O seu banho interior sois vós, chuveiros,
Sois, ó rocios, o exterior seu banho.
Bebe as chuvas a terra, as chuvas entram
Nas íntimas raízes, e conduzem
Ao tronco seu, e a seus folhosos braços
As aéreas correntes prestadias.

¹⁸² Em vez de «laxando» (alargando, desimpedindo), por razões métricas.

Nos meatos da cútis ¹⁸³ embebidos
Os orvalhos, do céu volátil nitro,
Dão ânimos aos sucos, e embrandecem
Os rijos vasos. Com lascivo adejo,
De mil artes Favónio exerce a rama,
E do adejo eficaz, do afável brinco,
Vida, por leis iguais, as fibras ganham,
E transpira dali o humor inútil.

Como quando co'as roscas apertadas
Se estende o coração dum lado e doutro,
E quando para baixo enfim se alonga,
E vomita a corrente rubicunda,
Ela, abundosa e rápida, fervendo,
Por onde encontra estrada se derrama:
Os superiores, oscilantes vasos
A aluvião sanguínea acolhem, lançam,
E os menores canais sanguíneo arroio;
Vai por membros, e membros a existência;
Mas tanto que na vívida carreira
O purpúreo meandro se empobrece,
À fonte, ao coração girando volta,
Onde outra vez se filtra, e, reforçado
Pela substância, do alimento expressa,
As coreias vitais mais livre exerce.

Assim quando, ora aberta, ora apertada,
A árvore na recente primavera
Co' a raiz sorvedora embebe os sucos,
A força faz caminho, o humor se eleva,
E tortuoso as vísceras discorre:
Rios por toda a parte o tronco animam,

¹⁸³ Estes «meatos da cútis» das árvores serão, eventualmente, as fissuras ou poros da casca que envolve os troncos.

E ávidos ramos, e sedentas folhas;
Mas líquida porção, que entrar não sabe
As fartas fibras, e crescer com elas,
E a que, lutando em vão, sair não pode
Por entre os poros da rugosa casca,
Pronta recua por canais diversos
A unir-se na raiz a novos sucos.

Estímulos a isto o Sol empresta,
E o moto principia, ajuda, aumenta.
O ar se escandece nos pulmões arbóreos,
E a mais amplos espaços vai correndo.
Oprimem-se os canais, o humor se oprime,
E de tal arte a descrever aprendem
Não interrupta, orbicular carreira.

Sai de uma planta púrpura rubente,
Sangue dimana, parecido ao nosso,
Para os que usam talhar os Cáspios Mares,
Ou rocem do Borístenes ¹⁸⁴ as bocas,
Ou Ásia e reinos Cólquicos ¹⁸⁵ demandem.
Maravilhoso objeto ali se admira;
O bórames assoma ¹⁸⁶, em tronco altivo
Um quadrúpede está, e é fruto dele.
O crespo velo ¹⁸⁷ lhe resguarda os membros,
Pontas lhe avultam na lanosa frente,
E olhos em seu lugar lhe não falecem.
O rude habitador daqueles campos
Animal o supõe, supõe que dorme
Enquanto é dia, e vela enquanto é noite,
E pelas ervas, que o rodeiam, pasce;

¹⁸⁴ Rio da Sarmácia (região que engloba o Norte da Europa e da Ásia).

¹⁸⁵ Cólquida, país onde se encontrava o velo de ouro, ambicionado por Jasão.

¹⁸⁶ Nota de Lacroix: «Cordeiro da Cítia».

¹⁸⁷ Lã.

Que tem nas carnes da ambrósia o gosto,
E que vermelhos sucos o humedecem,
Sucos de tal sabor, que os preferira
Borgonha ao pátrio, deleitável néctar.
Se a Natureza permitido houvesse
Ao raro vegetal dali mover-se,
Se, balando, implorar pudesse auxílio
Contra o lobo voraz, tu presumiras
Lanífero cordeiro estar no tronco,
E a teus olhos absortos branquejaram
Gramíneos serros com rebanhos deles.

Desta fonte, a meu ver, fábula estranha
Proveio à Grécia. Pavorosos dragos,
Touros de brônzeo pé, nõutrota espertos,
Guardaram velos tais; com este dote
Fugindo pelas ondas, foi Medeia ¹⁸⁸;
Éson ¹⁸⁹ se renovou com estes frutos,
Deles pela eficaz substância pôde
O ancião revocar viçosa idade.

Que existem plantas que animais semelham,
Isto não prova só. A stratiotes
Vês que em pouso nenhum parar costuma.
Esta planta ama o Nilo, e de alimento
Nadando se provê. A um leve toque,
Foge logo a mimosa, ou sensitiva.
Estremecendo, se contrai, se esconde
Entre as dobradas folhas, mas, expulso
Depois o medo, ao ar se expõe de novo.

¹⁸⁸ Filha de Eetes, protótipo de feiticeira; desposou Jasão, tendo-o ajudado a descobrir o velo de ouro. Matou os seus dois filhos.

¹⁸⁹ Éson, filho de Creteu e de Tiro; segundo a lenda, já ancião, foi rejuvenescido pelos encantamentos de Medeia.

Há flor (e isto assegura autor não leve)
Amor chamada: nos caminhos nasce
Do ano e do Sol; nem orgulhoso Atlante ¹⁹⁰,
Nem cerrado arvoredo ali dão sombras.
Roxeia-lhe o pudor na linda face;
E se o tostado, o péssimo africano,
Quando ao lume febeu ¹⁹¹, risonha, ondeia,
Dolos ousa exprobar-lhe, e ações impuras,
Voz bárbara e terrível reforçando,
Súbito a virgem mísera, inocente
Em fúrias se desfaz, lacera as tranças,
E pelos ares a existência pura
Foge indignada, com horror do opróbrio.

Mas porque assombros peregrinos canto,
Se a Gália criadora of'rece ao vate
Mais subidos portentos? Eia, ó Musa,
Aqui o ardor se apure, aqui releva
Que soem versos teus, quais entre os brindes
Seus versos o Garona quer que soem;
Ou quais, depois que os dons possuem dele,
O batavo ¹⁹², o britano urdir costumam.
Lá onde o Herálcio tímido sussurra,
Léspero assoma, consagrado a Flora.
A deusa da fragrância ali primeiro
Veste as roupas louças da primavera
E a deusa da saúde, a Medicina,
Ali conduz os seus; ali se enleva
No semblante imortal da irmã deidade;
E Hebe ¹⁹³ ali colhe do Tonante ¹⁹⁴ as c'roas.

¹⁹⁰ *Vd. n. 208, p. 93.*

¹⁹¹ Do Sol.

¹⁹² Holandês.

¹⁹³ Filha de Zeus e de Hera, personifica a juventude.

¹⁹⁴ Epíteto de Júpiter.

Se de improbo ginete o pé ferrado
Ousa afrontar os veneráveis cumes,
Súbito as ervas o protervo ¹⁹⁵ assaltam,
Acodem as irmãs com pronto auxílio;
Não cessam, não repousam, ferve a lida,
E o sacrílego pé manqueia inerme.

Autor nenhum, porém, me persuade
Que nas plantas existe alma, sentido:
Aos Homens estes dons só foram dados.
As árvores, arbustos, flores, ervas,
São máquinas somente, e a contextura
É vária em muitas, é pasmosa em todas;
Nelas juntou sagaz a Natureza
A menores canais canais maiores.
Reto caminho elegem parte deles,
E parte deles por veredas curvas,
Para aqui, para ali, com mil rodeios
Se dobram, já subindo, e já baixando,
Obliquamente a planta correm toda;
E, agitados nos vasos que os dirigem,
 Surgem neste lugar com lento suco,
 Surgem com suco rápido naquele.

As forças do terreno e céu concorrem,
E a riqueza das águas nutritoras;
As que vêm desatadas dentre nuvens
Para as densas abóbadas, e aquelas
Que, roubados à Terra os sais fecundos,
Lá no centro, apurando-se nas cavas,
Em fontes sobem, pelo chão serpeiam.

¹⁹⁵ Insolente.

Rico baixando do Abissínio cume,
Em rápidas voragens volve o Nilo
Do torrado colono as esperanças.
Anda a sabor do rio a stratiotes,
E co'a vaga raiz o vai sorvendo.
Cresce, cria depois nas pátrias ondas
A prole, e em toda a parte hóspede é grato.
As causas ignorando a Antiguidade,
Do moto enganador deixou cegar-se,
Presumiu-a animal: não doutra sorte
Vemos dos leitos seus sair às vezes,
E pelos campos espriaiar-se os lagos.

Próximo lá de Limerick ¹⁹⁶ aos muros,
Das subterrâneas águas por violência,
Venham dos mares, ou das serras venham,
Seu senhor desampara, e busca as ondas
Ilha assombrosa. O possessor se irrita,
Segue a fugaz, e examinar procura
Por que princípio foge; mas decide
A favor dela o Dublineu Senado.

Tal a ilha Conti, tal a Delfina,
Nos relvosos torrões ambos insignes,
A ti, ó Saint-Omer, fronteiras nadam,
E à vagabunda irmã tais se associam.

É não ténue trabalho investigar-se
Da mimosa o recôndito artifício,
Expor-lhe, descrever-lhe a Natureza;
Porém, tentá-lo cumpre. Influxo ¹⁹⁷, ó Musas.
Nos artículos seus é cada membro

¹⁹⁶ Cidade da Irlanda, conhecida pelas suas muralhas.

¹⁹⁷ Inspiração.

Mui distinto dos mais. Arte divina
Tanto com a raiz enlaça o tronco,
Tanto com ele os ramos, e com eles
As folhas liga tanto! É maravilha
Ver-lhe os miúdos nós nas móveis fibras.
Quando na hástia pendente os ramos nutam ¹⁹⁸,
Na parte em que há prisão que ligue a planta,
Estreitam-se os canais, e pára o suco;
Nos membros todos adormece a vida,
Desmaia a folha, sem poder consigo.
Mas dentro dos compressos tubozinhos
O ar se irrita do freio, e reforçado
De sucoso vigor, sacode estorvos.
Torna à mimosa o descaído alento,
Surge outra vez, e vencedora, e leda,
Os Astros olha, que a vitória aplaudem.

Nem da getula flor, nem te alucinem
Os milagres também, patente a causa.
Lá onde a prumo o Sol dardeja raios
Sobre o negro africano, onde arde a Terra,
Das folhas tardo humor se desvanece,
Consigo a seca flor se prende a custo.
Eis pelos ares férvidos, que abala,
Rebomba, qual trovão, clamor terrível;
Ao ímpeto recuam ramos, folhas,
De novo soa o grito apenas volvem:
Dum lado se combate e, doutro lado,
Pugna a força maior co'a menor força,
Té que das fibras os estames se abrem,
E cai desfeita a flor, e jaz sem vida.

¹⁹⁸ Oscilam, balouçam.

Do enregelado, nebuloso Arcturo ¹⁹⁹
Teus raios, ó Vulcano ²⁰⁰, assim ruíram,
Quando o soberbo inglês tragar queria
Co'as brônzeas fauces os Maclóvios muros.
O pélagos tremeu, tremeram torres;
A cabeça Nereu ²⁰¹ sumiu no fundo.
Assim quando também por entre as brechas
Da aterrada Namur caminho abriam
As francesas, magnânimas falanges,
Ao súbito clangor, ao som guerreiro,
O inimigo enfiou, caíram rotos
Vítreatos reparos contra o Sol e o vento:
Enfim cede o Sicambro ²⁰², e rende as armas.

Vê que virtude ao léspero foi dada,
De céus contrários duas auras sopra.
Esta demanda o sul, e aquela o norte.
Estão tortas partículas viradas
Em curvas desiguais, umas ao Euro,
Para o Zéfiro as outras: com três sulcos
Assinaladas são; mostre-se a causa.
Soberba, desdenhando a baixa Terra,
Ouse Insânia febeia ir de astro em astro.
É cada estrela um sol, e brilha, e ferve;
Solta eflúvios, que os vórtices transpondo,
Do adverso turbilhão nos Polos entram;
Os ares o fulgor discorre manso.
Mas depois que por globos apoucados,
Lá onde é mais tardia a etérea massa,
Colhe a água os ares, e se esforça, e tenta
Tocar no meio o Sol, cansada, frouxa

¹⁹⁹ O Norte.

²⁰⁰ *Vd.* n. 167, p. 395.

²⁰¹ *Vd.* n. 39, p. 409.

²⁰² Alemão.

Pelos rodeios do caminho andado,
Desmaia pouco a pouco e se condensa
Igual ao grude, ou liquidada cera.
Entanto os globozinhos pelos claustros
Triangulares, admitindo o grude
Tardamente nos rádios escultores,
Até três com três sulcos assinalam,
E o sequaz torcem por vereda reta,
E formam espiras, caminhando. Ainda
Que adejem pelo céu contrários ventos,
Ama o discorde irmão o irmão discorde,
E para o mesmo fim concorrem ambos.

Eles, quando das luzes despojada
Se dói a Madre Terra, e fica envolta
No espesso, triste véu, depois que as manchas
São fáceis a dobrar, e é mole a crusta,
Abrem na azul esfera iguais caminhos,
E ambos eternamente fugiriam
Por direitos espaços, não lhe obstando
O crasso nevoeiro, ou ar mais denso,
Ou se aura oposta enfim não repelisse
Aura cansada. Em giro pois movidos
Por terra, mar, e céus, e Polo dela,
Demandam o que dantes demandaram;
Depois por onde foram retrocedem.
Invento dos franceses se imagina
Aquele turbilhão, e regra aos nautas.

Porém, quando a aura em giros lassa volve,
Se por mais livre espaço encontra minas
De aço, ou magnete, ou planta prenhe deste,
Ou planta que daquele se impregnasse,
Cai logo ali, e odeia a estrada antiga.

Folga, blasona, ó léspero: estes sopros
Nomeada te dão. Mal que ligeiros
Do ferro pelas minas se escoaram,
Fogem subitamente lá por onde
Dentre os respiradouros da montanha
Sobe do aço o vapor; depois nas ervas
Se estendem, se derramam, e atraídos
Dos idóneos meatos, é seu gosto
Vorticulos formar, quais os granjeia
Na torre em longo espaço a férrea grimpa,
Quais empresta o magnete à equórea agulha.

Eis com que armas o léspero combate.
Apenas o profanam pés ferrados,
Toda a força os vorticulos apuram;
O aço acometem. Sai, como de forja,
O ar já livre e, saltando arrebatado
À parte onde se prende a unha ao ferro,
Com ímpeto violento os aços bate,
E do bruto assombrado extrai, sacode
Os duros cravos, as pedestres armas.
Tanto em laço pasmoso estão ligados
Todos os corpos! Lei suprema é isto
Da Mão, que os astros e que as terras liga
Em nó constante, como liga as flores.

Nas mesmas, que sinais o sexo indiquem,
Vou mostrar, e talvez te agrade o lê-lo.
Tem regra firme em tudo a Natureza.
Género que procria é viril sempre,
É sempre feminino o que concebe;
Co'as armas genitais as plantas folgam,
E as omnígenas ²⁰³ flores geram todas.

²⁰³ De todas as espécies.

Mas pétalos e cálices das flores
Não têm tal dignidade, embora o vulgo
Grite, e à contrária opinião se aferre.
Tu, freixo altivo, os pétalos desdenhas,
A palustre tábua é deles falta;
A grama, o trigo, a aveia, esse reforço
Do guerreiro animal, carecem deles.
Tulipa e celga os pétalos odeiam,
Deles também o heléboro prescinde,
Pernicioso à Razão, sem eles vivem
A açucena gentil, a ingrata armoles ²⁰⁴,
O amaranto imortal, de rubra face,
Que tão formoso nos jardins campeia;
E estas flores não só, mas outras muitas,
Número que ao dos astros equivale.

Se esmiuçar as flores te recreia,
Ou lhes descobrirás sós os estames
No órgão procriador e duplicado,
Ou só o ovário, sotoposto às tubas,
Às placentas imposto, ou todos juntos.
De filamentos é provido aquele,
É provido este cânhamo de ovários:
Unem-se nos jasmims, e alteia, e rosas.
Jamais notei que as estamíneas flores
Abundassem de prole; a vida exalam
Depois que Vénus seus desejos c'roa.
Curvas nos tristes lares, murcham logo,
Ou ludíbrios do Vento, o Vento as leva.
Mas o ovário viúvo os pais extintos
Cedo renova; o género revive,
E leda surge a póstuma progénie.
Se, todavia, antes do tempo idóneo,

²⁰⁴ Hortense.

Antes das núpcias, mão cruel cerceia,
Fecundo castanheiro, os teus estames,
Que em ramos apartados sempre nascem,
Co' a esperança baldada a sócia planta
Mirra-se de tristeza, estéril morre,
Se o vento sobre as asas lhe não guia
Aura fecunda do remoto esposo.

Esta Aura às vezes rege, instrui às vezes
Por mar não conhecido errantes nautas,
E porto, já propínquo ²⁰⁵, lhes promete.
Os hispanos baixéis, de afoitas velas,
Muito além, muito além correr ousavam
Do Sol cadente, e das hercúleas metas.
Colombo exortador lhes dava o rumo,
Galernas ²⁰⁶ virações lhes dava Éolo ²⁰⁷,
Eram faróis as nítidas estrelas.
Olham com pasmo ocidentais Nereidas ²⁰⁸
Os bosques, invasores do alto pego,
Olham com pasmo nas soberbas popas
Dura falange audaz, votada à guerra,
Flâmulas, que entre os Áquilos ²⁰⁹ floream,
E o bronze, que arremessa ao longe o raio.
Tinham crescido, minguado haviam,
E deposto o fulgor já sete luas;
De Ceres, de Lieu ²¹⁰ se aniquilaram
As dádivas enfim: de balde observa

²⁰⁵ Próximo.

²⁰⁶ Agradáveis.

²⁰⁷ *Vd.* n. 46, p. 26.

²⁰⁸ Divindades marítimas, filhas de Nereu.

²⁰⁹ Ventos fortes.

²¹⁰ Baco.

Atento Palinuro ²¹¹ a agulha, os astros,
O céu por toda a parte, o mar por toda.
Braveja o marinheiro, arde o soldado,
Ata grilhão nefando ao mastro o chefe,
Que, de Minerva ²¹² cheio: «Eu sinto flores,
Os remos apressai (lhes diz seguro);
Terra vereis em breve.» Os lenhos voam.
Eis montanhas ao longe, eis surgem campos,
E, apenas os baixéis fundeiam ledos,
Flora c'roas lhes dá, Flora atavia
O seu Colombo com seus dons brilhantes.
A Flórida, que extrai da deusa o nome,
Dali nos manda o sassafrás cheiroso,
E às vezes Citereia ²¹³ ali prepara
Licor, a que prospõe festins de Jove.
Mas ao deixado assunto as Musas volvam.

Ou é femínea a flor, ou viril toda,
Ou de género misto. Se aparece
Alguma nos jardins, lustrosa e bela,
Que véu fragrante, e pétalos viçosos,
Que não possa entre as fêmeas numerar-se,
Ou entre as de viril poder, ou entre
Hermafroditas, esta flor nomeiam
Da espadónica espécie, é triste monstro,
Desvario infeliz da Natureza.
Eis da malva e das rosas o acidente;
Os pétalos traidores lhe arrebatam
Toda a substância; estames bastardeiam,

²¹¹ O timoneiro do navio de Eneias, que, terminada a Guerra de Troia, veio desta cidade para Roma com outros troianos.

²¹² *Vd.* n. 509, p. 549.

²¹³ *Vd.* n. 241, p. 105.

E a sua antiga forma eles esquecem.
De vital néctar o embrião fraudado,
Languescer, morre, e vem depois o aborto.

Não basta o sexo conhecer das flores;
Por diferentes sinais se classifiquem.
Têm estas, não têm cálices aquelas;
Um não curam de habitar seus lares,
De extremado labor: Zéfiro as goza.
Outras, brilhantes de ambrósia e fartas,
Na estância natural ufanas vivem,
Na estância que em candor transcende a neve,
Que na viveza a púrpura transcende,
Mandando ao íris, seu rival nas cores,
Entre as sombrias nuvens esconder-se.

Há género que deste assaz discorda
Na condição, que ao ar não se afoitara
A erguer a fronte, receando a vida,
Se Eterna Providência, Mãe de tudo,
Dois engenhosos tetos lhe não desse,
Os pétalos, os cálices, guarida
Contra extremo calor, e frio extremo.
Vem desta classe numerosa turba;
Mas a flor da tristeza, a Passiflora
A todas sobrepuja. Eu sei tua alma;
Tal flor, querido irmão, te enternecera.
Que absorto a vi! No meio uma coluna
Está não sei que horror ameaçando!
Insta golpe cruel de férreo malho,
C'roa como de espinhos jaz tecida,
Em lugar inferior e de três cores
O matiz lastimoso of'rece à vista:
As do coalhado sangue, e sangue fresco,
E a que da morte a vizinhança agoira.
Súbito aos olhos meus se representa
Vítima um deus pender do lenho infame,

Lá nas ímpias, sacrílegas montanhas
Da blasfema Sión, de um só por culpa,
E por delírio só de Adão rebelde.

Os pétalos indicam várias classes;
Uma veste-se de um, de muitos outra.
Vê da boerhavia a face, olha a da malva:
Sempre o mesmo lugar não cabe a todos;
Na margem superior da flor inclusa
Só metade de alguns abraça os ares:
Tal forma apraz à tláspio ²¹⁴, às campainhas;
E outras (género informe), outras em parte
Desdizem mais de flor, e em parte menos,
Alongados cercando estames, tubas.
Destarte a salva aos médicos, destarte
Às madrastas o acónito aproveita.
Espécies há, porém, que em sorte houveram
Leito brilhante no aprazível centro,
E em cuja parte posterior se encostam
Os tubos, as anteras. Tal floresce
Ledo em palustre prado o roxo lírio,
Eficaz à sedenta hidropisia ²¹⁵,
Às tosses arquejantes: destes males
Vi três, e a todos três foi ele a cura.

Meu verso expôs tégora as flores simples,
Por ordem as compostas se resumam.
Se mil flores mil cálices possuem,
Há mil no mesmo cálice envolvidas.
Casta, que breves tubos entretecem,
Em forma orbicular surge, à maneira
Dos espinhosos, dos hortenses cardos;

²¹⁴ Género de plantas brassicáceas.

²¹⁵ Acumulação anormal de líquido no tecido celular.

Diz-se chicória biformada espécie.
Certa flor ténues tubos apresenta
Em lugar inferior, mas tem por cima
Uma espécie de língua breve, aguda,
Ou espalmada, ou áspera de sulcos;
Esta na flor assoma, ou reta, ou curva,
E ora ameaça com pungente bico,
Ora profundamente está fendida.
Mas estas classes duas o austro abraça,
E o bem-me-quer, às virgens consagrado,
E a tua, ó Febo, imarcescível ²¹⁶ c'roa.

Sobre este objeto em oportuno instante
Mostrava o precetor qual estrutura
Aos cálices apraz, qual às placentas
É forma grata, e de que chão costumam
Folhas, talo, raízes namorar-se;
E inda mil coisas que na voz apenas
Do divino Marão ²¹⁷ caber puderam.
Por isso de Fagon ²¹⁸ alta amizade
Houve grão tempo, de Fagon, que tanto
Aos médicos dos reis sobressaía,
Quanto, co'a fronte laureada, excelsa,
Se avantajava Luís ²¹⁹ aos reis do mundo.
Com seus votos unânimes e ardentes,
Clara Académia a si te uniu por isso,
E teu nome, ó Vaillant, soou no Globo.

Que espetáculo vi nos flóreos campos!
De cem partes da Terra ali correram

²¹⁶ Sempre viçosa.

²¹⁷ Virgílio, de nome completo Públio Virgílio Marão.

²¹⁸ Guy Crescent Fagon, médico e botânico francês (Paris, 1638-Paris, 1718).

²¹⁹ Luís XV.

Filhos do nume, autor da Medicina:
Os que bebem do Tánais ²²⁰, os que bebem
Do Danúbio, do Tâmis ²²¹, do Tejo,
Os da fria Suécia, e culta Ausónia,
Como aqueles que Erigena ²²² frequentam,
Aptos às guerras, às ciências aptos,
Prontos à morte pelo altar e o trono.
Ante a primeira turba, a Febo aceitos,
Guarida contra a morte, e dos monarcas
Derradeira esperança, egrégios moços,
Com que a fecunda Gália honrara o mundo,
Nas dextas os seus lírios tremulavam.
Concorreram também quantos na Grécia
Arvoram teus pendões, ó Medicina,
E os que o Peru mandou por vastas ondas,
E Arménios, vindos lá da plaga Eoa ²²³.
Mas nenhum bem perfeito há sobre a Terra.
Eis chusma usada a cercear nas faces
Pêlo viril com mercenário gume,
Vácuos os templos bacanais deixando,
Caminha após os mais; porém, diversa
É da nossa vontade a mente sua.
Vivo ardor de saber ali nos guia,
E eles, ou soltam desregrados cantos,
Ou co'a gralhada vã nos ensurdecem.

Que oposta multidão! Não doutra sorte
Voam daqui, dali zângãos e abelhas
Em torno ao rei, mal que na quadra amena
Sussurram o sinal, e o chefe alado

²²⁰ O rio Don, situado na Rússia.

²²¹ Em vez de «Tamisa», por uma questão prosódica.

²²² John Scotus Erigena (Irlanda, 815-França, 877), filósofo e teólogo.

²²³ Região oriental, situada nas proximidades do Mar Vermelho. Em *Os Lusíadas*, aparece, neste sentido, a expressão «terra eoa».

De Flora nos festins vai regalar-se.
Unem-se as turbas, o lugar se aponta,
Corre-se aos campos. Co'uma flor nos dedos,
O nosso guia então desprende as vozes;
Das ervas mostra os géneros, e mostra
Virtudes salutíferas, que encerram.
Da boca de Sherardo ²²⁴, atentos, pendem
Olhos e ouvidos; a carreira esquece
Para escutá-lo o Séquana ²²⁵; pasmadas
Vós, Driádes, estais, e até Diana.
Ele ensinava como lá na origem
Do tenro mundo seu autor fizera
Epítomes ²²⁶ das plantas as sementes:
A sua luz é Deus, Deus é lei sua.
Concebe a Terra no virgíneo seio
O gérmén amoroso, os frutos crescem,
E em aprazado tempo ali rebenta
Uma flor, aqui outra. Alegre, afável
Cíntia ²²⁷ esclarece os hóspedes recentes
Com fulgor avivado; o Sol mais puro
Pelo atónito céu lhes presta o lume.
A Mão do Eterno desparzira os germes,
Mas outros mui subtis pôs dentro deles
Que dos olhos mortais à luz se negam:
Germes tão numerosos como as plantas,
Que Dóris ²²⁸ e que as Náiades nas águas,
As Driádes nos bosques, e as Napeias ²²⁹,
As fragueiras Oréades, nos montes,
Pomona em hortos, pelos campos Ceres,

²²⁴ Guilherme Sherardo, famoso botânico.

²²⁵ Sena.

²²⁶ Resumo.

²²⁷ Ártemis, na mitologia grega; Diana, na mitologia romana.

²²⁸ Divindade aquática, filha de Oceano, mulher de Nereu e mãe das Nereides.

²²⁹ Ninfas dos vales e das colinas.

Têm criado atégora e todas quantas
Hão de criar, té dissolver-se o mundo.
Nenhuma existe que não preste à vida,
A todos o grão Numen benfazejo
Deu salutar virtude: elas expulsam
A feia, assustadora enfermidade;
Com elas os banquetes se ataviam:
Um Deus em quantas vês, um Deus conheces.
Mas porque, desmanchando amenas c'roas,
Flora, as ninfas dão ais! Vaillant! Morreste,
O seu Édipo às flores foi roubado,
Ai! em tão breve tempo! Ai! Eu já 'gora,
Eu nunca mais discorrerei contigo.
Meu caro preceptor, bordados campos;
Não me há de alumiar tua doutrina,
Não, rico de despojos das florestas,
Volverei quando os véus desdobre a Noite.
Oh dor! Oh desventura! Imaginava
Que das flores a deusa, a mãe das flores,
De ti colhesse, incólume, robusto,
Luz e glória imortal, que a Medicina,
Segura, desse pelo mundo inteiro
Passos audazes, sendo tu seu guia,
E que a fuga da rápida existência
Grão tempo, em teu favor, se retardasse.

Ele, expirando, ele, nos Céus absorto,
A ti, que amava mais que as outras flores,
A ti, lustral emblema, e triste imagem
Daquela morte por que todos vivem,
A ti, ó Passiflora, inda sustinha
Na já lânguida mão, buscavam-te inda
A boca desmaiada, a vista errante;
De lágrimas piedosas te cobria,
E a alma exalou, regando-te com elas.
O plectro aqui me cai da mão convulsa,

Aqui seu termo a epístola me roga.
Coisas, prezado irmão, que remanescem,
Serão com brando verso em outra expostas.

IV — A AGRICULTURA ²³⁰

Poema de Mr. de Rosset

Hic labor, hinc laudem fortes sperate Coloni.

Virgílio, *Geórgicas*, livro III.

Este é todo o trabalho, amplos louvores
Dele aguardai, robustos lavradores.
Trad. de Pato Moniz

CANTO I

Das Searas

Canto os trabalhos que regula o Tempo,
Co'as várias estações modificado;
Arte que a terra obriga a dar colheitas,
A que às vinhas, às árvores, aos prados

²³⁰ Poema composto por seis cantos. No espólio do poeta, porém, não se encontravam o segundo e o último. Relativamente ao segundo, foi possível reconstituí-lo, porquanto tinha sido publicado, em 1804, no terceiro tomo das *Rimas*, pp. 286-310, com o título «A Cultura das Vinhas». A versão portuguesa completa viu os prelos, pela mão de Nuno Álvares de Pato Moniz, em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, pp. 1-183; e pela de Inocêncio Francisco da Silva, em *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage...* Lisboa: A. F. Lopes, 1854, t. v, pp. 197-364.

Nuno Álvares de Pato Moniz assinou a quase totalidade das notas desta composição, bem como a tradução do sexto canto, a qual, por razões óbvias, não reproduzimos neste volume.

O autor de *A Agricultura*, Pierre Fulcran de Rosset, nasceu em Montpellier, no ano de 1708, exerceu o cargo de magistrado e faleceu, em 1788, na capital francesa.

Dobra a fecundidade, e nos submete
Tão úteis animais: para que exalte
(Bem real) a cultura, e seus preceitos,
Criam forças em mim Luís ²³¹ e a Pátria.

Deidades surdas, insensíveis numes,
Nada colhe de vós meu sério canto:
Astros, que os anos sinalais, e as quadras,
O Deus que vos conduz nos dá seus mimos;
Sem Ceres a seara amarelece,
Negrejam sem Lieu ²³² na vide as uvas;
De Pã e Apolo os fabulosos gados
Harmonia imortal jamais ouviram;
A oliveira não deve às leis de Palas ²³³
Artes que a nutrem, artes que a cultivam;
Neptuno é sonho, e do tridente ao golpe
Da terra não surgiu o audaz ginete.

Ó Deus, princípio e fim da Natureza!
Aponta aos passos meus segura estrada,
Firma, reforça minha voz tremente:
A falar de teus dons Tu é que ensinas.

Lá, quando a Terra, pela voz do Imenso
Chamada ao ser, se povoou de plantas,
De animais, o Homem livre, o Homem submisso
Às leis do Criador, foi rei do mundo,
Que só para seu bem se ergueu do nada:
Quadra das virações e dos suspiros,
Tu, com sorriso eterno, eterno esmalte,

²³¹ Nota de Pato Moniz: «Luís XV, rei de França.» Todas as notas subsequentes que se encontrem entre aspas são da autoria de Pato Moniz; caso não lhe pertençam, assinalar-se-á a sua autoria.

²³² Baco.

²³³ Epíteto de Atena, deusa guerreira.

Por toda a Natureza então reinavas;
Saíam sem cultura a flor e o fruto;
Gostava o racional no céu terrestre
Bens tão puros como ele: era o trabalho
Incapaz de fadiga, era o repouso
Vedado ao tédio. Por ingrato orgulho
Súbito enxovalhada, a Natureza
Despe as mimosas, primitivas graças,
E, surda aos votos do Senhor que a rege,
Aos votos do Homem réu, se muda a Terra
Num ermo pavoroso... ai! já não lança
Senão cardo importuno, erva ociosa!
Porém, quando ao trabalho atado o Homem
Pela herança fatal devida ao crime,
Do crime a confissão na terra grava
Com suas próprias mãos, fértil de novo
Ela em dobro, em tresdobro ao Homem paga
Lidas, cuidados que a cultura exige:
De criminosos pais infausta prole,
De celeste eminência derribado,
Inda grandezas tem que ufano admiro!
A Terra, seu degredo, é seu império;
Declaram-se por ele os elementos;
Presta-lhe o ar co'a frescura, o Sol co'a chama;
Orvalho e neve os campos lhe fecundam;
Descem dos montes a buscá-lo os rios;
Aos usos seus, às suas leis sujeitos,
Nele acatam seu rei, tremendo, os brutos;
É centro, é harmonia do universo;
Sem ele não tem ordem, tem por ele
Ordem tudo entre si: alma, instrumento
E mediador de inanimados corpos,
O seu tributo ao Céu, e o deles manda.

Mortais, o vosso ardor o ardor me avive;
Conhecei vosso império, e governai-o:
Oxalá que, regrado-vos as lidas,

Possam comunicar meus úteis versos
Sempre a fertilidade aos campos vossos,
Aos vossos corações sempre a virtude.

Cultor, searas abundantes queres?
Entende o génio dos terrenos vários:
Cada qual tem o seu; nasce, loureja,
Prospera o trigo aqui, e ali perece;
Onde ele se definha as vides folgam;
Pedregoso areal, sulfúreo campo,
E de fácil colina a pobre encosta
Bastam para formar húmidos cachos
E bosques de oliveiras. Vês do cume
Dos empinados montes, vês nos vales
Essas mádidas terras que um regato
Na fugida veloz anima, ensopa?
Ali relva infalível ceva os gados:
Ao barro, ao tufo ²³⁴, aos matagais e etreias ²³⁵
Pede a arte em vão colheitas; lá, sem força,
Lá, carecente, o chão tolera apenas
Os fetos, os codessos, as giestas:
Forte, opimo ²³⁶ lugar; nas quadras todas
De flores e verdura ataviado,
Por mãos da Natureza infatigável;
E em que uma em que outra leiva, anunciando
Sucos que a alentam, na indagante dextra
Se amassam facilmente; esse responde
Ao constante fervor de sábia indústria:
Em Normandia, em Flandres estes campos,
De fecunda lavoura exercitados,
Semeiam-se cad'ano, em todos luzem.

²³⁴ «O tufo é uma espécie de terra branca e seca; e é também uma pedra esbranqueada [sic] e esponjosa.»

²³⁵ No original, «etreas».

²³⁶ Fértil, fecundo.

Tal, porém, não será delgada terra:
Depois que as messes uma vez te há dado,
Ócio cansada quer, tem jus ao ócio,
E as forças lhe renascem do repouso;
A terra se exauriu para abastar-te,
Para mais te abastar descanse a terra.

Os delicados grãos, que vás ²³⁷ soltando
Entre leves torrões na primavera,
Sem custo brotam, crescerão sem custo;
Porém, do trigo e do centeio a planta
Pede forçosa um chão lodoso e pingue;
O ténue, grato arroz, avantajado
Pelo otomano a seus manjares todos,
Que Arábia e Pérsia com razão cultivam,
Que embranquece ao chinês os férteis campos,
Quer húmidos terrenos, gosta de águas.
Em qualquer terra o trigo sarraceno
Eleva os negros grãos na densa espiga ²³⁸;
Para ornar de seu ouro o pai que o gera,
O cacho que o sustém quer terras fortes
O indiano maís ²³⁹: porém, primeiro
Que o ferro agricultor lhe apronte os sulcos,
Conheçam-se estações, o clima, os ventos;
No semblante dos céus colhe a ciência
Que regula do agrícola os trabalhos,
E aponta idóneo tempo à sementeira.

Quais no moto celeste olhos atentos,
Para do lenho audaz guiar o impulso,
A elevação das Plêiades observam,

²³⁷ *Sic.*

²³⁸ Este verso e o anterior, por lapso, não foram traduzidos por Bocage.

²³⁹ «O maís é outra espécie de trigo.»

E os dois Carros, e as Híades chorosas,
E o funesto Oríon; tais, para darem
Princípio a seu trabalho, os lavradores
Andem co' a vista nos etéreos fachos:
Foi seguindo-lhe as leis que, firme em breve,
A cultura encetou a Astronomia:
Os rudes, os primeiros habitantes
Dos campos de Babel ²⁴⁰, esses outrora
Agricultoras, pastores, porque a Terra
Lhes fosse mais propícia, mais fecunda,
Do mundo aos Polos a atenção volveram:
Deu leis às estações o Autor das luzes,
O império renovou nos doze lares;
De seu giro anual eis traçam linhas,
O chefe das ovelhas ²⁴¹ o é dos signos;
O Touro logo, e depois dele os Gémeos ²⁴²
O nascimento apazam dos rebanhos;
Nos Trópicos o Cancro e Capricórnio ²⁴³
Fixam solstícios do verão e inverno;
Dias e noites a Balança iguala ²⁴⁴;
Das ceifas o sinal compete à Virgem ²⁴⁵;
O céu torna-se um livro, a Terra absorta
Olha em letras de fogo a história do ano.

Experiência observou de dia em dia
O nascimento e giro aos vários astros:
Cada qual tem poder, presságios, nome;

²⁴⁰ «Tem-se por certo que os descendentes de Sem, e não os egípcios, fizeram as primeiras observações astronómicas.»

²⁴¹ «O Carneiro, porque é o signo do mês de março, que os Antigos contavam por primeiro do ano.»

²⁴² «O Touro é o signo do mês de abril, e os Gémeos de maio.»

²⁴³ «O Cancro [sic] é o signo do mês de junho, nos fins do qual se faz o solstício do verão; Capricórnio é o de dezembro, e também para os fins deste se faz o solstício de inverno.»

²⁴⁴ «No mês de setembro, cujo signo é a Balança.»

²⁴⁵ «Astreia, que é o signo do mês de agosto.»

Uns tempestade, e vento, e chuva indicam,
Outros são para nós os precursores
De moles virações e amenos dias.

Quanto aos humanos a aparência ilude!
Sinais das estações se lhe antolharam
Origem delas... Oh! poder do engano!
Homem, não mais do que uma escolha inútil
O teu arbítrio tem; e em teu arbítrio
Os astros exercitam sumo império,
A que a inerme Razão se opõe de balde,
Em vão quer destruir: de teus destinos
A despótica estrela o bem regula,
E o mal, e a morte, e a vida: oh! venturoso!
Oh! vezes cento afortunado aquele
De que a Balança o nascimento aclare!
Ai! Menino infeliz! Teus fados choro
Se o negro Escorpião ²⁴⁶ viu tua aurora!
Desaparece a Lua, o Sol no eclipse...
Este horror que desastre ao mundo agoura!
Estremecei, nações, em pranto, em luto;
Aos vencidos fugi, ó vencedores;
E tu, Povo, sossega: ante os cometas
Devem, devem tremer só reis, só grandes:
Assim nossa Razão foi de erro em erro
Por artes da impostora Astrologia ²⁴⁷.

O agricultor grosseiro a bem dos frutos
Implorou das estrelas a influência;
Uma lhos fez medrar com doce lume,

²⁴⁶ «Signo do mês de outubro.»

²⁴⁷ «Os abusos astrológicos chegaram não só a induzir a crença de que certos planetas e a sua conjunção, de tal ou de tal modo, eram felizes ou desgraçados; e que os eclipses e cometas anunciavam grandes desastres; senão até que a nossa vontade era regulada pela influência dos astros.»

Gemeu arrepiado à face de outra;
Tu, que reges de noite o ebúrneo carro,
Da campestre ignorância aos olhos deusa,
Por ela a grau supremo erguida foste;
Animais alteravas, plantas, frutos;
Eras té dos metais consumidora,
Edifícios, ó Lua, até ruínas;
Teu passo desigual encaminhava
Ora para a cultura amigos dias,
Ora dias fatais para a cultura:
Qual dos homens então, qual se afoitara
A revolver infrutuosos campos?
O cantor mantuano aos lavradores
De quiméricas leis fez lei sagrada,
E aos pávidos mortais ainda há pouco
Este longevo engano as mãos prendia;
O erro enfim se desfaz pela verdade,
A preocupação pela experiência:
Unicamente o Sol co' a luz fecunda
Reforça a Natureza, extrai seus mimos.

Quando do Escorpião na estância entrando,
Raios despede com menor violência,
Deem teus bois, ó cultor, começo à lavra;
Instados do aguilhão, do jugo opressos
Em tardo movimento iguais caminhem;
Cardos, ervas arranque o liso arado;
Abre, volve teu campo e rege a terra:
Nela agitados de repente os sucos
Do Sol maduros, húmidos co' a chuva,
O germe da abundância desenvolvem:
Finde no outono o teu suor primeiro.

Quando o inverno entristece a Natureza,
Não se armem tuas mãos de um ferro inútil;
Fatigaras a terra em vão esforços,

Que impenetrável é na quadra fria:
O oblíquo resplendor do Sol, que foge,
Caíra sem virtude em regos novos,
E Bóreas duro, os inimigos gelos
No seio maternal destruiriam
Dos sucos a substância adormecida.
Mas logo que mais puro o dia assome,
Rompendo este letargo, anunciando
Que a ociosa Natureza enfim desperta,
Reconduze teus bois; a que obedeça
Ao gume, que a revolve, a terra obriguem;
E, certo o lavrador de seus proveitos,
Coòs olhos, e coà mão dirija os sulcos.

Já no etéreo Carneiro o Sol tocando,
Lhe desvanece a luz ²⁴⁸: ao grato anúncio,
O risonho aldeão nos pátrios campos
Lança os grãos de que é mãe a primavera:
Se os desdenha, se os cede a obscuros entes,
O mole cidadão soberbo e louco,
Tu não lhe adotes um desprezo insano,
Que neles vezes mil provém do orgulho.

Terás varrido da memória acaso
Ano funesto em que, alterado o clima,
Geadas soltas do intratável norte,
Até no sul da França branquejaram?
Murcham-se as plantas, a raiz definha
Na enregelada terra; espera o povo
Que floresçam de Zéfiro ao regresso
Os germes outra vez; Zéfiro inerte
Seus males, seus estragos patenteia:
Joio em lugar de trigo os campos veste,

²⁴⁸ «Porque entrar o Sol em um signo vem a ser passar-lhe por baixo; e então no-lo escurece.»

Que of'recem aos mortais apavorados
Perdidas terras, carestia e morte:
No horror da fome se alentou a indústria;
Novos dispersos grãos prometem vida;
A esperança renasce, e pouco a pouco
Se esvaece o terror: mas a esperança
Que presta contra Ti necessidade?
Eis Luís de seu povo afasta os danos;
Só para ser seu pai, seu rei se chama:
Do trigo oriental baixéis se pejam,
Em que a sabor do vento ondeia o lírio,
E como que das águas surgem messes!
Coòs dons do farto Egito assim Augusto
Itália aviventou, nutriu Sicília.

Enquanto aos campos teus a quadra nova
Colheitas preparar dos grãos primeiros,
A terra folgue destinada aos trigos,
Ardores do verão respire em ócio,
E a frescura também da primavera;
Se abres a terra então, calor funesto
Dos semimortos sais devora o resto;
Mas, quando o astro diurno em iguais tempos
Do sono e do trabalho as horas parte,
Outro sulco anteceda a sementeira,
Das substâncias da terra anime a força;
Se cumpre, sem tardar teus touros junte
E cruza os sulcos teus por novos sulcos ²⁴⁹.

Dos campos a cultura é sem proveito
Se de possante adubo os não reforças,
Reproduzindo evaporados sucos,

²⁴⁹ «Este preceito só tem lugar nas terras fortes, e nunca nas que forem húmidas ou delgadas.»

E os que ávidas espigas devoraram;
Destes auxílios género e medida
Das terras tuas a exigência regre,
Regre-os a condição: se é penetrado
De alimento robusto em demasia,
O chão co'a força extrema os pães sufoca;
E, sustento infeliz de vã folhagem,
Dá palha mentirosa em vez de trigo.

De restos os mais vis o estrume é feito,
Que em teu campo introduz, esparge vida:
A palha em que animais diversos pousam
É dos estrumes a melhor matéria;
Para os multiplicar une aos primeiros
Cinza dos lares e o silvestre espólio;
Estes pingues montões se ligam todos,
E aos ardores febeus amadurecem;
De pródigo cuidado assim mantidos
Alternam pelo campo os seus tributos.

Se, exaurida no seio, a Natureza
Entra a degenerar e quer que estrumes
Mais fortes, mais fecundos a restaurem;
O margo, de que usaram noutras eras
Nossos priscos avós, à tua escolha
Assim como a castina e cal se of²⁵⁰recem
Se a prudência os prestar, com tais socorros
Pode altamente remoçar-se a terra;
Com tais lições o agricultor vê cedo
Atulhado o celeiro aos pães negar-se.

²⁵⁰ «O margo é uma espécie de barro branco, ou terra fósil pingue e branda, que serve para adubar as terras áridas; a Castina é uma espécie de pedra, ou terra esbranqueada [sic] e seca, própria para adubar as que são fortes e húmidas; assim como a cal é conveniente para as que são delgadas, etc.»

Alquimista incansável, que presumes
De areias, de metais colher teu ouro,
Atenta o lavrador: quanto é mais certa,
Quanto mais a arte sua é milagrosa!
Puro efeito ele extrai de um misto impuro;
Por ele transformado, enobrecido,
O desprezível lodo a vida esteia.

Creu-se por isto que um romano outrora
Os mágicos mistérios exercia ²⁵¹:
Módica herança, aos seus trabalhos dócil,
Com rica novidade os premiava,
Enquanto desleixados lavradores,
Vizinhos seus, e da indigência opressos,
Sem colher, semeavam: dizem, clamam,
Que a seus campos chamou dos campos deles
Por arte horrível encantadas messes.
Citam-no; ele aparece, e mostra a um tempo
Os duros enxadões, os bois, o arado;
Presenta a filha que enrijou, lidando:
«Romanos, eis o mago, eis a magia
(Ele diz) e inda auxílio me prestaram
Outros encantos que mostrar não posso:
Minhas vigílias são, são meus suores.»
Fala; é com voz unânime absolvido:
Onde buscavam crime, encontram glória.
Tentou multiplicar indústria os frutos
Por novas experiências de ano em ano:
Divide o curvo arado a terra em folhas;
Uma de áureas espigas se enriquece,
Outra fica vazia; o sementeiro ²⁵²
Há de espalhar, cobrir-lhe o grão nos sulcos;

²⁵¹ «Foi um liberto, por nome Caio Fúrio Cresino.»

²⁵² «Máquina para semear melhor e com mais economia.»

A que se deixa ociosa, em pó tornada,
A erva parasita acolhe menos ²⁵³;
Lá corre o trigo próximo, e se estende
Com maior liberdade, e busca ao longe,
E encontra um fácil nutrimento; os muros
Espaça aos apertados teus celeiros;
Filhos do mesmo grão dois mil maduram!
Quem é que entre os mortais se atreveria
A encher seu coração de uma esperança
Que a Natureza em nós concebe a custo?
Adota, lavrador, prósida indústria,
Que um quarto de terreno em prados troca,
Revezando-os por todo, e dá destarte
(Unindo novos dons a dons de Ceres)
Campos aos gados, à lavoura estrumes.

Se num comprido espaço a herança tua
Propícios erva e grão dividem sempre;
E se profundos fossos, grandes muros
Em recintos diversos a repartem;
Se precisa mistão de adubo e terra,
Unida às tuas, as corrige, as muda;
Nos anos todos, férteis, vigorosas
Te dão searas, te alimentam gados.

Arte anosa e divina, ah! Tu, tu foste
Nos tempos de ouro, nos primeiros dias,
Sublime emprego dos heróis, dos sábios!
Ao latino cultor, Catão deu normas;
Ao cultor oriental, seus reis as deram!
Quando a virtude residia em Roma,
E pobre e majestosa a Sobriedade

²⁵³ «Chamam-se ervas ou plantas parasitas aquelas que vegetam sobre outras e se nutrem da sua substância.»

Inda sentia horror às pompas d'Ásia,
Os feixes aliavam-se aos arados,
E cem vezes o povo achou lavrando
Aqueles que subira a ditadores!
Da plaga boreal guerreiros torvos
As necessárias artes desdenharam;
Quiseram para si, boçais e altivos,
A frecha, o dardo, o alfange, arroteando
Seus campos cada qual por mão dos servos;
Apareceram tais os nossos Francos;
Rompe a verdade enfim por entre as sombras
Dos arredados séculos; seu facho
Aclara e reconduz ciências, artes;
Mas o lavor dos campos na ignorância,
Na funesta ignorância veio envolto
Por instinto servil aos tempos nossos:
Arte a mais útil se avalia em menos.

O idioma francês (cuja harmonia
Cativa em brandos sons Europa inteira,
Filho do sentimento, e nobre e simples,
De que um tímido gosto em demasia
Os direitos coartou) nasceu, formou-se
Da moral nossa, e seus vestígios segue:
As graças, as paixões, as guerras canta;
Mas não se imaginou que os sons prestantes
À fadiga rural cingir pudesse.
Enquanto por vingá-lo, eu velo, eu suo,
Da agricultura protetores nascem:
Profícuos cidadãos com douta pluma
Da cega prevenção triunfos logram,
O preço intimam da perícia agreste,
Apontam suas leis, e dão leis novas
Que mais formosas safras nos prometem.
Em meus versos, cultor, podia expor-te
Altos conselhos seus, altos arcanos;
Mas da experiência aprovações espera;

Árbitra do sucesso, é lei do sábio;
E o que atraí tanto o mundo, a novidade
Só recebe valor das mãos do Tempo.

Quando no fogo estivo as terras ardem,
E os Zéfiros e as águas as temperam,
E o campo destinado às sementeiras
Revolto está por teus finais trabalhos,
A escolha da semente é que te resta,
Escolha que avultar-te as ceifas pode.
Toma dos teus o melhor trigo, ou busca
Nos vizinhos terrenos trigos novos,
Traze a teus sulcos esta raça estranha;
O grão, se o mesmo é sempre, bastardeia;
Sulcos que amava, exaustos e perdidos
As lânguidas espigas mais não tocam.

Há lavradores prósidos que ajuntam
Água com cinza, e nitro, e com cal viva,
E o grão preparam neles, e exp'riam²⁵⁴;
Com isto os campos teus não poucas vezes
Se c'roam de melhor, mais basta messe.
Tu depõe a semente em brandos tempos,
Ou seja, quando o Sol preside à Libra,
Ou quando ele, deixando-a, encurta o giro
— Mormente os dias dos agudos gelos
Cumpre não esperar; produz o trigo
Semeado mui cedo erva ociosa,
Mas tardia semente os frios matam.

²⁵⁴ «Esta preparação faz-se por diversas maneiras, e tem por objeto conhecer o grão melhor para a sementeira; mas não é infalível.»

Tanto que a recebeu no seio a terra,
O germe impaciente ao grão se escapa,
E de longa cultura em breve o prémio
Será verdor gentil ornar-te alqueives;
Mas, quando em Capricórnio o Sol detido
Só pálido clarão nos céus difunde,
A Terra é sem vigor, e a raiz tenra
Não pode penetrar, subir, nutrir-se:
Neste asilo feliz dormindo os germes,
O sopro evitam do inimigo inverno.

Mal que volve a andorinha aos climas nossos,
Núncia leal da rósea primavera,
Se a erva das searas te apresenta
Vãos atavios, luxo ambicioso,
Teme nas messes abundância estéril,
E ao cordeirinho entrega inútil pompa.

De Favónio seus dons a terra fia,
Brotar com eles vejo a relva, o cardo;
Ah! se infesta raiz não lhes arrancas,
Tenro inda o fruto, inda leitoso abafam;
Dá-lhe seguro abrigo em seus casulos
A espiga vacilante: eis anuncia
Madura idade nas madeixas louras;
Muro que forma lhe resguarda a fronte
Contra a feroz procela e contra as aves.

Inda vemos sorrir-se a primavera
Quando o volúvel Zéfiro amoroso
Voa às espigas, e com elas brinca;
Afangadas da pluma, ao sopro dóceis
No móbil troncozinho ondeiam presas:
Vejo apertar-se, abrir-se a densa turba;
Lá se curvou, se ergueu, correr parece:
Dos ventos a sabor, ludíbrio deles,
Assim rolam no pego as leves ondas.

Mas, precedente à luz, que névoa triste
Cobrindo a espiga vai de um nitro inferno?
Se o vento lhes não dá bafejo amigo,
Sobre elas agro influxo, olhos funestos
Lança Febo ao romper; eis que repassa
Os deploráveis grãos peçonha horrenda,
Peste que os enegrece, e que os devora.
Desdobrem dois de vós, ó lavradores,
Corda que em vossas mãos discorra os campos
Com rapidez extrema; o trigo agite,
Supra seu movimento as auras mudas,
Antes que o fira o Sol co'as ígneas setas.

Flagelo inda pior me oprime a vista,
Seu veneno é mortal, e a causa ignota;
Alterada folhage ²⁵⁵, espiga infeta
Grãos me apresentam que, nascendo, abortam;
Ali, tórrida e seca é pó a espiga:
O fogo matador lambeu-a acaso?
Sem de flores vestir-se, além já feita,
Com falaz aparência ornando os males,
A forma inda mantém, lenta carcoma ²⁵⁶
Pouco a pouco as substâncias lhe aniquila;
Esta poeira torpe, aos grãos voando,
Embeber neles seu veneno fora,
E os campos de atra cor te cobriria;
Desterrar-lhes tal peste a que arte é dado?

²⁵⁵ *Sic*, em vez de «folhagem», por imposição da métrica.

²⁵⁶ «Corrupção.»

Tendo por mestra a Natureza, um sábio ²⁵⁷,
Que em nossos dias, que entre nós floresce,
Viu a origem do mal, e a cura indica;
Em água, em cal, em cinza, em sais dispostos
Para alterado grão remédio há pronto.
Luís sobre este invento emprega os olhos;
Co'a mão real, que imita a Mão Suprema,
Alta experiência em Trianon confirma,
E os paternos, magnânimos cuidados
Do monarca imortal com ela instruem
Quantos cultores seu império lavram:
Das artes e da França esteio e glória
Luís é cidadão e herói a um tempo;
Dos sábios é modelo, é pai da Pátria;
Às eras todas voará seu nome,
Sua beneficência às eras todas.

Mas se do Rei dos reis furor terrível
Sobre teus louros pães seus golpes vibra,
É toda a indústria vã, e a teus pavores
Não resta mais que as preces, mais que o pranto:
Sobe um vapor, se alonga, e se condensa;
Foge o Sol, o ar sibila, os céus negrejam;
De nuvem pavorosa em bojo espesso
Procelas amontoa a mão do Eterno,
E sobre nossas fronteiras as suspende:
Ele assoma: o relâmpago o precede;
Seu formidável trono ocupa o centro
Do Polo, que fraqueia ao peso enorme;
Falange de Aquilões lhe ruge em roda;
Fúrias, mortes aos pés, a flama o c'roa;
O Raio abrasador na mão lhe ferve,

²⁵⁷ «O autor fala de Mr. Tillet, que sobre o assunto escreveu uma 'Memória' premiada pela Academia de Bordeaux.»

Salta, bate, derruba, instrui os homens!
Olha rotas por ele as árduas torres,
Bosques em cinzas, rochas derrocadas!
Jaz a Terra em silêncio! O Medo ansioso
Murcha, enregela o coração dos povos;
Despiedado granizo alveja, pula,
As espigas salteia, abate-as, quebra-as;
Todos os furacões desenfreados
Os trigos dentre os sulcos desarraigam
No remoinho envoltos; as torrentes
Arrojam-se das serras bravejando;
Rios, já sem barreira, inundam vales:
Está submerso o campo, a messe é morta!...
Suor de um ano, destruiu-te um dia.

Se as leis da Natureza o céu não tolhe,
Contra estes danos a arte às vezes presta:
Dentre os diversos corpos o homem soube
Extrair, ver, tocar há pouco a flama
Motora do universo ²⁵⁸: ela, sumida
Lá na matéria, e rápida saltando,
Rápida mais que o som, se of'rece à vista
Só quando sai de um corpo, e, semelhante
Do relâmpago à luz, sobre outro voa
Atravessando os ares: este fogo,
Se indústria o conduzir, metais penetra,
Derrete-os, vitrifica-os; férrea agulha
O atrai, e acende elétrico elemento,
Fósforo girador, frouxel brilhante;
Tal outrora se viu lume assombroso

²⁵⁸ «O fogo elétrico: reiteradas experiências têm demonstrado ser ele o mesmo que o fogo Elementar.»

Dos romanos cobrir, dourar as armas ²⁵⁹;
Tal, e o mesmo, dos nautas ante os olhos
Rutila o fogo que lhes é tão caro;
Fogo que no pavor das tempestades
Ao mastro eletrizado as nuvens mandam,
E brinca, e se revolve, e obteve o nome
De Helena, Castor, Pólux ²⁶⁰: a faísca
Elétrica, e fuzil das nuvens solto
Como um mesmo elemento apareceram,
E enfim aos olhos a experiência o prova:
Se pesada tormenta os céus carrega,
Vara de ferro levantada, e presa
Por arte sobre o monte, ou torre, ou teto,
Do raio, oculto em próximo negrume,
Rouba a matéria, e súbito a transmite
Ao fiel condutor, que sem violência ²⁶¹
A apontado lugar a infesta chama
Em silêncio conduz: assim removes
De frutos, campos ou cidade os raios,
E o mal, que ameaçava as fronteiras nossas
Leva o prigo, o terror para outros ares.

Também com arte audaz, imperiosa
Esse ardente fenómeno terrível
Pelo fluido elétrico se forma,
E os olhos na evidência absortos ficam.
Do globo na cadeia um vidro exposto
A luz atrai, e eletrizado brilha;

²⁵⁹ «Refere-se ao que César deixou escrito nos seus comentários: *Eadem nocte quintae legionis pilorum cacumina sua sponte arserunt* — ‘Nessa noite se inflamaram por si mesmas as pontas das lanças da quinta legião’».

²⁶⁰ «É o fogo a que nós chamamos Santelmo, e que os Antigos tinham por estrela; quando aparecia um só fascículo luminoso, chamavam-lhe Helena, e quando apareciam dois, chamava-lhe Castor e Pólux.»

²⁶¹ «Chamava-se condutor um corpo pelo qual a matéria elétrica se dirige e se transmite de um ponto a outro sem se espalhar.»

Já não é mais que um céu, faíscas todo;
Rompe, salta o relâmpago; os ouvidos,
Exalando-se o fogo, assusta, fere,
Com repentino, amiudado estrondo,
E de sulfúreo cheiro empesta os ares;
Penetrado o cristal dos ígneos tiros,
Sem que eles o traspassem, todo se enche
De vestígios errantes: com esta arte
Um feliz Salmoneu reluz, triunfa,
Faz que a Terra assombrada escute o raio;
E, Prometeu sem crime, aos Céus o rouba,
E em nossas mãos depõe o etéreo fogo.

Mais felizes contudo os habitantes
Das margens que fecunda alegre o Nilo!
Não se ouve lá tropel, motim dos Euros
Turbar aos ares seu murmúrio doce;
Em águas o vapor não se resolve,
Nem do seio os coriscos lhe rebentam ²⁶².
Lá sempre um puro Sol derrama os dias;
O céu calmo, e risonho, e transparente
Lá de safira e de ouro as cores veste:
De seis luas no espaço ao grato clima
Dos montes da Etiópia descem chuvas;
Reforçado com elas sobe o Nilo,
Águas desmanda pelo egípcio campo,
Que seus tesouros só do rio espera:
Quando às portas do Trópico é detido
Febo por Cancro, longo mar se antolham
As campinas do Egito; é ar, é ondas
Tudo quanto aparece ao longe, ao perto:
Cidades se abandonam, formam-se outras

²⁶² «No Egito nunca há trovoadas; e as poucas vezes que se lhe tolda o céu, apenas derrama um orvalho.»

De unidas barcas, onde o riso, as danças,
Festins e jogos e harmonia ofertam
Espetáculos mil por toda a parte:
O Nilo a seus canais enfim recua;
Fecundadas por ele, e sem que exijam
Os desvelos que aponto em meus preceitos,
Sem custo, ou adubio as messes brotam;
De relva e flores no verdor, no esmalte
O Egito representa um prado imenso:
Quando reina entre nós o brusco inverno,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam,
Vós, Zéfiros, brincais na egípcia plaga;
E, quando a relva aqui revive apenas,
Ao ferro ali sucumbe a flava espiga ²⁶³.

Ó vós, com quem não tanto é de seus mimos
Pródigo o Céu, vivíssimos ardores
Esperai do Leão ²⁶⁴: quando ele impera,
As messes brilham como o Sol que as doura;
A espiga encurva a testa, e dentre silvas
Rouquejando, a cigarra invoca a ceifa.
Já pacífico exército se avança,
Toma a foice na mão, e os trigos sega;
Derramados sem ordem ficam, jazem
Por aqui, por ali; depois em feixes
Em ligados montões amarelejam.

De míseros que chusma (oh Céus!), é esta? ²⁶⁵
Colhe laboriosa a passo lento
A espiga que escapara aos segadores.
Ah! não lhe arrebateis, deixai-lhe, avaros,

²⁶³ «Os egípcios semeiam em novembro e fazem a colheita em março.»

²⁶⁴ «Mês de julho.»

²⁶⁵ «Os rabsicadores; ou, mais propriamente, respigadores.»

Tão ténue parte de tão vasta herança;
Dos dias seus esse alimento escasso
Perdido foi por vós, e que vos presta:
Deve-se ao pobre o que sobeja ao rico...
Resto, ai! único resto do áureo tempo
Que os homens via irmãos, sem dono a Terra;
Áureo tempo em que tudo era de todos!
Deixai que um monumento ao menos dure
Do sagrado poder que a seu monarca
A Natureza deu, as leis tiraram.

Entretanto na herdade amontoadas
Roçam-te os tetos as paveias tuas,
Em torno aos muros; tens no meio a eira,
E instrumento, que açoita os louros frutos,
Força a depor seus grãos avara espiga;
Volteando com arte outro mil vezes
Cai, e recai nas ordenadas messes,
Ao repetido embate o chão ressoa,
Co'a palha misturado o trigo voa.

Nos climas onde o Sol não se anuncia,
Onde mui raro tempesteia o vento,
Dispõe firme terreno à eira tua,
Que erva, ou formiga penetrar não possam,
E que, as planícies dominando em roda,
Ganhe o bafo subtil de aragem mansa;
Lá teus almos depósitos se levam,
Lá da celeste abóbada se fiam,
E arte do segador com tais auspícios
Ergue as brilhantes, as barbadas torres,
Que têm debaixo dos dourados tetos
Em aperto, em resguardo os teus tesouros.

Depois na eira, em círculo ordenadas,
Vós, paveias, sofreis a planta equina:
Ao peso de seus crebros, duros passos

As amarelas hastes arrebentam,
E escapa inteiro grão da rota espiga;
O crivo, meneado em mão ligeira,
Do estranho, leve pó separa o trigo;
A palha voa, foge, e o grão já puro
Altamente os celeiros te abastece.

O tempo da abundância é da alegria,
O homem possui a principal riqueza:
Como, extinta a procela, os nautas gozam
Doce repouso na enseada amiga,
Tais quietos na eira os lavradores
Vem ²⁶⁶ dos trabalhos seus o fim e o prémio;
Tudo pinta o prazer, são risos tudo;
Parece que Himeneu de dia em dia
Nesta aldeia e naquela acende os fachos:
Eis aqui, eis ali campestres jogos,
Festins, canções d'alto arvoredos à sombra;
O gado, o fuso à pastorinha esquecem,
Aparta-se o pastor de seus rebanhos,
De seus campos o agrícola se aparta;
Meninos em tropel com ânsia os seguem,
E atravessam, pulando, agrestes danças;
Sobre a palha novinha os ouço, os vejo,
Matizando os prazeres da inocência,
Na luta, na carreira exercitar-se;
Vejo-os cair, erguer-se, e rir da queda:
Mais longe amantes, que a ternura inflama,
* Sentados sobre o colmo aprestam laços ²⁶⁷
* Encanto da existência, origem dela,
* Tais que se a eterno ardor mos não vedara
* Muro erguido entre nós por mão do Fado,

²⁶⁶ Por imposição métrica.

²⁶⁷ «Todos os versos com asteriscos são acrescentados por Bocage.»

* Se prisão tua, e de um mortal não fossem,
* Contigo, Anália, me fariam nume.
Felizes aldeãos! Sua alma ingénua
Da profana cidade ignora os vícios;
De volúvel paixão caprichos firmam,
E em corações que nem desprende a morte
Se une Himeneu a Amor, pureza ao gosto.

Tu celeiros propícios cauto escolhe,
Ao frio, à calma impenetráveis sejam;
Francos aos nortes, satisfeitos deles,
Teu louro cabedal dos Suis preservem;
Desvelados teus olhos o examinem,
E com robustas mãos se espalhe e mova:
Teme a quente estação; nela aparece
O gorgulho cruel; esse inimigo,
Contagioso inseto os grãos traspassa,
Os come, ou inficiona: inda o não sabes,
E o número fatal de seus enxames
Já dos trigos ao número equivale;
Não destruindo a raça matadora
Fica o roído grão poeira todo:
Do vinho o cheiro ativo, e plantas, flores,
O alho importuno, que ao colono é grato,
O óleo também que de um rochedo emana ²⁶⁸
São dons da Natureza úteis venenos.

Caterva de formigas sai das covas,
Investe as eiras, o celeiro investe;
Longo exército marcha em campo estreito,
No transporte do espólio ferve a turba:
Esta o pesado grão conduz na boca,

²⁶⁸ «O autor fala do óleo que nasce de um rochedo e forma uma fonte perto de Gabian, aldeia pouco distante de Béziers, no Languedoque.»

E aquela maior furto a rastos leva;
Regem outras o passo, à obra incitam:
Suas pródidas leis convém que imites,
O exemplo delas teu desleixo emende;
Mas cerra os armazéns à negra chusma,
E atulha os subterrâneos onde habitam:
Há para as destruir mais fácil meio;
Entorna-lhe no asilo água fervente,
Colhe as formigas na inundada estância,
E em ígneas ondas o inimigo afoga.

Por que os tesouros de teus campos durem,
Arte simples e nova dá leis certas:
Na joeira se alimpe, e da humidade
Isento para sempre o trigo seja;
Uma estufa prepara, onde ar, que a enche,
Se abrase em fogo oculto, e creste, e mate
O inseto devorante, o germe ignoto.
Esta, que Duhamel há dado à França ²⁶⁹,
Arte profícua te defende os trigos:
Este asilo não sofre o bicho, as aves,
Mas quer ventilador ²⁷⁰ que o ar lhe inove,
Ou um moinho o agite, e ao grão já quente
Alívio salutar nas asas mande,
Ou dois flexíveis foles à porfia
Aspirem sempre o ar que o grão refresque:
Ar segue o ar que o foge, aperta e entra,
E se insinua, e sai rapidamente;
Destarte o trigo teu refrigerado
De todo o misto impuro está liberto.

²⁶⁹ «No seu tratado da conservação dos grãos.»

²⁷⁰ «Máquina para dar novo ar aos lugares fechados.»

Meio mais fácil, da experiência filho,
Grãos e semente ao lavrador conserva:
Quando da ardente abóbada, que os coze,
Já prestes a nutrir-te os pães se tiram,
Se ali, donde eles saem, se ali o amedas
Necessário calor o trigo encontra,
E forte após dois dias seco e puro
O verás salvo do inimigo inseto.

Sai a colheita enfim de teus celeiros,
Leva a mil partes abundância, vida,
E, por diversas plagas circulando,
Ela anima, repara, escora o mundo:
De pródigos verões ceifa ditosa
Socorros afiance a estéreis anos;
Debaixo da cal viva agasalhado,
E em funda cavidade incluso o trigo
De invernos cento ou mais, não teme afrontas.

Mas vós que destes bens, ó camponeses,
Não podeis nos casais erguer montanhas,
Ah! que fareis, se a carestia horrenda
Semear amargura em vossos lares
Nesses tempos fatais? Que é do regresso?
A opulência obterá de férteis climas
O que infecundas terras vos negarem,
E não descobrireis num campo ingrato
Mais que a fome voraz, e logo a morte.
Ó vós, a que a abundância o luxo apura,
Indigência adoçai de mil que gemem;
É título a penúria, um jus sagrado
Tem à vossa piedade, e é uma, é uma
Das nossas precisões fazer ditosos:
Cidades imitai que opõe à fome
Depósito comum, zelados trigos;
Nesses ricos montões se alenta o pobre:
Eis os campos que tem quem não tem campos.

Lá das margens do Escaut que gritos soam!
Povos cultores das flamengas terras,
Vingava o trigo vosso; a nova quadra
Ampla colheita prometia aos votos.
De repente a Discórdia o Medo esperta;
A Paz ao som das armas treme, e voa;
Respira tudo raiva, e guerra, e morte,
Dos ávidos soldados tudo é presa:
Nas tristes margens aterrado, o rio
Vê consternadas mães fugir ante eles;
Os convulsos, atónitos pastores
Incitam para as próximas aldeias
Do tímido rebanho os lentos passos;
Aos olhos do colono o ferro brilha,
Desampara gemendo os bois, o arado,
E a vista com saudade aos campos volta;
Campos que não lavrou para inimigos!
O bronze atroa os céus, baqueiam muros,
Defensores não há; morreram, morrem:
As torres crê Tournai remir do estrago.
Onde, ó germanos, batavos, ingleses,
Onde ides? Que produz o auxílio vosso?
Vingar-vos Cumberland de balde emprende ²⁷¹;
Luís voa ao perigo, a glória o chama:
Vede de Fontenoy, vede nos campos ²⁷²
Destemidos, magnânimos guerreiros
Que, olhando-os, ele inflama e guia aos louros,
Reluz prudência do meu rei ao lado,
Reluz grandeza heroica e brio ufano;
Nas falanges adversas bramem, lavram
Esperança falaz e presunçosa,

²⁷¹ *Sic*, em vez de «empreende», por razões métricas.

²⁷² «A batalha de Fontenoy foi ganhada [*sic*] pelo marechal conde de Saxe, em 1745.»

Temeridade insana, insano orgulho:
Entre eles e entre nós audaz braveza
De fileira em fileira esparge a morte;
Mas o treício nume ²⁷³ carrancudo
Desta cena de horror corta o progresso,
E só furores vãos deixa aos vencidos:
Os passos de Luís segue a Vitória;
O herói triunfante a Humanidade escuta,
Lamenta o sangue que os troféus lhe importam,
E, porque outorgue a paz, só quis a palma.

Delícias do teu povo, ó rei sublime,
A tão reto desejo os Céus anuem:
Já, já vão renovando os lavradores
Seus puros passatempos; e, a teu nome
Cõa voz do coração mil vivas dando,
Dirão a nossos netos: «Messes, festas
Devemos a Luís; não preza menos
Venturas nossas que proezas suas.»

CANTO II

Das Vinhas ²⁷⁴

Já celebrei cultura e dons de Ceres ²⁷⁵;
Acode, vinhateiro, às vozes minhas;
Teus outeiros dispõe: sazone o cacho,
Nas adegas depois se envaze o néctar.

²⁷³ Ares, deus da guerra na mitologia grega, equivalente a Marte, na latina.

²⁷⁴ Como assinalámos, este canto foi publicado por Bocage, em 1804, no terceiro tomo das *Rimas*.

²⁷⁵ Este verso não consta da edição citada na nota anterior.

Eu vou cantar beneficências tuas:
Meu estro alteia, ó Deus, que preservaste
Do naufrágio do mundo um ente pio,
Grão patriarca das idades duas,
Que, da vinha cultor, seus usos soube.

O homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assoberbava;
E, disposto à vingança enfim o Eterno,
Já ia exterminar perjura estirpe.
Um justo o suspendeu; Noé somente,
Só, em todo o universo, obteve a glória
De que os Céus dentre os ímpios o extremassem.
Assim que a lígnea estância ele findara,
A Terra com seus povos foi proscrita:
Ferrenho o Polo, o Polo inexorável
Ante os olhos atónitos derrama
Torrentes, até'li nos ares presas.
Solto o oceano da barreira imóvel,
Onde a mão do seu Deus lhe estreita as fúrias,
Sai, corre, ferve, brama, inunda a Terra;
Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
A arca só do universo é a esperança.

Nisto o Senhor e o Pai da Natureza,
Por sua retidão desagravado,
A cólera mitiga, acena aos ventos,
Que, os céus acrisolando, a Terra enxugam.
Pouco a pouco ressurgem penhas, serras;
O remidor baixel no arménio monte
Encalha finalmente; as ondas fogem
Por aqui, por ali a estrada abrindo,
E como que as montanhas nascem delas.
Entra mugindo o mar no leito enorme,
E volve etérea linfa ao seio etéreo.

Mas do salvo mortal qual é o espanto!
Que lúgubres mudanças pavorosas
Vê no seu domicílio! Eis alterada,
Eis d'água a Terra aberta em fundas bocas.
Os matizes perdeu, perdeu o esmalte,
É confuso montão de lodo e rochas.
Já nas rotas, misérrimas entranhas
Os sucos lhe não correm. Fero ainda
De nuvens todo o ar se entenebrece:
O homem treme e receia outros naufrágios.

Mortal, não descorçoes. Deus promete
Que nunca a Terra ingrata os mares sorvam:
Atenta no arco, de aliança abono,
Que doravante a Divinal Clemência
Entre si, e entre nós de todo firma.
Eterna mão por benefícios novos
A Terra formoseia, onde gravara
Do seu vasto furor sinais tremendos;
Um deus se digna de ensinar aos homens
Arte ditosa que em licor celeste
Muda espremidos, saborosos cachos.
Este néctar possante inova as forças
Do mortal quebrantado, os risos gera,
E co' a fecunda, cordial virtude
O mundo consolou do equóreo estrago ²⁷⁶.

Juntas cepas Noé dispôs em ordem,
Armado do podão talhou sarmentos.
Ao peso de seus pés purpureados,
O cacho rebentou, e ante seus olhos
Correu, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.

²⁷⁶ «Isto diz, porque (segundo opinião mais recebida) o fabrico do vinho só foi conhecido depois do Dilúvio.»

Arménia te gostou, nectáreo suco ²⁷⁷,
A Grécia com fervor te quis no seio;
De Colónia e colónia em mãos a vinha,
Passou dos orientais ao campo ausónio.
O Ebro vestiu com ela as praias suas,
E para haver seus dons o galo antigo
Rochedos cometeu, transpôs montanhas.
Cedo o Erídano o viu co'as mãos ovantes
Roubar-lhe o sumo dos vinosos bagos.
Antes de submeter-se às leis de Roma
O arecómico Volco ²⁷⁸ em nossos climas,
Já do Ródano a vinha ornava as margens.
Dentre seus lagos Maguelone admira
Ladeiras que de pântanos se adornam.
Submisso ao jugo do adorável probó,
Desdenha os frutos da azinheira o celta,
Os bosques arrancando, acolhe as vides ²⁷⁹;
E com seus vinhos igualmente o Belga
As frias águas tinge ao Vessa, ao Reno.

Tocando a rica planta o chão germano,
Seus verdes braços à Panónia estende;
Mas, porque aos tenros, melindrosos filhos
Receia os golpes da geadá infesta,
Climas foge onde a Ursa, o carro assomam,
E da fogosa Eclíptica os ardores
Sobre areia africana escádeas torram ²⁸⁰.

²⁷⁷ «Primeiro na Arménia, porque ali viveu Noé, depois do Dilúvio.»

²⁷⁸ «Volcos arecómicos se chamavam os povos do baixo Languedoque; assim como os do alto Languedoque se chamaram Volcos Tectosagos.»

²⁷⁹ «Porque Domiciano lhe havia proibido a plantação das vinhas, e Probo lha concedeu.»

²⁸⁰ «Escádeas, propriamente, são esgalhos ou raminhos do cacho de uvas; mas aqui tomam-se pelos mesmos cachos.»

Entre estas flamas e os gelados Polos
À sombra de um céu brando existem plagas
Onde os Favónios amaciam Bóreas,
Onde chuveiros o calor temperam,
E na carreira oblíqua o Sol constante
Abre para os mortais, lhes assegura
Frutos formosos e formosos dias.

Eis o terreno às cepas deleitoso:
Lá surge a parra, madurece o cacho;
Mas há paragens ali mesmo ingratas
A que repugna sem virtude a cepa,
E a que nunca se afaz: parca ou estéril
É sobre chão barrento; é forte em pingue,
Mas tristemente fértil: esconder-lhe
Cumprê no abrigo de amorável clima
Setentrional carranca e ventos bravos.

Ama o escasso pendor um belo outeiro,
Onde a terra sulfúrea, leve, unida
Em chão fragoso co'a volante areia,
Recebe toda a luz do Sol mais vivo.
Ali (mercê dos refletidos lumes),
De ótimos frutos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra e lavra ali já gastos,
Cospem chama eficaz que aos troncos salta.
Assim vemos a pedra onde ele oculto
Do frio, duro seio é arrancado;
O aço pronto a golpeia, sai do embate
Ígnea centelha, e pula, e brilha, e morre.

De altíssimos outeiros no recosto,
Onde a cepa firmar-se apenas pode,
Fervente aluvião, que vem dos montes,
Vales com teus plantios alastrara,
Se duplicados, vigorosos muros
Da procela ao furor não fossem diques.

Est'arte o atavio é dos fecundos
Cerros que o Tarn e o Ródano humedecem.
Lá diligentes mãos vi dia e dia
Trazer dos vales os torrões lodosos,
Cobrir das rochas a nudez agreste
Comunicar-lhes vida, e fecundá-las.
Emendando a madrasta Natureza,
Assim, ó arte, anfiteatro formas
De flores, frutos e árvores, que erguido
Em ledas gradações aos montes sobe,
Onde as messes e as cepas nascem, pendem.

Cavaste os regos. À exp'riência toca
Escolha dos plantios e distância.
De arraigados pimpolhos, que verdejem
Com primaveras três, servir-te podes
Desses alunos teus, que no viveiro
Primícias de raízes te ofertaram.
Mas isto, assaz custoso, assaz inútil,
De experto vinhateiro é rejeitado.
Imita-o, corta essas estacas fáceis
Que houveras escolhido em troncos férteis.
Arrancados à mãe renovaos tenros,
Enfeixados, cativos n'água ou terra,
Grãos esperando a que os destine a sorte,
Logrem frescura, e sem raízes vivam.

Lá quando o turvo Aquário ²⁸¹ em nossos climas
Faz que reinem com ele a neve, os gelos,
Conduze ténues hastes; a esquadria
Em angular feição divida a terra:
Quer vigoroso chão que mais se apertem,

²⁸¹ «Em janeiro.»

Que se desunam mais quer uma encosta;
Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
Se provar devem da charrua o ferro.

Que mão destra, os plantios concordando,
Misturar saberá géneros vários?
Bebida singular compor deseja?
Faze liga gentil de uvas diversas:
Esta, que abunda de calor, de força,
Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as cores;
Aquela, de sabor mais aprazível,
De condição mais branda, of'rece aos lábios
Licor delicioso, e vivo, e leve;
Cacho de superfície alambreada
Vinho anuncia espirituoso, ardente,
Mas que em breve se altera: alguém que saiba
As misturas, e os números contar-lhes,
As ondas contará que sobre as praias,
Ou contra as árduas penhas vêm romper-se.

Segue-lhe usos e leis em todo o sítio,
Regra austera, excepções, porém, sofrendo;
Segura nos seus votos, a experiência
Do consumado vinhateiro é guia:
Morrendo algum renovo, abaixa, enterra
De cepa um mergulhão com que vizinhe;
Sucessora do irmão, do sítio herdeira,
Mãe seja ali de descendência nova.

Fácil, pronto em subir, não poucas vezes
Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantém; dele apiedada,
Socorre a Natureza o débil ramo,
Com tortuosas mãos o corpo lhe arma.
Eis o pâmpano alonga os verdes braços,
Ajudador vizinho em torno busca,
E se ampara com ele; é necessário

Prever-lhe as precisões. Alta na Etrúria,
Casa-se a vinha ao olmo inda criança.
Desde o seu nascimento ambos unidos,
Um por outro abraçados, vivem, crescem
Os ramos amorosos, e não tarde
A árvore of'rece aos olhos admirados
De uvas e parras orgulhosa a frente.

É proficuo tanchão bastante apoio
Ao sarmento, entre nós menos altivo.
Da ufana Ibéria nos ardentes combros,
Nos que a margem do Ródano acompanham
Jamais socorro alheio eles imploram:
Força própria os sustém, sem risco sobem,
Não temem fúrias de contrários ventos,
E os ramos seus com desafogo estendem.

Honra de teus vergéis, a vinha às vezes
Ouro alardeia, e púrpura dos cachos;
Por formosa latada eleva os frutos,
Trepas e roças no cume encaniçado,
Ou, curvando inda tenra a dócil rama,
Os parreirais de pavilhões te c'roa.

Quando o murcho sarmento as galas despe,
Vai podar, bem que ainda não voltasse
Do cultivo a sazão; se acaso imitas
Ordinário vagar dos vinhateiros,
Se do geral costume és cego escravo,
Té que os primeiros Zéfiro suspirem
Mando não ousas ter nas vinhas tuas.
Em vindo a primavera acorda o suco,
Anda de veia em veia, anima os ramos,
E, encontrando a ferida aberta e fresca,
Em lágrimas de mais ele se escoá,
Evapora-se enfim; porém, o inverno
No podado sarmento aperta, e cura

Quantos canais lhe lacerara o ferro;
Modera os prantos seus, e assim cativo
O suco se mantém, que aumenta os frutos.

Às lavras finalmente a primavera
Solto exercício dá: nas mãos nervosas
Tomam férreo instrumento os vinhateiros;
Aos golpes os torrões lá se amolecem,
Roçam-se as pedras se atavia o campo;
E, de saibro vizinho as cepas livres,
Do Sol aos raios a raiz devassam.

Tens as colinas destinado à lavra?
O mestiço animal e os bois conduze.
Entre fileiras de arredados troncos
A indómita cerviz lhe afaze ao jugo.
Assim que a primavera adoça o clima,
Abre os olhos a vinha, e choros verte.
Recolhe atento as valiosas gotas;
Na vista, que a despiu, renovam graça,
Com elas volve à face a tez de rosas,
E a pedra, intensa dor, bebendo-as, vai-se.

Teme, porém, que Zéfiro a seduza,
E fervorosa, e de chorar cansada,
Desdobre a vinha não prudentes flores;
Muda Favónio, primavera engana.
Da plaga nossa rechaçado às Ursas,
Oh! quantas vezes o medonho inverno
Torce a negra carranca e retrocede!
Por entre virações entorna gelos,
Rouba à Terra os tesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros.

Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê também, sê cruel para salvá-los;

Decepa logo, logo as novas folhas:
O sarmento verás tornar-se à vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Provam-lhe o esforço e juntamente o dano.

Se até na cepa volteando o suco,
Impróprios frios os sarmentos crestam,
Cumprer que a estéril fronte lhe cerceies,
Cumprer que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fértil ramo ali situes:
O tronco o adota, e mais feliz, mais farto
Dá novos frutos, numerosa prole.

C'roam-se entanto os pâmpanos de flores,
E recolhem do Sol calor propício;
Mas, se o planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abóbada celeste,
Porque aos raios febeus a vinha esquive,
O cauto vinhateiro ampara as cepas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A pérfida raiz destrói das ervas,
Em vizinhança ao tronco estacas planta,
Que os braços lhe mantêm quando se alonga;
Rege os pimpolhos que no extremo abundam,
Um ramo se condena, outro se escolhe;
Prende a altivez de ambiciosa folha,
E, se lhe empece, um botãozinho arranca.
Mais fecundo perdendo ávidos filhos,
Só ramos úteis fortalece o tronco.

Formam-se os cachos, e o calor bem cedo
Há de pintar-lhes duvidosas cores:
Quando, cobrindo-os a folhagem densa,
Opõe à luz diurna um véu sombrio,
Tornem-lhe a luz, e mais vermelho o fruto,

Vê-se que ao Sol de púrpura se tingi.
Em vicejando sem arrimo as cepas,
Basta entrançar-lhes a madeixa longa.

Jamais das vinhas te enfastie o amanhã:
Elas socorros teus assíduos querem.
Já forte, e nova terra estão rogando,
Já nutrimento de abundoso estrume ²⁸².
Erva destróis em vão, e em vão repulsas,
Ela se reproduz; teima em tirá-la.
A nojosa lagarta, oculta aos olhos,
Prole depõe no pâmpano recente,
Se esconde, envolve, e da folhage ²⁸³ infesta
No curvo seio em segurança vive.

Pernicioso inseto, eis sai da terra ²⁸⁴,
E, roendo a raiz, faz guerra ao fruto.
Dos caracóis o rojador enxame
Com a espuma tenaz corrompe as uvas.
Contra tanto inimigo armar-te deves,
E os danos com desvelo acautelar-lhe:
Ergue uma balsa, os erriçados muros
Dali rebanhos com o espinho arredem;
Da cabra mais que tudo o infenso dente
Para a cepa que fere é peçonhento.
De trabalhos um círculo te abrange;
O ano aponta, volteia e retrocede.

A quadra mais feliz, mais opulenta,
O outono a teus desejos aparece.
Cala-se, e dorme o Vento, o Sol no giro

²⁸² «Os estrumes aumentam o vigor e a produção das vinhas; porém, de ordinário alteram-lhe a qualidade.»

²⁸³ *Sic*, em vez de «folhagem», para não ferir a métrica.

²⁸⁴ «O escaravelho.»

Distribui igualmente a noite e o dia;
De importunos ardores livre, a Terra
Respira os moles Zéfiros; a planta,
Toda pomposa dos seus dons mais belos,
Já para nos brindar inclina os ramos.
De frutos mil c'roada a Natureza,
Nos convida ao festim, que lhe orna a mesa;
O cacho aos olhos sazonado oferta,
E envolto em superfície azul ou roxa.

Dado o sinal, enceta-se a vindima;
Enxame camponês caminha à pressa,
Dirige-os o prazer; co'as mãos ativas,
Da cantilena ao som, cerceiam cachos;
Porém, frutos com eiva ou abortivos
Do tesouro comum são refugados.
Deixa esses bagos, alimento de aves,
Não te manche os tonéis seu podre sumo.
Aos cachos apanhados num só dia
Não dás um só destino; estes se elegendem
Entre mil para a mesa, e se mergulham
N'água fervente de que surgem brandos;
O Sol murchou-lhe a flor da mocidade,
E rugas a velhice antecederam.
Aqueles, cujo preço é venerado
Da quadra fria, engelham-se nos tetos,
Pendentes envelhecem manso e manso.

Acolheu-se a teus muros a vindima,
Folhas enjeitas, e a despida esgalha;
Sobre tábuas depois, com arte unidas,
Nus, vigorosos pés espremem cachos:
O sumo em grossas ondas vai manando;
Preso nas pipas, nos tonéis cativo
Fuma, ruge o licor, e sobe, e ferve;
E co'a pele, que tingem, misturado
Toma o lustre, o calor de um vivo fogo.

Cinco vezes a Noite os véus desdobra,
Cinco vezes o Sol desfaz as trevas,
E gota a gota nos cristais filtrado,
Qual brilhante rubi, cai puro o vinho.
Convém que saia então da cuba, e seja
Das fezes desviado: os lígneos muros
Dos vasos que encha o cárcere lhe apertem.

Era em Grécia, em Ausónia um tosco barro
Estância frágil dos ferventes mostos;
Ou, no seio de um odre amotinados,
Não poucas vezes a prisão rompiam.
Teu povo, ó mãe, ó Gália industriosa,
Soube em curva madeira obstar-lhe às fúrias;
Tábuas juntando, circundadas de arcos,
De invencível cadeia as oprimiam ²⁸⁵.

Quando falece o vinho à cuba exausta,
Toma dos bagos o fumante espólio.
Ei-los já, no lagar acumulados,
Ao peso gemem de abatidos fusos.
Saem da uva esmagada os sumos logo,
E regatos de vinho a terra inundam.
Tropel vindimador ao vê-los folga,
Tomam copos nas mãos, dão grandes sorvos,
E, se outra vez na cuba introduzirem
Estas já fezes lânguidas, cansadas,
E as afogarem n'água, em breve a coram;
Aparência de vinho engana os olhos,
Suco de expressos bagos a presumem,
Mas do falso licor o travo insulso
Mostra a fraqueza da mistura imprópria.
Eis, engenhoso amante de áureo vinho,

²⁸⁵ «Os Galos Cisalpinos são tidos por inventores dos tonéis.»

Queres que, rindo aos olhos, saiba ao néctar?
Nunca dos cachos te alicie o alambre:
Dão licor fraco, amareleja em breve.
Nasce vivo licor das uvas negras,
E experto ²⁸⁶, e cintilante as quadras vence.
Arte se deve de champanha aos povos,
Que um corpo aos vinhos dá firme e durável;
Est'arte presta só. Depois d'Aurora
Aos lumes de um Sol puro escolhe, apanha
Uvas tintas de azul e inda orvalhosas.
Estende-as molemente, e vai d'espaço
Lançá-las nesse dia em teus lagares,
Sintam do fuso os golpes; ser costumam
Primeiros prantos seus seus dons mais doces:
Humor que se lhe extrai do seio à força,
De um pálido rubi tem cor incerta.

Lá nas adegas que ruído soa!
Que ondas são estas que em tonéis escumam!
Deixa livre abertura ao mosto aceso,
E sem custo entre o ar, saia, e murmure.
Destarte, quando tubos aprisionam
Ondas que vão cair num tanque vasto,
Receias que do vento o bafo incluso,
E água, espertada na prisão por ele,
Unindo-se, os canais arrombem todos,
E abres então respiradouros livres:
No cárcere igualmente o vinho ruge,
Levanta borbulhões, e crê que o rompe;
Escumando se apura; ajuda-lhe o erro,
Nutre-lhe a fúria por que amanse o fogo.
Ardores juvenis tempera a idade:
Repousam, finalmente, e se amaciam.

²⁸⁶ Experiente.

Então dos lares teus os subterrâneos
Em torno aos muros os tonéis acolham:
Resguardar-te as adegas deve a terra;
Se os ecos do trovão teu vinho assustam,
Move-se, ferve, turba-se, descora.
O asseio impere na tranquila estância,
E a todo o cheiro inacessível seja ²⁸⁷.
Longe ess'arte impostora, essa que, os nossos
Puros bens viciando, ao vinho ajunta
Agradáveis peçonhas: sobre a escória,
Quando mui longo esquecimento o deixe,
Que ele se alie co'a inimiga temam.
Do lodo corruptor largue a morada,
Remoto dele, e preservado exista.

Queres que os vinhos à clareza, ao pico
Agreguem seus rubis, ou viva espuma?
Do seio dos tonéis convém que os tires
No tempo em que renasce a Natureza.
Seiva, que a mocidade à vide acorda,
Opera no licor e anima-o sempre.
Depois da primavera amadurecem
Aos vinhos o vigor, eles alcançam
Do sossego e da idade um preço novo.

Se, a despeito, porém, de teus desvelos,
Se evapora o licor empobrecido,
Ou finalmente azeda, o vício dele
Certas virtudes tem; seu gosto e cheiro
Insípido manjar corrige, aduba.
Contra cem males, cujo ardor curtimos,
Triste mortal nas aflições o implora.
Dos venenos da peste a fúria extingue,

²⁸⁷ «Porque todos os maus cheiros alteram o vinho.»

E o fogo precursor da raiva horrenda.
Àqueles, cujo braço a Pátria escuda,
Abona vezes cento a força e vida ²⁸⁸:
Saxe aos franceses, aos romanos César
Seu uso impondo, seus efeitos viram.

Oh! quanto e quanto é devedora ao vinho
Arte assombrosa que o divide e apura ²⁸⁹
Por meio de um forninho! Em ígneas asas
O espírito se eleva, e resfriado
Tardia, frouxamente se destila,
Tais os lumes febeus, ou térrea chama
Vapores erguem dos trovões ao clima.
Os corpos no calor se lhe dilatam,
O frio lhos aperta, lhos condensa,
E descem, precipitam-se dos ares.
A aguardente no lar se faz destarte:
Se por novo trabalho a retificam,
O espírito do vinho eis despe a fleuma,
E livre sobe, e cai purificado.

Povo de Montpellier, a indústria vossa
Do vinho usa formar útil ferrugem,
Útil, mas arriscada ²⁹⁰. Ali no fundo
De escura adega mergulhais os cachos
Em urnas, onde o vinho se lhe embebe.
Batido cobre de estendidas folhas
No cacho longo tempo está confuso;

²⁸⁸ «O uso do vinagre, proveitoso nos exércitos, é conhecido não só desde os tempos primitivos da república romana, senão que também o foi pelos cartagineses, e já pelos gregos.»

²⁸⁹ «A Química.»

²⁹⁰ «É o verdete ou azinhavre; ferrugem esverdeada que cria o cobre e que é um veneno violento, mas de que se tiram algumas utilidades.»

O vinho ali se azeda, ali fermenta,
E o exalado espírito derrama
Verde vapor na ferrugínea massa.

Batavo, subsistir com tais venenos
Vês os teus diques e as cidades tuas.
Seguros dentro d'água os alicerces,
D'inseto estranho tal peçonha os livra ²⁹¹.
Tu, cuja mão copia a Natureza,
Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
Enche-o deste útil pó; com ele exprime
Louçã verdura que ameniza os cerros ²⁹².

Quando o vinho nas fezes, novo ainda,
Vai fermentando, seu fervor se apura
Dos mais grosseiros sais; endurecido
O sarro nos tonéis, dali tirado
Se apronta para mil necessidades ²⁹³.

Não sei de clima que dispute à França
Dos seus famosos cerros a excelência.
L'Hermitage e Cahors aos gostos nossos
Dão generosos, dão maduros vinhos,
Vinhos fartos de espírito e constantes.
Madureza co'a força emparelhando,
Os de Occitânia e Ródano assinalam.
Lote-os experta mão com outros vinhos,
E afoitos vão luzir dos reis nas mesas.
Licores que, ó Viena, aromatizas,
Quão gratos me seriam, se a mal firme

²⁹¹ «Diz-se que os holandeses misturam verdete nas matérias resinosas com que rebocam os seus diques e que, com a acrimónia do mesmo veneno, matam uns insetos americanos que lhe arruinam o madeiramento.»

²⁹² «O verdete é também de muita serventia para os pintores.»

²⁹³ «É o tártaro, que entra em muitas composições medicinais.»

Razão minha o vapor lhes não temesse!
Nas águas seus tesouros estendendo,
Vê Garona o solícito britano
Que os perturbados vinhos lhe carrega
Nos seus lenhos inúmeros; os vinhos
Que sobre as águas em passagem longa
Austera condição despir costumam.

Deleitoso Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu rei venerem;
Une-se alegre bando à face tua,
Bebe prazer, saúde a largos sorvos.
Rival digno de ti, também champanha
Risos, jogos conduz, e Amor, e as Graças.
Do vivo seu licor a espuma bela,
Fendendo o ar que a aperta, sobe e pula:
Na luz vence o cristal, no gosto é néctar.
Émulos imortais, ambos contentes
Da vossa fama, sem vitória obterdes,
Contendei-a entre vós, armai sequazes;
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos e Amores a peleja espertam.

Há dourado licor, brilhante vinho
Que, parece, os Prazeres o aprestaram.
Seu calor salutar, depois de ledó,
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cansado estômago a tibieza:
* Nos campos que de Túbal honra o nome,
* Nectáreo moscatel, assim prosperas.

Reconheço os teus dons, e teus perfumes
Amo, ó suave humor, que a custo entornam
Bagos de Frontignan! O precioso
Tokai, teu digno contendor, te iguala,
Se acaso não te excede; ouro, escondido
Entre o terreno onde seus cachos surgem,

Deles no seio co'a substância casa ²⁹⁴.
Inferiores a ti, no grau segundo
Repartem nossa escolha os outros vinhos:
Canárias, Alicante e Siracusa,
Chiras e Pacaret, Málaga, Ibéria
O gosto acariciam: Grécia exalta
Inda de Lesbos os vinosos cumes,
E o néctar vosso, ó Tenedos, ó Quios ²⁹⁵.
Sobre ardente braseiro a Creta em Cnóssia
Condensa pouco a pouco as malvasias ²⁹⁶:
D'internas brasas o Vesúvio aceso
Vê junto a seus vulcões, às lavas suas
Dos cachos emanar licor fragrante ²⁹⁷.

Ao Promontório, cujo pé carrega
No Oceano feroz,* onde alta musa ²⁹⁸
* (Das Camenas do Tejo honra e saudade)
* Gigante, em olhos negro, e negro em boca,
* De tormentas c'rou, cingiu de agouros ²⁹⁹,

²⁹⁴ «O vinho de Tokay é uma espécie de moscatel: acha-se ouro nos cerros que o produzem; e em Viena, no gabinete de recreio do Imperador, está uma cepa de Tokay, que tem enrolado um fio de ouro nativo.»

²⁹⁵ «Foram e são muito estimados os vinhos destas ilhas do arquipélago; porém, os do Promontório Arvisio, na ilha de Quios, o eram com tanta especialidade, que lhes chamavam néctar: ouça-se Virgílio na *Écloga V*: *Ante focum, si frigus erit; si messis, in umbra / Vina novum fundam calathis Arvisia nectar.*

D'inverno ao lume e de verão à sombra / Derramei por copos espaçosos / O novo, em vínica forma, arvisio néctar.

(Ou) o arvisio vinho que parece néctar

Digo 'por copos espaçosos' porque o *calathis* do texto quer dizer, em copos ou cálices de afeição de cestos; pois que 'cesto' é propriamente a significação de *Calathus*.»

²⁹⁶ Variedade de uvas.

²⁹⁷ «É o vinho chamado *Lacrima*.»

²⁹⁸ Os asteriscos assinalam os versos da lavra de Bocage.

²⁹⁹ «Quem deixará de entender que Bocage fala aqui do nosso imortal Camões, no seu admirável *Adamastor*? Por certo hão de entendê-lo e interiormente achar-lhe razão, até aqueles que dizem que *O Episódio de Adamastor, entre os disparates de Luís de Camões, é o maior disparate*.» Nota do editor do presente volume: Pato Moniz ironiza, tendo em mente José Agostinho de Macedo, que criticara severamente *Os Lusíadas*.

* Lá quando, sobranceiro à Natureza,
* Talhando a pego imenso as virgens ondas,
* Esperanças colheu por entre horrores
* O ocidental Jasão ³⁰⁰ ao Promontório,
Cujo nome os baixéis acoroça,
De nossos campos trasladadas cepas
Dão vinhos, cujo suco aveludado
Toma, africanos céus, à sombra vossa
Aroma encantador, qual não gozara
Próximo às fontes donde corre o Sena ³⁰¹.

Bem que vinhos de nome a Etrúria afamem,
Degenerado tem na Hespéria toda.
Esses, que sobre as asas d'áureos versos
* (Versos que iam privar co'a eternidade),
O cisne de Venússia aos céus erguia ³⁰²:
Alba, e Cales, e Massico, e Falerno,
Fracos, doces demais, desenhabidos,
Há longos tempos seu louvor perderam.
* No espírito e sabor diversos destes
* Em altos vinhos se abaliza o Douro.

Herdeiros dos romanos, os franceses,
As artes amimando, a guerra exercem:
De quem subjuga o mundo o vinho é prêmio.

Tu, que deste canções ao terno Horácio,
Corre, mago licor, teus dons se aclamem;
Com eles nossos males tu guareces,

³⁰⁰ «Entende-se o nosso Vasco da Gama; bela a paridade de Bocage, pois que Vasco da Gama foi o chefe da nossa armada, para o descobrimento da Índia, assim como Jasão o foi da nau *Argo*, para a conquista do Velocino.»

³⁰¹ «De Borgonha, champanhe, etc., levaram os holandeses ao Cabo da Boa Esperança cepas que ali plantaram, e que produzem um vinho muito estimado.»

³⁰² «Horácio; porque era natural de Venússia, antiga cidade no reino de Nápoles.»

Escoras a fraqueza, e restituis
O juvenil fervor ao velho inerte;
És alma dos festins — quando os não honras,
Se torna sensabor manjar mimoso:
Substâncias que provêm do trigo e frutos,
As perfumadas, as chinesas folhas ³⁰³,
Dos grãos de Iémen a singular bebida ³⁰⁴,
O cacau negrejante, alimentoso ³⁰⁵,
Taciturnos licores, nada usurpam
À tranquila Razão na mente imóvel.
Tu, só, néctar divino, é que insinuas
Nas almas todas esperança e gosto.
Da sociedade medianeiro amável,
Os que ódio desuniu, reconcilias;
Dás-lhes sereno olhar, benigna face,
E união cordial de Ti renasce.

Cego nos cultos seus, o Tempo antigo
Fez das vindimas tutelar deidade
O filho de Sémele ³⁰⁶; à sacra fonte
De eterna primavera uniu-lhe as graças.
Em carro, a que ligou panteras, linces,
Aos crédulos tebanos Baco ensina
Seus ritos, seus mistérios vãos, falazes;
De uvas e de hera engrinaldado assoma,
Pâmpano sempre verde o tirso lhe orna.
As sócias, pelo mosto avermelhadas,

³⁰³ «O chá.»

³⁰⁴ «O melhor café colhe-se em Iémen (Arábia Feliz) e dali o transportam para a cidade de Moca, donde se lhe dá impropriamente o nome.»

³⁰⁵ «Fala do cacau como droga essencial no chocolate.»

³⁰⁶ Dioniso.

No monte Citéron ³⁰⁷ orgias celebram;
Faunos lhe estão daqui, dali Silvanos ³⁰⁸;
Sileno ou cambaleia, ou vai-lhe em braços.

Da turba os frenesis irrita Brómio;
Eis Licurgo, Penteu despedaçados,
A mãe (ah! já não mãe!) lacera o filho ³⁰⁹.
Aos vícios consagrado o culto infando,
E às virtudes fatal, do sábio é ódio.
No ardente fanatismo o povo aceso,
De ramos alegóricos se cobre,
Peles de tigre veste, e sobe aos montes
Ísmaro, ou Pélio; rápido os vagueia;
Religião, piedade o torna insano.
Ménades ³¹⁰ em torrente o campo inundam,
Ferem o éneo instrumento, uivam nas serras;
E a doida embriaguez, gerando excessos,
Muda-lhe o culto em crime, o zelo em fúria.

Das festas de Lieu bando atrevido
Cedo em Atenas a Tragédia forma;
Êsquilo a cria ³¹¹, Sófocles a eleva
E em seus versos de fogo a adora o mundo:
Est'arte, que, patética, terrível,
Grande, sublime, audaz, maior que todas,
Galardoa a virtude, aterra o crime,

³⁰⁷ Montanha situada entre a Ática e a Beócia.

³⁰⁸ *Vd.* n. 111, p. 50.

³⁰⁹ «Este verso, que na edição do terceiro volume não tem asterisco, é, não obstante, acrescentado por Bocage, e com toda a propriedade pois que Penteu foi despedaçado por sua mãe, Agave, que Baco enfurecera.»

³¹⁰ Bacantes, isto é, devotas do culto de Baco/Dioniso.

³¹¹ Nota de Bocage: «Verdadeiramente o seu inventor foi Téspis, mas Êsquilo é quem lhe deu majestade e energia; criou-a portanto.»

De brutais espetáculos nascida,
Filha da Insânia, em Grécia enobreceu-se,
Em Roma descaiu, poluiu-se em França.

Rival dos Gregos e das orgias suas
Deles as Saturnais ³¹² colheste, ó Roma:
A par de seu senhor sentado o servo,
Igualdade exprimiu dos tempos de ouro;
Licença, embriaguez por toda a parte
Séculos de inocência ousaram crer-se:
O Carnaval enfim deste proscrito
Tumultuário culto exclui o pejo,
Mas o espírito seu tem conservado.

Política firmando até nos gostos,
Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo ³¹³.
Dos tribunais às venerandas portas,
Sorrindo-se, aparece a Liberdade,
E rigor, sujeição dali remove.
O instante que seus jogos anuncia
Da cidade atinada o siso varre:
Bezas mil e mil, que lá no centro
Dos tristes lares seus, entre altos muros,
Dias arrastam como a noite escuros,
Curvas às férreas leis de seus tiranos,
Vítimas do ciúme, e sempre em medos,
Súbito passam da amargura ao riso,
Do extremo jugo à liberdade extrema:
Então não tem poder, nem jus o esposo,
Então lei respeitável crê Veneza

³¹² Festas em honra de Saturno.

³¹³ Nota de Bocage: «Fala de Veneza república.»

Vestir-se o rosto de emprestada face.
Ela ao mistério dá seguro asilo,
Um mortal mascarado é quase um nume.

Que impostores de esferas se rodeiam,
De caracteres vãos, compassos, vidros!
Que insensatos supõem que arte dolosa
Alumie o porvir, n'alma lhes leia!
Levando melhor guia os amadores
Nos olhos do seu bem vão ler seus fados.
Estoutros à fortuna altar levantam,
Ali depõe o avaro infames votos;
Medo, esperança e boa ou má ventura
Cem palpitantes corações esforçam.
Tremendo aos golpes do erradio acaso,
Da Sorte, que ora dá, que outrora usurpa
Tesouros, por cegueira à Sorte entregues,
Todos, té quando seu favor lhe acode,
Todos (caterva iníqua!) sentem menos
Do lucro a posse que o terror da perda.

A cena prazenteira os jogos abre,
Surgindo lume e lume os ares crestam.
Ao lúcido festejo sobre as águas
Sucede a melodia, após seus passos
A dança faz voar gentil enredo.
As margens do canal, palácios, praças
Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta;
E os gostos, as delícias vencedores
Da razão grave e da moral severa,
Por entre seus troféus ali recordam

Artes, feitiços, ilusões das fadas,
Té ao dia em que as leis de novo imponham
Jugo aos transportes, aos delírios termo ³¹⁴.

CANTO III

Das Árvores

Bosques, jardins, vergéis, mostrai-me o seio;
Eu canto os vossos dons e abrigos vossos:
Dado ao transporte que influíra outrora
O vate mantuano, o velho de Ascra ³¹⁵,
Sou dos franceses o primeiro que abre
Incógnitos caminhos no Parnaso.

Tu, que, para exaltar plantas e bosques
O mais sábio dos reis, Deus, inspiraste ³¹⁶,
Lhe ergueste o génio, os sons lhe dirigiste,
Anima-me a cantar-te as maravilhas.

Cavernas, arvoredos, gratas sombras
Com doce embriaguez minh'alma inundam;
Brando a meu verso aplaude-me o carvalho,

³¹⁴ Nota de Bocage: «Creio que este quadro de Veneza e os anteriores, pelas imagens e expressão, devem aprazer ao leitor.»

³¹⁵ «Virgílio nasceu em Andes, aldeia perto de Mântua (na Itália) e é por isso vulgarmente cognominado mantuano; Hesíodo nasceu em Cumas (na Etólia) mas foi educado em Ascra (na Beócia) e esta se tem por sua Pátria; daqui o cognominado Ascreu, como o fez Virgílio no livro segundo das suas *Geórgicas*:

Ascraeumque cano Romana per oppida carmen — ‘Versos como os de Ascreu em Roma cantou. Isto diz Virgílio, aludindo a um poema geórgico composto por Hesíodo, do qual (segundo a opinião mais recebida) só nos chegaram fragmentos. O mesmo Virgílio, na sua égloga sexta, lhe chama Velho de Ascra: *...Hos tibi dant calamus, en accipe, Musae, / Ascrae quos ante seni* — ‘Recebe-a, dão-te as Musas esta fruta / Que deram noutro templo ao velho de Ascra.’»

³¹⁶ «Salomão: ele escreveu das árvores desde o cedro até ao hissopo, isto é, desde a maior até à menor; esta obra perdeu-se, mas é a que alude o autor.»

A fronte inclina, os ramos lhe sussurram,
E os Ecos dentre as penhas, dentre as selvas
Duplicam seu murmúrio, e me respondem.

A Grécia presumiu, sonhou que os deuses
Povoavam jardins, montanhas, bosques;
Que Pã, Délia, Priapo ali se viam,
E morava uma ninfa em cada tronco;
De Dodona os milagres admirando,
Consultavam profético arvoredo ³¹⁷;
Sobre carvalho, aos povos adorável,
Iam colher o agárico sagrado ³¹⁸
Feros ministros, druidas cruentos;
Ante o culto plebeu se expunha em aras
Penhor fictício do celeste amparo.

Cumpre à verdade, ó bosques venerandos,
Vosso préstimo e mimos pôr patentes:
Os primeiros avós nos abrigastes,
As vossas grutas os seus lares foram,
Cidades suas os recintos vossos;
Quando errantes mortais por leis se uniram,
E ergueram muros, e elevaram tetos,
Em tetos converteram-se arvoredos,
E cobriram com regra os edifícios;

³¹⁷ «Junto a Dodona (cidade da Caónia no Epiro) havia um bosque consagrado a Júpiter, e todo de carvalhos, que se dizia profetarem os oráculos daquele nume.»

³¹⁸ «Agárico ou visco: planta parasita ou excrescência esponjosa que nasce d'inverno no tronco das árvores; o do carvalho era tido pelos galos como um poderoso preservativo contra todos os males, e os supersticiosos druidas ou bardos o colhiam nos fins de dezembro; sacrificando vítimas humanas, depositavam-no em seus altares e o distribuíam ao povo no primeiro do ano.»

O cedro se acendeu ³¹⁹, na umbrosa estância
O dia ressurgiu por entre a noite;
O penetrante ardor de acesos troncos
Amacia do inverno os agros gelos;
O pinho sai dos montes, desce às águas,
E curvam-se em baixéis as móveis selvas;
O Oceano, que divide ao mundo as plagas,
O laço é mesmo que reúne as terras;
O Homem vai prontamente aos climas todos,
Fica todo o Universo uma cidade.

Amplas florestas, alterosos troncos,
Mortal, ao teu suor, não se reservam:
Dos arbustos cuidado o Céu te incumbe,
Plantas, bem como tu, frágeis, caducas;
Podes co'a mão chegar-lhe às dóceis testas,
E colher nos jardins em seus raminhos
O tributo das flores, e o dos frutos;
Os bosques são jardins do Deus do mundo,
Ele só, que os plantou, é que os cultiva:
Sobre as asas do vento o grão fugindo,
Voa, em mil partes cai por ordem sua;

³¹⁹ «Os Antigos, antes de conhecido o uso da cera, serviam-se, em lugar dela, das madeiras resinosas e odoríferas, especialmente do cedro. Sirva de prova o que diz Virgílio, *Eneida*, Livro 7:

*Proxima Circae raduntur littora terrae;
Dives inaccessos ubi solis filia lucos
Assiduo rosonat cantu, tectis que superbis
Urit adoratam nocturna in lumina cedrum,
Arguto tenues percurrrens pectine telas.*
Junto às terras de Circe as ondas corta (*);
Onde a filha do Sol os ínvios bosques
Faz ressoar com repetido canto,
Opulenta em magnífico palácio
Odorífero cedro à noite acende,
E com sonoro pente as telas urde.

(*) Eneias, que ia demandado a Itália.»

Deus lhe tira do seio altivos corpos,
Firma-lhe os pés, e sempre lhe remoça
As fronte imortais de novas folhas:
A floresta de Hercínia ³²⁰ inda aos germanos
Troncos presenta que os romanos viram;
O francês em seu clima reconhece
As Antigas Ardenas ³²¹, onde o bardo
Tingia o chão com vítimas humanas.

O Homem, cópia de um Deus, pode imitá-lo,
Semear, transplantar como lhe apraza
Os dóceis troncos, as pevides leves,
Ornar, fazer fecundo estéril campo,
E, entre o útil favor de sombras frescas,
Do Sol desafiar todos os raios.

Tu, que olhas para lá da tua idade,
E ornar queres de um bosque a herança tua,
Quando a neve dos anos te encaneça,
Colhes sempre algum fruto aos teus desejos:
Educas facilmente a mocidade
Das plantas, cobiçosas de agradar-te;
Prazer da criação vale o da posse:
Vê seu verde nascente rir, e abrir-se;
À linda rama passarinhos voam,
E o gorjeio de amor encanta os bosques:
Deves a teus avós tuas florestas,
Teus avós para ti lá semearam,
Tu semeia também para teus netos.

³²⁰ «A Floresta Negra (na Suábia) e a de Boémia são restos da floresta Hercínia, que se estendia por toda a Germânia até à Panónia.»

³²¹ «As florestas de Compiègne, Couci, Fontainebleau, etc., faziam parte da grande floresta das Ardenas (ao longo do rio Mosa), onde os bardos ou druidas sacrificavam.»

A selva tua aos Áquilos voltada
Tenha-lhe os sopros entre a rama presos:
Quando, crestada dos primeiros frios,
O vento a folha às árvores arranca,
Dos campos mais vizinhos uns trasladam
Renovos tenros, de raiz mimosa,
Que, rápidos crescendo, mas sem força,
Secam de languidez em campo estranho ³²²;
Outros cingem-se às leis da Natureza,
E a semente mais tarda, e mais segura
De sombras imortais seus prédios c'roa:
Os segundos imito, aprovo aqueles;
Quisera logo que em trilhadas sendas
Os olhos discorressem fundos bosques.

O ferro em tuas mãos na sua infância
Dos arbustos os ramos afeiçõe;
Não esperes demais; na meninice
Granjeia-se o costume, e vai seu jugo
Té à velhice reforçando o peso.
Se de humilde arvoredo te contentas,
Dirige-lhe o machado após dois lustros;
Se por invernos trinta os troncos poupas,
Assombram altas árvores teus olhos;
E, se ileisa medrasse em anos cento,
A rama pelos céus se roçaria.

Em pedregoso chão folga o carvalho;
Coloca junto dele o robre, a faia;
A sorveira se cria em terra fértil,
E os freixos, a nogueira, o til, o bordo,
O plátano (que já co'as doutas sombras

³²² «As árvores assim plantadas são sempre mais fracas e menos duradouras; e espécies há que nunca medram com este género de cultivo.»

Do sublime Platão cobriu a Escola,
E o Banquete cobriu dos Sete Sábios)³²³,
Do terreno indiano os castanheiros,
E o olmo, que em teu seio achaste, ó Gália³²⁴,
O álamo, o choupo, que de margens gostam,
Co'a pálida folhagem toldam rios;
E, alçando a rama, seus anfíbios corpos
Tem sobre a terra o tronco, o pé nas águas.

Em fragosas, em áridas colinas,
Das humidades longe, o castanheiro
Co'a folha erriça os espinhosos frutos:
Que eram sem eles teus saibrosos cerros,
Limousin, terra ingrata, infrutuosa,
Cevennes, que ele afaga, e só prospera!
Seus frutos são teus pães: o âmago deles
Se enruga e se endurece em fogo brando;
Da pele escura e seca o murcho corpo
Sem custo se desveste a crebros golpes,
E em durador sustento assim se muda:
Seu lenho orna, mantém, cobre edifícios;
Talhado ainda em moço à mão que o dobra,
Os arcos dá, com que depois o ligam.

Tu nos montes expõe o alvar pinheiro,
Mostra o cedro, o cipreste, o pinho manso.
De Bóreas irritado afrontam raivas,
E o vento sopros vãos nas folhas perde;
Dos vastos corpos seus licor viscoso

³²³ «Os neste número contados foram: Tales, natural de Mileto; Pítaco, de Mitilene; Sólon, de Atenas; Cleóbulo, de Linde; Brias, de Priene; Quilon, de Esparta ou Lacedemónia; Periandro, de Corinto.»

³²⁴ «Espécie diversa de outra, originariamente produzida na Itália.»

Faz que os invernos sua sombra dome ³²⁵.
Porém, do próprio suco a força temem,
Prontos sempre a entregá-lo, a casca rompem;
Se os ganhares por mão, dentre seus vasos
Verás vir dimanando o sumo em rios:
Mansos pinheiros e pinheiros bravos
Uns o pez, a resina outros derramam ³²⁶;
Sua terebentina ostenta Quios ³²⁷,
E Judá com seus bálsamos é rico,
E Tolu, Canadá, Peru e a Meca;
Dos freixos de Calábria o pranto admira ³²⁸:
Mirra of'rece aos sabeus humor qu'encanta ³²⁹,
E colhe a religião naqueles campos
O incenso, cujo aroma os céus estimam.
Dão-nos as plantas para os usos nossos
Raízes, frutos, a semente e a folha;
Néctar cheiroso, de calor suave,
Que acende o génio, o coração reanima,
Perfuma com seus grãos Medina e Meca;
Ricas folhas na China o chá desdobra;
Nos campos do Indostão cacau vegeta,
Do algodoeiro o fruto e noz do coco.
Tais plantas, cujo suco apraz e esperta,
Aos tesouros da abelha o preço abatem.

³²⁵ «Todas as árvores resinosas conservam no inverno a folha, exceto o larico; e creio que, com esse fundamento, Bocage o excluiu da sua tradução, quando aliás Rosset o incluiu neste verso:

Le cèdre, le cyprès, le mélèze et le pin. De cedro só há uma espécie conhecida e é vulgar na Arábia e no Egito; na Europa, se usassem plantá-lo, produziria, como tem produzido em Paris e em Londres.»

³²⁶ «O pez, os mansos, a resina, os bravos.»

³²⁷ «Terebentina ou termentina: resina do terebinto.»

³²⁸ «Maná, que destilam nos meses de junho e julho.»

³²⁹ «Na Arábia Feliz.»

Gabou seus bosques longamente a Grécia,
Que os altos vates seus cantaram tanto;
Não me deslumbro, não, co'a glória sua:
Erimanto jamais, jamais Cilene,
Nem Dodona também, nem tu, Némea,
À prole humana benfazejos fostes;
França, ó Pátria, a teus bosques cedem eles;
E nunca vossos troncos orgulhosos
Igualaram, e as sendas e as latadas
Das abóbadas vossas, ó Compiègne;
Creci, Dreux, Orleans, Couci e Ardenas,
Chantilly, Cerilli, vistosas selvas,
E tu, Fontainebleau, do Elísio imagem.

A Gália, quase inculta, entre seus bosques
Da sua adoração contra os objetos
O ferro a manear não se atrevia:
Se os campos em nutri-los eram parcos,
Demandavam seus povos outros climas,
Ao grão número idóneos; antepunham
Troncos a Homens úteis, as cidades
Ermas deixavam por manterem bosques;
Destarte, a novas leis o pó submisso,
Os galos suceder viu a seus povos ³³⁰;
Deles gemeu ao peso Itália curva,
E foi Roma em seus muros sepultada ³³¹;
Aos campos de Galácia deram nome ³³²;
Por Apolo tremeu, ao vê-los, Delfos ³³³.

³³⁰ «Foram os chamados Galos Cisalpinos.»

³³¹ «Alude à invasão de Breno.»

³³² «Província d'Ásia Menor, povoada pelo terceiro exército galo que entrou na Grécia.»

³³³ «Até'li chegou o segundo exército galo que entrou na Grécia; mas foi destruído como o primeiro.»

Veio a verdade enfim, varreu quimeras;
A árvore foi só árvore, e não teve
Mais vítimas: os bosques, desonrados
Pelos bardos impuros, se fizeram
Asilo desses homens veneráveis,
Que, voluntariamente desterrados
Do orbe profano, povoaram bosques
Dados por nossos pais: no manto envoltos
Dos Bentos, dos Bernardos, dos Norbertos
Um povo industrioso arou desertos.

Os carvalhos atónitos caíram
A golpe e golpe; os campos que assombravam
Douraram-se de espigas; ai! e os frutos
De seus úteis suores nos moveram
Mais inveja, que amor suas virtudes!
Por toda a parte baquearam selvas,
Os campos, as cidades se estenderam.
Incautos, que fazeis! Deixai aos netos
Tesouros das idades venerados
A bem deles: a França já não mostra
Senão precisos bosques; e os veremos
De temerárias mãos cair debaixo?
Não, por leis assisadas, leis prudentes
As árvores seguras já não temem
Do liso ferro os imaturos golpes;
Elevam-se em tranquila adolescência,
E em velhas só lhe roubam vida inútil;
Elas crescem, alongam-se, e as estradas
Ofertam dos jardins frescura e sombra.

Arbustos há, e humildes bosquezinhos
Que das selvas não têm fastosas sombras;
Respeitoso o lapão destarte admira

A francesa estatura majestosa ³³⁴;
Tais nos diversos climas se formaram
A estirpe dos pigmeus e dos gigantes:
Têm menos altivez, mas têm mais graça
Estes bosques, se menos admiráveis,
Contudo para mim mais agradáveis.

Lá, vindos aos jardins por mão das artes,
Nascem famílias de gentis arbustos:
O alfeneiro, a roseira, a madressilva,
E aveleira, e loureiro, e teixo, e mirto ³³⁵,
E outros mil, cujas fronte subjugadas
Gratos Proteus pelo artifício tornas;
Seu lenho aos parreirais um sujeitando,
Para os muros vestir, aos tetos sobe;
Outro a rama pomposa ao longe estende,
E os passeios divide em vivo muro;
Ou labirinto incógnito fabrica,
E ao desgarrado pé faz doce engano;
Outros, dóceis à mão que os encaminha,
Já são vasos, pirâmides, estrelas;
O azevinho, o alaterno prateado
(E não só estes) a beleza ajudam ³³⁶
Dos arbustos floridos: sabiamente,
Arte as formas e adornos lhe varia
Em portas, berços, tetos de verdura.

³³⁴ «Porque os lapões ou habitantes da Lapónia (país ao N. da Europa) têm, quando muito, quatro pés e meio de altura.»

³³⁵ «Bocage excluiu da tradução o arbusto ‘buxo’ que o original dá neste verso:
La rose, le lilas, le buis, le coudrier. Talvez porque julgou o vocábulo dissonante em metro.»

³³⁶ «Também excluiu o *troesne* do texto (que significa o alfeneiro alemão), talvez por não repetir alfeneiro e evitar perífrases; mas acrescentou o parêntesis ‘(e não só estes)’»

Árvores destinadas a nutrir-nos
Pesam com frutos mil, que às mãos nos cedem,
Para ofertar seus dons a testa inclinam;
Prestes os troncos sempre a contentar-nos,
Sobem rapidamente, e desde a infância
De preciosos dons seus ramos c'roam;
Entanto que do mato inférteis plantas
Mal dão depois de um século úteis bosques.
Do Céu, que te ama, reconhece os mimos,
E aprende o que estes bens aperfeiçoa.

Ó dos jardins oráculo infalível,
Douto La Quintinié, à musa ensina
Que arte potente, que propício génio
Tem submissa a teu mando a Natureza;
Aos campos mais ingratos leva ramos,
Que eles não conheciam; e, inovando-os
Té nas entranhas suas, lá com frutos
Do mundo inteiro enriqueceu Versalhes!
Como que a Terra se mudou ao ver-te!
Tu seus diversos vícios emendaste:
A que mui rija foi, leve ou fragosa
Viu em si confundir-se estranha terra;
Dos defeitos opostos, e vencidos
Mutuamente, união bem combinada
Virtude se tornou; cavar mandaste
Os rebeldes torrões até ao seio,
E por novos torrões ei-los fecundos;
Quiseste que os jardins, do vento ilesos,
Provassem do zénite o vivo lume;
A essência de mil árvores soubeste,
Que aspeto lhes convém, que leis as pulem:
Assim vários terrenos, climas vários
Do mundo transportaste aos jardins nossos,
Estranhas plantações no chão da França,
Renascendo a seu grado, e vegetando,
Pareciam surgir no chão da Pátria.

De transparente céu favorecidos,
Os campos da Caldeia o berço foram
Dos mais buscados, saborosos frutos;
A primeira semente a Grécia trouxe,
E do troféu suave ornou viveiros;
* Roma a venceu, e dos vencidos povos
* Igotas plantas admirou a Itália ³³⁷:
O pêssego, da Pérsia à Europa vindo,
De seus vários destinos inda pasma;
Salutar para nós, seu mago suco
Nos é delícia, aos persas é veneno ³³⁸;
O damasco odorífero de Arménia ³³⁹,
E a mole Síria ameixa são colónias;
Foi Luculo o primeiro entre os romanos
Que, deles ignorados, co'a mão própria
Os frutos cultivou de Cerasonte ³⁴⁰;
A pereira, nascida em ti, ó Gália,
E as maceiras, em Néustria ³⁴¹ tão fecundas,
Apostam no sabor, no suco apostam
Com estes belos, peregrinos frutos;
Não são, como eles, transitórios, brandos,
O asilo que os contém, domando invernos,
Dos frutos que perdeu compensa a Terra.

³³⁷ «Também passaram a Bocage estoutros versos: *Rome triompha d'elle, et des peuples vaincus / L'Italie admire les arbres inconnus.*»

³³⁸ «Afirma-se que os pêssegos, entre nós tão deliciosos, são tão nocivos na Pérsia que o seu veneno é mortal; por isso, o nosso imortal Camões (que soube quanto podia saber-se no seu tempo) disse nos *Lusíadas*, canto 9.º, estrofe 58.ª, 'o pomo, que da pátria Pérsia veio, melhor tornado no terreno alheio.'»

³³⁹ «O mesmo que dos pêssegos na Pérsia se diz dos damascos na Arménia, e querem alguns que também no Piemonte.»

³⁴⁰ «Cidade na Capadócia que deu o seu nome às cerejas, e donde Luculo as levou a Roma; do que tal jactância teve que com elas ornou o seu carro de triunfo, quando venceu Mitridates.»

³⁴¹ «Agora se lhe chama Normandia.»

Cova profunda em seu espaço admita
Tenro plantio que escolheste, e arraigas:
Une aos auxílios da cultura, o forte
Crasso alimento de poupado estrume.
Tais lidas serão vãs, se teus desvelos
Não saciam das árvores a sede:
Feliz se em teus jardins há vivas fontes,
Se de algum rio tens quinhão nas ondas;
Sendo esquivo a teus prédios, tu procura,
Abrindo fundos poços, água neles;
De tanques, onde o mármore a contenha,
Roda girante sobre o chão a eleve.

Co'a esquadria na mão, outros te ensinem
A formar de um jardim com arte os quadros:
Talvez cantem que pródidos trabalhos
Florescer por seu turno as ervas fazem,
E as raízes e os frutos delicados,
Remédio aos males, dos festins apuro.
Eu, inda temeroso, eu me contento
Nas próximas lamedas em mostrar-te
As congregadas plantas; o que valem
Folhas e frutos seus, sempre colhidos,
Regenerados sempre: a fim de achares
Por teu suor as árvores mais férteis,
Lições profícuas te darão meus versos.

Em torno aos quadros teus algumas plantas
Nos jardins ficarão rasteiras sempre:
Tais como a sarça, espessam-se-lhe os ramos,
E, talhando-os em vaso, os arredonda;
Outras, mais duro trato inda sofrendo,
Feitas latadas entapizem muros,
Os ramos seus dobrados, e sujeitos
Em línea grade, co'a prisão formosos,
Amam seu cativo: assim, aos dotes
Da simples gentileza, amável ninfa

Une emprestado lustre, e as belas tranças
* Nos elegantes nós de branda seda
* Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas ³⁴²,
Soltas madeixas apraziam menos,
O laço lhes apura o doce chiste.
Ama o Sol estas árvores validas,
Nutrir lhe agrada teus alunos caros,
Ao artificio teu seu lume é dócil,
E os muros o refletem duplicado;
Sazonados assim por ele os frutos,
As cores acendendo, o suco adoçam.

Feição tomando às vezes da latada,
É rico adorno a laranjeira aos muros;
De um vaso habita o seio inda mais vezes,
Dos quadros de um jardim orna o desenho,
De graças que mistura of'rece aos olhos!
De aromas os passeios te embalsama,
Com flores, sempre alveja; e lhe alça o preço
Viva esmeralda de nascentes frutos,
Ouro vivaz de frutos sazoados;
Voam séculos três, e a flor é nova,
O Tempo lhe venera a formosura,
Mas as geadas teme à doce planta;
Arma-lhe um teto que do inverno a escude,
E se lhe antolhe a primavera ausente.
Em mais amigos, fervorosos climas,
Sem cuidado exigir, floresce livre,
E livre a laranjeira aos ares sobe,
Quase igualando em majestade as selvas;
Tais foram teus jardins, ditosa Hespéria,
Tais d'Híera os bosques são, tais os d'Etrúria.

³⁴² «Ponho asterisco nestes dois versos por serem elegantissimamente perifrasedos deste frouxo verso: *'Captive ses cheveux que la soie entrelace'*.»

Tu, que regulas da latada os ramos,
Forma-os num ano e noutro, e desvelado
Sê das leis ao rigor sempre aferrado;
Dano a grato defeito é a indulgência:
Co'á foicinha na mão proscreve a um tempo
Ramo sem olhos e guloso, ou seco;
Às tuas leis o suco obediente
D'árvore por igual caminha às veias:
Se de folhagens vãs fastosa, ornada,
E ricamente pobre estéril fica,
Tira-lhe o vício ao tronco, útil fraqueza
Lhe muda em frutos a opulência inútil.

Homem, lerás nas árvores teu fado:
Ao vê-las desmedrar, ao vê-las murchas
Hás de carpir-lhe a morte, amplos viveiros
Perto de teus jardins lhes assegurem
Num futuro benigno herdeiras plantas;
As árvores, dos frutos renascendo,
Parecem reviver, vivas ainda;
Em breve, de seus pais doce esperança,
Haste mimosa lhes sucede, ocupa
O sítio deles, e prospera, e cresce:
Assim, junto às muralhas onde os nossos
Altivos, generosos veteranos,
Ultrajados do ferro, ou curvos de anos,
Depois de mil façanhas, em repouso
Têm do heroísmo as cicatrizes nobres,
Novo asilo erigiu Luís há pouco,
Fausto viveiro, honroso, alto princípio
Onde de antigo tronco ingente e murcho
Crescem renovos em que a Pátria espera.

De um tronco virtuoso indigna prole
Bastardeia, e dá sempre amargos frutos;
O garfo, sua essência renovando,
Muda em suco aprazível suco ingrato;

Um de árvore tronchada o tronco fende,
Raminho mais feliz lhe induz no seio;
As cortiças casando, os golpes cerra,
E da chuva, e do vento injúrias tolhe ³⁴³;
À maneira de escudo outros costumam
De um'árvore tirar pingue de frutos,
A casca com seus nós; a agreste planta
Útil ferida sente, onde se embebe
O enxerto que lhe muda a natureza ³⁴⁴;
Pela casca de um ramo outro é coberto,
Em figura de rolo às vezes solta ³⁴⁵;
No meio de raiz mui vigorosa
A enxertar ensinastes, ó germanos,
Pimpolhos que a cultura lhe desuna.

Legislador e rei de teus pomares,
A teus súbditos maus dás bons costumes;
Famílias entre si com regra enlaças,
Árvores outras árvores perfillham;
Seu nascimento ilustram e, exaltadas
Por novos, gratos vínculos, admiram
Em si frutos não seus, folhas não suas.
Por est'arte se alia o pessegueiro
Co'a planta mãe da amêndoa, e por est'arte
Gamboa junto à pêra amarelece;
O salgueiro flexível tem no tronco
Os ramos da maceira, e se transforma
Em doce ameixeira o freixo absorto;
Não de outra sorte vemos que adotado
Pelo espinheiro alvar é a azerola.

³⁴³ «É o que chamamos enxertar de garfo.»

³⁴⁴ «Chama-se enxerto de borbulha.»

³⁴⁵ «Enxerto de anel.»

Mas fútil não a torne o abuso d'arte:
Rei, não tirano, as árvores submissas
Nunca violentes; seu amor consulta,
Mas seu ódio respeita; a custo algumas
As substâncias misturam, e, obrigadas
À penosa união, só folha estéril
Só maus frutos produzem: nunca pode
A vide co'a oliveira associar-se;
Teme do olmo e carvalho antipatias;
Co'o loureiro a cereja mal se casa,
E a planta do limão com a amoreira:
Num mesmo tronco estes contrários vivos
São monstros, não prodígios; todavia
Aprovo que, engenhoso e ledo encanto
Num só tronco apresente árvores quatro,
E que na amendoeira a um tempo colhas
Lisa ameixa, damasco apetitoso,
E o pomo que o semelha em cor e em forma.

Anui a meu fervor e a meus transportes,
Ó Rei do mundo, ó Pai da Natureza;
Os seus tesouros me franqueia, e dá-me
Para os patentear verdades tuas.

Vive a árvore, e respira imagem nossa;
Circulando em seu seio, o suco a nutre;
Avulta, frutos dá, declina e morre,
E nos seus descendentes se renova:
É a espécie imortal, mortais os corpos.

Quando os tempos criou, criou o Eterno
Todo os corpos que aparecem neles:
Guardou no homem primeiro os homens todos,
De alma não, mas formados tais quais somos;
Cada planta, cada árvore no seio
Fechou todas as árvores futuras,
Todos os frutos seus: vivo, invisível

O germe vê nas faixas ir findando
Seu cativeiro; então nascer figura,
Porém, só crescimento é que recebe,
Nada nele mudou: nota o carvalho
De profunda raiz, de coma ufana,
É hoje o que na lande era algum dia;
Tais foram dentro dele os que há gerado.
Porém, no asilo seu dormindo o germe,
Jamais daquele sono espertaria,
Se os sais, o enxofre, mádidos co'a a chuva,
Pelas flamas do Sol, pelo ar movido,
À vida provocando-o, o não chamassem;
Rompe com eles a prisão que o liga,
Abre-se enfim aos benefícios deles:
Já nos seus vasos alimentos correm,
Correm novos espíritos que o nutrem,
Continuamente, e cada dia avulta;
A rojante raiz, já não cativa,
Rasgando a terra, de seus sucos vive;
O tronco para o céu vergôntes lança;
O ar, que todos os corpos vivifica,
N'árvore eleva os sucos que digere;
Entra-lhe o seio, e lhe enche os vasos todos,
Circula, e sempre com iguais esforços,
Sucessor de si mesmo, ele se foge,
Se atraí, fazendo que respire a planta.

Bem como o sangue espesso que, disposto
Dentro do coração, depois filtrado,
Apura seu licor de veia em veia;
E tornando-se logo as ondas dele
Espíritos subtis, impercetíveis,
Os raminhos do cérebro aviventam,
Tal, recebido logo em amplos vasos,
Mais estreitos os ramos encontrando
Alternativamente, e levantado
Das raízes das árvores às frentes,

Lá, sem nunca parar, se esparge o suco;
Depois volvendo aos pés por giros novos,
Contínuo circulando, inova o passo;
Por toda a parte em que a árvore o contenha
Do germe ao berço vai, e acorda o germe;
Flores bafeja com celeste aroma,
De que a abelha compõe na primavera
Dourado espólio, roubo apeteçível;
E inda mais delicado alenta os frutos,
Maga doçura aos âmagos prestando.

Como dos mesmos sucos os princípios
Dão frutos que entre si tanto desdizem?
E humor fecundo, entrado em cada planta,
Porque sempre parece o mesmo e outro?
Depois que em seus avós se formam germes,
Tomam da estirpe sua as feições todas:
Fiel o suco ao prazo, os germes brota,
Sem lhe alterar a essência, desenvolve
Seus corpos: quando os vários alimentos
Pelo ar levados de tropel se of'recem
Aos francos vasos seus, escolha certa
Os germes fazem de saudáveis mimos,
E os que adversos lhe são rejeitam sempre;
Assim, quando infrutífera no tronco
Adota, e junta os nós de rico enxerto
Uma árvore qualquer, em nenhum deles
Se altera a primitiva natureza;
Num sempre manam desabridos sucos,
O segundo os enjeita, e quer, e acolhe
Só puros, só filtrados, só perfeitos.

Arte ajude e acompanhe a Natureza,
Vasta, fecunda, invariável, certa.
Se queres pois que as frutuosas plantas
Subam sem risco e teus vergéis povoem,
Da Pátria não mui longe se trasladem;

Temem plantas do sul fúrias do norte,
E o fogo Austral às Boreais empece;
Mas, quando o sítio lhe convém ao gosto,
Dos mimos e desvelos satisfeitas,
Que à tenra sua infância foram dados,
Surgem mesmo por si, regem seus fados,
E na fecundidade em breve igualam
Dos pátrios frutos o primor e a graça.

Tal na Occitânia e campos de Provença,
Sempre verde a oliveira ama seu berço;
Daqueles campos Hércules à Grécia
Foi o primeiro que levou seus ramos ³⁴⁶;
Pela mão da vitória afeiçoados,
O nome, a fama eternizar soíam
Do vencedor de Olímpia: ante a oliveira
Deixa o ferro cair, foge a Discórdia,
E reconhece a Paz; supôs Atenas
Que esta árvore devia à deusa sua ³⁴⁷,
Dela o símbolo fez da sapiência.

Em nebulosos, em gelados climas
Baldrá teus desejos, teus suores:
Receia os Aquilões, país demanda
Que os olhos do áureo Febo aclarem sempre;
Dos cerros se namora ao mar vizinhos
Donde a terra se abaixa, e desce às ondas ³⁴⁸;
Grão tempo esperarás que a tarda rama
Se c'roe a teu prazer de pingues frutos;
Grão tempo é fértil, e entre a folha humilde

³⁴⁶ «Não se duvida ser Hércules quem primeiro levou à Grécia a oliveira, e instituiu o uso de coroarem dela os vencedores dos Jogos Olímpicos; é, porém, duvidoso o lugar donde ele a levou.»

³⁴⁷ «Minerva ou Palas.»

³⁴⁸ «Sabe-se por experiência, mas a causa ignora-se.»

A verde produção não sofre agravo;
Seu útil amargor lhe serve de arma,
E vingador poder no seio esconde.
Assoma um dia enfim que lhe converte,
A bem do possessor, o amargo em doce;
A azeitona se mói, se torna em massa,
Seu licor, espremido em graves fusos,
D'água ao calor se escoa em abundância,
E facilmente enfim se aparta dela;
Sobrenadando sempre, e recolhido
Por mercenária mão, por mão ligeira
Dá-te óleo puro, bálsamo saudável.

Do meio-dia as nuvens enganosas,
Dos lagos o vapor guardando, às vezes,
Em lugar de espargir propícias águas,
Voraz peçonha na azeitona embebem;
Áquilo fende as árvores absortas,
Gela o suco, e de mortos cobre os campos:
De um memorando inverno, ó Pátria minha,
Inda não te esqueceu a horrível fúria;
Os tenros olivais que em ti verdejam,
Bem que afamados já, contudo obrigam
Inda de seus avós a ter saudades ³⁴⁹.

Feliz mil vezes, célebre Occitânia,
Quem pode em ti viver! O incenso, a mirra,
E as canas, que n'América rebentam,
Não te enriquecem os vistosos montes;
A Terra de rubis não tingem as veias
Em teu chão, nem converte areias tuas
Em finas porcelanas o artifício;

³⁴⁹ «Refere-se ao inverno de 1709, que destruiu todos os olivais no Languedoque ou Occitânia.»

Mas de Ceres os dons em ti lourejam,
Leva teu vinho ao longe encanto, e força;
O cânhamo, o pastel ³⁵⁰ teu seio amimam,
E opimos gados nos teus cerros pascem;
Das leis à sombra as artes engenhosas
Telas de preço em fabricar se esmeram;
A teu povo és bastante, e nunca imploras
Com tributárias mãos a estranhas terras
Seus produtos, os teus antes lhe of'reces;
Francos lhe tens os portos, e a bem delas
Uniram teus trabalhos os dois mares ³⁵¹;
Tua indústria acabou obra sublime
Que deteve do mundo os vencedores.

Direi que de safira e de ouro acesos
Sempre em teu clima os céus têm dias puros?
Que longa primavera em ti floresce,
E os Zéfiro no inverno às vezes voam?
Que os ursos, que os leões, que os dragos feros
No teu feliz torrão jamais nasceram?
Da tua amenidade enfeitçadas,
Gregas catervas sabe-se que a Jónia
Pelas margens do Ródano esqueceram;
Roma essa estância amou, seu grande povo
Os vencidos ergueu ao grau de filhos ³⁵²;
Os romanos da Pátria embriagados
Em ti se imaginavam noutra Etrúria;
Eis donde os monumentos emanaram
Domadores do tempo, esses prodígios
Nunca das artes nossas alcançados,

³⁵⁰ «Erva de tinturaria, espécie de lápis.»

³⁵¹ «Fala do canal de comunicação do Mediterrâneo com o oceano, feito no reinado de Luís XIV.»

³⁵² «Dando-lhe o direito de cidadãos romanos.»

Por nossas vistas admirados sempre:
Que de antigas, de esplêndidas cidades,
Rios famosos e ribeiros férteis!
Em Ti, bem como em Cusco, a Terra of'rece
Tesouro dos metais d'alta valia;
O óleo das pedras surde, e fontes forma ³⁵³,
E areias fluviais se tingem de ouro.

Ignorada na Europa longos tempos
A amoreira, onde os seres sem trabalho
Áureos fios colheram, preza os campos
Da Occitânia, e co'a verde e rica folha
É pasto ali de precioso inseto.
Lavradores, est'árvore obedeça
Às vossas leis, mas os direitos vossos
Aos bichos não se estendam, que ela nutre;
A jugo mais suave a sorte os liga:
Belezas juvenis, a vós só cumpre
Regê-los; eles súbditos vos nascem,
Alegres de trocar por útil jugo
A doce liberdade: no índio clima,
Onde debaixo das nascentes sombras
Vê a amoreira em leitos de folhagem
Os bichinhos nascer, se desenvolvem
Pelo mesmo calor que dentre a planta
As flores faz sair na primavera:
A quadra, preguiçosa em nossos climas,
Punge, e faze calor propício ao germe;
Um povo, a um tempo em toda a parte exposto,
Ferve ante os olhos teus no oitavo dia;
A folha da amoreira, assim como eles ³⁵⁴
No nascimento seu, leite é disposto

³⁵³ «Veja-se a nota 268 ao primeiro canto.»

³⁵⁴ «Porque o bicho e a folha precisam do mesmo grau de calor.»

A nutrir-lhes a infância, e para tantos
Vassalos que à lei tua estão sujeitos
Uma caixa, uma folha, é pátria, é mundo.

Crescem, e já famílias numerosas
A teu cuidado vastas camas pedem,
Onde os transfiras ao sair do berço;
No vime entretecido, e moles canas,
Postas umas sobre outra, em bairros, classes,
Político a república lhe ordena:
Tal Roma outrora viu entre seus muros
Em tribos dividido um povo imenso.

Prestar igual calor à sua estância
É das primárias leis para regê-los:
Indicador do Tempo, ali o vidro ³⁵⁵
Licor móbil encerre ante os teus olhos
Que se abaixe, se eleve, e cuja regra
Do calor e do frio o grau designe;
Senhor das estações a teus contentes
Pequenos Povos, do seu teto à sombra,
Darás inalterável primavera,
E a funesta inconstância do ar adverso
Não mais os fere co' a influência triste;
Ditosos cidadãos de um brando clima
Vivem sem susto, e de riqueza te enchem.

Mas nos seus lares que silêncio reina!
Que feitiço os detém no leito imóveis!
Em letargo, em jejum dois dias jazem,
E isto às dores da muda lhe é remédio:
Vês por graus a lagarta erguer a custo
A lânguida cabeça; eis que se agita,

³⁵⁵ «O termómetro.»

Eis que rompe o casulo, eis que se despe,
E em novas vestiduras fica envolta;
Cresce-lhe o corpo, as vestes lhe rutilam:
Vária nos giros seus por vezes quatro,
Quatro vezes a Lua entorpecer-se
Os vê, vê-os mexer, e engrandecer-se.

Mais sôfregos então de dia em dia,
Crescendo vão com rápido progresso:
Seus olhos para sempre o sono impugnam;
Outrora em três comidas se fartavam,
Hoje regra não há que prescrever-lhes;
Contentar seu desejo apenas podés;
Cercados de manjares que lhe ofertas
São cumprido festim seus doces dias.
Folhas secas demais teme of'recer-lhe,
E duplica o temor se húmidas forem;
Colhe-as só quando vires que nas plantas
Já bebeu Febo as lágrimas da Aurora:
Tormentas, se puderes, acautela;
E, se as folhas banhou chuva imprevista,
Repara pelo fogo injúrias d'água,
Que a seus mais belos dias é veneno.

Algun remédio tem quando começa
No bicho a languidez; às vezes cede
Aos perfumes o mal, porém, se teima,
Não te quero iludir, proscree os dias
De súbditos glutões e preguiçosos;
Tranquilos parasitos entre os sócios,
Espectadores vão d'arte prestante.

Do ócio cansados, livres de seus males
Dar começo ao trabalho os bichos querem:
Socorre uma esperança que te é doce;
Nos pequeninos corpos transparentes
Reluz o ouro da seda: eis eles sobem,

Dar-lhes ramos convém onde suspendam,
E fiem seus sepulcros: lá debaixo
Dos moventes anéis que te apresentam,
Lhes serpeiam no seio em longas dobras
Vasos dois; e, formando-se inda bruta,
Inda líquida a seda, embebe, estende
Por seus belos canais as ondas de ouro:
Na última estrada este licor se espessa,
Muda-se em fio, e sai pela fieira.

Quando a lagarta enfim conhece o prazo,
Liberaliza reservados sucros;
Primeiro em longos círculos fabrica
De fios um frouxel, que a obra esteia;
Movimentos mais curtos forma em breve,
E em breve os fios seus mais apertados,
Unidos por mil voltas, mil rodeios,
Maravilhosa teia construindo,
Em ovo de ouro, ou prata se afeiçoam.

Admira tais insetos: este apenas
Entra a formar no cárcere o casulo;
Aquele, já sumido em nuvem densa,
Dos fios deixa ver inda o complexo;
Nas mesmas redes encerrando-se outros,
Como na vida unidos estiveram
Unem-se nos sepulcros; mas se acaso,
Ai! nestes dias o trovão rebrama
Amedrontando a Terra, os tenros entes
Estremecem de horror, e caem, morrem
Imperfeitas deixando as finas teias.

Debaixo de seus tetos entretanto,
Troca extinta lagarta em negras vestes
As roupas transparentes; sem cabeça,
Sem pés, um corpo imóvel e enrugado
Como que sucedeu ao corpo antigo.

Presa em seus laços, transformada em ninfa ³⁵⁶,
Jaz só, adormecida, ou jaz sem alma?
Por entre um véu, que trai seus atrativos,
Borboleta luzente ali vislumbra;
Mas este véu condensa-se depressa,
E a borboleta se escurece, e oculta.

Queres haver do seu trabalho o fruto?
Antes que ela, espertando, obstar-te possa,
Despoja os ramos, e calor possante
Em seus lares sufoque a débil ninfa:
O fio então das teias, que amolecem,
Em água tibia se despega, e rola;
Dócil, por tuas mãos é regulado,
Por ordem se desdobra, e finalmente
Em meadas se forma, e dá-te seda.

Mas, porque novos cidadãos possuas,
Vivos na sepultura avós lhes guarda;
Da borboleta o corpo, que incluída
Na ninfa está, se desenvolve em breve;
Tem solidez, firmeza, o laço rompe
Das faixas; a lagarta destruiu-se,
Seu corpo é nada; máscara somente
Ela foi, foi brilhante vestidura,
Da borboleta viva vivo manto:
Ela, qual terna mãe, lhe preparava
Manjares que no seio digerira,
E que sobejamente fortes lhes eram:
Ela nutriu-lhe assim a infância débil,
Que, enrijando, repulsa inútil veste,

³⁵⁶ «Ninfa, crisálida, aurélia ou fava são os nomes que se lhe dão, quando encerrada no envoltório dos fios de seda, em vésperas da sua metamorfose.»

E os ricos muros do palácio rompe:
Destrói a borboleta os que ergue o bicho,
Da nobre empresa ao êxito ela basta;
É aríete a frente, e bate, e quebra;
O muro cede, estala; esforços crescem,
Aparecendo vem o alado inseto,
Abre caminho, e sai: todo assombrado
Do resplendor de suas graças novas,
O corpo admira, despregando as asas;
Porém, não ousa aventurar seu voo,
Do que foi noutro tempo inda se lembra;
Anda, agita-se, as asas lhe estremecem,
Sócia procura a que seus gostos ligue.
Das comuns borboletas imitando
Desatinado ardor, como costumam,
De flor em flor não vai; consagra a vida
Ao doce objeto que elegera, e a morte
Há de romper somente o nó que os ata:
O ardor vai sempre a mais; teme um momento
Furtar-lhe de seus dias, morre amando:
A terna companheira agonizante
Depõe nas tuas mãos nascente prole;
Semente delicada, ovos sem conto,
Ovos fecundos, esperança e germe
De uma linhagem destruída; filhos
Dos quais o nascimento à mãe é morte;
Filhos sempre a seu pai desconhecidos;
E que, sem lhes haver notado a indústria,
Como eles fiarão pomposas telas.

CANTO IV

Dos Prados

Adornos imortais da térrea face,
Riqueza sem trabalho aos homens certa,
Eu canto vossos dons; assaz, ó prados,
Às fadigosas lavras dei meus versos.

Sapiência que, do Éden discorrendo
O Elísio divinal, qual vasto rio
Dividido em canais, fertilizavas
Teus prados, teus jardins; se a ti meus cantos
Sagrei de todo, e tuas águas vivas
Do Permesseu antepus à linfa, aos sonhos,
A teus arroios cândidos, celestes,
Guia meu passo errante, e dá que eu possa
Beber tua corrente a largos sorvos.

Tu, que, cingido às leis da Natureza,
Preferes a campestre, a doce vida
Aos ferros da fortuna, aos vãos prazeres,
Ao luxo ostentador; tu, que só amas,
Em teus desejos curto, os bens modestos
Que não granjeia o crime e de que a Terra
Um tributo legítimo te paga;
Se fáceis fecundar-te as águas podem
O chão de que és senhor, cuida em forrá-lo
De valiosa relva e com profundas
Lavouras o dispõe; nunca lhe alterem
Os seixos a igualdade; e, se releva,
Sobre o liso terreno ajeita, forma
Insensível pendor, onde escorreguem
As águas lentas, dóceis, livres, fáceis:
De leivas, filhas de abundosos prados,
Na primavera combinando os germes

Semeia-os logo, e teus trabalhos findam;
Em sempre novas flores tais sementes
Para ti sobre o campo hão de manter-se.

Há géneros diversos entre os prados;
Um, que mais se deseja, e tem mais preço,
Onde água surda por caminhos certos
Corre e serpeia no interior da terra;
Lá, por si mesmo vigoroso, o prado
Atrai água escondida, e vive dela:
Quer outro que lhe reguem sempre a face
Repartidos cristais de limpa fonte.

Mil vezes ao cultor os campos vendem
Caro os bens que se julga haverem dado:
Sua esperança iludem; falso alqueive
De muito seca, ou de húmida no extremo
A quadra acusa; os frutos eis se mirram
Co'ò importuno calor, e o fero Bóreas
Dilacera os jardins: ventos e invernos
Jamais em seus frenéticos impulsos
Hão murchado o tapiz que os prados cobre.

Só de rio inundante as soltas águas
No consternado campo afogam messes,
Deixa o pranto ao cultor, deixa os suspiros;
O que a ele intimida, a ti recreia.
As águas, em que pedras não se envolvem,
De um lodo mole ao prado auxílio trazem:
Se do leão raivoso o ardente signo
Vai torrando a verdura, e fende a terra,
Águas então da relva estancam sedes,
Em prado e prado amenizando as flores.

Próspero asilo de Petrarca e Laura,
Vauclusa, onde inda vive, inda respira
Seu extremado amor! ó testemunha

Dos mil transportes, dos suspiros de ambos;
Tu, que tão bela foste aos dois amantes,
Tens do tempo da Grécia o grau e a fama
Pelos tesouros que nas águas vertes.

Se a corrente de próximo ribeiro,
Desviada de mais, tocar não pode
O prado sobranceiro, em vão rebelde
A teus desejos foge, e ao chão sedento,
Um dique as águas prenda, obrigue as águas
A transcender seu leito, ou muro oculto,
Reforçado alicerce entre elas tenha;
Ou constante, enterrada estacaria
Em vínculos de ferro unida seja:
O cativo regato inda parece
A custo obedecer, saudades sente
Do natural pendor, e antiga estrada;
Mas, apesar da fúria, às leis sujeito
Detém-se a teu sabor, se eleva e corre;
Em prateados sulcos se reparte,
E às flores tuas homenagem rende:
Águas partidas, por esta arte, às vezes,
Indo, empobrecem e, esgotadas, morrem;
Não de outra sorte o júcar orgulhoso
De Valência nos campos vê sangrar-se,
E ao mar que ruga, e que lhe exige as águas
Vil feudo leva de regatos pobres.

Nos torrões onde as águas são mesquinhas,
Por indústria económica parecem
Menos raras: seu uso ali se vende;
A cada possessor igual espaço
Abre, e fecha um canal, seus curtos mimos
Revezados ali de tempo a tempo,
Repartem-se com um, com outro prado.

Se água em tempos diversos cobre, e deixa
A terra tua, os frutos seus variam
Nas quadras todas: um torrão pasmoso
Lá no húngaro terreno se transforma
Em campo lavradio, em tanque, em prado:
De uma serra vizinha em roda se ergue
Longa, pesada nuvem, que vomita
Do bojo de atra cor ventos e raios;
Por súbitas colunas eis torrente
Das subterrâneas grutas sai mugindo;
Num momento, não mais, se forma um lago,
Onde armado de anzóis o peixe enganas.
Quando Bóreas agudo as ondas gela,
Aos carros elas dão segura estrada:
Desgosta-se no fim da primavera
A água desta mansão, e entra de novo
Na estância natural cõa prole sua;
Levanta-se onde as águas se estendiam
Ervagem pingue dos rebanhos pasto;
Em breve o lavrador lá sulcos traça,
E em breve a terra com seus dons o amima:
O regresso do outono ali renova
Relva abundante, o matador salitre
Voando, alcança os pássaros, as lebres,
E os outros das florestas moradores
Que o fresco pasto fervorosos buscam.
Tais entretenimentos dia e dia
Te chamam, porém, curtos são teus gostos;
Durar não podem mais que até ao prazo
Em que a seu leito recuando as águas
Vão de novo ocupar a estância antiga ³⁵⁷.

³⁵⁷ «Todo este episódio diz relação ao célebre lago Zirchnitzer See, que no mês de junho começa a secar-se e torna a começar a encher-se em setembro.»

Venturosos os campos, venturosos
Onde se filtram no int'rior da terra,
Ou pelo Sol nos ares se evaporam,
Sem pedir teu cuidado, e livres prestam
O alimento invisível da frescura!
Admiro essas pastagens, esses cumes
A que as ervas anima o Loire, o Sena;
Amo do Reno as ondas majestosas,
E as margens do Lignon, que Amor passeia.

Rica e vasta planície, ó férteis prados,
Ornamento, esplendor da antiga Nêustria,
Onde nédias corníferas manadas
Erram sem guardador por grandes pastos!
Erva que engolem nos mais longos dias
Lá na mais curta noite é reparada:
Para se vigiar todos se ajuntam;
Postos por ordem, sobre as mãos lançados,
Um círculo formando, a torva fronte
Muro invencível apresenta ao lobo:
Tais os prados que, às ondas submetidos ³⁵⁸,
Aos olhos do Universo Holanda mostra.

Nas margens onde o mar o Escaut repulsa,
E com ele se ajunta nele entrando,
Estendiam-se outrora infectos lagos
Temidos sempre dos vizinhos povos;
O Escaut, o Mosa, o Reno, entre erva e junco
Esquecendo a carreira impetuosa,
Sem glória se espargiam lutulentos,
Formando aqui e ali pauis nojosos:
O belga disputou grão tempo às águas

³⁵⁸ «Às ondas submetidos porque na Holanda não é a terra sobranceira ao mar, fica o mar sobranceiro à terra.»

A terra, e guerreou por fim com elas;
Secos por arte sua os negros tanques,
Surgem países que tapava o lodo ³⁵⁹:
Absorto o mundo viu nascer a Holanda;
O Sol nas ondas admirou Zelanda,
Que a vez primeira então provou seus lumes ³⁶⁰;
Transbordados arroios, rios cento
Para se reunir deixando as margens,
Partidos em canais, viram cativas
As águas suas abraçar a Holanda,
E, melhor que os tratados, lá puderam
Com suas divisões ligar cidades:
O alto Oceano, que, escapando ao leito,
Sempre usurpadas margens engolia,
Já sabe respeitar, nas suas preso,
Reparos que a soberba lhe agrilhoam;
Árvores descem às areias fundas,
E do centro do mar florestas sobem;
Não tinham já na frente essas folhagens
Tão belas, essas flores tão mimosas,
Amável ornamento à Natureza;
Mas por arte feliz mudadas foram
Em robusto alicerce, e carregadas
De imensa terra; suas fronteiras viram
Morrer a equórea fúria, e sustentaram
Mole alcatifa de verdura e flores:
Debaixo deste abrigo em campos novos
O batavo ajuntou riquezas certas;
Duros cavalos, gados numerosos

³⁵⁹ «A sua grande obra da dessecação das águas foi empreendida pelos anos de 1180; antes disso, a Holanda era um pântano.»

³⁶⁰ «Porque esta província (uma das sete unidas) era alagadiça e só deixa de o ser pelos seus famosos diques.»

Ao longo das colinas despargidos
A relva seguem, que jamais se extingue:
Há margens onde, trémulo o terreno,
Suspense, móbil e a nadar nas águas,
Parece que dos gados cede ao peso.
Tranquilo viajante em ágeis barcas,
A seu prazer o batavo discorre
Suas cidades; quando os rios presos,
Congelados nos leitos frustram barcas,
Elas cativas ficam, voam carros
Por estradas de gelo; e tal, qual fende
As planícies azuis ave ligeira,
Sobre os canais, coòs pés de ferro armados,
O rápido holandês escorregando,
Mas firme todavia, assim passeia
Por cima do maciço e claro espelho.

Os rios, sobejando às margens suas,
Não raras vezes os desvelos baldam,
E férvidos nos prados se derramam;
O Oceano se indigna de que ousadas
As duras mãos do batavo arditoso
Escravo o tenham, seu império estreitem;
Sofre mal que em grillhões as ondas suas
Praias não cubram que regiam dantes,
E que do antigo jus da Natureza
Arte o despoje; o ríspido Oceano
A si mesmo provoca ao seu despique,
E contra os muros que amedronta iroso
As ondas rompe sempre, e sempre forma:
Se ele triunfa (povos, ah! temeio)
Quebra mugindo os diques, e os derruba,

As cidades engole, e sobre as vagas,
As vagas vencedoras, mostra os tetos,
Seus horríveis troféus e prantos nossos ³⁶¹.

Vós, que as praias cobris do mar quieto,
Que os volcos ao suor tornaram dócil ³⁶²,
Nunca ousareis, industriosas gentes,
Converter lodaçais em pingues prados?
Lá outrora se viu de húmidas grutas
Negrejantes delfins correr aos mares:
À voz do pescador voavam logo,
Sócios lhe eram, quinhão nas pescas tinham;
Diante dos baixéis saltando em chusma,
Rapidamente as águas dividiam,
E das redes em torno apinhoados
Os feros contendores costumavam
Tornar ao laço os escapados peixes.

Por onde o Reno impetuoso rola
Rápidas ondas nos famintos mares,
Ao seio dos pauis em dia e dia
Seixos vomita de espumosas bocas,
Seixos que na carreira ia levando;
Pouco a pouco às lagoas enche o fundo,
Do assalto equóreo suas margens vinga:
Felizes habitantes, dai-vos pressa,
Tesouros ajuntai às terras vossas
Sumidos nesses lagos: de mãos dadas
Lá procede convosco a Natureza;
As águas arredando-se vos servem,
Antecipam-se a vós; e dentre os lagos

³⁶¹ «Apesar de todas as cautelas, os diques são às vezes forçados pela violência das águas, que submergem cidades inteiras; as duas mais funestas inundações foram as de 1532 e 1563.»

³⁶² *Vd.* n. 278, p. 452, ao canto segundo.

Francos à vossa vista, nasce a terra,
E de uma e de outra parte ela vos chama:
Regei, regei o império d'água expulsa,
E ao ar na areia o peixe exale a vida;
Em vez de amargas, navegáveis ondas,
Te engorde os gados eficaz verdura.

Terás por arte prósperas colheitas:
Soltas areias nesse lodo envolve;
Do seio desses mádidos terrenos
O lírio roxo ³⁶³ o junco desarraiga;
Por seu cortante ramo ensanguentada,
Dos cavalos, dos bois não poucas vezes
Se escandaliza a boca, e se desgosta:
Canais profundos águas sempre afastem,
Que faz o seu pendor cobrir teus lagos.

Prados criando, a vizinhança teme
De um rio que devora as margens sempre;
Tal das terras que banha, e vai roendo
Tacitamente o Ródano costuma
Alicerces minar: quando enfunados
Da borrasca estridente o Isero ³⁶⁴ ajunta,
E o Saône ³⁶⁵ seus ímpetos aos dela,
Eis de repente o Ródano se engrossa,
Brame, e a Terra, escutando-o, geme ao longe;
Vagos flutuam nas soberbas ondas
Co'a messe os regos, e co'a relva os prados;

³⁶³ «Ou Espadana; *Glaveul* diz o texto.»

³⁶⁴ «Há outro rio Isero, que, nascendo nos confins do Tirol e da Baviera, vai desembocar no Danúbio; este de que se trata nasce nas extremas do Piemonte e de Saboia e desemboca no Ródano.»

³⁶⁵ «No manuscrito de Bocage, achei *Sequana*; porém, aqui olvidou-se, bem como se olvidara de traduzir alguns versos: porque, *sequana* é o nome latino do rio Sena, que vai desembocar no oceano; e o Saone, que dá o texto, vai desaguar no Ródano, e em latim é *Arar*, e redondo *soccona*, mas não *séquana*.»

Do seu chão arrancada inteira herdade
Voga rapidamente a chão remoto;
Pela terra fugaz de balde chama
O senhor consternado, outro a possui,
E a une a seu torrão: já se tem visto,
Cansadas dos seus giros, novas Delos
Escorar-se nas ondas; amiúde
O Ródano alteroso às vivas águas
Abre vários caminhos, entra, invade,
Cava os campos misérrimos, que foram
Em vão lavrados para fins melhores;
Onde messes cresciam, correm águas,
E o que já foi corrente é chão fecundo:
Ai! margens de Aramon, vós o soubestes,
E vós, ó Tarascon, Montfrin, Beaucaire,
Vallabregues, campinas vezes cento
Do Ródano animadas, e outras tantas
Desoladas por ele! Alta barreira,
Engenhosos desvelos contra os golpes
Do rio denodado escudos sejam:
Um forte dique ali combate as ondas;
Além sólido muro as margens veste;
Mais longe débil vime o rio espera
Sobre a areia; resiste-lhe, cedendo,
E os esforços lhe engana, e lhos malogra.

Que há de ser freio às águas indigentes
Que, os prados a nutrir bastando apenas,
De improviso em torrentes se convertem,
E em ondas fervorosas saem das margens?
Tudo foge à violência que arrebatava
Rochedos e rebanhos, e a ti mesmo!
Tal junto d'Ílion o irado Xanto
Ovantes cabedais desenrolava
Na terra circunstante; e, enquanto aos Teucros
Era seu leito asilo, esbravejando

Campos vexava, perseguia Aquiles ³⁶⁶:
Escoa-se por último a corrente,
Mas debaixo da areia os prados ficam
Sepultados às vezes; livra os olhos
Desses tristes objetos, e contempla
Margens mais ledas, mais ditosas margens.

Aos prados restitui a primavera
O brilhante matiz: as flores suas
Assegure o pastor, venere o gado;
Teme que, desmandando-se com elas,
Devore enfim seu ávido apetite
Os tesouros de um ano em um só dia.

Vós movei pelo prado as lindas plantas,
Ninfas, que de atrativos inocentes
Ornadas vedes as boninas tenras;
Lavor da Natureza, o flóreo esmalte
Seja da simples graça enfeite simples:
O fogo dos rubis e dos diamantes,
Altivo adorno das que regem cetros,
Em vossos corações não cria inveja;
Deixamos, e seguis a Natureza:
A Terra para vós urdiu tapizes,
Tais leivas estendeu, travou tais cores
Só para os vossos pés e os olhos vossos.

Como que ao homem, que a seu rei querendo
Mais bela e mais lustrosa a Terra dar-se,
De roupas fulgurantes se atavia:
O seu tão vário, tão risonho esmalte
É arte com que a destra Natureza
Lhe ornou mimosamente a formosura;

³⁶⁶ «Alude ao que diz Homero, no canto XXI da *Ilíada*.»

Por isto é que floresce a relva, e sobe
Nutrindo n'água, e refazendo os sucos;
Mas isto mesmo às ervas dano fora,
Que humildes sempre são sem ser banhadas,
Densas contudo, e que jamais se exaurem.
Este campestre viço aos gados cede;
Vê como, errando à toa os pastos buscam;
Aqui, livre de jugo, o boi ocioso,
Deitado sobre as mãos, remói de espaço;
Sacode o freio além ginete ufano,
E rincha, e salta, e pelos pastos voa.

Teus olhos em teus prados sempre atentem,
Útil espectador os enriquece:
Desarraigas aqui sinistras ervas,
Inúteis para ti, fatais aos gados;
Ali vás escolher do acaso as plantas
Que Natureza dá sem que arte a ajude,
Fartas de sucos benfazejos, simples;
Plantas do teu suor independentes,
Que da frágil saúde amigo esteio
A peçonha dos males afugentam:
O luxo dos jardins altera, ou mata
Virtude tão suave a teus desejos.

Se rara e triste a relva sai, floresce,
Esparge-lhe por cima um rico estrume;
Se o terreno te deu na flórea quadra,
Em vez de erva profícua, musgo estéril,
Cobre-o de cinza; aos prados tal socorro
Renove o lustre de seus belos dias:
Consome-os a velhice a teu despeito?
Tentaras a fraqueza em vão curar-lhe:
Para sempre destrói tapiz inútil,
E alimentosa espiga o substitua;
Desafogado o chão mudando o enfeito,
Sem custo como dantes enverdece.

Nos fins da primavera, quando Febo
Anuncia o verão, da foice te arma,
Abre caminho, abate aos golpes dela
As ervas de pascer; largo tridente
As agite, e depois ao Sol se murchem,
Da chama perigosa o resto exalem;
Se a funesta colheita apertas logo,
O calor se lhe anima, e trai seus lumes
Condensado vapor; flameja em breve,
E debaixo dos tetos incendiados
O fogo te consome a ti e a ela.

Inda mais p'rigos há: teus carros vedem
Que ameaços do tempo se efetuem:
Mui longa duração de aéreas águas
Dissipa os sucos da sedenta relva;
Súbito às vezes férvida torrente,
Ou ante os olhos teus a tempestade
A arrasta, os bens te rouba, e noutras margens
Assombra teus vizinhos, lhos entrega.

Feudos, que dão à primavera os prados
Nos seus primeiros dons, não se restringem,
Têm de se renovar: dispõe o estio
Novos sucos, que o outono aperfeiçoa;
Té o inverno, que gela e murcha o mundo,
Não ousa deslustrar-te a verde relva.
Em nossos tempos cresce, e reina indústria
Que faz de uma raiz nascer um prado:
De lavras e de estrumes farto o campo,
Socorro assíduo não requer das águas;
O mais rebelde enfim se torna dócil,
E fácil abre o seio à planta amiga.

Torrão pingue, lodoso é que sustenta
O trevo, que renasce ali três anos:
Em medíocre terra onde a coloques

Vivaz luzerna quatro lustros dura:
Cascalho, areia fazem que prospere
O sóbrio candeal e o trevo grande.
Cada ano em primavera, estio, outono
Usam de reparar sua existência,
E a foice lha destrói; naquelas quadras
As novas ervas suas ganham forças,
E ao gado excitam fome: em se exaurindo,
Estraga-lhe a raiz, e desse estrago
O trigo surgirá mais vigoroso,
Enquanto desterradas por lei tua
Renascer, vicejar vão noutros campos.

Uma semente, ou planta enobrecida
Destarte, e só, para nutrir-te os gados
Mais abundância tem que amenos prados,
Da Mãe universal mimosos filhos,
Composto casual de germes vários:
Dentro em pouco, assombrando o chão que habita,
Qualquer delas impera, e já não teme
Com erva parasítica humilhar-se,
Emagrecer, ficar qual era outrora
No lugar onde pródigo a escolheste.

Se num prado vulgar qualquer plantio
Houver, que, digno de melhor ventura,
Definhe ou bastardeie; e se no lodo
Jaz abatido, à míngua de cultura,
E por vizinhos seus dos sucos falto,
Que ali buscava, desse dano o livra,
Cria-o só; firme então de dia em dia
O tronco, honroso às experiências tuas,
Não menos que os irmãos irá medrando.

Da planície onde ri tanta verdura
Os tesouros admiro, e prezo o enfeite;
Livra-se a terra de um repouso infausto,

Tudo é fértil, risonho e te enriquece:
Longe os tristes alqueives ociosos,
Que de abortivos cardos se erriçavam,
Um grão sucede a outro; eis que, mudando
A sua habitação, nasce, destrói-se,
Renasce por seu turno: à terra deram
Teus suores e auxílio renovados
O esforço de perpétua mocidade:
Assim, por sempre compensados mimos,
Teus gados e teus campos se refazem.

Há entre as flores que ataviam prados
Espécies caras, distinguidos germes:
Ante os teus olhos congregar tu podes
Destes plantios as dispersas graças:
Atento, cultivando-as num canteiro,
Ali criadas são com leis melhores,
Dão-lhe à simplicidade um lustre novo;
Mas aos jardins quaisquer é berço o prado.
Às tuas precisões o chão fiz útil,
Agora aos teus prazeres fértil seja.

Tu, que dignas de amor pesquisas flores,
Dispõe vivenda aos hóspedes mimosos:
Debaixo de céu puro, em branda terra
Com seu raio nascente os lustre Febo:
Sem arte ou eleição lá noutros tempos
Confusamente as flores, e ao descuido
Aqui e ali nasciam, contentadas
Dos dotes da singela Natureza;
Os que a cultura empresta não sabiam:
Assim de Alcino a ilha povoavam ³⁶⁷,

³⁶⁷ «Corcira ou Corfu, ilha no Mar Jónio.»

E os jardins de Semíramis suspensos:
Atenas dos jardins entre seus muros
O uso alegre deveu ao pai virtuoso
Do prazer filosófico; Epicuro
Ali mostrou suas belezas novas,
E os campos transferiu para as cidades ³⁶⁸;
Mas Grécia, de que as artes foram filhas,
A regra dos canteiros ignorava:
A França é que os formou, que os pôs em ordem;
Deste luxo campestre ornou palácios,
Orla inventou de arbustos volteados,
Dispôs afeiçoada e lisa relva,
Fértil xadrez c'rouou-lhe extremidades,
E das mais belas, escolhidas flores
O tesouro ostentaram. Sois dos olhos
Doce atrativo, ó flores; entre aqueles
Longos circuitos vos ergueis mais lindas:
Tal aos metais o sólido diamante
Dobra fulgores no emprestado trono.

Em meio do canteiro aquosa origem
Leve a teus tanques borbulhões ferventes:
Sedes o regador às flores mate;
Mormente quando a terra arder co'as calmas,
Quando ferrenhos céus, manhãs sem pranto
Ameaçam da flor beleza, ou vida,
Com águas mais assíduas as socorre,
As graças lhe renova, esteia os dias.
Sem ela tudo morre; onde é detida

³⁶⁸ «Assim o diz Plínio, o Naturalista: '*Primus hoc instituit Athenis Epicurus, otii magister, usque ad eum moris non fuerat in oppidis habitari rura*'. Epicuro, o mestre do repouso, foi quem primeiro os ordenou em Atenas; até ao seu tempo, não costumavam os jardins medrar no seio das cidades.»

Vai buscá-la, e consigam-na desvelos:
Água outrora cobria o vasto mundo,
Mas Deus a cativou no equóreo abismo.
É lá que as ondas insofridas querem
Seus muros arrombar, lá que mugentes
Na praia imóvel, espumando, expiram;
A cada instante o Sol do mar levanta
Vapores que dilata, e que, levados
Rapidamente nas aéreas plumas,
Menos graves que o ar que nos rodeia,
Sobem onde mais livres, mais ligeiros
Na sublime atmosfera andam nadantes;
Geram d'Aurora cada dia o choro,
Branqueiam flores, destilando orvalhos;
Quando os tufões desferrolhados bramam,
E nas fundas cavernas erguem lodo,
Ondas, betume, do terrível centro
Sai mais negro vapor turbando os ares,
Brinco de seus caprichos formam nuvens
Mães das procelas, filhas do Oceano;
Em seus grávidos corpos bate o vento,
E pelos ares caem mais leves que elas:
Às planícies baixando, um mar suspenso
Rios e fontes pelo mundo entorna:
Fácil caminho a preparar-lhes pronta,
Abre a esponjosa terra o seio às águas;
Mormente os cerros nas internas grutas
Às fugazes correntes dão guarida;
Pélagos de vapores espargido
Nos picos delas, os montões gelados
Das neves invernais (que o Sol fervente,
E os húmidos Favónios tocam, rompem
Entre os risos de abril) vão tortuosos
Seguindo por caminhos variados
Os meandros de areias e rochedos:
Pelas veias do monte as gotas filtra
Água perene, e abóbadas penetra

Té aos barrocos leitos, onde há posto
Reservatórios dela a Natureza:
Linfas, juntas ali, dos montes fogem;
Ei-las arroios são, e as terras lambem.

Cumes da Ibéria, onde morreu Pirene ³⁶⁹,
Os que Aníbal transpôs ³⁷⁰, Vosgos e Jura ³⁷¹,
Do seio o Pó e o Ródano desatam,
Reno, e Garumna Sócona ³⁷², e Ticino:
Débeis junto da fonte os prados molham,
Of'recem-se aos rebanhos sequiosos;
Mas eis se esquecem da acanhada origem,
E na carreira sua abastecidos
Do tributo de arroios que recolhem,
Com ímpeto rolando altivas ondas,
Cobertos de baixéis qual o Oceano,
Vão no bojo marítimo abismar-se,
E as ondas tornarão, que somem nele,
Sobre as asas dos Suis às férteis serras.

Vê desta pedregosa, esconsa altura
Com tremendo rumor lançar-se as águas;
Lá debaixo da terra em férreos tubos,
Superior artifício as feche, e aperte;
Éneo canal em teus jardins coloca,
Que dê caminho estreito às águas prontas,
Elas furiosas saem, e aos ares saltam
Tanto quanto na queda se abateram;
Seu peso as fez cair; d'água que as segue

³⁶⁹ «Os montes Pirenéus, que dividem as Espanhas da França.»

³⁷⁰ «Os Alpes, que separam a Itália da França e da Alemanha.»

³⁷¹ «Vosgos é uma cordilheira de montanhas que se estende até à Floresta das Ardenas, separando de Lorena a Alsácia e o Franco Condado; Jura é uma montanha que separa a Suíça do Franco Condado.»

³⁷² *Vd.* n. 365, p. 509.

Peso urgente as eleva, e manda aos ares;
E quando elas se escapam, se acham livres,
Equilibradas sempre estão co'a fonte:
Pular aos tanques teus virão destarte,
E em teus jardins brincar de várias sortes.

Junto d'ímpia caterva em rãs mudada,
D'água, que ela vomita, injúrias sofre
A mãe de Apolo ³⁷³; um Titã enraivado
Debaixo do Etna, que lhe esmaga os membros,
Rio aos céus arremessa em vez de flama ³⁷⁴;
Mais longe, por canais que estreitam águas
Sobem, não vistas, muro que as esconde;
Já patentes ao dia eis se desdobram,
Multiplicadas caem de tanque em tanque.

Est'arte portentosa, e sempre grata
Co'as águas brinque; o sábio lhe prefere
Dos compridos canais a simples arte,
Que na rica abundância igualam rios:
Praz-me uma fonte às tuas leis submissa,
Que a ordem que a divide à risca observa;
Entre as flores aqui remanso ameno
Volve em areias de ouro ondas de prata,
Ornam-lhe as margens mármore, verdura,
E apenas corre, murmurando apenas;
Mais abaixo serpeia, e por cem voltas
Erra nos bosques, a carreira esquece;
Acolá, qual torrente, as ondas pulam
De rocha em rocha, rompem-se, escumando,
Com pavoroso estrépito, e lhe aplaude
Os mugidos horríssonos a Terra.

³⁷³ Latona.

³⁷⁴ «Alusão aos jardins de Versailles, onde estas fábulas estão representadas.»

Onde ilusões amáveis me transportam!
Aprazíveis estâncias quis mostrar-te,
E dos reis aos jardins levei teus passos:
As águas, como as terras, lhe obedçam;
Tu, regula os desejos, mede as forças,
De um prazer sedutor o engodo teme.

Porém, na escolha de agradáveis flores
Asas livres concedo a teus desvelos:
De estranhos climas géneros gabados
Da Gália ao seio conduzidos foram;
Cada flor nela crê que a pátria goza,
Um jardim no recinto inclui o mundo:
Floresce aqui a anémoma indiana,
E junto dela a tulipa africana;
América igualmente a par lhe arraiga
Belezas várias de seus amplos climas;
A tenra hemerocal ³⁷⁵, cujo destino
É nascer e morrer num mesmo dia;
E as que outrora agradaram tanto aos Incas ³⁷⁶,
Que para as figurar na quadra triste,
Imitando-as em flores de ouro, ou prata,
Nos seus ricos jardins a Natureza
Usavam reparar... ah! não previam
Que das longínquas margens do Ocidente
O espanhol, mais cruel que inverno e ventos,
Roubar-lhe iria tão fatal riqueza.
Oh! quantas flores, concorrentes destas,
Móbil quadro variam, nos of'recem
Das cores o espetáculo não visto!

³⁷⁵ «Espécie de lírio: as flores que sucessivamente brotam do seu tronco duram somente um dia.»

³⁷⁶ «Príncipes peruvianos que Diogo d'Almagro, em 1557, sujeitou ao domínio d'Espanha; em seus jardins, não somente imitavam as várias flores com ouro e prata, porém, até as searas, os arvoredos, os insetos, as aves, etc.»

Como arte bela em movediça teia,
Aos olhos enlevados apresenta
Os paços de Plutão, de Febo o coche,
Grutas de Tétis, e de Amor florestas;
Tal em nossos jardins, aonde a guia
Sua própria estação, vem cada espécie
Dar o atavio e novidade à cena:
O seu século está na quadra sua,
Nascem tantas nações num ano, e morrem.
A violeta gentil na densa folha
Como que foge à luz, e ama o retiro;
Seu perfume a descobre, e seus encantos
Modestos, virginais melhor conseguem
Honras, que esquivam; sobre o flóreo plano
A anémoma reluz; o vivo esmalte,
De que é c'roada, reunira os gostos
Se no mesmo lugar não campeasse
A tulipa formosa; quanto as cores
Um misto formam nela extravagante,
Tanto é mais de admirar, e a espécie é rara:
Da Síria o mais cristão dos reis da Gália ³⁷⁷
Trouxe a flor, que entre nós co'a variedade
De seus doces caprichos graciosos
É dos amantes seus prazer supremo;
Revivendo a semente, as flores torna
Semelhantes, mas várias, tais quais vemos
Delicadas irmãs. Ó Natureza,
São estes brincos teus, são lindas manchas
Que aos olhos assinalam tanta espécie,
E os nomes dos heróis lhes atribuem:
Nos jardins nascem Alexandre e César.

³⁷⁷ «S. Luís (9.º deste nome entre os reis de França), quando voltou da Síria, trouxe aos franceses o rainúnculo.»

Pronto a deixar-nos, Zéfiro abre a rosa,
E ao primeiro calor a of'rece amigo:
Dá-te pressa, dois dias não subsiste
Tão suave esplendor; são muitas vezes
Os mais belos destinos os mais curtos.

Que aroma singular me prende e encanta!
Fragrante aos olhos meus pompeia o cravo:
Erguido sobre o tronco, e fresco, e belo
Nativa candidez ostenta o lírio:
Teus pendões invencíveis borde, ó França,
Tua glória anuncie em toda a parte,
Mas dos sentidos meus desvie o cheiro.

Dos perfumes que dás também o excesso
É desabrido, ó flor do Mundo Novo,
Mais ditosa entre nós, e que os franceses
Nominam tuberosa ³⁷⁸; em tu surgindo,
A pomífera quadra retrocede,
Vem dar-te Irmãs que hão de formar-lhe a corte;
O amaranto imortal, papoila e mirto,
E a que, amante do Sol, com ele gira ³⁷⁹;
Por sua formosura e variedade,
Pelos destinos seus, da China a rosa ³⁸⁰
Nos assombra os jardins; em sós três dias,
Que à vida lhe aprazou a Natureza,
Muda três vezes o inconstante adorno;
Entre as flores Proteu, nascendo é branca,
Vermelha já maior, purpúrea em velha.

³⁷⁸ «Nós lhe chamamos angélica: os franceses a trouxeram da América e primeiros a cultivaram.»

³⁷⁹ «O heliotrópio ou girassol.»

³⁸⁰ «Comumente chamada rosa japónica; o arbusto que a produz é maior do que as nossas roseiras.»

Quando o inverno, chamando à Terra os frios,
Ordena aos ventos que a verdura arranquem;
E quando nos jardins por ele murchos
Das flores o espetáculo nos furta;
No tempo em que o Taláspis ³⁸¹ d'alva fronte
Ousa ainda brilhar perante os gelos,
E entre seus pés o caminhante admira,
Flor que, sempre afrontando o feio inverno,
Em gelado torrão sai da semente,
Se abre, e penetra sobrepostas neves,
Delas triunfa; em preparada estância,
Contra o frio rigor seguro asilo,
Flores faz nascer; lumes desperta
Cujo módico ardor Zéfiro imite;
Com este brando sopro a flor se ilude,
À flor parece que Favónio torna,
E deve ao doce engano a doce vida.

Aos desvelos que influi arte assisada
Amoroso delírio não se agregue:
Junto de um cravo moribundo chore,
Murche com ele pálido florista;
Outro, perdendo tulipa mimosa,
Guarde como um tesouro o espólio seco;
Estes insanos criadores tristes,
Estes rivais do Céu vão muito embora
Mudar o esmalte às flores, e o perfume,
Alterem-lhe no seio a Natureza
Imprimindo-lhe a cor d'água tingida
Pelo artifício: quais prodígios contêm
Açucena purpúrea e negro cravo,

³⁸¹ «Flor que abre à maneira de um chapéu-de-sol.»

Gabem-se do que podem; Tu desdenha
D'arte minuciosa apuro estéril,
E goza-te dos dons da fácil terra.

Multipliquem-se as flores onde a abelha
Usa pelas manhãs colher seu néctar:
Às antigas nações ele preciso
Dos cuidados domésticos objeto,
Útil e amável foi; de Mântua o cisne
Excitou-lhe o fervor, cantou costumes,
E tesouros da abelha, os seus trabalhos,
A sua economia, a ordem sua,
Seu amor a seus reis, civis discórdias,
O luto de Aristeu perdendo o enxame,
Pelos deuses e a mãe restituído
Aos prantos do infeliz ³⁸², mas dando apenas
Ao hemisfério nosso o Novo Mundo
Sabor de suco estranho, as canas foram
Antepostas por nós ao doce favo:
Da massa com que engenha os edifícios
O inseto sussurrante, inda atégora
Nada o notório préstimo há suprido.

Adquire pois a cera, e vai criando
O tomilho, o serpol, erva-cidreira,
O jacinto, o açafraão e as perfumadas
Flores que enxame alígero careiam;
A estância lhe constrói, a obra excita,
Poupa-lhe os bens, e, por sarar-lhe os males,
Dos sábios que inda existem colhe indústria
Que as abelhas mantém melhor que outrora.

³⁸² «Veja-se o Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio.»

Seguem flores o Amor, Sorrisos, Graças;
De Timante a Cefisa os mimos levam;
Unem-se na madeixa, o seio adornam;
As festas mais pomposas formoseiam;
Travados num festim seus ramalhetes
Com saborosos, delicados frutos,
Movediço jardim nas mesas formam,
Por desusado misto algumas vezes
A imagem dos mortais nos apresentam:
Assim, sem fabricar vãos numes feros,
Que em flores desgraçados convertiam,
São animados por contrário encanto,
Ninfas, heróis se tornam: das mais belas
Artes brilhantes o atilado esmero
Imita-lhes a graça, esmalte e forma.

Mais forte em tuas mãos, qu'indústria, ó França,
Te afeiçoa e submete o dócil barro?
Nós o desconhecemos, nós julgamos
Ver o brilho, o matiz, ver o caráter
Das flores mais lustrosas, e parece
Que os olhos, destas graças seduzidos,
O insulso, preguiçoso olfato argüem ³⁸³.

Os séculos remotos conheceram
Plantas cuja virtude expulsa os males;
Descobriu, oh! portento! a nossa idade
Que a flor vida recebe, a flor dá vida
Como o Homem a dá, como a recebe ³⁸⁴;
Cobiçosos de unir-se os vivos órgãos
De dois sexos fecundos nela existem;

³⁸³ «Fala das flores de porcelana.»

³⁸⁴ «Sistema de Mr. Vaillant, adotado por todos os botânicos modernos.»

Do pistilo ³⁸⁵ no seio os filamentos,
O pó que eles contêm nações inteiras
Criam de vários géneros; seus fachos
Une Amor e Himeneu, conservadores
Da flórea estirpe: em desmaiando a força
Do diurno calor, parece a planta
Imóvel, como nós, jazer no sono ³⁸⁶.
Desaparece o dia? Ei-la se murcha,
E perde o movimento, e seca, e morre.

As que privadas sempre estão d'esposo
Não têm fecundidade: há tais que tecem
Ilegítimo vínculo, aceitando
Os mimos, a paixão d'estranha espécie;
Porém, destas a prole é sempre estéril,
E vinga a Natureza: outras, afeitas
A vicejar com lânguida cultura,
Enervam-se por arte industriosa;
Sua grandeza e esmalte em breve agradam;
A serventia perderam seus órgãos;
Os filamentos seus, demais nutridos,
Hão de alongar-se em folhas; a beleza
Há de suprir-lhe os destruídos sexos,
Serão fecundidade o luxo, o adorno.

Aqui valida flor da Natureza
Possui hermafrodita ambos os sexos,
Arde nas chamas que ela própria acende,
Mata os desejos que ela mesma incita:
Dos apartados sexos lar distante
Em vão presumes que Himeneu desvia;
As auras serviçais da flor ao seio

³⁸⁵ «Parte onde a flor encerra a semente, ou seu órgão feminino.»

³⁸⁶ «É opinião de Lineu.»

Levam do esposo a preciosa of'renda:
Tais as Palmeiras nas fecundas margens
Que humedeces, ó Nilo, inda que ausentes,
Para se unirem com prisão de amores
Em ano e ano por Favónio esperam;
Ele é seu mensageiro, asas lhe empresta;
Mas se o vê preguiçoso em demasia,
Do Egito o morador vai diligente
Da amada aos braços conduzir o amante:
Sem tal socorro a planta estéreis flores
Dera, e dera murchando inúteis frutos.

Tempo de amor às flores é a Aurora:
Renascem co'a manhã, co'a luz se animam,
Delas sussurra em torno o flavo enxame,
Aplauda a borboleta os doces brinco,
E o terno rouxinol em páfio mirto
Canta os ardores, o comércio delas.

CANTO V

Dos Gados

Vós, que exerceis das terras a cultura,
Vós, que lhes dais os bens, lhes dais o adorno,
Mortais, quanto estas leis vos eram graves,
Que trabalho exigiam, se as sentísseis
Desajudados, sós! A Divindade
Submete a humana espécie a tais suores;
Mas a pena é paterna; e, moderando-a,
Aprouve-lhe curvar ao jugo do Homem
Profícuos animais que em parte a sofram:
Devem obedecer, vós governá-los;
Súbditos são que o Reino vos povoam.

Este Império tão rico e tão potente,
Quanto desse desdiz que possuía
O Homem, pela inocência enriquecido?
Submissos animais seu rei serviam,
E apenas foi culpado os viu rebeldes;
Sem armas, sem socorro estremecendo
Dos tigres, dos leões temia a fúria;
Águas e grutas, ligeireza e voo
A seu iluso ardil roubavam presas.
Mas assim que inventou pelo trabalho
Artes o racional, e assim que o Eterno
Lhe restabeleceu poder nos brutos,
Forçou, venceu-lhes repugnante instinto;
Cedeu colhido o pássaro nas redes;
Teve o touro, o cavalo um jugo, um freio;
De noite, discorrendo a serra, o vale,
Os selváticos monstros buscam pasto;
Nasce a luz, o Homem sai, eles o acatam,
E dele entre as florestas vão sumir-se:
Aos úteis animais deu regras úteis;
Nos cerros espargiu seus dóceis gados;
Destarte um foi escravo, outro temeu-o,
E às leis de seu Senhor curvou-se o Mundo:
O cabrito-montês e o cervo, ainda
Que em forma ao rena iguais, não se arrebanham;
O búfalo indomável mora em selvas,
E a cabra montesina esquiva o jugo;
Destes as gerações, que a Natureza
Cria selvagens, e selvagens deixa,
Não podemos dobrar aos usos nossos;
Mas nestes animais, entumecidos
Com sua independência e liberdade,
Limitado poder sempre exercemos.

Ó Deus, de qu'um pastor ³⁸⁷, tremendo, amando,
Viu nos cimos do Horeb a majestade;
Tu que, chamando-o a Ti, dentre ígnea sarça,
Que ardia em fogo teu sem consumir-se,
O teu nome, o teu ser lhe revelaste,
O primeiro dos vates o fizeste,
O fizeste o pastor de eleito povo;
No lume divinal minh'alma inflama,
O inculto guardador por mim se instrua,
Saiba usar de teus dons, e te agradeça
O império seu pela homenagem dele.

Se belos frutos, se abundosas messes
Teus desejos espertam, gados cria;
Venturosa experiência, ampla fartura,
Verás galardoar teus mil desvelos:
Dos antigos mortais este o costume;
Os súbditos, coòs reis eram pastores:
A fábula indicou por velos de ouro
Das ovelhas de Atreu ³⁸⁸ e Eeta ³⁸⁹ o preço;
O esposo de Penélope ³⁹⁰ em seus gados
Tinha os tesouros seus; de Fauno a prole ³⁹¹
Os seus tesouros em seus gados tinha:
Esta indústria cobriu de povo imenso
Judeia, Egito, e foi sua opulência.

Africanos, arábicos, os vossos
Mansos camelos o joelho acurvam
Para que os carregueis; sem medo à sede,
Pagos de áridas ervas, os desertos

³⁸⁷ Moisés.

³⁸⁸ Rei de Argos, cidade grega do Peloponeso.

³⁸⁹ «Rei de Colcos: é este de quem se conta que guardava o Velocino roubado por Jasão.»

³⁹⁰ «Ulisses, rei de Ítaca.»

³⁹¹ «Latino, rei de Laurento, parte do antigo Lácio.»

Cruzam da zona ardente: a Índia of'rece
Aos olhos meus o válido elefante,
Espantoso animal que de um menino
Se deixa governar, altivo e brando;
Torres sustenta, e impávido costuma
Levar guerreiros onde a glória os guia;
Por estrada que o gelo, a neve atulham
Puxa os frios lapões o rena ativo;
Só para si querendo agreste musgo,
Vestiduras lhes dá, manjar, bebidas ³⁹²:
Mas nunca teus rivais serão tais povos,
Ó gente, cujas terras alimentam
Os serviçais cavalos; seus empregos,
Préstimos vários, o ânimo, a beleza
Aos outros animais este avantajam.

Cria em ledos outeiros teus rebanhos,
De moderados céus procura o clima;
Bando feliz d'inúmeros ginetes
Lá se faz ágil, são, robusto e vivo;
Mas em lodosos prados tendo a estância,
Ou tendo-a em vales húmidos no extremo,
Grosseiro pasto deste chão nocivo
Lhe enerva os corações, se aumenta os corpos;
Ficam pesados, sem vigor, sem brio,
E receiam-se do ar ou denso, ou frio:
Vê do espanhol o ardor, vê-lhe a nobreza,
A fleuma do holandês, e a cobardia!
Tais, à face de um céu macio e puro,
As árvores, que a terra alegre nutre,
Às graças que lhe vêm da Natureza
Unem sumo aprazível, unem frutos

³⁹² «O rena [sic] assemelha-se ao veado e ao cavalo e é a principal riqueza da Lapónia; tira-lhes os seus carros, alimenta-os de carne e leite e veste-os da sua pele.»

Provindos da cultura; outras desmaiam
Em soltos areais, em secos montes,
Que o vento insulta, ou nos profundos vales
Toleram sombra pérfida, e somente
De sensabor substância engrossam frutos.

A França ao teu desejo em sítios vários
Of'rece outeiros que de pasto abundam,
Manifestos à luz: são tais os prados
De Hiesme, do Garumna, e tais se mostram
Do Ródano fervente as frescas margens.

Que é do vosso artifício, ó destros povos?
Roma, Roma deveu proezas suas
De vossos bons Maiores ao cuidado;
Vossos ginetes, para a guerra idóneos,
Criados para a guerra, aos seus horrores
Conduziram do mundo os vencedores.
Escolhe o garanhão que desta escolha
Depende a sorte da manada equina:
O andaluz nos apraz, e o barbaresco;
Deste o filho n'altura o pai transcende,
E o cavalo d'Ibéria excede a stirpe:
O garanhão que estimo, é novo, é forte,
Soberbo e manso, dócil e animoso,
Alto pescoço tem e audaz cabeça,
Redondo é na garupa, e cheio em lados;
Caminha ufano, rápido galopa.
Insulta os medos, desafia os p'rigos;
Se ouve mavórcia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouça e fere a terra;
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sai das ventas,
As orelhas alteia, erriça as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a boca espuma.

De um pêlo assinalado a cor mais nobre
Denote seu valor, o aformoseie;
E a teus rebanhos dê gentil tintura
De raça em raça este útil atavio:
Busca alazões, prefere os mosqueados,
O azevichado, o baio, o de três cores
Que a das carnes imita, e de ouro, e neve;
Ou cinzenta, ou mal tinta, ou deslavada
A pele num cavalo o indica frouxo:
Assim nas variadas cores suas
A Natureza brinca, e pinta os génios;
Mas isto mente às vezes, e quem prova
Seus ocultos defeitos? A exp'riência:
Na beleza envolver-se o vício pode;
Falso, vil, rebelão, espantadiço,
Pode o cavalo ser, ser caprichoso;
As pechas de seus pais em si guardando,
Hereditário mal transmite à raça.

Ardente garanhão, que de anos sete
Cheio é de forças, as conserva aos vinte;
Depois afraca, e sua ardência estéril
É de um desejo vão falaz impulso:
Serve a égua em mais moça, e quinze estios
Fecundos, belos dias lhe rematam.

Seja livre, ociosa e de seu pasto
Se regre atentamente a quantidade;
Às lidas amorosas destinado,
A seu tenaz ardor se dê o esposo;
Mas tempera-lhe o fogo, em doze amadas
As ferventes carícias lhe restringe;
Neles, como entre nós, não há ternura,
Escandece-os Amor cõas fúrias todas:
Em vindo a primavera, e quando as éguas
Sofrem dos garanhões o ativo assalto,
Esperto condutor una, e contente

Desenfreada amante, amante insano;
Contenha em sujeição té nos prazeres
De amor agreste os ímpetos soberbos.

Onze meses passaram, nasce o potro,
O desvelo em criá-lo agora ocupa:
Poupa fraqueza da tenrinha idade;
A infância brinque, a mocidade espera;
Deixa correr, saltar mimosas crias,
E acompanhar as mães ao prado, ao monte.

No meio de seus brincos, desde a infância
O presságio lerás de seus costumes:
Aquele que arrojarse aos campos vires,
Correr, embalçando-se nas curvas,
Desdenhar vão rumor de rio, ou fonte,
Os outros provocar, vencer, correndo,
Nos brilhantes, magnânimos ensaios
De um bruto generoso of'rece as mostras:
Independentes vivem, vivem ledos,
E do freio vindouro a força ignoram.

A idade eis útil, no terceiro estio
Subjugam tuas mãos o indócil potro;
Idade é folgazã, porém flexível:
Longe ameaços, picador sanhudo;
Um castigo cruel produz só medo,
Tu prefere ao rigor brandura e mimo:
O cavalo ama o homem, quer prazer-lhe;
Sua docilidade é voluntária,
Mais cede à voz do que obedece ao freio.

Das várias crias o destino ordena:
Dê-se a boçal e a frouxa ao carro, às lavras;
Convém primeiro que um vazio arraste,
Com leve arreo; em breve os pesos graves
De espumante suor seus lados tingem,

O eixo grita nos carros, e se inflama:
A voz deve-o guiar; mas, se repugna,
Sucede-lhe o castigo e vence as teimas.

Impávido ginete, que à vitória
Tem de voar coò impávido guerreiro,
Desde a mimosa idade a estrondos feito,
Escuta sem terror trovões de bronze;
Pelas armas ufano os olhos corre,
Das trombetas a voz lhe é som gostoso,
Sofre os arções, e plácido sustenta
O dono que lhe oprime as lisas costas;
Submisso às ordens ou se avança, ou pára;
Recua, e se levanta, e se arremessa;
Mais pronto que eles, precedendo os ventos,
Apenas sobre a areia imprime o passo;
Ama os louvores, e reluz seu fogo
Se branda mão lhe bate, e o lisonjeia.

Úteis no márcio campo, assim ginetes
Altivos aos certames te conduzem;
Rompendo os esquadrões, lá saltam, voam,
A matança os anima, o p'riço os punge:
Crivados de feridas, entre mortos,
Cheios de pó, de sangue eles parecem
Esquecer-se de si, de nós lembrar-se;
Se a força os desampara, inda animosos
Dentre os horrores saem, nos livram deles,
Mostram por nós temer quanto afrontaram,
E expiram satisfeitos com salvar-nos.

Este doce pendor que a Natureza
Inspira aos corações, amor, que a vida
Confere a quanto existe, amor, nem sempre
É pelas suas leis guiado: há brutos
Que seduz falso instinto, e que, inflamados
De perversa paixão, seguir costumam

Animais doutra espécie; o tigre, unido
À leoa feroz, gera o leopardo ³⁹³,
Produção monstruosa, e deste laço,
Que a falseia, indignada a Natureza
Abominável raça estéril torna.
Entre animais, que a seus desejos prestam,
O homem, multiplicando impróprios laços,
Por arte os reproduz, e de ano em ano
Novos adquire, a Natureza ilude;
Renovados assim os machos nascem,
E outros que a Natureza não perfilha ³⁹⁴.

Da égua o macho é prole; a altivez sua,
Se o pai lhe nomeasse, eu afrontara,
E abatera meus versos com seu nome;
Mas o préstimo seu diga-se ao menos:
Tem manso o natural, o humor paciente,
Tolera as fomes, e o contenta um cardo;
Proveitoso à charrua, os touros supre,
Das cargas que lhe impõem deixa oprimir-se;
Mas às vezes de púrpuras o adornam,
E nas costas mantém ³⁹⁵, conduz ufano
De ninfa encantadora o doce peso:
Em fogoso ginete o lindo sexo
Treme, e antepõe-lhe um passo brando e lento.

³⁹³ «Alguns Modernos, e com eles Mr. de Buffon, têm que o leopardo é uma espécie distinta: o autor segue a vulgar e antiga opinião; podia escolher como poeta, porque os poetas têm grandes licenças e mais quando escrevem tão bem como ele acaba de o fazer sobre o préstimo e generosidade dos ginetes.»

³⁹⁴ «O texto diz: *Les mulets, les jumarts qu'elle n'adopte pas*. Nós não temos vocábulo propriamente significativo de *jumart*; Bocage supriu a míngua, dizendo «e outros». *Jumart* chamam à prole de touro e burro, ou burro e vaca, ou cavalo e vaca, ou touro e égua; Mr. de Buffon diz que o *jumart* é um ente quimérico; não sei se tem razão, decidam os outros senhores naturalistas; mas certo é que, se se dá tal casta, é ela de bem pouca utilidade, pois que se lhe não promove a multiplicação.»

³⁹⁵ *Sic*, em lugar de «mantém», por imposição da métrica.

Rochas subir, do precipício à margem,
É do bom macho o préstimo primeiro;
O Homem, sem se abalar, nele se fia,
Vai por caminhos a que olhar não ousa.

Sóbria, lidante, às paternais virtudes
Une a força da mãe, e orgulho a mula:
Rodes, Poitiers, Saint-Flour tais gados criam,
Espanha é rival sua, e não lhes cede;
Dela os cavalos para a guerra nascem,
Às tarefas rurais a mula é própria,
Preza a charrua, e se lhe afaz sem custo;
Regra-lhe tu vivíssimos transportes.

Menos em fogo, em ânimos não menos,
De forças é dotado o boi tardio;
Cria-se para a lavra, ela o recreia,
Cede-lhe tudo aos músculos nervosos:
Para os campos não há melhores gados;
E, se tens para dar-lhe ervas fecundas,
A ordem que ditei, regendo-os, segue:
Um touro quase indómito se estima;
É de feroz olhar, de sanha ardente,
E o corno ameaçador, mugindo, abaixa.
Ignora estes furores a novilha,
Tem seu sexo mais brando outros costumes;
De abertas ventas é, caídos beiços,
Fronte larga, olho negro, orelha hirsuta;
De pêlo mosqueado, espesso e mole
Desce aos joelhos a barbela instável;
* Soberba caminhando ergue a cabeça ³⁹⁶,
E a cauda buliçosa o pó levanta;

³⁹⁶ «É outro verso que Bocage passou na tradução: *Dans sa marche on la voit lever sa tête altière.*»

Terceira primavera amor lhe ateia,
E apaga-se este ardor aos quinze invernos.
Grandes pesos convém que então não puxe,
Té do menor trabalho então se isente:
Não lhe consintas que atravesse as águas,
Que montes, espinhais, barrancos passe;
Erre em pingues pastagens livremente,
E em limpas margens dalgum bosque à sombra.

No campo onde os Teutões já guerrearão,
E de seu vencedor tem inda o nome ³⁹⁷,
Nas ribas onde o Ródano lhe é dócil,
E segue outro caminho a eles útil,
Corrompe os ares odioso inseto ³⁹⁸
Que em fúria horrível assalta os gados;
Os gados temem seu ferrão cruento,
E da picada é fruto a morte às vezes;
Os touros, do sussurro amedrontados,
Rompem na fuga os ares com bramidos:
Fecha-os no tempo adverso em que os calores
O inseto irritam, e implacável tornam.

Quando da vaca se avizinha o parto,
Pastores, não queirais que ela vos pague
O tributo do seio; e, produzindo
Da ternura o penhor, sofrei que o crie
Sem partilha de alguém; não tarda o tempo
Em que seu leite, de nectáreo gosto,
Corre só para vós: em dia e dia
Nas veias suas o licor filtrado
Duas vezes lhos enche, e sai dos peitos;

³⁹⁷ «O vencedor foi Mário, e o campo é o de Camargue, ilha da Provença, na embocadura do departamento das Bocas-do-Ródano, e à qual em latim se chama *Campus Marii* ou *Camaria*.»

³⁹⁸ «Fala do tabão ou moscardo.»

Foi primeiro manjar nos tempos de ouro,
E, do luxo apesar, tem preço ainda;
Ou variamente, e por indústria oculto
Nosso melindre afague; ou refrigério
Esteio à languidez, o triste enfermo
Dentre as portas da morte arranque, e salve:
Doce, mas pronto em azedar-se o leite,
Só por atenta mão pode manter-se:
Simples queijeira com asseio agrade.
Para estas obras rústicas hei visto
Entre mármore, e entre ouro erguer-se portas,
Onde em chineses vasos se honra o leite
De humedecer dos reis as mãos augustas;
Apesar do impostor, do vão seu brilho,
Teu jus conhece o luxo, ó Natureza.

Mas de trabalhos tais o doce emprego
De mais útil cuidado o tempo acate.
Teme, se Tu co'a voz os não suspendes,
A mocidade indómita dos touros:
Dobra-lhe um simples vime em torno às pontas,
Ou forma-lhe um colar de ramos leves.
Dois novos bois, iguais na idade e força,
A sujeição do arado aprendem juntos;
Vão a passos iguais por chão de areias,
Brevemente abrirão torrões lodosos;
Para os avassalar, mais fácil meio
Une a touro rebelde um menos duro;
Este é mestre daquele, e pelo exemplo,
Que pode mais que Tu, se faz tratável.

Dois bois em breve se acostumam juntos;
Mais que o jugo, amizade os concilia:
Com recíproco ardor e iguais esforços
Eles se ajudam; se os desune a morte,
Vê-se o que resta pranteando a falta
Do seu querido irmão: recentes prados,

Bosques sombrios, cristalino arroio
Não lhe dão gosto já, são-lhe indiferentes;
Coos olhos melancólicos e fitos,
A pesada cabeça inclina à terra.

Povo afamado, em Ápis te morrendo ³⁹⁹,
De que prantos, de que ais enchias Mênfis!
Adorador de um boi lhe ergueste um templo,
Colocavas no altar deus que pascia!
Prostrados a seus pés, mortais estultos
O Fado em seus mugidos consultavam!
A Grécia aos gados seus co'a mesma insânia
Deuses fez presidir; já Pã, já Febo,
E os Silvanos, e os Sátiros: meus versos,
Meus sons têm mais poder que esses fantasmas:
Rebanhos, acudi, correi a ouvir-me;
Atentos os pastores me rodeiem.

A cordeira, apesar das lãs que a forram,
Teme os invernos: voltem-lhe os abrigos
À parte austral, encerre-se, e nutrida
Seja ali com desvelo; ervas se elevem
E vegetais ali que lhe escaparam;
Densas camas de feto amontoado
Dos males iminentes a preservem.

Se é puro o Sol, se é amoroso o dia,
Ou se acaso abrilhanta opaca nuvem,
Teu gado à margem próxima encaminha,
Sem que o deixes no campo extraviar-se;
Porém, desta lei rívida excetuo
Clima que nunca os gelos entristeçam;

³⁹⁹ «Os egípcios, debaixo do nome de Ápis, Osíris ou Sérapis, adoravam um boi, malhado de branco e preto.»

Lá num parque ambulante a ovelha mora,
E vê contínuo variar a estância.
Assim de teus rebanhos a vivenda
Ora aqui, ora ali te aduba os campos:
De um ar subtil e vivo a frialdade
Faz-lhe o velo mais brando, a lã mais pura;
Mas fecha-os quando o Polo se enegreça,
E águas se endurem, volteando as neves.
Segue este uso tão próspero Occitânia,
Ele o preço, ó Segóvia, às lãs te alteia.

Na ilha onde os avós aniquilaram
Do lobo a raça, d'Álbion pastores,
Livres das fúrias do inimigo astuto,
Às neves, ao rigor de húmido clima
Não recearam calejar seus gados;
Ousam ainda mais: ao desabrigo
De ar intratável as ovelhas deixam
Nas geladas planícies, e conseguem
Com isto suas lãs o grau primeiro.

Apenas se abre a Terra ao brando raio
Da meiga, flórea mãe, cordeiras podem
Saltar na relva que do chão rebenta;
Mas esperar convém que o frio orvalho
Se extinga ao Sol: o afogueado estio
Quer outras leis; a matutina estrela
Vê nos matos vagar, pascer carneiros;
E ali se reconduzam quando a tarde
Húmida e grata restitui à relva
Alterada frescura; ao meio-dia
Tu, porém, desce os montes, busca os vales,
Demanda os rios; teu rebanho anela
Repouso, virações; ali se estenda
À sombra de um carvalho, ao pé de um bosque.

Té sítios há que, pelo Sol crestados,
De rebanhos no estio estão desertos:
Então vê o Esperou ⁴⁰⁰ chegar de ovelhas
Lentas catervas, dacolá banidas;
Longevos bosques seus ao Polo se erguem,
Of'rece no mais alto, e fértil cimo
Amplu torrão, jardins da Natureza,
Ricos de flores sem cultura ou arte;
Os filhos de Quíron vêm de mil campos
Olhos ali fitar, sondar virtudes.
Desdenha aquele monte, aos Céus vizinho,
Das procelas o horror; lá vi cem vezes
Debaixo de meus pés juntar-se as nuvens,
E, enquanto aos olhos meus Sol puro ardia,
Sobre os vales a Noite o véu lançava;
Os raios, os trovões se iam criando
Longe de mim, e a Terra espavoriam.
Ditasas cordeirinhas, quanto é doce
Vosso destino ali! Feliz quem livre
Vive em paz, como vós, naqueles campos.

Em quaisquer climas a que o céu te chame,
Nunca de teus carneiros te descuides;
A sua mansidão requer ternura,
Merece amor, e amando to agradecem.
O cajado ao pastor não serve às vezes,
Rege um grito, um sinal todo o rebanho;
O principal carneiro aos mais precede,
É seu guia ele só, regula o passo,
E o povo o segue: por barrancos salte,
Recue, ou se adiante, a chusma toda
Ou pára, ou se arremessa após o chefe.
Assim que o predomínio lhe concedes

⁴⁰⁰ «Montanha das Cevennas, no Baixo Languedoque, mui frequentada pelos botânicos.»

Um carneiro é senhor, dá leis aos outros;
Basta-lhe teu favor, no mesmo instante
De seus iguais obediência logra.

Pastor, conhece os cumes onde há flores,
Que teu gado procura: os gordos pastos
(Húmida nutrição) não mais lhe of'recem
Que um pérfido alimento; aos sítios fuge
Crespos de cardos que, ferindo os corpos,
As guedelhas arrancam; vai-te a um cerro
Que brote erva cheirosa em magra terra;
À suave alfazema os gados correm,
E ao alecrim, serpol, tomilho e nardo:
Tais de Armórico ⁴⁰¹, e Ardenas os carneiros ⁴⁰²
De remotas províncias tão buscados.

Aos muros de Salon corre vizinho
Campo fragoso de abundantes pastos ⁴⁰³
Para muito rebanho: a vista absorta
Só planície infecunda ali descobre;
Acha o carneiro industrioso a erva
Oculto em móbil pedra, e vê pascendo
Tomilho sempre extinto e renascente.

Os mesmos alimentos entejando,
A ovelha, como nós, também se enoja,
Variedade lhe apraz; não se lhe negue

⁴⁰¹ «Armóricos se chamavam os habitantes dentre o Loire e o Sena, sobre a margem do Oceano.»

⁴⁰² Ardenas, v. a n. 319 ao terceiro canto.

⁴⁰³ «É o campo chamado Crau, junto de Salon (cidade da Provença), entre o Ródano e o Lago de Berre, a que os Antigos chamavam *Campi lapidei*, campos pedregosos; onde se conta que Hércules combateu contra dois gigantes, filhos de Neptuno, e, acabando-se-lhe as frechas, Júpiter fez chover aquela multidão de pedras com que os venceu. Plínio — *Hist.*, liv. 3.º, cap. 1.º — o menciona nestas palavras: *Campi lapidei Herculis praeliorum memoria insignes*, ou seja, 'Os pedregosos campos célebres pela memória dos combates de Hércules.'»

Remédio certo que lhe esperte a fome:
No tempo em que pascer, ante seus olhos
O sal branqueje; de repente a ovelha
Corre a ele, e seu ávido apetite
Eis trabalha entre os dentes esmagá-lo;
Renasce o gosto, a sede se lhe irrita,
E em breve de seu leite a origem cresce.

Há propícios torrões que dão às ervas
Sucos que aduba o sal: teus bons pascigos,
Ó Presalé ⁴⁰⁴, são tais, tais esses campos
Que do mar foram leito, hoje são margem.

Ganges ⁴⁰⁵ segue outras leis: da mãe se afasta
O cordeiro, e teus lares quer, e habita;
Neles, ou no redil avulta, engorda
Dos sobejos mensais ou da castanha.

Existem sobre a Terra inda lugares
Onde o pastor co'a voz ajuste a avena?
Para os sons admirar, de que se encanta,
Deixa o sensível gado e esquece a relva.
Porque em nossas aldeias já não vemos
Dos antigos pastores as contendas?
Cantavam primavera engrinaldada,
Guarnecido o verão de espigas de ouro,
Curvo dos frutos seus o outono ao peso,
As selvas majestosas celebravam,
Que o cimo enramam de alterosos montes;
Caindo as águas e espumando em rochas,
Ou girando nos vales e entre os prados,
Em versos amebeus soavam penas

⁴⁰⁴ «Terreno da Alta Normandia que ainda, de tempos em tempos, é inundado.»

⁴⁰⁵ «Vila do Baixo Languedoque.»

E delícias de Amor, seus bens, seus males;
Um de Lília gentil pintava encantos,
Fílis outro acusava ou falsa, ou dura;
Em prémio o vencedor tinha uma cabra,
Ou dois cordeiros, e o pastor vencido
Entre as convulsas mãos partia a flauta:
Turba rival, arcádicos pastores,
O Ménalo ocupou de tais combates;
O Ebro nas margens, o Ísmaro em seus bosques
De Orfeu e Lino a consonância ouviram;
Sensível Aretusa, dentre as águas
Os Sículos pastores escutaste;
Suspirar Córidon tu, Mântua, ouviste,
E cantar Melibeu, Dámon: seus versos
Os tigres, os leões embrandeceram,
D'envolta coò rebanho os atraíam;
Enterneceu-se a penha aos sons campestres,
Pararam rios, árvores tremeram.
Áureos dias de paz, vida inocente,
Mais não sois para nós que vã pintura!
E nos seus gados os pastores nossos,
Todo o cuidado restringindo, apenas
Em rústico assobio a boca exercem.

Ao menos saibam com que fácil meio
A ovelha a seus desejos é mais útil:
Esperança falaz não te alucine,
Não deves exigir que num só ano
Vezes duas a ovelha dê seu fruto;
Um consórcio a contenta; em vão forçaras
Seu apagado ardor a amores novos.
Queres na renascente primavera
Que o manso cordeirinho ervagem goste
Tenra como ele? Une o carneiro à fêmea
Quando o outono as promessas desobriga

Que a primavera fez; mas, saciado
Das ovelhas o ardor, não mais permitas
Ternos assaltos d'importuno esposo.

Eis junto às mães os cordeirinhos gemem,
Arredam-se ao princípio; mão propícia
O leite que vem logo, e que é veneno,
Lhe rouba, e só lhe deixa útil bebida.
Quando co'a idade enrija o débil corpo,
O filho após a ovelha aos pastos corra:
Igual em forma e cor, sempre o rebanho
Do experto pegureiro aos olhos mente;
Mas a Amor nada escapa, o cordeirinho
Conhece a mãe, e a mãe desvia o de outra,
Ou foge dele; entre elas todavia
Rixas não há, pacíficos estados
Governais, ó pastores: mas apenas
Anos ferventes aos cordeiros vossos
De amoroso transporte a chama inspiram,
Estes ardores apagando o ferro
Nos apreste o sabor de tenras carnes;
Se houver longa demora, hão de atear-se
Entre eles pelo campo eternas lides:
Dois soberbos rivais se arrostam feros,
Se investem pela areia, e se topetam,
Fomentam seu furor coòs mesmos golpes,
Corre o sangue, e a ferida irrita as fúrias.

Dóceis, contudo, ovelhas e carneiros
Vivem só para vós, de bens vos enchem:
Uma te of'rece um leite inexaurível,
Outro, grata iguaria, orna-te a mesa;
Ambos nos dias da estação mimosa,
De lãs espessas carregados, despem
Os seus para aprestar vestidos nossos,
E as mãos da Natureza outros lhe aprontam.
Debaixo da veloz, cruel tesoura

Imóvel jaz pacífica ovelhinha,
E nem solta um queixume, inda que às vezes
Movido por mão dura e pouco atenta,
Vestígios sanguinosos deixe o ferro.
Humanos, aprendei: sois desta sorte
Constantes no revés, nas dores mudos?

Pudera aqui também dizer por que arte
As lãs com férreo pente se preparam;
E debaixo das mãos como, formando
As confusas meadas, a pastora
Vê o fuso engrossar ao som do canto:
Já subindo o sarilho, e já descendo,
Posto entre os fios se uniria à trama;
Com o lápis na mão firmando as cores,
Mesclara extrato de metais e flores;
Julgaras ver brilhar vivo amaranto,
A pálida violeta, a rubra rosa:
Arte dos Gobelins ⁴⁰⁶, talvez contigo
Aprendera a traçar altos desenhos,
Montanhas debuxara, o bosque, o cerro,
Rios e gados na campina errantes;
Té ousara a teus olhos deslumbrados
Mostrar Ipres, Tournay, Fribourg ardendo
Nos raios de Luís: mas só credoras
Da habitação dos reis tão nobres telas
Aos colmados tugúrios não competem;
Mudam por arte a Natureza, e nelas
O pastor desconhece a lã da ovelha.

⁴⁰⁶ Alude a Gil Gobelín, famoso tintureiro no campo da lã que viveu no reinado de Francisco I.

Cabra europeia para teias várias
À indústria dos mortais não dá tributo
Como o velo que nós, multiplicando-as,
Podíamos obter das do Oriente;
Mas duas vezes no ano é mãe de gémeos,
E leite a ovelha dá menos sadio;
Apraz vale e planície aos outros gados,
A cabra gosta de trepar montanhas,
E caprichosa um precipício afronta
Para haver um codesso; a si a entrega
Lançado o guardador na relva mole,
E em pendente rochedo a vê segura:
Ela nas moitas pasce e vai no bosque
Dos arbustos morder cortiça e folha.
Oh! nunca meus jardins, pomares e hortas
Provém seu dente peçonhento! Oh! sempre
Longe da habitação de férteis campos
Viva lá nas montanhas degradada.

Deste lascivo gado esposo digno,
Passos tardios encaminha o bode:
Quase as fúrias do amor com ele nascem,
E desde a tenra idade o inflamam todo;
Do ardor que o afogueia escravo é sempre;
De prazeres se cansa e não se farta ⁴⁰⁷;
Mas peado co'a gota, e velho em moço
A triste esfalfamento enfim sucumbe;
Com podre cheiro os ares envenena,
E pronta morte lhe remata os dias.
Néscia pastora desculpar não posso

⁴⁰⁷ «Imitação de Juvenal (Sátira VI), falando de Messalina: *Et lassata viris, necdum satiata recessit* — ‘Cansada de prazeres indecentes / porém, não saciada se retira.’ O verso do texto parece-me que deixa em embrião a ideia de Juvenal; nem julgo possível dá-la em um só verso sem que a frase ofenda a modéstia.»

Que vários gados num rebanho ajunta:
Em sítios vários divididos pastem;
Pelos prados o boi segue o cavalo,
A cabra quer o monte, a ovelha os matos.

Raras de javalis há castas duas:
Uma, dos bosques susto, ardente e fera,
Se irrita, e contra um tronco a presa aguça;
Presenta irada ao caçador, que treme,
Espumoso focinho, olhos em brasa;
Fomes a apertam, voa, arrosta os p'rigos,
Vinhas, sulcos destrói, destrói pomares;
Outra, inquieta e dócil, nossa escrava,
Ronca, mas cede, e vive em nossos lares;
Pasce em longos rebanhos nas florestas,
No lodo se revolve, ou nas lagoas;
Impura ao culto hebreu, e abominosa,
De várias artes nossas mesas cobre;
Se o mais vil animal nos é aos olhos,
Útil a precisões também a achamos.

Se o chão, traído de esquisito aroma,
Mostra que esconde a túbera no seio,
Do porco o ardor ta indica; ele precede,
Guia, abre, segue a estrada e mostra o fruto;
Muitas vezes fecunda num só ano
D'inúmeros leitões a mãe cercada
À contínua exigência lhe é bastante;
Cuida em cevá-la nesse prazo urgente;
Fora surda co'a fome à Natureza,
Desconhecera os filhos, e os tragara.

O grosseiro cultor que não conhece
Mais do que os campos onde o pôs seu fado,
Limite as luzes em saber de alqueives;
Minha estância eu transponho, um vivo raio
Aos horizontes dois me chama os olhos;

Lá procuro outros bens, mais férteis gados.
Nos campos do Indostão a ovelha, a vaca
São duas vezes mães, e amas num ano;
A cabra, sua igual, aos dons daquelas
Une o tributo de seus ricos velos.
Da plaga oriental estas espécies
D'úteis colónias cobrirão teus campos:
De servir-nos co'a lida enriquecendo,
O holandês, de Cartago e Tiro herdeiro,
Estes hóspedes vê nas terras suas
Préstimos conservar do pátrio clima;
Enchem campos do belga, e se apascentam
As margens do Charente: assim congrega,
Escassa Natureza arte suprindo,
Assim congrega os bens que ela separa:
O Homem quer; ordem sua obedecida
Colhe tributos do Universo inteiro.

Seriam frágeis bens teus muitos gados,
Se, pago só da utilidade sua,
Os males em vencer não te instruísses,
Que ferem brutos, como os homens ferem:
Lânguida chusma em seus trabalhos vejo
Arrastar-se, e cair mortal nos campos;
Cavalos, bois no asilo adormentados,
Várzeas sem trigo, sem adubo as terras.
França esta arte ignorou que em Roma os sábios
Nos doutos seus escritos ensinaram ⁴⁰⁸:
Esta arte se enterrou co'a agricultura;
Revivem ambas, e do Letes surgem;
Os olhos de Luís lhe tornam vida,

⁴⁰⁸ «Columela (Livro 6.º, cap. 3.º) faz menção da medicina veterinária, ou alveitaria, nestes termos: *Veterinariae medicinae prudens esse debet pecoris magister* — 'os guardadores devem saber alveitaria.'»

Sábios nossos também a indústria movem ⁴⁰⁹;
O êxito a segue, e prósperos efeitos
Já de seus benefícios prémio doce
Ao real coração gostar fizeram.

Gados possui, falta-me dizer-te
Que socorro importante os guarda e rege.
Das ordens do pastor fiel ministro,
Este eficaz auxílio o cão lhe of'rece;
Sofre com ele da regência o peso,
Vela os rebanhos, os defende, os ama,
Seus passos determina, e vai seguindo,
Ele mesmo é pastor: se em torno ao gado
Vê, sôfrego de sangue, errante o lobo,
De seus roucos latidos enche os campos,
E o trémulo inimigo aos montes foge;
Se outro mais famulento e mais sanhudo
Salteia o cordeirinho, e to arrebatá,
Ele o persegue, voa-lhe no rasto,
E do purpúreo dente a presa arranca;
Vigia a par de ti, leal rechaça
Os inimigos teus, lhe apara os golpes.
É de enorme tamanho o que eu prefiro,
E de feroz carranca se gloria;
É colérico, ativo, ágil, robusto,
E ladra horrivelmente ao som mais brando;
Ateia-se-lhe a fúria assim que avista
O noturno ladrão, dos olhos fogo
Lhe salta e se arremessa, espuma e brama.

⁴⁰⁹ Alude às escolas de medicina veterinária que se estabeleceram em Paris e em Leão, sendo seu diretor-geral Mr. Bourgelat.

Os outros animais a ti sujeitos
Tremam de ouvir-te, míseros escravos.
O cão é teu amigo, ele te segue,
Sensível a teu gosto os mais ignora;
Regula por teus gestos seus costumes,
Alegre se te ris, triste se choras:
Permite que te siga; ei-lo saltando:
Ordena que te deixe; ei-lo gemendo,
E gemendo mitiga o seu desgosto.
Mas quem folga como ele em teu regresso?
Mimos d'esposa, filial ternura
São mui frouxas carícias junto às dele:
Unido em laços, que refaz a estima,
O homem, o racional, quer mais ao homem?

Bem que dos vários cães difere o génio,
Igualmente a agradar-te aspiram todos:
Um nasce para os brincos, e afagado
No grémio da beleza pousa e dorme;
Outros n'água, no bosque e pelas grutas
Declaram guerra aos animais trementes;
Cada qual parte, voa, torna, pára
Ao som da tua voz: quem poderia
As diversas proezas numerar-lhe?
Satisfeitos co'a glória, em triunfando,
Do vencimento o prémio aos pés te lançam:
No covil as raposas um comete;
O galgo na corrida a lebre alcança;
Os de pêlo anelado em sedas longas
Arremessam-se n'água após a presa;
Outro dá co'a perdiz por entre o colmo,
E em seus olhos atónitos emprega
Olhos ameaçadores; não se atreve
A perdiz a voar, ele a suspende,
Diz, sem falar, que a vítima está pronta;
Tu corres, ele fica; ela, partindo,

Por se esquivar ao p'riço encontra a morte:
Ele então se abalança, e, conduzindo-a
Em seus lábios fiéis, alegre e à pressa,
De seu zelo o tributo eis vem pagar-te.

Que escuto, que ruído atroa os vales!
Caninos batalhões onde se arrojam?
Diligentes monteiros os comandam,
Ensinam-nos co'a voz, e os acorçoam,
Sinalam-lhe as fileiras, e a buzina
Lhe regra o movimento em sons diversos.
Já despargido o bando está nos bosques,
Seu clamor fere o ar, e os bosques tremem:
Busca-se a presa; descoberto, aflito
O cervo é por sabujos acossado;
Parte, fuge, o temor aos pés dá-lhe asas,
Vale-se aqui e ali de astúcias novas,
Cruza rochedos, mete-se por selvas,
Engana os cães, e seus esforços balda;
Mas a toda esta indústria o bando afeito
Com isto na peleja mais se anima;
Sobre os joelhos cai, forçado, o cervo,
E tenta em vão com lágrimas dobrá-los;
Todos têm glória em lacerar-lhe o corpo,
E, se ele não morrer, não creem que vencem.

Ardente javali sai da guarida:
Por animosos cães ei-lo apertado;
Fuge, e mostra ao princípio um medo extremo,
Terrível finalmente os cães persegue;
Pára, e de raiva intrépido fumando,
Faz, acuado a um tronco, a todos frente;
Nos olhos sangue tem, na boca espuma,
E à força de matança aguça os dentes.
Em vão teus campeões o esforço apuram,
De mortos, de feridos se enche o campo;
A socorrê-los voa, o monstro fuge;

Dois vigorosos cães o acossem logo;
Eles correm, detendo-o pela orelha
O inimigo te entregam; de repente
Acode a chusma toda, e com mil golpes
Lava no sangue alheio injúrias próprias;
Ele freme, e se agita, e se revolve;
O venábulo enfim termina, e c'roa
Teu márcio jogo, traspassando a fera,
Após longos combates: a cruenta
Perseguição do lobo inda é mais útil,
E tão brilhante: a cabra montanhesa,
O touro furibundo à tua ardência
Of'recem não vulgar, gentil façanha.

Os guerreiros, os grandes se exercitem,
Exercitem-se os reis, calejem nisto,
Imagem da mavórtica fereza ⁴¹⁰:
Seu ócio proveitoso afaste, espanque
Dentre as searas o furor dos brutos.
Tu, longe do espetáculo sanguento,
Sempre ocupado, inalterável sempre,
Ama, ó bom lavrador, o asilo agreste;
Tuas fadigas são riquezas tuas,
Só nelas os desejos circunscreve:
Feliz, se é teu dever também teu gosto.

⁴¹⁰ «Parece-me que, se Bocage existisse e fizesse esta edição, seria este um dos versos que emendasse [emendaria], dizendo antes 'Imagem das ferezas de Mavorte', ou semelhantemente; porque o epíteto 'mavórtico' não me lembra que seja usado por algum de nossos bons autores, e é absolutamente desnecessário, pois que temos 'Márcio', 'Mavórcio' além de outros, que dão o mesmo significado; como, porém, não pode ser acusado de galicismo, eu o deixo ir, por não ser minha intenção a de emendar alguns minutíssimos defeitos que poderão encontrar-se na tradução de Bocage, mas somente a de corrigir aqueles descuidos que são infalíveis em todos os primeiros manuscritos, bem que os de Bocage sejam os mais corretos em que eu tenho posto os olhos.»



POEMAS DE EXALTAÇÃO

I — CANTO HEROICO SOBRE AS FAÇANHAS DOS PORTUGUESES
NA EXPEDIÇÃO DE TRÍPOLI

Por José Francisco Cardoso ⁴¹¹

*Tels ont été les Grands, dont l'immortelle gloire
Se grave en lettres d'or au Temple de Mémoire.*

*Foram tais esses Grandes,
Cuja perene glória
Se grava em letras de ouro
No Templo da Memória.*

O Rei da Prússia, epístola 1,
a seu irmão

CANTO HEROICO

Musa, não temas; vibra, afoita, o plectro.
Se tentas sublimar-te a grandes coisas,
Se mais que a força tua é tua empresa,
Eis nume benfazejo inspira o canto,

⁴¹¹ Obra dedicada «ao Sereníssimo, Piíssimo, Felicíssimo Príncipe Regente de Portugal, D. João. Ornament. Prim., Esperança e Estabilidade do Brasil, e Protetor Exímio das Letras [...]. Em testemunho de vassalagem, profundo acatamento e gratidão, mui respeitosa, e humildemente». Esta edição bilingue, dada à estampa, em 1800, por «Ordem de Sua Alteza Real», é da autoria de José Francisco de Moraes Cardoso (Baía, 23 de abril de 1761-14 de agosto de 1834), com a chancela da Casa Literária do Arco do Cego, para a qual Bocage fazia traduções. O mencionado professor régio de Gramática Latina foi um dos visados do processo n.º 17580 da Inquisição de Lisboa, o qual se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sendo nele acusado de pertencer à Maçonaria. A esta organização aderiu igualmente Bocage, que dedicou a Ana Joaquina Cardoso Accioli, eventualmente familiar do autor, uma composição no seu dia natalício. José Francisco Cardoso subscreveu ainda um poema corrosivo sobre José Agostinho de Macedo, escritor que criticara violentamente *Os Lusíadas*: «Ao Parnaso quer subir / Novo rival de Camões, / E das loucas pretensões / As Musas se põem a rir. / Apolo, sem se afligir, / Destarte diz ao casmurro: / Pode entrar, que não o empurro; / Não me vem causar abalo, / Já cá sustento um cavalo, / Sustentarei mais um burro.»

Nume de quem rival não fora Apolo,
Nem de aónias irmãs ⁴¹² turba engenhosa.
Sonham poetas vãos Parnaso e Pindo ⁴¹³;
Hipocrene ⁴¹⁴ é quimera: a ti dimana,
Do sólio ⁴¹⁵ desce a ti feliz audácia,
Que a mente acobardada esforça, agita.
Assim remontarás segura os voos;
Assim, transpondo os céus, transpondo os mares,
Irás desentranhar, colher arcanos,
Não corruptos na voz da Fama incerta.
Outros (como que folguem de iludir-se)
Mandem rogo importuno aos deuses do estro;
Cobicem na Castália ⁴¹⁶ mergulhar-se.
João, cujo poder no mundo é tanto
E a cujo arbítrio cabe alçar o humilde,
O elevado abater, protege, ó musa,
Teus sons, teu metro; e com benigno aceno
Ordena que altos feitos apregoes:
Ideia, engenho, ardor de lá te influem.
À sombra já de auspícios tão sagrados,
Claros louvores de imortais guerreiros
Anela celebrar fervendo a mente;
Dizer com que perfídia atroz e infanda ⁴¹⁷
Foi pela maura ⁴¹⁸ estirpe despertado
Nos lusos corações o fogo antigo;
Qual sofreu nova pena a gente odiosa,
Té que Marte à justiça os constringesse.
Longe, longe as ficções. Tua alma ingénua

⁴¹² As Musas, originárias da Beócia.

⁴¹³ Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

⁴¹⁴ Fonte de inspiração poética.

⁴¹⁵ Trono.

⁴¹⁶ Fonte localizada na base do monte Parnaso, inspiradora dos poetas.

⁴¹⁷ Execrável, abominável.

⁴¹⁸ Moura.

Só quer, Príncipe Augusto, a ingenuidade.
Onde o mar pelas terras mais se alonga,
Em cuja boca é fama erguera Alcides ⁴¹⁹
Árduas colunas, das fadigas termo,
Jaz anosa cidade ⁴²⁰, que parece
De Cartago às ruínas esquivar-se,
Olhando ao longe de Sicília as praias.
Outrora fundação nobre, opulenta,
Entanto que do intrépido Navarro ⁴²¹
Oprimida não foi com duro assédio;
Hoje triste enseada e mal seguro
Surgidouro aos baixéis. Dali costuma
O rápido chaveco atraído
Às infestas rapinas arrojarse;
De míseros mortais ali mil vezes
Coos sanguentos despojos volve alegre.
Nem se apraz só do roubo a raça infame,
Nódoa, horror da razão, da natureza;
Aos fracos agrilhoa as mãos inermes;
Quais brutos, os alheia a preço de ouro,
Ou lhe esmaga a cerviz com jugo indigno:
Eis seu louvor, seu nome, a glória sua.
Ali preside aspérrimo tirano ⁴²²
De torpe multidão senhor mais torpe;
Monstro que, desde a infância exercitado
Em tudo o que os mortais nomeiam crime,
Sacrilego infrator das leis mais santas,
Delito algum não vê que em si não queira,
E dói-se de o perder, se algum lhe escapa;
Maldade horrível, que prodígio fora,
Se estes, dos homens sórdido refugo,

⁴¹⁹ Hércules.

⁴²⁰ Nota de Bocage: «A cidade de Trípoli, na Barbária.»

⁴²¹ *Vd.* n. 204, p. 138.

⁴²² Nota de Bocage: «O Baxá de Trípoli, José Caramali.»

Desparzidos no globo, o não manchassem.
Oh quanto mais se deve estrago e morte
Ao bárbaro tropel, que um trato amigo
E aquela mútua fé que enlaça os Povos!
Mas, se robustas mãos, que o cetro empunham,
Não chovem contra os feros inda o raio,
Tempo, tempo virá que exterminada
(O coração mo diz com fausto agouro)
Apraza acantoar a iníqua turba
Lá onde dos invernos carregado,
Junto às extremas Ursas vai Bootes ⁴²³
Regendo a custo o vagaroso carro;
Ou lá, onde rebrama o Sul recente,
Haja tais cidadãos deserta plaga,
Até que a eternidade absorva as eras:
E das brenhas no horror, no horror das grutas,
Companheiros das feras, monstros novos,
Vivam de sangue, como as feras vivem,
Na garra e condição piores que elas.
A maldade em caráter convertida
É sempre mãe do crime, e a Natureza
Já despir-vos não sabe, artes perversas.
Como há de a voz saudável do Remorso
Melhorar corações, depois que a peste
De corrupta moral se arraiga neles;
Fermenta, lavra enfim de veia em veia,
De séculos a séculos medrando?
Quando os dons se amontoam sobre a culpa?
Quando a penúria a proibidade anseia,
De um vulgo detestável acossada?
A tudo a negra turma inverte os nomes,
O bom desaprovando, ao mau se aferra;

⁴²³ Bootes, lê-se em Ovídio (*Metamorfoses*, II, pp. 176 e segs.), conduzia um carro lento entre as duas Ursas e fugiu, perturbado, devido à aproximação do carro do Sol, guiado por Faetonte.

E é tanta nos cruéis do crime a sede,
O exercício do mal tais forças ganha,
Domina tanto ali, que nunca omitem
Oportuna estação de perpetrá-lo,
Ou do ardor de empecer, ou da cobiça,
De ilegítima presa esporeados;
Como se a retidão, como se a honra,
O que a todos ilustra, os deslustrasse.
Não com língua falaz tais vozes solto:
Ninguém no mundo o que descrevo ignora.
Quem de olhos carecer, e quem de ouvidos,
Só não conhecerá quão vis alunos
Pela Terra esparziu o audaz Mafoma ⁴²⁴,
O refalsado autor de seita infanda.
Que dolos, que traições, que iniquidades
Da caterva brutal provaste há pouco,
Tu, dize, tu, magnânimo Donald ⁴²⁵,
Conta os vários sucessos, conta os riscos,
Os trabalhos, que a ti e aos teus urdira
Atro perjúrio do bilingue chefe;
Tudo, porém, troféu das forças tuas.
Lustroso do esplendor de império sumo,
Tu foste quem primeiro apresentara
A dádiva da paz que, apadrinhado
De um rei potente ⁴²⁶, o bárbaro implorava.
Quando é que as condições mais leves foram?
Entreguem-se os Franceses acolhidos
Brandamente de Trípoli nos muros,
Ao trono do sultão ⁴²⁷ pesada ofensa,
Grave infração também do jus britano,
Da assentada concórdia e laço antigo.

⁴²⁴ Maomé.

⁴²⁵ Nota de Bocage: «O chefe da divisão, Donald Campbell.»

⁴²⁶ Nota de Bocage: «El-Rei de Espanha.»

⁴²⁷ Nota de Bocage: «O Grão-Turco, a quem é subordinado o Baxá.»

Baxá, cumpre o dever, e a teus desejos
Verás a conclusão, verás o fruto.
Grão penhor te dará na fé, na dextra
Aquele cujas leis adora o Tejo,
Ufano revolvendo areias de ouro,
Cujas leis teme o Níger, teme o Ganges;
São freio, acatamento do Amazonas,
Do Argênteo, que em torrentes ressonantes
Imensos cabedais aos mares levam.
D'alta aliança o régulo sedento,
Folga, exulta, acelera-se, convida
O animoso guerreiro ao forte alcáçar.
Quer contudo exercer primeiro astúcias
Que o feio coração lhe está brotando,
Bem que tanto aproveite, e tanto alcance
No que diz co'a razão, no que é justiça.
Dá-se pressa: ameacem muito embora
Caso fatal as hórridas muralhas,
Encerre o que encerrar ambígua estância;
Todo firmado em si, maior que o susto,
Vai demandar o herói a hostil morada.
É destarte que só, que destemido,
Carlos ⁴²⁸ outrora ousou nos próprios lares
Encarar o inimigo exacerbado,
Volvendo ileso aos seus, depois de muito;
Ou tal, fiéis anúncios desprezando,
Foi César ⁴²⁹ envolver-se entre os conscritos ⁴³⁰,
Dispostos a catástrofe cruenta;
De indócil ao temor, de habituado
Só co'a presença a triunfar mil vezes.
Entre as sombras da noite absorto entanto,

⁴²⁸ Carlos XII da Suécia.

⁴²⁹ Júlio César. *Vd.* n. 133, p. 55.

⁴³⁰ Senadores.

Metido em pensamentos veladores,
Até que às ondas volte o grande chefe
(Se lhe é dado talvez tornar, qual fora),
Impera n'alta popa o delegado ⁴³¹;
E o luto, que lhe cinge a fantasia,
Recata com semblante esperançoso.
Partindo prescrevera o Cabo invicto
Que, a negar-lhe o regresso indigna força,
Apenas alvejasse a grata Aurora,
Trazendo novo lustre ao Céu e à Terra,
Com todo quanto impulso em Lusos cabe,
Os pérfidos contrários cometessem.
Nada cura de si; nem quer, ausente,
Ser obstáculo aos seus; co'a ideia erguida
A bens de mais valor, de mais alteza
A vida se lhe antolha um sonho, um nada.
À mente perspicaz não se lhe esconde,
Sente no coração, votado à glória,
Que da existência a luz é luz de raio;
Que, se as tubas da Fama os não precedem,
Vastos nomes no Letes ⁴³² se baralham
Entre escuro montão de escassos nomes.
O que afeta os sentidos deixa ao vulgo;
Enjeita o que é do vulgo, o que é da morte,
E mais que humano e sobranceiro ao Fado,
Quer duração que os séculos abranja.
Porquê os Fábios ⁴³³ direi, sós contra um Povo
Todo o peso da guerra em si tomando?
E o rei, que deu, morrendo, aos seus vitória,
Rei derradeiro na Cecrópia ⁴³⁴ terra?

⁴³¹ O capitão-de-fragata José Maria de Almeida, posto hoje equivalente a capitão-de-mar-e-guerra.

⁴³² Esquecimento.

⁴³³ *Vd.* n. 520, p. 556.

⁴³⁴ Ateniense.

Ou porquê os moços que, exalando as almas,
Ferem, matam, derrubam densas hostes,
Estorvo das correntes que bebiam?
Tropel dez vezes cento (oh maravilha!)
Maior que seus terríveis adversários,
Não visto noutro tempo ou noutros climas,
Nem por outrem guiado ao márcio jogo?
Vetustos monumentos nada ensinam
Que dê mais esplendor; ou antes, nunca
Se afoitou a idear viril denodo
Empresa mais ilustre, audaz, violenta.
Mas como transcender-se as metas podem
Onde se crê parada a Natureza,
Donaldo o manifesta, o prova ao Mundo.
Alta fama de um só consente apenas
A Codro ⁴³⁵, aos Fábios, aos varões de Esparta
O secundário grau. Soltando a vida,
Chama o triunfo aos seus o Herói de Atenas,
Ação rara, exemplar; porém, ao Povo
O cidadão e o rei deviam tanto,
E a tanto a voz dos Céus o arrebatava.
Se os trezentos impávidos romanos
Aos arraiais hostis se arremessaram,
Foram-lhe origem da proeza estranha
Velha aversão, troféus imaginados,
E agouros de segura eternidade,
Além de outro incentivo inda mais caro:
Morrer nas armas, escudando a Pátria.
Lacónios ⁴³⁶ campeões, sim, defendestes
Com requintado alento e planta imóvel
Da apertada Termópilas ⁴³⁷ o passo;

⁴³⁵ *Vd. n. 276, p. 119.*

⁴³⁶ Espartanos.

⁴³⁷ Referência à Batalha das Termópilas, travada na Grécia (480 a. C.), entre Gregos e Persas, comandados, respetivamente, por Leónidas e Xerxes.

Mas os deuses, os filhos, os pais e esposas,
Os objetos do culto e do amor vosso
À vossa heroicidade objetos foram;
E deram-vos os Fados que a vingança
Aligeirasse em vós da morte o peso.
Porém, de circunstâncias mais sublimes
O egrégio, imortal feito se rodeia,
Que me cumpre levar por toda a Terra:
Graveza aos ombros meus descompassada,
E excessiva talvez de Atlante ⁴³⁸ aos ombros.
Não, aqui não se of'rece abrilhantada
De atrativos externos a Virtude:
Nua aparece aqui, por si formosa.
Donaldo, avesso ao crime, o crime odeia,
Por amor da Virtude, ama a Virtude.
Nada do que usa erguer ao alto as mentes,
Nem Pátria, nem desejos de vingança,
Nem própria utilidade, ou qualquer outra
Das humanas paixões Donaldo incita:
Ante si do dever só tem a imagem,
Seja qual for o efeito, ou ledo ou triste.
Ai! que tramas dispõe bando horroroso!
Que ciladas no astuto pensamento!
Plebe sem lei, sem fé prepara a furto
Traidores laços ao varão que assoma.
Já na imaginação devora a presa:
De engenho mais sagaz se crê dotado,
Mais jus colhe ao louvor quem da perfídia
No atroz invento sobressai aos outros;
Quem das negras, pestíferas entranhas
Crime inaudito, insólito atentado,
Nova abominação vomita, arranca,

⁴³⁸ *Vd.* n. 208, p. 93.

Rugindo em torno rábida ⁴³⁹ caterva.
Mal que na odiada areia a planta imprima,
Esperar num punhal o incauto, e às ondas
Em pedaços (que horror!) lançar-lhe os membros,
É deste opinião; voto é daquele
Que súbito assalteie ímpia coorte
O imune órgão da paz, e férreas pontas
Daqui, dali no coração lhe embebam,
Quando a infiel cidade entrar seguro.
Quer outro que de longe à frente heroica,
De inviolável caráter decorada,
Dentre o lume sulfúreo voe a morte.
Outro que subterrânea estrada infensa
Debaixo de seus pés ardendo estoire.
Nem ocorre isto só: revezam todos
Horrores, que requintam sobre horrores.
ÊMulo ardor nos ânimos danados
Tanta aos delitos afeição lhe ateia!
Tão preciosa lhe é, tão doce a infâmia!
Mas o Eterno desfez insídia enorme.
Nos olhos do varão, na voz, no aspeto
Tal reverência pôs, pôs tal grandeza,
Que vai por entre a luz e os inimigos
Incólume e sereno. Eram famosos
Por sanguíneas, inúmeras brutezas
Quantos desta, a maior, se encarregaram.
Mas quando o pensamento abominoso,
Já, já fito na presa, a mão dirige,
Nega-se a mão (que assombro!) ao ato horrendo.
Três vezes a vontade resoluta
Se abalança à traição; descai três vezes
Num frígido pavor o algoz congresso;
Três vezes foge o ferro às mãos que tremem;

⁴³⁹ Raivosa.

E, a seu pesar, baldada a vil perfídia,
Conduz pela cidade insidiosa
Inerme o vencedor triunfo insigne.
Já pisa do tirano os pavimentos
(Não indignos de Caco ⁴⁴⁰), ou para dar-lhe
Penhor de amiga paz, ou o ameaço
Do trovão que no bronze o Polo atroa.
Eia, em que te deténs, varão prestante?
Porque inda não rebomba o som do raio
Nos insanos ouvidos? Porque em terra
Os feros baluartes não baqueiam?
Porque o régio baixel não solta os panos,
E o bárbaro palácio não fulmina?
Crês que te é dado achar sobre essa plaga
Uma só vez a fé? Jamais Astreia ⁴⁴¹,
Desde que o Globo é Globo, estância teve
Nesse terreno infesto, onde a verdade,
Onde os tratados, a razão se volvem
Nestes dois eixos sós: ou *ouro* ou *medo*.
Rompe, rompe as tardanças, não perdoes
À malvada nação: com ela expendam
Donativos os mais; tu, ferro e fogo.
A política em vão, que tudo aplanar,
Em vão contradições compor quisera
Com que as palavras entre si repugnam:
A progénie de Agar ⁴⁴² só teme a força.
Enquanto implora a paz, subtis pretextos
Tece o arteiro ⁴⁴³ Baxá, para que frustrar
Cláusula em que somente a paz se estriba.

⁴⁴⁰ Na mitologia latina, era um gigante, filho de Vulcano. Roubou alguns dos bois de Hércules, sendo por este, depois de uma luta feroz, eliminado. O episódio é narrado por Virgílio no canto VIII da *Eneida*.

⁴⁴¹ *Vd.* n. 28, p. 20.

⁴⁴² Os Árabes.

⁴⁴³ Astuto.

Não é porque o Francês cobice amigo,
Mas é porque o Francês e o Luso engane;
Debalde, que a sisuda Sapiência
Rege, ilustre Donald, as vozes tuas;
E ao doloso africano o dolo argui.
Tu primeiro lhe expões quão mal conforma
Co'a honra, de que tímido alardeia,
Dar manso gasalhado aos inimigos
Dos aliados seus, do grão monarca
A cujo império vassalagem deve.
Tu prometes depois, já que ao falsário
Igualmente o sultão de cor servia,
Mandar-lhe sobre a popa lusitana
A origem do debate, os *prisioneiros*,
De barbudas escoltas ladeados
(Glória nunca outorgada a Muçulmanos).
Desmanchas do Agareno as fraudes todas,
Mas, aos mesmos princípios aferrado,
No objeto em que insistiu, tenaz insiste,
E às vozes da equidade é surdo, é morto.
Colhido havias de experiência funda
Quanto a sanha mourisca apura extremos
Em ódio da Justiça, e quanto indóceis
Torne indulgência os ânimos ferrenhos,
Que já da natureza assim vieram.
Mas pronto a derrocar soberbas torres,
E pronto a confundir no horror da morte
Mancebos e anciãos, credores dela,
Artes macias sobre a ímpia turba
Todavia exaurir primeiro intentas:
Ver se lúgubre quadro de ruínas,
Pela voz da eloquência reforçado,
Por dita amedrontava a casta imbele ⁴⁴⁴,

⁴⁴⁴ Débil, cobarde.

Misérrimo espetáculo poupando,
Que o coração magnânimo te agrava:
De insólito rubor as ondas tintas,
Em sangue humano as terras ensopadas.
Mas a doce piedade que aproveita?
Morre a esperança; infrutuosos jazem
Cuidados e fadigas: inda geme
A Humanidade em ti, porém, releva
Punir da Humanidade os inimigos.

Enfim braveza hostil o herói concebe:
Notando quanto é cega a gente infida ⁴⁴⁵,
Sai dos hórridos tetos infamados,
Sai da fera cidade e deixa o porto.
Quem fácil atégora ouvia as preces,
Já ferve por calcar insano orgulho;
Não de outra sorte pela selva umbrosa,
Ou quando sobre as líbicas areias
Famulento caminha o rei das feras,
Desdenha generoso o passageiro
Que, preso do terror, no chão palpita;
Mas se a pé firme alguém lhe está defronte,
C'óas garras o derruba, o despedaça;
E audaz, e truculento, e com rugidos
Onde há mais resistência, ali mais arde:
Suceda que o provoque, o desafie
Duro esquadrão, de lanças erriçado;
Arremessa-se a todas; e se morre,
Morre como leão, sem cor de medo.
Dos Lusos entre os vivos soa o bronze;
E eis sanguínea bandeira açoita os ares,
Presságio de terrífica matança.
A belicosa turba em si não cabe;

⁴⁴⁵ Infiel.

«Armas, armas (vozeiam), guerra, guerra.»
Tudo se apresta, e tudo aos postos voa,
Enquanto a nau desfere as pandas velas.
Luz na dextra o morrão ⁴⁴⁶ e enfim patentes
As éneas ⁴⁴⁷ bocas cento agoiram mortes.
Já treme a desleal cidade impura;
Já para os céus estende as mãos profanas;
Já se diz criminosa e se pragueja.
Breve espaço, em que o ânimo repouse,
Em que dispa o temor e se consulte,
Manda ao Luso implorar, que anui ao rogo.
Retarda-se horas doze a justa pena,
Justa há muito, e que enfim será vibrada
Sobre as infâmias da nação proterva ⁴⁴⁸.
Lume sereno, que azulava o Polo,
Medonhas nuvens entretanto abafam;
Sombras pesadas prognosticam males.
É voz que lá no centro dos Infernos,
A bem dos consanguíneos Muçulmanos,
E em despeito aos Cristãos, que Lísia nutre,
Que ora os muros maométicos assombram
Com próximos estragos, ante o sólio
Do torvo Dite ⁴⁴⁹ cortesãos imensos
Co'as mãos erguidas longamente oraram.
Atento ouviu Sumano os ímpios votos;
E um dos ministros seus, que jaz mais perto,
Ordem recebe de surgir ao mundo,
De voar num momento à vasta Eólia ⁴⁵⁰,

⁴⁴⁶ *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*: «Pedaço de corda desfiada numa das extremidades e embebida em matéria inflamável, utilizada para comunicar fogo às peças de artilharia.»

⁴⁴⁷ De bronze.

⁴⁴⁸ Cruel, insolente.

⁴⁴⁹ Plutão, deus dos Infernos.

⁴⁵⁰ Ilha onde, de acordo com a *Odisseia*, residia Éolo, «O Senhor dos Ventos».

E dos tufões ao ríspido tirano
Tais vozes transmitir: «Que altiva gente,
Que indómita nação, capaz de tudo
(Por quem malquistado sempre e defraudado
O reino do pavor carece de almas),
Sobre quilha arrogante aparta as ondas,
Os domínios do equóreo irmão lhe insulta,
Que também da intenção quer advertido,
Para que ambos co'as forças apostadas,
No mar cavando, erguendo abismos, serras,
O lenho injusto, audaz sacudam, rompam,
Que apavora de Trípoli as muralhas,
A ele, estígio rei, tão importantes:
Perdidos os pilotos e arrancada
Do alto pego, ou nas férvidas areias,
Ou nas sumidas rochas arrebente:
Os frémitos do auxílio, em vão rogado,
A festiva cidade escute e veja
Nas águas os Cristãos bebendo a morte.»
Disse, e o núncio veloz ao mundo surge,
À vasta Eólia voa, e cumpre o mando.
Já rompem da masmorra os Euros ⁴⁵¹ bravos;
Já consigo arrebatam quanto encontram.
Foge o mole Favónio, foge o dia;
Os campos de Nereu a inchar começam;
Ao longe horrendamente o pego ronca,
Eis súbito encanece e todo é montes.
Quase, quase a cair dum, doutro lado,
Os mastros vergam, as cavernas rangem:
Qual (se alguém a jogou) saltante péla,
Roça o pinho os Infernos, roça os astros;
Vai e vem vezes cento abaixo, acima.
Carrancudos três sóis a luz negaram,

⁴⁵¹ Ventos do Oriente.

Por três noites o céu não teve estrelas;
E se Éolo, em seu ímpeto afracando ⁴⁵²,
Deu ao dia segundo algum repouso,
O experto general o ardil penetra:
À guerra apercebidos chama e ferro,
Entanto que, Neptuno fraudulento,
Tomas serena face; ao alto a proa
Que se enderece, ordena, assim que os ventos
As vagas sobre as vagas encapelam,
Não suceda que o pélago fervente,
Os insanos tufões contra as areias
Com um, com outro embate o lenho atirem.
Então, quanto se dá vigor em nubes,
Na lide porfiosa os dois esmeram;
Em roda novo horror carrega os mares.
Os sanhudos irmãos guerreiam, berram,
De regiões opostas rebentando;
Escarcéus e escarcéus lá se atropelam;
Por longo espaço treme o fundo aquoso,
Como que está Plutão ⁴⁵³ do estígio centro
Coòs duros ombros abalando a Terra.
De tais e tantas fúrias assaltado,
Que arte guiar podia o lenho indócil?
Nem lígnea ⁴⁵⁴ robustez, nem cabos valem:
Cai com ruidoso estalo a rija antena
E batem sussurrando as rotas velas.
Destes gravames nada opresso entanto,
Por tudo se divide, a tudo acode,
Todos co'a voz e exemplo aviva o chefe,
Grassando em todos émula virtude;
Não há frouxos: mareiam, saltam, correm.

⁴⁵² Enfraquecendo.

⁴⁵³ Deus dos Infernos.

⁴⁵⁴ De madeira.

A engenhosa Prudência enfim triunfa,
Vence a Constância audaz, e a largos panos
Vai-se amaranando ovante a nau veleira.
AQUELE CUJO aceno os astros move,
QUE rege o mar, o vento, o mundo, o Averno,
Progresso não permite à raiva undosa;
E, se até'li sofreu que encarniçados
Marulhos, furacões travassem guerra,
Foi para que altamente as memorandas
Forças do Luso peito reluzissem.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo emudecem
Manso e manso; e, despindo as prenhes nuvens,
O céu veste um azul sereno, estreme ⁴⁵⁵.
Volve o mole Favónio, volve o dia
E volvem mais que dantes amorosos.
Fora imposto a Tritão ⁴⁵⁶ pegar do búzio
Com que as ondas revoque; o búzio toma;
Surde, por entre espumas orvalhoso,
A encher co'a voz sonora em torno os mares.
Eis sopra a concha ingente e, mal que sopra,
Ressoa pela Aurora e pelo Ocaso.
Tornam violentas a seu leito as vagas:
Esta recua às Sículas ⁴⁵⁷ paragens,
Por não vasto caminho; aquela às Sirtes ⁴⁵⁸
Fervendo em rolos vai; remotas margens
Mais tarde outra revê, donde correra
Ao nome, que a atraiu, que à pátria sua
E a Trípoli é comum; também alguma
Foi vizinhar co'as águas do oceano;
Tal que dantes jamais deixara o fundo,
Ao fundo se desliza, e jaz, e dorme.

⁴⁵⁵ Puro.

⁴⁵⁶ *Vd.* n. 58, p. 29.

⁴⁵⁷ Da Sicília.

⁴⁵⁸ Golfos localizados no Norte de África.

Na quarta luz, enfim, desde as alturas
Tostada multidão, que lá vigia,
Presume ilusa descobrir ao longe
Cadáveres boiantes, vergas, tábuas;
Há entre eles alguém que derramados
Té de Lísia os tesouros vê nas ondas;
E quem menos de lince arroga os olhos
Se atreve a assoalhar ⁴⁵⁹, crédulo, insano:
«Que, se o pego poupara algum dos Lusos,
Só relíquias a nau desmantelada
Ia reconduzindo aos pátrios lares.»
Mas, enquanto delira o povo adusto,
A gávea se desfaz ao sopro amigo:
Tentam de novo defrontar co'as praias
Que à merecida pena em vão se furtam...
Bem que findasse a noite, o róseo Febo ⁴⁶⁰
Não contudo esmaltava o Mar e a Terra:
Não era o tempo então nem luz, nem sombra.
Porém, como surgiu dos tétios ⁴⁶¹ braços
O filho de Hiperión ⁴⁶² e, os céus lustrando,
Com seu raio expulsou de todo as trevas,
Alcança de mais perto e vê primeiro
Navegante *Polaca* a vela e remos,
Que aos nautas patenteia: o lenho a segue;
Rápida foge: o remo, o vento a ajudam.
Como no espaço azul medrosa pomba,
Apenas a águia sente, apressa os voos,
Contra as unhas cruéis buscando asilo;
E, em seus tremores incapaz de escolha,
De lugar em lugar sem tino adeja,

⁴⁵⁹ Vangloriar-se.

⁴⁶⁰ Sol.

⁴⁶¹ De Tétis, uma das 50 Nereides.

⁴⁶² O Sol, que irrompeu à superfície do mar, como se se erguesse dos braços de Tétis.

Por ferinos covis, palácios, bosques,
Assim (quão raramente!) escape às garras,
De igual modo, apurando as ténues forças,
A curta embarcação, para salvar-se,
Do inimigo fatal, varia os bordos;
Mas, vendo que evitá-lo é vão projeto,
Tomada de receio, a proa inclina
À conhecida areia e quase encalha.
Já com menos afronta aqui respira,
Porque os baixios arenosos vedam
A tremenda invasão da lusa quilha.
Então jactanciosa eleva a frente;
As flâmulas no tope lhe floreiam;
Guerra ameaça então, e à guerra chama
Braços a que a distância tolhe o raio.
Esta audácia, porém, não fica impune;
Que obsta a mortais de espírito arrojado,
Quando iroso calor lhe acende o peito?
Ao mar leves batéis súbito descem
E, comandados de um, que os sobrepuja,
Vão co'a vingança fulminar o agravo.
Sobre eles, à porfia, a flor dos Lusos
Enceta heroicamente a grave empresa.
Gentilezas à Fama deram todos,
Todos em feitos grandes se estremaram ⁴⁶³.
Mas o louvor primeiro a ti compete
Que d'árvore de Palas ⁴⁶⁴ te apelidas
E cinges vencedor com ela a fronte.
Em saltar ao batel tu te antecipas,
Tu dos ígneos pelouros não detido,
Forças os remos, a inimiga aferras,
Quando a fusca equipagem temerosa,

⁴⁶³ Distinguiram.

⁴⁶⁴ Nota de Bocage: «O capitão-tenente Miguel José de Oliveira Pinto.»

Ao frágil seu baixel picando a amarra,
Nas praias dá com ele, dá consigo,
E nelas imagina resguardar-se;
Tu primeiro também sobre os contrários
Disparas férreos globos que os Ciclopes
Forjaram, fabricando a Jove as armas.
Mais inda remanesce, inda te sobram
No ensejo marcial discrimés ⁴⁶⁵ duros,
Assombrosas ações que te levantem
Ao cimo de fragoso, aéreo monte,
Lá onde em paços de ouro a Glória reina
Com cetro diamantino, e circundada
De numerosa, esplêndida assembleia,
Entre as quais pela mão da Eternidade
Teu vulto surgirá, marmóreo todo.
Para tanto não basta que empolgasses
O curvo bordo oposto, ou que o subissem
Os companheiros teus, depois de expulsa
A vil tripulação por vis terrores.
Os azares e os júbilos se enleiam,
Porque a mesma desgraça, o que no mundo
É mal, é dano a todos, te aproveite.
Repentina ressaca a dois contigo
Constrange a recuar no débil casco,
E à praia arroja os três, quando reflui.
Aqui se vê qual és, que ardor, que alento
Te abrange o coração, te anima o pulso:
Num feito hercúleos feitos escureces,
E quanto as musas fabularam deles.
Fera gente, de arábica linhagem,
De torva catadura, hirsuta e negra,
Pelos cerros contíguos vagueando,
À maneira de lobos, se apascenta

⁴⁶⁵ Combates.

Nas reses dos rebanhos desgarradas,
Ou, émula do tigre, as selvas rouba,
Rouba os reidis, e o medo, o sangue, a morte
Difunde aqui e ali. Muniu-se agora
De armas de toda a espécie: uns vibram lanças,
Outros forçosa vara; espadas, outros,
Ou pedras, ou punhais, ou fogo, ou setas.
Ei-los das agras serras vêm correndo
Acudir aos irmãos (Quem há que os conte?
São quais manadas que devastam campos).
Como ardida falange escalar tenta
Castelo situado em cume alpestre,
Ou romper torreões de alta cidade,
Uma e outra *caterva* os *três* investe,
E quanto esforço tem no ataque emprega.
Se a cada qual dos três *té*li se opunham
Mouros *cinquenta*, os árabes, que ocorrem,
A cada qual dos *três* opõe ⁴⁶⁶ *milhares*,
Todos bravios, formidáveis todos!
Em que facúndia tais portentos cabem?
Quem há que pasme assaz de tais portentos?
Quem, se não fora testemunha o mundo,
Por fábula ou por sonho os não teria?
Troam da Fama no clamor; e vivem
Olhos, que os viram, braços, que os fizeram.
Era para atentar tão nova cena!
O denodado herói e os dois, que inflama,
As bravuras sustém de um Povo inteiro.
Rui a raivosa, rústica torrente;
Retumba em vale e vale a grita horrenda.
D'ambos os lados o guerreiro apertam:
Sibilam tiros, golpes se redobram,
Mas ele co'a sinistra, ele co'a dextra

⁴⁶⁶ No singular, para não ferir a métrica.

A multidão rechaça, ileso, imoto.
Aos bárbaros o pejo atíça as fúrias,
De artes mil desusadas se refazem
Na espantosa refrega, mas sem fruto:
O varão permanece invulnerável,
E nas estígias ⁴⁶⁷ águas cem mergulha.
Para aqui, para ali a espada é raio,
Nunca em vão. D'um, que audaz de perto o arrosta,
Enterra-a nas entranhas; outro, que era
De membros gigantes, de lança enorme,
E exortava na frente à guerra os tardos,
A dois golpes, não mais, do luso Aquiles
Jaz inerte; e com um, com outro arranco
O espírito feroz lhe cai no Inferno.
A este, que na terra ansioso arqueja,
Vão as auras vitais desamparando;
Aquele é tronco só: por toda a parte
Voam braços, cabeças, fervem mortes.
Ó tu, que dos Almeidas tens o agnome ⁴⁶⁸,
Tu, que ligar pudeste em nó lustroso
Às honras de Mavorte as de Minerva,
Também te faz eterno este áureo dia.
Se os Lusos, que pelejam sobre as praias,
E aqueles, que a *Polaca* prisioneira,
(Soçobrado o *batel*) retém ⁴⁶⁹ no bojo,
Onde de longe os vexa o mauro insulto;
Se todos vovem salvos, obra é tua.
Enquanto por auxílio a uns e a outros
Envias Alexandre ⁴⁷⁰, nunca esquivo
Da nobre estrada, que trilhara o *Grande*,

⁴⁶⁷ Infernais.

⁴⁶⁸ Nota de Bocage: «O já mencionado capitão-de-fragata José Maria de Almeida, hoje capitão-de-mar-e-guerra.»

⁴⁶⁹ No singular, respeitando a métrica.

⁴⁷⁰ Nota de Bocage: «O segundo-tenente Alexandre Luís de Sousa Malheiro, hoje primeiro.»

Ignívomo ⁴⁷¹ canhão, que infatigável
Respondera a dezoito brônzeas bocas
E silêncio lhe impôs, de novo esparge
Por entre horrível som e opaca nuvem,
No centro dos cerrados africanos
Granizo de letífera metralha.
O primeiro terror tu lhe infundiste,
Tanto que a de Mafoma agreste chusma
Viu corados de sangue areias, mares:
O mandado varão c'roou a empresa.
Rapidamente o remo as ondas varre,
E Sousa ⁴⁷², impetuoso, aos sócios chega:
Contra os donos assesta o bronze adverso
E assim lhes restitui as férreas balas.
Já cede, já fraqueia ⁴⁷³ a tropa escura,
De convulso temor enregelada.
Ei-los fugindo vão, nem que aves fossem;
Por uma e outra parte se tresmalham,
Crendo sentir estrépito, que os segue.
A bordo, então, Donaldo os seus convoca:
Corre a abraçá-los, e na voz, na face
O cordial prazer exprime a todos.
Memorando as façanhas uma a uma,
Do condigno louvor as enche, as orna,
Altivo de reger tão brava gente.
Mal que o descanso os ânimos saneia
(Já declinante o Sol do etéreo cume),
À terra se avizinha o mais que pode
A belicosa nau; e coòs primeiros
Coriscos marciais vareja o bando,
Que em mor tumulto as praias enxameia.

⁴⁷¹ Que expele chamas.

⁴⁷² Nota de Bocage: «O segundo-tenente Alexandre Luís de Sousa Malheiro, hoje primeiro.»

⁴⁷³ Fraqueja.

Do grande lenho à sombra os lenhos breves
(Porque estanhado o mar jaz em silêncio),
Artes e forças empenhando, intentam
A maura presa despegar da margem;
Vãmente, que folgando o lindo coro
Das filhas de Nereu, sobre ela salta,
A querem para si, lhe chamam sua.
E quem de um nume à prole, aos seus direitos
No pátrio senhorio obstar pudera?
Ou pulsos briareus ⁴⁷⁴ onde acharia,
Para o trabalho imenso? Ela, contudo,
Nereidas, não foi vossa, inda que dignas
Sois de mil dons e, como Vénus, belas.
O que à vitória escapa, engole a chama;
De jus: dano menor maiores veda;
Mais facilmente detrimentos leves
Caráter pertinaz subjugam, domam,
Do que meigo favor o torna grato.
Arde o pinho, o furor vulcânico reina:
Nutre o pez e o betume as pingues flamas,
Tanto à pressa que em vão, inda recentes,
Extingui-las quisera indústria humana.
Crebros ⁴⁷⁵ estalos se ouvem: dentre o fumo
Brotam centelhas mil, como que aspiram
Às estrelas volver, donde emanaram.
A lígnea contextura eis toda é fogo;
E o fogo em línguas cento as nuvens lambe.
Dentre penedos e árvores, que a abrigam,
Ao longo da ribeira a má progénie,
Acesa em fúrias vãs, o incêndio nota;
Cuidadosa de si, da luz não fia;

⁴⁷⁴ Pulsos vigorosos. Briareu era, na mitologia grega, um gigante de 100 mãos que participou, ao lado dos Olímpicos, na luta contra os Titãs.

⁴⁷⁵ Repetidos, numerosos.

Artes, porém, que pode, a salvo exerce.
Dali com mira atenta os márcios tubos
Uma vez e outra vez dão som baldado;
Daqui baldados seixos vem ⁴⁷⁶ zunindo,
Ai! não todos baldados: mão tirana
Em alvo, que lhe apraz, co'a morte acerta:
E aqueles, que a bem custo *um* só puderam
Tocar com leve golpe em campo aberto,
Da perfídia amparados, se gloriam,
Ao ver que *um*, semimorto, os sócios levam.
De Marte a crua irmã quer este sangue,
Havendo de lavar aos vencedores
Tudo quanto é mortal, e dar-lhes vida
Com que assoberbem as Idades todas.
Silva ⁴⁷⁷ por isto os séculos invade
Em rápida carreira irresistível;
França ⁴⁷⁸ por mãos da Glória enloira a fronte;
Rocha ⁴⁷⁹ morrer não sabe; o mesmo ignora
Esse a quem de *Homem* ⁴⁸⁰ o apelido ajusta,
E o que chamam *da Guerra* ⁴⁸¹, e que o merece.
E tu, claro Avelar ⁴⁸², com eles vives,
Com eles viverás, enquanto a honra
Tiver cultores, e existência o mundo:
Ri-se Virtude assim das leis do Fado.
Era o tempo em que a lassa Natureza

⁴⁷⁶ *Sic*, por uma questão de métrica.

⁴⁷⁷ Nota de Bocage, tal como as cinco seguintes: «O 1.º tenente Pedro da Silva, hoje capitão-tenente.»

⁴⁷⁸ «O 1.º tenente Luís de França, hoje capitão-tenente.»

⁴⁷⁹ «O segundo-tenente João Eleutério da Rocha, hoje primeiro.»

⁴⁸⁰ «O segundo-tenente Francisco Homem de Magalhães, hoje primeiro.»

⁴⁸¹ «O guarda-marinha Gaudino José da Guerra, hoje segundo-tenente.»

⁴⁸² «O sargento-de-mar-e-guerra Manuel Inácio de Avelar, hoje segundo-tenente.»

Apetece o repouso; em que os Etontes ⁴⁸³
De néctar se roboram ⁴⁸⁴; quando a Noite,
Diurnos pesadumes ameigando,
Desdobra sobre a Terra o véu dos astros.
A quebrantada força então renovam
Os descansados, os jacentes nautas:
Inda estão repisando o que lidaram.
Este a aquele refere, aquele a este,
Que riscos evitara e que feridas;
E quantos despenhou na sombra eterna.
Falam uns, outros falam, té que o sono,
Nunca tão brando, lhe entorpece as línguas.
Mas da falaz cidade o chefe injusto,
De importunos cuidados perseguido,
Os mimos de Morfeu ⁴⁸⁵ gozar não pode.
Seu negro coração ralam remorsos;
Toma, pela desgraça, o peso ao crime,
Ao crime, índole sua e seu costume.
O baixel, que perdeu, não dói ao fero;
Os mortos cidadãos também não chora;
Olha somente a si: já vê, já ouve
As flamas vingadoras; sente o ferro
Ir-lhe sobre a cerviz; escuta o baque
Das muralhas, das torres. Pendem, pasmam
Alvedrio, razão: que escolha há nele?
«Novamente o varão que vezes tantas
Iludiram traições (diz o tirano)
Empreenderei mover? Submisso rogo
Há de sempre acalmar-lhe as justas iras?
Se os *Franceses* lhe der, tão mal negados,

⁴⁸³ Os quatro cavalos que puxavam o carro do Sol (Hélio). Na realidade, segundo a mitologia, só um deles se chamava Etonte (hoje, grafar-se-ia Éton), mas o poeta deu-lhes a designação global de «Etontes».

⁴⁸⁴ Fortificam.

⁴⁸⁵ Filho de Hipno ou Sono.

Será bastante? O que exigia, havendo,
Não ousará também quebrar promessas,
E no abuso da fé regozijar-se?
Vingança é deleitosa ao ressentido;
Somente se não vinga o que não pode.
Quê, pois?... À dúbia sorte dos combates
A mim próprio exporei e os meus prazeres?
Dúbia disse?... Tentá-la é perder tudo.
Se puderam só três pôr medo a tantos,
E esses mesmos a vida (oh pasmo! Oh pejo!)
A tantos arrancar, ficando ilesos,
Quem há que lhe resista, unidos todos?
Foge, infeliz, e o que puderes, salva;
Foge: assim pouparás vergonha e morte.
Mas ah! triste! Em que plaga irei sumir-me?...
Que mar, ou que país, bem que deserto,
Guarida me dará, prófugo, errante?...
Quem terei, que me siga, amigo ou servo,
Já nua de esplendor minha grandeza?
Antes vulgo infiel após meus passos
Bramindo correrá; e ou da existência,
Ou dos haveres meus, ou dela e deles
Por carniceras mãos serei privado.
Não, não! nossos desastres custem caro;
Usemos toda a fraude, os crimes todos.
Cerque-se de traições esse guerreiro,
Vaidoso do troféu: co' a falsa oferta
De tudo que de mim quiser o avaro,
Posso aqui outra vez, posso atraí-lo.
E quando imaginária utilidade,
Vã cobiça o trouxer, se das ciladas
Intacto aparecer ante meus olhos,
Em pedaços farei co' as mãos, co' a boca
A nefanda cabeça: ao peito aberto
O coração maldito hei de arrancar-lhe,
Roê-lo, devorá-lo inda fumante.»
Tal esbraveja e nem a si perdoa,

A si lábios e mãos morde, remorde:
Qual hórrida serpente, encarcerada
Entre férreos varões, se alguém a assanha,
Com rápido furor se desenvolve,
Cem vezes arremete ao que a provoca;
Mas vendo que debalde exerce a fúria,
De sangue os olhos tinge, agudos silvos
Dentre as fauces venéficas despede,
Com que a farpada língua está vibrando;
Em tudo o que a rodeia, em tudo ferra
Os espumosos dentes, e em si mesma,
Enxovalhando o chão e a vária cauda
Co'as sórdidas peçonhas que vomita;
Entanto ⁴⁸⁶ o mofador se ri seguro.
Da Aurora o núncio amiudara o canto.
O matutino humor tempera as mágoas
E os sonos insinua até no aflito:
Por isso, do Baxá desatinado
Virtude soporífera se apossa,
Lhe amansa os frenesis, lhe cerra os olhos.
Como quem fatigado está das iras,
Pesadamente o bárbaro ressona.
A seus males, porém, não colhe alívio,
Nem demorada paz lhe rega os membros.
Fantasmas, que velando o espavoriam,
Inda entre a doce languidez o aterram.
Vê-se indigente, só, desamparado,
Ermos em outro mundo a pé trilhando,
Ermos sem rasto de homem, nem de fera,
Onde ave alguma não discorre os ares.
Já sevo ⁴⁸⁷ abutre de implacável fome
Lhe atassalha as entranhas; já querendo

⁴⁸⁶ Entretanto.

⁴⁸⁷ Sedento de sangue, cruel.

Fugir de hasta inimiga, que o persegue,
Que lhe toca as espaldas quase, quase,
Treme todo, e mover não pode a planta;
Já pende de árdua rocha sobre as ondas.
Eis entre estas visões, que traça o medo,
Imagem verdadeira, agigantada,
Clara, como o que a luz nos apresenta,
Surge aos olhos do atónito agareno.
Aquele, a quem venera ainda o Ganges
E o rio ⁴⁸⁸ que Imaús na origem banha;
Aquele, que de jus nomeiam *Grande*,
De Marte émulo não, mas *Luso Marte*,
Albuquerque imortal, de amor eterno
Pelos seus penhorado, esquece o néctar;
E, escusando um momento os bens celestes,
Não desdenha baixar aos ímpios muros,
Nem co'a palavra serenar discórdias.
A nau, que do seu nome se engrandece ⁴⁸⁹,
Arde por madurar devidos loiros.
Com vozes ponderosas acomete
O aterrado tirano, que maquina
Na desesperação atrocidades.
Resplandece o guerreiro; é tal, é tanto,
Como quando o temeu por vezes duas
A que do índico Estado hoje é cabeça;
Como quando Malaca o viu triunfante;
E em ti, pomposa Ormuz, pendões erguia:
No majestoso olhar, na longa barba
Traz a veneração, e arnês é todo.
«Que intentas, miserável? Que revolves
No espírito dobrado? (a sombra exclama)
Crês acaso afastar o mal, que te insta,

⁴⁸⁸ Nota de Bocage: «O Indo.»

⁴⁸⁹ Nota de Bocage: «Denomina-se a nau *Afonso de Albuquerque*.»

Perfídia com perfídia encadeando?
Não sabes, porventura, a quem te atreves?
Que nação contra ti, que trono irritas?
Esquece-te que nunca impunes deixam
Tais crimes? Quem melhor, que Mouros, deve
De Luso conhecer a ousada estirpe?
Inda que até dos teus a história ignores,
Força é que saibas o que sabem todos:
Que estragos, que desonras granjeastes
Deste povo de heróis, em resistir-lhe.
«Sobre esmagados colos de reis mouros,
O maior dos AFONSOS, o Primeiro,
Impõe da monarquia a base eterna.
Flagelo assolador da maura gente,
Enquanto a régia mão fulmina o ferro
E o grão Mendo, nas portas entalado,
Abre caminho aos seus; eis se apoderam
Da celsa fortaleza e da cidade
Que, é longa tradição, fundara Ulisses;
Essa, que do áureo Tejo honrando as margens,
Alterosa, escorada em sete montes,
Tais fados mereceu, que ambos os Polos
Tiveram de acatar-lhe as leis sagradas.
SANCHO, digno do pai, com quantas mortes
Injustas possessões ao Mouro arranca,
E ajunta novo reino ao reino avito ⁴⁹⁰!
Ondas de negro sangue mauritano
Pela terra vizinha e pela herdada
Derramam, coriscando, outros AFONSOS.
«Nem maculou somente os nossos campos
A mortandade vossa. O Quinto AFONSO
E o Primeiro JOÃO restavam inda,
QUE ao próprio seio d'África levaram

⁴⁹⁰ Ancestral.

Ferro, e flama, e terror: MANUEL restava
Feliz (e com razão *Feliz* chamado),
QUE, maior do que o seu, quis ter mais mundos,
E a QUEM prostrados reis seu REI quiseram.
Tânger o sabe; Arzila e Ceuta o dizem;
O atestam índios, númeradas o atestam.
Relatar uma e uma ações tamanhas
Para quê? Dos heróis somente os nomes,
Sem o imenso louvor que os acompanha,
Pedem horas: sobeja o que hás ouvido,
Para atentares bem que lance estreito
É o lance em que estás e com que gente.
Pondera ainda mais quão desprezíveis
São para o Português ciladas tuas:
Há muito que a experiência nos ensina
Até que altura o Mouro enganos sobe:
A prudência e valor nos meus competem.
«Porque, pois, te deténs? Súplice e curvo
Uma vez, outra vez, porque não rogas
Aos Lusos teu perdão, bem que indevido?
Se eles se pagam de calcar soberbas,
Se de punir delitos se comprazem,
Apiedar-se do réu também lhe é uso,
Quando os implora. Ao tempo em que vingado
O Sol tenha o Zénite, a *nau* possante,
A maior que teus portos fortalece,
Será do vencedor; sê-lo-ão com ela
Dois menores baixéis recém-cativos
E o *chefe* e as *equipagens numerosas*.
Mas não temas; co' a súplica rendida
Tudo recobrarás. Cobiça de ouro
Jamais vicia o peito aos generosos:
Não quer servos, nem presas; quer amigos
Minha honrada Nação. Eia, aproveita
O tempo que te é dado: olha, que foge.»
Disse, e voou sem que resposta espere.
Salta do leito o mouro arrepiado,

Volve em torno e revolve os turvos olhos.
Quase arrombando as portas, corre tudo,
Tudo vê, chama, brada, acodem servos;
Mas não sabe o que diga, absorto, insano.
Nisto ao mar de repente os olhos volta;
Por todo ele os alonga e fica imóvel.
Enquanto as ondas sôfrego examina,
Não ser sonho a visão no efeito observa.
Vê como a lusa nau demanda o porto;
Como próxima a ele, em roda vira;
Como enfunada e mais veloz que os Euros,
Vai dar caça ao baixel, que ao longe aponta
Com remeira galé; vê como as toma,
Como as presas conduz e audaz campeia;
Como sobre a maior enfim subido
Castro ⁴⁹¹ e nada tardio, à voz do chefe,
Outra, que sobrevém, combate e rende.
Fora melhor à triste o dar-se logo.
Daquela, bem que inútil, resistência,
Glória, afoito Avelar ⁴⁹², houveste em dobro.
Usado a presumir que a morte é nada,
Com poucos, e munido de ti mesmo,
Eis o mauro convés ganhas de um salto:
Gira o ferro e triunfas, dois prostrando.
Tudo isto, verdadeiro em demasia
E d'alta aparição vaticinado,
Caramali ⁴⁹³ do alcáçar descortina.
Primeiro o coração lhe agitam fúrias;
Não pára; vai, e vem; doideja, freme;
As melenas arranca, arranca as barbas;
Pouco a pouco depois temor o abranda.

⁴⁹¹ Nota de Bocage, tal como as três seguintes: «O capitão-tenente Manuel do Canto e Castro, hoje capitão-de-fragata.»

⁴⁹² «O já citado Avelar.»

⁴⁹³ «O Baxá.»

Gravado tem o herói na fantasia;
E porque em tudo o mais o vê sincero,
No resto da visão firma esperanças.
Hesitando, contudo, em si murmura:
«Quem do contrário seu fiar-se deve?»
Mas, passado um momento, assim não pensa.
«Em tentar que me vai? Senão, que resta?»
Disse, e a um, entre os seus autorizado,
Que lhe provara fé noutros extremos,
Envia de Albuquerque à nau temida
Coòs *Franceses* fatais que, à semelhança
Da gorgónea carranca, danam vistos.
Diz-lhe (se tanto ousar) «que em troco deles
Peça os varões, os lenhos apesados;
E tudo facilite ao grato assenso».
Além das esperanças vai o efeito:
De nada para si querendo a posse,
Donaldo restitui (acordes todos)
O *almirante* infiel, *varões e lenhos*,
E prende a tantos dons o dom brilhante,
Que suspira o Baxá, de amigo o nome,
Prometendo que o Trono há de aprová-lo.
O coração do régulo não basta
Ao júbilo inesperado. Alegres vivas
A voz dos cortesãos e a voz do Povo
Manda aos ares: no pélago refletem
E tocam dos Lusíadas o ouvido.
Que nectáreas correntes inundaram
Portugueses espíritos, olhando
Sobre as ameias das profanas torres
As bandeiras de um Deus, de CRISTO as Quinas.
Do reino ocidental eterno abono!
Enquanto exclamações da infida plebe,
E a espaços o trovão da artilharia
Já do mar, já da terra, os céus atroam!
Eis de tanto suor o idóneo preço:
Quem seu Deus e seu REI a um tempo serve,

Que mais quer, ou da glória, ou da ventura?
A Ti, ó LIMA ⁴⁹⁴, condutor supremo
Da lusitana esquadra, a Ti, que és grande
Na ascendência de Reis, no grau, nos fados,
Inda maior no engenho e na virtude,
Também do caso ilustre se deriva
Aplauso não vulgar: por Ti mandado
Fez o pátrio valor tão raras coisas
— Foi sua a execução, Teu fora o plano.
Nem menores pregões Te deve a Fama,
Nélson preclaro, da Vitória filho,
Que usurpas a Neptuno o grão tridente:
O que o Luso acabou, Tu lhe apontaste.
Mas a origem de tudo a quem respeita,
A quem melhor quinhão de glória cabe,
Ou fale a Musa, ou não, ninguém o ignora:
Soam praias seu nome e soam mares.
A náutica perícia, que afamados
Outrora os Portugueses fez no mundo,
Que os levou a reinar a extremas plagas,
Sem cultura jazia (oh vilipêndio!)
Do centro das brasílicas florestas
Desarraigadas quilhas inda arfavam
Sobre as tágicas ⁴⁹⁵ ondas, mas em ócio.
E se alguma imprudente ousava acaso
Às Híades ⁴⁹⁶ expor-se, expor-se a Arcturo ⁴⁹⁷,
Ronceira dividia o lago imenso,
Dos mares e dos ventos esquecida,
Incapaz do conflito e da procela.
Raro o nauta, e com alma entorpecida,

⁴⁹⁴ «O Excelentíssimo Marquês de Nisa.»

⁴⁹⁵ Do Tejo.

⁴⁹⁶ Na mitologia grega, as Híades eram ninfas que Zeus metamorfoseou em constelação.

⁴⁹⁷ A estrela mais brilhante da constelação Boieiro.

O ministério seu desaprendera:
Obedecer, mandar nenhum sabia.
Eis COUTINHO ⁴⁹⁸ (eis o génio antigo acorda);
Eis nova geração com ELE assoma.
Para Marte e Nereu sábia Academia
Cultiva cidadãos: escolhe entre eles
O ilustrado varão quem se avantajaja;
E, bem que repartido em mil cuidados,
O peso de altas coisas sustentando,
Coó louvor afervora o que é louvável,
E, em quem merece o prémio, os amontoa:
Destarte a Mocidade aos astros sobe;
Assim com sócios tais luziu Donaldto.
Oh três e quatro vezes venturosos
Nós, a quem dado foi que respiremos,
Súbditos de JOÃO, serenas vidas,
E ser de tanto bem participantes!
JOÃO da Pátria PAI, RENOVO insigne
De monarcas, de heróis, de semideuses;
AMOR, GLÓRIA, ESPERANÇA e LUZ da gente
Que, os mares invadindo, ousou primeira
Ver e afrontar o adamastóreo vulto;
Desde a última Hespéria ⁴⁹⁹ ir lá na Aurora
Arvorar contra as tórridas falanges
O estandarte dos Céus, penhor do Império;
JOÃO QUE, enquanto as guerras tudo abrasam,
Enquanto Erinis ⁵⁰⁰ senhoreia o mundo,
Afaga, Justo, Pio, Ótimo, Ingente,
Com amorosa paz, os largos povos
Que o jugo LHE idolatram, perto e longe;
Do exemplo dos AVÓS iluminado,

⁴⁹⁸ Nota de Bocage: «O Excelentíssimo D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos e da Marinha.»

⁴⁹⁹ *Vd.* n. 207, p. 93.

⁵⁰⁰ *Vd.* nota da p. 25.

DELES nutrindo em SI toda a virtude,
Na principal, na egrégia SE realça
De eleger (Tudo o mais daqui depende)
Almas com quem do cetro adoce o peso.
Astuto cortesão, que ambiciosos,
Sinistros, devorantes pensamentos
Com zelo vão, falaz palia e doura,
É por ELE repulso; e chama aqueles
Que as honras merecendo, às honras fogem.
O veneno dos paços, a lisonja
Ante Seus olhos em silêncio treme:
Só da Verdade oráculos atende,
Só da Ciência oráculos escuta;
Palas, Témis, presidem-LHE aos conselhos,
Às ações LHE presidem Témis, Palas.
Não, para subjugar nações, impérios,
Não despe o ferro aqui Gradivo ⁵⁰¹ iroso,
Mas só porque na força a paz se esteie
E só porque sem nódoa permaneçam
O decoro, os brasões de altos Maiores.
Não é Seu, para Si JOÃO não reina:
O povo, a que dá leis, prefere a tudo.
Orem nobre, plebeu, nautas, colonos,
Ou diante do sólio, ou não presentes,
Ore o comerciante, ore o soldado;
Provam merecimento? Os prêmios levam.
Volve feliz o que infeliz O busca:
A todos satisfaz, igual com todos;
E até mesmo ao desejo o dom precede:
Só com pesado pé se move a Pena ⁵⁰².
Ó Lísia, ó Pátria, surge, alteia a fronte:
Que não cumpre esperar com tais auspícios?

⁵⁰¹ Marte.

⁵⁰² Castigo.

Eia, aplaude a Ti mesma, ó Lísia, aplaude.
As três ⁵⁰³, em cuja voz os Fados soam,
Prazeres de ouro para Ti já fiam.
Sai, reinando JOÃO, sai das estrelas
Ordem nova de séculos ao mundo;
Folga: assombros tens já; virão portentos.
Soltas do coração, mil preces manda
Aos climas imortais; fatiga os numes,
Porque da ESPOSA ao lado excelsa e cara
O CONSORTE real no trono exulte;
Porque orvalho do céu fecunde, anime
Os tempos de JOÃO, de nuvens limpos;
Porque ÍDOLO dos Seus, TERROR de estranhos,
Brilhe, viva e dos netos netos veja;
Até que tardas eras O arrebatem
Aos astros donde veio honrar a Terra:
ELE é digno de Ti, Tu digna d'ELE!

⁵⁰³ As Parcas — Láquesis, Cloto e Átropo —, divindades mitológicas que regiam a vida humana.

II — ELEGIA A D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO

*Por José Francisco Cardoso*⁵⁰⁴

Com que dádiva mais valiosa podemos penhorar a República do que instruindo e amestrando a mocidade? Mormente nos tempos e costumes atuais, em que ela de tal arte se tem desmandado, que releva apurar todas as forças para abstê-la e refreá-la?

Cícero, *Da Adivinhação*, livro II

ELEGIA

Quando altas coisas em teus ombros pesam,
Bem que inferiores a teu génio todas,
Misturar intentando o ténue e o grande,
Terei, celso varão, de insano a fama.
Porém, súplice voz onde é vedada?
As portas de ouro o Céu franqueia às preces.
Um momento me basta, se um momento
Do grave ministério extrair podes.
Lidas, cuidados meus benigno atenta:
Longo espaço a teus olhos seja um ponto.
Dois lustros e anos dois suei constante
Da romana gramática no ensino,
Cansada a mão, que a puerícia fere;

⁵⁰⁴ *Elegia ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos e da Marinha, em testemunho de obséquio, veneração e cordial respeito, por José Francisco Cardoso, professor régio de Língua Latina, na cidade da Baía.* Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1800, com licença da Mesa do Desembargo do Paço. Edição bilingue, Latim — Português. José Francisco Cardoso (Baía, 23 de abril de 1761-14 de agosto de 1834) participou na organização da Casa Literária do Arco do Cego, tendo sido um dos visados de um processo sobre a atividade maçónica (v. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, doc. n.º 17580). Bocage traduziu igualmente deste autor a obra *Canto Heroico sobre as Façanhas dos Portugueses na Expedição de Trípoli* (1800).

Cansada a mão não só; também com ela
Quase desalentado o sofrimento:
Nadas gramaticais apoucam, ralam.
E como, esquiva aos mais, me demandasse
Toda a tenra caterva adolescente,
Quadruplicada foi minha fadiga.
Do sagaz jesuíta as árduas moles ⁵⁰⁵,
Com que opressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raízes.
Eis por mim floresceis, ó novas plantas,
E a seara de espinhos eis de rosas.
Bárbara outrora, outrora inextricável,
Pus gramática nova em plana estrada.
Nova, porém, não é, mas é qual fora,
E usurpados direitos recupera.
Se Álvares ⁵⁰⁶ transformou (por mil seguido)
O bom método antigo em arte longa,
Com ânimo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgai, meninos:
Mal vos pode empecer maligna turba.
Já Franco ⁵⁰⁷ e Madureira ⁵⁰⁸ as costas deram,
E honra a douta Minerva ⁵⁰⁹ as plagas nossas.
Desvelado também, como releva,
A primária noção da pátria língua

⁵⁰⁵ Volumes desmedidos.

⁵⁰⁶ O padre jesuíta Manuel Álvares (1526-1583), autor de uma célebre *Gramática Latina*, manual que dominou, durante quase dois séculos, o ensino do Latim em Portugal. Aquela obra foi proscrita na sequência da expulsão da Companhia de Jesus, ordenada, em 1759, pelo Marquês de Pombal. A 21 de julho de 1773, Clemente XIV suprimiu aquela ordem religiosa, dando à estampa o breve *Dominus ac Redemptor*.

⁵⁰⁷ Francisco de Melo Franco (Paracatu, Brasil, 1757-no mar, perto de Ubatuba, 1823), autor de *Tratado da Educação Física dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1790.

⁵⁰⁸ João de Morais Madureira Feijó (1688-1741), autor de *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*. Coimbra: na Oficina de Luís Seco Ferreira, 1739.

⁵⁰⁹ Deusa romana que preside à atividade intelectual, nomeadamente às escolas. Filha de Júpiter, deusa da Sabedoria, da Guerra e das Artes. Equivale, na mitologia grega, a Atena.

Às lições antepus da língua Ausónia ⁵¹⁰;
E o que aprovou partir por sócios quatro
Urge (peso de mais) meus frágeis ombros.
Tornar-me benemérito da Pátria
Anelou nobre ardor, que me afogueia,
E que em mim produziu vigor e esforço.
Algun dirá talvez: «a lei cumpriste»
Sim, mas a mesma lei, com que me argui,
Era não praticada e não sabida.
Primeiro executor do régio mando
Fui (mais que ténue glória aqui me cabe);
Muito, porém, me antecederam o mando.
Quanto a sagrada voz legisladora
Impôs da mole idade em benefício,
Eu satisfiz primeiro, e só, e exato.
O estudo essencial sois vós, costumes,
E essencial cuidado aos preceptores;
Nem cuidado mais vivo encheu minha alma.
Em curta idade, em ânimo recente,
Profícuas instruções melhor se arraigam.
O que se deve a Deus, e ao Rei se deve,
E o que aos mais, e o que a si o aluno aprenda.
Daqui dimana o magistrado, o chefe;
Dimanam sacerdotes, pais, esposos;
E dimana o soldado. Em vão quisera
Projeto conceber maior, mais útil,
Que dar morais noções à mocidade.
De inteira educação provê-la, orná-la;
Que não foi meu dever, que em mim não coube,
Confesso; mas algum louvor ao menos
Resulta de aplicar-lhe a mão primeiro.
Tudo, sem excepção, vai dos princípios;

⁵¹⁰ O latim, pois Ausónia era uma das designações da Itália na Antiguidade.

Pelo princípio se avalia o todo:
O que mal começou, mal se adianta;
Em meio a obra vê, quem bem começa.
Como por largo tempo o vaso novo
Respira os cheiros, que uma vez conteve,
Assim a mente humana aguda, atenta
As primeiras espécies guarda, e zela.
Quanto mais dócil o menino inclina
O pensamento às artes, mais o p'rgo,
E o desvelo será porque não peguem
No mimoso terreno as más sementes,
Nem sobre o fértil chão viceje o dano.
Que engenho, que vigor não tem, não gozam
Muitos, a que o vigor e engenho empecem!
No peito juvenil rápidos lavram
Os males, que tolher nem Délio ⁵¹¹ pode.
O dolo, a fraude surgem; vêm com eles
A ventosa Soberba, a magra Inveja;
Vem ⁵¹² outras pestes: ferve a Ira, e Vénus.
Os nocivos exemplos se acaulem;
Que, inda tendo pendor para a virtude,
Os tenros corações se embebem neles.
Da rígida moral cultor e amante,
O sério preceptor jamais pratique
O que imitar não deve o fácil bando.
Vendo em quem o dirige ações louváveis,
Nas ações dele, como em liso espelho,
O aluno se retrata, e se converte.
Se porventura o crês, errar não pode
Seu hábil diretor; ninguém mais douto,
De mais luz, mais saber, ninguém no mundo.
Ao bom moderador convém lucrosa

⁵¹¹ Apolo, porquanto, segundo a mitologia greco-latina, nasceu na ilha de Delos.

⁵¹² Para não ferir a métrica, «vem» em vez de «vêm».

Tornar esta ilusão; porque não fique
Inútil a pueril credulidade.
Mas de um princípio não só não colha os meios;
Para quantos instrui, igual não seja:
Em nada cumpre tanto esperta indústria.
Sagaz primeiro os ânimos profunde;
Indague os corações; estude, observe
O que amarga ao menino, o que é suave;
Depois de lhe entender mistérios d'alma,
A vária senda trilhará sem risco.
O engenho na doutrina se vigora;
Ótima enfim que seja a natureza,
Falece, falecendo-lhe o preceito.
Muito aproveita, que distinga o mestre,
Se é do aluno abastada, ou pobre a mente;
Se é vigilante, aguda; ou frouxa, inerte.
Quem teve o dote de índole prestante,
Ou nenhuma fadiga, ou pouca exige.
Este de condutor carece apenas.
Assaz é sinalar-se-lhe o caminho;
Qual das aves a impávida rainha,
Concebe os astros, solitário voa.
Obra, porém, de natureza escassa
Com súbito remédio se melhora
Por mão que as artes próspera exercita.
Piedosa ao infeliz, que em vão forceja,
E sua em repelir seu fado iníquo,
Preste amigo favor e auxílio brando.
Frutos colha talvez da árvore tenra,
Que entre viçosas plantas se envergonha,
Se depois da cultura estéril fica.
Os juvenis espíritos cem vezes
Com prudente socorro em cópia brotam
Riquezas até'li sumidas neles.
Porém, a multidão mais numerosa,
Com que importa apurar destreza e força,
São esses em que a lânguida preguiça

Da natureza os dotes enxovalha.
Já plácido com eles, já severo,
Convém, ó precetor, convém que sejas.
Uns a outros opõe: consegue às vezes
Briosa emulação, quanto não podem
Castigos conseguir, nem ameaças.
De assíduas correções este precisa;
Estoutro coò louvor se persuade;
Aquele pela mão guiar-se deve;
E há tal que só violência o dobra, o vence.
Alma desassisada, incuriosa,
Porque despenderá sem lucro o tempo?
Constrangida Minerva, é tudo inútil.
Suores se não percam; longe o inepto;
E aconselhado eleja o que lhe quadre.
A frequente rigor sem fruto obriga,
E faz com que sem fruto a bÍlis ferva.
Horrível aos discípulos não sejas:
Se ao grau, se ao nome de prudente aspiras,
Infundindo respeito, amor infunde.
Virtude os meios ama, odeia extremos;
Ou de uma, ou de outra parte há precipÍcios.

És de nenhum proveito aos educandos,
Com eles indulgente em demasia;
E sendo-lhes tirano, és detestado.
Sobre esta norma impor limites certos
Quanto é difícil, a experiência o diga;
Mas as forças morais lidando crescem.
Do custo de vencer procede a glória;
Do vencimento leve é leve a fama.
Baienses cidadãos, eu vos atesto:
Nada (bem o sabeis), nada omitido
Ante vós foi por mim de quanto exponho.
Da cidade e do campo aos habitantes
Lá notório me fiz, inda que muitos
Conhecessem meu nome, e não meu rosto.

Confiar-me à porfia a prole amada
Vinham de perto alguns, alguns de longe;
E sinistra ilusão nenhum cegara.
Atesto novamente os pais, e os filhos,
Eu que a todos os graus, que às várias classes
Dei condignos varões, idóneas almas.
De mim o altar de um deus ministros houve;
De mim Témis ⁵¹³ e Marte os seus houveram.
Mas não é do gramático este efeito:
Plaga breve os gramáticos limita,
E pense o que pensar caterva ilusa.
Hoje (tempo de coisas, não palavras)
Porventura o gramático presume,
Pode acaso ostentar, qual noutras eras
Ciência universal? Ai! Miserando!
A tenuidade o cinge, o prende à terra;
E qual dedálea prole ⁵¹⁴, os céus comete?
Mas como todavia humanas coisas
De rasteiros princípios altas surgem,
Tal, semelhante à base, é proveitoso
Para o grande o pequeno, o pouco ao muito.
Porque em ausónia voz ⁵¹⁵ se exprime o sábio,
Ela da erudição nos abre as portas.
Vós caístes por fim, romúleas torres;
Mas a língua formosa ainda reina:
Opulenta às modernas comunica
Soberbas expressões, de que blasonam,
Donde vem, que de todas mãe se aclame.
Eis o merecimento, eis a virtude,
O louvor, que lhe frisa: inda que arrogue
Maior jurisdição, mais vasto império,

⁵¹³ Deusa das leis eternas, uma das esposas de Zeus.

⁵¹⁴ Ícaro, que, incauto, altivo e surdo aos conselhos do pai, voou, com asas de cera, até ao Sol. O calor deste derreteu-as e o jovem caiu no Mar Egeu.

⁵¹⁵ O latim.

A língua em ténues sons tem só domínio.
Nota quanto adquirir convém primeiro,
Ó tu, que, de palavras legislando,
O gramático assento ufano ocupas.
Dou que saibas ligar vozes com vozes:
Ês por isso talvez capaz de tudo?
Lavras na areia, bem que exímio sejas,
Encadeando os sons se perspicácia,
Se critério não tens, quando interpretas.
Este dom de explicar é força inata;
Mantém-se de artes mil, se não se aprende.
Da Lógica primeiro o auxílio chama:
Seu facho luminoso ela te empreste,
E te doure a sentença tenebrosa;
E alcances da verdade os trilhos certos.
É de proveito aqui saber costumes,
Usos cumpre saber da Antiguidade,
E o que vem dos anais, e prisca ⁵¹⁶ fama.
A ti, que assiduamente revolvendo
Estás os monumentos dos Antigos,
É decente ignorar o que exercitas?
Também presta, a meu ver, que os átrios gregos
Saúdes: este altíloquo ⁵¹⁷ idioma
Aos não versados nele esconde arcanos,
Que ao ministério teu, sabidos, valem.
É para a lácia língua a língua grega
O mesmo que a latina é para as outras;
E esta, se bem que farta, deve àquela,
Inda mais abundante, os atavios.
As leis da elocução correr importa;
E da poesia as doces leis te encantem.

⁵¹⁶ Antiga.

⁵¹⁷ Sublime.

Sabem prodígios o orador e o vate:
A todos sobressaem, têm força em tudo,
Co' a ficção, com a verdade imperam ambos.
Com revezado apoio ambos se alentam;
Movendo e deleitando o mesmo *ensinam* ⁵¹⁸,
Posto que os leve ao fim diversa estrada.
Transmitir poderás os seus preceitos,
Se de Flaco ⁵¹⁹ e de Fábio ⁵²⁰ os não tomares?
Vezes mil no que lês se of'recem terras;
Mas descritas estão: sabê-lo é fácil.
Mostra mapa fiel do mundo as partes;
O que é província, reino, o que é cidade,
O que é rio, o que é monte: e porque pede
Molesta aplicação, paciência longa
Nome por nome colocar na mente,
Basta que observes amiúde a carta.
Nada mais infeliz e indesculpável
Do que entender que Tauro é sempre fera,
Do que entender que Atlante ⁵²¹ é homem sempre.
Vai por culpa de equívoca palavra
Às vezes o leitor cair no engano.
Cartago uma não foi; Beócia teve
Sua Tebas, e teve Egito a sua;
Tu também, Salamina ⁵²², em dobro foste.
Outros erros provêm de causa oposta:
Bizâncio de dois nomes se gloria;
Troia por muitos nomes foi chamada.
Aqueles, que alterou lugar e gente,

⁵¹⁸ Segundo Cícero, *docere, movere et delectare* deveriam ser os três grandes objetivos de um orador proficiente.

⁵¹⁹ Quinto Horácio Flaco (Venúsia, 65 a. C.-Roma, 8 a. C.), excelso poeta lírico e satírico latino.

⁵²⁰ Marco Fábio Quintiliano (Calagurris, na Tarraconense, c. 35-Roma, depois de 95), professor latino de Retórica.

⁵²¹ *Vd.* n. 208, p. 93.

⁵²² Onde se desenrolou, em 480 a. C., a célebre batalha naval que opôs os Gregos aos Persas.

Cuida de os apontar aos teus alunos,
A fim de que não tenham por diversas
As coisas que só distam na palavra,
E as entre si remotas uma julguem.
Terra e terra distingam; povo e povo,
Sua religião e os seus costumes:
Quais as alterações nos homens foram,
Quais houve na moral, quais houve em tudo;
As guerras, os tumultos; e acomodem
Os sucessos aos tempos. Estas coisas
Na escuridão, que, lendo, ocorre às vezes,
Todas puro sentido extraem do texto.
Ao preparado assim quanto não resta,
Quanto mais por saber! Trilhando aquele,
Inda tem que trilhar mais árduo campo.
À pública instrução tu destinado,
É justo que entesoures na memória
Tudo o que Roma deu na pátria língua.
Ritos e tábuas, inscrições, medalhas,
Fastos e a série enfim dos escritores.
Não só luziu na guerra a márcia prole,
Também foi rara nas paládias artes.
De Ítalo os netos e o dardânio sangue
Danos do Fado já temer não sabem.
Acaso o voo dos mudáveis tempos
Ousará ser funesto aos dois luzeiros,
Émulos das estrelas, Maro ⁵²³ e Túlio ⁵²⁴?
Rival do aónio cisne, o grande Horácio ⁵²⁵
Cantou, regendo o plectro milagroso,
Coisas em que poder não teve a morte.

⁵²³ O celebrado Virgílio, ou seja, Públio Virgílio Marão (Mântua, 70 a. C.-Brindisi, 19 a. C.).

⁵²⁴ Marco Túlio Cícero (Arpino, 106 a. C.-Fórmias, 43 a. C.), conceituado orador e filósofo da latinidade romana.

⁵²⁵ *Vd.* n. 519, p. 556.

Também soa imortal de Ovídio ⁵²⁶ o nome
Entre o nome dos três, como ele, acesos,
Do feiticeiro Amor na doce chama.
Inda Pérsio ⁵²⁷ mordaz argui o povo;
Inda a musa Aquinate ⁵²⁸ os risos move,
Co'a voz cortante golpeando o vício.
Se negros sacrilégios, se blasfêmias
Nos versos de Lucrecio ⁵²⁹ não fervessem,
De ler-se, e de reler se dignos foram.
Cecílio ⁵³⁰ resplandece em gravidade;
Terêncio ⁵³¹ em arte; Ênio ⁵³² reluz no engenho;
Na facécia, no sal tu, Plauto ⁵³³, brilhas;
A Tácito ⁵³⁴ a Nepote ⁵³⁵, a Lívio ⁵³⁶, a Crispo ⁵³⁷
A Fama em tempo algum morrer não pode.
Tu, César ⁵³⁸, que altamente espada e pena,
Honra do claro Tibre associaste;
Vós Sénecas ⁵³⁹ também, ambos famosos,
Glória da Espanha, mestres dos costumes;
E tu, censor Catão, vós, Celso e Cúrcio,

⁵²⁶ Poeta latino (43 a. C.-16 d. C.), autor de obras intemporais, influenciou acentuadamente Bocage.

⁵²⁷ Aulo Pérsio Flaco, poeta satírico latino (Volterra, 34 d. C.-Roma, 62 d. C.).

⁵²⁸ De S. Tomás de Aquino (século XIII), célebre filósofo escolástico.

⁵²⁹ Poeta e filósofo epicurista, autor da modelar obra *De Rerum Natura* (século I a. C.).

⁵³⁰ Cecílio Estácio, comediógrafo latino (Gália, c. 230 a. C.-Roma, 166 a. C.).

⁵³¹ Públio Terêncio Afro (Cartago, c. 185-Lago Estínfalo, c. 159 a. C.), poeta e dramaturgo latino.

⁵³² Quinto Ênio, poeta e dramaturgo latino (Calábria, 239 a. C.-Roma, 169 a. C.).

⁵³³ Plauto (c. 254 a. C.-184 a. C.), comediógrafo latino cuja obra influenciou, entre outros, Shakespeare e Molière.

⁵³⁴ Tácito (c. 55 d. C.-120 d. C.), historiador latino de grande relevo.

⁵³⁵ Cornélio Nepote (ou Nepos), (Gália, c. 100 a. C.-Roma?, 32 a. C.), historiador latino, autor de biografias importantes.

⁵³⁶ Tito Lívio (Pádua, 59 a. C.- 17 d. C.), o maior historiador latino.

⁵³⁷ Salústio Crispo (Amiterno, c. 86 a. C.-Roma, 35 a. C.), historiador latino, durante séculos particularmente estudado nas escolas.

⁵³⁸ *Vd.* n. 179, p. 879.

⁵³⁹ Séneca, *o Velho*, orador, e o seu filho, conceituado filósofo, Lúcio Aneu Séneca (Córdova, c. 4 a. C.-Roma, 65 d. C.).

Fedro, Vitrúvio, Suetónio, Estrabão,
Varrão, Lucano, Estácio, Floro e Sílio,
Quantos nas quatro idades floresceste,
Aquém da Estige ⁵⁴⁰ triunfais da morte.
Entanto que existir quem preze as musas,
Enquanto houver quem cante, houver quem leia,
Durará sobre a Terra o lustre Ausónio.
Do muito que tratou, que há promulgado
A douta, veneranda Antiguidade,
Nada Roma sofreu, que os seus calassem.
E se contudo remanescem coisas,
Que amplamente não dê nos cultos livros,
Neles de todas vem memória ao menos.
Eis sábio velador, que o rádio empunha,
Estuda pelos céus e mede os astros;
Eis outro após de Plínio ⁵⁴¹, esquadrinhando
Os bens da Natureza, os dons da Terra.
Alcáçares coríntios ergue aquele;
Este absorto contempla, determina
Dos corpos gravidade e movimento.
Um dia segredos teus, arte de Apeles ⁵⁴²;
Outro porque milagre a pedra vive.
Que prolixa tarefa, incrível quase,
Um espírito só prestar-se a tanto,
A que inda os anos de Nestor ⁵⁴³ não bastam!
Força é, porém, que o principal granjeie,
Se alta reputação lhe dá cuidado,
Se não quer (desluzindo o magistério)
Que nas faces lhe assome a cor do pejo.
Doutíssimos varões nos precederam,

⁵⁴⁰ Rio dos Infernos.

⁵⁴¹ Gaio Plínio Segundo, ou seja, Plínio, *o Velho*, naturalista latino (Como, 23-Estábias, 79).

⁵⁴² Apeles (Cólofon, 370?-Cós, 306? a. C.), o maior pintor da Antiguidade.

⁵⁴³ Sábio ancião que, com a sua sensatez e prudência, apaziguou as discórdias entre os heróis gregos, durante o longo cerco de Troia, contribuindo, assim, decisivamente para a vitória helénica.

Que, a bem nosso, aplanando agros estorvos,
A posse destas luzes tornam fácil.
Recorra-se a tais mestres com frequência.
No indigente a Razão pode queixar-se,
Se não busca riqueza onde se oferta,
Onde à necessidade está patente?
No mais inda tolero a mediania:
Mas há coisa em que só de um erro leve
Nascem mil consequências pesarasas.
Isto, que mais e mais sondar-se deve,
É a reta moral, ciência augusta,
Com que o Mal, com que o Bem se patenteia.
Estes dois eixos para nós são tudo;
As humanas ações se movem neles:
Mas o justo, e não justo ao vulgo escapa.
Muitas vezes o vulgo inverte as causas;
O bom desaprovando, ao mau se aferra.
Ai do menino! Que perigos corre,
Se torpemente indouta a mão, que o rege,
Aos turvos olhos seus abrir não pode
O clarão da Verdade anuviada!
Como, sem guia, evitará despenhos!
Ah mísero! Ousará calcar sem guia
Duro, incerto caminho! Oh! quantas vezes,
Crendo que vai seguro, irá ferir-se
O descuidado pé na serpe oculta!
Quantas vezes insano, aborrecendo
Por amargo o saudável, e atraído
De falso néctar, beberá peçonha!
Sim, julgará plausível o odioso;
Julgará deuses vis credores de honra,
Quando, se o preceptor morigerado
De apuradas lições o abastecera,
Que temer não teria o débil moço.
Os que há de folhear amplos volumes,
Detestáveis períodos encerram;
É certo; mas aqui moral colheita,

Tesouros a virtude aqui depara.
Pôde a gente sagaz, do Lácio filha,
Em trabalhos sem conto exercitada,
Atrever-se a calar té onde é dado
À razão dos mortais alçar seus voos,
Sem que a religião lhe esforce as asas.
O que siga o menino, o de que fuja
(Como do teu dever não te descuides)
Cada página ali te irá mostrando.
Um a um provarás de tais exemplos,
Qual abelha solícita, que enjoa
O suco venenoso, e sorve o grato.
A fábula também te é prestadia:
De brincos festivos açucarada,
Nenhuma no que envolve, e no que engenha
Deixa de ministrar a utilidade.
Virtude e vício esconde em várias formas,
Para que lucre mais quem os deslinda.
Apólogos, não sois de preço abjeto.
Da locução, por dita, os urdidores
Artifício terão que sobrepuje
Ao de envolta moral na alegoria?
Gramática e retórica ultrajadas
Antes serão por mim vezes e vezes,
Que a fábula me exprobe um só descuido.
Bem como a casca os âmagos abrange,
Das palavras o véu sentenças cobre:
Rota a casca, aparece o bom lá dentro.
E eis o que foi requinte a meus desvelos,
Inda mais que a melhor latinidade,
Que eu com tudo arraiguei nos bons alunos.
Mas que louvor terá, que digno prémio
Quem desacompanhado e vigilante
Deveres completou de tal momento?
Minhas noites lhes dei, dei-lhes meus dias;
Consagrados lhes foram corpo e mente.
Também (o que inda é mais, e irreparável,

E danoso à consorte, e a mim, e aos filhos)
A saúde, esta dádiva celeste,
Também vítima foi dos meus extremos.
Para gozar-me de espaçosos dias,
Houve da natureza ativas forças,
Estranha agilidade em firme peito.
Mas ao nímio trabalho enfim sucumbem.
Já me alaga o suor, manando em rios;
Nas frouxas veias já me tarda o sangue.
As importunas queixas, que à velhice
A teimosa existência vão finando,
Querem, como à porfia, antecipar-se,
E atado ao duro emprego me assalteiam.
Meus olhos, da vigília ressentidos,
Já se escandecem na atenção noturna;
Co' a súbita vertigem o pé vacila,
Não raro efeito, consequência triste
De mal tedioso, que o respeito encobre.
Debaixo deste céu macio, ameno
(Tendo corrido Apolo as doze estâncias)
Pôde refocilar-me algum repouso
O corpo entorpecido, os lassos membros.
Renascente vigor já manso e manso
As quebrantadas fibras aviventa;
E dos terríveis males, fraqueando,
Recua, pouco a pouco, a turma infesta.
O que benigna paz, benigno clima
Em meu favor, porém, vai produzindo,
Baldado chorarei, se ao jugo acerbo
Meus dias outra vez ligados forem.
Ai! debaixo dos pés, já quase aberto
(Mais de um sequaz de Hipócrates ⁵⁴⁴ mo agoira)
Ai, como que o sepulcro me negreja!

⁵⁴⁴ Médico e filósofo grego (460 a. C.-377? a. C.).

Tanto, ah! tanto infeliz num só não morra.
Tu, que o podes, Senhor, com teus auspícios
O funéreo prognóstico desmente.
Uma palavra tua é quase um fado:
Da minha redenção princípio seja.
Honra e coluna imóvel de altas coisas,
Que a fama tens de humano, e que a mereces;
Donativo dos Céus ao luso império;
Tu, por quem régios dons avantajados
Té aos campos brasílicos se alongam,
Ouve as preces que a Ti com ânsia elevo,
Os votos que depois, por Ti unidos,
Em NUME benfeitor piedade encontrem.
Com pouco se acomodam meus desejos;
Longe, cobiça vã: não mais imploro,
Que arrimo estável ao caído alento.
Co'a vara redentora enfim prendado,
Se da sanguínea areia se despede
Audaz gladiador, jamais vencido;
Se quem mavórcias ⁵⁴⁵ leis seguiu bravo,
Quando do grave arnês se curva ao peso,
Com prémio vai gozar de um ócio brando;
Se não há finalmente alma tão fera,
Tão bárbaro senhor que do alimento
Prive o servo decrépito e mesquinho,
Eu, que todo o fervor, que as forças todas
Dei de bom grado ao público interesse,
Eu, depois de as perder, não serei digno
De que a régia clemência me conforte?
Não me anseie a penúria, aquele dano
Que tantos males persuade às vezes;
Folguem meus dias em sereno estado.
Não só boas ações adorna o prémio,

⁵⁴⁵ Bécicas.

Também punge ao dever quem nele é tardo.
A mão, que benfazeja, a mão, que justa
Do império maternal meneia as rédeas;
E que da MÃE ao lado idades longas
Com Ela santas leis do Céu traslade;
JOÃO, cuidado vosso, etéreos entes,
Esperança da Pátria, amor e escudo,
Que de um, de outro hemisfério anui às preces,
Remisso à pena, aos benefícios pronto,
Com paciente ouvido, alegre face
No coração paterno acolhe o rogo.
Porém, vozes mortais em mim não ousam
Altear-se aos astríferos ⁵⁴⁶ Penates ⁵⁴⁷:
Humildes sons balbuciara o Medo.
Tu, dos NUMES intérprete, que imoto
No esplendor de Febo os olhos firmas,
No esplendor, que os meus sofrer mal podem;
Tu, que és a imagem do imortal Carvalho ⁵⁴⁸,
Que hoje (como ele outrora) Atlante luso,
Sabes dentre a grandeza olhar à terra,
Digna-te de subir-me ao trono as preces:
Palavra Tua, o que refiro, abone.
Não foi por anelar torpe remanso ⁵⁴⁹,
Que à fúria me arrisquei de imensos mares.
A lhe dar exercício não me escuso,
Se inda em mim algum préstimo sobeja;
Contanto que meus dias não remate
De enxames pueris importunado.

⁵⁴⁶ Estrelados.

⁵⁴⁷ Segundo Pierre Grimal, «divindades romanas que protegem o larário de casa».

⁵⁴⁸ Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.

⁵⁴⁹ No texto original: «Não foi por anelar ócio torpe», verso corrigido, ao que parece, por Bocage (v. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 339, doc. n.º 3291). Segundo o censor Francisco Xavier de Oliveira, estamos em presença de «uma fiel tradução em belíssimos versos portugueses, que, se não excede, ao menos ombréia com o original, de que é traslado» (cx. 40, doc. n.º 36).

E oxalá te aprouvesse, ânimo excelso,
Exemplo renovar inda recente!
Mas não devo esperar, obter não posso
O que outro em caso igual, há pouco, obteve?
Que, se mais claros dons lhe lustram n'alma,
Não me transcende em zelo, ou no trabalho?
Ah! que pelo futuro entrando a mente,
Como que desentranha o meu destino,
E que me ordena te antecipe as graças.
Não, COUTINHO magnânimo, eu não sonho.
A causa da Razão jamais desdenhas,
E acolhidas por Ti prosperam todas.
Avantajas-te em muito; mas teu génio
Em nada brilha mais que na igualdade,
Com que dá seu cuidado a mil objetos.
Negócios pesadíssimos não vedam
Que, incansável filósofo, revolvas
O recatado seio à natureza.
Aptas leis o cultor de Ti recebe:
Leis o comerciante, e leis o nauta;
E a todos noite e dia és acessível.
Os vivos desatando em línguas cento,
Há muito a Fama divulgou teu nome:
Sabem-no, há muito, as regiões extremas,
E já no meu louvor crescer não pode.
Antolha-se aos mortais além da meta,
Além da humanidade a glória Tua,
De Homero e de Virgílio assunto apenas.
Que resta, pois, Senhor, quando te observo
Nesse eminente grau? Rogar aos NUMES
Com fervor aturado e crebros votos
Que à dourada corrente de teus dias
Os anéis multipliquem reforçados,
Porque a prole gentil, com que te encantas,
Doce penhor da conjugal ternura,
Cópia fiel dos ínclitos maiores,
Contigo rutilar no mundo vejas;

E da Terra e dos Céus aceita aos DEUSES,
Qual Tu subiste convidado, suba
Ao grão cume das honras convidada.
Olhando-te, qual pai, meus caros filhos
(Turba quaterna ⁵⁵⁰), pela mãe guiados,
Hão de incessantes ajudar-me as preces;
E o REI da eternidade, o REI dos entes
Risonho escutará do trono imenso
Os votos que por ti, por tua estirpe,
Por tua digna esposa aos Céus voarem.

⁵⁵⁰ Composta por quatro partes.



DRAMAS

I — EUFÉMIA OU O TRIUNFO DA RELIGIÃO

*Drama de Mr. d'Arnaud*¹

Sonitus terroris semper in auribus

*Job, capítulo 15*²

AO LEITOR

O cunho original desta peça, excelente composição de Mr. d'Arnaud, me animou a traduzi-la para a dedicar às almas sensíveis. Uma luta vigorosa entre a religião e o amor é a ação deste drama. Os episódios que a adornam, travados destramente com ela, dão uma perfeita ideia dos talentos do autor e do vasto conhecimento que teve do coração humano. O contraste de caracteres, essencial às produções teatrais, está aqui sustentado com magistério — o que poderá observar o leitor instruído. Perigosos e terríveis embates, com que os sentidos assaltam a razão, apuram (por assim dizer) as celestes verdades, que adoramos; e estes embates necessariamente se haviam de empregar na presente obra, lustrando muito mais com eles o triunfo glorioso da religião. Atentem os espíritos conhecedores de si mesmos e de uma das primeiras artes que a cena é o quadro moral do homem, que ali sem reboço cumpre exhibir seus defeitos, suas paixões,

¹ Primeira tradução publicada por Bocage, editada, em 1793, por Simão Tadeu Ferreira, «com licença da Real Mesa da Comissão-Geral sobre o Exame e Censura dos Livros». O seu preço ascendia a 200 réis. A análise do frontispício permite-nos inferir, como assinalou António Maia Amaral no catálogo da exposição sobre Bocage, organizada, em 2015, pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que a mencionada edição teve várias tiragens. Republicada em 1811, 1819, 1825, 1829 e 1832, é da autoria de François-Thomas-Marie de Baculard d'Arnaud (Paris, 1718-Paris, 1805). O autor conviveu com Jean-Jacques Rousseau e com Frederico II, rei da Prússia, que, por sugestão de Voltaire, o convidou para a sua corte. Anteriormente fora correspondente literário em Paris daquele monarca. Durante a sua estada na Prússia, incompatibilizou-se com Voltaire, que, desde então, não deixou de o criticar violentamente. Durante o período do Terror, esteve encarcerado. Readquirindo a liberdade, veio a falecer em situação de inequívoca miséria.

As indicações de caráter cénico, facultadas pelo autor, aparecem em itálico.

² Tradução: «Vozes terríveis ressoam aos seus ouvidos.»

seus crimes, ou suas virtudes, e pintá-lo ainda mais como é que como devera ser; finalmente (eu o repito), o esplendor do vencimento consiste nas dificuldades que o disputaram, e a verosimilhança padeceria na obra que publico, se a vitória da religião contra a natureza fosse menos árdua.

Enquanto à versificação, a do original é harmoniosa, acomodada ao assunto, branda ou enérgica, segundo o grau e qualidade da paixão que exprime. Extremei-me o que pude em imitá-la e em evitar os galicismos, de que abunda grande parte das nossas traduções, e que nos enxovalham o fértil e majestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas que o estudaram mal. Cuidei igualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possível, exceto nos lugares onde os génios das duas línguas discordam muito: então, apoderado do pensamento do autor, tratei de o representar a meu modo, conformando-me nisto ao sabido, mas pouco executado preceito de Horácio:

*Nec verbum verbo curabis reddere fidus /
Interpres, etc.* ³

Resta-me advertir ao leitor que os «.....» indicam certas suspensões ou pausas, naturais na expressão de grandes afetos, e que no uso destes pontos sigo fielmente a Mr. d'Arnaud.

³ Ou seja, «um verdadeiro tradutor terá o cuidado de não traduzir palavra por palavra».

EUFÉMIA OU O TRIUNFO DA RELIGIÃO

ATORES:

EUFÉMIA, religiosa

TEÓTIMO, religioso

A CONDESSA DE ORCÉ

SOFIA ⁴, religiosa

CECÍLIA, religiosa

UMA CRIADA DO CONVENTO.

A cena é no Convento de...

ATO I

Ergue-se o pano. A cena representa uma cela escassamente guarnecida. À esquerda, pouco distante da parede, está uma tumba, ao pé da qual se vê uma lâmpada acesa. Do mesmo lado, mais para a boca do teatro, há um genuflexório, e nele um crucifixo com uma caveira aos pés. Sobre o genuflexório estão vários livros de devoção. Algumas cadeiras escondem um pouco a tumba às pessoas que entram na cela. Começa a romper a manhã.

CENA I

EUFÉMIA, só, com uma das mãos sobre a tumba, na ação de quem se levanta.

Quê! Neste leito fúnebre, que banham ⁵

Minhas lágrimas tristes, neste leito,

Onde velam comigo a dor e o susto,

Onde a meus olhos o meu fim se of'rece,

⁴ Nota de Bocage: «Julguei dever preferir este nome, que vem nas *Memórias de Eufémia*, ao de Melania, que vem no drama, para evitar um equívoco bem palpável.»

⁵ *Advirta-se que há algumas religiosas que são obrigadas a dormir na sua tumba.*

Onde o meu coração de dia em dia
Se deve ir ensaiando para a morte;
No féretro que espera o meu cadáver,
Ouso ainda nutrir memórias ternas!
Que digo! Um louco amor, que os Céus condenam!
Ó Deus! Não hás de tu livrar-me deste
Instinto criminoso! ⁶ A tua esposa,
Com lágrimas, com ais aqui prostrada,
Implora o teu socorro, a graça tua:
O vento a teu sabor zune e se acalma,
As ondas amontoas e as desfazes,
Teu sopro acende o raio, o raio apaga,
Da Terra a face mudas, em querendo,
E não mudas, Senhor, e a ti não chamas
Uma alma, que te foge e te é traidora!
Não volves em bonança a tempestade
Que os sentidos me ofusca e desordena!?
Ah! sufoca estes frágeis sentimentos,
Esta paixão, meu crime e tua ofensa;
Fere, compunge um coração rebelde,
Que inda sofre prisões além daquelas,
Que cingiu para sempre em teus altares... ⁷
Se a desampara o Céu, que é a virtude?
A minha em vão reclama os seus deveres.
Para vencer Eufémia, ó Deus Supremo,
De todo o teu Poder tu necessitas ⁸.
Escuta minhas preces, vê meu pranto,
Manda-me o puro amor, e a paz celeste,
Cessem minhas angústias, meus perjúrios,
Triunfa, reina só nesta alma aflita ⁹.
E tu, que todos com pavor contemplam,

⁶ *Deixa a tumba e corre a prostrar-se ante o genuflexório.*

⁷ No original, «altares..»

⁸ *Prostra-se ainda mais, chorando amargamente.*

⁹ *Pega com ambas as mãos na caveira.*

Que lição me não dás em teu silêncio!
Sim, tu és meu retrato! Eis, eis as graças
Com que intento encantar! Sou pó! Sou isto!...
E inda me atrevo a amar! Ó Céus! Eu morro ¹⁰.

CENA II

Sofia, Eufémia.

EUFÉMIA ¹¹

Então, querida irmã, piedosa amiga,
O sagrado ministro, em cuja boca
A Verdade nos fala e nos inspira,
Virá manter-me a lânguida virtude,
Domar um coração que ao Céu resiste,
Unir ao seu dever minha alma indócil?

SOFIA

Não poderá tardar; ficou Cecília
Com ordem de chamá-lo e conduzi-lo.
Mas que perturbação, mas que cegueira
Tomou posse de ti? Como consentes
Debaixo desse véu, querida Eufémia,
O veneno mortal de um amor louco,
De um desgraçado amor sem esperança?
Apesar da razão, do Céu, que ofendes,
Te inflama o que é já cinza! A morte...

¹⁰ *Inclinada para o chão, com extrema agonia.*

¹¹ *Levantando-se arrebatadamente, e indo para Sofia.*

EUFÊMIA

A Morte

Não lhe pôde roubar minha ternura:
Vive em meu coração, vive, e mil vezes
A Deus, ao mesmo Deus, nele o prefiro.
Não pretendo corar o enorme excesso
Do meu crime fatal; mais do que nunca
Amor a sua vítima atormenta:
Das trevas contra mim se vale, se arma,
Té no leito da morte me persegue.
Depondo nele o peso de meus males,
Ia cerrando os olhos lacrimosos;
O espírito, caído entre amarguras,
No sono do sepulcro se ensaiava:
Que sonho! Que espetáculo terrível
Me assombrou a agitada fantasia!
À luz escassa de funérea tocha
Cevava minhas ânsias, meus remorsos
Por entre mausoléus, espetros, larvas.
Eis cintila um relâmpago, e se esconde
Na longa escuridade, eis ouço um grito
Fúnebre, pavoroso, a Terra brama,
E hórrida boca de repente abrindo,
Solta um fantasma, envolto em negras vestes;
Na dextra lhe reluz buído ¹² ferro,
A mim corre, os cabelos se me eriçam,
Chega, arrosta comigo, e reconheço
Sinval, competidor do Omnipotente,
Sinval, que da minha alma expulsar devo,
Que sempre mais, e mais a tiraniza... ¹³
«Vem, segue (ele me diz), segue, acompanha

¹² Polido, liso.

¹³ No original, «tiraniza....»

O teu primeiro esposo; em vão resistes:
As aras de um Deus sôfrego e zeloso
Privilégio não tem ¹⁴ para conter-me.»
Nisto me aferra, e súbito me rasga
C'óas sacrílegas mãos o véu sagrado...
A meu pranto, a meus gritos insensível,
Por entre ondas de sangue, e montes de ossos,
De sepulcro em sepulcro ele me arrasta,
Num deles quase morta me arremessa:
Caio, some-me o ferro nas entranhas,
Eis que fuzila o raio, e nos abrasa.

SOFIA

Essas vãs ilusões, que gera o sono,
A noite as traz consigo, a noite as leva.
Tu mesma, tu preparas o veneno,
Que exacerba o teu mal, tu mesma aguças
A frecha que se encrava no teu peito.
Irmã, não é assim que se triunfa;
Desterra essas lembranças perigosas.

EUFÉMIA

Como hei de desterrá-las? Ah! que o fogo,
O furor das paixões tu não conheces!
Não sabes, cara irmã, qual é o encanto,
Qual a força de amor, e os seus estragos.

SOFIA

Tens-me por insensível, e te enganas,
Tal não sou, mas quis dar-me àquele objeto,

¹⁴ No singular, para não ferir a métrica.

Que só deve ocupar nossos desejos.
Tu mereces ingénua confiança;
Contempla no que vou manifestar-te
Quanto devo ao favor da Providência.
Às vezes a ilustrar o exemplo basta,
Minha alma folga de se abrir contigo.
Para a terna paixão nasci propensa,
E sempre de a nutrir fui cuidadosa:
Tudo o que me cercava, me atraía,
Prendendo-me a vontade em doces laços.
Próxima àquela idade em que se admira
Dos transportes, que sente a alma inquieta,
Ia Amor sinalar dentro em meu peito
Seu domínio funesto. Eis abro os olhos,
Vejo minhas irmãs, a quem deviam
Lisonjear do mundo os vãos prazeres,
Uma em profundas mágoas submergida,
Carpindo o esposo, que aos primeiros dias
Do seu consórcio lhe expirou nos braços;
Outra, quase a morrer, mísera amante,
Perdida por um vil, e abandonada;
Meu pai, tornado aos seus no fim da guerra,
De imprevisto cair na sepultura,
E o seu mais caro amigo entre cadeias,
Oprimido com súbita desgraça.
Deste quadro terrível passo os olhos
Para todo o universo. Observo os grandes,
Os senhores do mundo, e neles vejo
Como nos mais o dissabor, o enjoo;
Angústias sobre o trono até diviso,
E a púrpura dos reis banhada em pranto.
Parece que esta imagem deveria
Abafar o mimoso sentimento
Que respirava em mim; porém, debalde
Minha razão se opunha, murmurando,
À precisão de amar, à voz que solta
E com que persuade a natureza.

Meu coração mavioso me traía;
Não lutei mais, cedi, firmei o errante
Desejo irresoluto. Era preciso
Encher, fartar de amor toda a minha alma,
E para objeto dele um Deus escolho.
Desde então se desfez na minha ideia,
Qual sombra fugitiva, o mundo todo;
Desdenhei-lhe as promessas cavilosas,
E apesar da esperança lisonjeira
Das grandezas, dos bens, contra a vontade
De meus parentes, para o claustro corro.
Deus acolhe o meu voto, em Deus consigo
Tudo quanto apeteço, ele me inflama,
Ele só é bastante a meus transportes;
Senhor dos corações e dos desejos,
Só ele os satisfaz; o amante, o esposo
Nele só procurei. De dia em dia
O meu férvido amor se apura e cresce.
Este amor, que não pende da Fortuna,
Não receia o destino, o fim daqueles,
Que esvaece o capricho, o tempo, a morte.
Não, não amo um vulgar, profano objeto,
Que ou deixa de agradar, ou muda, ou morre:
Enlevo-me num Deus, e se me abraça
O espírito imortal de amor eterno.
Ah! Goza, amada irmã, goza comigo
Desta inefável glória: Deus somente
Deve reinar no coração de Eufémia.

EUFÊMIA

Com lágrimas lhe peço que me arranque
Lembranças, ao dever e à honra opostas.
Meu Deus! Este milagre é impossível!
Tudo me está na ideia afigurando
Uma inflexível mãe, surda a meus rogos,
Negando às minhas lágrimas piedade,

Que, cega, injusta, idólatra de um filho,
Parece contra mim cruel madrasta,
Que, sumindo num claustro os meus desgostos,
Saboreia o prazer, prazer terrível
De separar dois corações amantes,
Enquanto o meu amor... ah! Foi tirana...
Porém, é minha mãe, sempre hei de amá-la...
Inda que de Sinval deu causa à morte...
Esta imagem me anseia, e me horroriza!
Eu própria completei meu sacrifício,
Eu própria me curvei a um jugo eterno,
A uma lei rigorosa... Oh Céus! E que era,
Perdendo o meu Sinval, perder o mundo?
E inda repulso um Deus! Inda lamento
A prisão que me liga! Ah! Não, não posso
Com tantas aflições... eu desfaleço...
Sinval... torna, cruel, torna ao sepulcro,
Tu me roubas meus votos... eu te sigo
À habitação da morte. Ah! Deixa ao menos
Para Deus o meu pranto, os meus remorsos.

SOFIA ¹⁵

Amiga! Irmã! Convém que dissimules
Essa perturbação.

EUFÉMIA

Como é possível,
Se cresce a cada instante?

¹⁵ *Apertando-a nos braços.*

CENA III

Eufémia, Sofia, Cecília.

SOFIA

Aí vem Cecília,
Teme... ¹⁶

EUFÉMIA

Embora a seus olhos apareça,
E aos de todo o Universo o meu delírio,
Meus males, minhas lágrimas, meu crime...
Saibam todos, Sinval, que por ti morro.

CECÍLIA ¹⁷

Brevemente vereis o sacerdote
De um Deus castigador, que, fatigado
De ameaçar em vão, já se prepara
A cerrar-vos das graças o tesouro.
Esposa desleal do Esposo Eterno,
Tendes por cima a cólera celeste.
Vossa rebelião, danoso exemplo
Para nossas irmãs, ante os altares
Ergue a pedra de escândalo. Eia, a dura
Pertinácia expiai. Se com suspiros
Não reclamais o amor de um Deus piedoso,
Se com vivo remorso e dor sincera
As aras não banhais de amargo pranto,
Tremei, não espereis mais que um severo,

¹⁶ Para Eufémia.

¹⁷ Em tom severo para Eufémia.

Implacável juiz, pronto à sentença,
A que se opôs téqui sua bondade;
Não lhe sofre a justiça o perdoar-vos,
Não vos pode absolver; eu vejo, eu vejo
Seu braço vingador lançar-se ao raio,
E a vossos pés abrirem-se os Infernos:
Vós caís, vós caís nesses abismos
De desesperação... de horror... de raiva... ¹⁸

SOFIA ¹⁹

Que dizes, furiosa? Esse retrato
Não é, não é de um Deus — tirano o pintas;
Quando faltou nas aras a piedade?
Vai, minha irmã, com súplicas humildes ²⁰,
Do mais terno dos Pais lançar-te às plantas;
Leva-lhe um coração brando, amoroso,
Que saberá por ele inda oprimir-se,
Padecer, e inflamar-se; extingue, apaga
Essa inútil paixão, que os Céus proíbem;
Não cedas a vitória a teus sentidos;
Luta, vence a rebelde Humanidade,
Que obsta à glória imortal de submeteres
A vontade à razão; sufoca os gritos
Da ciosa, indignada Natureza;
Voa ao teu Deus, e dá-lhe a sua esposa.
Ele do Céu te chama, te exprimenta,
Presta as asas da fé aos teus esforços.
Da graça vencedora o puro fogo
A tua alma penetre: ah! Mui sensível
O Senhor a criou, para negar-te

¹⁸ *Eufémia se perturba a estas palavras.*

¹⁹ *Com indignação para Cecília.*

²⁰ *Para Eufémia em tom afetuosos, e abraçando-a.*

A santa inspiração do amor eterno,
Que, enlevado no Céu, desdenha o mundo,
Se alguma vez nos fere, ama-nos sempre.
Anjo exterminador, anjo terrível
Não temas no Ministro que te envia;
Anjo consolador acharás nele,
Teu pranto enxugará com mão piedosa:
A religião sincera é indulgente ²¹.
Há quem possa formar diversa ideia
De um Deus, que mais que tudo amar devemos?

CENA IV

Sofia, Cecília.

SOFIA

Desculpai-lhe um transporte inevitável;
Vossa virtude, austera em demasia,
Aterrou cegamente a triste Eufémia.
O ameaço, o rigor são próprios do erro,
Reina a brandura na moral, que é santa:
O amor a inspira sempre, o medo nunca.

CECÍLIA

Minha cólera iguala o meu espanto.
Como! Em vez de ajudar-me um pio enfado,
Quando a causa do Céu zelar devíeis,
Lisonjeais paixões escandalosas!

²¹ *Eufémia se retira na maior aflição.*

Quereis que Eufémia, indigna de chamar-se
Nossa Irmã, seu perdão de Deus espere,
De Deus, que ultraja!

SOFIA

Ah! sempre esses rigores
Haveis de alimentar n' alma severa!
Fundareis sempre a glória na aspereza!
Pensai, pensai melhor. Cumpre de novo
Dizer-vos o que dita, o que sugere
Um sentimento inato? A divindade
Não pode ser cruel, nunca se esquivava
Das lágrimas que solta a dor sincera.
Que é, que vale o poder se não perdoa?
Aquele, que remiu a Humanidade,
Não verteu por ingratos o seu sangue?
Que é culpada a seus pés confessa Eufémia:
Ele se dignará de auxiliá-la,
Enviando-lhe Graça ao frágil peito.
Sustentemos o arbusto, que vacila
Em termos de cair, sim, consolemos
Nossa irmã, lamentando-lhe a fraqueza.

CECÍLIA

A fraqueza! Ó meu Deus, que a ímpia esquece,
Em que delitos cairá teu raio,
Se o puder evitar crime tão feio!
Desde que Eufémia proferiu seus votos
Nunca um ídolo vão lhe saiu d' alma:
Da cinza ressurgindo, ele acrescenta
De momento em momento o seu domínio.
Quê! Depois de dez anos de queixumes,
De suspiros, de lágrimas, ainda

Arde, cega de amor, por frios ossos!
Nos mostra uma alma, cada vez mais presa,
Mais criminosa!

SOFIA ²²

Irmã... ²³, vós nunca amastes.

CECÍLIA

Em laços vergonhosos eu cativa!
Eu amar! Só a Deus.

CENA V

Sofia, Cecília, uma criada ²⁴.

CRIADA ²⁵

Com muita instância
Uma mulher incógnita em segredo
Vos quer falar... ²⁶

CECÍLIA ²⁷

Que qualidade inculca?

²² *Depois duma grande pausa.*

²³ No original, «Irmã...»

²⁴ Nota de Bocage: «No original, é uma leiga do convento.»

²⁵ *A ambas.*

²⁶ No original, «falar...»

²⁷ *Com vivacidade.*

SOFIA

Seja quem for, devemos atendê-la.

CRIADA

Tem um ar nobre, um ar afetuoso,
Que lhe adoça a tristeza e que interessa;
Julgo-a digna de dó: talvez desastres...

SOFIA ²⁸

Entre.

CECÍLIA ²⁹

Quê, minha irmã! Tanto importuno,
Tanto indigente!

SOFIA ³⁰

Venha, não me ouvistes? ³¹

²⁸ *Em tom rápido.*

²⁹ *Para Sofia.*

³⁰ *Para a criada, alteando a voz.*

³¹ *Vai-se a criada.*

CENA VI

Sofia, Cecília.

SOFIA ³²

Tão dura condição me aflige e assombra.
Imaginais cumprir co'a Lei Divina,
E à comiseração negais o peito?
A vossa devoção feroz e agreste
Sementes de ódio e cólera atribui
A um Deus de Paz, de Amor e de Clemência!
Não gostareis o júbilo inefável
De amar e socorrer os infelizes,
Chorando e consolando-vos com eles?
É isto, ó religião pura e querida,
A tua mansidão e o teu caráter?
Nunca amastes, irmã, já vo-lo disse.
Debaixo do cilício que vos punge,
Se azeda, se enraivece o vosso zelo.
Se tivésseis amado, ah sentiríeis
De uma graça mais doce os atrativos!
O Deus dos benefícios incensamos:
Foi seu amor, não foi sua justiça
Quem o levou por nós à cruz, à morte.

CECÍLIA

Cuidais, talvez, que o Céu de vós se serve
Para me alumiar, para ditar-me
As suas justas leis? Sei praticá-las;
Mas eu vejo um tropel de mendicantes
Rodear este asilo e perturbar-nos,

³² *Em tom sentido.*

Associando aos cânticos divinos
Seu pranto, seus queixumes. Os altares
Impõem obrigações, que em todo o tempo
Foram, são respeitadas. Porventura
Não devemos orar? Se vos lembrásseis
De...

SOFIA

Façamos o bem, depois oremos.

CENA VII

A condessa de Orcé, Sofia, Cecília, a Criada.

(A condessa manifesta a sua indignação por um vestido preto dos mais ordinários, no qual se vê, todavia, o asseio decente que conservam sempre os infelizes que tiveram um nascimento honrado, ou uma boa educação. Cecília olha para ela com indiferença desdenhosa, e Sofia com uma atenção compassiva.)

CONDESSA

Uma triste mulher desconhecida,
Quase afogada em lágrimas, se atreve
A vir manifestar-vos os seus males... ³³

SOFIA

Ide-vos ³⁴.

³³ Para Sofia e Cecília.

³⁴ Vivamente para a criada, que sai.

CENA VIII

Sofia, a Condessa, Cecília.

CONDESSA ³⁵

Sem ninguém, destituída
De todos os socorros e cansada
De sofrer uma vida lastimosa,
De ver olhos cruéis ou desdenhosos
Fitar-se em mim, pensei que nos altares
Encontraria o mavioso afeto
Das almas consagradas à virtude:
Aquele compaixão... que o mundo ignora.

SOFIA

Assentai-vos, Senhora ³⁶.

CECÍLIA

As nossas preces ³⁷
Chamam Deus a favor dos desgraçados;
Mas o nosso mosteiro, apenas livre
De uma dívida imensa, está gravado
Dos socorros que presta aos indigentes.
A caridade...

³⁵ *Continuando.*

³⁶ *Para a Condessa com ternura, e ela se assenta.*

³⁷ *Friamente.*

CONDESSA ³⁸

Ó Céus! A que mais pode
Chegar minha desgraça! E vós, Senhora,
Também sois contra mim! Não, não imploro
A terna caridade, eu peço... a morte ³⁹.
Que novo golpe, oh Deus!

SOFIA ⁴⁰

Ah que fizestes,
Cruel? Ide-vos, ide-vos; com isso
Lhe dobrastes a dor... ⁴¹
Eia, deixai-nos ⁴².

CENA IX

A Condessa, Sofia.

SOFIA ⁴³

Senhora...

³⁸ *Chorando.*

³⁹ *Chorando mais.*

⁴⁰ *Com enfado, para Cecília.*

⁴¹ *Cecília fica ainda.*

⁴² *Cecília vai-se, raivosa.*

⁴³ *Assentando-se junto da Condessa e apertando-lhe a mão.*

CONDESSA

É esta a lei oficiosa ⁴⁴,
A religião suave e compassiva!
Onde hei de, justos céus, achar piedade!

SOFIA

Onde? Em meu coração. Crede, Senhora,
Que junto às aras é que chora e geme
Sem custo, sem violência a humanidade;
Não julgueis que Cecília a desconhece ⁴⁵.
Desculpai-a. Seu culto grave e triste
Como que faz brasão da austeridade:
Mas há de lamentar-vos... Sim, quem pode
Sem comiseração ver-vos e ouvir-vos?

CONDESSA

Eu não venho, Senhora, suplicar-vos
Dádiva pia, nem cobrir de opróbrio
Meus últimos instantes: porque a morte
Já sinto avizinhar-se... Ó Deus imenso!
Parará teu rigor nas minhas cinzas?
Sei de que modo as vidas se abreviam,
Sei como se acabava meu tormento,
Minha afronta, mas não: Deus, que me pune,
Deus só é que tem jus à minha vida,
E só devem seus golpes arrancar-ma.
Cumpre humilhar-me ao vingador flagelo,
Engolir devagar todo o veneno
Da Desgraça cruel, que me persegue,

⁴⁴ *Soluçando, sem reparar no que lhe diz Sofia.*

⁴⁵ *A Condessa olha, vê que Cecília se retirou e contempla Sofia com ternura.*

Sofrer minha misérrima existência,
Fazer mais — sufocar até o orgulho
De um nascimento ilustre. Eu noutro tempo
Tive bens e grandezas: o infortúnio
Desfez esses fantasmas lisonjeiros.
E quem me reduziu a este estado...! ⁴⁶
Perdoai-me... uma angústia inexplicável
Me perturba, me oprime... Oh Céus!... Eu vinha...
Pode obrigar a tanto a Desventura!
Eu vinha... que expressão! Vinha rogar-vos
Me amparásseis a lânguida velhice,
E que, adoçando as minhas amarguras,
Quisésseis admitir-me... ⁴⁷ por criada.

SOFIA ⁴⁸

Que dizeis! Vós servir-me! Ah! não, Senhora;
Mereceis outro género de abrigo,
Vós sereis a servida. Por livrar-vos
Do estado em que vos vejo, eu dera a vida.
A amizade, a ternura hão de enxugar-vos
O pranto que verteis. Vossas desgraças
Que feroz coração não moveriam?

CONDESSA ⁴⁹

Ah! Quanto me obrigais! Porém, não devo
Aceitar vossa oferta; hei de, Senhora,
Abater-me, servir, morrer, mas nunca
Há de o meu infortúnio envergonhar-me.
A altivez d'alma as dádivas ofendem,

⁴⁶ *Chora.*

⁴⁷ *Soluçando.*

⁴⁸ *Com as lágrimas nos olhos.*

⁴⁹ *Abraçando-a.*

Seja qual for a mão de que provenham.
Eu morro... e quem me faz mais dura a morte
É... ⁵⁰ um filho... que o peito me traspassa.

SOFIA ⁵¹

Um filho! Oh monstro! Há génio tão rebelde
Às leis do sangue, às leis da Natureza?

CONDESSA

Sim, da minha desgraça é causa um filho,
Um filho, alimentado no meu peito.
Apenas veio ao mundo empreguei nele
Todos os meus desvelos e carícias,
Do terno amor de Mãe toda a fraqueza;
Sacrifiquei-lhe o gosto, a dignidade,
E até o esposo, o pai, e os outros filhos.
Pela vida do ingrato eu dera, eu dera
Mil vidas, se as tivesse, e nos seus braços
Morrera consolada, era só ele
O que eu via no mundo, o que adorava...
Perdendo seus irmãos e o meu consorte,
Favoreci-lhe o jus, que lhe deixaram,
Só nos seus interesses embebida;
Que digo! Até cedi de meus direitos,
E após o coração dei-lhe as riquezas,
Sem excepção e sem reserva alguma.
Não pedi, nem queria em prémio disto
Mais que a consolação de estar com ele,
De exalar o meu último suspiro
Junto de um filho amado. Eu sim lhe achava

⁵⁰ *Chorando.*

⁵¹ *Dando um grito.*

Sinais e propensões d'alma corrupta,
Ornados com gentil fisionomia;
Mas de enganar-me, e de os não crer folgava:
Tanto o materno amor nos alucina!
Cega! Não reparei que ia meu filho
A mocidade em vícios estragando,
Que aos excessos mais vis e vergonhosos,
Juntava o da avareza e crueldade,
Que era um ímpio, um ingrato: enfim, casou-se.
Comummente uma esposa influi e cria
Num génio duro aquela suavidade,
Que é origem do amor e da virtude;
Mas, pior que ele, a esposa de meu filho
Atiçou contra mim seu ódio incrível.
Este filho, que enchi de benefícios,
Me carregou de injúrias e desprezos,
Uniu insulto amargo a atroz ofensa,
Das lágrimas, de que ele era o motivo,
Os olhos afastou, e ultimamente ⁵²
Me expeliu do solar ⁵³, onde habitaram
Meus honrados avós e onde eu nascera.
Arrojei-me a seus pés, gritei, chorando:
«Ó filho, filho meu! Vossa mãe triste
Prostrada a vossos pés, não vos implora
Mais do que um benefício, único prémio
Deste amor, que por vós fez mil extremos.

⁵² *Chorando.*

⁵³ Nota do autor: «Se algumas pessoas, por terem talvez vivido pouco, fizerem tão bom conceito da natureza humana que lhes pareça inverosímil este caráter odioso, responder-lhe-ei com o que extraí, não de uma novela, mas dos pequenos cartazes de Paris, de 2 de fevereiro do ano de 1767. A chamada Ana de Laloy, mulher de João d'Uron, morreu a 14 de janeiro na aldeia de Vaux-sur-Seine, ao pé de Melun, de idade de 99 anos, 3 meses, 2 dias. Não deixou de trabalhar na cultura das terras senão três meses pouco mais ou menos antes da sua morte. Ela morreu num curral de vacas, onde a agasalhavam por caridade. Teve 58 filhos e netos e deixou 53 vivos. Os pais e as mães deram nunca [*sic*] o exemplo de semelhante desumanidade.»

Em breve a morte acabará meus males:
No leito de meus pais sofrei que expire.»
Não me atende o cruel, e eu continuo:
«Vós, que gerei, nutri com o meu sangue,
Quereis, filho, que morra em desamparo!
Dei-vos tudo o que tinha, unicamente
Possuo... um coração, que a dor consome.
Vós tereis filhos: desejar devia...
Ah! Nunca, nunca, ingrato, vos imitem.»
Então a esposa, mais feroz ainda,
Me expulsa dum lugar que eu tanto amava,
Lugar onde, atraídos da saudade,
Os olhos moribundos me ficavam.
Céus! E sobrevivi a horror tamanho!
Nesta consternação busco uma amiga,
Diz, que não me conhece. Enfim, vagando
Quase sem tino já, por toda a parte,
Chego aqui... onde espero achar a morte.

SOFIA

Não, vós não morrereis; em mim e em outra
O Céu vos deparou duas amigas
Para vos consolar... mas continuam ⁵⁴
Vossos ais, vossas lágrimas ainda,
E com mais força as faces vos inundam!

CONDESSA

Ah! Não devem ter fim senão co'a vida.
Vós sabeis os meus males, vede agora
O meu crime, e depois julgai se posso

⁵⁴ A Condessa chora com mais força.

Ao sentimento, às lágrimas pôr termo.
Este filho, por quem padeço tanto,
Teve uma irmã...

SOFIA ⁵⁵

Falai.

CONDESSA

Que a Natureza
Ornou daquelas graças que enfeitiçam
Ainda mais os corações que os olhos.
Tu a formaste, ó Deus, para agradar-me,
E eu neguei-lhe o carinho, amando-me ela.
Ah! Cada vez mais terna e mais humilde,
Parecia em silêncio perdoar-me,
E ignorar que um irmão tinha ganhado
De sua injusta mãe todos os mimos.
Um mancebo modesto e virtuoso,
Igual na qualidade a minha filha,
A viu, a amou, e foi por ela amado.
Pediú-ma por esposa: eu, insensível
Às lágrimas da triste, a sacrífico
A seu irmão, desvio o seu amante,
Encerro-a num mosteiro, insto com ela
Para cingir-lhe um laço, tão diferente
Dos ternos laços de feliz consórcio.

SOFIA ⁵⁶

Sucesso igual...

⁵⁵ *Apressadamente e com mais atenção ainda.*

⁵⁶ *Perturbada, à parte.*

CONDESSA

Para obrigá-la ao voto
Fiz com que falsas novas se lhe dessem
Sobre a morte do amante, e confirmei-lha.
Caiu sem cor, sem voz com este golpe;
Eis acode a animá-la uma parenta,
E já quase mortal do claustro a tira.
Morre pouco depois esta parenta,
E da mísera filha ignoro a sorte...
Ah! sem dúvida jaz na sepultura...
E eu a sacrifiquei a um filho ingrato!
Eu, desgraçada!

SOFIA ⁵⁷

Resistir não posso...
E quanto mais vos oiço... aqui, Senhora,
Há perto de dez anos...

CONDESSA

De dez anos... ⁵⁸
Quê!

SOFIA

Tenho a mais fiel, mais terna amiga;
Da mãe, que muito amou, foi pouco amada.

⁵⁷ *Ainda mais turbada.*

⁵⁸ *Inquieta.*

CONDESSA

Da mãe!... Continuai.

SOFIA

Os seus desastres ⁵⁹
Ela lhos motivou. Teve esta filha
Um destino infeliz qual teve a vossa;
Ela sabe atender aos desgraçados:
Muitas vezes aqui lhes dá socorro;
Seu meigo coração há de amimar-vos,
E lamentar convosco as vossas penas ⁶⁰.
Senhora, haveis de vê-la, haveis de amá-la.

CONDESSA ⁶¹

Será possível... Céus! Não sei que sinto
No coração... guiai, guiai-me a ela.
Ó Deus, ó Sumo Deus! Permitirias
Que no auge do infortúnio...

⁵⁹ *Rapidamente.*

⁶⁰ *Ergue-se apressadamente.*

⁶¹ *Erguendo-se com igual presteza.*

CENA X

Eufémia, Sofia, a Condessa.

SOFIA ⁶²

Vinde, vinde,
Minha querida irmã, nos vossos braços
Afagar uma ilustre desgraçada.

CONDESSA ⁶³

Constança!

EUFÉMIA ⁶⁴

Minha mãe!

SOFIA

Oh Providência!
Que escuto! Sua mãe!

CONDESSA

Céus! Minha filha ⁶⁵
Consagrada aos altares para sempre!
E eu fui a que formei seu laço eterno!
Este véu, este véu há de acusar-me

⁶² Dando o braço à Condessa e vendo entrar Eufémia.

⁶³ Dando um grito e desmaiando sobre a cadeira.

⁶⁴ Lançando-se-lhe aos pés.

⁶⁵ Tornando a si, cheia de espanto e de dor.

Continuamente... ah! Dize-me o motivo...
E inda me dás de amor sinais tão doces! ⁶⁶
Filha, o maior esforço é perdoar-me.

EUFÉMIA

Abraço minha mãe, ou isto é sonho!?

CONDESSA

Não é sonho, não é, tens nos teus braços
A tua infeliz mãe.

EUFÉMIA

Sua desgraça ⁶⁷
Dobra a minha ternura. Mas quem pôde
Forjar esta mudança deplorável?

CONDESSA

Teu irmão.

EUFÉMIA

Meu irmão!

⁶⁶ *Abraçando-a e chorando.*

⁶⁷ *Levanta-se.*

CONDESSA

Sim, esse objeto
De uma predileção desassisada,
Por quem abominei minha família,
Por quem... te conduzi ao sacrifício ⁶⁸.

EUFÊMIA

Só sinto os vossos males ⁶⁹.

CONDESSA

Já na posse
De todos os meus bens, o desumano,
Surdo às vozes do sangue e aos meus clamores
(Eu de igual tirania usei contigo),
Espancou sua mãe, nem quis mais vê-la;
Irados contra mim os Céus estavam,
Pensa o que eu sofreria em tal extremo.
A Condessa de Orcé, que a dignidade,
A riqueza, a lisonja e mil prestígios
Cegaram longo tempo, enfim, cercada
Dos horrores que seguem à indignência,
Já sem consolação, já sem abrigo,
E até já sem a mínima esperança,
Vítima da cruel necessidade,
Quase em ânsias de morte, veio, ó filha,
A este asilo, franco à desventura,
Pedir que a recebessem... por criada.

⁶⁸ Pegando na mão de Eufêmia e chorando.

⁶⁹ Em tom forte.

EUFÊMIA ⁷⁰

Mal posso respirar... não, mãe querida ⁷¹,
Não chegareis a tanto abatimento,
Para ser menos duro o vosso estado.
Eu sofrerei por vós minha importuna ⁷²,
Amargurada vida, e desde agora
Não cuidarei senão de consolar-vos,
De vos vingar de um filho. Eu posso... aquela
Parenta, que do claustro semiviva
Me tirou nos seus braços, e somente
Me viu neste lugar fazer um voto,
Que eu ocultar queria a vós e ao mundo,
Aquele coração tão generoso
Me deixou alguns bens... ⁷³ Eu vo-los cedo.
Além deste socorro diminuto,
Tenho o lavor de minhas mãos, Senhora.
Sacrificarei tudo, e morreria
Mil vezes, cara mãe, para mostrar-vos
O meu constante amor...

CONDESSA ⁷⁴

E amas-me ainda,
Ó filha! E não te lembras...

⁷⁰ *Caindo nos braços de sua mãe, e depois de uma longa pausa.*

⁷¹ *Arrebatada e chorando.*

⁷² *Com fervor.*

⁷³ *Rapidamente.*

⁷⁴ *Abraçando-a.*

EUFÊMIA

Ah! Tratemos
Só de vós. Aqui tendes outra filha ⁷⁵,
Ela é digna de nós, ela é sensível,
E gosta de prestar aos desditosos;
Vereis sua ternura e seus desvelos.

CONDESSA

Já do seu coração recebi provas ⁷⁶
De sincera piedade, e agradecida... ⁷⁷

SOFIA ⁷⁸

Não mais que um sentimento infrutuoso
Encontrastes em mim. Se eu ser-vos útil
Pudesse, graças mil ao Céu rendera,
Que vos deve amparar. Dele é que nascem
O sossego, a ventura: ele só pode
Socorrer, levantar os abatidos;
Mas eu talvez aqui vos sou molesta... ⁷⁹

CONDESSA ⁸⁰

Não, ficai. Nós teríamos segredos
Para vós? Publicai suas virtudes ⁸¹,
Meu arrependimento, a dor e o pranto,

⁷⁵ *Apontando para Sofia.*

⁷⁶ *Com voz terna.*

⁷⁷ *Dando a mão a Sofia.*

⁷⁸ *Para a Condessa.*

⁷⁹ *Dá alguns passos para se retirar.*

⁸⁰ *Levantando-se.*

⁸¹ *Mostrando a filha.*

Que o remorso me custa; os benefícios
De uma filha, a quem eu...

EUFÉMIA ⁸²

Com esse excesso
Vós é que me obrigais. Nós poderemos
Viver, e chorar juntas... mas em breve,
Cara mãe, cerrareis meus olhos tristes.

CONDESSA

Tu é que hás de fechar os meus, ó filha.

EUFÉMIA

Não pensemos senão em confortar-vos.
Vamos ⁸³.

CONDESSA ⁸⁴

Que vejo, ó Deus!

SOFIA

Todas as noites ⁸⁵
Nos manda a nossa lei que descansemos
Nesse leito da morte. Um terror pio
Nele nos acompanha, e nos presenta
O fim, que para nós está guardado.

⁸² *Abraçando-a.*

⁸³ *Dá-lhe a mão.*

⁸⁴ *Vendo a tumba e recuando assustada.*

⁸⁵ *Para a Condessa.*

EUFÊMIA ⁸⁶

Sim, ó mãe, o meu tálamo é aquele ⁸⁷.
Logo vos contarei meus males todos.
Não me desampareis. Acabem hoje ⁸⁸
Estas agitações que me atormentam.
Acelerai o instante em que a minha alma
Deve ser consolada e socorrida
Por esse anjo de paz, que o Céu lhe manda.

ATO II

Ergue-se o pano, vê-se uma capela, um altar a um lado e um peristilo ou colunata no fundo do teatro.

CENA I

Eufémia e Sofia, ambas prostradas, uma defronte do altar, a outra a um dos lados.

SOFIA

Ó tu, cuja grandeza testificam
Os altos benefícios que semeias,
Tu, cuja graça os corações conquista,
Ó Deus! Ó Pai benigno! Tem piedade
Da minha triste amiga, ouve meus rogos,
Desce ao peito de Eufémia, substitui
Àquele ardor profano a pura chama

⁸⁶ Dando um gemido.

⁸⁷ A Condessa a estas últimas palavras chora, olha com ternura para a filha e cai-lhe nos braços. Eufémia, depois de uma grande pausa, diz a sua mãe:

⁸⁸ Para Sofia.

De tua santa Fé, teu amor santo;
Presta-lhe armas, Senhor, contra os sentidos!
Desprezarás as lágrimas, as preces,
Qu'á teus pés derramamos? Ah! Foi feito
De Eufémia o coração para adorar-te,
Para se encher de ti. Deus poderoso,
Que a desesperação, que a dor lhe observas,
Acode, acode à mísera, e triunfe
O remorso, que n'alma lhe murmura.

EUFÉMIA

Asilo do infortúnio, altar sagrado
De um Deus consolador, único apoio,
Onde, já sem paciência, e já sem forças,
Do peso de meus males me alivio ⁸⁹,
Eu te abraço, eu te of'reço estes remorsos,
Em soluços e em lágrimas nutridos.
A minha aflita mãe quis ocultá-las ⁹⁰,
Mas um pranto saudoso em cuja origem
Tanto me enlevo... oh Céus!.. detido há muito,
Quer correr, quer correr, e os sufocados
Suspiros já no peito me não cabem.
A meu pesar consome-me um incêndio
Criminoso, amo, adoro um vão fantasma:
Ele a paixão sacrílega me excita,
Que esperança não tem com que se alente;
Ele, em lugar de um Deus, dá leis nesta alma,
E, sempre vencedor, surge da Terra
Para assaltar-me, ó Céu...! ⁹¹ Para assaltar-te.
Trago em meu coração todo o veneno,

⁸⁹ *Abraça com transporte o ângulo do altar.*

⁹⁰ *Para Sofia.*

⁹¹ No original, «Céu..!»

Todo o fogo de amor, trago os sentidos
Em contínuo tumulto, e não dif'renço
Quais são os sentimentos que me regem.
Como que dois espíritos opostos,
Lutando dentro em mim, me despedaçam.
Ó minha religião... É o mais frouxo
Para ti! Mas tu deves dominar-me;
O meu estado, a honra, os Céus o querem:
Tudo, enfim, me condena, opõe-se tudo
À Paixão, que por ti, Sinval, me inflama.
A esposa de um mortal deve guardar-lhe
Fé sem limites; e de um Deus a esposa...
Justos Céus! De mim própria me horrorizo... ⁹²
E ainda o seu ministro em meu socorro
Não chega! Ó Deus, que ofendo, ó Deus, que imploro ⁹³,
Tu, que hoje minha mãe me restituíste,
Ah! Completa, Senhor, teus benefícios,
Ou... manda que eu no túmulo repouse.
Negarás, Deus eterno, às minhas cinzas
O sossego que em vida obter não posso ⁹⁴?
Minha mãe ⁹⁵!

CENA II

Eufémia, a Condessa.

EUFÉMIA ⁹⁶

A que vindes?

⁹² *Olhando para a colunata.*

⁹³ *Prostra-se mais profundamente.*

⁹⁴ *Vendo que entra a Condessa.*

⁹⁵ *À parte, e sobressaltada. Sofia se retira.*

⁹⁶ *Ergue-se, perturbada.*

CONDESSA

A teus braços ⁹⁷,
A ter parte nas mágoas que te afligem,
Que mitigar quisera... ah! Eu devia,
É verdade, evitar tua presença.
Olhar ao benfeitor confunde e acanha;
Mas eu te amo, Constança, eu te amo tanto,
Que saudosa procuro os teus afagos,
E... gemes? Tua sorte...

EUFÊMIA

A minha sorte!
É suave, é feliz porque a meus braços
O Céu vos conduziu. Não foi por falta
De amor que me escondi aos vossos olhos... ⁹⁸
Eu não fujo de vós... não, mãe querida...
Vim a este lugar... vim... humilhar-me
Ante Deus... ai de mim!... Eu lhe implorava... ⁹⁹

CONDESSA

Desfalece-te a voz...! ¹⁰⁰ Voltas os olhos
Para ocultar-me as lágrimas que vertes!

⁹⁷ *Abraçando-a.*

⁹⁸ *Inquieta.*

⁹⁹ *Pronuncia estas últimas palavras com voz desfalecida.*

¹⁰⁰ No original, «vós..!»

EUFÊMIA ¹⁰¹

Ah! Se eu pudesse, ó mãe, nesta corrente ¹⁰²
Expelir minha dor, meu mal e a vida!
Já sem mando a Razão, tentou de balde
No peito ansioso refrear-me o pranto,
Debalde me esforcei para encobrir-vos
Um triste coração que não somente
Nas lágrimas, nos ais se manifesta,
Mas até no silêncio. Constrangido
De intoleráveis penas, vai mostrar-vos
O seu estado, a chaga que o devora,
E que, em vez de curá-la, o tempo agrava.
A multidão vereis dos meus tormentos...
Minha mãe, recordai a origem deles,
E... deveis perceber-me...

CONDESSA

Quê!? Renovas
Ideias tão terríveis? Hei de, ó filha,
Hei de avivar um quadro que tomara
Apagar com meu pranto, e com meu sangue!...
Querida benfeitora, ah! Longe, longe
Essa imagem cruel: nela consiste
O meu castigo, e tu me perdoaste.

EUFÊMIA ¹⁰³

Vós, Senhora, é que haveis de conceder-me
Um perdão, que prostrada vos imploro.

¹⁰¹ Como transportada pela aflição, caindo nos braços da mãe e banhada em lágrimas.

¹⁰² Depois de grande pausa.

¹⁰³ Beijando-lhe a mão.

Eu, cometendo involuntário crime,
Eu sou quem vos ofende. Sim, guardemos
Inviolável silêncio nos meus males.
Um Deus, um Deus que rege os nossos Fados,
Me encaminhou, sem dúvida, aos altares.
Falemos só do amor com que desejo
Contentar minha mãe, só da ventura,
Do prazer que eu teria em consolar-vos;
Falemos... ¹⁰⁴ Não, não posso reprimir-me,
Não sei conter o ardor que me impacienta;
Falemos... desse objeto...

CONDESSA

Qual?

EUFÉMIA

Meu pranto, minha perturbação vo-lo nomeia...
Que frenesi! Que angústia!... Eu ardo..., eu morro...
De Sinval... ¹⁰⁵

CONDESSA

De Sinval!

EUFÉMIA

Sim, desse, desse
Despótico senhor de um coração,
Cada vez mais amante e mais chagado.

¹⁰⁴ *Enternece-se-lhe mais a voz.*

¹⁰⁵ *Depois de um longo silêncio.*

CONDESSA

Que fiz, Céus! E inda, filha, te possui,
Te inflama essa paixão?

EUFÊMIA ¹⁰⁶

Mais do que nunca,
E o sossego, o dever lhe sacrífico.
Digo-o, carpindo a vossos pés, morrendo,
E atestando este Deus, que me abandona ¹⁰⁷,
Que me vê cada dia, atribulada,
Vir de rojo ao altar... e não me escuta...
Dez anos de combates dolorosos,
De lágrimas, de preces, o cilício
Chegado ao coração, tinto em meu sangue;
O terror, que comigo se reclina
No féretro medonho, o tempo, a morte,
A morte, que destrói, que absorve tudo,
Desarraigar não podem da minha alma
A violenta paixão com que deliro.
Uma sombra, teimosa em perseguir-me,
Vontade e pensamentos me arrebatam,
A sombra de Sinval... Eis o atentado...
Ó Céu! Tu ouves isto e não tropeças!
Eis o objeto em que ocupo a noite e o dia,
Eis o Deus, a quem sirvo, a quem adoro,
A quem consagro incensos nos altares!
Por cinzas sou rebelde às leis do Eterno...
Que digo, miserável! Ai! Perdoa,
Deus vingador, perdoa...! A Graça tua...

¹⁰⁶ *Arrebatada.*

¹⁰⁷ *Apontando para o altar.*

Toda a minha razão me desampara ¹⁰⁸.
Ah mãe! Ele morreu? Que negra sina...
Nosso amor... meu destino... Eu fui a causa
Da morte do infeliz!

CONDESSA ¹⁰⁹

Oh minha filha!
Quanto a meus próprios olhos sou culpada!
Tua mãe... tua mãe foi teu verdugo!
Eu cavei esse abismo em que tu jazes!
Eu te entranhei no peito esses tormentos,
Esse fogo sacrílego, os remorsos,
A funesta paixão que te consome ¹¹⁰!
Toda a tua virtude, ó filha, exerce
Co'ra criminoso mãe. Se acaso ainda
Fosse vivo Sinval...

EUFÊMIA

Se fosse vivo ¹¹¹!
Sinval...! Oh quão feliz eu me chamara!
Quão leve por tal preço me seria
Este jugo perpétuo que me oprime!

CONDESSA

Poderei suavizar tua amargura,
Minha filha! Ouve... todos os meus crimes.

¹⁰⁸ *Transportada.*

¹⁰⁹ *Chorando e apertando Eufêmia nos braços.*

¹¹⁰ *Tendo-a chegada ao peito.*

¹¹¹ *Em tom rápido.*

EUFÉMIA

Será vivo Sinval ¹¹²!

CONDESSA

Eu desejava
Apressar o momento em que aos altares
Fosses ligada pelo sacro voto,
E do mundo e de mim te separasses
Para sempre; um rumor súbito e falso
Te feriu, te aterrou; fingi a morte...

EUFÉMIA

Sinval, Sinval é vivo!

CONDESSA

Assim o creio.

EUFÉMIA

Ah que o meu coração não é bastante...
A ventura... os transportes... Vive!... Vive!... ¹¹³
Céu! Nos meus dias teu rigor se farte...
Quanto me consolais! Sinval respira!...
Deus! Seja ele feliz... morra eu mil vezes ¹¹⁴.
Mas... amava-me tanto, e abandonou-me?...

¹¹² *Arrebatada.*

¹¹³ No original, «vive!. Vive..».

¹¹⁴ *Depois de estar calada um pouco.*

CONDESSA

Inda te não contei... que vou dizer-te!

EUFÉMIA

Deixou de amar-me? Se assim é, calai-mo,
Por quem sois ¹¹⁵.

CONDESSA

Não, Sinval te idolatrava.
É forçoso dizer-te o que eu quisera
Ocultar a mim mesma! O que estimula
Meus remorsos!

EUFÉMIA

Falai.

CONDESSA

Que novo golpe
Te vai dar tua mãe! Sinval, que morto
Julgaste, acreditou, por minha indústria,
Que morrerás também.

EUFÉMIA

Deus! Que mais queres?

¹¹⁵ *Rapidamente.*

CONDESSA

De amor e de aflição desesperado,
Fugiu, sumiu-se, e dele se não sabe...

EUFÊMIA

Sinval é morto, é morto. Eu exp'rimento
Quanto custa perder o que mais se ama.
Nem ousou duvidar, é morto, é morto...
Mas porque hei de nutrir tão negra ideia?
Sinval, Sinval, talvez, menos sensível
Ao anúncio cruel da minha morte
Do que eu fui ao rumor fatal da sua,
Resistir poderia... e consolar-se.
Capaz de amar como eu quem há no mundo?
Que disse! Pode ser que já cativo
De outro objeto... nos braços de uma esposa...
Que horror! Oh Céus! Faltava-me o ciúme!
E em zelosa paixão também me abraso!
Aonde me arrebatava um amor cego
Que tudo sacrifica a seus furores!
Só deploro o meu mal neste momento...
Ah! Nada, senão tu, Sinval, me importe;
Vive e morra Constança. Em te esqueceres
De mim não és ditoso? Eu quereria
Às minhas aflições associar-te!
Ai de mim! Que, indecisa em meus desejos,
Sem valor, sem razão, sem alvedrio,
Sempre mais infeliz, mais criminosa,
Não distingo, não sei se antes quisera
Morto a Sinval, que vivo, e de mim longe...
Não, não posso domar a atroz suspeita.
Vede minha paixão, minha loucura;
Imaginastes dar-me algum conforto,
E aumentastes, Senhora, o meu martírio.
Todos os fogos, os venenos todos

Me abrasam, me devoram, me consomem;
Frenética me aparto dos altares,
Onde jurei sofrer meu jugo eterno;
Of'reço o peito à seta, que o traspassa,
Desesperado amor é quem me inspira...
Anseia-me este véu... o esposo ultrajo,
Ultrajo um Deus... temendo-lhe o castigo.

CENA III

As mesmas, Cecília.

CECÍLIA ¹¹⁶

O ministro, em quem brilha um zelo santo,
O órgão do Céu, Teótimo, o prudente...

EUFÊMIA

Já chegou ¹¹⁷?

CECÍLIA

Brevemente há de falar-vos.

¹¹⁶ *A Eufémia.*

¹¹⁷ *Com ardor.*

EUFÊMIA

Ah! Se ele me tornasse o meu sossego ¹¹⁸
Suspiro pelo ver e por ouvi-lo,
Por descobrir-lhe esta alma, por mostrar-lhe
Meus desgostos, meus erros...

CECÍLIA

Dizei antes
Delitos, atentados que mui tarde
Costuma Deus punir, mas não perdoa.

EUFÊMIA

Ai! Sempre haveis de armar-lhe a mão piedosa?

CECÍLIA

Eu antes que Teótimo vos veja
Preciso de falar-lhe. Ide e lembrai-vos
De que o Céu já se enfada de sofrer-vos;
E talvez um momento, um só momento
Tenhais para expiar a horrenda culpa.
Quando for tempo, mandarei chamar-vos.

EUFÊMIA ¹¹⁹

Ah minha irmã!

¹¹⁸ *Do mesmo modo.*

¹¹⁹ *Em tom mavioso.*

CECÍLIA ¹²⁰

Privai-vos desse nome.
Minhas irmãs o meu exemplo seguem,
E a Mão do Omnipotente as abençoa.
Ide ¹²¹.

CENA IV

CECÍLIA, só.

Ó Deus vingador! Castiga o crime,
Fogo dos Céus a vítima consuma:
Pedem tua Justiça e tua Glória,
Que, apesar da clemência, a dê à morte.
Para te conhecerem, vibra, espalha
A chama de teus raios sobre a Terra,
Em lugar de saudável, doce orvalho.
Pouco te manifestas na indulgência:
Reconhece-se um deus pelos castigos.
Eufémia atrai o anátema horroroso.
Deve-se à tua altíssima Grandeza
Ingénua adoração, pura homenagem,
E eu, prostrada ante as aras, a que desces,
Submissa às tuas leis, te sirvo e temo.

¹²⁰ *Com soberba e indignação.*

¹²¹ *Eufémia, cheia de aflição, é conduzida por sua mãe, que a leva entre os braços.*

CENA V

Teótimo ¹²², Cecília.

CECÍLIA ¹²³

Perdoai-me, Senhor, se eu interrompo
O vosso respeitável ministério,
Chamando-vos aqui, quando os altares...

TEÓTIMO

O primeiro dever é sermos úteis:
Pia mão, de que o próximo careça,
Deve pôr o turbulo ¹²⁴ de parte.
Que me quereis?

CECÍLIA

Segundo a vossa fama...

TEÓTIMO

Meus ouvidos não andam costumados
A estilo semelhante. Esses obséquios,
Essas adulações são para o mundo,
Que o seu orgulho vão mantém com elas.
A verdade é quem deve dirigir-nos,
Os meios de enganar não nos pertencem.
Não tenho mais do que um desejo estéril

¹²² *Tem um ar contemplativo e traz a cabeça inteiramente oculta com o hábito.*

¹²³ *Caminhando para Teótimo e inclinando a cabeça.*

¹²⁴ *Vaso em que se queima incenso nos templos.*

De valer aos mortais, já vo-lo disse.
Que motivo a chamar-me vos obriga?

CECÍLIA

Minha alma, submetida a seus deveres,
Fiel, temente a Deus, não é que invoca
O vosso auxílio: quem precisa dele
É uma nossa irmã, que, presa ao mundo,
Vergonhosa paixão conter não pode,
Que leva um feio escândalo aos altares,
Que espalha o mau exemplo, a rebeldia
De um coração, indócil a seus votos,
Que arde num fogo, que apagar devera,
Obedecendo aos Céus, enfim... que morre
De um louco amor...

TEÓTIMO ¹²⁵

É digna de piedade!

CECÍLIA

Desejara, Senhor, que vós com ela
Usásseis do terror e do ameaço,
Em nome de um Deus justo e de vingança;
Que opusésseis a cólera divina
À sua paixão cega, e lhe mostrásseis
O raio aceso já, o Inferno aberto...

¹²⁵ *Com um suspiro.*

TEÓTIMO

Antes lhe mostrarei, para atraí-la,
Um Deus digno de amor, que nos perdoa.

CECÍLIA

E julgais esse método seguro?

TEÓTIMO ¹²⁶

Confiai-vos numa alma... que, sensível,
Há de co'a proteção do Omnipotente,
Co'a luz do Céu reconduzir ao jugo
Vossa irmã desgraçada e lamentável.
Eu a espero.

CENA VI

TEÓTIMO, só.

Que orgulho! Que dureza!
Na sua devoção bravia, amarga,
Ela imagina um Deus que, rigoroso,
Lhe tropeja na boca! E não veremos
Jamais um doce vínculo enlaçar-te,
Divina religião, co'a natureza?
Sempre em nome do Eterno hão de haver ódios?...
Oh míseros humanos!

¹²⁶ Com alguma pausa.

CENA VII

Teótimo, Sofia.

TEÓTIMO

O Céu mesmo
Se dispõe, minha irmã, para escutar-vos,
Para dar lenitivo às vossas penas.

SOFIA ¹²⁷

Sei a minha fraqueza ou o meu nada;
Dos celestes socorros necessito:
O humano coração sempre anda em guerra.
Conheço muito bem que estamos sempre
Em risco de cair pela cegueira
Com que a nossos sentidos nos prendemos;
Mas a desgraça de uma irmã, que choro,
É o objeto, que a vós, Senhor, me guia;
Ela requer, gemendo, o vosso auxílio;
Ah! Vede se abrandais seu duro estado:
Continua languidez lhe gasta a vida.
Venho implorar-vos a favor da triste,
Digna de amar um Deus, que vê seu pranto.
Um coração, sensível por extremo,
Deu motivo a seu mal, aos seus desastres.
Vós é que podereis esclarecer-lhe
O espírito enlutado e consolá-la,
Erguendo-lhe a vontade, o pensamento
Àquele que merece os nossos cultos,
Ao Deus que satisfaz nossos desejos.
Dignai-vos por quem sois de afiançar-lhe

¹²⁷ *Com modéstia.*

A clemência dos Céus, e perdoai-me
Se temerária toco a Luz sagrada
Com que vindes piedoso iluminar-nos:
Mas... eu de minha irmã conheço o génio;
Facilmente ao terror...

TEÓTIMO

Que se esperance
No Deus, a cujo amor tão docemente
Chamais os corações. Eis a linguagem
Da pura religião. Quanto horroriza
O ímpio zelo de espírito intratável,
Que, não podendo amar um Deus benigno,
Sempre contra os mortais o finge armado!

CENA VIII

Eufémia ¹²⁸, Teótimo, Sofia.

SOFIA ¹²⁹

Ei-la ¹³⁰.
Não, não temais, querida amiga,
Vinde, o Céu condoído vos protege,
Sua Graça eficaz por vós espera:
Abri-lhe o coração. Já possuímos
Este consolador santo e piedoso ¹³¹,

¹²⁸ *Traz o véu caído no rosto e vem andando com temor.*

¹²⁹ *A Teótimo, mostrando-lhe Eufémia.*

¹³⁰ *Caminha para Eufémia, dá-lhe a mão e movem ambas alguns passos pelo teatro.*

¹³¹ *Conduzindo-a para Teótimo.*

Eu vos deixo com ele... ¹³² Ó Pai supremo!
Exerce o teu poder: neste triunfo
Interessa, meu Deus, a glória tua.

CENA IX

Teótimo, Eufémia. ¹³³

TEÓTIMO

Chegai, prezada irmã. Que vos soçobra?
Meu gosto, meu dever é confortar-vos,
Ter parte em vosso mal, dar-lhe remédio.
As humanas paixões quem não conhece?
Ah! Quem é tão feliz, que não sentisse
Jamais as amargosas consequências
Desses prazeres vãos que nos iludem?

EUFÊMIA ¹³⁴

Ai!

TEÓTIMO

Valor ¹³⁵, minha irmã, comunicai-me
Vossas tribulações, falai sem susto.
Mais de uma esposa do Senhor, mais de uma
Como vós suspirais tem suspirado.
Está convosco uma alma compassiva;
Sentai-vos.

¹³² *Retirando-se.*

¹³³ *Eufémia mostra-se perturbada, está ainda longe de Teótimo e tem sempre o véu caído.*

¹³⁴ *Dando alguns passos e levando o lenço aos olhos.*

¹³⁵ *Coragem.*

EUFÊMIA ¹³⁶

Ai de mim! Não sei por onde
Hei de principiar... tendes à vista
Uma esposa sacrílega do Eterno,
Uma infeliz mulher, que ora se humilha
À face dos altares, ora os foge;
Que opõe laço profano ao sacro jugo,
Que anda sempre consigo em viva guerra,
Obrigada, atraída, já da culpa,
Já do arrependimento; em vão lutando
Co'uma paixão violenta; o véu no rosto...
No peito... o amor... ¹³⁷

TEÓTIMO ¹³⁸

O amor... é necessário ¹³⁹
Vencê-lo...

EUFÊMIA

Porém, como?

TEÓTIMO

É necessário ¹⁴⁰
Um divórcio total co'a natureza:
Os nossos corações a Deus competem.
Das sagradas Verdades prescindamos

¹³⁶ *Pára um instante e senta-se depois; Teótimo faz o mesmo. As suas cadeiras estão em [sic] alguma distância. Eufémia dá um grande suspiro e fica alguns momentos calada.*

¹³⁷ *Diz estas palavras em voz baixa.*

¹³⁸ *Perturbado.*

¹³⁹ *Sossega-se.*

¹⁴⁰ *Continuando.*

Um momento, valendo-nos somente
Do que a luz da Razão nos apresenta.
Examinemos, pois, as consequências
Da paixão, que produz tantas desgraças,
Do amor, que nos convida ao precipício,
Cobrando-o de mil flores, ah! Que esperam
Os tristes corações a amor entregues?
O interesse, o perjúrio ou o capricho
Nos privam do que amamos... E se acaso ¹⁴¹
Ardemos em recíproca ternura,
Eis a morte... que dor!... a cruel morte
Nos rouba para sempre aquele objeto
Que os nossos pensamentos encantava;
Ela surda... insensível a gemidos...
Irmã, somente a Deus amar devemos ¹⁴².

EUFÉMIA

Ele me fala pela vossa boca:
Mas não podeis saber do amor qual seja...

TEÓTIMO ¹⁴³

Sei... ¹⁴⁴ Falai, minha irmã, e há quanto tempo ¹⁴⁵
No santo domicílio da virtude
Conservais esse afeto perigoso?
A amizade vos ouve: abri com ela
O vosso coração.

¹⁴¹ *Embaraça-se-lhe aqui a voz.*

¹⁴² *Depois de uma grande pausa e arrebatadamente.*

¹⁴³ *Vivamente.*

¹⁴⁴ *Torna em si.*

¹⁴⁵ *Mudando de tom.*

EUFÊMIA ¹⁴⁶

Minha alma ansiosa...
Alimenta este fogo há já dez anos.

TEÓTIMO ¹⁴⁷

Há já dez anos!

EUFÊMIA

Meu amor se aumenta
Com meus dias. Em vão para vencê-lo
Uno todas as armas; em vão clamo
Pelo favor do Altíssimo; em vão rego
Com lágrimas seu templo, seus altares,
E o leito funeral, donde comigo
Se ergue o crime e o remorso; ao santuário,
Ao próprio santuário me acompanha
Este amor implacável! Mesmo agora,
Agora a vossos pés, mais do que nunca,
Me desatina, e sinto repassado
Todo o meu coração deste veneno.
Pouco mais de três lustros contaria
Ai de mim!... Quando amei, e fui amada;
E quem, quem me of'recia a mão de esposo?
Quem jurava a meus pés amor tão puro,
Tão fiel, tão suave?... O mais perfeito,
O melhor dos mortais; nele brilhavam
Todos os dons do Céu, da Natureza:
Virtuoso, gentil, amável, digno
Até de adoração...

¹⁴⁶ *Com voz lânguida.*

¹⁴⁷ *Com um suspiro.*

Ah! Moderai-vos,
 Minha irmã; que dizeis! Escandecido
 O vosso coração...

EUFÊMIA

Sempre está cheio
 Desta imagem fatal. Eu desejara...
 Ó Deus eterno! A meu pesar te ultrajo...
 As tochas do Himeneu já se acendiam,
 Formavam-se no altar os laços puros
 Que haviam de ligar-nos para sempre,
 Quando mão poderosa... que venero,
 Súbito os despedaça, e com violência
 Levando ao sumo grau minha agonia,
 Nos divide, e num claustro me sepulta.
 Saio, enfim, deste cárcere, mas torno
 Pouco depois a ele, e para nunca,
 Nunca jamais aparecer no mundo,
 Para avivar na solidão o incêndio
 Dum infeliz amor desesperado,
 Para morrer tragada e consumida
 De negros, melancólicos furores.
 Tinham-me dito, oh Céus! que o doce objeto
 De meus ternos suspiros era morto...
 Ele vive, ele goza a luz do dia,
 A luz que brevemente há de faltar-me.
 Devia esta notícia dar-me alívio,
 Devia... minha dor não tem remédio,
 Não tem... posso morrer, porém, vencer-me,
 Desterrar da minha alma estas memórias,

¹⁴⁸ *Vivamente.*

Efeitos de indomável simpatia,
Detestar o meu crime... ah! Não, não posso...
Amo cada vez mais ¹⁴⁹.

TEÓTIMO

Ó desgraçada!
Que piedade me inspira a vossa angústia!
Ah! Devo-a lamentar. Se vós soubésseis...
Perturbado eu também... dentro em minha alma,
Dentro em meu coração cai esse pranto.
Sim, eu choro convosco: à minha custa
Aprendi a carpir essas desgraças...
Triste lembrança, ainda me persegues!
Ja perdendo o acordo, irmã... E eu devo
Suster a compaixão, que vos desculpa.
A voz do meu sagrado ministério
Com lástima vos mostra o precipício
A que próxima estais. Arrancai d'alma
O pernicioso amor, cujos transportes
(Ainda os mais suaves) são furores.
É crime muitas vezes; é fraqueza
Quase sempre, e é em vós um atentado
Contra o Céu. Minha irmã, já vo-lo disse:
Deus só deve atrair nossas vontades,
Reinar, viver em nós, desvanecer-nos
Estas quimeras e ilusões do mundo;
Em Deus, somente em Deus, é que se funda
O puro amor e a sã felicidade...
E vós, vós Sua esposa, à Face d'Ele
Perjura conservais profanos laços!
O Sacrário, onde jaz, onde repousa ¹⁵⁰,

¹⁴⁹ *Chorando e com a cabeça inclinada sobre as mãos, que tem juntas.*

¹⁵⁰ *Aponta para o altar.*

E este claustro, esse véu, tudo, enfim, tudo
Como que quer falar para acusar-vos;
Tudo a vossa ignomínia e vosso pranto
Conduz ao tribunal de um Deus zeloso:
Ele contas vos pede, ergue a balança,
Pesa os favores seus, vossas fraquezas,
Desatinos, traições, ah! Que resposta
Lhe dareis?

EUFÉMIA ¹⁵¹

Esperai, santo ministro.
Que me cumpre fazer para aplacá-lo?
Dizei, dizei, que eu me resigno a tudo.

TEÓTIMO

Esquecer esse objeto... ¹⁵²

EUFÉMIA

Ah! Esquecê-lo!

TEÓTIMO

Consumir té o mínimo vestígio
De uma imagem tão cara e tão nociva
Ao vosso coração; numa palavra,
Remover, desterrar tudo o que pode
Nutrir essa paixão pecaminosa,
Fazer-vos mais difícil o triunfo.

¹⁵¹ *Perturbada.*

¹⁵² *Enternecido.*

EUFÊMIA

Do mundo e dos sentidos afastada,
Ao pé do meu sepulcro, em ais desfeita,
Sem ofender o Céu guardar não posso
De um amor infeliz os testemunhos?

TEÓTIMO ¹⁵³

A mínima lembrança é um delito.

EUFÊMIA ¹⁵⁴

Pois não quero enganar ao Deus que me ouve.
Sim, cruel... arrancai-me o coração ¹⁵⁵.
Eis estes monumentos... da mais viva,
Da mais doce ternura, eis estas cartas ¹⁵⁶
Ainda humedecidas de meu pranto,
Guardadas atégora... no meu peito,
E único alívio de um amor funesto...
É preciso (ai de mim!) que eu perca tudo,
É preciso apurar o meu tormento ¹⁵⁷.
Tomai-as, mas de balde as sacrifico,
Que no meu coração as trago escritas...
Ah! Morrerei de as dar... mas não importa:
A minha morte, ó Céu, há de abrandar-te.
Lede, lede, e julgai se amar devia... ¹⁵⁸
Não respondeis!... Falai... Senhor... minha alma... ¹⁵⁹

¹⁵³ *Em tom compassivo.*

¹⁵⁴ *Com fervor e intrepidez.*

¹⁵⁵ *Leva a mão ao peito.*

¹⁵⁶ *Tira do peito um maço de cartas.*

¹⁵⁷ *Dando-lhe as cartas.*

¹⁵⁸ *Enquanto ela diz estes últimos versos, Teótimo olha para as cartas e desmaia sobre a cadeira.*

¹⁵⁹ *Levanta o véu.*

Ai! Tem no rosto a palidez da morte!...
Deus, castigá-lo-ás tu por apiedar-se
Das minhas aflições? É necessário ¹⁶⁰
Socorrê-lo... ¹⁶¹
Sinval! Não posso... eu morro ¹⁶².

TEÓTIMO ¹⁶³

Torno a ver o meu bem! Constança é viva!
Eu estou a seus pés! Embora, embora ¹⁶⁴
Se escandalize o Céu, meu juramento,
Minha prisão, meus votos se quebraram.
Ó santa religião!... Já não te atendo.

EUFÊMIA ¹⁶⁵

Sinval!... És tu! Sinval!... ¹⁶⁶

TEÓTIMO ¹⁶⁷

Sim, minha amada,
Sim, sou eu que te adoro, eu, que há dez anos,
Consumido de amor e de tristeza,
Não deixei de carpir-te um só momento;
Sou eu, sou eu, meu bem, que ao menos quero
A teus pés expirar.

¹⁶⁰ *Corre para ele.*

¹⁶¹ *Teótimo tem agora a cabeça inteiramente fora do hábito.*

¹⁶² *Vai também cair desmaiada sobre a cadeira.*

¹⁶³ *Tornando a si pouco a pouco, abre enfim os olhos, volta-os para Eufémia e corre arrebatadamente a lançar-se a seus pés, pegando-lhe na mão, que banha de lágrimas.*

¹⁶⁴ *Com furor.*

¹⁶⁵ *Recobrando os sentidos.*

¹⁶⁶ *Ela recai no mesmo desfalecimento.*

¹⁶⁷ *Ainda a seus pés.*

EUFÊMIA ¹⁶⁸

Ai triste! Aonde
Nos reúne o Destino! Sem podermos
Dispor de nós... ah!... Morreremos juntos.

TEÓTIMO

Não, tu não morrerás, não, vive... vive
Para ver-me adorar tuas virtudes,
Teus encantos...

EUFÊMIA

Que dizes, desgraçado?
Que insânia! Treme, e vê quem nos separa.

TEÓTIMO ¹⁶⁹

Tornaremos a unir-nos, tornaremos ¹⁷⁰.
Sem me esquecer de ti, fui cativar-me.
Triste e falsa notícia acreditando,
Sim, proferi no altar um voto acerbo;
Porém, o meu primeiro juramento,
Dos juramentos meus o mais sagrado,
Foi adorar-te sempre... e hei de cumpri-lo.

¹⁶⁸ *Olhando em roda.*

¹⁶⁹ *Erguendo-se arrebatadamente.*

¹⁷⁰ *Em tom acelerado.*

EUFÊMIA ¹⁷¹

Amarmo-nos! Ardermos num profano,
Abominoso amor, que os Céus afronta!
Que intentas?

TEÓTIMO ¹⁷²

Inda ser mais criminoso;
Romper todos os laços que me oprimem;
Remir um coração, que te pertence;
Excitar-te a sair de um férreo jugo;
A deixar neste cárcere penoso
Gemer tuas irmãs, essas escravas;
Arrancar-te daqui, cruzar os mares;
Correr, se for preciso, ao fim do mundo;
Buscar algum remoto, escuro sítio,
Um rochedo escarpado, ou erma gruta,
Onde, desoprimindo os meus desejos,
Contente de te amar, e todo entregue
Ao terno, ao deleitoso sentimento
Que enfeitiça a minh'álma, eu possa, eu possa
Dar-te à face dos Céus, a mão de esposo ¹⁷³.
Sim, a própria verdade é que há de unir-nos:
O suave Himeneu foi a primeira
Precisão que sentiu a Natureza.
Ela nos prestará seus benefícios,
E para conservarmos nossos dias
Não nos há de, meu bem, ser necessário
Solicitar a lânguida piedade;
Soberbos corações em paz deixemos

¹⁷¹ *Erguendo-se.*

¹⁷² *Com todo o furor da paixão.*

¹⁷³ *Com vivacidade.*

Gozar de uma riqueza insultadora.
Viveremos, Constança, viveremos
Isentos da baixeza e da penúria.
Amo: espera de mim todo o possível.
Nenhum estado é vil para quem pensa:
A vileza consiste só no crime.
Minhas mãos... minhas lágrimas o seio
Da Terra abrandarão, que, a ti propícia,
Há de corresponder aos meus suores.
O nosso Protetor, o Eterno, o Justo,
O Amigo, o Pai de todos, as primícias
Terá dos nossos símplices trabalhos.
Cada vez mais fiéis, mais fervorosos,
Mais felizes, mais ternos, louvaremos
Um nume benfeitor. Os nossos filhos
Hão de este puro obséquo repetir-lhe:
A amá-lo como pai lhe ensinaremos.
Confiemo-nos, pois, no Sacrossanto
Senhor dos corações, Senhor de tudo,
Que alimentou sem dúvida até agora
Um inocente amor. Antes que o mundo
Sentisse a conjugal necessidade,
Minha alma por destino era já tua.
Ó Deus! Ouso atestar tua grandeza ¹⁷⁴
Sobre este mesmo altar ¹⁷⁵.
Eis, eu o juro,
Eis a esposa, a quem amo, a quem me entregam,
Me ligam para sempre o Céu e a honra.
Vem, segue-me ¹⁷⁶.

¹⁷⁴ *Depois de estar calado um pouco.*

¹⁷⁵ *Põe uma das mãos sobre o altar e com a outra pega na de Eufêmia.*

¹⁷⁶ *Para Eufêmia.*

EUFÉMIA ¹⁷⁷

É Teótimo quem fala?

TEÓTIMO

Não, quem fala é Sinval... o amor furioso.

EUFÉMIA

Que me propões!?

TEÓTIMO

O bem e o gosto de ambos.

EUFÉMIA

Dize a ignomínia. Ah! Eu, que desespero,
Que deliro, que morro de ternura,
Eu é que hei de salvar tua virtude
De uma indigna fraqueza; desviar-te
De horrível precipício, a que caminhas,
E recordar-te as leis, as leis sagradas,
Que infringes? Sai daqui ¹⁷⁸.

TEÓTIMO ¹⁷⁹

Ouve-me, escuta...

¹⁷⁷ *Parando.*

¹⁷⁸ *Dá alguns passos para se retirar.*

¹⁷⁹ *Seguindo-a.*

EUFÊMIA

Ah! Vai-te, não te atendo ¹⁸⁰.

TEÓTIMO ¹⁸¹

Hás de atender-me...

EUFÊMIA

Vai, parte, fuge... atônita a minha alma...
Voto, escrito no Céu, queres que abjure?
Não, some-te, infeliz, nem mais me vejas,
Não deixes nem vestígio de teus passos,
Voe da minha ideia até teu nome...
Caro amante... que disse...! Ah! É forçoso
Separar-nos; adeus... vai, fuge... deixa
Que eu morra, e... vive tu para chorar-me;
Vive, deixa-me... sê fiel ministro
Do Senhor ¹⁸².

TEÓTIMO

Não te deixo, inda que um raio
Me abraze ¹⁸³.

EUFÊMIA

Que cegueira! Ah desditoso!
Que queres?

¹⁸⁰ *Desviando-se.*

¹⁸¹ *Seguindo-a.*

¹⁸² *Dá alguns passos e pára.*

¹⁸³ *Eufêmia caminha para o fundo do teatro e Teótimo corre para ela, furioso.*

Ou morrer, ou possuir-te.

ATO III

Ergue-se o pano. O teatro representa um carneiro como os que há ainda nas nossas igrejas antigas. Nele se descobrem muitos túmulos de diferentes formas, alguns arruinados pelo tempo; sepulcros meio abertos, cujas pedras estão em grande parte quebradas; as paredes cheias de epitáfios; a um dos lados da cena, há uma escada com grades ou balaústres de pedra; defronte da escada, uma abóbada subterrânea e escuríssima. Na extremidade do carneiro se descobrem também outros sepulcros e pilares, que têm em cima urnas, emblema da eternidade; uma destas colunas está à boca do teatro. Notar-se-á que os sepulcros ficam nos lados da cena, para não ocultarem ao espectador coisa alguma da ação, que se finge na alta noite.

CENA I

EUFÉMIA aparece no topo da escada, com uma luz na mão, e extremamente ansiada. Olha à roda de si, ergue os olhos para o céu, caminha, tremendo, desce alguns degraus, torna a olhar para o céu, e encosta-se, como oprimida pela aflição, primeiro com uma das mãos, depois com a cabeça nas grades da escada; à força de grandes impulsos tenta retroceder; cai em um dos degraus, dando um gemido, fica alguns instantes nesta situação dolorosa, levanta-se, continua a descer com a mesma perturbação e dá alguns passos pela cena.

Rodeada de túmulos... de horrores,
Quase sem tino... trémula... indecisa...
Do remorso... e do Inferno acompanhada...

¹⁸⁴ Seguindo-a sempre.

Pelo clarão... da morte... os passos guio... ¹⁸⁵
Porque, porque não vem ferir-me ainda ¹⁸⁶?
Que promessa, meu Deus, soltei da boca!
Soltei do coração! E inda respiro!
Céus! Prometi... amar... quebrar... meu voto!
Hoje... logo o maior dos meus delitos
Há de ser consumado! Eu fujo, eu deixo
O santo asilo meu! Sinval por esta
Sombria, horrenda abóbada, que fora ¹⁸⁷
Dos claustros vai findar, favorecido
Da escuridade e solidão da noite,
Há de vir ter comigo, e para sempre
Esquecido de si, do meu estado,
De Deus, do mesmo Deus, há de roubar-me...
E para sempre!... E a hora... a hora é esta!
Ó momento fatal, que me horrorizas!
Desertora do altar, perdida amante,
Acuso minhas mãos de vagarosas
Por me não terem arrancado ainda
Da frente sem pudor este véu sacro,
Venerável penhor de uma fé pura;
Eu vou substituir-lhe os vãos enfeites
Da traição, do perjúrio, os sinais todos
Do errado mundo, e da arte sedutora,
Indignos monumentos do meu crime,
E da minha desonra! Vagueando
De clima em clima, estranha em toda a parte,
E desprezível a meus próprios olhos,
Eu me exponho, eu me arrisco, eu me sujeito
Aos males da desgraça e da ignomínia,
Ao destino do apóstata, à funesta

¹⁸⁵ *Dá alguns passos.*

¹⁸⁶ *Põe a luz sobre um sepulcro de forma quadrada; encosta nele as mãos e a cabeça por algum tempo, ergue-a depois, deixando uma das mãos sobre o sepulcro e olhando para o céu.*

¹⁸⁷ *Voltando os olhos para a abóbada.*

Precisão de abjurar a minha Pátria,
Meu nome, a proibidade e até... Deus mesmo.
Dada a cegos delírios, abandono
Minha mãe, de quem eu com meus desvelos
Mantinha a vida, consolava as mágoas;
Deixo-a morrer de dor e de penúria... ¹⁸⁸
Quem se esquece de Deus, da mãe se esqueça...
Não, lembre-me o dever, e o juramento...
Ó Deus! O teu poder em mim recobra,
Triunfa de Sinval, subjuga Eufémia,
E... di-lo-ei?... Só a ti prende a minha alma.
Não me exprimentes mais... Deus soberano,
Poderás tu sofrer competidores?
Aniquila a traição da insana amante,
E da esposa leal a fé reanima;
Ceda ao sagrado amor o amor profano;
Ou decreta o meu fim, manda que eu morra... ¹⁸⁹
Morrerei, morrerei, que não me custa
Perder de infausta vida o resto inútil...
Mas perder meu amor, Sinval! Perder-te!
Negar meu coração aos teus afagos,
Privar-me do prazer de ser só tua,
De fazer-te feliz, de consolar-te,
De te amar sempre mais!... Não é possível.
Apura o teu rigor, ó Deus severo,
Dobra-me as aflições, tira-me a vida,
Que não hás de apagar minha ternura... ¹⁹⁰
Ah! Mulher cega! Aonde te arrebatas
Um frenesi que os raios desafia?
Atreves-te a dizer que a mão do Eterno
Não pode reprimir o ímpeto, o fogo

¹⁸⁸ *Afasta-se do sepulcro arrebatadamente e vem ao meio do teatro.*

¹⁸⁹ *Com ímpeto.*

¹⁹⁰ *Vem ao meio da cena, unindo as mãos e erguendo-as logo para o céu.*

Da paixão que os sentidos te rebelam!...
Ele já te não quer por sua esposa;
Farto de te sofrer, de si te expulsa;
Não julgues que é contigo o que era dantes:
É teu Senhor, é um Juiz supremo,
Que profere, colérico, a sentença
Da tua morte. Espera, Deus terrível...
Mas quê! O coração sem agravar-te ¹⁹¹
Não pode aproveitar sua existência,
Dar-se ao prazer de amar, de ser amado!
Quem acendeu o amor não foi teu sopro?
Sim, sim, tu o criaste em nossas almas
Para nos consolar, para enxugar-nos
As lágrimas, e dar mais preço à vida.
Tudo nos anuncia a majestade,
A perfeição de um Deus, sua grandeza,
Seu poder; mas o amor, o amor somente,
É quem nos faz sentir sua bondade.
Adoro o meu Senhor, presa a teu jugo;
Mas de Sinval a esposa te amaria
Talvez mais... ¹⁹²
Ah sacrílega! Prossegue,
Insulta, insulta os Céus... ludíbrico triste
De um coração, perdido em seus desejos;
Já não sei da razão, de balde a busco... ¹⁹³
E inda não vem Sinval... ah! Não, não venha ¹⁹⁴,
Fuja-me... para sempre... e eu o desejo!
Não quero vê-lo mais! Eu! Oh ternura!
Oh dever! Oh Sinval! Oh Deus! No crime,

¹⁹¹ *Com ternura.*

¹⁹² *Dá alguns passos.*

¹⁹³ *Encaminhando-se para a abóbada.*

¹⁹⁴ *Torna para o pé do sepulcro.*

No ímpio crime recaio a cada instante,
E à guerra dos indómitos sentidos
Não pode resistir minha fraqueza... ¹⁹⁵

CENA II

Eufémia, Teótimo ¹⁹⁶.

TEÓTIMO

Meus olhos inquietos em vão buscam
Constança; quem ma esconde?.. Mas que vejo!
Em que estado!... ¹⁹⁷

EUFÉMIA ¹⁹⁸

Ai! És tu?...

TEÓTIMO

Sou eu, querida,
Sou eu, o teu amante, o teu esposo,
Que para sempre as lágrimas te enxuga.
Porque estás tão aflita e consternada
Neste instante feliz?

¹⁹⁵ *Cai como desfalecida, estendidos os braços sobre um dos degraus do sepulcro.*

¹⁹⁶ *Vê-se vir saindo da abóbada e avizinhar-se com todas as mostras de inquietação. Adianta-se e lança os olhos para toda a parte. A cena está frouxamente alumiada.*

¹⁹⁷ *Vendo-a e correndo para ela.*

¹⁹⁸ *Como tornando a si da opressão em que estava.*

EUFÉMIA ¹⁹⁹

Porquê?

TEÓTIMO ²⁰⁰

Fujamos
De um lugar tão terrível, tão funesto,
Tudo está pronto já.

EUFÉMIA ²⁰¹

Tudo está pronto!

TEÓTIMO

Recobra a liberdade, ergue-te, vamos ²⁰²;
Alguns fiéis amigos nos esperam.
Vê que a minha ventura, a minha vida
Dependem só de ti; não te demores... ²⁰³

EUFÉMIA ²⁰⁴

Sinval!...

TEÓTIMO

Suspiras! Choras! E não queres
Tocar a minha mão!... Tu prometeste...

¹⁹⁹ *Olhando-o com ternura.*

²⁰⁰ *Oferecendo-lhe a mão.*

²⁰¹ *Com perturbação.*

²⁰² *Ergue-a.*

²⁰³ *Quer pegar-lhe na mão e Eufémia foge com ela.*

²⁰⁴ *Encostada ao sepulcro e olhando chorosa para Sinval.*

EUFÊMIA

Eu prometi... morrer.

TEÓTIMO

Meu bem, minha alma,
Já não ardes como eu? Já me não amas?

EUFÊMIA ²⁰⁵

Ah cruel! Ah Sinval! Querido amante...
Só Deus é teu rival, só Deus.

TEÓTIMO

Que intentas
Dizer nisso? Não és a minha esposa?

EUFÊMIA ²⁰⁶

Sou a esposa de um Deus, que me proíbe
Ser de outrem.

TEÓTIMO

Por que mão Ele me fere!
De que falas? De um nó que o artifício,
Que a perfídia, ligando-se à justiça,
Que um engano, tramado iniquamente,
Te induziu a apertar contra teu gosto!
Antes, antes que a Deus te consagrasses

²⁰⁵ *Olhando para ele com a maior ternura.*

²⁰⁶ *Afastada do sepulcro.*

Tu me deste palavra de ser minha;
Desmente-me.

EUFÊMIA

É verdade, eu desejava
Em ditoso Himeneu contigo unir-me;
Mas dize-me, responde: se Constança,
Conduzida aos altares por violência,
A outro desse a mão, que tu reclamas,
E se a ele o dever me submetesse,
Inda que a meu pesar, para anulares
Esta união, Sinval, que jus terias?

TEÓTIMO ²⁰⁷

O jus mais bem fundado, o da vingança:
Ao agravado amor lícito é tudo;
Nem no teu coração me escaparia
O cruel roubador... sim, ali mesmo
Cem vezes um punhal lhe enterraria...
Mas este Deus, que adoro, a quem o mundo
Em dano meu faz cúmplice de crimes,
Este Deus, que à boçal credulidade,
À sagaz impostura é um pretexto
De rigor, de dureza; este, a quem chamam
Indulgente ou feroz, conforme o querem,
Com ira vê dos Céus almas grosseiras
Atribuir-lhe os erros, que são delas,
E consagrar manias em seu nome.
O Imenso não forjou estas cadeias,
É, é desagradável a seus olhos

²⁰⁷ *Com furor.*

Este jugo em que estão tantos escravos:
Um natural, um voluntário culto,
E não votos forçados, são o incenso ²⁰⁸
Puro e grato, que sobe até seu trono.
Ingrata, era este Deus, este Deus justo
Quem, guiando-me a ti, quem, terminando
Nossas penas, queria em brandos laços
Converter-nos as rígidas correntes;
Ele para teus braços me atraía,
Nossa união constante ele ordenava,
Ele... tu não me atendes, e chorando... ²⁰⁹
Senhora da minha alma, ó cara esposa!
Vê, que morro de amor, não me resistas ²¹⁰;
Vamos, não esperemos que amanheça;
Entrega-te a Sinval, que te idolatra;
Fujamos, sim, fujamos... ²¹¹ Continuas
Na mesma repugnância...! Ah! Verdadeiro
Nunca foi teu amor; porém, devias ²¹²,
Tirana, sem lisonja e sem disfarce
Mostrar-me um coração que folga tanto
Com meu tormento horrível, sim, devias
Opor-te ao vivo ardor que me consome,
Rebater, destruir o meu projeto,
Saciar o teu ódio, gloriar-te
Dos duros laços que teceu o Inferno,
Dizer-me, enfim... que já me aborrecias,
Que fazer-me infeliz era o teu gosto,

²⁰⁸ *Rapidamente.*

²⁰⁹ *Com ternura.*

²¹⁰ *Pega-lhe na mão.*

²¹¹ *Eufêmia o deixa e vai encostar-se à coluna que está para a boca do teatro; Teótimo a segue.*

²¹² *Tornando para o meio da cena.*

Que a morte mais cruel me desejavas... ²¹³
Ah Constança! Estes golpes tão terríveis... ²¹⁴
Tu, tu é que mos dás!

EUFÉMIA ²¹⁵

Querido amante...
Ouve, escuta, e não creias que Constança
É capaz de fingir. Cedendo à força
Da paixão, que me abrasa e me envenena,
Sim, tudo prometi, e a teus desejos
Tudo sacrificava; resoluta
A seguir-te, e insensível aos perigos,
Aos ameaços do mar, não duvidava
Até ao fim do mundo acompanhar-te;
Levar queria meu amor constante
Aos desertos mais tristes, mais sombrios,
Que contigo agradáveis me seriam;
Esquecia por ti meu juramento,
Meu dever, minha vida deplorável,
A virtude, o sossego, a Pátria, a honra,
Mil vezes mais preciosa do que a vida,
Tudo, enfim, até Deus, que sempre ultrajo;
Para maior desgraça agora mesmo,
Mais que nunca, Sinval, te amo, te adoro:
Digo-o a este lugar, que a morte habita,
Ao Céu, de quem já sinto arder os raios...
Indo para cair desacordada
No horrendo abismo, abriam-se meus olhos,
Vi... o meu crime atroz. Debalde clamas
Contra o poder de um laço venerável,

²¹³ *Com ternura.*

²¹⁴ *Chora.*

²¹⁵ *Tornando para ele apressadamente.*

De um nó, que a religião, que a lei consagram ²¹⁶.
Sê meu juiz, Sinval; para ti mesmo
Apelo; sentença, ousa esquecer-te
De que o árbitro meu é meu amante,
Ousa afastar o amor de teus sentidos,
Por ele subornados, e consulta
Tua razão, dez anos de virtudes,
Dez anos que um só dia, um só momento
Vai destruir. Tu amas a justiça,
Amas a probidade; eia, decide:
Sinval, eu contratei com Deus, Deus mesmo
Nos seus altares aceitou meu voto;
E tu, tu quererias que, a despeito
Do juramento, que tão mal observo,
Com infame traição, longe das aras,
O solene contrato desfizesse ²¹⁷!
Bem basta, grande Deus, para acender-te
A pavorosa cólera, bem basta
Co'um adúltero obséquio profanar-te,
Nutrir a propensão para o perjúrio,
Sem agregar a audácia a meus delitos.
Não, Sinval, não te sigo; eu hei de ao menos
Respeitar a cadeia que me liga,
Sofrê-la, até que os Céus enfim se dignem
De abafar esta chama criminosa,
De apagar na minha alma a tua imagem,
Ou de ordenar que a morte me sepulte,
E sepulte comigo a minha afronta.
Se amas Constança, atreve-te a imitá-la;
Contém o amor, e lida por vencê-lo;
Neste esforço eu te admire e tu me admires;
Do letargo, em que jaz tua virtude,

²¹⁶ *Em tom grave.*

²¹⁷ *Dá alguns passos, olhando para o céu.*

É tempo de acordá-la; ao Céu te volve,
E mostra-me Teótimo: este nome
O teu dever, Sinval, e o meu te ensina;
Falaram-te ambos já; mais nada escuto:
Eu devo a Deus, sem dúvida, esta força;
Poderei recair... livra a minha alma...
Livra-me... de mim própria... Ah! Que profiro!... ²¹⁸
Sinval! Do meu amor sei a violência.
Vai-te... adeus... separemo-nos... sai, foge
Pelo mesmo lugar... que em meu desdouro
Te deu entrada aqui... ²¹⁹ sofre que eu tenha
Sobre meu coração este domínio...
Adeus...

TEÓTIMO

O meu caminho não é esse ²²⁰,
Fera ²²¹.

EUFÉMIA

Que dizes tu? Que é o que intentas ²²²?
Teus olhos inflamados!... Onde corres ²²³?
Ah Sinval! Onde vais?

²¹⁸ Enquanto ela tem repetido a maior parte destes versos, Teótimo tem dado sempre diversas mostras de agitação.

²¹⁹ Chegando-se à abóbada.

²²⁰ Apontando para a abóbada e correndo furioso pelo teatro.

²²¹ Torna atrás.

²²² Ele corre para a parte anterior do teatro. Eufémia o segue.

²²³ Ele se chega para a escada e ela corre para ele.

TEÓTIMO ²²⁴

Satisfazer-te.

EUFÉMIA

Quê!..

TEÓTIMO ²²⁵

Matares Sinval tu crês que é pouco;
Julgas leve castigo a minha morte;
Tua barbaridade exige, ingrata,
Sacrifício maior para fartar-te:
Queres que, sem morrer, em mim reúna
Os males mais cruéis e mais horríveis,
Os tormentos do Inferno, eterna morte.
Tu sabes, tu conheces os furores
De alguns desses espíritos sagrados,
Que se nutrem de incenso e fel a um tempo...
Corro a sacrificar-me à fúria deles,
Corro a mirrar-me em lôbrega masmorra,
A desfazer-me em lágrimas contínuas,
A maldizer ali minha existência...
Voem daquele horror, grato à vingança,
Voem de lá meus lúgubres clamores
A teus duros ouvidos, e te arranquem
Vão arrependimento! Eu levo, eu levo
Meu coração a corações de bronze,
Para que o seu rigor nele requitem:
A confissão sincera do meu crime
Há de atear-lhe a cólera, há de armá-los

²²⁴ *Voltando-se.*

²²⁵ *Com ímpeto.*

Em nome do seu Deus, de um Deus zeloso;
O claustro, que só vítimas cobiça,
O claustro saberá meus erros todos,
Todos os meus delitos; vou dizer-lhe,
Que julguei religião, fervor celeste,
Minha paixão; que, enfim, quando supunha
Render à Divindade um fiel culto,
Adorava somente a tua imagem:
Saberá que tentei quebrar teus ferros,
Que gemi a teus pés sem comover-te,
Que tens uma alma bárbara, insensível,
Que... de aflição, de amor, de raiva morro;
E já vou... ²²⁶

EUFÉMIA ²²⁷

Ah! Detém-te.

TEÓTIMO ²²⁸

Em vão o esperas.

EUFÉMIA ²²⁹

Ouve...

TEÓTIMO

Deixa-me, ingrata...

²²⁶ *Encaminhando-se para a escada.*

²²⁷ *Querendo detê-lo.*

²²⁸ *Andando sempre.*

²²⁹ *Seguindo-o.*

EUFÊMIA

Ah! Não me mates;
Cruel, tens coração para aterrar-me ^{230?}
Vê Constança a teus pés, banhada em pranto,
Não me consternes mais.

TEÓTIMO ²³¹

O irresistível
Poder das tuas lágrimas conheces ²³².
Já cedo... porém ²³³, cumpre o meu desejo... ²³⁴
Olha o pranto, olha a dor, olha a ternura
Com que beijo teus pés, com que te imploro... ²³⁵
Vem, fujamos daqui, meu bem, fujamos.

EUFÊMIA ²³⁶

Que queres?

TEÓTIMO

Minha dita.

EUFÊMIA

Minha morte.

²³⁰ Lança-se-lhe arrebatadamente aos pés.

²³¹ Erguendo-a.

²³² Olhando-a amorosamente.

²³³ Tornando para o meio da cena.

²³⁴ Arroja-se-lhe aos pés.

²³⁵ Ergue-se apressadamente e aperta-a nos braços.

²³⁶ Chorando.

TEÓTIMO

Ah! Dize a minha, se não vens ainda ²³⁷.

EUFÊMIA

Que lance! Que combate! Que martírio!
Ó minha Religião!.. Eu morro... espera,
Escuta-me, Sinval. Inda não sabes ²³⁸
Que um triste azar, um súbito infortúnio
Trouxe a esta clausura há poucas horas
Minha mãe?

TEÓTIMO ²³⁹

Tua mãe! Que nome! A causa
Das nossas aflições, dos nossos males!

EUFÊMIA ²⁴⁰

Não, ela já mudou de sentimentos;
Sinval! É minha mãe... ah! se fugimos
Fica exposta aos horrores da penúria.

TEÓTIMO ²⁴¹

Tu falas em parentes co'um amante,
Comigo, que de nada me recordo,
De nada senão tu, que te idolatro,
Que nunca idolatrei senão Constança!

²³⁷ *Puxando-a para a abóbada.*

²³⁸ *Parando.*

²³⁹ *Com assombro e indignação.*

²⁴⁰ *Enternecida.*

²⁴¹ *Tendo parado com Eufêmia.*

Ah! Que não tens uma alma igual à minha.
Não receies que a mísera indigência
Aflija tua mãe. Eu te prometo
Que, apesar da distância em que estivermos,
Havemos de valer-lhe, socorrê-la,
E... vamos, foge o tempo, e já por estas
Abóbadas gretadas se conhece ²⁴²
Que o dia vem nascendo.

EUFÉZIA

Eu ser perjura!...
Não posso... não... ²⁴³

TEÓTIMO

Já agora não me abrandas;
Daqui, a teu pesar, hei de arrancar-te ²⁴⁴.

EUFÉZIA ²⁴⁵

Que fazes?.. Ah Sinval... meu Deus!.. Eu morro... ²⁴⁶
Nas tuas ímpias mãos meu véu se rompe...
Espera... Oh Céus!... A Terra me devora ²⁴⁷.

²⁴² *Puxando-a.*

²⁴³ *Cai sobre os joelhos, erguendo as mãos para Teótimo, como rogando-o.*

²⁴⁴ *Ergue-a com violência e caminha para a abóbada.*

²⁴⁵ *Chorosa.*

²⁴⁶ *Desordena-se-lhe o véu.*

²⁴⁷ *Uma das sepulturas que estão na cena se abre debaixo dos pés de Eufézia; parte-se a campa e cai com estrondo; Eufézia vai com ela e fica com meio corpo dentro do sepulcro. A Condessa aparece na escada com uma luz na mão e conduzida por Sofia.*

CENA III

Eufémia, Teótimo, Sofia, a Condessa, Cecília.

SOFIA ²⁴⁸

Teótimo!

CONDESSA ²⁴⁹

Sinval ²⁵⁰!

EUFÉmia ²⁵¹

Deus me castiga,
Derribou-me seu Braço Onnipotente,
Chamou-me aqui para julgar meu crime,
E aqui mesmo destrói minha existência,
Aqui mesmo (ai de mim) pôs o limite
Dos atentados meus, dos meus delírios;
Séculos de tormentos já começam
A rolar para mim... a Eternidade...
A Eternidade horrível se me antolha...
Neste lugar medonho espero a morte...
Já tenho aberta a minha sepultura... ²⁵²
Vai-te, homem criminoso, homem funesto,
Foge, e meu fim terrível te abra os olhos.
Não sentiste nessa alma endurecida,

²⁴⁸ Encarando ambas nele.

²⁴⁹ Escapa-lhe a luz da mão, e cai nos braços de Sofia.

²⁵⁰ Cecília abre uma porta que diz para a abóbada e recua assustada. Eufémia e Teótimo estão cheios de terror e isto faz com que não vejam os outros.

²⁵¹ Tornando um pouco a si.

²⁵² Teótimo a quer erguer, e ela o afasta de si com indignação.

Não sentiste da campa o baque horrendo!
Não viste a Mão de Deus despedaçá-la
Debaixo de meus pés! Veio Ele mesmo
De teus profanos braços arrancar-me;
Ele me arremessou neste sepulcro,
Para o seu tribunal Ele me cita,
E comigo te arrasta; não, não há de
Escapar-lhe da espada vingadora...
Ele ameaça, o golpe está caindo;
A sua Tocha eterna te persegue
Por entre estes horrores, e estas sombras;
Observa, treme, lê tua sentença
Nesses funéreos mármoreos escrita...
Eis o raio... eis o raio... ele rebenta,
Ele cai sobre nós... O Inferno se abre...
Ó Sinval, que fantasmas horrorosos!
Milhões de espectros ante mim volteiam;
Congregaram-se aqui todos os mortos,
Surgiram contra mim da sepultura;
Aferram-me... Esperai, eu vou convosco,
Vou misturar co'a vossa a minha cinza;
Cessem de me acusar vossos lamentos...
Do Céu não há de a cólera aplacar-se!
Ó Senhor do Universo! Ó Rei Supremo,
De sofrer-me cansado! Em mim somente
Entorna o cálix das vinganças tuas ²⁵³!
De Sinval, ó meu Deus, teu raio afasta,
E um remorso eficaz lhe expie a culpa ²⁵⁴.
Ah mãe, querida mãe! Chegai, valei-me...
Sim, vós vedes Sinval, que eu amo ainda.
Minha mãe, neste instante... eu vos fugia,
E violava os meus votos para sempre...

²⁵³ *Com ternura.*

²⁵⁴ *Voltando-se, vê a Condessa.*

Deste sagrado asilo eu caminhava
Para o meu precipício, eu seduzia
A Sinval para sócio do meu crime...
Eu o obrigava... Deus, Deus, vagaroso
Em vingar-se de mim, veio arrojá-me
Enfim neste sepulcro... e nele quero
Morrer ²⁵⁵.

CONDESSA

Oh Céus!

TEÓTIMO ²⁵⁶

Contempla o que fizeste ²⁵⁷.

EUFÉMIA ²⁵⁸

Ainda estás aqui! Ah! Que mais queres?
O Céu ameaçará sem que te abale?
De triunfar de nós não é já tempo?
Réus, credores do anátema espantoso,
Rebeldes sempre a Deus, esperaremos
Que o trovão, que ressoa, em nós estale?
Esperaremos o momento horrível,
Em que ardente, penosa Eternidade,
Vingando o Céu, nos suma, nos devore?
Da justa punição, que nos prepara,
Ele já me avisou, Sinval! Ah! Cede
À minha voz, à voz do teu remorso,
À voz da religião, às Leis Divinas,

²⁵⁵ Lança-se sobre a campa e abraça-a impetuosamente.

²⁵⁶ Para a Condessa.

²⁵⁷ Todas as personagens ficam algum tempo em silêncio profundo.

²⁵⁸ Olhando para Teótimo e erguendo-se com furor.

A Constança, a ti mesmo; eu te confesso
Pela última vez, que ainda te amo,
Mas que esta revoltosa simpatia,
Que o menor sentimento de ternura
Devo, e quero abafar. Se amor... que disse!
Se piedade te move, se em teu peito
Tem poder minhas lágrimas ainda ²⁵⁹,
Permite-me que leve às santas aras
Meu pranto, meus remorsos, meus martírios,
E que me sacrifique ao Céu, que ofendo...
Tu choras, tuas lágrimas me acodem,
E te falam por Deus, que te abre os braços,
Que ao coração te volve... ah! Não lho feches,
Sinval, vai a seus pés depor teus males,
Vai... o arrependimento a Deus gloria.
Há de a nossa amargura enternecê-lo,
Há de aplacar-se; dêmos mais um passo
Para Ele, e o perdão é infalível.

TEÓTIMO ²⁶⁰

Triunfou; tens na boca a sua Graça;
Eu cedo a seu Poder: para abrandar-me
De ti se serve, e tu me restituis
Ao dever, aos altares, a mim mesmo,
A dez anos de rígidas virtudes,
Que sem ti perderia. Em vão repugna
Meu coração, débalde quer opor-se,
Achar algum obstáculo... o teu pranto
Sobre este coração faz um milagre.
É força, pois... e atrevo-me a dizê-lo!
É força renunciar... o amor... Constança!

²⁵⁹ *Teótimo se vai enternecendo.*

²⁶⁰ *Chorando amargamente e depois de grande pausa.*

Sim... deixar-te... fugir-te... enfim, privar-me
Para sempre de tudo quanto adoro;
Perder, longe de ti, a inútil vida,
Que aborreço; arrancar-te da minha alma...
Oh Céu! E isto não basta? Que mais queres?

EUFÊMIA

Graças, benigno Deus, graças! Eu vejo
Teótimo outra vez.

TEÓTIMO

Ah! Que a virtude
Jamais esteve tão vizinha ao crime:
Meu triste coração bem o exp'rimenta.
Morrer é nada: observa quantos males
É capaz de sofrer a Humanidade;
Vê o abismo espantoso a que me arrojô:
Eu me ausento, Constança, eu parto... eu fujo...
Eu te deixo... eu te perco... eu te obedeço...
Inda mais do que aos Céus... Enfim... recebe
O meu eterno adeus... sinto no peito
Mil mortes... eu te perco para sempre,
Quando... oh Céus! Quando nunca te amei tanto ²⁶¹.

EUFÊMIA ²⁶²

Só me resta... morrer ²⁶³.

²⁶¹ *Sai violenta e precipitadamente.*

²⁶² *Seguindo-o com os olhos até o perder de vista.*

²⁶³ *Cai com os braços estendidos sobre uma das pedras sepulcrais.*

CENA IV E ÚLTIMA

Eufémia, a Condessa, Sofia, Cecília.

SOFIA

Enfim, triunfas!
O dom da Graça reforçou teu peito ²⁶⁴!
Ó meu Deus! Atendeste às minhas preces,
E a minha Eufémia ao número ditoso
Dos escolhidos teus associaste.
Nós vínhamos, amiga, dar-te auxílio ²⁶⁵,
Moderar tua dor; porém, Deus mesmo
Se dignou de baixar do trono augusto
A aplanar-te o caminho da vitória.
Goza, pois, da maior felicidade,
Que é lícita aos mortais. Este conflito,
Em que a mais forte das paixões domaste,
Firma o poder da religião sagrada.

CECÍLIA

Um tão sublime esforço me confunde ²⁶⁶!
Eu lhe observava cautamente os passos
Por entre a escuridade; a sua fuga
Eu é que a revelei: mas, obrigada
A admirar-lhe a constância, reconheço
Que a virtude é aos Céus mais agradável
Depois de combater.

²⁶⁴ *Abraçando Eufémia com transporte.*

²⁶⁵ *A Eufémia.*

²⁶⁶ *A Sofia.*

SOFIA ²⁶⁷

Mas eu a sinto
Trémula... sem acordo entre meus braços...!
Tem no pálido rosto impressa a morte!
Senhora, socorramos vossa filha... ²⁶⁸
Quanto a virtude, oh Céus! nos é custosa!
Minha irmã... ²⁶⁹

CONDESSA

Eis o fruto dos rigores
De uma bárbara mãe! Ó vós, que, injustas,
Não sabeis sustentar este piedoso,
E sagrado caráter, ah! Devíeis
Ser testemunhas do hórrido castigo,
Que do materno amor pune a cegueira ²⁷⁰.

²⁶⁷ Ocupada em socorrer Eufêmia.

²⁶⁸ Com ânsia, para a Condessa.

²⁶⁹ Para Eufêmia, com ternura.

²⁷⁰ A Condessa, Sofia e Cecília se unem para tomar nos braços Eufêmia, moribunda.

II — ERÍCIA OU A VESTAL

Tragédia de Dubois-Fontanelle ²⁷¹

Improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis

Virgílio, *Eneida*, livro IV,

verso 412

PRÓLOGO DO TRADUTOR

O Génio Português ²⁷² expõe na cena
À crítica sisuda um triste caso,
Do falaz paganismo ação funesta,
Fruto dos tempos, dos costumes ferros

²⁷¹ A edição original (Lisboa, na Imprensa Régia, 1805) não apresenta o nome do autor. As de 1823 e de 1825 nomeiam-no explicitamente: d'Arnaud. Porém, na Livraria Clássica, t. XXIII, José Feliciano de Castilho assegura que esta peça foi composta por Danchet. Na realidade, é da autoria de Dubois-Fontanelle, que a publicou, em 1768, anonimamente, provocando escândalo. Proibida pelo Tribunal do Parlamento Francês, o seu editor, Jean Baptiste Tosserand, foi detido (V. Florence Nys, *As Fontes Francesas das Cartas de Olinda e Alzira de Bocage*, Braga: Universidade do Minho, 2005, p. 24). No respetivo frontispício podia ler-se: «Sainte Religion, qui tonnez sur les crimes, / Des sentiments si vrais sont-ils illégitimes?», versos que, de acordo com aquela autora, são uma paráfrase de *Lettres d'une chanoinesse de Lisbonne*. Nesta obra, publicada «por Ordem Superior», encontra-se um retrato de Bocage. Segundo a irmã do poeta, José Agostinho de Macedo, que fez a revisão de provas, desfigurou esta tradução. Maria Francisca propunha, na mesma carta, a um editor a sua republicação. As indicações cénicas do autor são grafadas em itálico. De acordo com Inocêncio Francisco da Silva (cf. *Obras de...*, t. VI, p. 400), «esta tragédia [...] foi traduzida por Bocage (pelos anos de 1799-1800), a instância do morgado de Assentiz, Francisco de Paula Cardoso, a fim de ser levada à cena no teatro particular que o mesmo morgado fizera erigir, a expensas suas, na Rua de S. José, onde o bom gosto do cenário, riqueza e propriedade dos vestuários, e mais adereços, rivalizavam em magnificência e luxo com o que até então aparecera de melhor neste género, segundo o testemunho autorizado dos que ocularmente o presenciaram. O próprio morgado de Assentiz forneceu ao tradutor o original francês. [...] Se a alguém interessar o conhecimento dos nomes dos curiosos a quem foram distribuídos os papéis das personagens deste drama em suas primeiras representações no teatro de Cardoso, aqui lhes indicaremos, conforme aos apontamentos que dele obtivemos: Vetúria (Manuel Pedro Sérgio de Faria); Ercia (José António Xavier de Lemos); Emília (Nicolau Viana); Aurélio (José Augusto Inácio de Freitas); Afrânio (Francisco de Paula Cardoso).»

²⁷² Nota de Bocage: «Entendo Génio pelo Espírito Poético da Nação.»

Que as leis da humanidade assoberbaram.
Quem tão férreo será, que não deplore
Cândida virgem, mísera donzela,
Ornamento gentil da Natureza,
Nascida, brando amor, para teu jugo,
Aos prazeres, ao Mundo arrebatada;
Vítima d'ambição d'um pai tirano,
Gemendo em ferros, que só rompe a morte,
Que a vã superstição julgou sagrados,
E na revolta ideia em vão nutrindo
Agras memórias de chorado amante?
Horrorize Ulisseia a lei tremenda,
Qu'ém Roma confundiu ternura e crime;
As fraquezas d'amor tem ²⁷³ jus ao pranto,
E da humana existência amor é parte;
Em todos vive, a todos senhoreia,
E a doce compaixão, que n'alma influi,
Pelos males que vê, requinta n'alma
Se os padece virtude, ou formosura;
Sensíveis corações, chorai com ela!
Rebentem, fervam lágrimas nos olhos
Do terno espectador, gemidos soem;
De Melpómene ²⁷⁴ a glória em ais consiste.
A ilusão, qu'ã verdade as cores furta,
Muda lugares, séculos transplanta;
Realiza ficções, com alta indústria,
Faz que às pátrias areias extorquido
Murmure o Tibre, onde murmura o Tejo.
Revivam leis cruéis ou leis suaves,
E até do sono eterno acordem cinzas;
Os olhos julgarão; e os pensamentos,
Que, entre negro tropel de paixões cegas,

²⁷³ Sic, por uma questão de métrica.

²⁷⁴ Musa da Tragédia.

A morte sobre a cena está reinando,
Hão de cuidar, medrosos e apiedados,
Que o ferro matador se vai sumindo,
No seio virginal da triste amante,
Do infeliz amador no peito ansioso:
Tanto a maga ilusão nas almas pode!
Tal não seja porém, o império dela,
Que em ti, grave assembleia iluminada,
Insinue aparente analogia;
Na guerra atroz d'indómitos afetos
Assalteado o Céu não se te antolhe,
Nem cuides qu'alegórico artifício
D'audaz profana musa envolve, iguala
Santa religião com ímpia crença.
Desesperado, insano Amor declama;
Deu-se-lhe a voz, o ardor que lhe competem
Contra a superstição brutal e infesta,
Contra leis que o rigor santificara,
Contra votos servis d'alma arrancados
Sacode o turbilhão de horrendas pragas,
Não contra o domicílio augusto e sacro
Onde o Deus da razão lhe espraia o lume,
Que as névoas gasta da moral cegueira,
Onde jugo macio enlaça os colos,
Os níveos colos d'inocentes pombas,
E onde a benigna, plácida Virtude
Com sereno prazer se ri, c'roada
Das flores, que do Céu lhe estão caindo.
Temerária alusão não dana os versos,
Com qu'a fúria d'amor, com duro exemplo
Espavorindo o Mundo, o Mundo instrui,
E d'enormes desgraças o acautela.
Bocage os atraiu do Sena ao Tejo,
Bocage, que d'afeito à desventura,
E aos tormentos d'amor, cantar não sabe,
Seus gostos casuais, seus bens tardios:
De vãos prazeres frívolos escravos,

Vós, almas frias, qu'à tristeza enjoa,
Ah! longe, longe; às almas, como a sua,
Dirige o vate a lutuosa of'renda,
E o pranto, que notar, será seu prémio.

ERÍCIA OU A VESTAL

ATORES:

VETÚRIA, primeira sacerdotisa de Vesta
ERÍCIA, vestal
EMÍLIA, donzela que aspira ao culto de Vesta
AURÉLIO, grão-sacerdote
AFRÂNIO, patrício romano
Vestais, sacerdotes, povo romano, soldados.
A cena é em Roma, no Templo de Vesta.

ATO I

O teatro representa o Templo de Vesta. O fogo sagrado está aceso no altar. É noite, e só este fogo alumia o templo. As vestais estão prostradas.

CENA I

Vetúria

(Encostada, com uma das mãos sobre o altar.)

Ó deusa protetora dos romanos,
Ó Vesta sacrossanta, augusta virgem,
Sê favorável sempre a quem te adora;
Por teu sopro imortal sempre animado
O sacro fogo em tuas aras brilhe.
Enquanto o vencedor d'altiva Espanha,
Enquanto Cipião de Roma as águias

Conduz às torres da feroz Cartago,
Dobra a cerviz do indómito africano,
Tu volve para nós benignos olhos,
Conserva a paz e a glória em nossos muros;
Ouve a tua fiel sacerdotisa,
Que t'incensa, t'invoca, e deste povo
Preces, votos depõe nos teus altares ²⁷⁵.
Vós, ó filhas do céu, donzelas santas,
Vós, cujos corações purificados
À virtude, ao dever se consagraram,
E a quem neste feliz, quieto asilo
Um destino suave os céus concedem,
Longe das cegas ilusões do Mundo,
Dai, dai graças a Vesta; os seus favores
Deprecai, merecei: nos cultos dela
Só devem consistir vossos cuidados,
Desejos, pensamentos, glória, tudo ²⁷⁶.
As sombras vêm caindo, e quando a Aurora
Desfizer a noturna escuridade,
Veremos outra vez o dia ilustre,
Em que o melhor dos reis, o sábio Numa,
De Vesta submeteu ao grande auspício
Seu trono inda recente, e neste dia
A deidade imortal de nós espera
Almas submissas, corações libertos
Das vis torrentes da fraqueza humana ²⁷⁷.
Para a santa, anual festividade
A lembrança dos votos vos disponha;
Nada os pode anular. Pensai, ó virgens ²⁷⁸,
No terrível sepulcro destinado

²⁷⁵ *Para as vestais que se erguem.* Indicação cénica do autor. Todas as notas de rodapé apresentadas em itálico são da mesma natureza.

²⁷⁶ *Erícia suspira.*

²⁷⁷ *Erícia se perturba.*

²⁷⁸ *Novos sinais de perturbação em Erícia.*

Para a torpe vestal que, escandalosa,
Da deusa macular a estância augusta;
Pensai, pensai quem vós é crime um erro,
Que Vesta lê nas almas, que seus olhos
Sempre estão fitos neste imenso espaço,
E, mais que em tudo, em nós; que não conhecem,
Nem tempos, nem limites, nem distâncias,
Qu'abarcando o Universo eles penetram,
Com pronta, com igual facilidade,
A densa terra, os ares transparentes.
Recolhei-vos. E tu, que pela sorte ²⁷⁹
Hoje para velar foste escolhida,
Conserva este depósito sagrado;
Vê que nestes altares venerandos ²⁸⁰
A deusa te escudou solenes votos;
Um queixume, um só ai pode agravá-la;
Treme, adora-lhe as leis, sê digna dela.

CENA II

Erícia

(Só, olhando para Vetúria, que se vai.)

Assim da minha dor se compadecem!...
O céu devia ouvir pesados votos,
Votos que o coração desaprovava!...
Um inflexível pai me trouxe, ó deusa,
Vítima involuntária aos teus altares;
Tu o sabes; indigna de servir-te,
Podia submeter-me a teus preceitos

²⁷⁹ *Vão-se as vestais menos Erícia.*

²⁸⁰ *Apontando para o lume sagrado.*

E dar-te um coração que já não tinha?
Afrânio mo roubou, inda o possui,
Inda a memória do meu doce amante
Me persegue a teus pés, ó divindade.
Aqui mesmo suspiro, ardo por ele...
Saberá de meu mal!? Terá notícia
Das lágrimas que dou à sua ausência!?!...
Chorará como eu choro!?!... Amar-me-á inda?
Ah dúvida cruel, tu me envenenas...
Deusa! Deusa! Eu t'ofendo, eu te profano,
Mas um lustro (ai de mim) soltar não pôde
Da suave atração meu pensamento;
Nele reina, triunfa a grata imagem
De meus benignos, amorosos dias.
Sufoca para sempre, extingue, ó deusa,
Este fogo invencível, que m'abrasa;
Arranca-me do peito o mavioso
Coração infeliz e atribulado,
Que nasceu para amar e amar não deve.

CENA III

Erícia e Emília.

EMÍLIA

O zelo a ti me guia, eu te suplico
Me permitas velar contigo a noite,
Em que t'ê confiado o sacro lume;
Cedo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;
Tão doce expetição quanto me é grata!
De ti venho aprender como se deve
Servir a divindade.

ERÍCIA

Ah desgraçada! ²⁸¹

EMÍLIA

Digna-te pois...

ERÍCIA

Emília, ainda és livre...
Assim como a seduzem, já tentaram
Seduzir-me, encantar-me ao jugo acerbo.
Eu fugia, eu me opunha!... Ela s'entrega!...
Num abismo de males, de tormentos
A querem despenhar. E o zelo é isto!...
Ah, tua alma inocente, ingénua, pura
Tem medido, ai de mim, tem ponderado
Toda a longa extensão destes deveres,
A que intenta cingir-se?

EMÍLIA

A paz e a glória
Venho aqui merecer, gozar contigo;
De Vesta os benefícios, a clemência
Tua felicidade... Erícia, choras?...

ERÍCIA

Que benefícios!

²⁸¹ *Olhando-a com ternura.*

EMÍLIA

Céus! Quanto me assombram
As lágrimas que vejo!... Angústia... pranto
Neste sacro lugar!... Não, tudo, tudo
Aqui me lisonjeia, aqui mof'rece
A face da ventura.

ERÍCIA

Ah! como a enganam!
Eu devo ao pé do abismo alumiar-lhe;
Mal pode a compaixão ser um delito!
Fascinaram-te, Emília, ouve a amizade.
Choro os teus Fados... a inocência tua;
De ti, dessa ilusão sinto a piedade,
Que de mim não sentiram!... Mais sincera,
Mais justa devo ser... Buscas, ó filha,
Buscas nestes altares a ventura...
Sabe que não existe onde a presumes.

EMÍLIA

Céus!

ERÍCIA

Desesperação, pavor, tristeza,
Mais terríveis qu'a morte aqui residem;
As almas carregadas, oprimidas
Coò peso do dever, aqui desmaiam;
Eterno abutre d'implacável fome
Aqui mirradas vítimas devora;
Aqui surgir do peito os ais não ousam,
Medroso ao coração recua o pranto;
Té a mesma virtude, em toda a parte
Tão doce, tão pacífica, mudando

De natureza aqui nos atormenta,
Nos faz desesperar, morrer mil vezes.

EMÍLIA

Quê! Padece-se aqui! Sinto a minha alma
Confusa de t'ouvir, não convencida...
Ah quererás talvez exp'rimentar-me!...
Perdoa. Roma crê que sois ditosa,
Qu'a deusa com tranquilos, puros gostos
Prospera, aformoseia os vossos dias.

ERÍCIA

Roma não vê, não sabe o que sofremos,
A desesperação qu'ém nós fermenta;
Roma de longe nos aplaude... e os ferros
Nos pesam mais e mais, de dia em dia.
Estas grossas muralhas vedam, somem
A seus olhos o horror que nos abrange.
Tu ainda és feliz, ainda ignoras
A que tribulações, a que desastres
O humano coração nasceu propenso.

EMÍLIA

Encontram as qu'incensam seus altares
Amargosa opressão nas leis de Vesta?
Do Mundo que deixaram têm saudades?

ERÍCIA

Dá-me crédito, Emília... Oh quantas, quantas,
Como tu, conduzidas pelo zelo
Aos altares de Vesta, e retratando
(Mas já tarde) os seus votos indiscretos,
Num silêncio tirano a dor enfreiam!

Algumas há (mais dignas de carpir-se)
Que vítimas do grau qu'os céus lhe deram
(Ou antes da ambição de pais injustos)
Vieram com violência a estas aras
Votar-se à solidão, ao cativoiro,
Enterrar-se num cárcere de horrores,
Quando ao Mundo as chamam os pensamentos!
Ao Mundo qu'á seus olhos presentava
Alta felicidade em mil objetos,
Gostos neste lugar desconhecidos!
O templo em que lhes cumpre, em qu'ê forçoso
Qu'á mágoa lhes consuma os turvos dias,
Sem que doce esperança as lisonjeie,
Este rígido templo um muro ingente
Ergue entre elas e o Mundo; elas desejam
Ir gozá-lo outra vez, querem remir-se
D'amargosa opressão... Mas lei sagrada
Invencível obstáculo as suspende!
Além desta muralha antiga, horrenda,
Que de tudo as separa, a cada instante
Sua alma s'arrebata, s'extravia;
Seus pensamentos vão, vão seus desejos
Sedentos demandar entre os romanos
Um prazer que lhes foge, e Fados novos;
Mas em férrea prisão seus agros dias
Ao rigoroso templo estão ligados.
As ledas ilusões se desvanecem
E a desesperação de horror cercada
Os tristes corações fica roendo.
Então sente-se mais o peso ao jugo,
À morte que o desate então se roga;
Mas ao contínuo rogo a morte é surda;
Vai calada aflição ralando o peito,
Nenhuma destas vítimas se afoita
A declarar seu mal, antes o oculta.
Pode ao menos no Mundo a quem nos ama
O nosso coração manifestar-se,

Pode chorar no Mundo e ser chorado;
Mas aqui a aflição não tem piedade;
Miseros corações aqui não gozam
Nem a consolação de os lamentarem,
Esse único prazer dos desgraçados!

EMÍLIA

Nada pode aterrar-me: o génio, o zelo
Aos altares da deusa me guiaram,
O Mundo para mim não tem valia;
Pago-me de o deixar; memórias suas
Jamais me custaram, nem um suspiro.
Que atrativos há nele? Os vãos prazeres,
O nada dos seus bens sentiu minha alma,
Sagaz adulação vãmente os doura,
No Mundo afeta o vício de virtude:
Triunfa o crime. Os deuses se profanam.

ERÍCIA

Ah quò conheces mal! Tua inocência
O Mundo pinta e crê, segundo as falsas
Doutrinas, que recebe a cega infância.
Não achas preciosa a liberdade?

EMÍLIA

Mas essa liberdade, isso que choras
Quando é nosso? As mulheres sempre escravas,
Vítimas do interesse e do costume,
Dependem do dever, e não da escolha;
Se acaso d'um consorte às leis se obrigam,
Cumpre condescender com seus caprichos,
Suportar seus defeitos; cumpre amá-lo,

Cumpre até venerar-lhe as injustiças.
Pode-se apetecer tão duro estado?
Ah! só neste lugar serei ditosa.

ERÍCIA

Serias, porque tens tranquilo o peito,
Aqui mansa inocência abrigo encontra;
Mas o tempo virá tornar penoso
O estado que tão doce te parece;
E o véu das ilusões há de romper-se.
Nessa viçosa idade, em qu'os humanos
A si mesmo s'ignoram, inda, Emília,
Inda o teu coração te não diz nada.
Tens mudos os sentidos, e ociosos,
Nada os anseia. A Natureza dorme;
Ela despertará. Não pára o tempo;
Vem apontando a idade em que tua alma
Surgirá do letargo e da indolência,
Sentimentos incógnitos provando:
Não lhe hão de então bastar, nem saciá-la
Os altares de Vesta, as leis e o culto.
Dos primeiros desejos assombrada,
Inquieta, pungida, ao pensamento
Te virá nova sorte e novo estado;
O Mundo que odioso se t'antolha
Outra cor tomará na tua ideia...
Mas tarde, mas em vão! E a soledade,
Este jugo, este horror, o altar e os votos
Irão de dia em dia exacerbando
O teu desassossego, os teus desgostos.

EMÍLIA

Dessas perturbações, desses desgostos,
De qu'excitas em mim confusa ideia,
Aqui meu coração terei seguro.

ERÍCIA

Que seria de ti, se um doce objeto
O tenro coração t'esclarecesse
Entre esta escuridão! Se afogueada
Tua alma por outra alma suspirasse,
Que acesa apetecesse unir-se à tua!
Em tal consternação onde acharias,
Ó triste, o teu socorro, o teu refúgio?
Buscarias debalde a paz perdida.
Leio em teu coração pelos teus olhos,
Sei que te deixa absorta o que me escutas.
Teme a tua inocência, ela concorre
A seduzir-te, Emília. Esta linguagem,
No lugar onde a falo, é estrangeira;
Mas do risco em que estás quero salvar-te.

EMÍLIA

É tal que te mereça a dor qu'observo!
Comovem-me teus ais, creio em teu pranto,
Apesar d'afflicção d'um pai querido,
Que saudoso entre os braços me afagava.
A ideia da ventura aqui me trouxe,
E... ²⁸²

ERÍCIA

Falas em teu pai?... És dele amada?

²⁸² *Erícia interrompendo-a.*

EMÍLIA

Eu sei que lhe é penoso o meu projeto,
E custa-me afligi-lo.

ERÍCIA

Ama-te, Emília?
E atreves-te a deixá-lo?... Ah! Considera!
Nesse amor, nesse bem, merece-o, torna
Ao seio paternal, vai consolá-lo.
Como és digna de inveja!... Um pai te amima!
Ai de mim! Quantas lágrimas excitam
Neste triste lugar! De quantos males
Inexoráveis pais têm sido origem!
As preocupações, o orgulho, o sexo,
O jus dos primogénitos, ou antes
Parcial injustiça, em um dos filhos
Lhes concentra os desvelos e a ternura.
Instados d'ambição guiá-lo intentam
Às altas, às pomposas dignidades,
E ao futuro esplendor lhes sacrificam
As míseras irmãs!... Ó pais tiranos!
Quê! Não murmura em vós a natureza
Contra esta preferência abominável!...
Foge, fuge daqui, ditosa Emília,
Agradecendo aos céus um pai benigno;
Vai ser-lhe arrimo à lânguida velhice,
Vai ajudar-lhe os vacilantes passos;
Teu dever lhe aligeire o peso à vida,
Lhe disfarce o pavor da sepultura:
Quem nos pinta dos nubes a clemência
É só a ingénua, a paternal bondade.

EMÍLIA

Cumpre sacrificar aos deuses tudo:
Eis o que me ensinaram.

ERÍCIA

Desvanece
Esse engano em que jaz tua alma envolta,
Escuta o coração e a natureza;
Ouve a benigna voz que a todos fala:
Deve-se culto aos céus, aos pais ternura;
Triste de quem num pai acha um tirano!

EMÍLIA

Ouço-te com terror! Vesta não pode
Livrar teu coração desses desgostos?

ERÍCIA

Vesta!... Vesta!... Ai de mim!...
Vai, minha filha,
Vai-te, deixa-me só!... No peito encerro
Cruéis tribulações... Tu não as sentes...
Não as saibas...

EMÍLIA

Confia os teus segredos
De um coração que te ama e que...

ERÍCIA

Há segredos
Que da alma que os contém sair não devem.
A amizade a meu mal não poderia
Dar lenitivo algum. Deixa-me.

CENA IV

ERÍCIA

(Só.)
Oh deuses!
Quanto em um coração, s'amor o anseia,
Custa reter segredos que lhe pesam!
Já não posso esperar sossego, alívio!
Há de sempre a minha alma em seus transportes
Revolver-se no crime e no remorso!
Inda, feliz Emília, és insensível,
Inda serena vítima inocente,
Ignorando o perigo, a dor e os males
Que estas fatais abóbadas enlutam,
Corres sem susto para o ferro erguido,
Destinado a ferir-te, ah! Inda beijas
O funesto grilhão que te sopeia;
Só vês as flores de que estás c'roada...
Eu provo todo o horror do sacrifício,
Do sacrifício atroz. Ó céu!.. Não hei de
Mitigar teu rigor! Só d'almas puras ²⁸³,
Prezas, Vesta imortal, o ardor, o incenso
Muda, converte a minha; e se é possível,
Neste peito afanoso influi, ó deusa,

²⁸³ *Chega-se para o altar.*

O fervor, a inocência, a paz de Emília.
Esvaece, destrói, consome, apaga
A lembrança tenaz, que me persegue,
Só quero que me esqueça o meu amante...
Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,
Que fora a minha dita, a minha glória
Desterrá-lo do peito e do sentido!...
Ah! Que acerbo dever, que tirania
Me ordena, justos céus, que o sacrifique!

CENA V

Erícia junto ao altar e Afrânio ²⁸⁴.

AFRÂNIO

Meus passos guia amor... É ela...
Erícia!... ²⁸⁵

ERÍCIA

Afrânio!... Ah! onde estou! Que vejo!... Eu morro.

AFRÂNIO

Formoso, amado encanto, eu venho, eu venho
Esquecer a teus pés minha desgraça.

²⁸⁴ *Afrânio caminha inquieto, e olhando para um e outro lado.*

²⁸⁵ *Chega-se.*

ERÍCIA

Afrânio!... Junto a mim!... Que ardor, que insânia
Te move a pôr em risco a minha fama,
Os teus dias e os meus ²⁸⁶.

AFRÂNIO

Dissipa o medo.
Neste feliz momento a sorte amiga
Reconduz a teus olhos lacrimosos
O teu saudoso amante. Em mil desgostos,
Sentindo o coração desfalecer-me,
E deprecando aos céus o bem de olhar-te,
Cansado de carpir, de amar sem fruto,
Entrei pela saudade enfurecido,
Na escura solidão do sacro bosque,
Onde este duro asilo se remata;
Para os cegos mortais o entrá-lo é crime;
Mas nada me deteve... Um nume, um nume,
Sem dúvida que ali me encaminhava!
Ocupado em minar de noite e dia
Passagem que a teus pés me dirigisse,
A terra enfim cedeu, e abriu caminho
A meus passos, a Amor. Por uma estrada
Subterrânea, profunda e tenebrosa,
Que vem findar-se aqui, m'entranho afoito.
Os olhos veladores que t'espiam,
Atentos ao festejo, em ti não cuidam;
Um amigo me espera, e me assegura
A fuga, vigiando além dos muros.
Vem pois, aproveitemo-nos do tempo;
Eu a teus pés teu coração reclamo,

²⁸⁶ *Afrânio com tom rápido.*

Esse amor puro, que dourou meus dias,
Inda em ti resplandece? És inda a mesma?

ERÍCIA

Se te amo!... Em que lugar!... Oh céus! Que intentas?

AFRÂNIO

Que receio hei de ter, sendo inda amado?... ²⁸⁷
As trevas, o silêncio nos ajudam,
Jaz aferrada ao sono a tirania,
E os olhos d'amizade estão velando.
De ti privado, Erícia, há quase um lustro,
Entregue aos frenesis, entregue às ânsias
Da desesperação, com mil clamores
Acusando teu pai, e os céus, e os Fados,
A vida e todo o Mundo aborrecendo,
Para o fatal recinto em que gemias,
Com raivoso tremor lançava os olhos:
Mil vezes (se não fosse o teu perigo,
Ou antes tua morte inevitável),
Mil vezes tornaria em cinza, em nada
Este cárcere horrendo, este sepulcro.
Sem cessar, flutuando em vãos projetos
Para ver se mudava o teu destino,
Té disposto a vibrar num ferro a morte
Contra teu pai cruel, contra mim mesmo,
Todo quanto furor nas almas cabe
Longamente por ti sentiu minha alma,
Mas do prazer o ardor só sente agora;
Tudo em meu coração cede à ternura...
Eu te vejo, eu te escuto e nada temo.

²⁸⁷ *Com transporte.*

ERÍCIA

As ânsias da saudade, o mal d'ausência
Suportei como tu... Mas em que tempo
A meus olhos o céu te restitui!...
Envolta nestes véus, ante estas aras
Ouso ver-te!... Escutar-te !... Amante! Amado!...
Oh Vesta!... Oh lei penosa! Oh sorte injusta!...

AFRÂNIO

Do pai deves queixar-te, e não da sorte:
A dureza feroz desse tirano
Foi só quem motivou nossas desgraças...
Se a férvida paixão que me inspiraste
Não fora escudo seu... Da minha amada
Com seu sangue o cruel pagara o pranto.
Aos céus encomendei minha vingança;
E os céus no horror do túmulo arrojaram
Teu irmão, esse objeto em que nutria
Funestas, orgulhosas esperanças.

ERÍCIA

Meu irmão, já não vive! Entre estes muros
Sumida, aferrolhada ao pai não devo
A mínima lembrança! Inda até agora
Notícia me não deu de seus destinos.

AFRÂNIO

Co'a tua compaixão teu pai condenas:
Ele renunciando o lustre, a pompa,
Do Mundo se afastou, e ignoro aonde
A dor e a desventura o conduziram:
Deposto o nome, o grau, fugindo a todos,
Conta-se que no altar aos deuses serve...

Embora expie as fúrias junto às aras,
Que me importa o cruel, se vejo Erícia?

ERÍCIA

Meu pai!...

AFRÂNIO

Ainda o choras! Não te lembras...

ERÍCIA

Forjou meu dano, e... lágrimas lhe devo,
Ele em meu coração, ele em meus dias
Vertendo amargo fel, veneno amargo,
Se privou dos desvelos, dos extremos
Da filial ternura: eu lhe seria
Branda consolação nos seus pesares...
Propício a nosso amor, não levantara
Entre nós esta rígida barreira...
Afrânio... Que é do tempo em que eu gozava
Dos olhos teus sem susto? E extremosa...
E tua, a par de ti, serena e livre,
Acesa na paixão que te acendia,
Um próspero futuro imaginava?...
Tão belos dias para nós morreram.

AFRÂNIO

Revivem para nós tão belos dias;
Temos em nossas mãos nossa ventura
S'inda o cândido amor ferve em teu peito,
Meus males, meus tormentos, meus transportes
Têm demonstrado assaz que amor me inflama.
O sangue dos Públicolas, o sangue
Que as veias me circula, é grato a Roma,

Roma chora o meu mal, e enternecida
De um robusto partido a mão me oferta.
Se és a que foste, aprova o meu desígnio,
Dêmos-lhe execução: risonhos fados.
Aplanam para nós do bem a estrada.

ERÍCIA

Devia-te esquecer... Porém, não pude;
Informem-te este altar e aqueles muros
Entre os quais meu amor desventurado
Te carpiu sem cessar chamando a morte.
Ante este mesmo altar, que é testemunha
De tão funesto amor, com mil suspiros
A deusa contra ti de balde invoco ²⁸⁸.

AFRÂNIO

Perdoa... Este lugar vedado a todos,
Franco está para mim. Venho propor-te
Que rompas teus grilhões, que me acompanhes,
Que debaixo de um céu mais favorável
Nos vamos esquecer do férreo jugo,
Que os deuses e teu pai te fabricaram.
Atreve-te a seguir-me...

ERÍCIA

Eu estremeço... ²⁸⁹
Que pretendes de mim? Não vês, não sabes
Que Vesta nos contempla e nos escuta?... ²⁹⁰

²⁸⁸ *Afrânio com arrebatamento.*

²⁸⁹ *Cheia de terror e fugindo para o altar.*

²⁹⁰ *Afrânio rapidamente.*

AFRÂNIO

Para salvar quem amo eu afrontara
Os céus, os próprios céus!... Porém, que digo!
Propícios a meu gosto, os céus abriram
O caminho que a ti me trouxe oculto.
Nada te impede a fuga, e já suponho
Inúteis ao projeto os meus sequazes;
A tua aprovação só quero, e rogo,
Cede aos desejos meus, e tudo é fácil.
Amigo inseparável me acompanha,
E da nova intenção vou dar-lhe aviso;
Para a fuga dispor basta-me um dia,
Com a noite amanhã virei buscar-te.

ERÍCIA

Que escuto!... Irados céus! Terrível deusa!...
Donde intenta arrancar-me um cego impulso... ²⁹¹
Troveja contra mim vingança eterna
Antes que deste altar... ²⁹²

AFRÂNIO

E amas-me ainda?...

ERÍCIA

Tu reforças meus males... Sim, eu te amo,
Assaz por este amor sou criminosa,
Hei de às aras, e à deusa abandonando,
Da perdição... do horror... subir ao cumel!...

²⁹¹ *Com mais terror.*

²⁹² *Afrânio consternado e chegando-se a ela.*

Não, Afrânio, o socorro, a mão de Vesta
Resistência dará, virtude e forças
À frágil, infeliz sacerdotisa;
O céu defenderá do mais enorme,
Do mais negro dos crimes a minha alma:
Sim, aqui morrerei.

AFRÂNIO

Não, tu não amas ²⁹³.
Enganou-me a aparência. Eu vinha, ingrata,
De amorosas ideias inflamado...
Esperava um prazer, um dia, um prêmio
Prometido aos extremos e à constância.
Adeus... Queres que morra... Eu te contento ²⁹⁴.

ERÍCIA

Onde vás, caro amante?... Oh céus! Que disse?... ²⁹⁵

AFRÂNIO

Depressa; que resolves?

²⁹³ *Afastando-se dela com o furor reprimido.*

²⁹⁴ *Indo-se.*

²⁹⁵ *Apartando-se do altar, e estende os braços para Afrânio, torna logo a encostar-se no altar. Afrânio voltando.*

ERÍCIA

Olha o templo ²⁹⁶,
A que um voto cruel me tem ligada;
Já o meu coração me não pertence,
Pertence à divindade... Os juramentos
Que me apartam de ti, bem vês, bem sabes ²⁹⁷.

AFRÂNIO

Que dizes! Que ilusão! Que juramentos!...
Os juramentos teus foram ser minha;
Os juramentos teus me asseveraram
Um permanente amor, um laço eterno.
Eu reclamo a teus pés o que juraste;
Esse voto a teus lábios extorquido,
Não rompe, não destrói o antigo voto;
A deusa, que te cinge a seus altares,
Sobre o teu coração não tem direitos
Mais sagrados que os meus; os meus procedem
Do mesmo coração que hoje me negas.
Ah! contrapesas espontâneos votos
A votos que arrancou brutal violência?
Se crês que enfim o altar lhe alteia o preço,
Tu também, tu primeiro amor juraste:
É seu altar teu peito; amor conserva
Indestrutível jus sobre a tua alma;
Se temes ser sacrílega com Vesta
Já com amor sacrílega tens sido,
Com amor que mil vezes atestaste,

²⁹⁶ *Perturbada chorando, e sem deixar o altar.*

²⁹⁷ *Afrânio com vivacidade.*

Ousa despedaçar teus duros ferros,
Ousa restituir-te aos teus direitos.
O esposo atende, entrega-lhe a consorte ²⁹⁸.

ERÍCIA

Olha a terrível deusa!... Que ameaça...
O Altar que treme!... As chamas que esmorecem ²⁹⁹.

AFRÂNIO

Quem te afasta de mim, não, não é Vesta,
É tua ingratidão, tua indif'rença,
Erícia desleal... Eu hoje ao cume
Da glória, do prazer, ia elevar-me...
A tua aprovação nos enlaçava...
Confiei-me de ti... Fiz mal, foi erro
A minha confiança, e vou puni-la...
Tirana! Vou morrer de amor, de raiva,
De desesperação... Tu algum dia
Amaste-me... O remorso há de vingar-me.
Se aqui da minha morte houver notícia,
A ti somente acusa, a ti somente;
Lembre-te o nosso adeus... Mais desumana,
Mais dura para mim que um pai cruento,
Do peso desses ferros carregada,
Desses ferros servis que me preferes,
Quando só atender a amor devias,
Ante este mesmo altar... há de carpir-me ³⁰⁰.

²⁹⁸ *Erícia com desacordo e terror.*

²⁹⁹ *Afrânio com aflição furiosa.*

³⁰⁰ *Caminha e torna.*

ERÍCIA

Oh deveres!... Oh Vesta!... Amor! Triunfa,
Minha alma contra os céus por ti decide,
Juro...

CENA VI

Erícia, Afrânio e Emília.

EMÍLIA

Aumenta ou sossega os meus terrores,
Que tudo o que te ouvi me encheu de assombro ³⁰¹.
Mas a luz se amortece... A luz se apaga...
Ó deusa! Um homem!... Ah!... ³⁰²

CENA VII

Erícia e Afrânio.

(Ambos em uma grande consternação.)

ERÍCIA

Vê, vê o efeito ³⁰³
Os danos que produz minha fraqueza,
Sabe-se tudo!... Oh céus!... Viram-te, estamos
Descobertos... Os deuses se indignaram...

³⁰¹ Buscando Erícia por entre a escuridade, que resulta de se ir apagando o fogo.

³⁰² Vai fugindo o fogo sagrado; apagando-se, deu um grande clarão que lhe fez ver Afrânio.

³⁰³ Erícia tornando a si com terror e aflição. Isto antes do verso.

Afrânio... Tu me perdes... Cumpre, cumpre
Que me ligue outra vez aos meus deveres...
A deusa quis trair... ela se vinga...
Eu me desdigo já...

AFRÂNIO

Não continues ³⁰⁴.
Não há de ao teu amante o céu roubar-te
Por falta de alimento o fogo extinto,
Aterra, Erícia! Dita-lhe um perjúrio!...
Ouço rumor; bem sei que perigo corres,
Torno ao meu sócio, vou rogar-lhe auxílio,
Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.
Pelo mesmo caminho eu virei logo
Vigiar no teu Fado e no teu risco,
Arrebatá-lo a Vesta, impor-me a tudo
Defender-te, ou morrer ³⁰⁵.

ERÍCIA

Deixa essa empresa.
Vesta exige uma vítima... este fogo
No altar morrendo revelou meu crime...

³⁰⁴ *Interrompendo-a rapidamente.*

³⁰⁵ *Parte aceleradamente. Erícia só e perturbada.*

*Erícia, Vetúria e todas as vestais junto ao altar. As escravas que trazem luzes.
Erícia procura ocultar-se na multidão*

VETÚRIA

Trazei luzes, trazei, corra-se o templo;
Trema o crime... Oh terror!... Oh sacrilégio!...
O lume protetor morreu nas aras.
Vesta ameça Roma; agoiro horrendo
No ledo instante do anual festejo,
Negras calamidades anuncia,
Troca um dia solene em dia infausto
Na mente que de horrores antecipo!
Órgão de atroz desastre a sacra tuba
Já derrama o terror por toda a parte,
O sono se dissipa, o medo acorda,
Jaz em luto o Senado, e Roma em pranto
Vê mil profundos, hórridos abismos,
Que as bravas legiões lhe vão sorvendo,
Vê cair Cipião vencido em terra,
A afrontosos grilhões os pulsos dando...
Ó deusa tutelar, o agouro afasta,
Baste o sangue do réu para aplacar-te;

³⁰⁶ Assinala Inocêncio Francisco da Silva que toda a cena VIII é da autoria de Bocage (cf. *Poesias de...*, t. v, p. 401). Baseou-se na seguinte nota do morgado de Assentiz: «No original francês, cujo autor se ignorava, terminava o primeiro ato no verso acima [‘No altar morrendo revelou meu crime’]; e com esta divisão de ato a ofereceu o tradutor a seu amigo F. de P. Cardoso [ou seja, o morgado de Assentiz], para a representar no seu teatro na Rua de S. José. Porém, depois acordaram ambos que produziria melhor efeito o continuar a peça, para se aproveitar o *golpe de teatro* da cena de Vetúria e das outras sacerdotisas, sendo mais natural que o rebate que Emilia produziu, participando à suma sacerdotisa o desastrado acontecimento de se haver apagado a luz sagrada, e da presença de um homem em tão sacrossanto lugar, fosse seguido imediatamente da concorrência de Vetúria e das mais sacerdotisas ao templo, onde se perpetrara tão horroroso crime.»

Do ímpio caso o Pontífice advertido
Em breve chegará: nós, nós veremos
Este juiz. Intérprete dos numes,
Da vingança dos céus encarregado
Incendido no ardor de um zelo augusto,
Da alta religião brandindo o ferro
Logo (oh mágoa! oh vergonha!) em nossos dias
O crime o chama aqui! Deuses supremos!
Se o réu nos escapar, não vos escape,
Se às nossas mãos fugir, não fuja ao raio;
Aos Infernos o dou, só nos Infernos
Há pena que responda ao seu delito.
Talvez uma vestal perjura, infame
Sua cúmplice foi; Jove permita
Que o nome da infiel se patenteie,
E seu justo castigo os céus desarme.
Imitai-me, prostremo-nos, ó Virgens,
Ante o manchado altar, e a deusa irada
Com suspiros, com lágrimas se invoque ³⁰⁷.

ERÍCIA

Aonde ocultarei, supremos deuses,
Meus olhos... minha fronte criminosa!
Como que este lugar se vai fundindo
Debaixo de meus passos vacilantes!...
O remorso implacável me rodeia.
Eu falo... Conhecei a delinquente... ³⁰⁸
Ela mesma se acusa... ³⁰⁹

³⁰⁷ *As vestais se prostram. Ercia não pode esconder a perturbação e fica em pé.*

³⁰⁸ *Encaminhando-se para Vetúria.*

³⁰⁹ *As vestais a ouvem com horror e se levantam.*

VETÚRIA

Oh detestável!...

ERÍCIA

Desculpa não procuro ao meu delito...
Castiga, fere, mata, mas não cubras
De opróbrios, de baldões minha desgraça:
Sim, nesta habitação, que em pranto alago,
Por mim, por terno impulso... uma alma ilustre,
Um mortal generoso... um homem digno
Da funesta paixão que me domina,
Vejo a deusa insultar no próprio templo;
Mas sabe o céu que em vez de convidado
Com profana ousadia ao sacrilégio,
Meu triste coração se horrorizava,
Tremia de ceder aos seus desejos.

VETÚRIA

Temerária não mais do céu que ofendes,
Do céu que te condena a graça implora
Em resignado e tímido silêncio.
Aos pés do Grão-Pontífice, que espero,
Deves só revelar ímpios segredos.
Tu és a que lhe dás um feio ingresso
Neste lugar tremendo; aqui somente
Delitos vem julgar... Sua presença
É para nós terrível: assinala
Nossa afronta... Perjura, indigna, teme
A sentença fatal que de seus lábios,
Qual raio vingador, vem fulminar-te.
Com supremo poder pronto a firmá-la,

No austero Tribunal, junto o Senado,
A torpe informação somente espera.
Ímpia! Rebelde ao céu! Chora teus Fados ³¹⁰.

CENA IX

ERÍCIA

(*Só.*)

Debaixo de meus pés negreja a morte!...
Aonde esconderei ³¹¹ a angústia, o pejo,
O terror que me abrange!... Eu ouço, eu ouço
Um nume vingador que em mim tropeja.

ATO II

CENA I

Vetúria, Erícia, Aurélio e Vestais.

AURÉLIO

(*No fundo do teatro.*)

Da santa dignidade ornado apenas,
Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!
Devo em nome dos céus punir delitos!...
Imitar-lhe a clemência antes quisera ³¹².

³¹⁰ *Vai-se com as vestais e escravas.*

³¹¹ Na lição de Inocêncio Francisco da Silva, p. 166, «Aonde irei sumir a angústia, o pejo».

³¹² *Vetúria caminhando para ele.*

VETÚRIA

Senhor, sabes quem foi a mão traidora
Que a deusa profanou?... Foi uma ingrata.
Uma filha sacrílega de Vesta.
Vê o Altar de seus fogos despojado.
Vê com as nódoas do crime o templo augusto.
Não decorreu da noite inda metade.
A celeste vingança, um justo exemplo
Deve à luz matutina antecipar-se ³¹³.
A culpada aqui tens, indaga e julga.
O público terror, em paz se torne.
Os direitos de Vesta, os seus poderes
Jazem nas tuas mãos depositados ³¹⁴.
Nós vamos por mil votos aplacá-la ³¹⁵.

CENA II

Aurélio e Erícia, que tem os olhos baixos, como quem deseja esconder o rosto aos do Pontífice. Tendo seguido com os olhos as vestais e olhando à roda de si

AURÉLIO

Meus olhos com terror vão rodeando
Todo este santuário; ante ele eu sinto
Tremor-me o coração... tremor-me as plantas...
A lesa-divindade está clamando,
Tratemos de punir, o mais se esqueça.
Chega ³¹⁶.

³¹³ *Presenta-lhe Erícia, coberta do véu, com a cabeça baixa, cheia de confusão e terror.*

³¹⁴ *Voltando-se para as vestais.*

³¹⁵ *Vai-se com as sacerdotisas.*

³¹⁶ *Para Erícia.*

ERÍCIA

Que voz!... ³¹⁷

AURÉLIO

O crime está no templo ³¹⁸.
Um castigo exemplar que aterre o crime,
Os romanos atónitos esperam.
A dureza das leis coartar não posso,
Defende-te, se podes ³¹⁹.

ERÍCIA

Céus!... Que lance!...
Que amargura!... É meu pai!... Não, não me engano ³²⁰, pune.

AURÉLIO

Que vejo!... Ó Deus!... ³²¹

ERÍCIA

Vês tua filha.

AURÉLIO

Ela!... Erícia! Olhos meus, alucinais-me!... ³²²
Foi teu pai... contra ti chamado ao templo!...

³¹⁷ *Turbada.*

³¹⁸ *Sem olhar para ela.*

³¹⁹ *Erícia, olhando com perturbação.*

³²⁰ *Depois de o tornar a encarar e chegando-se a ele.*

³²¹ *Conhecendo-a.*

³²² *Aterrado.*

Assim... ao triste... vens apresentar-te?
Voltas o rosto... e nada me respondes?

ERÍCIA

Senhor!

AURÉLIO

Jove supremo! Eternos deuses!
Está pois convencida!... A filha encontro ³²³!
Os céus... a Pátria... as leis mandam que morra!...
E eu devo condená-la!

ERÍCIA

És tu mesmo
Meu juiz!... Ah Senhor!...

AURÉLIO

Sê-lo é forçoso ³²⁴.
Debaixo de que estrela abominosa
Me criastes, ó céus!... Desenganado!
Das quimeras do mundo, aos pés dos numes
Ia o fim demandar dos meus desgostos,
Da minha agitação. Renunciando
Nome, grandezas, tudo, ante os altares,
Em silêncio chorava; a meu despeito,
De pontífice erguido ao grau sublime
Hoje a ti me conduz feroz destino...
Meu filho já não vive... Eu julgo, eu creio

³²³ *Depois de algum silêncio.*

³²⁴ *Com amargura.*

Que uma filha me resta, e vejo... oh sorte!...
Que enche todos os seus de eterno opróbrio!...
Infeliz!... Esqueceu-te o juramento?...
Foste rebelde às leis no céu ditadas?...
Ousaste ser perjura e dispuseste
Fim triste a mim e a ti, na dor, na infâmia!...

ERÍCIA

Céus!... Que escuto! Senhor, eis-me prostrada,
Tua vítima sou, mereço a morte?
Sei meu crime qual é... Porém, devias
Tu próprio, tu, Senhor, lançar-mo em rosto?...
Minha dor tem direito a lamentar-se.
Eu amava (tu mesmo o conhecestes);
Por teu ódio tenaz fui estrangida
A mudar meu destino, e para sempre
Dos braços paternos arremessada
Me vi, a pesar meu, presa aos altares;
O melhor dos mortais me foi roubado,
Ele me apareceu quando a saudade
Minha frágil razão desacordava;
Tu, tu sabes se o amo!... Eia, condena;
Sentenceia, castiga... Eu já não devo
Estranhar teu rigor, mas se te infamo,
Esse mesmo rigor somente acusa.
Sim: quis fugir deste lugar terrível,
Quis um jugo romper que me impuseste;
Mas ao desígnio meu se opôs meu fado:
Perdi, murchei nas lágrimas, no opróbrio
A estação d'alegria, a flor dos anos;
Combater-me, oprimir-me, atormentar-me,
Padecer, suspirar foi meu destino.
A mil tribulações me reduziste:
Só tenho no sepulcro o fim de todas.
Em breve se abrirá por ordem tua...
As tuas próprias mãos me arrojam nele...

Teu pranto corre?... Não correu meu pranto,
Não soaram meus ais para obrigar-te
A afastar-me um grilhão pior que a morte?...
Meu pai!... Mas não, Senhor, meu pai não foste!...
Meu pai no coração me dera asilo,
Passaste a meu juiz, de meu tirano:
Este nome feroz veda a ternura.

AURÉLIO

Justos céus!...

ERÍCIA

Tu, só tu me expões à morte,
Sofre pois o amargor de meus queixumes...
Tua filha infeliz, quase expirando,
Deve ao seu infortúnio esta vingança.
Da morte que me dás tu és culpado,
Donde o crime nasceu, nasça o castigo,
A injustiça aboliu razões do sangue.
Amor, somente amor, aos pais nos liga;
Seus benefícios só são seus direitos...
Mas tu que o desamor, tu que a frieza
Sempre com a terna filha exercitaste,
Com que afagos, Senhor, ou com que extremos
Meus deveres, e os teus me tens mostrado?
Oposto a meus legítimos desejos,
A todo o meu prazer contrário sempre,
Uma só vez sequer não preferiste
O caráter de pai ao de verdugo;
Deste-me a conhecer o que é desgraça,
Folgaste de meu mal... Não, não te assombre
Que eu do respeito as leis, Senhor, não cumpra;
Tu o exemplo me deste, atropelando
As maviotas leis da Natureza.

AURÉLIO

Basta... É muito... Não mais, não mais, oh filha...
Poupa meu coração... não mo despedaces... ³²⁵
Teu pai foi criminoso... És criminosa...
Minha severidade está punida...
Tuas exprobrações enchem minha alma
De remorsos, de horror... Eu as mereço.
Oh da minha ambição fruto amargoso!
Dois filhos possuí... nenhum me resta.
Debaixo dos teus pés cavei o abismo,
O pavoroso abismo em que te arrojto!...
Erícia... Ah minhas lágrimas te vingam...
Tua voz... Tua voz... aqui ressoa ³²⁶
Fere meu coração, nele me acusa... ³²⁷
Céus! Minha filha esquivava-se a meus braços!

ERÍCIA

Ah meu pai!... Em que tempo mos of'reces!...
À boca do sepulcro me pranteias!
De meus dias amargos, quase extintos,
É este o final dia?... A sepultura
Espera já por mim!... Meu pai me some
Naquele eterno horror!... Meu pai me chora!...
Tardo amor! Vã piedade! Inútil pranto!...
Mas que digo!... Perdoa-me os furores,
Perdoa-me o delírio... Eu despedaço
Teu coração, meu pai, e a dor te azedo.
Tua filha rebelde, irreverente
Ultraja os céus, ultraja a Natureza...

³²⁵ *Sic*, por uma questão de métrica.

³²⁶ *Põe a mão no peito*.

³²⁷ *Vai para ela*.

Mas eles podem mais que os meus transportes;
Releva, ó pai, releva a minha insânia;
Quis vingar-me... A vingança me horroriza...
No coração paterno amor desperta!...
Houve tempo... ai de mim! Tempo em que fora
Esse amor precioso a glória minha...
E morro? Morrerei... Senhor, não temas,
Não temas que outra vez meus ais te acusem.

CENA III

Aurélio, Erícia e Afrânio.

(Este correndo com precipitação, tendo ouvido os últimos versos.)

AFRÂNIO

Não, tu não morrerás; o pai de Erícia
Antes de proferir mortal sentença
Há de arrancar-me a vida.

AURÉLIO

Oh céus, que vejo!

ERÍCIA

Que projeto!... Que audácia!... Que delírio
Te reconduz aqui? Vens, vens de novo
Nas aras afrontar a divindade?

AFRÂNIO

Cautamente escondido, e pronto a tudo,
Tua voz conheci, venho amparar-te.

Da tua atrocidade olha os efeitos ³²⁸.
Bárbaro, só em mim teu ódio ceva.
Dos ferros com que a deusa a tem ligada,
Eu vinha resgatar-te a triste filha,
Debalde a meu furor o altar se opunha,
Debalde essa infeliz me recordava
Seu voto, as leis do céu e as leis da Terra.
A tudo me atrevi, só eu fiz tudo,
Só eu fui réu. Não ouses condená-la;
Eu a vítima sou que os céus exigem;
Fere, apaga em meu sangue as fúrias minhas...
Inspirar-me ternura acaso deves?
Traze à memória os golpes que me háś dado,
Meus tormentos, meu mal revê na ideia,
Lembre-te que de ti nasceram todos;
Que me tens obrigado a desejar-te
A morte mais atroz, que do meu ódio
Seguro não estás, que te detesto...
Ah se não fosse a tua iniquidade
Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!

ERÍCIA

Espera... Que é meu pai reflete, insano,
Olha a consternação que o justifica...
Cruel!... Para que vens vituperá-lo,
Envenenar-lhe a dor, talvez perder-te...
Morrer sem me salvar?... Meu pai, vieste
Com braço vingador pôr freio ao crime...
Não te enganas da vítima na escolha,
A mim, que delinqui, punir só deves...
De cegos frenesis desacordada,
Aos céus, a Vesta preferi o amante.

³²⁸ *Para Aurélio.*

Ele, ah!... Ele, sem ver minha fraqueza,
Jamais conceberia as esperanças
De arrancar-me a cerviz de um jugo eterno.
Eu devera lutar... lutar não pude.

AURÉLIO

Meus filhos... ³²⁹

AFRÂNIO

Tu suspiras!... Que resolves?... ³³⁰
Da ternura em teus olhos ferve o pranto;
Fala; com uma palavra, extrair podes
Os terrores mortais, que em mim se arreigam.
Emudeces!... Bem sei, vais condená-la... ³³¹
Mas meu amor, meu braço inda lhe restam.
Roma de meus avós é grata ao zelo,
Ela recordará quanto me deve;
Se em Roma tenho amigos, tu bem sabes,
E se o sangue Públícola se estima.
Sou vivo, impedirei o atroz projeto,
O negro, detestável sacrifício...
Treme, eu vou...

ERÍCIA

Pára, e vê tua injustiça,
Venera aquelas cãs, ouve-me ao menos;
Uma esperança vã do peito expulsa...
Recuso e desaprovo os teus excessos.

³²⁹ Pegando-lhes nas mãos.

³³⁰ Apertando-lhe a mão.

³³¹ Larga-lhe a mão com furor.

Os deuses a sentença proferiram...
Meu pai por dever santo é órgão dela.
Tu, no meu coração reinas, triunfas...
Por esta confissão me entrego à morte.
A minha vida está nas mãos de Vesta...
Eu te adoro, eu te perco, eu para sempre
Meus dias vou fechar... na sepultura...
Meus dias... que por ti só eram gratos...
Submete-te... Refreia os teus furores;
Não agraves um crime, um pai respeita...
No semblante do pai contempla a filha;
Vive para adoçar-lhe a desventura;
Nos frouxos olhos seus enxuga o pranto,
Em vez de lho aumentar com teus insultos...
Exigir inda mais talvez pudera...
Ah! Por ti morro... De ânimo careço...
Aceita um triste adeus... Adeus da morte...
Nunca mais te verei ³³²!

AFRÂNIO

Erícia, Erícia!
Ela foge; os meus gritos são baldados.

³³² *Afasta-se vagarosamente, Afrânio seguindo-a. Ela pára, olha para ele com amargura, volta-se arrebatadamente e desaparece.*

CENA IV

Aurélio e Afrânio.

(Este, voltando-se para Aurélio, e com voz arrebatada.)

AFRÂNIO

Escuta... Não te enganes, não presumas
Que eu, se Erícia perder, seu pai respeite,
Vê que no amante um vingador lhe fica...
Mas que faço!... A que excessos me arrebatava
Meu inútil furor! É desta sorte
Que um réu ao seu juiz perdão suplica!
Tu me vês a teus pés depor a audácia,
Tu prostrado me vês, vês que te imploro
Para te conservar teu próprio sangue,
Para evitar-te os prantos e os remorsos
Para salvar de um fim tão lastimoso
Uns dias preciosos, uma vida
Que deves respeitar; por ti, por ela;
Recorro ao pranto, às súplicas me abato...
Pontífice dos deuses, sê sensível...
Sê pai... Tu choras?... Lágrimas não bastam,
Erícia mais que lágrimas precisa;
Estorva a sua morte, a minha, a tua.

AURÉLIO

Vai! Já meu coração, já me tem dito
Quanto pode dizer... porém, minha alma,
Atónita de horror, mede, contempla
A medonha extensão dos seus deveres.
O pai não pode... (oh céus!...) alucinar-se...
Sim, da religião severa, imóvel
No tribunal sagrado ele preside...
Ele chora... Estremece... Esta sentença

É direito, é dever do grau que ocupa;
O ferro da justiça armou-lhe a dextra...
Não pode perdoar...

AFRÂNIO

Que leis! Que horrores!
Os céus anelam sangue! Ordenam mortes?
Exigem parricídios! Tu confundes
Com a religião teu ímpio zelo...
Inumano! Ele é pai, e eu sou quem roga!
Esta sentença bárbara te aterra,
E, apesar do terror, vais proferi-la!

AURÉLIO

Afrânio...

(*Chora.*)

AFRÂNIO

Vai-te, deixa-me, tirano ³³³,
Artífice fatal dos nossos males!...
Tu vês que precipício a mim e à filha
Cavou tua injustiça. Em melhor tempo
A meu ardente amor porque o roubaste?
Justo seria... As horas passam, fogem,
Aproveitá-las vou, devo salvá-la.
Se isto é crime, encarrego-me do crime,
Se nisto afronto os céus, os céus têm raios;
Posso remir a vítima que adoro;
Há caminho que a ela me conduza;
Consente-o: não arriskas tua glória,

³³³ *Arrebatado.*

Basta só que retardes a sentença.
Se a retardas, Senhor, salvaste a filha.
Da palavra que dou, verás o efeito.

AURÉLIO

Que intenta!... A que cegueira amor o arrasta ³³⁴!
Ah mancebo infeliz! Que pronuncias!
Dentro em meu coração não lem ³³⁵ teus olhos...
Eu o golpe lhe dei com que ela expira...
Ah nesta alma paterna inconsolável
Com mais exprobrações o horror não dobres...
De benigna piedade eu necessito...
Vê meu débil poder... Já no Senado
Os severos pontífices se ajuntam;
Do crime perpetrado em breve esperam
Exata informação que dar-lhes devo...
Ou demora, ou descuido, as leis não sofrem.
A mesma criminosa se delata...
O zelo impaciente apressa a pena...
Retardar-se não pode o sacrificio...
Que o meu dever me impõe, que Roma espera.

AFRÂNIO

Sacrificio! De quem!? De Erícia! Ah caiam,
Caiam primeiro esses cruéis altares
Nas ruínas dos tetos abrasados;
Primeiro o sacro fogo em cinzas torne
De feroz Vesta as bárbaras escravas!
Já não sei da razão, já nada atendo,
Meu coração raivoso, arrebatado,

³³⁴ *Aurélio a custo, e como reanimando a constância.*

³³⁵ Em vez de «leem», por imposição métrica.

Ousa desafiar todos os deuses.
Embora sobre mim rebentem raios,
Nada pode estorvar que eu vingue Erícia,
Que eu vingue a minha amada... Oh céus! Vingá-la!
Outras ideias tenho, outros cuidados;
Somente o de salvá-la é que me ocupa:
Aurélio, meus tormentos te comovam,
Ah! faze que o pontífice emudeça;
Triunfe a Natureza, amor triunfe... ³³⁶
Oh meu pai!... Tenho jus de assim chamar-te...
Nada tentas, Senhor, nada te incita!
A próxima desgraça não te aterra!
Quê! Poderás ouvir, ver tua filha
Gemer e caminhar ao transe horrível;
No sepulcro fatal sumir-se viva!
Pela última vez, tendo lançado
Os olhos para ti e em vão chorando,
Pedindo em vão piedade ao pai, aos deuses!
Poderás ver seu pranto... Origem dele!...
Treme a tão negra ideia, a Natureza!...
Aurélio!... Que espetáculo!... E serias
Capaz de o suportar!... ³³⁷

CENA V

AFRÂNIO

(Só.)

Foge, não me ouve!...
Tudo, infeliz donzela, te abandona!... ³³⁸

³³⁶ Lança-se-lhe aos pés.

³³⁷ Aurélio o encara com ternura, levanta-o, torna a encará-lo e vai-se.

³³⁸ Depois de alguma pausa.

Tudo, tudo perdeu!... Não, eu lhe resto,
Basta. Apele-se à força. Arme-se a raiva,
Congregue-se um partido, ajudem prontos
Os confidentes meus minha vingança,
E com ferro e violência aqui tornemos.
Ao sepulcro se arranque a minha amada,
Arranque-se aos verdugos, a despeito
Dos romanos, das leis e até dos numes.

ATO III

O fundo do teatro está aberto, deixa ver uma praça que faz parte do recinto; nota-se ali uma terra elevada que é o sepulcro destinado para Erícia; a entrada é por cima. À roda grandes pedras que devem fechá-lo. Vem quase amanhecendo.

CENA I

AURÉLIO

(Só, cheio de consternação, caminha algum tempo pela cena sem dizer nada, ergue os olhos para o céu e recua horrorizado à vista do sepulcro.)

Que espetáculo! Ó Vesta!... A criminosa ³³⁹
Está julgada, enfim... Não tem refúgio...
Eu a sentenciei... Serás vingada...
Os pontífices todos a condenam...
Perdoa-me estas lágrimas... Ao fado
De uma filha infeliz são bem devidas...
Debalde quer firmar-se a natureza...
O aspeto do sepulcro me confunde...
Me arrepia... me abate... E posso, ó deusa,

³³⁹ Olha para toda a parte com inquietação.

O rigor sustentar de meus deveres?...
Afrânio...
Que esperanças, que desejos
Se afoita a conceber minha alma insana?
Eu sou juiz, pontífice e romano... ³⁴⁰
Eu sou pai... ele viu minha amargura...
Ama... é audaz... a tudo há de atrever-se...
Venha... os ímpetos seus... Eu cerro os olhos.
Mas onde me transporta o meu delírio!...
Vingança devo às leis... Vingança aos numes...
A minha própria filha... em honra deles
Devo sacrificar!... Que angústia!... Afrânio!...
Afrânio!... Este desejo é sacrilégio ³⁴¹!
Com que voz, com que face, ó filha minha,
Há de teu pai misérrimo intimar-te ³⁴²
A sentença cruel, que deu forçado?
Com que ânimo a teus olhos temerosos
Hei de expor o sepulcro!... A morte!... O nada!...
Socorro, eterno Jove!... Eu desfaleço ³⁴³.

CENA II

Aurélio e Erícia.

(Esta caminha lentamente, e com um ar desacordado.)

ERÍCIA

Onde vou!... Tudo aumenta os meus terrores...
À morte me aproximo em cada passo...

³⁴⁰ Rapidamente e como falando a seu pesar.

³⁴¹ Tornando a olhar.

³⁴² Depois de algum silêncio.

³⁴³ Encosta-se a um canto do teatro e fica em profunda aflição.

Senhor... Na turbação que lhe diviso ³⁴⁴
Se nutrem minhas ânsias!... Tarde... ai!... Tarde
Deparado me foi o amor paterno.

AURÉLIO

És tu, filha ³⁴⁵?

ERÍCIA

Acolá me espera a morte,
Meu pai!

AURÉLIO

Para morrer devo dispô-la!... ³⁴⁶

ERÍCIA

Já nenhuma esperança me permitem?...
Choras!... Suspiras!... Basta, eu me resigno.
O Senado firmou minha sentença?...
Afrânio... Tê-lo amado é só meu crime.
Este funesto amor, que negros males
Semeou na minha alma e nos meus dias!...
Meu pai... Que injúria atroz fiz eu aos numes?...
Sem querer te enveneno o fim da vida...
Porém, dos anos meus pondera o Fado.
Eles por dura lei se têm volvido
Neste cárcere triste em amarguras,
Em desesperação, queixumes, prantos;

³⁴⁴ *Caminha para o pai, que não repara nela.*

³⁴⁵ *Como acordando e falando a custo. Olha para o sepulcro, volta-se para o pai e aponta para ele.*

³⁴⁶ *Chorando. Torna a encostar-se.*

Vê como se terminam!... Cerra os olhos ³⁴⁷.
Cuida só em punir, meus ais não ouças,
Sufoca as sensações da humanidade,
Repulsa a Natureza horrorizada...
Senhor... Se compassivo em outro tempo
Sua voz atendesses, não virias
Exercer este horrível ministério;
Tu serias feliz... De Afrânio eu fora...
Perdoa!... Desatino... A seus transportes
Se dá meu coração mais do que deve...
Lamento-te, Senhor... Adoro Afrânio...
E vou morrer!... Constância, fortaleza
Armem teu peito agora, ousa animar-me
No momento fatal, socorre Erícia.
Eu não receio a morte, a injúria temo;
Inda cedendo, a amor dei culto à honra,
Seguia um terno esposo, um digno amante,
Que me ofertava a liberdade, a glória.
Seguia um coração que ao meu se unira
Desde a tenra, viçosa adolescência...
Morro contudo no suplício infame,
Que pune corações torpes, abjetos,
Falsos ao mesmo tempo a si, e aos deuses...
Os injustos mortais alucinados
Do crime não distinguem a fraqueza?
Serei da opinião vítima triste ³⁴⁸!

³⁴⁷ *Aurélio se levanta, dá um gemido e cai na sua primeira situação.*

³⁴⁸ *Aurélio levantando-se e caminhando depressa pelo teatro, e olhando depressa para o fundo.*

AURÉLIO

Ah filha deplorável!... Esperemos...
Se a fortuna... Se os céus... Se os meus desejos...
Que crime!... Que esperança!... Oh negros Fados ³⁴⁹!

CENA III

Vetúria, Aurélio, Emília, Erícia.

VETÚRIA

Já, Ministro sagrado, as sombras fogem,
A Aurora vem raiando, e sem vingança
A deusa ainda está, e a aflita Roma!
Expie-se o delito, o mal se arrede,
Morra a culpada no suplício justo;
Hoje este indispensável sacrifício
Seja o primeiro que os romanos vejam:
Ao templo consternado o Sol nascente,
Reconduzindo a luz, de novo encontre
Nestes altares a pureza augusta,
E preste a nossos cultos nova chama,
Na sombra em que nasceu se ausente o crime.
De Vesta celebrar-se os ritos podem
Este pomposo instante aceleremos:
Motivo algum não há para a demora;
Dos ofendidos céus, do altar manchado
Seja a vingança pública e solene,
Ao povo impaciente as portas se abram.
Soldados, vigiai por toda a parte

³⁴⁹ *Com dor e susto.*

Neste santo lugar, vossa presença
Contenha a multidão. Vestais, é tempo,
Vinde ³⁵⁰.

ERÍCIA

(Lança os olhos para a turba e ergue-os para o céu.)

A meu termo (oh céus!) estou chegada!
Morte cruel! Ao teu aspeto horrível
A humanidade treme... antes de tempo
Caio, e me escondo em teu abismo eterno!

AURÉLIO

(Olhando para uma parte com perturbação.)

Criminosa esperança abafar devo...
Céu!... Cumpre obedecer!... Tu me conforta.

VETÚRIA

(Pegando no véu negro que lhe traz uma das vestais.)

Tudo, santo ministro, está disposto;
Execute-se a lei. Essa perjura,
Que alta justiça ao túmulo condena,
Um nome que manchou, não leve a ele.
Do sacro véu despoje-se a rebelde,
Por seus membros se estenda o véu da morte.

³⁵⁰ *O fundo do teatro se enche; as vestais vêm com os Pontífices; os soldados dispersos pela cena, afastando o povo da sepultura.*

AURÉLIO

(Pega num véu negro que Vetúria lhe dá e entretanto algumas vestais tiram o véu branco a Erícia.)
Que bárbaro dever!

ERÍCIA

Momento acerbo ³⁵¹!
Senhor, tu estremeces!.. Vê que todos ³⁵²
Tem ³⁵³ nas tuas ações os olhos fitos,
Conclui... De ser pai não é já tempo...
Do juiz, do pontífice eis a hora;
Para o negro sepulcro os passos movo...
Eu só devo tremer e lamentar-me...
Tu... obedece aos deuses. Quando Afrânio... ³⁵⁴
Onde triste memória me arrebatas!...
Ah, meu final momento a amor pertence ³⁵⁵.

VETÚRIA

(Enquanto Erícia recebe o véu.)
Tua morte sossegue a aflita Roma.
Os males que temia em ti descaiam:
Só tua iníqua fronte os deuses firam.

ERÍCIA

(Depois de ter dado alguns passos e achando-se ao pé de Emília.)
Adeus, querida Emília.

³⁵¹ *Chega-se para seu pai.*

³⁵² *Baixa a voz.*

³⁵³ *Sic, por imposição métrica.*

³⁵⁴ *Com voz ainda mais baixa.*

³⁵⁵ *Abaixa a cabeça; Aurélio ergue o véu com mão trémula e o deixa cair nela.*

EMÍLIA

(Detendo-a e lançando-se-lhe aos pés.)

Ah fui-te falsa,
O meu zelo indiscreto urdiu-te a morte.

ERÍCIA

Vê se neste lugar mora a ventura ³⁵⁶;
De fraqueza um momento ali me abisma ³⁵⁷;
Implorai a deidade a bem de Erícia,
De Erícia triste ³⁵⁸.
O meu caminho é este? ³⁵⁹

VETÚRIA

Toda aquela entre nós que ousar manchar-se
De tão feio atentado assim pereça.
Vestais, que sacra lei nas aras prende,
Das vinganças do céu vedes o exemplo;
Tende-o sempre ante os olhos aterrados,
Adoremos a deusa inexorável;
A seus augustos pés tremei comigo.

AURÉLIO

Oh dor! ³⁶⁰

³⁵⁶ *Levantando-a nos braços.*

³⁵⁷ *Mostra-lhe o sepulcro.*

³⁵⁸ *Olha para o sepulcro; a multidão do povo concorre e põe-se em roda; os soldados, que conservam a turba a uma certa distância, estão postos em fileira e deixam entre si um caminho livre.*

³⁵⁹ *Volta a cabeça devagar e caminha com horror para onde está a sepultura.*

³⁶⁰ *Olha para o sepulcro, vê sua filha, que lhe contempla a profundidade com terror. Aurélio volta a cabeça e encosta-se a um pontífice.*

ERÍCIA

É pois aqui meu ponto extremo!...
Deixo enfim de existir!... De amar!... Perdoa,
Sim, perdoa-me, ó céu, talvez te ofendo;
Mas ache um protetor, ache um refúgio
Em teu poder supremo a glória minha!
Tu ao meu coração quando me punes,
Tu ao meu coração faze justiça;
Ele de corrupção não foi tocado,
Sacerdotes, vestais, povo romano,
Em prova do que ouvis atesto os deuses,
Que aos ímpios dão no Inferno eternas penas;
Não, no estado em que estou não há fingidos;
Entre a morte, entre mim só vejo um passo;
Mas sofri que ao morrer me queixe ao menos.
Respeitos, sujeições ou interesses
De todo para mim se desvanecem;
Das cegas prevenções o véu rasgando,
A verdade nos túmulos se encosta...
Dali é que ela fala e resplandece.
Quando maligno fado, a meu despeito,
Me conduziu, vestais, ao templo vosso,
Vós, que vistes meu pranto e meus pesares,
Expulsastes-me então, como devíeis?
Não, vós minhas cadeias apertastes,
E desde esse cruel, terrível dia,
Sempre, sempre a gemer busquei socorro,
Busquei piedade em vós... E achei piedade?...
Não, só falar ouvia em leis tremendas,
Que arremessam no horror da sepultura
Profanas, infíeis sacerdotisas;
Calava-se a piedade, a dor crescia,
E do temor nasceu meu artifício.
O infeliz coração que exacerbastes,
Pelo não parecer, foi criminoso.
Talvez dobrou seu mal por ocultá-lo,

Compassivos talvez vossos desvelos
Chagas que amor lhe abriu curar pudessem.
Nada obtive de vós... Morrer me vedes!
Ah praza, praza ao céu que, deplorando
Os tristes fados meus, não mais, ó Virgens,
Franqueeis vosso templo a desgraçadas!
Estas preces ouvi, eu vos perdoo...
Vesta! Vê meus remorsos, não me siga
Teu ódio, teu furor além da morte ³⁶¹.

CENA ÚLTIMA

Os atores precedentes, Afrânio, com um punhal na mão, seguido de romanos armados, e abrindo caminho por entre o povo. Aurélio em toda esta cena mostra com gestos a sua extrema consternação

AFRÂNIO

Fugi.

VETÚRIA

Que voz sacrílega interrompe ³⁶²
Um ato... Por que empunhas esse ferro?

AFRÂNIO

Treme... E tremei também, sacerdotisas...
Entregai-me... Que vejo!... Oh céus!... Detém-te... ³⁶³

³⁶¹ *Abaixa o véu e caminha devagar para o sepulcro.*

³⁶² *Indo para ele.*

³⁶³ *Vê Ercia junto à sepultura, corre a ela, lança-lhe os braços ao tempo em que ela já tem um pé no sepulcro e levanta o outro para descer.*

ERÍCIA

Ó deuses!... Onde estou! ³⁶⁴

AFRÂNIO

(Transportado.)

Meus dignos sócios ³⁶⁵
Vem ³⁶⁶ com resolução capaz de tudo
Proteger meu amor, ou minha raiva...
Não temas o furor de um zelo injusto,
De um zelo que te ultraja... estou contigo. ³⁶⁷
Para sacrificá-la é necessário,
Romanos, que primeiro no meu sangue
As mãos enxovalheis; não desamparo
A lastimosa vítima; reclamo
Sobre esta sepultura a minha amada,
A minha esposa... É justo que em meus braços
Vós a depositeis. Eu quis livrá-la
De acerba escravidão, ninguém me exprobe
Que insulto a deusa; recebi primeiro
De Erícia o coração, ternura e votos;
Vesta com duras leis a tinha presa;
Ela me pertencia... Os meus direitos
Manter quero ante vós. Qual é mais santo?
Eu amo, eu sou amado... Eia, responde,
Pontífice, a ti mesmo, afoito, apelo. ³⁶⁸
Tu nos viste formar tão doces laços.
Teu orgulho os quebrou: para exaltares
Um filho, dois amantes desuniste...

³⁶⁴ *Aterrada e caindo sobre a pedra do sepulcro. Fica como desmaiada.*

³⁶⁵ *Aponta para os companheiros.*

³⁶⁶ *Sic, por imposição métrica.*

³⁶⁷ *Voltando-se para o Povo.*

³⁶⁸ *Para Aurélio.*

Romanos, conheci toda a sua alma,
Estorvai um delito abominoso...
O bárbaro é seu pai.³⁶⁹

VETÚRIA

Seu pai!³⁷⁰

AFRÂNIO

Dos braços,
Dos braços a roubou de um terno amante,
E neste dia ordena a morte dela!...
Ela não morrerá; minha ternura
Vem remi-la do horror do cativoiro,
Meu zelo vem romper-lhe o férreo jugo,
Que tanto na cerviz lhe tem pesado.
Amar a liberdade é crime em Roma?³⁷¹
Examinem-se as leis que o Tibre adora.
Sumo bem dos mortais é serem livres.³⁷²
Que voto há que derogue este desejo?
Votos que a força impôs não podem tanto.
É resistir aos céus, é ser culpado
Romper um jugo, um jugo insuportável?
De causar nossa angústia os deuses folgam?
Folgam de nossos ais, de nossos prantos?
Os ferros e opressões nos amontoam?
Nós somos filhos seus, ou seus escravos?...³⁷³

³⁶⁹ *Apontando para Erícia.*

³⁷⁰ *Todos mostram admiração.*

³⁷¹ Verso corrigido pela Censura, reconstituído por Inocêncio Francisco da Silva, *Obras de...*, t. VI, p. 192. Na edição censurada de 1805, «Manter a imunidade é crime em Roma?»

³⁷² Verso corrigido pela Censura, reconstituído por Inocêncio. Na edição censurada de 1805, «O humano coração tende à ventura.»

³⁷³ Verso corrigido pela Censura, reconstituído por Inocêncio. Na edição censurada de 1805, «Nós somos filhos seus, não seus escravos!...»

VETÚRIA

(Com uma espécie de horror.)

Deuses!... Ainda o raio está suspenso!
Romanos, castigai...

AFRÂNIO

(Aos seus amigos, vendo a plebe disposta a amotinar-se.)

Fiéis amigos,
Favoreci meu ímpeto... romanos ³⁷⁴,
Esperai, quando não, fervendo em raiva,
O templo cobrirei de horror, de estragos;
Perseguirei bramindo os vossos dias
Defronte desses deuses implacáveis,
Cobiçosos de lágrimas e sangue!
Se derramando-o só lhes apazemos,
Se Vesta enfim o exige... Eu a contento...
Que deuses, cujas leis, cuja grandeza,
Em vez de proteger, o mundo oprimem!
Que as aras querem ver nadando em sangue,
Quando para aplacá-los deveria
Ser bastante um só ai, um só remorso!
Detesto os deuses maus, que adora o Medo,
Filhos do engano, pela morte honrados...
Inda que Vesta súbito me abraße
A terra em bocas mil para tragar-me,
Eu não conheceria... Eu não conheço
Senão o autor de Roma, o deus da guerra,
Dos meus concidadãos o deus terrível...
Por ele o Mundo, prometido a Roma,
Há de sofrer-lhe as leis, sentir-lhe os ferros...
Marte de Erícia não exige a morte;

³⁷⁴ O Povo.

Ela por mim suspira; aquele afeto
Para arrancar-lhe a vida é um direito?
Céus! Que contradição diviso em Roma?
Onde Vénus se adora, amor se pune!
Merece amor este cruel suplício?
Como! A religião faz desumanos?
Sempre a superstição desatinada,
Ó Céus! Ó Natureza! Há de afrontar-vos!
Sempre de ideias vãs envilecida,
Há de a razão fazer, e a Humanidade!
Sempre o cego mortal ceder a enganos!...
Ah, dos numes que asilo esperaremos,
Se a morte se coloca ao pé das aras!
Deve o Medo ofertar nossos incensos?
Não!... Se o céu quer vingar-se, o céu se vingue...
E quando vós punis, talvez perdoe;
Só compete aos mortais orar aos numes...
Mas demorei-me assaz; vem, segue, Afrânio,
Meu férvido valor desesperado ³⁷⁵
Passagem te abrirá por entre o povo.

ERÍCIA

Deixa-me!... Teme os céus, de quem blasfemas.

AFRÂNIO

Sê minha, vem, depois os céus fulminem
Dos deuses a pesar eu hei de obter-te;
Minha promessa tens, e exijo a tua,
Minha esposa serás... dos céus à face,
Sobre este horrível túmulo profiro
O solene, imutável juramento;

³⁷⁵ Para Erícia.

Nada pode arrancar-te dos meus braços;
Neste meu juramento, atesto, invoco
Amor, Júpiter mesmo, a mesma Vesta.

ERÍCIA

Espera... tu que podes? Deixa, deixa
Este lugar em paz, não o profanes...
Satisfeitos serão Amor e Vesta.
Olha o povo a bramar! Quer minha morte:
O duro sacrifício em vão suspendes.
Romanos, eis o amante idolatrado
Que à Pátria, que ao dever, que aos céus prefiro;
Dos anos meus lhe consagrei a aurora...
Meus primeiros suspiros foram dele,
Dele será meu último suspiro...
Cai-me o grilhão, recobra a liberdade. ³⁷⁶
Ó tu, que imperas só nos meus sentidos!
Queres a minha mão?... ³⁷⁷
Recebe-a, é tua.

AURÉLIO

Deuses!... Eu morro!...

AFRÂNIO

Erícia!... Oh, raiva!... Oh, crime!...
Céu tirano!... Outra vítima te ofereço. ³⁷⁸

³⁷⁶ Voltando-se para Afrânio.

³⁷⁷ Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afrânio, fere-se com ele e estende-lhe a mão dizendo.

³⁷⁸ Arranca-lhe o punhal e mata-se. Aurélio, consternado, se encosta a um pontífice. O povo e soldados mostram dor e compaixão. Os pontífices e as vestais, horror e assombro.

III — ATÍLIO RÉGULO

*Drama heroico de Metastásio, em três atos*³⁷⁹

ATORES:

RÉGULO

MÂNLIO, cônsul

ATÍLIA E PÚBLIO, filhos de Régulo

BARCE, nobre africana, escrava de Públio

LICÍNIO, tribuno do povo

AMÍLCAR, embaixador de Cartago

Senadores, patrícios romanos, lictores, africanos, povo, etc.

A ação se finge fora de Roma, nos arredores do Templo de Belona.

ATO I

Átrio no palácio suburbano do cônsul Mânlio. Espaçosa escada, por onde se sobe a ele.

³⁷⁹ Pietro Trapassi, ou seja, Metastásio, nasceu em Roma a 3 de janeiro de 1698 e faleceu, em Viena, a 12 de abril de 1782. Além de ter cultivado a poesia, distinguiu-se igualmente pela composição de *libretos* e pela tradução, entre outras obras, da *Arte Poética*, de Horácio, e de um excerto da *Poética*, de Aristóteles. O presente texto foi publicado, primeiramente, por Pato Moniz em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: Impressão Régia, 1813, pp. 1-69. O respetivo manuscrito, datado de 1799, foi entregue pelo morgado de Assentiz à irmã de Bocage, Maria Francisca. Esta, por sua vez, cedeu-o a Pato Moniz. Seguimos, porém, a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias...*, t. VI, pp. 197-264, o qual teve acesso ao manuscrito original.

CENA I

Atília, Licínio, lictores e povo.

LICÍNIO

És tu, querida Atília! Oh Céus! É crível
Que de Régulo a filha aqui se encontre
Confundida entre a plebe, entre os lictores?

ATÍLIA

Aqui do cônsul a saída espero.
Hei de, ó Licínio, envergonhá-lo ao menos:
Não, já tempo não é de vãos melindres.
Em África meu pai cativo geme,
Um lustro decorreu, ninguém procura
Resgatar o infeliz; só eu, mesquinha ³⁸⁰,
Seu desastre fatal pranteio em Roma.
Se me calar, quem falará por ele?

LICÍNIO

Repara que és injusta assim pensando.
Onde vês quem não queira, ou não suspire
Desligar-lhe as prisões? E quem não julga
Ser pequena conquista África inteira,
Tão grande cidadão custando a Roma?
De mim não falo: ele é teu pai, eu te amo.
General, costumou-me a dextra às armas:
Da custosa virtude as leis severas
Amáveis me tornou, insinuou-me
No dócil peito um coração romano.

³⁸⁰ Sem qualquer poder, humilde.

ATÍLIA

E que montam, Licínio, essas memórias?
Frutos da gratidão inda não vejo.

LICÍNIO

Carecendo até aqui de autoridade,
Que podia exercer em seu proveito?
De ambicioso ardor não fui tentado,
A demandar o tribúncio emprego.
Com ele o preço das instâncias minhas
Altear pretendi; se inúteis preces
Té hoje por teu pai fiz ao Senado
Em simples cidadão, tribuno agora,
Do povo todo em nome a voz soltando,
Protesto de exigir...

ATÍLIA

Guardemos esse
Tão violento remédio a lance extremo.
Tumultos, dissensões se não despertem
Entre o povo e Senado: ambos zelosos
Do Supremo Poder, por ele punem;
Ambos de longo tempo a si o arrogam,
E o que um deles promove, embarga o outro.
Há mais fácil caminho: eu sei que Roma
O orador de Cartago espera em breve.
Para ouvi-lo, o Senado se congrega
No Templo de Belona. O cônsul pode
De Régulo o resgate ali propor-lhe.

LICÍNIO

Mânlio!... Ah! vê que foi sempre, e desde a infância
Émulo de teu pai, não fies dele:
É Mânlio meu rival.

ATÍLIA

Mânlio é romano:
Com público poder ódio privado
Sei que não há de armar; deixa que eu fale;
Ouçamos o que diz.

LICÍNIO

Fala-lhe ao menos
Em lugar mais decente, e não toleres
Que entre o povo te encontre.

ATÍLIA

Antes desejo
Que abatida me observe e core ao ver-me;
Que em público me escute e me responda.

LICÍNIO

Ele vem.

ATÍLIA

Parte.

LICÍNIO

Ah! nem sequer te dignas
De olhar-me uma só vez? Atília...

ATÍLIA

Agora
Me cumpre filha ser, não ser amante.

CENA II

Atília e Mânlio descendo, povo e lictores.

ATÍLIA

Mânlio, detém-te; escuta-me um momento.

MÂNLIO

E crês este lugar de Atília digno?

ATÍLIA

Era indigno de mim quando eu podia
Blasonar de um pai livre, um pai invicto;
Para a filha de um servo é decoroso.

MÂNLIO

A que vens?

ATÍLIA

A que venho? Oh Céus! Té quando
Com pasmo a Terra, envergonhada Roma,
Verá meu triste pai desamparado,
Em vil escravidão? Somem-se os dias,
Anos tornam-se em lustros, lustros passam,
E quem de seus grilhões se dói, se lembra?
Ah! Que delito seu tem merecido

Tão bárbara indif'rença dos romanos?
Talvez o heroico amor, talvez a honra
Com que os filhos, e a si pospôs à Pátria?
Talvez seu coração grande, incorrupto,
Sua ilustre pobreza em sumos cargos?...
De Régulo esquecer-se, oh! Como pode
Quem respira estes ares? Onde em Roma
Há lugar que de Régulo não fale?
As ruas? Por ali passou triunfante.
O Foro? Lá ditou leis providentes.
Os muros do Senado? Aí mil vezes
Seus maduros conselhos fabricaram
A pública saúde. Entra nos templos,
Vai, sobe, ó Mânlio, o Capitólio, e dize
Quem de tantas insígnias o adornara,
Púnicas, sicilianas, tarentinas ³⁸¹?
Estes mesmos lictores, estes mesmos
De que hoje és precedido, já n'outrora
Precederam meu pai: essa que cinges
Púrpura consular, cingiu-lhe os ombros;
E hoje o deixam morrer entre cadeias?
E hoje por si não tem senão meus prantos,
Meus prantos sem proveito desparzidos?
Oh Pátria! Oh Roma! Oh cidadãos ingratos!

MÂNLIO

Justa é sim tua dor; mas não é justa
A tua acusação: também nos move
De Régulo o desastre, e bem sabemos
Nele que horror tirânico pratica
A bárbara Cartago.

³⁸¹ Relativo a Tarento, cidade do Sul de Itália que esteve ao lado dos Romanos na primeira Guerra Púnica.

ATÍLIA

Ah! Não, Cartago
A bárbara não é. Cartago oprime
Um contrário fatal; Roma abandona
Um fiel cidadão. Lembra-se aquela
Dos antigos ultrajes; esta esquece
Quanto sangue e suor verteu por ela.
Uma em Régulo vinga os seus deslustres;
A outra o pune, porque, aceso em glória,
De loiros triunfais lhe honrara a frente:
Qual é pois a cruel? Cartago ou Roma?

MÂNLIO

Mas que resolução tomar se deve?

ATÍLIA

A mais justa de todas. O Senado
Ofereça por meu pai troca ou resgate
Ao africano embaixador.

MÂNLIO

Tu falas,
Atília, como filha; a mim releva
Proceder como cônsul. É preciso
Primeiro examinar se tal proposta,
A Roma não desluz. Quem às cadeias
Os pulsos costumou...

ATÍLIA

Donde aprendeste
Tão rígida moral?

MÂNLIO

Tenho ante os olhos
Os exemplos domésticos.

ATÍLIA

Ah! dize
Que sempre de meu pai contrário foste.

MÂNLIO

Se de inimigas mãos caiu nos ferros,
Se ele deixou vencer-se, é culpa minha?

ATÍLIA

Mas antes que meu pai vencido fosse,
Que vezes te ensinou...

MÂNLIO

Não mais, Atília;
O Senado está junto — eu já não posso
Aqui deter-me. Aos outros senadores
Menos austeras máximas inspira,
Podes o meu rigor baldar com isso,
Podes, que em Roma os cônsules não reinam.
Tu julgas-me cruel e inexorável,
Mas não é sempre a dor juiz inteiro;
Afligem-me teus ais, teus males sinto;
Mas não provém de mim, não sou culpado,
Se te empece o que a tantos aproveita.

(Vai-se.)

CENA III

ATÍLIA

(Só.)

Já que esperar dos cônsules não resta,
Um contrário, outro ausente, é necessário
Que ao popular auxílio se recorra.
Triste, mísero pai! Ah De que incertas,
Fatais alterações está pendente
A tua liberdade, a tua vida!

CENA IV

Barce e Atília.

BARCE

Atília! Atília!

ATÍLIA

Que razão te apressa?
Porque assim te afadigas?

BARCE

É chegado
O africano orador.

ATÍLIA

Não vale a nova
Esse estranho transporte.

BARCE

Outra notícia
O mereça talvez.

ATÍLIA

Qual é?

BARCE

Com ele
Vem Régulo.

ATÍLIA

Meu pai?

BARCE

Teu pai!

ATÍLIA

Ah, Barce!
Enganas-te, ou me enganas?

BARCE

Não foi visto
Por mim, mas todos...

ATÍLIA

Públio!

CENA V

Atília, Barce e Públio.

PÚBLIO

Irmã, que assombro!
Régulo em Roma está.

ATÍLIA

Deuses! Que assalto!
Que enchente de prazer! Guia-me a ele.
Corramos... onde está?

PÚBLIO

Suspende, Atília:
Inda tempo não é. Régulo, junto
Qu'ò africano orador, licença espera
Para entrar no Senado.

ATÍLIA

Ah onde o viste?

PÚBLIO

Bem sabes que eu, questor, tenho a meu cargo
Hospedar estrangeiros oradores.
Ouvindo que o ministro de Cartago
Chegara ao Tibre, os passos acelero;
Ao porto me encaminho, e quando julgo
Um africano ser, meu pai diviso.

ATÍLIA

Que disse? Que disseste?

PÚBLIO

Já na praia
O vi quando cheguei. No Capitólio,
Que inda ao longe dali se alcança em parte,
Com sôfrega atenção fitava os olhos.
Destarte ao vê-lo, irmã, corri gritando:
«Ah caro pai!» E a mão tentei beijar-lhe.
Ouve-me, volta o rosto, o pé desvia,
E com a face austera, aquela face
Que a soberba africana amedrontava:
«Não são pais (me responde) em Roma os servos.»
Replicar-lhe queria: eis me interrompe,
Se o Senado está junto me pergunta;
Pergunta em que lugar. Ouvi-o e, mudo,
Logo retrocedi eu para o Senado,
O cônsul demandando: Mas que é dele?
Os lictores não vejo.

BARCE

Ele no Templo
De Belona estará.

ATÍLIA

Torna cativo
Régulo, pois, a nós?

PÚBLIO

Sim; mas de pazes
Sei que traz a proposta, e que seu fado
Dele depende só.

ATÍLIA

Porém, quem sabe
Se a proposta será de agrado a Roma?

PÚBLIO

Se visses com que amor o acolhe Roma,
Tal dúvida, por certo, não tiveras.
Todos, Atília, estão de gosto insanos:
Tanto povo em tropel nas ruas ferve,
Que as ruas para o povo estreitas ficam.
Um outro apressa, aquele a este o aponta.
Que títulos! Que nomes ouvi dar-lhe!
Quantos olhos em lágrimas banhados
Vi de ternura! Ao coração de um filho,
Atília, que espetáculo tão doce!

ATÍLIA

Ah! Licínio onde está? Busque-se, vamos:
Sem ele o meu prazer fora incompleto.
(*Vai-se.*)

CENA VI

Públio e Barce.

PÚBLIO

Adeus, Barce formosa.

BARCE

Ouve: não sabes
Do embaixador cartaginês o nome?

PÚBLIO

Sim, Amílcar.

BARCE

De Hanão acaso o filho?

PÚBLIO

O mesmo.

BARCE

Ah! o meu bem.
(À parte.)

PÚBLIO

De aspeto mudas!
Porquê? Amílcar talvez será motivo
Do invencível rigor com que me oprimes?

BARCE

Atêgora, Senhor, tanta piedade
Achei n'alma de Atília, e na tua alma,
Que o peso de meus ferros não sentia.
Fora ingrata de mais se te enganasse;
Todo o meu coração porei patente
A Públio benfeitor: sabe...

PÚBLIO

(Emudece.)

Prevejo que fatal será comigo
A tua ingenuidade. Agro veneno
Deste dia os prazeres não me azede.
Se és doutro, quero ao menos duvidá-lo;
Se objeto mais feliz te rege o peito,
Verdade tão cruel não patenteies!
Ah! Deixa-me sequer folgar no engano:
A suspeita no amor é um tormento
Que morde os corações, que os empeçonha;
Mas a certeza é mal que às vezes mata.

(Vai-se.)

CENA VII

Barce.

(Só.)

BARCE

Oh fortuna! Oh prazer! Será verdade!?
O meu perdido bem verei de novo?
Bem único e primeiro em que minha alma
Ardeu e suspirou, arde e suspira.

Ah! que farás de Amílcar na presença,
Meu terno coração, se ouvir-lhe o nome
Te obriga a palpitar de um modo estranho?
Parece que no peito apenas cabes.
O que é contentamento, o que é ventura
Só poderá dizer quem longamente
Saudosos do seu bem penou de balde,
E torna a vê-lo enfim. Naquele instante
Os suspiros, as lágrimas se adoçam,
E das curtidas mágoas a memória,
Em súbitos prazeres se converte.
(*Vai-se.*)

CENA VIII

*Parte interna do Templo de Belona. Assentos para os senadores romanos
e oradores estrangeiros. Lictores que guardam diversas
entradas do Templo, donde se avista o Capitólio e o Tibre*

*Mânlio, Públio, senadores, lictores, que guardam a entrada, africanos e
povo fora do templo.*

MÂNLIO

Lictores, venha Régulo, e com ele
O africano orador. Aos inimigos
Já grata é, pois, a paz?

PÚBLIO

A paz desejam,
Ou dos cativos que se ajuste a troca.
De vós obtê-la a Régulo incumbiram.
Se nada conseguir, fica obrigado
A voltar a Cartago e lá de Roma
A repulsa pagar coo próprio sangue:
Foi da promessa o juramento abono.

Viu antes de partir (que horrível cena!)
O funéreo, o terrífico aparelho
Da ameaçada morte. Ah! não se diga
Que às mais bárbaras penas condenado
Tão digno cidadão...

MÂNLIO

Basta, ele chega.

O cônsul, Públio e todos os senadores vão tomar assento. Ao lado do cônsul fica desocupado o lugar que algum dia ocupara Régulo.

CENA IX

Passam Régulo e Amílcar entre lictores, que tornam logo a unir-se. Régulo, apenas entra no Templo, pára, pensativo. Os africanos ficam atrás dos lictores

AMÍLCAR

Que te suspende, ó Régulo? A teus olhos
O lugar em que estás acaso é novo?

RÉGULO

Penso qual dele fui, qual torno a ele.

AMÍLCAR

(Ao cônsul.)

De Cartago o Senado, desejando
Enfim depor as formidáveis armas,
O Senado romano hoje saúda;
E se a paz de Cartago anela Roma,
Quem lhe envia a saúde, a paz lhe envia.

MÂNLIO

Senta-te e expõe. E tu, o antigo assento
Vem, Régulo, ocupar.

RÉGULO

Mas quem são estes?

MÂNLIO

Os senadores.

RÉGULO

Tu quem és?

MÂNLIO

Conheces o cônsul já tão mal?

RÉGULO

Pois entre o cônsul
E os senadores tem lugar um servo?

MÂNLIO

Não; mas em teu favor, em honra tua,
Das leis o rigorismo esquece Roma.

RÉGULO

Pois o que a Roma esquece a Roma eu lembro.

MÂNLIO

Quem viu jamais tão rígida virtude!
(À parte.)

PÚBLIO

Nem eu me sentarei.

RÉGULO

Públio, que fazes!

PÚBLIO

O que devo, Senhor; erga-se o filho
Onde o pai se não senta.

RÉGULO

Ah! tanto em Roma,
Tanto em Roma os costumes se mudaram!
Entre os cuidados públicos, outrora,
Sofrer a ideia de um dever privado,
Enquanto não passei de Líbia às praias,
Era mais do que um erro, era delito.

PÚBLIO

Porém...

RÉGULO

Senta-te, Públio, e desde agora
Ocupa esse lugar mais dignamente.

PÚBLIO

Instinto natural é meu respeito
Na presença de um pai.

RÉGULO

Mais não prossigas:
Teu pai foi morto quando foi vencido.

MÂNLIO

Agora fale Amílcar.

AMÍLCAR

Deu Cartago
A Régulo o poder, a autoridade
De expor-vos seu desejo. O que lhe ouvirdes,
É o que diz Cartago, o que eu dissera.

MÂNLIO

Fale Régulo, pois.

AMÍLCAR

Traze à memória
Que se não for aceito o que expuseres,
Juraste...

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

MÂNLIO

Dele se vai tratar. Oh que energia
Suas vozes terão!

(À parte.)

PÚBLIO

Deuses de Roma!
Dom persuasivo nos seus lábios ponde.

(À parte.)

RÉGULO

A inimiga Cartago, ó senadores,
Contanto que não ceda o que possui,
A paz que tanto quer, propor-vos manda.
Se a paz não lhe outorgais, deseja ao menos
Que dos seus prisioneiros, que dos vossos,
Termine a troca o mísero desterro.
Voto que se recuse a paz e a troca.

AMÍLCAR

Como!?

PÚBLIO

Ai de mim!

(À parte.)

MÂNLIO

De assombro estou, qual pedra!

SEGUNDO SENADOR

Que virtude ³⁸²!

RÉGULO

A paz é fácil ver que dano envolve;
Teme o contrário, se a deseja tanto.

MÂNLIO

Porém, a troca...

RÉGULO

A troca ainda esconde
Engano para vós mais perigoso.

AMÍLCAR

Régulo!

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

PÚBLIO

Deuses! Meu pai se perde.
(À parte.)

³⁸² Esta fala apenas se encontra na mencionada lição de Pato Moniz, p. 18.

RÉGULO

Inclui a troca
Mil e mil prejuízos; mas o exemplo
É pior que nenhum: do Tibre a honra,
A constância, o valor, ó senadores,
A disciplina, a militar virtude;
Decaem, falecem, morrem, se os cobardes
Esperam liberdade, esperam vida.
Que presta ao bem comum que volte a Roma
Quem do afrontoso, do servil flagelo
Negros vergões trouxe no dorso infame?
Quem as armas, de sangue hostil intactas,
Vivo depôs, e por terror da morte,
Baldões do vencedor sofrer quis antes?
Oh mancha horrenda! Oh vitupério eterno!

MÂNLIO

Danoso, muito embora, o câmbio seja,
Régulo basta a compensar-lhe os danos;
Basta Régulo só.

RÉGULO

Mânlio, te enganas.
Eu mortal sou também: também eu sinto
As injúrias da idade: útil a Roma
Já posso apenas ser. Muito a Cartago,
Muito o seria a mocidade fera,
Que trocásseis por mim. Ah! tão grande erro
Cometer não queirais. Teve os mais belos
De meus dias a Pátria; um resto inútil
Tenha o contrário; o vil triunfo alcance
De me ver expirar; mas também veja,
Que em vão se regozija, em vão triunfa;
Que em Régulos abunda a altiva Roma.

MÂNLIO

Oh constância inaudita!
(À parte.)

PÚBLIO

Oh desgraçado!...
Oh funesto valor!
(À parte.)

AMÍLCAR

Céus! Que linguagem
Tão nova para mim!

MÂNLIO

Das ações nossas
O útil não deve ser, mas ser objeto
Somente o decoroso; e pejo a Roma
Fora que um cidadão a achasse ingrata.

RÉGULO

Roma quer ser-me grata? Eis o caminho.
Senadores, os bárbaros que vedes,
Tão vil me presumiram, que por medo
Trair-vos procurasse. Ah! que esta afronta
Das muitas que sofri, tresdobra o peso!
Senadores, vingai-me: eu fui romano:
Eia, armai-vos, correi, voai aos monstros,
Seus templos arrombai, dali se arranquem
As águias prisioneiras; té que opressa
Caia a rival, não deponhais o ferro.
Fazei que eu, lá tornando, encontre o susto
Da vossa indignação, das fúrias vossas,

No semblante feroz dos meus algozes,
Que ledo arqueje enfim, que ledo morra,
Ao ver, entre os meus últimos arrancos,
Como ao nome de Roma África treme.

AMÍLCAR

De espanto minhas iras se enregelam!
(*À parte.*)

PÚBLIO

Ninguém responde; o coração me treme!
(*À parte.*)

MÂNLIO

Quer mais arbítrios dúvida tão grande;
O nosso justo assombro espaço exige
Para desafogar-se. Em breve, Amílcar,
Ser-te-á notório o que ao Senado aprouve:
A inspiração dos céus, antes de tudo,
Devemos implorar, ó senadores.

RÉGULO

Inda há dúvidas?

MÂNLIO

Sim, não sei se é risco
Maior da Pátria nossa não curvar-se
Ao peso dos teus pródidos conselhos,
Ou perder quem os dá! Tu, desprezando
Os horrores da morte, o sangue ofertas
Ao público interesse; mas a Pátria
Perde em ti de seus filhos o mais útil.

Se teu fim sanguinoso exiges dela,
Não sofre a gratidão que tanto exijas.
Pródigo o céu não é de almas tão grandes.
*(Vai-se, seguido de senadores e lictores
e fica a passagem livre no Templo.)*

CENA X

Régulo, Públio e Amílcar.

AMÍLCAR

Assim cumpres, ó Régulo, as promessas?

RÉGULO

Prometi de tornar: hei de cumpri-lo.

AMÍLCAR

Mas...

CENA XI

Atília, Povo, Licínio e os mesmos.

ATÍLIA

Pai!

LICÍNIO

Senhor!

ATÍLIA

Sobre esta mão, que adoro...

RÉGULO

Afastai-vos de mim. Graças aos nubes,
Inda livre não sou.

ATÍLIA

Quê! Recusou-se
A troca?

RÉGULO

Públio, vem: conduze Amílcar,
E a mim ao domicílio destinado.

PÚBLIO

Não tornarás a ver teus pátrios lares?
A antiga habitação?

RÉGULO

Não entra em Roma
Mensajeiro inimigo.

LICÍNIO

Esta severa
Lei não é para ti.

RÉGULO

Seria injusta,
Se não fosse geral.

ATÍLIA

Eu quero ao menos
Seguir-te aonde fores.

RÉGULO

Não, que o tempo
Demanda pensamentos bem distintos
Do filial amor, e amor paterno.

ATÍLIA

Ah, meu pai! Ah, senhor! Porque te encontro
Tão diverso de ti, do que eras dantes?

RÉGULO

Minha sorte mudou, mas não minha alma.
Não perco entre grilhões, ou entre os louros,
De meu ânimo a paz: não chega a ele
A minha escravidão. Com vário aspeto
Pode virtude, sem mudar a essência,
Resistir ao rigor, lutar cóas iras
Da inconstante fortuna. Públio, vamos.

CENA XII

Amílcar, Barce e Atília.

BARCE

Amílcar!

AMÍLCAR

Barce! Ah! Perco-te de novo:
Régulo o que hei proposto dissuade.

AS DUAS

Oh céus!

AMÍLCAR

Adeus: seguir a Públio devo.
Quanto o meu coração tem que dizer-te!

BARCE

Nada entanto me dizes?

AMÍLCAR

Num suspiro
Há bastante expressão, se o amor o explica.

CENA XIII

Atília e Barce.

ATÍLIA

Filha desventurada! Oh céus! Que devo
Concluir do que ouvi? Seu próprio dano
Maquinará meu pai!

BARCE

Como o Senado
Inda não decidi, resta-te muito,
Atília, que esperar ³⁸³.

ATÍLIA ³⁸⁴

Eu parto, eu corro.
Fadigas, submissões, lágrimas, rogos,
Tudo em uso porei; o prazo é certo:
Devo lidar primeiro que os conscritos
Outra vez se congreguem — eis o tempo
De apurar a eloquência, os artifícios.
Amparo, auxílio implorarei a todos,
E farei bandear ao meu partido,
O tribuno, os conscritos, os clientes,
O povo, Amílcar mesmo, os mesmos numes.

³⁸³ Na lição de Pato Moniz, a fala de Barce continua: «Vai, corre, lida, / Fala, roga, primeiro que os conscritos / Outra vez se congreguem. Eis o tempo / De apurar a eloquência, os artifícios. / Pedo auxílio aos conjuntos, aos clientes, / Ao povo, se é preciso, auxílio pede.»

³⁸⁴ Na lição de Pato Moniz, esta fala difere: «Tudo farei; mas o que espero é pouco; / Creio mais no temor que na esperança.» Estes versos terminam o primeiro ato.

ATO II

Aposentos, à vista de Roma, no palácio suburbano, destinados aos embaixadores cartagineses.

CENA I

Régulo e Públio.

RÉGULO

Públio, tu inda aqui? Trata-se agora
Da honra minha, do esplendor de Roma,
Do público repouso, e não te apressas?
E ao Senado não vás?

PÚBLIO

Senhor, ainda
Se não juntou.

RÉGULO

Não tardes, vai: sustenta
Entre os árbitrios seus o meu conselho;
Mostra seres credor da origem tua.

PÚBLIO

Como!? E queres e ordenas que eu fabrique
Eu próprio o dano teu?

RÉGULO

Não é meu dano
O que utiliza a Pátria.

PÚBLIO

Ah! de ti mesmo
Tem piedade, Senhor.

RÉGULO

Públio, tu julgas
Isto justo um furor em mim? Crês que entre todos
Os que existem no mundo eu só me odeio?
Quanto enganado estás! Também sou homem:
Amo o bem, fujo ao mal; porém, na culpa
Só este encontro, e na virtude aquele
Culpa não fora que, empecendo a Pátria,
Recobrasse a perdida liberdade?
Meu mal é pois a liberdade e a vida.
Crês virtude manter co'o próprio sangue
Os destinos da Pátria, o nome, a glória?
É pois meu bem a escravidão e a morte.

PÚBLIO

Mas a Pátria não é...

RÉGULO

Na Pátria pensa;
Vê nela um todo de que somos partes:
Erro é no cidadão considerar-se
Da Pátria separado; os bens e os males
Que deve conhecer, são os proveitos,
Ou detrimientos dela, a quem de tudo
É devedor. Quando o suor e o sangue
Por ela espalha, nada seu despende:
Quanto lhe deve, restitui à Pátria.
A Pátria deu-lhe o ser, deu-lhe a doutrina,
O alimento lhe deu: co'as leis, co'as armas

Dos insultos domésticos o escuda;
Dos externos o salva: ela lhe presta
Nome, honra, grau, seus méritos premeia,
Vinga os agravos seus; Mãe carinhosa
Se esmera em lhe forjar prosperidade,
Em fazê-lo feliz quanto é possível
Ao destino dos homens ser ditoso.
É certo que estes dons lá têm seu peso:
Quem o peso recusa, o jus deponha,
Renuncie o favor; mendigo, inútil,
Os desertos inóspitos demande,
E em ferinas envolto hirsutas peles,
Contente de um covil e agrestes frutos,
Lá viva a seu sabor, inerte e livre.

PÚBLIO

Adoro o que te escuto: a alma convences,
O coração porém, não persuades;
Repugna obedecer-te a Natureza;
Não me posso esquecer de que sou teu filho.

RÉGULO

Triste desculpa em quem nasceu romano:
Bruto, Mânlio, Virgínia, pais não foram?

PÚBLIO

Sim; mas essa constância estranha, heroica
Ficou só entre os pais. Não teve Roma
Atéqui filho algum com que jactar-se;
Filho algum que do pai tramasse a morte.

RÉGULO

Pois do primeiro exemplo aspira à honra:
Vai-te.

PÚBLIO

Ah...

RÉGULO

Não mais. Do meu destino espero
A notícia por ti.

PÚBLIO

Muito pretendes,
Senhor...

RÉGULO

Queres-me estranho, ou pai? Se estranho,
Não prefiras o meu ao bem de Roma;
Se pai, adora o mando, e cala, e parte.

PÚBLIO

Ah! se o meu coração notar pudesses,
Quantas palpitações, Senhor, o agitam;
Menos duro talvez comigo foras.

RÉGULO

Eu do teu coração requeiro agora
Menos provas de amor que de constância.

PÚBLIO

Ah! se é vontade tua experimentar-me,
Pede-me o sangue, ó pai; verás meu sangue
Derramado a teus pés; mas que teu filho
Te enlute os fados, te maquine a morte...
Perdoa-me, Senhor; tremo, desmaio,
E para tanto em mim não há virtude.
(*Vai-se.*)

CENA II

RÉGULO

(*Só.*)

Eis, o grande momento se avizinha.
Que vacile o Senado eu tremo: ó deuses,
Protetores de Roma! Eia, inspirai-lhe
Mais dignos sentimentos.

CENA III

Mânlio, Lictores e Régulo.

MÂNLIO

Os lictores
Fiquem deste lugar vedando a entrada:
A penetrar aqui ninguém se atreva.

RÉGULO

Mânlio! A que vem!

MÂNLIO

Ah! deixa, herói invicto,
Que te aperte em meus braços.

RÉGULO

Como! Um cônsul!

MÂNLIO

Cônsul não sou agora; eu sou um homem
Que adora essa virtude, essa constância;
Um grande émulo teu, que se declara
Já vencido por ti; que detestando
Seu antigo rancor, sua injustiça,
De ser amigo teu suplica a honra.

RÉGULO

Eis o estilo comum das almas grandes!
Não bate o vento as derrubadas plantas,
Mas brandamente as ergue. Eu glória tanta,
Tão nobre aquisição devo aos meus ferros.

MÂNLIO

Sim, teus ferros qual és me descobriram:
Nunca te vi tão grande como entre eles.
A Roma, vencedor dos inimigos,
Muitas vezes volveste: agora volves
Vencedor de ti mesmo e da Fortuna.
Os teus louros inveja em mim criaram;
Os teus ferros em mim respeito infundem.
Herói Régulo então me parecia;
Régulo agora me parece um nume.

RÉGULO

Basta, basta, Senhor, aplausos tentam,
Mormente em lábios tais, a mais austera
Comedida virtude. Eu te sou grato,
De aprouver-te ilustrar com teu afeto
Os meus dias finais.

MÂNLIO

Teus finais dias!
Conservá-los pretendo a bem da Pátria;
E, porque em teu favor se admita a troca,
Tudo em uso porei.

RÉGULO

(Perturbado.)

Destarte, ó Mânlio,
Principias a amar-me! E que fizeras
Se inda me aborrecesses? Deste modo
Do fruto do meu brio me defraudas?
Mostrar os meus grillhões não vim a Roma
Por lhe excitar piedade; eu vim salvá-la
De arriscada proposta, que não deve
Ser aceita por ela: se não podes
Dar-me outro amor, a aborrecer-me torna.

MÂNLIO

Porém, não vês que, recusada a troca,
Tua morte produz?

RÉGULO

E tão terrível
Nos ouvidos de Mânlio soa a morte!

Hoje que sou mortal não é que aprendo.
Nada podem tirar-me os inimigos,
Que cedo me não tire a Natureza;
Ficará sendo assim dom voluntário
Aquilo mesmo que seria em breve
Necessário tributo. O mundo veja
Que Régulo viveu só para a Pátria,
E que enfim, quando mais viver não pôde,
Lucro sequer lhe deu co'a morte sua.

MÂNLIO

Vozes sagradas! Sentimento augusto!
Ó terreno feliz, que dás tais filhos!
E quem pode, Senhor, deixar de amar-te?

RÉGULO

Cônsul, como romano amar-me deves,
Se me queres amar. Desta amizade
Atende as condições. Ambos façamos
Um sacrifício a Roma: eu o da vida,
Tu o do amigo. É justo que as vantagens,
Que a fortuna da Pátria algum desgosto
Também te custem. Vai; porém, promete
Que dos conselhos meus tu no Senado
Serás o defensor; tua amizade
Com esta condição somente aceito.
Que respondes, Senhor?

MÂNLIO

Que assim prometo.

RÉGULO

Agora dos propícios, altos nubes
Em Mânlio reconheço um dom sagrado.

MÂNLIO

Porque dos ferros teus não participo?

RÉGULO

Não percamos o tempo. Os senadores
Ter-se-ão juntado. À tua fé cometo
O decoro da Pátria, o meu repouso,
A honra minha.

MÂNLIO

Oh! Que fervor de glória,
Que flama lavra em mim de fibra em fibra,
Só de falar contigo, alma sublime!
Não, não há coração de tal fraqueza,
Que, ouvindo a tua voz, trocar não queira
O destino de um rei por esses ferros.
Adeus, glória do Tibre.

(Vai-se.)

RÉGULO

Amigo, adeus.

CENA IV

Régulo e Licínio, pouco depois.

RÉGULO

A respirar começo: os meus desígnios
Fausto o céu favorece.

LICÍNIO

Enfim mais ledó
Torno a ver-te, Senhor.

RÉGULO

Donde procede
Tanto prazer, Licínio!

LICÍNIO

Abundo n'álma
De alegres esperanças. Atégora
Lidei por ti.

RÉGULO

Por mim!

LICÍNIO

Sim, presumiste
Tão ingrato Licínio, que esquecesse
Altas obrigações no lance delas?
Muito, ah! muito, Senhor, na ideia as trago.
Foste meu general, meu pai, meu mestre.
Os meus primeiros, vacilantes passos,

Da glória pela estrada encaminhaste:
Eu te devo o que sou.

RÉGULO

(Impaciente.)

Mas dize, acaba:
Em benefício meu que tens tu feito?

LICÍNIO

Fui defender-te a liberdade e a vida.

RÉGULO

(Perturbado.)

Como?

LICÍNIO

No átrio do templo, onde o Senado
Para o novo debate se congrega,
O Senado esperei: movi em todos
O intento de salvar-te.

RÉGULO

Oh Céus! Que escuto!
E tu...

LICÍNIO

Não fui eu só: não se escureça
Ao mérito o louvor: lidei bastante;
Mas Atília inda mais.

RÉGULO

Quem?

LICÍNIO

Tua filha:

Outra em Roma não há mais extremosa
No amor ao pai. Como falou! Que afetos
Nas almas despertou! Como o decoro
Lhe ataviava a dor! Por quantos modos
Uniu exprobrações, louvores, preces!

RÉGULO

E o Senado que fez?

LICÍNIO

Ah! Quem resiste
Aos assaltos de Atília?... Ei-la; repara
Como em seus olhos a esperança brilha.

CENA V

Os mesmos e Atília.

ATÍLIA

Enfim querido pai, já posso...

RÉGULO

E ousas
Presentar-te a meus olhos? Atégora
Entre os contrários meus te não contava.

ATÍLIA

Eu, pai, contrária tua!

RÉGULO

É menos que isso
Quem se opõe delirante aos meus conselhos?

ATÍLIA

Ah, Senhor! no desejo de prestar-te
Demonstrações de inimizade encontras?

RÉGULO

Tu sabes o que empece, ou que aproveita?
Quem nos cuidados públicos te ingere?
Quem te fez de meus Fados protetora?
Que jus...

LICÍNIO

Muito, oh Senhor...

RÉGULO

Licínio fala?
Melhor se defendia emudecendo:
Indício de remorso era o silêncio.
Uma filha! Um romano! Eternos deuses!

ATÍLIA

Porque sou filha...

LICÍNIO

Porque sou romano,
Imaginei opor-me ao teu destino.

RÉGULO

Cala. Quem aconselha ações indignas,
Quem à baixeza induz, não é romano.
Minha filha não é quem não prefere
O proveito comum ao bem privado.
O peso de meus ferros sinto agora:
Afligem-me os grilhões por culpa vossa,
E hoje lamento a liberdade extinta.
(*Vai-se.*)

CENA VI

Licínio e Atília.

ATÍLIA

Ah! Licínio, Licínio, em todo o mundo
Crês que há mulher mais infeliz que Atília?
Amar um pai, esmorecer por ele,
Por ele desvelar-se; atear no peito
A mais terna piedade, isto seria
Mérito em outras, em Atília é crime.

LICÍNIO

Consola-te, meu bem; não te arrependas
Desse extremo filial: deveres nossos
Não se irmanam de Régulo aos deveres;
Se o desprezo da vida é glória nele,
Em nós fora impiedade o não salvá-lo.

As iras de teu pai não te amedrontem:
Às vezes de cruel argui o enfermo
A própria mão que providente o cura.

ATÍLIA

Suas exprobrações me desalentam
O aflito coração. Valor não tenho
Para sofrer-lhe as iras.

LICÍNIO

Queres antes
De um pai, e de um tal pai chorar a perda?

ATÍLIA

Ah não: mostre-me enfado; porém, viva.

LICÍNIO

Viverá, viverá, suspende o pranto;
Serenem-se outra vez teus olhos belos;
Pois se neles de mágoa indícios vejo,
A constância e valor em mim desmaiam.
(*Vai-se.*)

CENA VII

ATÍLIA

(*Só.*)

Da sorte caprichosa os bens e os males
Não têm moderação, não têm medida;
Ou de seus dons é pródiga no extremo,
Ou, té que o veja extinto, um peito oprime.

Agora sou do seu furor o objeto:
Sobre a minha cabeça relampejam
Pavorosos fuzis, que indicam raios;
E quem sabe que horror no bojo encerra
A procela que em torno enluta os ares?
Mas, oh deuses! se uma vida é só bastante,
A aplacar o furor que em vós suponho,
Eis o meu coração, nele se esgotem
Da tua onipotência as fúrias todas;
Expire a filha, mas o pai não morra.
(*Vai-se.*)

CENA VIII

(*Mutação; galeria.*)

RÉGULO

Palpitas, coração! Que tens? Que novo
Frio tremor por ti desconhecido
É este que te abala? Outra hora ousaste
Desafiar do pélagos ³⁸⁵ as tormentas,
D'África os monstros, de Mavorte ³⁸⁶ a sanha;
E agora em convulsões teu fado esperas!
Tu razão tens: jamais, jamais té agora
Correu tão grande risco a glória minha.
Mas esta glória, oh Céus! será tirana
Paixão dos corações? E como as outras
Domar-se deverá? Ah! não. Dos fracos
Eis a linguagem: de que serve ao mundo
O que só para si no mundo vive?

³⁸⁵ Mar alto.

³⁸⁶ Marte.

De ti somente, generoso afeto,
Aprende a se esquecer de si, por outrem
O intrépido mortal: quanto na Terra,
Quanto na Terra é bem, se deve à glória.
Ela sabe remir a Humanidade
Do vergonhoso estado em que jazia.
Da glória a sede honrosa o fio embota
À constante aflição que as almas fere;
Rouba aos p'rigos o medo, o medo à morte:
Alonga os reinos, as cidades mune,
Alicia, congrega, atrai sequazes
À formosa virtude: enfim, converte
Em benigna moral costumes ferros,
E quase que os mortais em deuses volve.
Por ela... Mas que vejo! Ah! Públio torna,
E parece que tímido caminha.
Então, que anúncio trazes? Decidiram
Os senadores já? Qual é meu fado?

CENA IX

Régulo e Públio.

PÚBLIO

Senhor... (que pena para um filho é esta!)

RÉGULO

Calas-te?

PÚBLIO

Oh deuses! Antes mudo eu fora!

RÉGULO

Fala! Que sucedeu?

PÚBLIO

Nenhuma oferta
O Senado aceitou.

RÉGULO

Enfim, venceste:
Graças, graças aos céus, génio romano.
Ah! não tenho vivido inutilmente.
Busque-se logo Amílcar: não me resta
Nada já que fazer; cumpriu-se a obra.
Convém partir daqui.

PÚBLIO

Pai desgraçado!

RÉGULO

E chamas infeliz quem pôde à Pátria,
Entanto que existiu, prestar-lhe e honrá-la?

PÚBLIO

A Pátria adoro, os ferros teus lamento.

RÉGULO

A vida é servidão, toda tem ferros.
Quem deseja chorar, que chore, ó Públio,
A sorte de quem nasce, e não a minha.

PÚBLIO

Do bárbaro africano a crueldade,
Impio furor te privará da vida.

RÉGULO

Meu cativo findará com ela:
Não me sigas. Adeus.

PÚBLIO

De mim recusas
Os derradeiros, filiais deveres?

RÉGULO

Outros deveres da tua alma eu quero:
Enquanto na partida me desvelo,
Fica detendo a magoada Atília,
Seu pranto enlutaria o meu triunfo.
Oh quanto para mim é terna e cara!
A fraqueza do pranto lhe releva.
Não é própria em mulher viril constância.
Tu a aconselha e cuida de inspirar-lhe
Com vigoroso exemplo a fortaleza.
Tu a rege e a guarda: usa com ela
Ofícios paternais. A ti confio
Minha filha, e confio-te a ti mesmo.
E espero... Ah! vejo esmorecer teu rosto.
Mais sólida constância em ti julgava;
E cegamente acaso a julgaria?
Ah não! Tu és meu filho, és um romano:
Não murches as viçosas esperanças,
Que de um ânimo grande à Pátria deste:
No trilho dos heróis dirige o passo;
Sê digno sucessor dos meus afetos;

Faze com que teu pai, de hoje em diante,
De ti lembrar-se sem vergonha possa.
(*Vai-se.*)

CENA X

Públio, depois Licínio, Atília, Barce e Amílcar.

PÚBLIO

Ah! sim, Públio, valor, é duro o lance;
Porém, cumpre vencer-te: o sangue o pede
Que tens nas veias, e o sublime exemplo
Que assombra os olhos teus o mesmo exige.
Té aqui cedeste aos ímpetos primeiros
Da terna, ressentida Natureza;
Melhor, mais dignamente agora escolhe,
Imita o grande pai, corrige um erro...

ATÍLIA

É certo, caro irmão?

BARCE

Públio, é verdade?

PÚBLIO

Decidiu o Senado: em poucas horas
Régulo partirá.

AMÍLCAR

Como!?

BARCE

Que dizes!?

ATÍLIA

Ah! traíram-me todos.

LICÍNIO

Inda resta
O recurso final.

BARCE

Piedade, Amílcar!...

AMÍLCAR

Esperanças não há; murcharam todas.

ATÍLIA

E meu pai onde está? Com ele ao menos
Quero, quero partir.

PÚBLIO

Detém-te: o excesso
Da tua acerba dor o ofenderia.

ATÍLIA

Como? E esperas assim tolher-me o passo?
Agora só me lembra que sou filha;
Deixa-me.

LICÍNIO

Torna em ti.

ATÍLIA

Ah! que entretanto
Parte o mísero pai.

AMÍLCAR

Tal não receies,
Enquanto Amílcar persistir em Roma.

ATÍLIA

Quem me socorre, oh Céus! Quem me aconselha?
Licínio, Barce, Amílcar, Públio, Públio.

PÚBLIO

Sossega, cara irmã, valor, constância.

ATÍLIA

E tu falas assim! Tu, que deveras
Acompanhar gemendo os meus transportes?
Tu não perdes o pai?

AMÍLCAR

Mas Barce fica,
Barce, que a teu irmão o peito inflama.
Convém a seu amor que o pai se ausente
Sem o resgate da gentil escrava.

PÚBLIO

Tal me avalias? Que desar! Que afronta!

AMÍLCAR

Talvez, porque o Senado obstasse à troca,
Apuraste os ardis, compraste os votos:
Eis o motivo do valor que ostentas.

PÚBLIO

De um africano tal pensar é digno.

AMÍLCAR

Contudo...

PÚBLIO

Cala e escuta-me. Não sabes
Que na sorte de Barce império tenho?

AMÍLCAR

Sei que o Senado a tua mãe a dera,
Que morrendo a deixou ao teu arbítrio,
E que hoje é tua amante, além de escrava.

PÚBLIO

Do meu domínio, pois, vê que uso eu faço:
Até agora amei Barce mais que a vida;
Porém, menos que a honra. Eu sei que uma alma
Como a de Amílcar não poderá crer-me;
Mas de suspeitas vis qualquer pretexto

Tirarei à calúnia. Barce, és livre,
Ausenta-te com ele.
(*Vai-se.*)

BARCE

Oh Céus! Que escuto!

AMÍLCAR

De tão rara, magnânima virtude...

LICÍNIO

Como se ama entre nós, bárbaro, aprende.

BARCE

Serei tua outra vez?

LICÍNIO

Tente-se tudo:
Triunfe a gratidão.
(*Partindo.*)

AMÍLCAR

Sim, na virtude
Tenha rivais este romano orgulho.
(*O mesmo.*)

ATÍLIA

(*A Licínio.*)

Onde vais?

BARCE

(*A Amílcar.*)

Onde vais?

LICÍNIO

(*A Atília.*)

O pai salvar-te.

AMÍLCAR

(*A Barce.*)

Régulo conservar.

ATÍLIA

(*A Licínio.*)

Mas de que sorte?

BARCE

(*A Amílcar.*)

Porém, como?

LICÍNIO

A extremas desventuras,
Deem-se extremos remédios.

AMÍLCAR

(*A Barce.*)

Não me sigas.

ATÍLIA

Mas nem sequer te explicas?

BARCE

Mas nem dizes?...

LICÍNIO

Em breve o saberás.

AMÍLCAR

Em mim confia.

LICÍNIO

Morra Licínio, ou Régulo se livre.

AMÍLCAR

Também Pátria de heróis, África seja.
(*Vão-se.*)

ATO III

Sala térrea, que corresponde a jardim.

CENA I

Régulo, guardas africanos, depois Mânlio.

RÉGULO

(A um guarda.)

Amílcar porque tarda? Inda não soube
O arbítrio do Senado? Onde se oculta?
Procure-se:

(Parte o guarda.)

Convém sair de Roma;
Já não tem que esperar, nem eu já tenho
Que pretender aqui; qualquer demora
Se torna culpa em ambos.

(Vindo Mânlio.)

Ah! meus braços
Te cinjam, caro amigo. A glória minha
Perigara sem ti; por ti conservo
Os meus grillhões. A ti se deve o fruto
Da minha escravidão.

MÂNLIO

Sim; mas tu partes,
E Roma vai perder-te.

RÉGULO

Não partindo,
Então me perderíeis.

MÂNLIO

Ah! Começo
Bem tarde a ver-te, amigo; e deste afeto,
Só penhores fatais té aqui te hei dado.

RÉGULO

Que mais posso esperar de um puro amigo?
Se o generoso Mânlio quer, contudo,
Dar-me outras provas de extremado afeto,
Outras lhe pedirei.

MÂNLIO

Fala.

RÉGULO

Os deveres
De fiel cidadão tenho cumprido.
Enfim, de que sou pai também me lembro.
Dois filhos (tu o sabes), Públio, Atília,
Deixo em Roma. Eles são depois da Pátria
O meu primeiro e mais suave afeto.
Índole não vulgar transluz em ambos,
Plantas são todavia inda imaturas,
Ambos carecem de cultor prudente;
Mas que eu deles curasse os céus vedaram.
Do piedoso cuidado, ah! tu te incumbes,
Compensa largamente o que ambos perdem:
À tua alma benigna, a teus conselhos,
A glória deva o pai, socorro os filhos.

MÂNLIO

Eu to prometo. Os preciosos germes,
Piedoso, abrigarei. Se não tão digno,
Um pai tão terno como tu, ao menos,
Em mim terão. Ide apontar-lhe os passos
Da romana virtude, e este desvelo
Muito pouco suor há de custar-me:
Àquelas almas, que a virtude inflama,
Por natureza heroicas, é bastante
Das paternas ações ouvir a história.

RÉGULO

Mais nada resta pois ao meu desejo.

CENA II

Régulo, Mânlio e Públio.

PÚBLIO

Mânlio! Pai!

RÉGULO

Que sucede?

PÚBLIO

Amotinada
Roma está: treme o povo; e que te ausentes
Não consente, não quer.

RÉGULO

Será possível
Que um câmbio vergonhoso agrade a Roma?

PÚBLIO

Não quer troca, nem paz, quer que tu fiques.

RÉGULO

Eu? Oh Céus! E a palavra? O juramento?

PÚBLIO

Todos, todos vozeiam: fé não deve
Aos pérfidos guardar-se.

RÉGULO

Então de um crime
Outro é desculpa? E quem será culpado
Se de acolheita aos réus servir o exemplo?

PÚBLIO

O colégio dos áugures ³⁸⁷ se ajunta.

RÉGULO

Precisão desse oráculo não tenho —
Eu sei que prometi, partir eu quero.

³⁸⁷ Sacerdotes que, analisando o voo das aves, faziam presságios favoráveis ou desfavoráveis relativamente a todos os assuntos importantes que se prendiam com a vida pública, o que lhes conferia um grande peso e poder político.

Roma escolher podia, ou paz ou troca,
Cuidar do meu regresso a mim só cumpre.
Dever público era aquele, este é privado.
Do que fui ao que sou muito difiro.
Roma não tem direito em servos de outrem.

PÚBLIO

O decreto dos Águres se espere.

RÉGULO

Não, Públio, que com esp'rá-lo aprovo
A sua autoridade. Ao porto, ao porto:
Não haja mais demora. Amigo, adeus.

PÚBLIO

Adverte que o povo alvorotado ³⁸⁸
Pretenderá talvez deter-te à força.

RÉGULO

Vê que, se tal sucede, tu proteges
Da pouca lealdade o crime em Roma.

PÚBLIO

Então devo faltar...

³⁸⁸ Alvorotado.

MÂNLIO

Régulo, deixa
Que eu do povo o primeiro impulso acalme:
Da consular autoridade à vista,
Mitigará o ardor.

RÉGULO

Eu me confio,
Mânlio, na tua fé. Mas...

MÂNLIO

Basta, entendo.
Apeteço e ambiciono a glória tua.
Vejo o teu coração; no meu confia.
Em honra, como a ti, me ferve o peito.
Nega-me o fado, nega-me a ventura
O sublime esplendor desses teus ferros;
Mas se os desejo em vão, sei merecê-los.
(*Vai-se.*)

CENA III

Régulo e Públio.

RÉGULO

Será crível que tanto custe em Roma
Agora o conservar a fé jurada!
Públio! Ah Públio!... Tu ficas, e tranquilo
Deixas ao caro amigo a glória toda
Da lida, do fervor de socorrer-me?

Corre, corre também; forceja, alcança
Para a minha partida o passo livre.
Quero este alto favor dever a um filho.

PÚBLIO

Ah, pai! Eu te obedeço; mas...

RÉGULO

Suspende:
O suspiro talvez será fraqueza.

PÚBLIO

Sim, eu confesso que morrer me sinto;
Mas a mesma opressão, que me atormenta,
É um mérito em mim; contudo eu ligo
À minha dor a obediência minha.

CENA IV

Régulo e Amílcar.

AMÍLCAR

Régulo, enfim...

RÉGULO

Já sei antes que o digas,
Quais teus queixumes são. Não te acobarde
O popular motim: Régulo em Roma
Vivo não ficará.

AMÍLCAR

Não sei qual seja
O motim popular de que me falas!
Venho mostrar-te, por maneira estranha,
Que não é mãe de heróis somente Roma,
Que entre nós há também grandeza d'alma.

RÉGULO

Concedo: mas de inúteis, vãos debates
Tempo agora não é: junta os sequazes,
E apresta-te à partida.

AMÍLCAR

Não; primeiro
Escuta-me, e responde.

RÉGULO

Oh sofrimento!

AMÍLCAR

Ser grato é glória?

RÉGULO

É um dever ser grato;
Mas já tão pouco este dever se exerce,
Que hoje é glória cumpri-lo.

AMÍLCAR

Mas se agora
Custar um grande p'rigor?

RÉGULO

Então se eleva
Ao grau de alta virtude.

AMÍLCAR

O grau que dizes
Não podes pois negar-me. Ouve: zeloso
Da glória sua, teu ilustre filho
Barce me restitui, amando-a há muito:
Eu também, generoso, estimulado
D'émulo brio, o pai salvar-lhe quero,
E ao furor de Cartago assim me exponho.

RÉGULO

Tu me queres salvar?

AMÍLCAR

Eu.

RÉGULO

Como?

AMÍLCAR

Espaço
Te darei para a fuga. Aquelas guardas
Cedo removerei de ti com arte.
Tu, cauto em Roma, esconde-te entretanto,
Té que sem ti com simuladas iras
Âncoras leve.

RÉGULO

Bárbaro!...

AMÍLCAR

Que dizes?
Assombras-te da oferta?

RÉGULO

Assaz.

AMÍLCAR

Terias
De mim tanto esperado?

RÉGULO

Não.

AMÍLCAR

Contudo,
Não tive a sorte de nascer romano.

RÉGULO

Bem se vê.

AMÍLCAR

Guardas, ide.

RÉGULO

Nenhum parta.

AMÍLCAR

Porquê?

RÉGULO

Dos bons desejos te sou grato;
Porém, contigo irei.

AMÍLCAR

Minha piedade
Desdenhas?

RÉGULO

Não, de ti me compadeço.
Virtude ignoras, e virtude ostentas:
E ofendes a ti próprio, a mim e à Pátria.

AMÍLCAR

Eu!

RÉGULO

Sim: como dispões da liberdade
De Régulo? É teu servo, ou de Cartago?

AMÍLCAR

Não te cabe indagar se o benefício...

RÉGULO

O benefício, na verdade, é grande!
Tornar-me réu, tornar-me fraudulento,
Prófugo, indigno...

AMÍLCAR

Mas aqui se trata
De conservar-te a vida, e não reletes
Que atrozes penas te dispôs Cartago?
Que mal, que horror, que morte ali te esperam?

RÉGULO

Mas conheces, Amílcar, os romanos?
Sabes que vivem de honra, e que só ela
É das suas ações medida e objeto?
Aqui sem palidez se aprende a morte;
Aqui se desafia, aqui se afronta
Todo o tormento que produz a glória;
Aqui só a fraqueza é horrorosa.

AMÍLCAR

Pomposas expressões! Belas no ouvido!
Mas não creio essa tímida linguagem.
Sei que a todos a vida é preciosa,
E que tu mesmo...

RÉGULO

Em demasia abusas
Da paciência minha: apresta os lenhos,
Congrega prontamente os teus sequazes;
Cumpre com teu dever, bárbaro, e cala.

AMÍLCAR

Intrépido alardeia; audaz insulta;
Põe à minha piedade um nome indigno.
Calado, junto ao Tibre, Amílcar te ouve,
Em Cartago porém, dar-te-ei resposta.
(*Vai-se.*)

CENA V

Régulo e Atília.

RÉGULO

Públio não torna! E Mânlio... Oh Céus! Atília,
Que anúncio trazes, pressurosa, alegre?

ATÍLIA

Já de Régulo pendem nossos fados:
Roma, Roma aferrada a teus arbítrios,
Não quer troca, nem paz, mas ficar podos.

RÉGULO

Sim, com a infâmia...

ATÍLIA

Não, sobre esse ponto
Já no Senado a decisão foi dada:
De partir, ou ficar tens faculdade.
Juraste entre os grilhões... Quem não é livre,
Em si não tem poder para obrigar-se.

RÉGULO

O que sabe morrer é sempre livre.
Longe sofismas: a fraqueza própria,
Confessa quem acusa a força alheia.
Eu jurei porque quis, e partir quero,
Porque jurei.

CENA VI

Régulo, Atília e Públio.

PÚBLIO

Senhor, em vão o esperas.

RÉGULO

E quem pode tolher-mo?

PÚBLIO

O povo todo,
O povo todo, ó pai, já não se doma.
Grita, brama, incapaz está de freio;
Por te impedir o embarque, ao porto corre,
Em confuso tropel, e está de Roma
Outro qualquer lugar deserto.

RÉGULO

E Mânlio?

PÚBLIO

Ao voto universal se opõe só ele.
Roga, ameaça, grita; mas sem fruto,

Que o mando a obediência não consegue.
Na revolta caterva a fúria cresce:
Já na dextra dos pálidos lictores
As segures ³⁸⁹ vacilam; e em tão fero,
Tão terrível tumulto, executores
O mando consular não tem, não acha.

RÉGULO

Atília, adeus; segue-me, Públio.

PÚBLIO

Aonde?

ATÍLIA

Aonde vais?

RÉGULO

A socorrer o amigo;
Lançar em rosto a Roma o crime horrendo
Da minha escravidão. Manter a honra;
Partir ou expirar naquelas praias.

ATÍLIA

Ah pai! Se tu me deixas, eu...

³⁸⁹ Pequenos machados usados como símbolo de poder pelos lictores romanos, que nos primórdios os utilizavam para procederem às execuções.

RÉGULO

(Sério, mas sem enfado.)

Atília,
Muito ao nome de filha, à idade, ao sexo,
Muito dei atéqui. Baste de choro.
Com Roma em dano meu se não conjure,
Não se arme contra mim também teu pranto.
De um triunfo imortal não me despojes.

ATÍLIA

Que pena para mim!...

RÉGULO

É grave pena
Perderes-me, bem sei; mas tanto custa
A honra singular de ser romana.

ATÍLIA

Outra prova qualquer darei...

RÉGULO

Que prova?
Acaso regular de Roma os fados,
Irás lá no Senado, entre os conscritos?
Na frente o morrião ³⁹⁰, na dextra o ferro,
Entre armas verterás suor brioso,
Cometendo, aterrando os inimigos?
Atília, se não sabes sem fraqueza

³⁹⁰ Antigo capacete, sem viseira.

Pela Pátria sofrer qualquer desastre,
Por ela que farás?

ATÍLIA

É certo, é certo;
Mas tal constância...

RÉGULO

Esta virtude é árdua;
Mas Atília é meu sangue, e deve tê-la.

ATÍLIA

Sim, pai, quanto puder hei de imitar-te.
Mas, oh Céus! Tu me deixas indignado?
Eu perdi teu amor?

RÉGULO

Não, filha, eu te amo.
Não tenho indignação. De mim recebe
Este terno penhor: mas este abraço
Honra, constância, e não fraqueza inspire.

CENA VII

Atília e Barce.

ATÍLIA

Sim, valor, coração! Fracos afetos,
Minha alma despejai; prantos imbeles ³⁹¹,
Nos tristes olhos meus parai de todo.
Tenho chorado assaz, assaz tremido.
Surja dentre o paterno, heroico enfado,
O esforço natural que me alentava.
Não seja Atília só, não seja Atília,
De tão sublime planta indigno ramo.

BARCE

Atília, quanto ouvi será verdade,
A despeito do povo e do Senado,
Dos Augures, de nós, do mundo inteiro?
Régulo quer partir?

ATÍLIA

Sim.

BARCE

Mas que insano,
Que teimoso furor...

³⁹¹ Débeis.

ATÍLIA

Tem mais respeito,
Barce, aos heróis.

BARCE

Como!? Que escuto!? Aprovas
Do pai a obstinação?

ATÍLIA

Do pai adoro
A constante virtude.

BARCE

Uma virtude
Que às iras de Cartago, à morte infame
Cegamente o conduz?

ATÍLIA

Cala. Esses ferros,
Esse horror, essas fúrias, essa morte —
Tudo isso de meu pai serão triunfos.

BARCE

Exultas entre ideias tão medonhas?
Ó deuses! Perceber não sei...

ATÍLIA

Quem teve
Em bárbaro país o nascimento,
Por desgraça, entender, sentir não pode,

Quanto uma filha na paterna fama,
Engolfa o coração.

BARCE

Mas porque choras?

ATÍLIA

Não sei se o pranto meu é gosto, ou pena.
(*Vai-se.*)

CENA VIII

BARCE

(*Só.*)

Que estranhas ilusões! Que ideias novas
A ambição de louvor produz em Roma:
Mânlio do seu rival cobiça os ferros;
Régulo odeia a pública piedade;
Do pai na morte se recreia a filha;
E Públio, embriagado, aceso em honra,
De amor triunfa, e ao seu rival me cede.
(*Vai-se.*)

CENA IX

Magnífico pórtico sobre a margem do Tibre. Armada pronta no rio para o embarque de Régulo. Ponte que conduz a uma das naus, que estará mais vizinha. Numeroso povo, que impede a passagem para a sobredita nau; africanos sobre a mesma ponte, lictores e o cônsul.

Mânlio e Licínio.

LICÍNIO

Sim, que Régulo parta impede Roma.

MÂNLIO

Pois de Roma também não somos parte
Eu e o Senado?

LICÍNIO

A maior é o povo.

MÂNLIO

Não a mais sã.

LICÍNIO

Porém, a menos fera.

POVO

Por gratidão e amor salvar queremos
A Régulo a existência.

MÂNLIO E SENADORES

E nós a honra.

LICÍNIO

A honra...

MÂNLIO

Basta: eu altercar contigo
Aqui não venho. Oh lá! Franqueiem todos
A passagem.

LICÍNIO

Oh lá! Ninguém se afaste.

MÂNLIO

Eu o ordeno.

LICÍNIO

Eu o vedo.

MÂNLIO

Ousa Licínio
Opor-se ao cônsul?

LICÍNIO

Ao tribuno opor-se
Ousa Mânlio?

MÂNLIO

Vê-lo-ás: eia, lictores,
Despeje-se o caminho.

LICÍNIO

Eia, romanos,
O passo defendei.

MÂNLIO

Oh Céus! Com armas
Se resiste ao meu mando? E desta sorte
Se ofende a majestade?

LICÍNIO

A majestade
De Roma está no povo, e tu a ofendes
Quando a ele te opões.

POVO

Régulo fique.

MÂNLIO

Ouvi: deixai que eu patenteie o engano.

POVO

Fique Régulo.

MÂNLIO

Ah! vós...

POVO

Régulo fique.

CENA X

Mânlio, Licínio, Régulo, Públio, Amílcar, Atília, Barce,
guardas, senadores e povo.

RÉGULO

Régulo fique? E eu ouço? Eu devo crer-me
Uma infâmia sequer? Sequer em Roma?
Sequer de mim? Que povos nascem hoje
No terreno de Rómulo! Quais foram
As almas que formaram, que nutriram
Tão baixos pensamentos? Que é dos netos
Dos Brutos ³⁹², dos Fabrícios ³⁹³, dos Camilos ³⁹⁴?
Régulo fique?... Ah! por qual crime, e quando
Mereci o ódio vosso?

LICÍNIO

O amor de Roma
É quem tenta, Senhor, quebrar teus ferros.

RÉGULO

E no mundo o que é Régulo sem eles?
Dos vindouros o exemplo eles me fazem,

³⁹² Marco Júnio Bruto (Roma, 85 a. C.-Filipos, 42 a. C.), militar e político romano que participou na conspiração que vitimou Júlio César (44 a. C.).

³⁹³ Gaio Fabrício Lusino, cônsul romano em 282 a. C. e em 278 a. C.

³⁹⁴ Marco Fúrio Camilo (c. 446 a. C.-365 a. C.), que foi seis vezes tribuno consular; tinha como epíteto «Segundo Fundador de Roma».

Dos contrários a injúria, a luz da Pátria;
E mais não sou, privando-me dos ferros,
Que um escravo perjuro e fugitivo.

LICÍNIO

Entre os grilhões a pérfidos jurastes,
E os áugures...

RÉGULO

Aos árabes, aos mouros
Deixemos esses torpes, vis pretextos,
Esse infiel caráter: os humanos,
De Roma aprendam como a fé se guarda.

LICÍNIO

Mas perdendo seu pai, qual fica Roma?

RÉGULO

De que é mortal seu pai, Roma se lembre,
Lembre-se que do arnês já verga ao peso,
Que áridas pouco a pouco as veias sente;
Que já não pode, nem suor nem sangue,
Por ela derramar; que só lhe resta
Morrer como romano. O céu nos abre
Esplêndido caminho: de meus dias
Posso a dura carreira, a teia anosa
Findar com glória, e me quereis infame?
Ah! possível não é: dos meus romanos
Conheço o coração; no pensamento,
Não, desdizer de Régulo não pode
Ninguém que respirou, como eu, nascendo,
Do Capitólio as auras. Este, aquele,
Sei que no coração, que lá me aplaudem;

Sei que inveja me têm, que entre os impulsos
De alto excesso de amor, que os iludira,
Aos deuses para si pede outro tanto.
Ah! não, não mais fraqueza: a terra, a terra
Essas armas fatais... Não se retarde
Um momento sequer ao meu triunfo.
Amigos, filhos, cidadãos, amigo,
Complacência, favor de vós imploro,
Exorto cidadão, pai determino.
O povo e os soldados abaixam as armas e abrem caminho.

PÚBLIO

Deuses! Já tudo lhe obedece!

ATÍLIA

Oh nunes!

LICÍNIO

Eis já todas as dexas desarmadas.

MÂNLIO

Tens o caminho franco.

BARCE

Oh Céus benignos!

RÉGULO

O passo livre está: podes, Amílcar,
Subir aos teus baixéis, que eu já te sigo.

AMÍLCAR

A ter inveja dele enfim começo.
(Sobem à nau Amílcar, Barce, os africanos e Régulo.)

RÉGULO

(Para a terra.)

Povos de Roma, adeus, a despedida
Seja digna de nós. Graças aos deuses,
Enfim vos deixo, e deixo-vos, romanos.
Ah! conservai sem mancha o grande nome,
E vós sereis os árbitros da Terra,
E o mundo todo ficará romano.
Ó deste almo terreno amigos numes!
Deusas propícias à troiana stirpe!
Este povo de heróis de vós confio:
Sejam cuidado vosso, e vosso objeto,
Este chão, estes tetos, estes muros.
Fazei que, em seu recinto venerando,
Glória, constância, fé, valor, justiça,
Todos, todos os dons floresçam, durem.
E se os influxos de maligna estrela,
Um dia o Capitólio ameaçarem,
Régulo, ó deuses! Régulo somente
Seja vítima vossa, e se consuma
Toda a fúria dos céus, na frente dele;
Mas Roma ilesa... Ah corre o pranto... Adeus!



VÁRIA

I — FINGAL ¹

De Tura ² junto aos muros assentado,
E ao fresco abrigo de inquietas folhas,
Estava Cuculin. Perto da rocha
A lança lhe jazia, ao pé o escudo;
Tinha no grão Cairba o pensamento,
Cairba, que vencera. Eis lhe aparece,
Explorador do túmido oceano,
Moran, prole de Titi. «Ergue-te (disse),
Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas
De Swaran; o inimigo é numeroso,
Mil os heróis do mar.» — «Tu sempre tremes,
Prole de Titi (o chefe lhe responde),
Azul nos olhos e esplendor de Erina;
Com teu medo os contrários multiplicas;
O rei será talvez das ermas serras,
Que vem trazer-me auxílio.» — «Oh, não! (replica
O nuncio do pavor), qual torre avulta
Swaran, ou qual de gelo alta montanha;
Eu o vi; quase igual àquela faia,
É a lança do herói, nascente lua
O seu pavês parece. Em duro escolho
Sentado estava, e semelhante em face
A coluna de névoa.» — «Ó tu, primeiro
Entre os mortais (lhe disse), a que te afoitas?

¹ Fragmento de uma epopeia, constituída por seis cantos, tradicionalmente atribuída a Ossian (Escócia, século III d. C.), «o Homero do Norte». Porém, a crítica atual afirma que o seu autor foi o escocês James Macpherson (Ruthven, Tayside, 1736-arredores de Inverness, 1796). O poema narra a expedição de Fingal à Irlanda, para a libertar das forças de ocupação escandinavas, chefiadas por Swaran. O presente excerto foi publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, pp. 128-129, e em *Poesias de...*, t. IV, pp. 343-344, edição de Inocêncio Francisco da Silva (1853), lição que elegemos. Bocage poderá ter utilizado, segundo este bibliógrafo, a versão francesa de Letourneur, editada em Paris, no ano de 1777.

² Eventualmente, o castelo de Tura, localizado na Irlanda do Norte.

São muitas nossas mãos, e em guerra fortes;
Chamam-te com razão possante, invicto;
Porém, mais de um varão da excelsa Tura
Ostenta esforço e glória.» — «Oh! (me responde
No tom de onda desfeita em árdua rocha)
Quem me semelha? Heróis não me resistem,
Meu braço os prostra. Só Fingal, somente
O grão rei de Morwen afrontar pode
As forças de Swaran. Lutámos ambos
Nos prados de Malmor. Tremeram bosques
Ao movimento nosso, e vacilaram
Da raiz despegados os rochedos;
Rios fugiram do combate horrível,
As correntes de medo extraviando.
Três dias combatemos, descansámos,
Volvemos à peleja. Ao longe os chefes,
De olhos fitos em nós, estremeciam.

.....

II — ODE ANACREÔNTICA DE ARGENSON ³

Vê se uma traça
Podes achar
Para meus danos
Remediar.

³ Ode publicada postumamente. Divulgou-a Inocêncio Francisco da Silva em *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. Lisboa: A. F. Fernandes, 1853, t. II, p. 126. O seu provável autor, Antoine-René de Voyer (Valenciennes, 1722-Paris, 1787), marquês de Argenson, foi diplomata e um intelectual de mérito, sendo a sua biblioteca paradigmática, pela sua beleza, extensão e qualidade intrínseca. Poema composto originalmente em latim. A versão de Desidério Marques Leão, publicada em 1813, não oferece credibilidade.

«Empenha afagos,
Roga humilhado...»
Afago, e rogo,
Tudo é baldado.

Lídia me abrasa
Em chama acesa;
E as duras pedras
Vence em dureza.

«Pulsa o laúde ⁴,
Cantos lhe ajusta...»
Laúde e cantos
Despreza a injusta.

«Pranto derrama,
Meigo te ostenta,
Que isto a Cupido
Também contenta.»

Brando me ostento,
Ais d'alma acesa,
Rios de pranto,
Tudo despreza.

«Punhados d'ouro
Solta profuso...»
De dões tão grandes
Só reis tem uso.

⁴ Alaúde.

«Dome a distância
Tão grande amor...»
Não pode o tempo,
Que ele é maior.

«Se nada pode
Findar-te a lida,
Apronta um laço,
Põe nele a vida.

Porque te vejo
Triste hesitar?
Só assim pode
Teu mal findar.»

III — UM EXCERTO DE *JERUSALÉM LIBERTADA*

*Poema de Tasso*⁵

Entre os heróis cristãos que pelo esforço
Ante Jerusalém mais se afamaram
Na do feroz Soldão⁶ noturna guerra,
Latino reluziu, nascido em Roma.
Das lidas marciais, da longa idade

⁵ «Extraído» do canto IX daquela famosa epopeia e publicado in *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, 1804, pp. 262-265. Naquela obra, estruturada em 20 cantos, Torquato Tasso (Sorrento, 1544-Roma, 1595) alude aos eventos que tiveram lugar na Primeira Cruzada. A arte de poetar e a perseguição política, que culminou com a prisão, são traços comuns a Tasso e a Bocage, que cita em várias epígrafes o épico italiano. Sobre a tradução bocagiana de Tasso, v. «Glosar e Traduzir, isto é ser vate? La Gerusalem liberata di Bocage», por Guia M. Boni, in Maria da Graça Gomes de Pina e Teresa Gil Mendes (organização) — *Bocage e as Luzes do Século XVIII*. Roma: Aracne Editrice, 2017.

⁶ Sultão.

Inda gastas as forças não sentia;
Com cinco filhos, quase iguais, ao lado
Nas hórridas pelejas sempre andava.
Eles, antecipando ao tempo a fama,
De férreo peso as fronteas oprimiam,
E os membros juvenis, inda crescentes:
Pelo paterno exemplo estimulados,
Amolavam no sangue o ferro, as iras.

«Vamos (o pai lhes diz) lá onde um ímpio
Cõa fuga dos cristãos se ensoberbece;
O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,
Em vós o inato ardor não diminuam:
É glória trivial, se a glória, ó filhos,
De algum passado transe não se adorna.»

Assim brava leoa os filhos bravos,
A quem do colo a juba inda não desce,
A quem das mãos cruéis, da horrenda boca
Inda as terríveis armas não cresceram,
Leva consigo às presas, aos combates,
E os vai com torvo exemplo encarniçando
No caçador, que os bosques lhe perturba,
E as feras menos fortes afugenta.

Seguem o pai sublime os cinco incautos,
O enorme Solimão salteiam, cingem,
E num só ponto um só arbítrio, e quase
Um espírito só, seis lanças vibra.
Mas, cegamente afoito, o de mais anos
Sacode a sua ao chão, co'Turco cerra,
E tenta em vão cõa penetrante espada
Derribar-lhe sem vida o grão ginete.

Porém, qual monte exposto às tempestades,
Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,
Suporta, firme em si, trovões e raios,

Os indignados céus, ondas e ventos;
Assim o audaz Soldão a ativa fronte
Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
E àquele que o ginete lhe golpeia,
Entre as faces e os olhos fende o rosto.

Aramante ao irmão, que vai caindo,
Piedoso estende o braço em que o sustenta:
Piedade louca e vã, que ao dano alheio
Une tragicamente o próprio dano.
O pagão contra o braço o ferro inclina,
E o que a ele se atém com ele aterra:
Caem ambos, um sobre outro desfalecem,
E misturam, morrendo, os ais, e o sangue.

Eis, de Sabino a lança espedaçando,
Com que o moço gentil de longe o infesta,
Lhe arremessa o cavalo, e de arte o colhe,
Que por terra, tremendo, o deita, o pisa.
Do delicado corpo adolescente
Sai a alma a grande custo, e deixa triste
Da vida as auras plácidas, os dias
Ledos e ornados de mimosa idade.

Vivos Pico e Laurente inda restavam,
Com que um só parto os pais enriquecera,
Par florescente, igual, que tantas vezes
Origem fora de suave engano!
Mas se os fez Natureza indistinguíveis,
Já dif'rentes os faz a hostil braveza:
Oh dura distinção! Em um divide
Do busto o colo, ao outro o peito rasga.

O pai (ah já não pai!), ah Sorte injusta
Que num ponto o privou de tantos filhos!
A sua morte vê nas cinco mortes,
Na progénie ⁷ infeliz, de todo extinta;
Nem sei como a velhice é tão constante,
Tão forte, e tão vivaz na extrema angústia,
Que inda respire, que peleje ainda!
Mas as tristes ações, as faces tristes
Não viu talvez dos moribundos filhos,
E do acerbo espetáculo a seus olhos,
Parte as amigas trevas encobriram.

Contudo, não perdendo a infausta vida,
Nada lhe era o vencer. Do próprio sangue
Pródigo freme, e sôfrego do alheio;
Nem se conhece bem qual mais deseja,
Se morrer, se matar. «Tão desprezível,
Tão fraca é esta mão (grita ao contrário)
Que de tantos esforços nenhum pode
Contra mim provocar-te a negra sanha!»
Cala, e golpe mortal despede ao fero,
Que, roto o rijo arnês, lhe rompe o lado,
E por larga abertura o sangue ferve.

Ao grito, ao golpe contra o velho ansioso,
O bárbaro volveu a espada, as fúrias.
A loriga ⁸ lhe abriu depois do escudo,
Que vezes sete duro couro envolve,
E o ferro lhe embebeu pelas entranhas.
Eis Latino infeliz soluça, expira,
E com vômito alterno ora lhe salta
O sangue da ferida, ora da boca.

⁷ Descendência.

⁸ Antiga vestimenta militar.

Qual no Apenino ⁹ vigorosa planta,
Que as iras desdenhou de Áquilo ¹⁰ e de Euro ¹¹,
Se tufão desusado enfim a arranca,
Co'a queda em torno as árvores derruba:
Tal cai o herói, e o seu furor é tanto
Que leva após de si mais dum que aferra,
E de homem tão feroz é fim bem digno
Fazer, até morrendo, altas ruínas.

IV — GILDIPE E EDUARDO

Poema de Tasso ¹²

O ferido combate ardendo estava
Entre o campo cristão e o campo egípcio.
Nisto o bravo Soldão co'a morte e as Fúrias ¹³
Corre, escumando, aos bárbaros se agrega,
Grão reforço lhes é, mas breve, inútil:
Parece horrendo, momentâneo raio,
Que repentino vem, que bate, e passa,
Porém, que da veloz carreira infesta
Deixa vestígio eterno em rotas penhas.
Cem guerreiros ou mais derriba o turco:
Sequer entre milhões de extintos nomes,
A memória de dois se roube ao Tempo.

⁹ Referência aos Apeninos, cordilheira italiana.

¹⁰ Vento do Norte.

¹¹ Vento do Sudoeste, filho de Eos e de Astreu (a Aurora) ou de Tífon.

¹² «Extraído da *Jerusalém* de Tasso», canto xx. Poema publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, op. cit., 1804, pp. 266-268.

¹³ *Vd.* nota da p. 71.

Tristes esposos, férvidos amantes,
Eduardo e Gildipe, os Fados vossos
Duros, acerbos, e os ilustres feitos
(Se a meus toscanos ¹⁴ versos tanto é dado)
Sagrarei entre espíritos famosos,
Porque a série dos evos, quais portentos
De virtude e de amor vos olhe, e aponte,
E algum terno mortal com doce pranto
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.

A generosa dama, esporeando
O dócil bruto audaz, lá se arremessa
Com o esposo fiel por entre as turbas,
Onde o feroz pagão derrota os francos.
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.

O cruel, que no traje a reconhece,
Diz com agro colérico sorriso:
Oh! Eis o rufião e a apaixonada.
«Muito melhor te fora agulha e fuso
Que por defesa haver armas e amante.»

Cala-se, e de furor todo abrasado,
Vibra estocada temerária e fera,
Que ousou, rompendo o arnês, entrar no peito,
Que dos golpes de Amor só era digno.
Súbito a triste, abandonando o freio,
Indícios dá de quem desmaia, e morre.
Ai! Bem o observas, mísero Eduardo,
Não lento defensor, mas desditoso.

¹⁴ Da Toscana, região da Itália.

Que fará neste lance? Ira, piedade
A várias partes num só tempo o chamam:
Uma a suster seu bem, que vai caindo,
Outra a vingá-lo do hórrido homicida.
Amor imparcial o persuade
A que a piedade escute, escute a ira:
Eis co'a sinistra mão sustém a esposa,
E com a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah! Vontade e força, divididas
Contra o duro pagão bastar não podem;
Não mantém a infeliz, nem o verdugo
Do seu doce prazer conduz à morte;
Antes o ímpio Soldão lhe corta o braço,
Piedoso arrimo da consorte amada.
Cair a deixa o mísero, e comprime
Os membros dela co'os seus próprios membros.

Qual olmo, a que a vinosa, a fértil planta
Com abraço tenaz se enreda e casa,
Se ferro o parte, ou raio o desarraiga,
Leva consigo a terra a sócia vide:
Ele o verde atavio lhe desfolha,
Ele mesmo lhe pisa as gratas uvas,
E como que lhe dói mais que seu fado
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.

Tal cai o amante, e só se dói daquela
Que em companhia eterna o Céu lhe outorga.
Querem, não podem proferir palavras,
Formam suspiros em lugar de vozes;
Um olha ao outro, e por costume antigo

Um com o outro se abraça enquanto existe.
O dia num só ponto aos dois se apaga,
E as almas juntas aos Elísios ¹⁵ voam.

V — A DESCRIÇÃO DO DILÚVIO ¹⁶

Poema de Gessner

As torres de estranhíssima grandeza
Estavam pelas águas já cobertas,
E a triste, malfadada humanidade
Já não tinha outro asilo, outra guarida,
Mais que o cimo de um monte alcantilado,
Que ainda além das ondas assomava.
Soar em torno dele os ares se ouviam
Dos míseros mortais que em vão lidavam
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se
Da insaciável Morte, que, enrolada
Na espumosa torrente, os perseguia.
Eis que desaba em parte a grão montanha,
Eis que a rota porção no mar se abisma,
E na queda fatal consigo abate
Quantos ao vão refúgio se acolheram.
O filho cai dali precipitado,
Lançando pias mãos ao pai caduco;
Das maviosas mães no seio amigo
Tenros meninos sufocados morrem;

¹⁵ Na mitologia grega, o Paraíso, ou seja, o lugar onde são acolhidas as almas dos justos e dos piedosos.

¹⁶ Poema publicado no segundo volume das *Rimas*, *op. cit.*, pp. 297-304. Para realizar a presente tradução, Bocage poderá ter utilizado a obra *Pastorales et Poèmes de Gessner, suivis de deux odes de Haller et d'une ode de Dryden*. Paris: Vincent; Lottin, 1766. Salomon Gessner (Zurique, 1730-Zurique, 1788) desenvolveu profícua atividade no âmbito da escrita, da edição, da pintura e da gravação.

Pavoroso motim retumba ao longe
Dos homens e dos brutos, que perecem
Juntos no horrível báratro ¹⁷ dos mares.
Já não restava então mais do que um pico
Altíssimo da serra ainda ileso
Do estrago universal. Fanor, mancebo,
Herói no coração, pastor no ofício ¹⁸,
Para ali conduzira a doce amante;
Semira dentre as ondas arrancara,
E, apesar do furor das vagas todas,
O triunfante Amor, Amor piedoso
A donzela infeliz salvou da morte.
Tinham nascido os dois nos férteis campos,
Que banha o longo, celebrado Eufrates.
Fanor, entre os que ali se distinguiam,
Era o mais abastado, o mais amável;
Semira a mais gentil, a mais virtuosa
Das suas companheiras: os desejos
Tu ias, Himeneu, satisfazer-lhes,
E o dia de vingança, o dia horrendo,
Em que Deus castigar determinara
Do mundo os negros, os nefandos crimes,
Eram mesmo em que haviam de ligar-se
Num laço deleitoso os dois amantes.
Jazia tudo o mais no bojo imenso,
Nos abismos do mar: Fanor, Semira,
Sós, ao geral naufrágio sobrevivem.
Em montes a seus pés as vagas mugem,
Por cima das atónitas cabeças,
Lhe rebomba o trovão, reina-lhe em roda
Pesada escuridão, cujos horrores
O clarão dos relâmpagos não rasga

¹⁷ Abismo.

¹⁸ Verso acrescentado ao original por Bocage.

Senão para of'recer-lhes aos olhos tristes
O medonho espetáculo dos mortos,
O miserável túmulo da Terra.
Estreitava Semira o terno amante
Ao peito esmorecido e melindroso;
Junto a seu coração, trémula e fraca,
Ela o quer, ela o tem, e assim modera
O terror em que a põe seus duros fados.
«Meu querido Fanor (lhe diz Semira),
Já não há para nós nenhum refúgio,
É forçoso morrer, já, já nos cerca
A vingança dos Céus por toda a parte.
Não ouves o fragor, não vês as serras
Do tormentoso mar! Não vês, não ouves
Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!
Já não há para nós nenhum refúgio,
É forçoso morrer... oh Morte! Oh Morte!
Eras tu quem devia unir-nos hoje?...
Oh meu Deus! Meu juiz! Ei-la bramindo...
Ei-la que se arremessa a devorar-nos...
Ai! Como se revolve em cada vaga!...
Sustenta-me, Fanor..., entre os teus braços...
As ondas... me arbatam... me arbatam...
Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...»
Ditas estas palavras, cerra os olhos,
Congela-se-lhe a voz, e cai sem forças
Entre os braços do amante. Ele, sem tino,
Já não vê serpear o etéreo fogo,
As ondas já não vê fervendo em serras,
Não vê mais que Semira entregue à morte.
A lassa robustez no mesmo instante
A Desesperação e Amor lhe inovam:
Em seus braços aperta a doce amada,
Dentre as ondas a arranca, e de mil beijos
Cobre as macias, delicadas faces,
Cò'a triste palidez inda formosas,
E frias, e alagadas dos chuveiros.

«Semira (ele lhe diz), meu bem, desperta,
Esta cena de horror contempla ainda,
Volve ainda uma vez a mim teus olhos,
Dize ainda uma vez que hás de, ó querida,
Amar-me até morrer, dize-o, repete-o,
Antes que as bravas ondas nos engulam.»
Diz: ela torna em si, lança-lhe os olhos,
Cobertos de agonia e de ternura;
Sobre a destruição depois os firma:
«Oh meu Deus! Meu Juiz! (exclama a triste)
Já não há para nós, não há piedade?
Ai! Com que fúria as ondas vêm rolando!
Que horrorosos trovões!... Ó Deus eterno!
Meu pai! Meu criador! Não te comoves!
Não deixas abrandar vinganças tuas!
Ah! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,
Os anos de Fanor e os de Semira
Iam correndo envoltos na inocência.
Ó tu, claro exemplar de mil virtudes,
Tu, dos filhos dos Homens o mais justo,
Como enfim mereceste... ai, desgraçada!
Eu vi, vi perecer todos aqueles,
Que faziam tão doces os meus dias;
Eu te vi perecer, meu pai (que angústia!)
(Que amargosa lembrança!), eu te apertava
Em meus convulsos braços, tu erguias
Para a filha os pesados, ternos olhos,
E para abençoá-la as mãos piedosas,
Quando as terríveis ondas te sorveram.
O que era para mim de mais estima
Me foi roubado, oh Céus! Porém, contudo,
Nos abismos, Fanor, sumida a Terra,
Presentara a meus olhos as delícias,
As graças do terrestre paraíso,
Se o Céu me concedera o possuir-te...
Oh Deus! Oh sumo Deus! Não há clemência!
Nossa vida inocente nos não vale!

Não poderá vencer... mas, cega! Aonde
Me leva, me arrebatava a minha angústia!
Perdoa, ó meu Juiz, meu Deus, perdoa;
Estas murmurações expie a morte.
Quanto a mesma inocência ante os teus olhos,
Quanto a mesma inocência é criminosa!»
Fanor aqui susteve a gentil moça,
Que ao repelão do vento ia caindo,
E sustendo-a, lhe diz: «Sim, ó Semira,
Nosso final momento está chegando;
As ledas, as suaves esperanças
De um recíproco amor se esvaeceram:
Eis o termo fatal dos nossos dias;
Porém, não acabemos como os ímpios.
É forçoso morrer, mas, doce amada,
Além desta mortal vida penosa
Vive a glória, o prazer, a eternidade.
Remontem-se, querida, as almas nossas
Ao Deus seu criador; longe os terrores:
Nós vamos exultar, e agasalhar-nos
No seio paternal do Omnipotente;
Abraça-me, e esperemos nossos Fados.
Do centro deste horror, Semira, em breve
Nossos livres espíritos, voando
Engolfados num júbilo sem termo,
Se irão sumindo pelo Céu brilhante.
Oh Deus! Oh grande Deus! Esta esperança
Em nossos corações nutrir ousamos.
Elevemos, Semira, eia, elevemos
Enfraquecidas mãos ao Nume eterno.
Cabe em frágeis, erradas criaturas
Dos juízos de um Deus tentar o abismo?
Aquele que nos deu co'um sopro a vida,
Que pode quanto quer, prepara e manda
A morte ao criminoso, a morte ao justo.
Venturoso o mortal, feliz quem sempre
Da virtude trilhou, seguiu a estrada!

A vida já, meu Deus, te não pedimos,
Execute-se em nós tua Justiça;
Mas acende, afervora esta esperança
De um bem, de um alto bem, sumo, inefável,
Vedado à turbação, e horror da morte.
Brama então sobre nós, trovão medonho,
Devorai-nos então, sanhudos mares.
O santo, o justo Deus seja exaltado,
E último sentimento, última ideia
De nossos corações, de nossas almas
Seja seu Nome, sua Glória seja.»
O júbilo e valor asserenaram
O rosto de Semira, e de seu rosto
Os lumes imortais da divindade
Como que já luziam. «Sim (diz ela,
Alçando para os Céus as mãos mimosas),
Eu te sinto, dulcíssima esperança,
Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,
Lágrimas de alegria, até que a Morte
Com gélida mão venha cerrar-vos.
Uma glória sem fim por nós espera.
Vós, parentes, vós, pais, delícias nossas,
Arrancados nos fostes, mas em breve
Nos vamos novamente unir convosco.
Dos justos, ó meu Deus, está cercado
Lá no cume dos Céus teu trono augusto;
Tu de todas as partes do Universo
Os congregas, Senhor. Fervei, ó raios,
Inchai-vos, escarcéus, brami, ó ventos:
Vós sois, vós todos sois da inevitável
Justiça eterna os cânticos e os órgãos.
Abraça-me, querido... olha... esta vaga
Espumosa e feroz... nos traz a morte...
Abraça-me, Fanor... não me abandones...
Ai!... Já me erguem... as ondas... já me absorvem.
Semira (diz Fanor), eu não te deixo,
Eu te abraço, meu bem. Tu vens, ó morte,

Tu vens enfim cumprir nossos desejos...
Graças... mil graças à Justiça eterna...»
Assim falaram, e em abraço estreito,
Tragados pelas ondas, pereceram.

VI — DA ARTE GRÁFICA ¹⁹

A poesia será como a pintura,²⁰
A pintura será como a poesia,
Ambas iguais, irmãs se representam,
Ofícios, nomes entre si revezam:
A pintura se diz muda poesia,
A poesia se diz loquaz pintura.
O que ouvidos atrai poetas cantam,
Cabe aos pintores o que enleva os olhos:
O que versos desluz, pincéis desdoura.
As formosas rivais, em honra aos deuses,
Transpondo céus e céus, entram de Jove
Nos sempiternos paços: lá desfrutam
A presença dos numes, e a linguagem:
Atentam numa e noutra, e vem com elas,
E influi nos mortais a etérea flama,
Que rutila em seus quadros. Já vagueiam
Com émulo fervor pelo universo,
Nele o que é digno delas vão colhendo,
Revolvem tempos, tempos investigam,
Donde objetos extraem, quais lhe relevam,
Que na terra, no mar, no céu mereçam
(Seja por acidente, ou por nobreza)

¹⁹ Nota de Bocage: «Livro único.» Poema de autor desconhecido, publicado postumamente em *Verdadeiras Inéditas, Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, t. iv, pp. 124-126; integra igualmente a obra *Poesias de M. M. B. du Bocage*, edição de Inocêncio Francisco da Silva. Lisboa: A. J. F. Lopes, 1853, vol. iv, pp. 342-344.

²⁰ Tradução da expressão horaciana «*Ut pictura poesis*», in *Arte Poética*, versos 1-13 e 361-365.

Ir durando entre os séculos vorazes ²¹;
Vasto assunto ao pintor, vasto ao poeta,
Rico aos dois! Vão dali soar no mundo
Com fama vivedoura ²² ingentes nomes,
Magnânimos heróis dali ressurgem
Com glória, que dos tempos se não teme,
E dum e doutro artífice os portentos
Apostam duração co'a eternidade:
Tanto honrais, e podeis, artes divinas!
O coro das Piérides ²³ e Apolo
Não tenho que invocar, para que alteie
Em verso majestoso as frases minhas,
E agracie expressões, e as abrilhante
Em obra que dogmáticos preceitos
Somente envolve, e que requer somente
Sucinta locução, perspícua ²⁴, fácil:
O lustre do preceito é a clareza;
Contente de ensinar, o adorno escusa.

Não do artífice as mãos ligar desejo,
Que só rege o costume, e não me é grato
Que as forças naturais se embotem n'alma:
Co'as muitas normas arrefece o génio.
Quero que arte potente a pouco e pouco,
De ideias e de coisas fornecida,
Se agregue à Natureza, ao génio passe,
E por ele a verdade insinuando,
Lá se naturalize, à força de uso.
Primária, insigne parte é da pintura
O melhor distinguir, que a Natureza,
Criou para os pincéis conveniente,

²¹ Por lapso, este verso não se encontra nas *Verdadeiras Inéditas (...)*.

²² Que encerra os princípios de longa vida.

²³ As nove Musas, filhas de Piero e de Evipe.

²⁴ Clara.

E isto conforme o gosto e modo antigo.
Barbaridade temerária, cega,
Deles sem o favor, desdenha o belo,
Arte, que ignora, denodada ²⁵, insulta,
Porque estimar não pode o que não sabe.
Daqui nasceu dizer-se entre os Antigos:
«Ninguém mais atrevido, e mais insano,
Do que pintores maus, e maus poetas.»
Para amar, conhecer é necessário;
Deseja-se o que se ama, o gosto o busca,
Buscando-o com fervor, por fim o alcança.
Não presumas, porém, que dê o acaso
As graças, que te cumprem. Bem que sejam
Naturais, verdadeiras, muitas vemos...

VII — MADRIGAL

Eu tinha prometido à minha amada ²⁶
Constância até morrer, e esta promessa
Foi na folha de um álamo gravada,
Mas quebrou-se depressa:
Ergueu-se um pé-de-vento,
Adeus folha, e com ela o juramento.

²⁵ Precipitada, arrebatada.

²⁶ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições citadas de 1794, p. 303, e de 1800, p. 301.



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

A — BIBLIOGRAFIA ATIVA DE BOCAGE RELATIVA À TRADUÇÃO

1 — MANUSCRITOS¹

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

«Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos e da Marinha», de José Francisco Cardoso, 30 fls. Lx.^a 27 de maio de 1800. Real Mesa Censória, cx. 339, doc. n.º 3291.

«Rogério e Victor de Sabran ou o Trágico Efeito do Ciúme», Real Mesa Censória, cx. 350, doc. n.º 3976.

Biblioteca da Ajuda

«Mirra, Metamorfose traduzida por Manuel Maria de Barbosa du Bocage», não numerado [13 p.] Cota: 49-I-42, n.º 34 [poderá não se tratar de um autógrafo original].

¹ Desconhece-se o paradeiro dos manuscritos das traduções que foram publicadas postumamente.

«Tradução do Sacrifício de Policena, Princesa de Troia, e da Metamorfose de Hécuba, Sua Mãe, tudo extraído / do Livro XIII das de Ovídio por Mel. M.^a de Barbosa du Bocage»; é constituído pelos seguintes poemas:

«Filomela»; «XIII — Polidoro é morto por Polimestor. Policena é sacrificada no sepulcro de Aquiles»; «XIV — Hécuba chora Policena»;

«XV — Hécuba dá com o cadáver de Polidoro. Frenética de desesperação, começa a ulular e é transformada». Novembro de 1797. Cota: M-SER-101.

«Erícia ou A Vestal: Tragédia em 3 Atos. Traduzido em Português por M. M. B. du Bocage.» (2f.), 47 (1 p.) (1f.). Cota: Ms. 1899.

2 — IMPRESSOS (CRITÉRIO CRONOLÓGICO)

Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. T. I. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794, 343 p.; nova edição, *idem*, 1800, 351 p.

Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade. T. II. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1799, 372 p.

Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Sr.^a Condessa de Oyenhausen, por Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1804, 319 p. [vulgarmente conhecidas por tomo III das *Rimas*]

Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Precedidas de Um Discurso sobre a Vida e Escritos deste Poeta, por José Maria da Costa e Silva. T. IV. Edição de Desidério Marques Leão. Lisboa: Impressão Régia, 1812, 320 p.

Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. T. V. Edição de Desidério Marques Leão. Lisboa: Imprensa de Alcobia, 1813, 276 p.

Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas. Edição de Pato Moniz. Lisboa: Impressão Régia, 1813, 284 p.

- Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas.* Edição de Pato Moniz. Lisboa: Impressão Régia, 1814, 313 p.
- Obras Poéticas de M. M. de Barbosa du Bocage Precedidas de Um Discurso sobre a Vida e Escritos deste Poeta, Ornada com o Seu Retrato, por José Maria da Costa e Silva.* Tomo VI. Lisboa: na Tipografia de Desidério Marques Leão, 1842, 303 p.
- Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Coligidas pelo Professor de Grego do 1.º Liceu Nacional de Lisboa António Maria do Couto.* Lisboa: Tip. de A. J. da Rocha, 1840, 64 p.
- Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Coligidas em Nova e Completa Edição, Dispostas e Anotadas por I. F. da Silva e Precedidas de Um Estudo Biográfico e Literário sobre o Poeta por L. A. Rebello da Silva.* Edição de Inocêncio Francisco da Silva. Lisboa: em Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, ts. III, IV e V (420 p., 382 p. e 396 p.).
- As Chinelas de Abu-Casem.* Conto das *Mil e Uma Noites*, traduzido por Bocage. Prefácio, estudos críticos e transcrição de Ana Margarida Chora e Daniel Pires. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016, 85 p.

B — BIBLIOGRAFIA PASSIVA DE BOCAGE RELATIVA À TRADUÇÃO

MANUSCRITOS

Biblioteca da Ajuda

Parecer censório de João Guilherme Cristiano Müller sobre *Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade*. 1799. Cota: 54-IV-34, n.º 4, fls. 1 e 1 A.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Casamento por Vingança. 1819. Real Mesa Censória, cx. 90, doc. n.º 89. *Elegia ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, etc., etc., etc., D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, de José Francisco Cardoso. Real Mesa Censória, cx. 339, doc. n.º 3291, e cx. 40, doc. n.º 36.

Galateia, Novela Pastoril, Imitada de Cervantes por Florian e Traduzida em Português. Real Mesa Censória, cx. 350, doc. n.º 3968, e cx. 43, docs. n.ºs 35 e 37.

História de Gil Braz de Santilhana. Lisboa, 15 de maio de 1798. Real Mesa Censória, cx. 352, docs. n.ºs 4008/09.

Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. T. IV. Real Mesa Censória, cx. 71, doc. n.º 45, e cx. 72, doc. n.º 42.

Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. T. V. Real Mesa Censória, cx. 73, docs. n.ºs 27 e 30.

Raimundo e Mariana, Novela Espanhola Traduzida do Francês. Real Mesa Censória, cx. 50, docs. n.ºs 31 e 46.

Rogério e Victor de Sabran. Real Mesa Censória, cx. 43, docs. n.ºs 35 e 56, e cx. 350, doc. n.º 3976.

Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas, t. iv. Real Mesa Censória, cx. 74, doc. n.º 35, e cx. 72, doc. n.º 45.

C — OUTRA BIBLIOGRAFIA PASSIVA CONSULTADA

1 — DICIONÁRIOS

CHOMPRÉ — *Dicionário Abreviado da Fábula para inteligência dos poetas, dos painéis e das estátuas, cujos argumentos são tirados da história poética*. Tradução de Pedro José da Fonseca. Lisboa: na Tipografia da Real Academia das Ciências, 1818, 217 p.

DELON, Michel [direction] — *Dictionnaire des Lumières*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 1128 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, 1838 p., 2.^a ed.

GRENTE, Cardinal Georges — *Dictionnaire des Lettres Françaises — Le XVIII^{ème} Siècle*. Édition revue et mise à jour sous la direction de François Moureau, professeur à la Sorbonne. Paris: Fayard, 1995, 1371 p.

GRIMAL, Pierre, e JABOUILLE, Victor [coord. da edição portuguesa] — *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. Lisboa: Difel, 1999, 554 p.

HOWATSON, M. C. — *Dictionnaire de l'Antiquité: Mithologie, Littérature, Civilization*. Paris: Robert Laffont, 1993, 1066 p.

LAFFONT-BOMPIANI — *Dictionnaire des Oeuvres*. Paris: Robert Laffont, 1986, 6 vols.

- ID. — *Dictionnaire des Personnages: de Tout le Temps et de Tous les Pays*. Paris: Robert Laffont, 1986, 1040 p.
- LURKER, Manfred — *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 776 p.
- SPALDING, Tassilo Orpheu — *Dicionário de Mitologia Latina*. São Paulo: Editora Cultrix, 1972, 166 p.
- YARZA, F. C. — *Diccionario de Mitologia*. Madrid: A. L. Mateos S. A., 1991, 299 p.

2 — OUTRAS OBRAS

- A. A. — *La Grèce et Ses Dieux: une Leçon de Tolérance?* Paris: Le Point — Références, juillet-août 2006, 114 p.
- A. A. — *Mythes et Mithologies. Les Grands Textes Commentés: Œdipe, Sisyphe, Icare*. Paris: Le Point — Références, juillet-août 2007, 128 p.
- A. A. — *La Grèce et Ses Mythes — Les Textes Fondamentaux*. Paris: Le Point — Références, juillet-août 2012, 125 p.
- A. A. — *La Pensée Antique: Aristote, Epicure, Platon... Les Textes Fondamentaux*. Paris: Le Point — Références, juillet-août 2005, 128 p.
- A. A. — *La Sagesse Greque: les Textes Fondamentaux — Homère, Platon, Hésiode, Sophocle, Aristophane, Aristote...* Paris: Le Point — Références, juillet-août 2011, 130 p.
- A. A. — *Virgile in Europe* (Paris), n.º 765-766, janvier-février 1993, 222 p.
- A. A. — *Virgílio e a Cultura Portuguesa — Atas do Bimilenário da Morte de Virgílio*. Organização do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade Clássica da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, 298 p.
- AMOURETTI, Marie Claire, e RUZÉ, Françoise — *O Mundo Grego Antigo. Dos Palácios de Creta à Conquista Romana*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, 376 p.
- «L'Antiquité», in *Dix-Huitième Siècle*, n.º 27. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, pp. 5-292.
- BAYET, Jean — *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1973, 541 p.

- BOILEAU — «Resposta ao Excelentíssimo Conde da Ericeira, na Ocasião de Lhe Enviar esta Sua Tradução», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 78-9.
- BUESCU, Victor — *Introdução à Cultura Clássica*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970, 231 p.
- CARREIRA, Luciano — *O Teatro e a Censura em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, 493 [12] p.
- CATFORD, J. C. — *A Linguistic Theory of Translation — An Essay in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965, 103 p.
- CHRISTOL, Michel, e NONNY, Daniel — *Roma e o Seu Império. Das Origens às Invasões Bárbaras*. Tradução de Fernanda Branco. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, 336 p.
- CINTRA, Lindley, e CUNHA, Celso — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995, 734 p.
- CLERICI, André, e OLIVESI, Antoine — *La République Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955, 125 p.
- D'HULST, Livien — *Cent Ans de Théorie Française de la Traduction. De Batteux à Littré (1748-1847)*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1990, 256 p.
- , e BALLARD, Michel [éditeurs] — *La Traduction en France à l'Âge Classique*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1996, 325 p.
- DUBY, Georges — *A Civilização Latina. Dos Tempos Antigos ao Mundo Moderno*. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, 227 p.
- ELÍSIO, Filinto — «Modelo ou Escantilhão dum Dicionário Francês e Português», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 110-5.
- FIGUEIREDO, António Pereira de — «Prefação aos Leitores», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 91-100.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — «Para a História do Humanismo em Portugal (Bibliografia das Traduções)», in *Estudos de Literatura*, 4.^a série. Lisboa: Portugália, 1924, pp. 217-45.
- FURLAN, Mário — *Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente — I — Os Romanos*. Cadernos de Tradução. Florianópolis: janeiro de 2001, 28 p.
- GIARDINA, Andrea [direção] — *O Homem Romano*. Tradução de Maria José Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992, 317 p.

- GONÇALVES, F. Rebelo — *Dois Conceitos de Horácio na Poesia Portuguesa do Século XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1930, 32 p.
- ID. — *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966, 1121 p.
- GRIMAL, Pierre — *História de Roma*. Tradução de Joaquim Soares da Costa. Lisboa: Edições Textos & Grafia, 2013, 126 p.
- , MICHEL, Alain, HUS, Alain, et al. — *Rome et Nous. Manuel d'Initiation à la Littérature et à la Civilisation Latines*. Paris: A. et J. Picard, 1977, 331 p.
- GUILLERM, Luce — «Les Belles Infidèles ou l'Auteur Respecté (de Claude de Seyssel à Perrot d'Abblancourt)», in Michel Ballard et Livien d'Hulst [editores], *La Traduction en France à l'Âge Classique*, ed. cit.
- HADAS, Moses — *Ancilla to Classical Reading*. New York: Columbia University Press, 1961, 397 p.
- HORÁCIO — *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Livraria Clássica Editora, s. d., 129 p.
- LADMIRAL, J. R. — *Traduzir: Teoremas para a Tradução*. Tradução de Cascais Franco. Mem Martins: Publicações Europa América, 1981, 256 p.
- LESKY, Albin — *Historia de la Literatura Griega*. Version española de José M.^a Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1968, 999 p.
- MACEDO, José Agostinho de — *Considerações Mansas sobre o Quarto Tomo das Obras Métricas de Manuel Bocage, Acrescentadas com a Vida do Mesmo*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, 39 p.
- MARQUES, Maria Adelaide — *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspetos da Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII*. Coimbra: s. n., 1963, 206 [1] p.
- MATEUS, Morgado de — «Advertência do Editor», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., p. 105.
- MOUNIN, Georges — *Les Belles Infidèles*. Paris: Éditions des Cahiers du Sud, 1955, 110 p.
- NASCIMENTO, Aires A. — «Traduções Portuguesas de Virgílio», in *Clássica — Boletim de Pedagogia e Cultura* (Lisboa), n.º 8, 1982, pp. 84-112.
- NATALE, Isabelle — «Les Belles Infidèles», in *La Fidélité — un Horizon, un Échange, une Mémoire*. Paris: Éditions Autrement, 1992, pp. 92-105.
- OVÍDIO — *Le Metamorfosi*. A Cura di Enrico Oddone. Milano: Tascabili Bompiani, 1989, 2 vols.

- PAIS, Carlos Castilho [editor] — *António Feliciano de Castilho, O Tradutor e a Teoria da Tradução*. Coimbra: Quarteto, 2000, 207 p.
- ID. — *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa: Antologia (Séc. XV-XX)*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997, 277 p.
- PARATORE, Ettore — *Storia della Letteratura Latina*. Firenze: Sansoni Editore, 1986, 977 p.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha — *Estudos de História da Cultura Clássica — I Volume — Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, 608 p.; *II Volume — Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, 558 p.
- ID. — *Novos Ensaios sobre os Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, 436 p.
- PESSANHA, Camilo — *China: Estudos e Traduções*. Prefácio e fixação de texto de Daniel Pires. Lisboa: Editorial Vega, 1993, 126 p.
- PICCHIO, Luciana Stegagno — *História do Teatro Português*. Tradução de Manuel de Lucena. Lisboa: Portugália Editora, 1969, 486 [3] p. [17] f. il.
- PINHEIRO, Marília Pulquério Futre — *Mitos e Lendas da Grécia Antiga*. Lisboa: Clássica Editora, 2011, 522 p.
- PIRES, Daniel — «Subsídios para a Biografia de José Agostinho de Macedo: as Cartas a Francisco Freire de Carvalho», in *Correspondências — Usos da Carta no Século XVIII*, orientação de Nuno Gonçalo Monteiro, Teresa Sousa de Almeida e Vanda Anastácio. Lisboa: Edições Colibri; Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005, pp. 135-8.
- PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña, PRIETO, João Maria de Teves Costa Ureña, e PENA, Abel do Nascimento — *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995, 418 p.
- ROLLAND, Francisco — «Prólogo do Editor», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 101-2.
- ROSE, H. J. — *A Handbook of Latin Literature. From the Earliest Times to the Death of Saint Agustin*. London: Methuen & Company, 1987, 582 p.
- SEMEDO, Belchior Manuel Curvo — «Prólogo», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 116-7.
- SOCIEDADE TRADUTORA E ENCARREGADA DO MELHORAMENTO DA ARTE DE IMPRIMIR E DE ENCADERNAR — Sem título, in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 118-22.

- STACKELBERG, Jürgen von — «Traduction», in *Dictionnaire des Lumières* [direction de Michel Delon]. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, pp. 1055-8.
- TOJAL, Pedro de Azevedo — «Prólogo Crítico, Poético e Apológico ao Poeta Que o não For e ao Leitor que For Crítico», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., p. 83.
- TORRES, Domingos Maximiano — «Prefação», in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., p. 109.
- VERNANT, Jean-Pierre [direção] — *O Homem Grego*. Tradução de Maria José Vilar Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994, 266 p.
- VERNEY, Luís António — *Crítica do Método Usado nas Escolas de Portugal*, in Carlos Castilho Pais, *Teoria Diacrónica...*, ed. cit., pp. 84-90.
- VOLTAIRE — *Cartas Filosóficas ou Cartas de Londres sobre os Ingleses*. Tradução de Conceição Silva Cunha. Lisboa: Fragmentos, 1992 [D. L.], 128 p.



ÍNDICES

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS E DE TÍTULOS (*)

<i>A AGRICULTURA</i> , POEMA DE MR. DE ROSSET	421
<i>A ALMA DE JÚLIO CÉSAR MUDADA EM COMETA</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	101
<i>A APOTEOSE DE ENEIAS</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	150
<i>A APOTEOSE DE RÓMULO E HERSÍLIA</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	152
<i>A CIGARRA E A FORMIGA</i> , FÁBULA DE LA FONTAINE	187
<i>A COLOMBÍADA OU A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO</i>	222
A CORRENTE, QUE BEIJA AQUELA AREIA, EPIGRAMA DE MADAME SCUDÉRY	192
<i>A DESCIDA DE ORFEU AOS INFERNOS A BUSCAR EURÍDICE</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	96
<i>A DESCRIÇÃO DO DILÚVIO</i> , DE GESSNER	867
<i>À EXISTÊNCIA DE DEUS</i> , DE LOUIS RACINE	216
<i>A GRUTA DA INVEJA</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	86
<i>A GRUTA DO SONO</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	148
<i>A METAMORFOSE DE IO</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	116
<i>A MONTANHA QUE PARE</i> , FÁBULA DE LA FONTAINE	188
<i>A MORTE DE LUCRÉCIA</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	53
<i>A MORTE DE PÍRAMO E TISBE</i> , DAS <i>METAMORFOSES</i> DE Ovídio	81
A POESIA SERÁ COMO A PINTURA	873
<i>A RAPOSA E AS UVAS</i> , FÁBULA DE LA FONTAINE	185

(*) Os primeiros versos estão grafados em regular; os títulos, em itálico.

<i>A SEPULTURA OU A MORTE DE ADÓNIS, DAS METAMORFOSES DE OvíDIO</i>	173
<i>A UMAS ROSAS QUE UMA DAMA TINHA NO PEITO, EPIGRAMA DE RABUTIN</i>	191
<i>ADORADO RAMIRO, ENFIM TRIUNFAS!, DE JEAN-CLAUDE DORAT</i>	194
<i>ADVERTÊNCIA A AS PLANTAS DE RICHARD CASTEL</i>	393
<i>ALMA GENTIL, QUE NO FRAGRANTE IMPÉRIO</i>	392
<i>AMÁVEL, NOVO DOM TE OF'REÇO, Ó LÍSIA</i>	322
<i>AMOR É UM MENINO, EPIGRAMA DE PERRAULT</i>	190
<i>AMOR FUGIDO, IDÍLIO DE MOSCO</i>	171
<i>ANTES DO MAR, DA TERRA E CÉU QUE OS COBRE</i>	59
<i>AO LEITOR, PRÓLOGO DE BOCAGE À PEÇA EUFÉMIA OU O TRIUNFO DA RELIGIÃO</i>	617
<i>AQUI JAZ UM ESCRIVÃO</i>	193
<i>AS FORJAS DE LEMNOS, DE ROUSSEAU</i>	219
<i>AS PLANTAS DE RICHARD CASTEL</i>	322
<i>AS TORRES DE ESTRANHÍSSIMA GRANDEZA</i>	867
<i>ATÍLIO RÉGULO, DRAMA DE METASTÁSIO</i>	770
<i>ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE, DAS METAMORFOSES DE OvíDIO</i>	138
<i>BÁRBAROS ESQUADRÕES, QUE O MAR TROUXERA</i>	103
<i>CADMO E HERMÍONE, DAS METAMORFOSES DE OvíDIO</i>	143
<i>CAMPESTRES DIVINDADES, PÃ, SILVANOS</i>	328
<i>CANTO OS TRABALHOS QUE REGULA O TEMPO</i>	421
<i>CERCADA PELO EXÉRCITO ROMANO</i>	53
<i>CHORO ADÓNIS, É MORTO O BELO ADÓNIS</i>	173
<i>CÍNIRAS E MIRRA, DAS METAMORFOSES DE OvíDIO</i>	125
<i>CÍNIRAS, UM DOS REIS DA EQUÓREA CHIPRE</i>	125
<i>COMEÇOU A BERRAR COM DOR DE PARTO</i>	188
<i>CONTAM QUE CERTA RAPOSA</i>	185
<i>DA ARTE GRÁFICA</i>	873
<i>DA SÉRIE DE TEUS MALES JÁ VENCIDO</i>	143
<i>DA TUA MORTE, Ó CÉSAR, TEVE O MUNDO</i>	101
<i>DÁFNIS, ÉCLOGA DE VIRGÍLIO</i>	164
<i>DE CIÚMES ANFRISO ENVENENADO, EPIGRAMA DE DUFRESNY</i>	192
<i>DE RUTILANTES VESTES ADORNADO</i>	96
<i>DE TURA JUNTO AOS MUROS ASSENTADO</i>	857
<i>DECRÉPITO O LEÃO, TERROR DOS BOSQUES</i>	189
<i>É A ESTÂNCIA DA INVEJA EM GRUTA ENORME</i>	86
<i>É FAMA QUE ESTAVA O CORVO</i>	186

ENQUANTO FERA CHUSMA DE REBELDES	203
ENTRE OS HERÓIS CRISTÃOS QUE PELO ESFORÇO	860
<i>EPIGRAMA DE AUSÓNIO</i>	181
<i>EPISÓDIO DE LA HENRIADE, DE VOLTAIRE</i>	203
<i>ERÍCIA OU A VESTAL, DE DANCHET</i>	708
<i>ÉSACO E HESPÉRIA, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	145
ÉSACO, IRMÃO DE HEITOR, SE NÃO SENTIRA	145
ÉS TU, QUERIDA ATÍLIA! OH CÉUS! É CRÍVEL	771
ESTE É TODO O TRABALHO, AMPLOS LOUVORES	421
EU CANTO O GENOVÊS, DE URÂNIA ALUNO	222
EU TINHA PROMETIDO À MINHA AMADA	875
<i>EUFÊMIA OU O TRIUNFO DA RELIGIÃO, DE MR. D'ARNAUD</i>	617
<i>EUFRÁSIA A MELCOUR, EPÍSTOLA DE JEAN-CLAUDE DORAT</i>	199
<i>EUFRÁSIA A RAMIRO, EPÍSTOLA DE JEAN-CLAUDE DORAT</i>	194
FEZ ANOS O LEÃO, QUIS IR À CAÇA	189
FIGUEIRA QUE O NÃO É, PLANTA NÃO PLANTA	241
<i>GILDIPE E EDUARDO, DE TASSO</i>	864
JÁ DO PIEDOSO ENEIAS A VIRTUDE	150
JÁ QUE NESTE LUGAR NOS ENCONTRAMOS	164
JUNTO AOS CIMÉRIOS, NUM CAVADO MONTE	148
JUVENAL, QUE EM SEUS VERSOS VALE HORÁCIO	239
<i>LA COCHENILLE</i>	241
LÁ DEFRENTE DA FRÍGIA, ONDE FOI TROIA	155
LÁ JUNTO DE MARSELHA HAVIA UM BOSQUE	178
<i>MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	87
MORDEU UMA SERPE AURÉLIA, EPIGRAMA DE VOLTAIRE	193
MUSA, NÃO TEMAS; VIBRA, AFOITA, O PLECTRO	557
NA FAMOSA CAVERNA ONDE VULCANO	219
NÃO CONTENTE LIEU DE TER VINGADO	87
NOS FUNDOS LARES ÍNACO ESCONDIDO	116
NUNCA MAIS VOS VEREI, OLHOS QUE ADORO!	199
O AFAMADO ERECTEU REGIA ATENAS	136
<i>O BOSQUE DE MARSELHA, DE LUCANO</i>	178
<i>O COMBATE DE AILLY COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI, DE VOLTAIRE</i>	206
<i>O CONSÓRCIO DAS FLORES, EPÍSTOLA DE LACROIX A SEU IRMÃO</i>	392
<i>O CORVO E A RAPOSA, FÁBULA DE LA FONTAINE</i>	186

<i>Ode ANACREÔNTICA DE ARGENSON</i>	858
O DEUS, A QUEM SE DEVE A NOSSA CRENÇA	216
Ó DEUSA PROTETORA DOS ROMANOS	711
O FERIDO COMBATE ARDENDO ESTAVA	864
O GRÃO JOVE NO CÉU MERCÚRIO CHAMA	141
O INDÓMITO VALOR DO GRÃO TURENA	206
<i>O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO, FÁBULA DE LA FONTAINE</i>	189
<i>O LEÃO VELHO, FÁBULA DE LA FONTAINE</i>	189
<i>O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM, FÁBULA DE LA FONTAINE</i>	185
<i>O MÉRITO DAS MULHERES, DE LEGOUVÉ</i>	239
<i>O PRECÍPIO DE FAETONTE, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	163
<i>O ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	141
<i>O ROUBO DE ORITIA POR BÓREAS, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	136
<i>O TEMPLO DE AMOR, DE VOLTAIRE</i>	210
PICO, DE AUSÓNIA REI, SATÚRNIA PROLE	91
<i>PICO E CANENTE, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	91
PÍRAMO, SINGULAR ENTRE OS MANCEBOS	81
PORÉM, LEVE ERA O PESO, ERA DIVERSO	163
PÓS-SE EM VENDA UMA PINTURA	185
<i>PREFEÇÃO AO POEMA AS PLANTAS DE RICHARD CASTEL</i>	326
<i>PROGNE, TEREU E FILOMELA, DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO</i>	103
PRÓLOGO DE BOCAGE A <i>AS PLANTAS</i> DE RICHARD CASTEL	322
PRÓLOGO DE BOCAGE A <i>ERÍCIA OU A VESTAL</i> DE DUBOIS-FONTANELLE	708
PRÓLOGO DE BOCAGE A <i>OS JARDINS OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS</i> DE DELILLE	247
PRÓLOGO DE DELILLE A <i>OS JARDINS OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS</i> DE DELILLE	245
QUAL DO ESPÍRITO FOSSE A NATUREZA	394
QUANDO ALTAS COISAS EM TEUS OMBROS PESAM	594
QUANDO O VELHO DÁMON ME DIZ QUE EMPREGA, EPIGRAMA DE BERNARD	191
QUANTO ÉS, DIDO, DESGRAÇADA	181
QUÊ! DE TÃO TENRA IDADE NOS VERDORES, EPIGRAMA DE BOISROBERT	191
QUÊ! NESTE LEITO FÚNEBRE, QUE BANHAM	619
RENASCE A PRIMAVERA, INFLUI, E ANIMA	248
ROSAS, OH COMO UM CORAÇÃO, QUE ADORA	191
SOBRE O CAMPO FELIZ DA ANTIGA IDÁLIA	210

TÁCIO MORRERA, E RÓMULO AOS DOIS POVOS	152
TENDO A CIGARRA EM CANTIGAS	187
TRADUÇÃO DO 1.º LIVRO DAS METAMORFOSES OU TRANSFORMAÇÕES, DE OvíDIO	59
TRADUÇÃO DO SACRIFÍCIO DE POLICENA, PRINCESA DE TROIA, E DA METAMORFOSE DE HÉCUBA, SUA MÃE, DAS METAMORFOSES DE OvíDIO	155
TRAZENDO O ESPÓLIO DO VIPÉREO MONSTRO	138
UM EXCERTO DE JERUSALÉM LIBERTADA, DE TASSO	860
VAGUEAVA EM PARIS FERROZ CATERVA, DE VOLTAIRE	213
VÉNUS CHAMAVA O FILHO EM ALTAS VOZES	171

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO.....	5
LITERATURA GRECO-LATINA.....	51

POEMAS DE OVÍDIO:

A MORTE DE LUCRÉCIA.....	53
TRADUÇÃO DO 1.º LIVRO DAS <i>METAMORFOSES</i> OU <i>TRANSFORMAÇÕES</i>	59
A MORTE DE PÍRAMO E TISBE.....	81
A GRUTA DA INVEJA.....	86
MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO.....	87
PICO E CANENTE.....	91
A DESCIDA DE ORFEU AOS INFERNOS A BUSCAR EURÍDICE....	96
A ALMA DE JÚLIO CÉSAR MUDADA EM COMETA.....	101
PROGNE, TEREU E FILOMELA.....	103
A METAMORFOSE DE IO.....	116
CÍNIRAS E MIRRA.....	125
O ROUBO DE ORITIA POR BÓREAS.....	136
ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.....	138
O ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER.....	141
CADMO E HERMÍONE.....	143
ÉSACO E HESPÉRIA.....	145
A GRUTA DO SONO.....	148

A APOTEOSE DE ENEIAS	150
A APOTEOSE DE RÓMULO E HERSÍLIA.....	152
TRADUÇÃO DO SACRIFÍCIO DE POLICENA (...).	155
O PRECÍPIO DE FAETONTE.....	163
ÉCLOGA DE VIRGÍLIO:	
DÁFNIS.....	164
IDÍLIO DE MOSCO:	
AMOR FUGIDO.....	171
IDÍLIO DE BÍON DE ESMIRNA:	
A SEPULTURA OU A MORTE DE ADÓNIS.....	173
POEMA DE LÚCANO:	
O BOSQUE DE MARSELHA.....	178
EPIGRAMA DE AUSÓNIO:	
QUANTO ÉS, DIDO, DESGRAÇADA.....	181
LITERATURA FRANCESA	183
FÁBULAS DE LA FONTAINE:	
O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM.....	185
A RAPOSA E AS UVAS	185
O CORVO E A RAPOSA	186
A CIGARRA E A FORMIGA.....	187
A MONTANHA QUE PARE.....	188
O LEÃO VELHO	189
O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO.....	189

EPIGRAMAS:

AMOR É UM MENINO, DE PERRAULT	190
A UMAS ROSAS QUE UMA DAMA TINHA NO PEITO, DE RABUTIN	191
QUÊ! DE TÃO TENRA IDADE NOS VERDORES, DE BOISROBERT	191
QUANDO O VELHO DÁMON ME DIZ QUE EMPREGA, DE BERNARD	191
A CORRENTE, QUE BEIJA AQUELA AREIA, DE MADAME SCUDÉRY	192
DE CIÚMES ANFRISO ENVENENADO, DE DUFRESNY	192
AQUI JAZ UM ESCRIVÃO	193
MORDEU UMA SERPE AURÉLIA, DE VOLTAIRE	193

OUTROS POEMAS:

EUFRÁSIA A RAMIRO, EPÍSTOLA DE JEAN-CLAUDE DORAT . . .	194
EUFRÁSIA A MELCOUR	199
EPISÓDIO DE LA HENRIADE, DE VOLTAIRE	203
O COMBATE DE AILLY COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI, DE VOLTAIRE	206
O TEMPLO DE AMOR, DE VOLTAIRE	210
OUTRO EPISÓDIO TIRADO DO MESMO POEMA	213
À EXISTÊNCIA DE DEUS, DE LOUIS RACINE	216
AS FORJAS DE LEMNOS, DE JEAN-BAPTISTE ROUSSEAU	219
A COLOMBÍADA OU A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO, POEMA DE MADAME DU BOCAGE	222
O MÉRITO DAS MULHERES, DE LEGOUVÉ	239
LA COCHENILLE	241

POEMAS DIDÁTICOS:

OS JARDINS OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS, DE DELILLE	245
PRÓLOGO DE DELILLE	245
PRÓLOGO DE BOCAGE	247
OS JARDINS OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS	248

AS PLANTAS DE RICHARD CASTEL	322
PRÓLOGO DE BOCAGE	322
PREFEÇÃO DE RICHARD CASTEL.....	326
AS PLANTAS.....	328
O CONSÓRCIO DAS FLORES, EPÍSTOLA DE LACROIX A SEU IRMÃO	392
A AGRICULTURA, POEMA DE MR. DE ROSSET	421
POEMAS DE EXALTAÇÃO:	
CANTO HEROICO SOBRE AS FAÇANHAS DOS PORTUGUESES NA EXPEDIÇÃO DE TRÍPOLI, POR JOSÉ FRANCISCO CARDOSO. . . .	557
ELEGIA A D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, POR JOSÉ FRANCISCO CARDOSO	594
DRAMAS:	
EUFÉMIA OU O TRIUNFO DA RELIGIÃO, DE MR. D'ARNAUD	617
ERÍCIA OU A VESTAL, TRAGÉDIA DE DUBOIS-FONTANELLE	708
PRÓLOGO DE BOCAGE	708
ERÍCIA OU A VESTAL.....	711
ATÍLIO RÉGULO, DRAMA HEROICO DE METASTÁSIO.....	770
VÁRIA:	
FINGAL, POEMA DE JAMES MACPHERSON.....	857
VÊ SE UMA TRAÇA, ODE ANACREÔNTICA DE ARGENSON	858
UM EXCERTO DE JERUSALÉM LIBERTADA, POEMA DE TASSO	860
GILDIPE E EDUARDO, POEMA DE TASSO	864
A DESCRIÇÃO DO DILÚVIO, POEMA DE GESSNER	867
DA ARTE GRÁFICA, DE AUTOR DESCONHECIDO.....	873
MADRIGAL, DE AUTOR DESCONHECIDO	875

BIBLIOGRAFIA:

BIBLIOGRAFIA ATIVA DE BOCAGE RELATIVA À TRADUÇÃO	881
BIBLIOGRAFIA PASSIVA DE BOCAGE RELATIVA À TRADUÇÃO	885
OUTRA BIBLIOGRAFIA PASSIVA CONSULTADA	887



ISBN 978-972-27-2490-6



9 789722 724906

Para a Honra e utilidade da Nação
Compre os Votos da casa dos Senhores
Como um Chamado geral Deixado
Bevige

N

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TUDO É PERMITIDO. © DISTRIBUIÇÃO GRATUITA